

STACY SCHIFF

# CLEÓPATRA

UMA BIOGRAFIA

BEST-SELLER E MELHOR LIVRO DO ANO:  
NY TIMES, NEW YORKER, TIME MAGAZINE...

 ZAHAR

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Stacy Schiff

# CLEÓPATRA

uma biografia



Tradução:  
José Rubens Siqueira



AFINAL, PARA MAC, MILLIE E JOE

# SUMÁRIO



- I. Aquela mulher egípcia
- II. Os mortos não mordem
- III. Cleópatra captura o velho com mágica
- IV. A idade de ouro nunca foi a idade presente
- V. O homem é por natureza uma criatura política
- VI. É preciso trocar sempre as velas quando se quer chegar ao porto
- VII. Um alvo de fofocas para todo o mundo
- VIII. Relações ilícitas e filhos bastardos
- IX. A mulher mais perversa da história

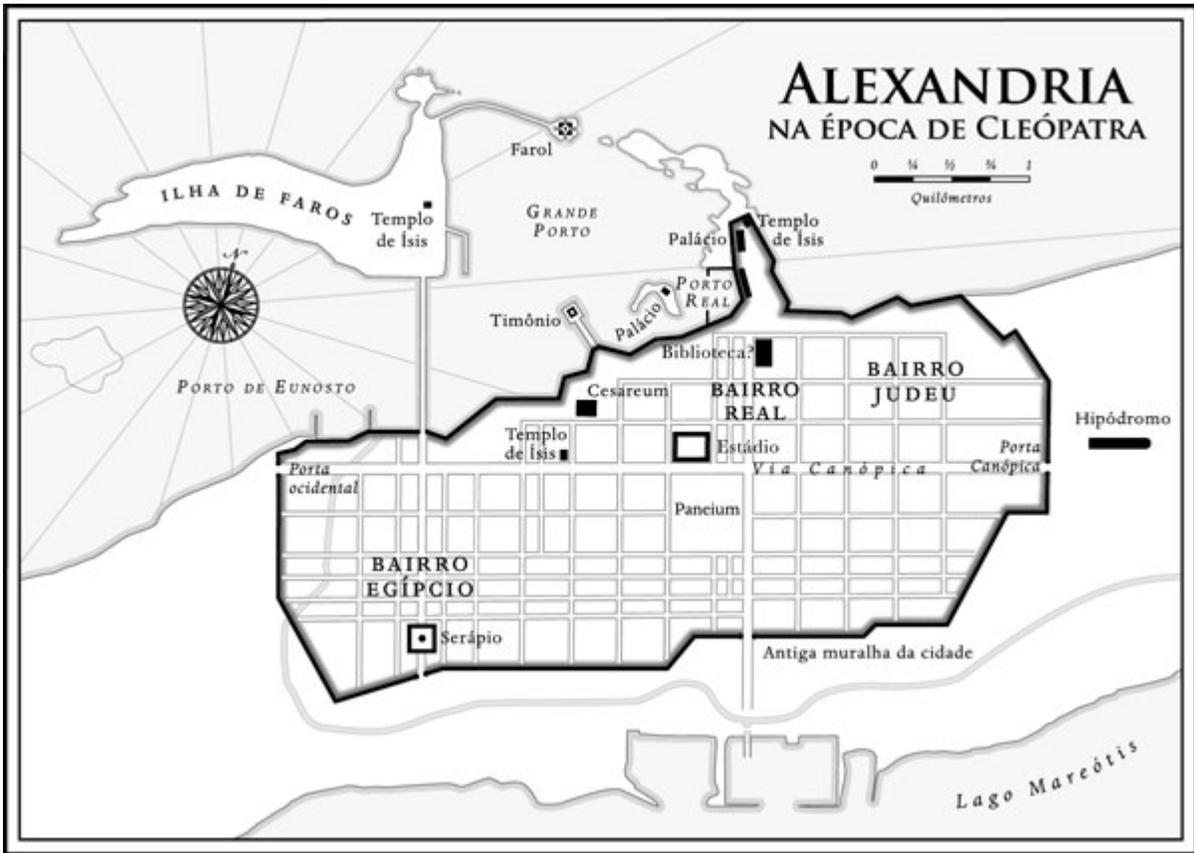
*Agradecimentos*

*Notas*

*Bibliografia selecionada*

*Créditos das ilustrações*

*Índice remissivo*





## AQUELA MULHER EGÍPCIA<sup>1</sup>



*"O traço mais valioso de um homem é o senso crítico sobre aquilo em que não acreditar."*

EURÍPIDES<sup>2</sup>

Uma das mulheres mais famosas que já existiram, Cleópatra VII governou o Egito durante 22 anos. Perdeu o reino uma vez, reconquistou-o, quase perdeu de novo, construiu um império, perdeu tudo. Deusa em criança, rainha aos dezoito anos, celebridade logo depois, foi objeto de especulação e veneração, de intriga e lenda, mesmo em nosso tempo. No auge do poder, controlava praticamente toda a costa oriental do Mediterrâneo, o último grande reino de qualquer soberano egípcio. Durante um breve instante, deteve o destino do mundo ocidental nas mãos. Teve um filho com um homem casado, três com outro. Morreu aos 39 anos, uma geração antes do nascimento de Cristo. A catástrofe é um cimento firme para uma reputação, e o fim de Cleópatra foi súbito e sensacional. Ela se instalou em nossa imaginação desde então. Muita gente falou dela, inclusive o maior de todos os dramaturgos e poetas; há 2 mil anos colocamos palavras em sua boca. Em uma das pós-vidas mais movimentadas da história, já virou nome de asteroide, videogame, um estereótipo, marca de cigarro, caça-níqueis, clube de striptease, sinônimo de Elizabeth Taylor. Shakespeare afirmou que a multiplicidade de Cleópatra era infinita. Ele nem imaginava até que ponto.

O nome pode ser indelével, mas a imagem é vaga. Cleópatra pode ser uma das figuras mais identificáveis da história, mas não fazemos muita ideia de sua aparência. Apenas o retrato em moedas cunhadas em sua vida, que deve ter sido aprovado por ela, pode ser aceito como autêntico. Lembramos dela também pelas razões erradas. Soberana capaz, esclarecida, soube construir uma frota, eliminar uma insurreição, controlar uma economia, aliviar a fome. Um eminente general romano confiava em sua visão de assuntos militares. Mesmo numa época em que mulheres governantes não eram raridade, ela se destacou, única mulher do mundo antigo a governar sozinha e a desempenhar um papel nos negócios ocidentais. Era incomparavelmente mais rica do que qualquer outra pessoa no mundo mediterrâneo. E tinha mais prestígio que qualquer outra mulher de sua época<sup>3</sup>, conforme um rei exaltado se deu conta ao mandar que fosse assassinada, durante a estada dela em seu reino (por causa de sua importância, foi impossível fazê-lo). Cleópatra vinha de uma longa linhagem de assassinos e manteve fielmente a tradição familiar, mas era, em seu tempo e seu espaço, notavelmente bem-comportada. Mesmo assim, ainda é considerada uma tentadora ardilosa, e não é a primeira vez que uma mulher genuinamente poderosa é transformada numa mulher desavergonhadamente sedutora.

Como todas as vidas que se prestam à poesia, a de Cleópatra foi uma vida de deslocamentos e decepções. Ela cresceu em meio a um luxo incomparável e herdou um reino em declínio. Durante dez gerações sua família havia gerado faraós. Os Ptolomeus eram, na verdade, gregos macedônios, o que faz de Cleópatra quase tão egípcia quanto Elizabeth Taylor. Aos dezoito anos, Cleópatra e seu irmão de dez anos assumiram o controle de um país com um passado de peso e um futuro vacilante. Mil e trezentos anos separam Cleópatra de Nefertiti. As pirâmides, que Cleópatra quase com certeza apresentou a Júlio César, já estavam cheias de pichações. A Esfinge passara por uma importante restauração mil anos antes. E a glória do Império Ptolomaico, que um dia fora grande, estava se apagando. Cleópatra tornou-se adulta num mundo à sombra de Roma, que durante sua infância havia estendido seus

domínios até as fronteiras do Egito. Quando Cleópatra tinha onze anos, César lembrou a seus oficiais que, se não fizessem guerra, se não conseguissem riquezas e dominassem os outros, não seriam romanos. Um soberano oriental que travou uma batalha épica contra Roma articulou o que viria a ser, de maneira diferente, o problema de Cleópatra: os romanos tinham temperamento de lobo. Odiavam os grandes reis. Tudo o que os romanos possuíam era fruto de saques. Pretendiam tomar tudo, e eram capazes de “destruir tudo ou morrer tentando”<sup>4</sup>. As implicações disso para o último país rico que restava na esfera de influência de Roma eram muito claras. O Egito havia se distinguido por sua sagacidade nos negócios; em grande parte, mantinha sua autonomia. Inclusive, já havia se envolvido nos negócios romanos.

Em troca de uma inacreditável soma em dinheiro, o pai de Cleópatra havia assegurado a designação de “amigo e aliado do povo romano”. Sua filha iria descobrir que não bastava ser amiga daquele povo e daquele Senado; era essencial fazer amizade com o romano mais poderoso de seu tempo. Isso exigia uma tarefa desconcertante na República tardia, assolada por guerras civis. Elas eclodiram regularmente ao longo de toda a vida de Cleópatra, lançando uma sequência de comandantes romanos da época uns contra os outros no que era, em essência, uma disputa temperamental de ambições pessoais, duas vezes decidida em solo egípcio. Cada convulsão estremecia o mundo mediterrâneo, que lutava para corrigir suas lealdades e redirecionar seus tributos. Cleópatra tinha empenhado tudo com Pompeu, o Grande, o brilhante general romano sobre o qual a boa estrela parecia brilhar eternamente. Ele se tornou o patrono da família. E também entrou em guerra civil contra Júlio César, justamente quando, do outro lado do Mediterrâneo, Cleópatra subia ao trono; Júlio César o fez sofrer uma derrota esmagadora na Grécia central: no verão de 48 a.C. Pompeu fugiu para o Egito, onde foi apunhalado e decapitado numa praia. Cleópatra tinha 21 anos. Não havia escolha senão tentar cair nas graças do novo senhor do mundo romano. Ela o fez de um jeito diferente da maioria dos outros reis, cujos nomes, não por acaso, hoje estão esquecidos. Durante os anos seguintes, ela se empenhou

em virar a implacável maré romana para seu lado, mudando de patrono outra vez depois do assassinato de César, e acabando por ficar com seu protegido, Marco Antônio. À distância no tempo, seu reino resume-se a uma moratória. Sua história estava essencialmente terminada antes de começar, embora ela, claro, não devesse pensar assim. Com a morte de Cleópatra, o Egito se transformou numa província romana. Não conseguiu recuperar sua autonomia até o século XX.

Pode-se dizer algo de bom sobre uma mulher que foi para a cama com dois dos homens mais poderosos de seu tempo? Possivelmente sim, mas não numa época em que Roma controlava a narrativa. Cleópatra se viu em um dos cruzamentos mais perigosos da história: o cruzamento entre mulheres e poder. Centenas de anos antes, Eurípides alertara que mulheres inteligentes eram perigosas. Um historiador romano ficou plenamente satisfeito ao descrever uma rainha judia como mera figura decorativa e<sup>5</sup>, seis páginas depois, condená-la por sua desmedida ambição e seu amor indecente pela autoridade. Um poder mais desconcertante também se fazia sentir. Em um contrato de casamento do século I a.C.<sup>6</sup>, uma noiva prometia ser fiel e afetuosa. E, então, jurava não colocar poções amorosas na comida ou na bebida do marido. Não se sabe se Cleópatra amava Antônio ou César, mas sabemos que conseguiu que os dois fizessem o que ela queria. Do ponto de vista romano, ela “escravizou” ambos. De saída, era um jogo empatado em zero a zero: a autoridade da mulher significava enganar o homem. Quando perguntaram à esposa de Augusto, o primeiro imperador romano, como havia conseguido influenciar o marido, ela parece ter respondido que o fizera “sendo escrupulosamente casta<sup>7</sup>, fazendo alegremente tudo o que o agradava, sem interferir em seus negócios e, particularmente, fingindo não ouvir nem notar as favoritas que eram objeto das paixões dele”. Não há razão para se aceitar essa fórmula literalmente. Já Cleópatra era feita de matéria bem diferente. No decorrer de uma agradável excursão de pesca, debaixo do lânguido sol da Alexandria, ela não viu problema algum em lembrar ao mais famoso general romano da época quais eram suas responsabilidades.

Para um romano, licenciosidade e ausência de lei eram propriedades gregas. Cleópatra era duplamente suspeita, primeiro por vir de uma cultura conhecida por seu “talento natural para a dissimulação”<sup>8</sup>, e depois por seu endereço alexandrino. Um romano não conseguia separar o exótico do erótico; Cleópatra era um ícone do Oriente oculto, alquímico, de sua terra sinuosa, sensual, tão perversa e original quanto aquele rio inacreditável. Os homens que entravam em contato com ela pareciam perder a cabeça, ou, pelo menos, repensar suas prioridades. Ela perturba até a biografia que Plutarco escreveu de Marco Antônio. E exerce o mesmo efeito num historiador do século XIX que a descreve, ao encontrar César, como “uma garota muito solta de dezesseis anos”<sup>9</sup>. (Na verdade, ela era uma mulher de 21 anos, intensamente focada.) O canto da sereia do Oriente existia muito antes de Cleópatra, mas isso não importa: ela vinha da embriagadora terra do sexo e do excesso. Não é difícil entender por que César virou história e Cleópatra virou lenda.

Nossa visão fica ainda mais turva pelo fato de os romanos que contaram a história de Cleópatra conhecerem muito bem sua própria história antiga, que contamina repetidamente seus relatos. Assim como Mark Twain no Vaticano opressivo e rebuscado, nós às vezes preferimos as cópias ao original. Os autores clássicos também eram assim. Eles fundiam relatos, reformavam velhas histórias. Atrelaram Cleópatra a vícios de outros devassos. A história existia para ser recontada, com mais verve, mas não necessariamente mais precisão. Nos textos antigos, os vilões sempre vestem uma roupa púrpura especialmente vulgar, comem pavão assado demais, se lambuzam com raros unguentos, derretem pérolas. Fosse uma transgressora rainha egípcia com fome de poder ou um impiedoso pirata, ambos eram conhecidos pelas “odiosas extravagâncias”<sup>10</sup> de seus associados. Iniquidade e opulência andavam de mãos dadas; o mundo deles se incendiava em púrpura e ouro. Outro empecilho é o fato de a história vazar para a mitologia, o humano para o divino. O mundo de Cleópatra era um mundo no qual se podiam visitar as relíquias da lira de Orfeu ou ver o ovo que a mãe de Zeus havia chocado. (Ficava em Esparta.)

A história é escrita não apenas pela posteridade, mas também para a posteridade. Nossas fontes mais abrangentes nunca conheceram Cleópatra. Plutarco nasceu 76 anos depois de sua morte. (Ele escreveu ao mesmo tempo que Mateus, Marcos, Lucas e João.) Apiano escreveu com um intervalo de mais de um século; Dio com mais de dois. A história de Cleópatra é diferente da história da maioria das mulheres, na medida em que os homens que a narraram, por razões que lhes eram próprias, acabaram por ampliar em vez de apagar o papel dela. A relação com Marco Antônio foi a mais longa de sua vida, mas o relacionamento com seu rival, Augusto, foi o mais duradouro. Ele iria derrotar Antônio e Cleópatra. Para enfatizar a glória, ele enviou a Roma uma versão sensacionalista de uma rainha egípcia insaciável, traiçoeira, com sede de sangue, louca pelo poder. Ele ampliou Cleópatra a proporções hiperbólicas, de forma a fazer o mesmo com sua vitória — e também a remover do quadro seu real inimigo, o ex-cunhado. O resultado é como uma vida de Napoleão escrita por britânicos no século XIX ou uma história dos Estados Unidos escrita no século XX por Mao Tsé-tung.

Ao time de historiadores excepcionalmente tendenciosos, acrescentem-se registros muito irregulares. Não sobreviveu nenhum papiro de Alexandria. Quase nada das cidades antigas permanece acima do chão. Temos, talvez e no máximo, uma palavra escrita por Cleópatra. (Em 33 a.C., ela ou um escriba assinou um decreto real com a palavra grega *ginesthoi*, que significa “cumpra-se”.) Os autores clássicos não davam importância a estatísticas e de vez em quando nem à lógica: seus relatos contradizem uns aos outros e a eles mesmos. Apiano descuida dos detalhes, Josefo é inútil com a cronologia. Dio prefere a retórica à exatidão. As lacunas são tão regulares que parecem deliberadas; existe algo que chega muito próximo de uma conspiração de silêncios. Como é possível que não se tenha nem um busto autêntico de Cleópatra, numa época de retratistas realistas e talentosos? As cartas de Cícero, dos primeiros meses de 44 a.C., quando César e Cleópatra estavam juntos em Roma, nunca foram publicadas. A história grega mais longa dessa época passa superficialmente pelo tumultuoso período em questão.

É difícil dizer o que faz mais falta. Apiano promete mais sobre César e Cleópatra em seus quatro livros sobre a história egípcia, que não sobreviveram. O relato de Tito Lívio termina um século antes de Cleópatra. Conhecemos em detalhes o trabalho de seu médico pessoal apenas por meio das referências de Plutarco. Mesmo Lucano interrompe seu poema épico de maneira abrupta e irritante, deixando César preso no palácio de Cleópatra, no começo da Guerra Alexandrina. E, na ausência de fatos, instala-se o mito, a praga da história.

Os lapsos nos registros representam um problema, o que nós construímos em torno deles, outro. Os negócios de Estado caíram por terra, deixando-nos com os assuntos do coração. Uma mulher exigente versada em política, diplomacia e governo, fluente em nove idiomas; articulada e carismática, Cleópatra parece, mesmo assim, uma criação conjunta de propagandistas romanos e diretores de Hollywood. Ela é usada para pôr um rótulo de antiguidade em uma coisa que sempre soubemos que existia: sexualidade feminina potente. E seu *timing* foi péssimo. Não só sua história foi escrita pelos inimigos, como ela teve a infelicidade de estar na cabeça de todo mundo bem no momento em que a poesia latina tomou forma própria. Ela sobrevive literariamente numa língua que lhe é hostil. As ficções apenas proliferaram. George Bernard Shaw enumera entre suas várias fontes para *César e Cleópatra* sua própria imaginação. Muitos historiadores beberam em Shakespeare, o que é compreensível, mas é um pouco como tomar as palavras de George C. Scott pelas de Patton.

Restaurar Cleópatra significa resgatar uns poucos fatos e também remover o mito incrustado e a propaganda envelhecida. Ela era uma mulher grega cuja história ficou a cargo de homens cujo futuro estava em Roma, a maior parte deles funcionários do império. Seus métodos históricos são pouco claros para nós.<sup>11</sup> Eles raramente mencionam suas fontes. Confiavam em grande parte na memória.<sup>12</sup> Para padrões modernos são polemistas, apologistas, moralistas, fabulistas, recicladores, fazem cortar-colar, são *hackers*. Apesar de toda a sua erudição, o Egito não produziu nenhum bom historiador. Só é possível ler desse jeito. As fontes podem ser falhas, mas são as

únicas que temos. Não existe concordância universal na maior parte dos detalhes básicos da vida de Cleópatra, nenhum consenso sobre quem era sua mãe, quanto tempo Cleópatra viveu em Roma, quantas vezes ficou grávida, se ela e Antônio se casaram, o que transpirou na batalha que selou seu destino, como ela morreu.<sup>a</sup> Tentei não perder de vista quem era um ex-bibliotecário e quem era uma celebridade, quem tinha efetivamente visitado o Egito, quem desprezava o lugar e quem nasceu lá, quem tinha problemas com mulheres, quem escreveu com o zelo de um romano convertido, quem queria acertar contas, agradar seu imperador, aperfeiçoar seus hexâmetros. (Confiei pouco em Lucano. Ele esteve na cena prematuramente, antes de Plutarco, de Apiano e de Dio. Mas era também um poeta e um sensacionalista.) Mesmo quando não são nem tendenciosos, nem confusos, os relatos são quase sempre exagerados. Como já se apontou, na Antiguidade não havia história simples, sem ornamentos.<sup>13</sup> O que interessava era assombrar. Não tentei preencher as lacunas, embora às vezes tenha encarado essa possibilidade. O que parece meramente provável continua aqui meramente provável — embora as opiniões variem radicalmente mesmo quanto às probabilidades. O incompatível continua incompatível. De uma forma geral, restaurei o contexto. Cleópatra efetivamente matou seus irmãos, mas Herodes matou seus filhos. (Ele depois lamentou ser “o mais infeliz dos pais”.<sup>14</sup>) E, como nos lembra Plutarco, esse comportamento era axiomático entre soberanos. Cleópatra não era necessariamente bonita, mas sua riqueza — assim como seu palácio — deixava Roma de boca aberta. As coisas eram lidas de modos muito diferentes de um lado e do outro do Mediterrâneo. As últimas décadas de pesquisas sobre mulheres da Antiguidade e do Egito helênico iluminam substancialmente esse quadro. Tentei arrancar o véu do melodrama das cenas finais de sua vida, que reduz até mesmo crônicas sóbrias a novelas românticas. Mas, às vezes, a alta dramaticidade prevalece sobre a razão. A época de Cleópatra era de personalidades desmedidas, intrigantes. Ao final, os maiores atores do período fazem uma saída abrupta. Depois deles, um mundo começa a desmoronar.

Embora exista muita coisa que não sabemos sobre Cleópatra, existe muita coisa que ela também não sabia. Ela não sabia que estava vivendo no século I a.C., nem na era helenística, ambas concepções modernas. (A era helenística começa com a morte de Alexandre, o Grande, em 323 a.C., e termina 293 anos depois, com a morte de Cleópatra. Talvez tenha sido melhor definida como uma era grega em que os gregos não desempenharam papel algum.<sup>15</sup>) Ela não sabia que era Cleópatra VII por várias razões, uma das quais é que era, na verdade, a sexta Cleópatra. Jamais conheceu alguém chamado Otaviano. O homem que a venceu e a depôs, que provocou seu suicídio e em grande parte embalou-a para a posteridade, nasceu Caio Otávio. Na época em que entrou na vida de Cleópatra de modo significativo chamava-se Caio Júlio César, em honra do ilustre tio-avô, amante dela, que o adotou em seu testamento. Hoje o conhecemos como Augusto, título que assumiu três anos depois da morte de Cleópatra. Ele aqui aparece como Otaviano, porque, como sempre, se há dois Césares, um está demais.

A maioria dos nomes de lugares mudou desde a Antiguidade. Segui a orientação sensata de Lionel Casson ao optar por familiaridade mais que por coerência. Por isso, Beritus aqui é Beirute, enquanto Pelúsio — que não existe mais, mas que hoje estaria a leste de Port Said, na entrada do Canal de Suez — permanece Pelúsio. Da mesma forma, optei sempre pela grafia inglesa em vez da transliteração.<sup>b</sup> O rival de César aparece como Pompeu, e não como Gnaeus Pompeius Magnus; o representante de César como Marco Antônio, e não como Marcus Antonius. Sob muitos aspectos, a geografia mudou, litorais afundaram, pântanos secaram, montanhas desmoronaram. Alexandria é mais plana hoje do que no tempo de Cleópatra. A cidade já não se lembra de seu antigo projeto de ruas; nem rebrilha branca. O Nilo está quase três quilômetros mais a leste. A poeira, o ar marinho abafado, os crepúsculos que se derretem em púrpura não mudaram. A natureza humana continua incrivelmente coerente, a física da história imutável. Relatos em primeira mão continuam divergindo incrivelmente.<sup>c</sup> Durante bem mais de 2 mil anos, um mito foi capaz

de superar e sobreviver ao fato. A não ser onde indicado, todas as datas são a.C.

## Notas

- a Nem os escritores de ficção conseguem concordar sobre o amor de César por Cleópatra. Bem a quer (Handel); mal a quer (Shaw); bem a quer (Thornton Wilder).
- b Aqui traduzidas para a grafia em português. (N.T.)
- c Como sempre, desde tempos imemoriais. "E o esforço para verificar esses fatos foi uma tarefa laboriosa, porque aqueles que foram testemunhas oculares de vários eventos não fazem as mesmas descrições das mesmas coisas, mas os relatos variam de acordo com o pendor para um lado ou outro, ou de acordo com a lembrança de cada um", resmungou Tucídides, cerca de quatrocentos anos antes de Cleópatra. (History of the Peloponnesian War, I, XXII.4-XXIII.3.)

## OS MORTOS NÃO MORDEM<sup>1</sup>



*"É uma bênção, uma sorte verdadeira, quando alguém tem tão poucos parentes."*

MENANDRO<sup>2</sup>

Naquele verão, ela reuniu um bando de mercenários num acampamento do deserto, sob o calor vidrado do sol da Síria. Tinha 21 anos, era órfã e exilada. Já conhecera tanto o excesso de sorte como sua espalhafatosa companheira, a calamidade: acostumada ao maior luxo de sua época, ela mantinha sua corte a trezentos quilômetros das portas de ébano e pisos de ônix de sua terra. Sua tenda em meio às moitas do deserto era o mais próximo disso a que ela chegara em um ano. Ao longo desses meses, ela lutara pela vida, fugindo pelo Médio Egito, pela Palestina, pelo sul da Síria. Havia passado o verão poeirento reunindo um exército.

As mulheres de sua família eram boas nisso, e ela não ficava atrás, ao menos talentosa o suficiente para que o inimigo tivesse marchado ao seu encontro. Perigosamente próximos, não longe da fortaleza litorânea de Pelúcio, na fronteira oriental do Egito, havia 20 mil soldados veteranos, um exército do tamanho de quase metade daquele com que Alexandre, o Grande, havia conquistado o mundo três séculos antes. Este, porém, era uma assombrosa reunião de piratas e bandidos, foras da lei, exilados e escravos fugidos sob o comando titular de seu irmão de treze anos. Ao lado dele, ela herdara o trono do Egito. Ela o deixara de lado; ele a banira do reino

sobre o qual deveriam reinar juntos, como marido e mulher. O exército de seu irmão controlava as muralhas de tijolos vermelhos de Pelúcio, suas maciças torres semicirculares de seis metros de altura. Ela acampou mais a leste, ao longo da costa desolada, na ardente areia âmbar do mar. A batalha estava à espreita. Sua posição, na melhor das hipóteses, era desesperadora. Pela última vez em 2 mil anos, Cleópatra está fora de cena. Em questão de dias, ela se lançará na história, o que quer dizer que, diante do inevitável, ela revidará com o improvável. O ano é 48 a.C.

Por todo o Mediterrâneo uma “estranha loucura” paira no ar, cheia de presságios e augúrios, de boatos extravagantes. O tom era de nervosa exasperação. Era possível estar ansioso e animado, poderoso e temeroso, tudo numa mesma tarde. Alguns boatos mostraram-se verdadeiros. No começo de julho, Cleópatra ficou sabendo que a guerra civil romana — uma disputa que opunha o invencível Júlio César ao indômito Pompeu, o Grande — estava para colidir com a dela. Era uma notícia alarmante. Pois desde criança Cleópatra lembrava que os romanos eram protetores dos monarcas egípcios. Eles deviam seu trono àquele poder perturbador, que ao longo de poucas gerações havia conquistado a maior parte do mundo mediterrâneo. Além disso, desde que se lembrava, Pompeu era amigo particular de seu pai. General brilhante, ao longo de décadas Pompeu acumulara vitórias na terra e no mar, dominando nação após nação, na África, na Ásia e na Europa. Tanto Cleópatra como Ptolomeu XIII, o irmão com quem ela estava em choque, deviam a ele.

Dias depois, Cleópatra descobriu que as chances de morrer pelas mãos de alguém que lhe deve um favor eram exatamente iguais às chances de morrer pelas mãos de um membro de sua família imediata. Em 28 de setembro, Pompeu apareceu na costa de Pelúcio. Tinha sido derrotado por César. Desesperado, estava em busca de um refúgio. Logicamente pensou no jovem rei cuja família havia apoiado e que tinha uma dívida profunda com ele. Nenhum pedido que fizesse poderia, de boa-fé, ser negado. Os três regentes que, em essência, governavam para o jovem Ptolomeu — Teódoto, seu professor de retórica; Aquilas, o ousado comandante da guarda

real; e Potino, o eunuco que habilmente acumulara os papéis de tutor de infância e de primeiro-ministro — estavam em desacordo. A chegada inesperada propunha uma difícil decisão, que eles discutiram acaloradamente. As opiniões divergiam. Dispensar Pompeu era fazer dele um inimigo. Recebê-lo era fazer de César um inimigo. Se eliminassem Pompeu, ele não poderia oferecer ajuda a Cleópatra, com quem simpatizava. Nem poderia instalar-se ele próprio no trono do Egito. “Os mortos não mordem” foi o conselho irrefutável de Teódoto, o professor de retórica que, depois de provar por simples silogismo que não podiam nem ficar amigos, nem ofender Pompeu, pronunciou essa frase com um sorriso. Ele despachou uma mensagem de boas-vindas e um “barquinho traiçoeiro” para o romano.<sup>3</sup> Pompeu nem tinha pisado em terra quando, nas águas rasas de Pelúcio, a plena vista do exército de Ptolomeu e do pequeno rei com seu manto púrpura, foi esfaqueado até a morte e teve a cabeça separada do corpo.<sup>a</sup>

Mais tarde, César tentaria entender o sentido dessa selvageria. Amigos muitas vezes se transformam em inimigos em tempos de desgraça, ele admitiu. Podia igualmente ter notado que em época de desgraça inimigos se reinventam como amigos. Os conselheiros de Ptolomeu decapitaram Pompeu sobretudo para ganhar favores junto a César. Que meio melhor haveria para serem benquistos pelo senhor indiscutível do mundo mediterrâneo? Pela mesma lógica, os três haviam simplificado as coisas para Cleópatra. Na guerra civil romana — conflito de tamanha intensidade que parecia menos um conflito armado do que uma peste, uma enchente, um incêndio —,<sup>4</sup> ela parecia agora ter apoiado o lado perdedor.

Três dias depois, Júlio César aventurou-se a aportar na capital egípcia, em perseguição a seu rival.<sup>5</sup> Chegou antes do grosso de suas tropas. Como grande metrópole, Alexandria abrigava esperteza maliciosa, moral dúbia, roubo. Seus residentes falavam depressa, em muitas línguas e ao mesmo tempo; a cidade deles era excitável, de temperamentos explosivos e tensos, de mentes vibrantes. Já estava fermentando a inquietação que esse segundo relance de vermelho imperial exacerbava. César fora cauteloso ao modular a alegria por sua vitória e continuava sendo-o. Quando Teódoto apresentou-lhe a

cabeça de Pompeu, cortada três dias antes, César virou o rosto, horrorizado. E caiu em prantos. Em parte, talvez genuíno: Pompeu havia sido um dia não apenas seu aliado, mas seu genro. Se os conselheiros de Ptolomeu pensavam que essa repulsiva recepção iria deter César, estavam enganados. Se César pensava que o assassinato de Pompeu constituía um voto a seu favor, ele também estava errado, pelo menos no que dizia respeito aos alexandrinos. Ele foi recebido com tumultos numa terra em que ninguém era menos bem-vindo que um romano, principalmente um romano que trazia as pompas oficiais do poder. Na melhor das hipóteses, César iria interferir nos negócios. Na pior, estaria pensando em conquista. Roma já havia reconduzido ao poder um rei impopular que, para piorar as coisas, havia criado impostos para pagar a dívida dessa restauração. Para começar, os alexandrinos não se davam o trabalho de pagar o preço por um rei que não queriam. Tampouco queriam se tornar cidadãos romanos.

César instalou-se com segurança num pavilhão em terreno do palácio de Ptolomeu, junto aos ancoradouros reais, na parte oriental da cidade. Os conflitos continuaram — o vozerio e o tumulto ecoavam ruidosamente pela colunata das ruas —, mas no palácio ele estava a salvo de qualquer perturbação. Pediu reforços a toda pressa. E, ao fazê-lo, convocou os irmãos em choque. César sentiu que era sua obrigação arbitrar a disputa entre eles, como, dez anos antes, o pai deles havia atendido a ele e Pompeu. Um Egito estável era muito interessante para Roma, sobretudo quando havia dívidas substanciais a serem pagas. Conforme o próprio César havia pouco tempo antes sugerido a seu rival, estava na hora dos partidos em guerra “porem um fim em seu comportamento obstinado, abandonarem a luta armada e não desafiarem mais a sorte”.<sup>6</sup> Cleópatra e seu irmão deviam ter compaixão por si próprios e por seu país.

A convocação deixava Cleópatra com algumas explicações a dar, assim como certo planejamento a fazer. Tinha todas as razões para defender seu caso prontamente, antes que os conselheiros de seu irmão pudessem comprometê-la. O exército dele efetivamente a mantinha fora do Egito. Embora César tivesse solicitado que ele o

desbaratasse, Ptolomeu não fez esforço nesse sentido. Deslocar seus homens para oeste, pelas areias douradas, na direção da fronteira e das altas torres de Pelúcio, seria correr o risco de um enfrentamento. Segundo um relato, ela entrou em contato com César por meio de um intermediário, então, convencida de que tinha sido traída (ela não era benquista entre os cortesãos do palácio), resolveu defender-se sozinha. O que a fez ponderar como atravessar as linhas inimigas, cruzar uma fronteira bem-guardada e entrar num palácio vigiado, secretamente e viva. A fama de Cleópatra viria a se apoiar em seu dom de exibicionismo, mas em seu primeiro e maior lance político, o desafio era se fazer inconspícua. Também segundo padrões modernos sua situação era curiosa. Para marcar sua presença, para sua história ter início, essa mulher tinha de voltar para casa camuflada.

Evidentemente, houve certa deliberação. Plutarco nos conta que “Cleópatra estava perdida<sup>7</sup>, não sabia como entrar sem ser descoberta” até que ela — ou alguém de seu séquito, ela também tinha seus confidentes — formulou um ardil brilhante. Seria necessário um ensaio. E dependeria de diversos cúmplices excepcionalmente hábeis, um deles um leal fornecedor siciliano chamado Apolodoro. Entre a península do Sinai, onde Cleópatra estava acampada, e o palácio de Alexandria, onde ela havia crescido, havia um pântano traiçoeiro, cheio de ácaros e mosquitos. Essa planície pantanosa protegia o Egito de invasões do leste. Ganhara seu nome por sua capacidade de devorar exércitos inteiros, coisa que as areias pesadas faziam com “malévola astúcia”.<sup>8</sup> As forças de Ptolomeu controlavam o litoral, onde o corpo de Pompeu se decompunha num túmulo improvisado. A rota mais direta e simples para oeste era, portanto, não pelas poças lamacentas de Pelúcio, nem ao longo do Mediterrâneo, onde Cleópatra estaria exposta e sujeita a uma forte corrente contrária. Fazia mais sentido um desvio para o sul, subir o Nilo até Mênfis, depois velejar de volta ao litoral, uma viagem de pelo menos oito dias. A rota do rio também não deixava de ter seus perigos; tinha um tráfego pesado e era cuidadosamente vigiada por agentes alfandegários. Ao longo do turvo Nilo, Cleópatra deve ter velejado, com um vento forte e uma

horda de mosquitos, em meados de outubro. Nesse meio-tempo, os conselheiros e Ptolomeu rejeitaram a convocação de César. Como um general romano ousava convocar um rei? O menos graduado devia ir até o superior, como César sabia muito bem.

Então Apolodoro manobrou silenciosamente um barquinho de dois remos pelo porto oriental de Alexandria e passou por baixo da muralha do palácio logo depois do anoitecer. Junto à costa, estava tudo escuro, enquanto à distância o litoral plano era iluminado pelo magnífico farol de 120 metros de altura, uma das maravilhas do mundo antigo. Aquela coluna luminosa ficava a menos de um quilômetro de Cleópatra, na extremidade de uma passagem construída pelo homem, na ilha de Faros. Porém, mesmo à sua forte luz, ela não era absolutamente visível. Em algum ponto antes de Apolodoro atracar seu barco, ela engatinhou para dentro de um grande saco de estopa ou de couro, no qual se acomodou estendida. Apolodoro enrolou o pacote e prendeu-o com uma corda de couro, pendurando-o do ombro, única pista que temos da estatura de Cleópatra. Ao suave lamber das ondas, ele partiu para a área do palácio, um complexo de jardins e mansões multicoloridas, de caminhos ladeados por colunas, que se estendia por quase dois quilômetros, ou um quarto da cidade. Era uma área que Apolodoro, que certamente não remara do deserto sozinho, mas devia ter planejado a volta da rainha, conhecia bem. Em seu ombro, Cleópatra passou pelos portões do palácio, diretamente para os aposentos de César, quartos que efetivamente pertenciam a ela. É a volta para casa mais original da história. Muitas rainhas emergiram da obscuridade, mas Cleópatra é a única a ter entrado no palco do mundo dentro de um saco rústico, o tipo de bolsa em que usualmente se guardavam rolos de papiro ou se transportava alguma pequena fortuna em ouro. Artimanhas e disfarces eram fáceis para ela. Em outra ocasião, posterior, ela conspiraria com uma outra mulher em perigo para fazê-la escapar num caixão de defunto.

Não se sabe se o desvendamento ocorreu na presença de César. De qualquer forma, é improvável que Cleópatra parecesse “majestosa”<sup>9</sup> (como diz uma fonte), ou coberta de ouro e pedras preciosas (como pretende outra), ou mesmo medianamente bem-

penteadas. Desafiando a imaginação masculina, cinco séculos de história da arte e duas das peças mais importantes da literatura inglesa, ela estaria inteiramente vestida, com uma longa túnica de linho colante e sem mangas. O único acessório de que precisava era aquele que apenas ela entre as mulheres egípcias tinha o direito de usar: o diadema, ou uma larga fita branca, que indicava um monarca helênico. É pouco provável que ela tenha aparecido diante de Júlio César sem um diadema em torno da testa e amarrado atrás. Do “conhecimento de como se fazer agradável a todos”<sup>10</sup> dominado por Cleópatra temos, por outro lado, provas abundantes. No geral, o que se sabe é que era impossível conversar com ela sem ficar imediatamente cativado.<sup>11</sup> Para essa audiência, a ousadia da manobra, a aparição surpresa da jovem rainha nos salões suntuosamente pintados de sua morada, que o próprio César mal podia penetrar, mostrou-se um encantamento. Em retrospecto, o choque parece ter sido tanto político como pessoal. O abalo foi aquele gerado quando, num instante singular e estremecedor, duas civilizações, caminhando em direções diferentes, inesperada e momentaneamente se tocaram.

Celebrado tanto pela velocidade como pela intuição, Júlio César não era homem que se surpreendesse com facilidade. Estava sempre chegando antes do que era esperado e à frente dos mensageiros enviados para anunciá-lo. (Naquele outono, ele estava pagando o preço por ter precedido suas legiões no Egito.) Se a maior parte de seu sucesso podia ser explicada pela “rapidez e imprevisibilidade de seus movimentos”,<sup>12</sup> no mais ele raramente se desconcertava, armado para todas as contingências, um estrategista lúcido e preciso. Sua impaciência sobrevive a ele: o que significa *Veni, vidi, vici* (a frase estava ainda um ano no futuro) senão um hino à eficiência? Tão firme era sua percepção da natureza humana que na batalha decisiva daquele verão ele havia instruído seus homens a não apenas atirar os dardos, mas mirá-los nos rostos dos homens de Pompeu. A vaidade deles, prometera, iria se mostrar maior que sua coragem. E ele estava certo: os homens cobriram o rosto e fugiram. Ao longo dos dez anos precedentes, César havia superado os obstáculos mais improváveis e realizado os feitos mais assombrosos.

Homem que nunca ofendia a fortuna, ele sentia mesmo assim que ela suportava uns cutucões; era o tipo de oportunista que faz grande alarde de sua boa sorte. Ao menos em termos de engenhosidade e audácia nas decisões, ele tinha diante de si um espírito afim.

Em outro âmbito, a jovem rainha egípcia tinha pouco em comum com o “homem saciado de amor, já distante do auge”.<sup>13</sup> (César tinha 52 anos.) Suas conquistas amorosas eram tão lendárias e variadas como seus feitos militares. Na rua, o homem elegante, de rosto anguloso com os olhos negros e vivos e os malares salientes era saudado (o exagero está apenas na segunda alegação) como “o homem de toda mulher e a mulher de todo homem”.<sup>14</sup> Cleópatra tinha sido casada durante três anos com um irmão que era, segundo todos os relatos, “apenas um menino”<sup>15</sup> e que — mesmo que aos treze anos tivesse atingido a puberdade, o que, pelos padrões da Antiguidade, era improvável — tentara durante quase todo esse tempo se livrar dela. Cronistas posteriores qualificariam Cleópatra de “filha impura de Ptolomeu”, uma “sereia sem par”, uma “prostituta pintada” cuja “impudência custou caro a Roma”.<sup>16</sup> O que essa “rainha meretriz” muito provavelmente não tinha quando se materializou diante de César em outubro de 48 era qualquer experiência sexual.

Na medida em que as duas coisas possam ser separadas, a sobrevivência mais que a sedução era a primeira coisa que Cleópatra tinha em mente. Como tinham amplamente demonstrado os conselheiros de seu irmão, o prêmio era o favor de César. Era imperativo que Cleópatra se alinhasse com ele e não com o benfeitor da família, cuja campanha ela havia apoiado e cujo corpo sem cabeça se decompunha numa praia do Mediterrâneo. Nessas circunstâncias, não existe qualquer razão para supor que César fosse favorável a ela. De seu ponto de vista, um jovem rei com um exército sob seu comando e a confiança dos alexandrinos era a melhor aposta. Porém, Ptolomeu tinha o sangue de Pompeu em suas mãos; e César deve ter calculado que o preço a pagar em Roma por se aliar com assassinos de seu conterrâneo seria maior do que o preço por ajudar uma rainha deposta e desamparada. Há muito ele havia entendido que “todos os homens trabalham com mais

empenho contra seus inimigos do que cooperam com seus amigos".<sup>17</sup> Pelo menos num primeiro momento, Cleópatra pode ter devido a vida mais à censura de César a seu irmão e a sua insatisfação com os conselheiros de Ptolomeu — que dificilmente pareceriam o tipo de homens com que se acertam questões financeiras com franqueza — do que a seus próprios encantos. Ela também teve sorte. Como aponta um cronista, outro homem poderia ter trocado a vida dela pela de Pompeu. eu. César podia muito bem ter mandado cortar a cabeça de Cleópatra.<sup>18</sup>

Geralmente, o comandante romano era de disposição serena. Perfeitamente capaz de matar dezenas de milhares de homens, igualmente famoso por suas demonstrações de clemência, mesmo com inimigos ferrenhos, às vezes duas vezes com o mesmo homem. "Nada era mais caro a seu coração",<sup>19</sup> afirmou um de seus generais, "do que perdoar os suplicantes." Uma suplicante corajosa, real e articulada sem dúvida estaria em primeiro lugar nessa lista. César tinha outras razões para simpatizar com essa: quando jovem, ele também tinha sido um fugitivo. Ele também tinha cometido erros políticos caros. Embora a decisão de receber Cleópatra possa ter sido lógica naquele momento, levava a uma das decisões mais arriscadas da carreira de César. Quando ele conheceu Cleópatra, ela estava lutando pela vida. No final do outono, ambos estavam. Durante os meses seguintes, César se viu cercado, batido por um inimigo engenhoso e disposto a lhe dar o primeiro gosto da guerra de guerrilha, numa cidade com a qual não estava familiarizado e na qual numericamente era superado em muito. Com certeza Ptolomeu e o povo de Alexandria merecem algum crédito por fazerem com que o general à beira da calvície e a ágil e jovem rainha, encerrados juntos durante seis enervantes meses por trás de barricadas construídas às pressas, terminassem aliados próximos, tão próximos que no começo de novembro Cleópatra se deu conta de que estava grávida.



Já se disse que por trás de toda grande fortuna existe um crime; os Ptolomeus eram fabulosamente ricos. Descendiam não dos faraós egípcios cujo lugar assumiram, mas de macedônios belicosos, de vida dura (terras duras geram homens duros, Heródoto já dissera), que tinham produzido Alexandre, o Grande. Meses depois da morte de Alexandre, Ptolomeu, o mais empreendedor de seus generais, seu provador oficial, amigo íntimo de infância e, segundo alguns relatos, parente distante, reclamou o Egito. Numa demonstração precoce do dom de teatralidade da família, Ptolomeu raptou o corpo de Alexandre, o Grande. O corpo havia sido enviado para a Macedônia. Não seria muito mais útil, raciocinou o jovem Ptolomeu, interceptar o cortejo fúnebre no Egito, em última análise em Alexandria, cidade que o grande homem havia fundado poucas décadas antes? Lá ele seria redirigido e exposto num sarcófago de ouro no centro da cidade, uma relíquia, um talismã, um reforço, uma apólice de seguro.<sup>20</sup> (Na infância de Cleópatra, aquele sarcófago era de alabastro ou de vidro. Premido pela necessidade de fundos, seu tio-avô tinha trocado o original por um exército. Ele pagou a substituição com a vida.)

A legitimidade da dinastia ptolomaica repousaria nessa tênue conexão com a figura mais notória da história do mundo antigo, aquela com que todos os aspirantes se comparavam, com cujo manto Pompeu havia se envolvido, cujos feitos diziam reduzir César a lágrimas de frustração. O culto era universal. Alexandre desempenhava um papel tão ativo na imaginação ptolomaica como na romana. Muitos lares egípcios exibiam uma estátua dele.<sup>21</sup> Tão forte era esse aspecto romântico, e tão moldável a história do século I, que viria a dar origem à versão de que Alexandre descendia de um mago egípcio. Logo se dizia que ele era aparentado à família real; como todo arrivista que se dá ao respeito, os Ptolomeus tinham o dom de reconfigurar a história.<sup>b</sup> Sem renunciar sua herança macedônia, os fundadores da dinastia compraram para si um passado que lhes atribuía legitimidade, o equivalente do mundo antigo ao escudo de armas comprado pelo correio. A verdade era que os Ptolomeus descendiam da aristocracia macedônia, sinônimo de alta dramaticidade. Consequentemente, ninguém no Egito

considerava Cleópatra egípcia. Ela provinha, em vez disso, de uma linhagem de rainhas macedônias rancorosas, intronizadas, astutas, às vezes desequilibradas, linhagem que compreendia a Olímpia do século IV, cuja maior contribuição ao mundo havia sido seu filho, Alexandre, o Grande. O restante eram atrocidades.

Se fora do Egito os Ptolomeus ligavam-se à narrativa de Alexandre, o Grande, dentro do país sua legitimidade provinha de uma ligação fabricada com os faraós. Isso justificava a prática de casamento entre irmãos, entendida como costume egípcio. Entre a aristocracia macedônia, havia amplos precedentes à eliminação de uma irmã, nenhum ao casamento com ela. Tampouco havia uma palavra grega para "incesto". Os Ptolomeus levaram a prática ao extremo. Dos quinze ou mais casamentos familiares, ao menos dez eram uniões de irmão e irmã. Dois outros Ptolomeus casaram com sobrinhas ou primas. Podem ter feito isso pela simplicidade do arranjo; o casamento endogâmico minimizava tanto os pretendentes ao trono como parentes inconvenientes. Eliminava o problema de encontrar cônjuge adequado em terra estrangeira. Reforçava também o culto familiar de forma eficiente, bem como o status exaltado e exclusivo dos Ptolomeus. Se as circunstâncias tornavam o casamento endogâmico atraente, um apelo ao divino — outro recurso de linhagem familiar inventada — tornava-o aceitável. Tantos os deuses egípcios como os gregos casavam entre irmãos, embora se pudesse argumentar que Zeus e Hera não eram exemplos lá muito recomendáveis.

A prática não resultava em deformidades físicas, mas tornava a árvore genealógica um arbusto não muito bonito. Se os pais de Cleópatra eram irmãos diretos, como provavelmente o eram, ela possuía apenas um casal de avós. Esse casal era, incidentalmente, também tio e sobrinha. E se alguém casasse com o próprio tio, como era o caso da avó de Cleópatra, seu pai seria também seu cunhado. Se por um lado a endogamia pretendia estabilizar a família, por outro tinha um efeito paradoxal. A sucessão se transformou em uma crise perene para os Ptolomeus, que exacerbavam a questão com venenos e adagas. O casamento endogâmico consolidava a riqueza e o poder, mas emprestava um novo significado à rivalidade entre

irmãos, ainda mais notável entre parentes que rotineiramente acrescentavam epítetos benevolentes aos seus títulos. (Em termos oficiais, Cleópatra e seu irmão, de quem ela estava fugindo pela vida, eram os *Theoi Neoi Philadelphoi* ou “Novos Deuses Irmãos Amorosos”.) Era raro encontrar um membro da família que não tivesse liquidado um ou dois parentes, Cleópatra VII inclusive. Ptolomeu I casou com sua meia-irmã, que conspirou contra ele com seus filhos, dois dos quais ele matou. Primeira a ser adorada como deusa em vida, ela presidiu uma idade dourada da história ptolomaica. Essa era também uma consequência não intencional do casamento entre irmãos: de um jeito ou de outro, valorizava as princesas ptolomaicas. Sob todos os aspectos, iguais a seus irmãos e maridos, as predecessoras de Cleópatra tinham consciência de seu valor. Elas foram se afirmando progressivamente. Os Ptolomeus não facilitaram nada para os futuros historiadores em termos de nomenclatura: todas as mulheres da realeza eram Arsínoes, Berenices ou Cleópatras. São mais facilmente identificáveis por suas medonhas maldades do que por seus nomes, embora a tradição se mostrasse imutável em ambos os aspectos: várias Cleópatras, Berenices e Arsínoes envenenaram os maridos, assassinaram irmãos e proibiram qualquer menção a suas mães — oferecendo depois monumentos esplêndidos às memórias desses parentes.<sup>22</sup>

Ao longo de gerações, a família se permitiu o que foi chamado de “uma orgia de pilhagem e assassinato”,<sup>23</sup> horripilante mesmo para padrões macedônios. Não era fácil se distinguir nesse clã, mas Ptolomeu IV conseguiu, no auge de seu império. No final do século III, ele assassinou seu tio, seu irmão e sua mãe. Os cortesãos o pouparam de envenenar a esposa, fazendo isso eles mesmos, assim que ela deu à luz um herdeiro. Repetidamente, mães mandaram tropas contra filhos. Irmãos guerrearam com irmãos. A bisavó de Cleópatra iniciou uma guerra civil contra seus pais, e uma segunda contra seus filhos. Ninguém sofria tão agudamente como os gravadores de monumentos, forçados a lidar com as quase simultâneas sagrações e assassinatos e com a complicada questão das datas, uma vez que o calendário começava de novo a cada novo regime, momento em que um governante caracteristicamente

mudava também seu título. Muitas inscrições em hieróglifos eram interrompidas até disputas dinásticas se resolverem. Lá atrás, a mãe de Berenice II pegou emprestado o marido estrangeiro de Berenice, e por essa missão dupla Berenice supervisionou o assassinato do marido. (Ela teve o mesmo fim.) Igualmente notável entre as mulheres foi a tia-bisavó de Cleópatra, Cleópatra III, rainha no século II. Ela era ao mesmo tempo esposa e sobrinha de Ptolomeu VIII. Ele a estuprara quando ela era adolescente, momento em que estava simultaneamente casado com a mãe dela. Os dois discutiram; Ptolomeu matou o filho deles de catorze anos, cortou-o em pedaços e mandou uma arca com os membros mutilados para os portões do palácio na noite do aniversário dela. Ela retaliou exibindo publicamente as partes do corpo. Os alexandrinos ficaram loucos de raiva. O mais surpreendente foi o que aconteceu em seguida. Pouco mais de uma década depois, o casal se reconciliou. Durante oito anos Ptolomeu VIII reinou com duas rainhas, mãe e filha em guerra.<sup>c</sup>

Depois de algum tempo, a carnificina veio a parecer quase predeterminada. O tio de Cleópatra matou a esposa, eliminando assim sua madrasta (e meia-irmã) também. Infelizmente, ele o fez sem se dar conta de que ela era a mais popular da dupla. Ele foi linchado por uma turba depois de dezoito dias no trono. O que, depois de dois séculos de confusão, punha um fim aos legítimos Ptolomeus, em 80 a.C. Sobretudo com uma Roma ascendente no horizonte, era preciso encontrar depressa um sucessor. O pai de Cleópatra, Ptolomeu XII, foi convocado da Síria, para onde tinha sido enviado por segurança 23 anos antes. Não é claro se ele foi educado para governar, mas é muito claro que era a única opção viável. Para reforçar seu status divino e a ligação com Alexandre, o Grande, ele tomou como título "O Novo Dionísio". Para os alexandrinos, para quem a legitimidade era importante, apesar da louca colcha de retalhos de linhagens familiares inteiramente fabricadas, ele tinha um de dois nomes. O pai de Cleópatra era ou "o bastardo" ou "Auletes",<sup>24</sup> ou o flautista, devido ao instrumento semelhante ao oboé que gostava de tocar. Ele parecia demonstrar tanto afeto pelo instrumento quanto pelo estadismo, o que não era muito adequado

na medida em que repartia seu pendor musical com prostitutas de segunda classe. Suas muito prezadas competições musicais não o impediram de continuar com o banho de sangue da história familiar, embora apenas, diga-se de passagem, porque as circunstâncias deixavam-lhe pouca escolha. (Ele se viu livre da necessidade de matar a própria mãe porque ela não era de nascimento real. Era, provavelmente, uma cortesã macedônia.) De qualquer forma, Auletes viria a ter problemas maiores do que perturbar parentes.

A moça entrincheirada com Júlio César num palácio sitiado de Alexandria não era, então, nem egípcia, nem, historicamente falando, uma faraó, nem necessariamente aparentada com Alexandre, o Grande, nem inteiramente ptolomaica, embora fosse, pelo que se pode constatar de todos os lados, uma aristocrata macedônia. Seu nome, como sua herança, era inteira e orgulhosamente macedônio: “Cleópatra” quer dizer “Glória de Sua Pátria” em grego.<sup>d</sup> Ela não era nem Cleópatra VII, como seria lembrada. Dada a tortuosa história familiar, fazia sentido que alguém, em algum ponto, simplesmente perdesse a conta.

A estranha e terrível história ptolomaica não deve obscurecer duas coisas. Se as Berenices e Arsínoes eram tão perversas como seus maridos e irmãos, elas o eram em grande parte por serem imensamente poderosas. (Tradicionalmente, elas também ficavam em segundo lugar em relação a seus maridos e irmãos, uma tradição que Cleópatra desrespeitou.) Mesmo sem uma mãe reinante, Cleópatra podia contemplar grande número de ancestrais mulheres que construíram templos, juntaram esquadras, lançaram campanhas militares e, ao lado de seus consortes, governaram o Egito. Pode-se afirmar que ela teve modelos de papel feminino mais poderosos que qualquer outra rainha na história. Não fica claro se isso era resultado da exaustão geral por parte dos homens da família, como já foi dito. Haveria todas as razões para as mulheres também terem se exaurido. Mas os destaques nas gerações imediatamente precedentes a Cleópatra eram — em termos de visão, ambição, intelecto — universalmente femininos.

Cleópatra, além disso, atingiu a maioridade em um país que possuía uma definição singular dos papéis femininos. Bem antes

dela, e séculos antes da chegada dos Ptolomeus, as mulheres egípcias gozavam do direito de fazer seus próprios casamentos. Ao longo do tempo suas liberdades aumentaram a níveis sem precedentes no mundo antigo. Elas herdavam igualmente e possuíam propriedades independentes. Mulheres casadas não eram submetidas ao controle dos maridos. Elas gozavam do direito de se divorciar e de serem sustentadas depois de um divórcio. Até o momento em que o dote da ex-mulher fosse devolvido, ela tinha o direito de se instalar na casa de sua escolha.<sup>25</sup> Suas propriedades permaneciam com ela; não podiam ser desperdiçadas por um marido gastador. A lei ficava do lado da esposa e dos filhos se um marido agia contra seus interesses. Os romanos se deslumbravam que no Egito as filhas meninas não fossem deixadas para morrer; um romano era obrigado a criar apenas sua filha primogênita. As mulheres egípcias também se casavam mais tarde que suas vizinhas, só cerca de metade delas com a idade de Cleópatra. Elas emprestavam dinheiro e operavam barcaças. Serviam como sacerdotisas nos templos nativos. Davam entrada em processos judiciais e contratavam flautistas. Como esposas, viúvas ou divorciadas, possuíam vinhedos, vinícolas, pântanos de papiros, navios, empresas de perfume, equipamento de moendas, escravos, casas, camelos. Chega a um terço a parte do Egito que podia estar em mãos femininas.<sup>26</sup>

A tal ponto essas práticas invertiam a ordem natural das coisas que deixavam pasmos os estrangeiros. Ao mesmo tempo, pareciam absolutamente adequadas a um país cujo magnífico rio doador de vida corria ao contrário, do sul para o norte, estabelecendo o Alto Egito no sul e o Baixo Egito no norte. O Nilo invertia ainda mais as leis da natureza enchendo no verão e minguando no inverno; os egípcios colhiam seus campos em abril e semeavam em novembro. Até o plantio era invertido: primeiro os egípcios semeavam, depois aravam, para cobrir a semente com terra solta. Isso fazia todo sentido no tipo de reino anômalo em que se misturava a massa de farinha com os pés e se escrevia da direita para a esquerda. Não é de admirar que Heródoto tenha afirmado, num texto que Cleópatra devia conhecer bem, que as mulheres egípcias se aventuravam aos

mercados enquanto os homens ficavam em casa cuidando dos teares. Temos amplo testemunho de seu senso de humor; Cleópatra era espirituosa e gozadora. Não há por que indagar como ela teria lido uma outra afirmação de Heródoto, de que o Egito era um país onde “as mulheres urinam em pé, os homens sentados”.

Em outro ponto, Heródoto estava inteiramente correto. “Não há país que possua tantas maravilhas, nem tamanho número de obras que vão além da descrição”,<sup>27</sup> maravilhava-se. Bem antes dos Ptolomeus, o Egito exercia seu encanto sobre o mundo. O país orgulhava-se de uma antiga civilização, de uma quantidade de estranhezas naturais, de monumentos de surpreendente imensidão, de duas das sete maravilhas do mundo antigo. (A capacidade de assombrar devia ser maior na época de Cleópatra, pois as pirâmides eram mais altas também: quase dez metros. E nos intervalos dos derramamentos de sangue, em grande parte no século III e antes de a dinastia começar a cambalear sob o peso de sua própria depravação no final do século II, os Ptolomeus cumpriram os planos de Alexandre, o Grande, estabelecendo no delta do Nilo um milagre de cidade, tão brilhantemente sofisticada quanto seu povo fundador tinha sido rústico. De longe, Alexandria cegava, uma suntuosa expansão de mármore brilhante, presidida por seu gigantesco farol. A famosa silhueta da cidade era reproduzida em lâmpadas, mosaicos, ladrilhos. A arquitetura da cidade denunciava seu caráter loquaz, forjado por uma frenética justaposição de culturas. Nesse que era o maior dos portos mediterrâneos, as colunas jônicas tinham capitéis representando papiros. Esfinges e falcões descomunais ladeavam as entradas de templos gregos. Deuses crocodilos com roupas romanas decoravam túmulos dóricos. “Construída na melhor localização do mundo”,<sup>28</sup> Alexandria era sentinela de uma terra de riquezas fabulosas e criaturas fantásticas, um dos enigmas favoritos do mundo romano. Para um homem como Júlio César, que apesar de todas as suas viagens nunca havia pisado no Egito, poucos desses assombros teriam sido tão grandes quanto a jovem espirituosa que saiu de dentro do saco de viagem.



Ela nasceu em 69 a.C., segunda de três filhas. Dois irmãos vieram depois, a cada um dos quais Cleópatra viria, sucessivamente, a se unir brevemente em matrimônio. Embora não houvesse um tempo especialmente seguro para nascer Ptolomeu, o século I deve ter estado entre os piores. Os cinco irmãos tiveram mortes violentas. Dentre eles, Cleópatra se distingue por ter determinado por si mesma as circunstâncias de sua morte, conquista não pequena e, em termos romanos, uma distinção de peso considerável. O simples fato de ela ainda estar viva no momento da chegada de César é testemunho de seu caráter. Ela vinha conspirando havia um ano ou mais, energicamente, durante meses, praticamente dia e noite nas últimas semanas do verão. Igualmente significativo era o fato de que ela viveria décadas mais que seus irmãos. Nenhum irmão sobreviveu à adolescência.

Da mãe de Cleópatra não se tem nenhum vislumbre, nem eco; ela desapareceu de cena no começo da infância da filha e já estava morta quando Cleópatra tinha doze anos. Não é claro se Cleópatra a conhecia melhor do que nós. Ela parece ter sido uma das raras mulheres ptolomaicas a optar por ficar de fora do melodrama familiar.<sup>e</sup> Cleópatra V Trifena era, de qualquer modo, várias décadas mais nova que Auletes, seu irmão ou meio-irmão; os dois se casaram logo depois que Auletes subiu ao trono. O fato de sua tia contestar o direito dele ao trono — ela chegou a viajar até Roma para prejudicá-lo<sup>29</sup> — não é especialmente significativo, dada a dinâmica da família.<sup>30</sup> Pode, porém, revelar algo de seus instintos políticos. Para muita gente, Auletes parecia mais interessado nas artes do que no estadismo. Apesar de um reino que durou 22 anos, com uma interrupção, ele seria lembrado como o faraó que tocou flauta enquanto o Egito desmoronava.

Dos primeiros anos de César praticamente nada foi registrado e com Cleópatra não é diferente: não temos a menor pista. Mesmo que sua casa de infância não estivesse hoje seis metros abaixo da água ou que o clima de Alexandria fosse mais tolerante com os papiros antigos, é pouco provável que soubéssemos mais. A infância não era valorizada no mundo antigo, onde o destino e a linhagem eram as influências formadoras. Os personagens antigos tendiam a

vir à tona plenamente formados. Podemos supor com segurança que Cleópatra nasceu no palácio de Alexandria; que uma babá cuidou dela; que uma criada mastigava suas primeiras comidas antes de colocá-las na boca ainda sem dentes; que nada passava por seus lábios de criança sem ter sido antes provado, devido ao risco de veneno; que contava entre seus companheiros de brincadeira com um bando de crianças de nascimento nobre, conhecidas como “irmãos adotivos” e destinados a se tornar o séquito real. Mesmo quando corria pelas calçadas entre as colunatas do palácio, passando pelas fontes e pelos tanques de peixes, ou através dos luxuriantes pomares e de um jardim zoológico, onde os primeiros Ptolomeus mantinham girafas, rinocerontes, ursos e uma píton de treze metros, ela estava cercada por uma comitiva.<sup>31</sup> Desde tenra idade sentia-se à vontade entre políticos, embaixadores, estudiosos, confortável entre os mantos púrpura dos funcionários da corte. Brincava com bonecas de cerâmica e casas de boneca, com jogos de chá e mobília miniatura, com dados e cavalos de balanço, com jogos de ossinhos e ratinhos de estimação, embora nunca venhamos a saber o que fazia com suas bonecas e se, como Indira Gandhi, as envolvia em insurreições e batalhas.

Ao lado de suas irmãs mais velhas, Cleópatra foi preparada para o trono; um Ptolomeu fazia planos para todas as eventualidades. Ela fazia viagens regulares Nilo acima, ao palácio da família no porto de Mênfis, para participar de tradicionais festas de culto egípcias, cuidadosamente encenadas, opulentos cortejos de família, conselheiros e funcionários. Trezentos quilômetros rio acima, Mênfis era uma cidade sagrada, controlada por uma hierarquia de sacerdotes; dizia-se que a morte era o seu melhor negócio.<sup>32</sup> Vastas catacumbas de animais se estendiam debaixo do centro urbano, uma atração para peregrinos que vinham para os cultos e para fazer estoques de miniaturas de falcões e crocodilos mumificados nas barracas de suvenires. Em casa, esses objetos eram alvo de veneração. Em tais ocasiões, Cleópatra seria paramentada em vestes cerimoniais, embora não ainda com a tradicional coroa de plumas, disco solar e chifres de vaca. E desde tenra idade gozou da melhor educação disponível no mundo helenístico, nas mãos dos estudiosos

mais dotados, no que era incontestavelmente o maior centro de conhecimento em existência. A biblioteca de Alexandria e o museu anexo eram literalmente o seu quintal. Os mais prestigiosos acadêmicos eram seus tutores, os homens de ciência seus médicos. Ela não precisava ir muito longe por uma receita médica, um tributo, um brinquedo mecânico, um mapa.<sup>33</sup>

Essa educação pode muito bem ter superado a de seu pai, criado no exterior, no nordeste da Ásia menor, mas deve ter sido uma educação tradicional grega sob todos os aspectos, quase idêntica à de César, cujo tutor estudou em Alexandria. Era predominantemente literária. As letras eram importantes no mundo grego, onde serviam além do mais como números e notas musicais. Cleópatra aprendeu a ler primeiro cantando o alfabeto grego, depois traçando as letras gravadas por seu professor num estreito tablete de madeira. Os estudantes bem-sucedidos continuavam a praticá-las em fileiras horizontais contínuas, depois em colunas, por fim em ordem inversa e para encerrar em pares de cada ponta do alfabeto, em maiúsculas e de novo em cursivas. Quando Cleópatra se formou nas sílabas aquilo era como um corpo de palavras incompreensíveis, impronunciáveis, quanto mais estranhas melhor. As linhas de maus versos que vinham em seguida eram igualmente esotéricas; parece que a teoria era que o estudante que decodificasse aquilo conseguiria decodificar qualquer coisa. Máximas e versos vinham em seguida, baseados em fábulas e mitos. Um aluno podia ser chamado para narrar uma fábula de Esopo com suas próprias palavras, na forma mais simples, e uma segunda vez com grandiloquência. Personagens mais complexas vinham mais tarde. Ela podia escrever como Aquiles, no momento de ser morto, ou ser chamada a reproduzir uma trama de Eurípides. As lições não eram fáceis, e não tinham a intenção de sê-lo. Aprender era coisa séria, compreendendo infindáveis exercícios, infinitas regras, longas horas. Não havia algo como fins de semana; estudava-se todos os dias, menos nos dias de festivais, que ocorriam com abençoada regularidade em Alexandria. Duas vezes por mês, todos interrompiam seus afazeres em honra de Apolo. A disciplina era severa. "O ouvido do jovem fica nas costas; ele escuta quando

apanha”, diz um velho papiro. Nesse adágio, o dramaturgo Menandro injetou causa e efeito: “Quem não apanha, não pode ser educado.”<sup>34</sup> Gerações de escolares escreveram aplicadamente essa frase na cera vermelha do centro de seus tabletas de madeira com os buris de marfim.

Mesmo antes de se formar em sentenças, mesmo antes de aprender a ler, o caso de amor com Homero havia começado. “Homero não era um homem, mas um deus” é uma frase que figura entre as primeiras lições de escrita, assim como os primeiros cantos da *Ilíada*. Nenhum texto penetrava mais absolutamente o mundo de Cleópatra. Numa época apaixonada por história e calibrada pela glória, a obra de Homero era a Bíblia do momento. Ele era o “príncipe da literatura”;<sup>35</sup> seus 15.693 versos forneciam contexto moral, político, histórico e religioso, os grandes feitos e os princípios dominantes, o atlas intelectual e a bússola moral. O homem educado o citava, parafraseava, aludia a ele. Era inteiramente justificado dizer que crianças como Cleópatra eram — como um quase contemporâneo afirmou — “amamentadas no aprendizado de Homero e enfaixadas em seus versos”.<sup>36</sup> Acredita-se que Alexandre, o Grande, dormia sempre com um exemplar de Homero debaixo do travesseiro; qualquer grego letrado, Cleópatra inclusive, era capaz de recitar de cor alguma parte da *Ilíada* e da *Odisseia*. A primeira era mais popular no Egito de Cleópatra — podia parecer uma história mais pertinente para uma época turbulenta —, mas desde tenra idade ela saberia literariamente o que viria a descobrir empiricamente aos 21: havia dias em que se sentia vontade de guerrear e dias em que se precisava apenas ir para casa.

Num primeiro nível, a doutrinação começava com listas de vocabulário, de deuses, heróis, rios. Em seguida, vinham tarefas mais sofisticadas. Que música cantavam as sereias? Penélope era casta? Quem era a mãe de Heitor? A intrincada genealogia dos deuses haveria de apresentar pouca dificuldade para uma princesa ptolomaica, diante de cuja história a deles empalidecia e com as quais cruzava; para Cleópatra, a fronteira entre humano e divino era fluida. (As lições de sala de aula fundiam-se com sua história pessoal no estudo de Alexandre, o outro herói importante nas salas de aula.

Cleópatra devia conhecer a história dele de trás para frente, assim como devia conhecer cada feito de seus ancestrais ptolomaicos.) As primeiras questões eram repetitivas, o cérebro fundamentalmente mais retentivo. A memorização era crucial. Quais deuses ajudam quem? Qual foi a rota de Ulisses? Era com esse tipo de material que enchiam a cabeça de Cleópatra; isso passava por erudição em sua época. E não teria sido fácil escapar disso. O séquito real incluía filósofos, retóricos e matemáticos, ao mesmo tempo mentores e criados, companheiros intelectuais e conselheiros confiáveis.

Homero era o padrão dourado, mas atrás dele vinha um vasto catálogo de literatura. É evidente que os animados dramas domésticos de Menandro eram favoritos na sala de aula, embora seja claro também que dramaturgos cômicos fossem menos lidos depois. Cleópatra conhecia as fábulas de Esopo, assim como conhecia Heródoto e Tucídides. Lia mais poesia que prosa, embora seja possível que ela conhecesse os textos que lemos hoje como Eclesiastes e Macabeus I. Entre os dramaturgos, Eurípides era o favorito estabelecido, sutilmente adequado à época, com sua coleção de mulheres transgressivas que, confiáveis, fornecem o cérebro da ação. Ela devia conhecer várias cenas de cor. Ésquilo e Sófocles, Hesíodo, Píndaro e Safo deviam ser familiares a Cleópatra e à rodinha de meninas bem-nascidas à sua volta. Tanto para ela como para César havia pouco interesse no que não fosse grego. É provável até que ela tenha aprendido a história egípcia em três textos gregos. Alguma formação em aritmética, geometria, música, astrologia e astronomia (estas duas em grande parte indistintas uma da outra) acompanhava os estudos literários, embora subordinada a eles: Cleópatra sabia a diferença entre uma estrela e uma constelação e provavelmente era capaz de dedilhar uma lira. Nem mesmo Euclides seria capaz de responder ao estudante que perguntasse qual exatamente poderia ser a utilidade da geometria.

Cleópatra não enfrentava esses textos sozinha. Ela lia em voz alta, ou ouvia a leitura feita por professores ou criados. A leitura silenciosa era menos comum, tanto em público como na vida privada. (Um rolo de papiro do tamanho de vinte folhas era ao mesmo tempo desajeitado e frágil. Ler era uma operação que exigia

ambas as mãos: equilibrava-se o rolo com a direita e enrolava-se a parte usada com a esquerda.) Um gramático ou um acompanhante a ajudaria a decodificar as primeiras frases, uma tarefa complicada numa linguagem sem interrupção entre palavras, nem pontuação, nem parágrafos. Com boa razão, a leitura visual era considerada uma proeza, ainda mais quando devia ser feita com verve e expressão, enunciação cuidadosa e gestos eficientes. Aos treze ou catorze anos, Cleópatra formou-se no estudo de retórica ou de falar em público, ao lado da filosofia, a arte maior e mais poderosa, como o tutor de seu irmão demonstrou claramente à chegada de Pompeu. Em algum momento, Teódoto pode ter sido tutor de Cleópatra também. Seu tutor devia ser dedicado, muito provavelmente um eunuco.

O mestre de retórica trabalhava com verdadeira mágica. Embora menos no tocante às moças, a cultura de Cleópatra era voltada ao discurso, valorizava uma boa discussão, as belas artes da persuasão e da refutação. Declamava-se com um vocabulário codificado e um arsenal de gestos, em algo como um cruzamento entre as leis do verso e as leis dos procedimentos parlamentares. Cleópatra aprendeu a organizar seus pensamentos com precisão, expressá-los artisticamente e pronunciá-los com elegância. O conteúdo seria menos importante que a expressão, “pois”, observava Cícero, “assim como a razão é a glória do homem, a luz da razão é a eloquência”.<sup>37</sup> Cabeça erguida, olhos brilhantes, voz cuidadosamente modulada, ela dominava o louvor, a censura, a comparação. Em linguagem firme e vigorosa, recorrendo a um tesouro de anedotas e alusões, ela deve ter aprendido a discursar sobre uma variedade de assuntos espinhosos: por que Cupido é representado como um menino alado com flechas? É preferível a vida no campo ou na cidade? A Providência governa o mundo? O que você diria se fosse Medeia, no momento de assassinar seus filhos? As perguntas eram as mesmas em toda parte, embora as respostas pudessem variar. Certas questões — “É justo matar sua mãe se ela assassinou seu pai?”, por exemplo — podiam ser tratadas de modo diferente na família de Cleópatra. E, apesar da qualidade repetitiva, a história se infiltrava depressa nos exercícios. Logo os estudantes estariam debatendo se

César devia ter castigado Teódoto, aquele que formulara a frase “os mortos não mordem”.<sup>38</sup> A morte de Pompeu havia sido efetivamente um presente para César? E a questão da honra? César devia ter matado o conselheiro de Ptolomeu para vingar Pompeu, ou fazê-lo sugeriria que Pompeu não merecia ter morrido?<sup>f</sup> Seria sábio guerrear com o Egito num tal momento?

Esses argumentos tinham de ser expostos com coreografia específica e exata. Cleópatra aprendia quando respirar, fazer pausas, gesticular, acelerar, subir ou baixar a voz. Tinha de ficar ereta. Não girar os polegares. Considerando-se que o material bruto não fosse defeituoso, era o tipo de educação que garantia a produção de um orador vivo, persuasivo, além de fornecer a esse orador amplas possibilidades de exhibir a sutileza de sua mente e a vivacidade de seu humor, tanto em ambientes sociais como em procedimentos judiciais. “A arte de falar”<sup>39</sup>, afirmou-se mais tarde, “depende de muito esforço, estudo contínuo, diversos tipos de exercícios, longa experiência, sabedoria profunda e infalível senso de estratégia.” (Afirmou-se também que esse exigente curso de estudos se prestava igualmente bem à corte, ao palco ou aos desvarios de um lunático.)

Cleópatra chegou ao fim de seu treinamento justamente quando seu pai sucumbia a uma doença fatal, em 51. Numa cerimônia solene, diante do sumo sacerdote egípcio, ela e seu irmão subiram ao trono, provavelmente no final da primavera. Se a cerimônia obedeceu à tradição, foi realizada em Mênfis, a capital espiritual do Egito, onde uma passarela ladeada por esfinges atravessava as dunas levando ao templo principal, com panteras e leões esculpidos em calcário, capelas gregas e egípcias, pintadas com cores vivas e adornadas com estandartes brilhantes. Entre nuvens de incenso, Cleópatra recebeu as coroas de serpente do Alto e do Baixo Egito de um sacerdote com uma longa túnica de linho e uma pele de pantera sobre os ombros. Ela fez seu juramento dentro do santuário, em língua egípcia; só então o diadema foi posto em sua cabeça. A nova rainha tinha dezoito anos, Ptolomeu XIII era oito anos mais novo. No geral, sua época era precoce. Alexandre, o Grande, foi general aos dezesseis anos, senhor do mundo aos vinte. E, conforme se observou mais tarde em relação a Cleópatra, “certas mulheres são

mais jovens aos setenta do que a maioria das mulheres aos dezessete”.<sup>40</sup>

Como ela se saiu é fácil de constatar. A cultura era oral. Cleópatra sabia falar. Mesmo seus detratores davam-lhe notas altas por sua destreza verbal. Os “olhos brilhantes”<sup>41</sup> nunca são mencionados sem igual tributo a sua eloquência e seu carisma. Ela possuía dotes naturais para declamar, com uma voz rica, aveludada, uma presença marcante, capaz tanto de avaliar quanto de agradar a seu público. Sob esse aspecto, tinha vantagens que César não tinha. Por mais que Alexandria pertencesse ao mundo grego, por acaso estava na África. Ao mesmo tempo, estava no Egito, mas não era do Egito. Viajava-se de um mundo a outro como hoje se viaja entre Manhattan e os Estados Unidos, embora com uma troca de língua no caso antigo. Desde o começo, Cleópatra estava acostumada a se apresentar diante de uma dupla plateia. Sua família dominava um país que mesmo no mundo antigo assombrava por sua antiguidade. Sua língua era a mais antiga que se conhecia. Essa língua era também formal e confusa, com uma escrita particularmente difícil. (A escrita era demótica. Os hieróglifos eram usados exclusivamente em ocasiões cerimoniais; mesmo o literato só conseguia decifrá-los em parte.<sup>42</sup> É pouco provável que Cleópatra conseguisse lê-los com facilidade.) Era muito mais exigente do que o grego, língua dos negócios e da burocracia na época de Cleópatra, e que era fácil para um falante do egípcio. Os falantes do egípcio aprendiam grego, mas é raro que alguém se aventurasse na direção contrária. Ao penoso estudo do egípcio, porém, Cleópatra se aplicava com afinco. Considera-se que ela foi a primeira e única dos Ptolomeus a se dar o trabalho de aprender a língua dos 7 milhões de pessoas que governava.<sup>43</sup>

A proeza foi lindamente recompensada. Enquanto os Ptolomeus anteriores comandavam exércitos por meio de intérpretes, Cleópatra se comunicava diretamente. Para alguém que recrutou mercenários entre sírios, medas e trácios, isso era uma nítida vantagem, como seria para qualquer pessoa com ambições imperiais. Era uma vantagem também num âmbito mais restrito, numa cidade cosmopolita inquieta, de grande diversidade étnica, para a qual

convergiam imigrantes de todo o Mediterrâneo. Um contrato alexandrino podia compreender sete nacionalidades diferentes.<sup>44</sup> Não era raro ver um monge budista nas ruas da cidade, lar da maior comunidade de judeus fora da Judeia, uma comunidade que devia somar quase um quarto da população de Alexandria. O lucrativo comércio de luxo do Egito era com a Índia; sedas lustrosas, especiarias, marfim e elefantes viajavam pelo mar Vermelho e pelas rotas de caravanas. Havia muitas razões para Cleópatra dominar especialmente as línguas da região costeira. Plutarco atribuía a ela nove línguas, inclusive o hebraico e o troglodita, uma língua etíope que, a se dar crédito a Heródoto, era “diferente da língua de qualquer outro povo; soando mais como guinchos de vampiros”.<sup>45</sup> Claro que a performance de Cleópatra era mais melíflua. “Era um prazer meramente ouvir o som de sua voz”,<sup>46</sup> observa Plutarco, “com a qual, como um instrumento de muitas cordas, ela passava de uma língua a outra; de forma que havia poucas nações bárbaras a que se dirigisse através de um intérprete; com a maioria ela falava pessoalmente.”

Plutarco silencia sobre a questão do latim de Cleópatra, a língua de Roma, pouco falada em Alexandria. Ambos notáveis oradores, ela e César sem dúvida se comunicavam num grego muito similar.<sup>47</sup> Mas a divisão linguística falava muito da situação difícil em que Cleópatra se encontrava, assim como de seu legado e de seu futuro. Uma geração antes, um bom romano evitaria o grego sempre que possível, chegando ao ponto de fingir ignorância. “Quanto mais sabemos grego”, dizia o ditado, “mais malandros nos tornamos.”<sup>48</sup> Era uma língua de arte elevada e moral baixa, dialeto de manuais sexuais,<sup>49</sup> uma língua “com seus próprios dedos”.<sup>50</sup> Os gregos cobriam todas as áreas, como observou um acadêmico posterior, “inclusive algumas que eu acho melhor não explicar em classe”.<sup>51</sup> 9 A geração de César, que aperfeiçoou sua educação na Grécia ou com tutores falantes do grego, dominava ambas as línguas com igual finura, com o grego — de longe a língua mais rica, mais nuançada, mais sutil, doce e obsequiosa — fornecendo sempre a *mot juste*. Na época do nascimento de Cleópatra, um romano educado dominava ambas. Por um breve momento, pareceu que poderia ser possível

um Leste e Oeste falantes de grego. Duas décadas depois, Cleópatra negociaria com romanos que estavam pouco à vontade com a língua dela. Ela faria sua última cena em latim, que certamente falava com sotaque.

Esteta e patrono das artes, sob o domínio do qual Alexandria conheceu o início de um renascimento intelectual, Auletes cuidou para que sua filha recebesse educação de primeira classe. Cleópatra daria continuidade à tradição, contratando um notável tutor para sua própria filha. E não estava sozinha nisso. Embora de forma alguma as meninas fossem todas educadas, elas frequentavam escolas, participavam de competições de poesia, tornavam-se acadêmicas. Não poucas filhas bem-nascidas do século I, inclusive aquelas que não estavam sendo moldadas para o trono, avançavam muito nos estudos, mesmo que não até o fim no rigoroso treinamento retórico. A filha de Pompeu teve um bom tutor e recitava Homero para seu pai. Na opinião dos peritos, a filha de Cícero era “extremamente culta”.<sup>52</sup> A mãe de Bruto era igualmente bem-versada em poetas gregos e latinos. Alexandria contava com sua cota de mulheres matemáticas, médicas, pintoras e poetas. Isso não queria dizer que essas mulheres estivessem acima de qualquer suspeita. Como sempre, uma mulher educada era uma mulher perigosa. Mas no Egito não era uma fonte tão grande de desconforto como em outras partes.<sup>h</sup> Cornélia, a bela esposa de Pompeu, que estava a poucos metros de distância quando cortaram a cabeça de seu marido em Pelúcio — ela gritou de horror —, teve formação similar à de Cleópatra. Era “altamente educada, tocava bem o alaúde e entendia de geometria, crescera acostumada a ouvir as palestras de filosofia com proveito; tudo isso, também, sem de forma alguma se tornar desagradável ou pretensiosa, como ficam às vezes as moças que seguem esses estudos”.<sup>53</sup> A admiração era cheia de ressentimento, mas era admiração de qualquer modo. Sobre a esposa de um cônsul romano admitia-se, logo depois que Cleópatra se apresentou a César naquele outono, que apesar de todos os seus dotes perigosos, “ela era uma mulher de não poucos recursos;<sup>54</sup> sabia escrever versos, gracejos ligeiros e usar linguagem que era modesta, ou terna, ou

licenciosa; em resumo, ela possuía um alto grau de humor e encanto”.



Para César, portanto, Cleópatra era sob vários aspectos profundamente familiar. Era também uma ligação viva com Alexandre, o Grande, o raro produto de uma civilização altamente refinada, herdeiro de uma fabulosa tradição intelectual. Os alexandrinos já estudavam astronomia quando Roma era pouco mais que uma aldeia. O que reviveu com o Renascimento foi, sob muitos aspectos, a Alexandria que os antepassados de Cleópatra construíram. De alguma forma, apesar dos anos de selvageria e de ausência de registros culturais macedônios, os Ptolomeus estabeleceram em Alexandria o maior centro intelectual de seu tempo, que começou onde Atenas terminou. Quando Ptolomeu I fundou a biblioteca, ele havia decidido reunir todos os textos que existissem, e para tal fim fez consideráveis progressos. Sua fome de literatura era tal que se dizia que ele tomava todos os textos que chegassem na cidade, às vezes devolvendo cópias no lugar. (Ele também oferecia recompensas por contribuições. Consequentemente, textos espúrios se materializavam na coleção alexandrina.) Fontes antigas indicam que a grande biblioteca continha 500 mil rolos, que pode parecer um descabido exagero; 100 mil deve ficar mais perto da verdade. De qualquer forma, a coleção superava todas as bibliotecas anteriores e compreendia todos os volumes escritos em grego. Em nenhuma outra parte esses textos eram mais acessíveis ou mais bem-organizados do que na grande biblioteca de Alexandria, por ordem alfabética e por assunto, ocupando cubículos individuais.

Nem corriam esses textos qualquer perigo de acumular poeira. Ligado à biblioteca, perto ou dentro do complexo do palácio, ficava o museu, um instituto de pesquisa subsidiado pelo Estado.<sup>55</sup> Enquanto os professores em outras partes do mundo helenístico eram pouco valorizados — “ele morreu ou está dando aula em algum lugar”,<sup>56</sup> dizia um ditado; o professor ganhava pouco mais que um

trabalhador não qualificado —, os acadêmicos reinavam supremos em Alexandria. Essa comunidade era mimada pelo Estado, ocupando gratuitamente luxuosas acomodações, alimentada num vasto salão de jantar comunal. (De qualquer forma, isso era fato até cem anos antes de Cleópatra, quando seu bisavô resolveu que já bastava daquela classe politicamente estrepitosa e emagreceu suas fileiras, dispersando o que havia de melhor e mais brilhante pelo mundo antigo.) Durante séculos, tanto antes como depois de Cleópatra, a coisa mais impressionante que um médico podia dizer era que tinha estudado em Alexandria. Era onde se esperava que os tutores de seus filhos tivessem estudado.

A biblioteca era o orgulho do mundo civilizado, uma lenda enquanto durou. Na época de Cleópatra, não estava mais no auge, seu trabalho havia deteriorado dos estudos originais para o tipo de classificação e catalogação maníacos que nos deram as sete maravilhas do mundo. (Uma obra-prima bibliográfica catalogava “Pessoas eminentes em todo ramo de conhecimento”, com listas alfabéticas de seus escritos, divididos por assunto. O estudo somava 120 volumes.) A instituição continuou, mesmo assim, a atrair as grandes mentes do Mediterrâneo. Seu patrono era Aristóteles, cuja escola e biblioteca eram seu modelo, e que havia, não por acaso, ensinado tanto Alexandre, o Grande, como seu amigo de infância, Ptolomeu I.

Foi em Alexandria que se mediu pela primeira vez a circunferência da Terra, que se fixou o Sol como centro do sistema solar, que se esclareceu o funcionamento do cérebro e do pulso, que se estabeleceram os fundamentos da anatomia e da fisiologia, que se produziram as edições definitivas de Homero. Foi em Alexandria que Euclides codificou a geometria. Se fosse possível dizer que todo o conhecimento do mundo antigo havia sido coletado em único lugar, esse lugar era Alexandria. Cleópatra foi beneficiária direta disso. Ela sabia que a Lua afetava as marés, que a Terra era esférica e girava em torno do Sol. Sabia da existência do equador, conhecia o valor de  $\pi$ , a latitude de Marselha, o comportamento da perspectiva linear, a utilidade de um condutor de raios. Sabia que se podia navegar da Espanha para a Índia, uma viagem que não seria feita ainda por

mais 1.500 anos, embora ela própria pensasse fazê-la, em sentido contrário.

Então, para um homem como César, altamente culto, fascinado por Alexandre, o Grande, e que alegava ser descendente de Vênus, todos os caminhos, míticos, históricos, intelectuais, levavam a Alexandria. Como Cleópatra, sua formação era de primeira classe, sua curiosidade voraz. Ele conhecia poetas. Era um leitor onívoro. Embora se dissesse que os romanos não tinham gosto pelo luxo pessoal, nisso César era, como em tantos outros aspectos, uma exceção. Mesmo em campanha ele era um insaciável colecionador de mosaicos, mármore e pedras preciosas. Atribuiu-se a invasão da Inglaterra a seu interesse por pérolas de água doce.<sup>57</sup> Seduzido por opulência e linhagem familiar, ele se demorara em cortes orientais antes, para sua vergonha pelo resto da vida. Poucas acusações o desconcertavam mais do que a de ter prolongado sua estada no que é hoje o norte de Turquia em razão de seu caso com o rei de Bitínia. César era de nascimento ilustre, um orador talentoso, e um oficial elegante, mas essas distinções perdiam o sentido se comparadas a uma mulher que, mesmo que inventivamente, descendia de Alexandre e, no Egito, era não apenas real, mas divina. César chegou perto de ser deificado nos últimos anos de sua vida. Cleópatra nasceu deusa.

E sua aparência? Os romanos que preservaram a história de Cleópatra nos falam de seus modos licenciosos, dos ardis femininos, da ambição implacável, da depravação sexual, mas poucos louvam sua beleza. Não por falta de adjetivos. Mulheres sublimes entram para o registro histórico. A esposa de Herodes é uma delas. A mãe de Alexandre, o Grande, outra. A rainha da Sexta Dinastia que se pensa ter construído a terceira pirâmide era, como Cleópatra devia saber, "mais valente que todos os homens de seu tempo, a mais bela de todas as mulheres, de pele clara e faces rosadas".<sup>58</sup> Arsínoe II, a intrigante do século III que se casou três vezes, era deslumbrante. A beleza havia abalado o mundo antes; o exemplo de Helena estava à disposição, mas apenas um poeta latino o escolheu,<sup>59</sup> primordialmente para enfatizar o mau comportamento de Cleópatra. Plutarco fala claramente que sua beleza "não era em si

tão notável que não houvesse comparação, ou que não se pudesse vê-la sem ser tocado". Era mais o "contato de sua presença, se se convivia com ela, que era irresistível"<sup>60</sup>. Sua personalidade e suas maneiras, insiste ele, eram nada menos que "fascinantes". No caso de Cleópatra, o tempo fez o contrário de murchar seu fascínio; ele o aumentou. Ela só adquiriu sua beleza anos mais tarde. No século III d.C., ela era descrita como "notável",<sup>61</sup> de aparência requintada. Na Idade Média, era "famosa por nada além de sua beleza".<sup>62</sup>

Como nenhum retrato em pedra dela foi comprovado como autêntico, o dito jocoso de André Malraux continua em parte verdadeiro: "Nefertiti é um rosto sem uma rainha; Cleópatra é uma rainha sem rosto." Mesmo assim, algumas questões podem ser resolvidas. Seria uma surpresa que ela fosse qualquer coisa que não pequena e flexível, embora os homens da família tendessem para a gordura, senão para a total obesidade. Mesmo admitindo a mensagem autoritária que ela pretendia irradiar e que a gravação é ruim, os retratos em moedas sustentam a afirmação de Plutarco de que ela não era, de forma alguma, uma beleza convencional. Ela exibia uma versão reduzida do nariz adunco de seu pai (tão comum que existe uma palavra em grego para isso), lábios carnudos, queixo forte, proeminente, testa alta. Os olhos eram grandes e afundados. Embora houvesse mulheres da família ptolomaica de cabelos claros e pele clara, Cleópatra VII muito provavelmente não estava entre elas. É difícil acreditar que o mundo fosse falar sobre "aquela mulher egípcia" se ela fosse loira. A expressão "pele cor de mel" é recorrente na descrição de seus parentes e é de se presumir que se aplicasse também a ela, apesar das inexatidões que cercam sua mãe e avó paterna. Com certeza havia sangue persa na família, mas até mesmo uma amante egípcia é raridade entre os Ptolomeu. Ela não tinha a pele escura.

Com certeza seu rosto em nada comprometia o charme indiscutível, o humor fácil, os sedosos poderes de persuasão; César era exigente quanto a aparência. Para ele, havia também outras considerações. Há muito era já claro que o caminho para o coração de Pompeu passava pela lisonja, o caminho para o de César pela propina. Ele gastava bastante e além de seu orçamento. As pérolas

de uma amante custaram o equivalente ao que 1.200 soldados profissionais ganhavam num ano. Depois de mais de dez anos de guerra, ele tinha um exército a pagar. O pai de Cleópatra deixara uma dívida colossal, que César falava em cobrar na chegada. Ele acabaria perdendo metade, o que deixava um balanço astronômico de cerca de 3 mil talentos. César tinha gastos e gostos extravagantes, mas o Egito tinha, César sabia disso, um tesouro à altura. A mulher cativante diante dele, que falava tão bem, ria tão fácil, que vinha de uma cultura antiga, cheia de realizações, que vivia numa opulência que fazia seus contemporâneos se roerem de inveja, que tão artisticamente superara um exército, era uma das duas pessoas mais ricas do mundo.

Ao voltar ao palácio, a outra pessoa ficou horrorizada ao ver sua irmã com César. Saiu intempestivamente, para ter um ataque de raiva na rua.

## Notas

- a Ptolomeu XIII assistiu ao assassinato da praia, mas, por sua participação, conquistou um lugar permanente no nono círculo do inferno de Dante. Lá está em companhia de Caim e de Judas.
- b Nisso não estavam sozinhos. Segundo um relato, Alexandre, o Grande, havia consultado um famoso oráculo a respeito de sua ascendência. Ele tinha algumas dúvidas, coisa que geralmente acontece quando se diz que sua mãe se acasalou com uma serpente. Sabiamente, ele deixou seu séquito fora do templo e ofereceu uma propina antecipada: o oráculo garantiu que ele era filho de Zeus.
- c Devido à genealogia congestionada, Ptolomeu VIII era bisavô de Cleópatra três vezes e duas vezes seu trisavô.
- d A família de Alexandre, o Grande, tem duas Cleópatras, a última mulher de seu pai e uma irmã dois anos mais nova que Alexandre. Ambas foram assassinadas por membros da família.
- e Também não é claro se ela era mãe de Cleópatra, embora se Cleópatra fosse ilegítima é pouco provável que isso tivesse escapado a seus detratores.
- f Teódoto escapou, mas foi perseguido. Na época em que seu nome começou a aparecer nas discussões de sala de aula, havia sido crucificado.

- g A história é paralela à dos franceses em solo norte-americano. Nos Estados Unidos do período colonial, a língua do Velho Mundo dissoluto era um veículo de contágio; onde havia franceses, era certo haver depravação e frivolidade. No século XIX, o francês era o agente indispensável da alta cultura, da expressão mais plena, do vocabulário mais rico, de alguma forma muito superior em suas nuances e sua flexibilidade. Essa admiração chegou a beirar o ressentimento, ao qual finalmente sucumbiu. Um movimentado século depois, o francês era visto como ultrapassado, prolixo, altamente irrelevante, uma afetação.
- h A versão helenística da “grávida descalça na cozinha” era um epíteto romano: “Ela adorava o marido, deu-lhe dois filhos, cuidava da casa e trabalhava com lã.” (Citado em Finley, M.I. Aspects of Antiquity. Londres, Chatto, 1968, p.142.)

— III —

## CLEÓPATRA CAPTURA O VELHO COM MÁGICA<sup>1</sup>



*"Uma mulher que é generosa com seu dinheiro deve ser louvada; mas não se ela é generosa com sua pessoa."*

QUINTILIANO<sup>2</sup>

Muito pouca coisa sobre o século I a.C. era original; a época se distingue sobretudo por sua compulsiva reciclagem de temas familiares. De forma que quando uma mocinha fogosa se apresenta diante de um homem do mundo astuto e muito mais velho, o crédito pela sedução pertence a ela. Já naquela época esse tipo de encontro provocava falação, como continuaria a fazer por diversos milênios. Na verdade, não é claro quem seduziu quem, assim como não é claro quando César e Cleópatra caíram um nos braços do outro. Havia muita coisa em jogo de ambos os lados. Plutarco coloca o indômito general desarvorado diante da sedutora de 21 anos. Em dois rápidos passos ele é "cativado" por sua astúcia e "dominado" por seu charme:<sup>3</sup> Apolodoro veio, César viu, Cleópatra conquistou, uma sequência de eventos que não resulta necessariamente a favor dela. No relato de Dio — que deve ser inspirado no de Plutarco, que o precedeu em um século —, ele também reconhece o poder de Cleópatra para subjugar um homem com o dobro de sua idade. Seu César fica instantânea e inteiramente escravizado. Dio deixa, porém, uma insinuação de cumplicidade de parte do romano, conhecido por ser bem chegado ao sexo oposto "a tal ponto que ele tinha suas intrigas com muitas outras mulheres — com todas, sem dúvida, que

cruzavam seu caminho". Isso atribui a César uma certa atividade, em vez de deixá-lo indefeso nas mãos de uma sereia dissimulada e irresistível. Dio propõe também uma cena mais elaborada. No palácio, Cleópatra tem tempo de se arrumar. Ela aparece "no estilo mais majestoso e ao mesmo tempo desamparado", uma ordem um tanto estranha. Seu César se torna um devoto "ao vê-la e ao ouvi-la dizer umas poucas palavras", palavras que Cleópatra sem dúvida escolheu com grande cuidado. Ela nunca antes havia encontrado um general romano e não fazia muito ideia do que esperar. Devia saber apenas que, no pior dos casos, seria preferível ser feita prisioneira por Júlio César que por seu próprio irmão.<sup>a</sup>

Em todos os relatos, Cleópatra estabeleceu com facilidade algum tipo de acordo com César, que logo passou a agir "como advogado da própria mulher de que, anteriormente, ele pensara ser juiz"<sup>4</sup>. A sedução pode ter levado algum tempo, ou, pelo menos, mais que a primeira noite da lenda; não temos prova de que a relação foi imediatamente sexual. À luz do dia —

se não necessariamente da manhã depois da chegada nada ortodoxa e espetacular —, César propôs uma reconciliação entre Cleópatra e Ptolomeu, "com a condição de que ela reinasse como parceira dele no reino".<sup>5</sup> Isso não era, de jeito nenhum, o que os conselheiros do irmão dela estavam esperando. Eles tinham as cartas na mão. Acreditavam ter assinado um pacto com César na praia em Pelúcio.<sup>6</sup> Nem contavam com a inesperada aparição de Cleópatra no palácio.

O jovem Ptolomeu deve ter ficado mais surpreso de encontrá-la ali do que o próprio César. Furioso por ter sido ludibriado, recorreu a um comportamento que sugere que precisava muito de uma consorte: caiu em prantos. Em sua raiva, saiu correndo pelos portões, para o meio da multidão lá fora. Em meio a seus súditos, rasgou a fita branca da cabeça e jogou-a no chão, uivando que a irmã o tinha traído. Os homens de César o dominaram e o levaram de volta para o palácio, onde ficou em prisão domiciliar. Levaram mais tempo para apaziguar a violência na rua, muito encorajada, nas semanas seguintes, por Potino, o eunuco, que havia liderado o movimento para depor Cleópatra. A gloriosa carreira da rainha teria

terminado ali se ela não tivesse assegurado o favor de César. Atacado como foi por terra e por mar, César também podia ter terminado a dele ali. Ele acreditava estar resolvendo uma *vendetta* familiar e não entendeu que, com duas legiões cansadas e sujas,<sup>7</sup> havia incitado uma rebelião de grandes proporções. Cleópatra parece também não tê-lo informado que não contava com o apoio dos alexandrinos.

Apreensivo, César resolveu aparecer diante do povo. De um lugar seguro — parece ter sido um balcão elevado ou uma janela do palácio —, ele “prometeu fazer por eles tudo o que quisessem”.<sup>8</sup> Aí os dotes retóricos bem afiados foram úteis. Cleópatra deve ter instruído César a como aplacar os alexandrinos, mas ele não precisava de tutor para fazer um discurso claro, convincente, caracteristicamente pontuado por gestos de mão vigorosos. Era um gênio reconhecido nesse âmbito, um orador de tom perfeito e um lapidado estilista, insuperável na “habilidade de inflamar as mentes dos ouvintes e conduzi-los na direção que fosse exigida pelo caso”.<sup>9</sup> Ele não fez referência a seu alarme, focalizando de preferência sua negociação com Ptolomeu e afirmando que ele próprio estava “particularmente ansioso por desempenhar o papel de amigo e árbitro”.<sup>10</sup> Parece ter sido bem-sucedido. Ptolomeu concordou com a reconciliação, o que não era uma grande concessão, uma vez que sabia que seus conselheiros continuariam na luta de qualquer modo. No momento, eles estavam secretamente convocando o exército ptolomaico de volta a Alexandria.

César, então, convocou uma assembleia formal, à qual os dois irmãos o acompanharam. Com sua voz aguda e anasalada, ele leu o testamento de Auletes. O pai deles, apontou César, havia determinado claramente que Cleópatra e seu irmão vivessem juntos e governassem em comum, sob a proteção romana. Dessa forma, César concedeu o reino aos dois. É impossível não ver a mão de Cleópatra no que veio em seguida. Para provar sua boa vontade (ou, como na visão de Dio, para acalmar uma multidão explosiva), César foi mais longe. Ele concedeu a ilha de Chipre aos dois outros irmãos de Cleópatra, Arsínoe, de dezessete anos, e Ptolomeu XIV, de doze. O gesto era significativo. Pérola das possessões ptolomaicas, o

Chipre comandava a costa egípcia. Fornecia madeira ao rei egípcio e permitia um quase monopólio de cobre. O Chipre representava também um ponto nevrálgico na história ptolomaica. O tio de Cleópatra havia governado a ilha dez anos antes, quando Roma exigiu dele somas exorbitantes. Ele preferiu veneno a pagamento. Seus bens foram recolhidos e despachados para Roma, onde foram exibidos em desfile pelas ruas. Em Alexandria, seu irmão mais velho, pai de Cleópatra, manteve silêncio, comportamento covarde devido ao qual seus súditos o expulsaram furiosamente do Egito. Cleópatra tinha onze anos na época. É pouco provável que tenha esquecido a revolta e a humilhação.

César conseguiu acalmar o povo, mas não conseguiu neutralizar as hostilidades no tocante a Potino. O ex-tutor não perdeu tempo em agitar os homens de Aquilas. Garantiu a eles que a proposta romana era uma impostura. Será que não percebiam o longo e lindo braço de Cleópatra por trás de tudo? Pode-se entrever uma espécie de testemunho perverso no fato de Potino — que a conhecia bem, intimamente, se de fato foi seu professor — temer a jovem tanto quanto temia o velho romano. Ele jurou que César havia “dado o reino ostensivamente às duas crianças apenas para silenciar o povo”.<sup>11</sup> Assim que pudesse, ele o transferiria para Cleópatra apenas. Havia também um segundo perigo à espreita, tão indicativo da determinação de Cleópatra quanto da falta de determinação de Ptolomeu. E se, enquanto confinada com ele no palácio, aquela mulher matreira conseguisse seduzir seu irmão? O povo nunca se oporia a um casal real, mesmo sancionado por um romano impopular. Tudo estaria perdido, insistiu Potino. Ele traçou um plano, que evidentemente revelou a coconspiradores demais. No banquete realizado para celebrar a reconciliação, o barbeiro de César — havia uma razão para barbearias servirem como correio no Egito ptolomaico — fez uma descoberta surpreendente. Aquele “sujeito ativo, atento”, sempre inquisitivo, descobriu que Potino e Aquilas pretendiam envenenar César. E não contentes com isso, tramavam assassinar Cleópatra também. César não se surpreendeu. Ele vinha dormindo esporadicamente e em horários estranhos para se proteger contra tentativas de assassinato. Cleópatra também deve

ter tido noites inquietas, por mais vigilantes que tivesse como guardas.

César destacou um homem para cuidar do eunuco, o que foi feito. De sua parte, Aquilas estava mais intensamente focalizado no que viria a ser, na estimativa discreta de Plutarco, “uma guerra embaraçosa e problemática”.<sup>12</sup> César tinha 4 mil homens, nada descansados, nem em forma para se sentirem invencíveis. A força de Aquilas era cinco vezes maior e marchava sobre Alexandria. E apesar de todas as pistas que Cleópatra possa ter dado, César não percebia suficientemente a profundidade da malícia ptolomaica. Em nome do jovem rei, César mandou dois emissários com uma proposta de paz. Eram homens de estatura e experiência. Ambos haviam servido eficientemente sob as ordens do pai de Cleópatra. É muito provável que César os tivesse conhecido antes em Roma. Aquilas, que César reconhecia ser “um homem de notável audácia”,<sup>13</sup> entendeu essa aproximação pelo ato de fraqueza que era. Ele assassinou os embaixadores antes que conseguissem sequer entregar a mensagem.

Com a chegada de tropas egípcias à cidade, Aquilas tentou invadir os aposentos de César. Freneticamente, na escuridão da noite, os romanos fortificaram o palácio com trincheiras e uma muralha de três metros. César podia estar isolado, mas se dava o trabalho de combater contra sua vontade. Ele sabia que Aquilas estava recrutando tropas auxiliares em todos os cantos do país. Enquanto isso, os alexandrinos estabeleciam vastas fábricas de munição por toda a cidade; os ricos equipavam e pagavam seus escravos adultos para combater os romanos. Escaramuças irrompiam diariamente. César estava preocupado sobretudo com a água, que era escassa, e com a comida, que não tinha. Potino já havia reforçado sua posição entregando trigo mofado. Como sempre, o bem-sucedido general era um lógico dotado; era essencial que César não ficasse nem isolado, nem vulnerável no lago Mareótis, ao sul da cidade e seu segundo porto. O lago de água doce, brilhante e azul, conectava Alexandria ao interior do Egito por meio de canais; era tão rico e importante quanto os dois portos mediterrâneos. No fronte psicológico, havia outras considerações. César fazia tudo o que podia

para cortejar o jovem rei, por entender “que o nome real tinha grande autoridade sobre o povo”.<sup>14</sup> A todos que pudessem ouvir, ele emitia lembretes constantes de que a guerra não era de Ptolomeu, mas de seus desonestos conselheiros. Os protestos caíam em ouvidos surdos.

Enquanto César cuidava de suprir linhas e fortificações, uma segunda trama se incubava no palácio, onde a atmosfera já devia ser bem carregada, pelo menos entre os irmãos em choque. Arsínoe também tinha um tutor esperto. Esse eunuco então conseguiu que ela escapasse. O golpe sugeria que ou Cleópatra tinha sido negligente (altamente improvável nessas circunstâncias), preocupada com a própria sobrevivência e de seu irmão, ou astutamente enganada. É pouco provável que ela subestimasse sua irmã de dezessete anos. Arsínoe tinha ambição ardente;<sup>15</sup> ela não era o tipo de moça que inspirasse complacência. Claramente não tinha grande fé em Cleópatra, sentimento que provavelmente guardara para si mesma durante semanas.<sup>b</sup> Fora das muralhas do palácio, ela foi mais falante. Era uma Ptolomeu não submissa a um estrangeiro, precisamente aquilo que os alexandrinos preferiam. Eles a declararam rainha — cada irmã tinha tido agora a sua vez —, e o povo se juntou exuberantemente em torno dela. Arsínoe assumiu posição ao lado de Aquilas, à frente do exército. Em seus aposentos no palácio, Cleópatra tinha ainda mais razão para achar mais prudente confiar num romano do que num membro da própria família. Isso também era bem sabido em 48 a.C. “Um amigo leal”, nos lembra Eurípides, “vale 10 mil parentes.”<sup>16</sup>



No ano do nascimento de Cleópatra, Mitrídates, o Grande, o rei pôntico, sugeriu uma aliança com seu vizinho, rei dos partos.<sup>c</sup> Havia décadas que Mitrídates vinha lançando insultos e ultimatos a Roma, que ele sentia estar sistematicamente engolindo o mundo.<sup>17</sup> O flagelo estava agora vindo na direção deles, alertou, e “nenhuma lei, humana ou divina, os impede de tomar e destruir aliados e amigos, os próximos e os distantes, fracos ou poderosos, e de considerar

cada governo que não serve a eles, principalmente as monarquias, como seus inimigos". Não fazia sentido se juntarem? Ele não estava disposto a seguir os passos do pai de Cleópatra. Auletes "evitava hostilidades dia a dia pagando com dinheiro",<sup>18</sup> Mitrídates zombava; o rei egípcio devia se achar esperto, mas estava apenas retardando o inevitável. Os romanos embolsavam seus fundos, mas não ofereciam garantias. Não tinham respeito por reis. Traíam até os que eram amigos. Iam destruir a humanidade ou perecer no processo. Ao longo das duas décadas seguintes, eles de fato procederam à desmontagem do vasto Império Ptolomaico, acontecimentos que Cleópatra deve ter acompanhado de perto. Cirene, Creta, Síria, Chipre tinham ido embora havia tempos. O reino que ela herdaria era pouco maior que quando Ptolomeu I se instalara no trono dois séculos antes. O Egito havia perdido sua "cerca de Estados associados"<sup>19</sup>; estava agora cercado por terras romanas de todos os lados.

Mitrídates avaliou corretamente que o Egito devia sua prolongada autonomia mais aos ciúmes mútuos em Roma do que ao ouro de Auletes. Paradoxalmente, a riqueza do país impedia sua anexação, uma questão levantada em Roma pela primeira vez por Júlio César, quando Cleópatra tinha sete anos. A concorrência de interesses mantinha a discussão em xeque. Nenhuma facção queria que a outra dominasse um reino tão fabulosamente rico, base ideal para derrubar uma república. Para os romanos, o país de Cleópatra continuava a ser um incômodo perene, nas palavras de um historiador moderno "uma perda se destruído, um risco se anexado, um problema para governar".<sup>20</sup>

Desde o começo, Auletes havia se envolvido em uma dança degradante com Roma, cujas indignidades deram o sabor dos primeiros anos de sua filha. Por todo o Mediterrâneo, os governantes miravam essa cidade para ancorar suas pretensões dinásticas; era um abrigo seguro para reis em crise. Um século antes, Ptolomeu VI tinha viajado em farrapos a Roma para se instalar num sótão. Pouco tempo depois, seu irmão mais novo, bisavô de Cleópatra, que desmembrou o próprio filho, fez a mesma viagem. Ele exibiu cicatrizes supostamente infligidas por Ptolomeu VI e implorou

misericórdia ao Senado. Os romanos olhavam com tédio a infundável procissão de suplicantes, injuriados ou não. Recebiam suas petições e tomavam poucas decisões. Em certo ponto, o Senado chegou ao ponto de proibir audiências de apelação. Não havia razão para adotar uma política externa consistente.<sup>21</sup> Quanto à desconcertante questão do Egito, alguns sentiam que seria melhor que o país fosse transformado em um projeto de moradia para os pobres de Roma.

Mais recentemente e menos problematicamente, outro dos tios-avós de Cleópatra formulara uma engenhosa estratégia para se proteger de seu irmão conspirador. Em caso de morte, Ptolomeu X deixava seu reino em testamento para Roma. Esse testamento pairava incomodamente sobre a cabeça de Auletes, assim como sua própria ilegitimidade e sua impopularidade com os gregos alexandrinos. E, como seu domínio do trono era inseguro, ele tinha pouca escolha, além de cultivar favores do outro lado do Mediterrâneo. Isso teve um custo para ele aos olhos romanos, a quem parecia estar condescendendo, e também aos olhos de seus súditos, que não gostavam de ver seu soberano se curvando a estrangeiros. Auletes, além disso, era adepto de uma sabedoria promulgada pelo pai de Alexandre, o Grande: qualquer fortaleza podia ser atacada, contanto que houvesse um jeito de entrar nela com um burro levando uma carga de ouro nas costas. Conseqüentemente, ele se viu preso num círculo vicioso. As cargas do burro exigiram que o pai de Cleópatra taxasse seus súditos mais severamente, o que enfureceu as mesmas pessoas cuja lealdade ele havia trabalhado tão assiduamente para comprar em Roma.

Auletes sabia muito bem o que César, em 48, estava descobrindo em primeira mão: a população alexandrina constituía uma força em si. A melhor coisa que se podia dizer desse povo era que era arguto. Tinha um humor rápido e cortante. Os alexandrinos sabiam dar risada. Eram loucos por drama, como sugeriam os quatrocentos teatros da cidade. Não eram menos competitivos. O gênio para entretenimento abrangia o gosto pela intriga, uma propensão para o tumulto. Para um visitante, a vida alexandrina era "apenas uma festa sem fim,<sup>22</sup> e não uma festa doce ou delicada, mas selvagem e áspera, uma festa de dançarinos, assobiadores e assassinos, todos

combinados”. Os súditos de Cleópatra não tinham escrúpulos em se aglomerar nos portões do palácio e gritar bem alto suas exigências. Era preciso muito pouco para produzir uma explosão. Durante dois séculos, com toda liberdade, loucamente, tinham deposto, exilado e assassinado Ptolomeus. Haviam forçado a bisavó de Cleópatra a governar com um filho quando ela tentou governar com outro. Tinham expulsado o tio-avô de Cleópatra. Haviam arrastado Ptolomeu XI para fora do palácio e esquartejado membro a membro quando ele assassinou a própria esposa. Para a mentalidade romana, o exército romano não era melhor. Como César observou do palácio: “Esses homens tinham o costume de exigir que amigos do rei fossem executados, saqueavam propriedades dos ricos,<sup>23</sup> sitiavam a residência do rei para conseguir melhores salários e removiam uns e apontavam outros para o trono.” Eram essas as forças em ebulição que César e Cleópatra ouviam diante das muralhas do palácio. Ela sabia que não nutriam por ela nenhuma afeição particular. Seus sentimentos pelos romanos eram igualmente claros. Quando Cleópatra tinha nove ou dez anos, um oficial visitante havia acidentalmente matado um gato, animal sagrado no Egito.<sup>d</sup> Juntou-se uma multidão furiosa, com a qual um representante de Auletes tentou argumentar. Embora fosse um crime para um egípcio, sem dúvida um estrangeiro mereceria isenção especial? Ele não conseguiu salvar o visitante da sede de sangue da turba.

O que Auletes deixou para sua filha foi um ato de equilíbrio precário. Agradar um eleitorado era desagradar o outro. Não obedecer Roma levava a intervenção. Não enfrentar Roma levava a tumultos. (Auletes parece não ter sido muito amado por ninguém, a não ser Cleópatra, que permaneceu sempre leal a sua memória, apesar do custo político dessa lealdade em sua terra.) Os perigos eram múltiplos. O sujeito podia ser removido por Roma, como o tio de Cleópatra, o rei do Chipre, havia sido. Podia ser eliminado — esfaqueado, envenenado, exilado, desmembrado — por sua própria família. Ou podia ser deposto pelo populacho insatisfeito e perturbador. (Havia variações sobre esses temas também. Um Ptolomeu podia ser odiado por seu povo, adorado pelos cortesãos reais; amado pelo povo e traído pela família; ou detestado pelos

gregos alexandrinos e amado pelos egípcios nativos, como era Cleópatra.) Auletes passaria trinta anos cortejando o favor de Roma apenas para descobrir no final que ele devia ter procurado prestígio em casa. Quando escolheu não intervir no Chipre, foi sitiado por seus súditos, que exigiram que ele enfrentasse os romanos ou libertasse seu irmão. Seguiu-se o pânico. Não seria uma história admonitória para o Egito? Auletes fugiu para Roma, onde passou grande parte dos três anos seguintes negociando sua restauração. Era a esses anos que Cleópatra devia a visita de César. Embora Auletes não fosse absolutamente bem-recebido por todos em Roma, poucos — César e Pompeu entre eles — foram capazes de resistir a uma propina grega. Muitos, de bom grado emprestaram dinheiro a Auletes para pagar essas propinas, fundos que ele prontamente aceitou. Quanto mais numerosos seus credores, mais numerosos os que investiam em sua restauração.

Durante boa parte de 57, a batata quente do momento era como lidar (ou não) com os apelos do rei deposto. O grande orador Cícero furtivamente trabalhou horas extras para conduzir amigos pela questão espinhosa, um negócio “demonizado por certos indivíduos, não sem a conivência do próprio rei e de seus conselheiros”.<sup>24</sup> A questão ficou numa encruzilhada por algum tempo. Auletes pode ter ficado na história como um libertino e uma marionete, mas em Roma ele se destacou pela tenacidade e pela mestria nas negociações, para desespero de seus anfitriões. Ele distribuiu panfletos no Fórum e no Senado. Distribuiu liteiras — divãs com toldo, para se viajar esplendidamente pela cidade — a seus apoiadores. A situação se complicou com as rivalidades entre políticos que disputavam a prazerosa recompensa de ajudá-lo; sua restauração resultou num esquema de “fique rico depressa”. Em janeiro de 56, Cícero reclamava que o negócio havia ganhado uma “notoriedade altamente invejável”. Provocou gritos, empurra-empurra, cuspidas no Senado. E o assunto só ficava mais e mais delicado. Para impedir Pompeu ou qualquer outro indivíduo de prestar assistência a Auletes, veio à tona um oráculo religioso. Ele alertava que um rei egípcio não podia ser reconduzido ao poder por um exército romano, ato expressamente proibido pelos deuses. O

Senado respeitou esse subterfúgio, bufou Cícero, “não por religião, mas por má vontade e pelo ódio despertado pela generosidade real”.<sup>25</sup>

Da aventura além-mar de Auletes veio outra lição essencial para a Cleópatra adolescente. Assim que Auletes deixou o país, sua filha mais velha, Berenice IV, usurpou o trono; o prestígio dele era tão baixo que os alexandrinos adoraram trocá-lo por uma adolescente. Berenice contava com o apoio da população nativa, mas sofria com o problema de consorte, problema que falava ao dilema de Cleópatra e que ela abordaria de maneira diferente. Berenice precisava de um corregente desposável. Era uma questão complicada, uma vez que gregos macedônios adequados, bem-nascidos, eram produto raro. (Por alguma razão, ficou decidido que Berenice não consideraria a possibilidade dos irmãos mais jovens, que estariam qualificados como reis.) O povo escolheu por ela, convocando um príncipe selêucida. Berenice achou-o repugnante. Foi estrangulado dias depois da união. A possibilidade seguinte era um ambicioso sacerdote pântico que se orgulhava de duas credenciais significativas: era hostil a Roma e podia passar por nobre. Instalado como corregente na primavera de 56, ele se deu melhor. Enquanto isso, os alexandrinos despachavam uma delegação de 101 embaixadores a Roma, para protestar contra a brutalidade de Auletes e impedir seu retorno. Ele envenenou o líder do grupo e mandou assassinar, subornar ou expulsar da cidade os restantes, antes que pudessem apresentar seus argumentos. Convenientemente, não houve investigação do massacre — do qual Pompeu parece ter sido cúmplice —, mais um tributo à generosidade de Auletes.

As legiões romanas devolveram Auletes ao Egito em 55. Ninguém se encantou muito com a dúbia missão, principalmente porque exigia uma marcha por um deserto escaldante, seguindo por um difícil trajeto entre as areias movediças e os fétidos lagos de Pelúcio. Aulo Gabíneo, governador sírio e protegido de Pompeu, concordou, relutante, em liderar a missão, fosse por razões legítimas (ele temia um governo chefiado pelo novo marido de Berenice), fosse por uma propina quase equivalente à renda anual do Egito, ou a pedido do

empenhado jovem chefe de sua cavalaria, muito enlevado com Auletes. Esse oficial era o desgrenhado Marco Antônio, que deixaria em seu rastro um grande renome para capitalizar mais tarde. Ele lutou valentemente. Também insistiu com Auletes para perdoar o exército desleal na fronteira egípcia. O rei, soando uma vez mais um pouco como um ineficiente diletante, “em sua raiva e rancor”<sup>26</sup> preferia executar esses homens. De sua parte, Gabíneo respeitou meticulosamente o oráculo. Cuidou para que Auletes seguisse sempre em segurança atrás das batalhas efetivas, de forma que não se pudesse afirmar literalmente que ele havia sido reconduzido ao poder por um exército. O rei egípcio foi, de qualquer forma, devolvido ao palácio pelas primeiras legiões romanas a pisarem em Alexandria.

Sobre o encontro com sua família, temos apenas um relato parcial. Auletes executou Berenice. Também retaliou a corte, e reduziu suas posições hierárquicas, confiscando fortunas no processo. Substituiu altos oficiais e reorganizou o exército que se opusera a ele. Ao mesmo tempo, atribuiu terras e pensões às tropas que Gabíneo deixou para trás. As tropas transferiram sua lealdade ao Egito. Era aquela bendita carga do burro outra vez; compensava mais servir a um rei ptolomaico do que a um general romano.<sup>27</sup> Como César observaria depois, aqueles soldados ficaram “acostumados aos modos indisciplinados da vida alexandrina e desaprenderam o bom nome e a conduta ordeira de romanos”.<sup>28</sup> E fizeram isso num tempo excepcionalmente curto. Em seus momentos finais, Pompeu reconheceu um veterano romano entre seus assassinos.

O encontro de Auletes com a segunda filha, provavelmente teve outro sabor. Em vista do fracasso da irmã, Cleópatra, aos treze anos, era agora a primeira na linha sucessória do trono. Ela já havia absorvido muita coisa além do treinamento em declamação, retórica e filosofia. Pode-se dizer que sua educação política estava completa em 56; ela contaria pesadamente com esse capítulo dez anos depois. Ser faraó era bom. Ser amigo e aliado de Roma era melhor. A questão não era como resistir a esse poder à maneira de Mitrídates, que fizera carreira espicaçando, desafiando e

massacrando romanos, mas como melhor manipular esse poder. Felizmente, os políticos romanos eram altamente personalistas, devido aos choques de ambições senatoriais. Com sagacidade era bastante fácil jogar um ator-chave contra o outro. A uma precoce educação em exibicionismo, Cleópatra somava uma introdução de primeira classe à intriga. Ela estava no palácio quando as forças egípcias se fecharam contra seu pai, assim que ele voltou. Em 48, Cleópatra seguia um manual que Auletes havia dado a ela antes, e pela segunda vez via-se num palácio sitiado. Sua aliança com César era descendente direta da aliança de seu pai com Pompeu, sendo a maior diferença o fato de ela ter conseguido em dias o que seu pai levava duas décadas para obter.

Cinco anos depois de sua volta, Auletes morreu de causas naturais. Estava com sessenta e poucos anos e tinha tido muito tempo para preparar sua sucessão. É possível que, como sua filha mais velha sobrevivente, Cleópatra tivesse servido brevemente como corregente em seus meses finais, convencida de que, ao contrário de tantos de seus antecessores, inclusive o próprio Auletes, estava ativamente preparada para o trono. Auletes se afastou da tradição ao deixar o trono para dois irmãos, o que parece indicar que Cleópatra manifestava-se tão excepcionalmente promissora em idade precoce que Auletes sentia que estaria prevenindo um conflito de poder ao apontar os dois conjuntamente, ou que ele acreditava que Cleópatra e Ptolomeu XIII eram inseparáveis, o que não era o caso.<sup>29</sup> O mais provável é que pai e filha fossem especialmente próximos. Ela fazia de tudo para homenageá-lo, acrescentando “filha amorosa” ao seu título e preservando isso, apesar de uma mudança de consorte. Um de seus primeiros atos seria cuidar dos arranjos funerários do pai, um assunto demorado, cheio de incenso e unguento, pontilhado por oferendas e por ruidosas manifestação de lamento. Aos dezoito anos, ela assumiu o papel de rainha com força e vigor.

Quase imediatamente, teve a chance de abraçar a sabedoria de seu pai que, ao chegar ao Egito fizera questão de prestar tributo aos deuses nativos, em pequenas aldeias e centros de culto. Fazê-lo era garantir a devoção da população egípcia. Eles reverenciavam seu

faraó tão absolutamente quanto os desregrados alexandrinos o colocavam à prova. Um Ptolomeu esperto dedicava templos aos deuses egípcios e se filiava a seus cultos; Cleópatra precisava de apoio, de força de trabalho, de população nativa. Bem antes de sua coroação, o touro Buchis tinha morrido. Um dos diversos touros sagrados, ele estava intimamente associado aos deuses do Sol e da guerra; seu culto vicejava perto de Tebas, no Alto Egito. Venerado por toda parte, o touro viajava em barca especial na companhia de uma equipe dedicada. Comparecia a eventos públicos adornado com ouro e lápis-lazúli. Ao ar livre, era guarnecido com uma rede sobre a cara, a fim de não ser incomodado por moscas. Viveu cerca de vinte anos, depois dos quais foi substituído por um sucessor cuidadosamente escolhido, que apresentava as marcas únicas — corpo branco e cara preta — do animal sagrado. Semanas depois da morte de Auletes, Cleópatra aproveitou a oportunidade para navegar com a frota real os quase mil quilômetros rio acima, na direção de Tebas, para liderar uma complexa procissão flutuante. Todos os sacerdotes do Egito convergiram a essa portentosa ocasião, celebrada durante a lua cheia. Em meio a uma multidão de peregrinos, “a rainha, a senhora dos dois reinos, a deusa que ama seu pai”, fez remar seu novo touro até sua instalação na margem ocidental do Nilo, um forte e incomum voto de apoio aos egípcios nativos. Dentro do santuário do templo, em meio a uma turba de funcionários e sacerdotes de túnicas brancas, durante três dias Cleópatra presidiu a entronização do touro. A região era conhecida por ela e a apreciava. Como fugitiva, em 49, ela havia se abrigado ali.

Diversas vezes, nos primeiros anos de seu reinado, ela se inseriu no culto nativo. Prestou assistência também ao enterro do mais importante dos touros sagrados, o de Mênfis.<sup>30</sup> Ela contribuiu com as despesas do culto, que eram altas, e forneceu generosas rações de vinho, feijão, pão e óleo para os funcionários. Não há como questionar que a exibição e a aparição inusitada de um Ptolomeu produziram um efeito: em 51, ao seguir seu trajeto pela alameda ladeada de esfinges até o rico templo pintado, Cleópatra “foi vista por todos”. Temos a descrição disso numa linha de hieróglifos, numa

língua cerimonial com um nítido propósito político, talvez melhor descrito como “orgulho tornado permanente”.<sup>31</sup> Existem também provas da ambição de Cleópatra em seu primeiro ano. O nome de seu irmão está ausente dos documentos oficiais, onde deveria figurar como superior ao de Cleópatra. Ele tampouco tem evidência nas moedas dela; o retrato altivo de Cleópatra aparece sozinho. A cunhagem de moedas se qualifica como uma linguagem também. É a única na qual ela nos fala com sua própria voz, sem intérpretes romanos. Era assim que ela se apresentava aos seus súditos.

Cleópatra não foi muito adepta de assimilar a lição de Berenice. Potino, Aquilas e Teódoto não recebiam bem essa arrogante de pensamento independente, tão decidida a governar sozinha. Tinham um formidável aliado no Nilo, que se recusava a cooperar com a nova rainha. O bem-estar do país dependia inteiramente da altura da enchente; a seca comprometia o suprimento de comida e a ordem social. A enchente de 51 foi pobre, a do verão seguinte um pouco melhor. Os sacerdotes reclamavam de deficiências que os impediam de realizar rituais. Cidades se esvaziavam quando os moradores famintos se despejavam em Alexandria. Ladrões espreitavam a terra. Os preços subiram dramaticamente; a tensão era universal. Em outubro de 50, quando ficou claro que havia necessidade de medidas drásticas, o irmão de Cleópatra voltou à cena. No fim do mês, o casal emitiu um decreto real em conjunto. Redirecionaram trigo e vegetais secos do campo para o norte. Os alexandrinos com fome eram mais perigosos que os aldeões com fome; era do interesse de todos aplacá-los. O edito viria a ser reforçado à maneira tradicional: quem desobedecesse era condenado à morte. Encorajavam-se as denúncias, informantes eram ricamente recompensados. (Um homem livre recebia uma terça parte da propriedade do culpado. Um escravo obtinha um sexto, e a liberdade.) Ao mesmo tempo, Ptolomeu XIII e Cleópatra ofereceram incentivos àqueles que permanecessem no campo para cultivar a terra. Alguma opressão ou alguma coerção teve lugar nesses meses também no palácio. Os dois irmãos podem ter trabalhado em parilha pelo bem do país. Ou Ptolomeu podia estar solapando sua irmã, deixando seus partidários passarem fome em favor dos seus.

Ambos os irmãos emitiram o edito de emergência. O nome de Cleópatra aparece em segundo lugar.

Já em terreno traiçoeiro, duas vezes no ano seguinte ela caiu na armadilha que engolira seu pai. Em fim de junho de 50, dois filhos do governador romano da Síria chegaram a Alexandria, para convencer as tropas que tinham restabelecido Auletes a voltar para casa. Eles eram necessários em outras partes. Esses soldados não tinham interesse em deixar o Egito, onde Auletes havia recompensado generosamente seu serviço e muitos tinham constituído famílias. Eles recusaram enfaticamente o convite, assassinando os filhos do governador. Cleópatra podia ter feito justiça ela própria, mas em vez disso optou por garantir a boa vontade de Roma com um floreio teatral: mandou os assassinos acorrentados para a Síria, ato que, devia saber, teve como preço o apoio do exército. E ela continuou a trocar uma vulnerabilidade por outra. Os pedidos romanos de ajuda militar eram tão comuns em Alexandria quanto os pedidos de intervenções dinásticas em Roma. Não eram universalmente atendidos, embora Auletes tivesse inicialmente conquistado o favor de Pompeu fornecendo-lhe tropas. Em 49, o filho de Pompeu fez pedido semelhante a Cleópatra, solicitando assistência na campanha de seu pai contra César. Cleópatra ofereceu fielmente cereais, soldados e uma frota, tudo num momento de aguda carência agrícola. Isso, muito provavelmente, foi a sua Chipre. Meses depois seu nome desaparece de toda documentação e ela foge para salvar a vida, terminando acampada no deserto sírio com seu bando de mercenários.



Logo depois da chegada de Cleópatra em outubro de 48, César mudou-se da mansão em terreno real para o palácio propriamente dito. Cada geração de Ptolomeus havia ampliado o vasto complexo, tão magnífico no projeto quanto nos materiais. “Faraó” quer dizer “a maior família” em egípcio antigo, e isso os Ptolomeus haviam cumprido. O palácio continha bem mais de cem quartos de hóspedes. César tinha vista para jardins luxuosos com fontes,

estátuas e casas de hóspedes; uma alameda abobadada levava do complexo do palácio para o teatro, que ficava em terreno mais alto. Nenhum monarca helenístico cultivava melhor a opulência do que os Ptolomeus, proeminentes importadores de tapetes da Pérsia, de marfim e ouro, de tartaruga e peles de pantera. Como regra geral, qualquer superfície que pudesse ser ornamentada o era, com granada e topázio, com pintura encáustica, com mosaicos brilhantes, com ouro. Os tetos abobadados eram crivados de ágata e lápis-lazúli. Os capitéis coríntios brilhavam com ouro e marfim. O palácio de Cleópatra exibia a maior profusão de materiais preciosos conhecida no período.

Na medida em que era possível estar confortável quando sitiados, Cleópatra e César estavam bem-acomodados. Nenhum utensílio de mesa ou móvel estofado de seu reduto traía, porém, o fato de que Cleópatra, virtualmente sozinha na cidade, estava ansiosa para que o romano se envolvesse nas questões egípcias. O rumor e o escárnio de fora, o tumulto da rua, as pedras a voar afirmavam isso. A luta mais intensa teve lugar no porto, que os alexandrinos tentaram bloquear. Logo conseguiram atear fogo a diversos navios cargueiros romanos. Além disso, a tropa que Cleópatra havia emprestado a Pompeu tinha voltado. Ambos os lados disputavam o controle daqueles cinquenta quadrirremes e quinquerremes, naves grandes que exigiam quatro e cinco fileiras de remadores. César não podia permitir que os navios caíssem em mãos inimigas se esperava ver provisões ou reforços, que solicitara em todas as direções. Nem podia esperar equipá-los. Estava em número seriamente inferior e em desvantagem geográfica; em desespero, ele ateou fogo aos navios de guerra ancorados. É difícil de imaginar a reação de Cleópatra à medida que as chamas se espalhavam pelas cordas e pelos conveses. Ela não podia escapar das penetrantes nuvens de fumaça, acre com o cheiro de resina, que passavam por seus jardins; o palácio ficou iluminado pelas chamas que queimaram noite adentro. Deve ter sido esse incêndio portuário que tomou uma parte da biblioteca de Alexandria.<sup>32</sup> Cleópatra também não pode ter deixado de saber da intensa batalha que precedeu a conflagração, para a qual toda a cidade se voltou: "E não havia uma alma em

Alexandria, romana ou nativa, exceto aquelas cuja atenção estava empenhada em obra de fortificação ou na luta, que não tenha corrido para os prédios mais altos e assumido seus lugares para assistir o espetáculo de um ponto privilegiado, com votos e preces pedindo aos deuses imortais a vitória para o seu lado.”<sup>33</sup> Em meio à confusão de gritos e muita comoção, os homens de César arrastaram-se até Faros para tomar o grande farol. César permitiu que saqueassem um pouco, depois instalou uma guarnição na ilha rochosa.

Também logo depois da chegada de Cleópatra, César compôs as páginas finais do volume hoje conhecido como *A guerra civil*. Ele devia estar escrevendo sobre esses acontecimentos em algo próximo ao tempo real. Já se sugeriu que ele parou onde parou — com a fuga de Arsínoe e o assassinato de Potino — por razões literárias ou políticas.<sup>34</sup> César não podia discursar com facilidade sobre uma república ocidental em um palácio oriental. Ele também estava, naquela conjuntura de sua narrativa, brevemente em posição dominante. Também é muito provável que César se visse com menos tempo para escrever, se não totalmente ocupado. Ele era, sem dúvida, um homem famoso por ditar cartas de seu lugar no estádio, produzir um texto em latim em viagem para a Gália e um longo poema a caminho da Espanha. O assassinato do eunuco Potino, porém, galvanizou a oposição, que já contava até com as mulheres e as crianças da cidade. Elas não precisavam de telas de vime nem de aríetes, felizes que estavam de se expressar com estilingues e pedras. Saraivadas de mísseis feitos em casa despencavam sobre as paredes do palácio. As batalhas se acendiam noite e dia, enquanto Alexandria ia se enchendo de reforços zelosos, de cabanas de sítio e catapultas de diversos tamanhos. Barricadas de doze metros e largura tripla atravessavam a cidade, transformada em campo armado.

Do palácio, César observou o que havia posto Alexandria no mapa e o que a tornava tão difícil de governar: seu povo tinha recursos infindáveis, sem limites. Seus homens observavam surpresos — e ressentidos porque a engenhosidade devia ser especialidade romana — enquanto os alexandrinos construía torres de assalto de dez

andares. Animais de tiro puxavam essas monumentais construções pelas avenidas retas e pavimentadas da cidade. Duas coisas especialmente surpreendiam os romanos. Tudo acontecia muito depressa em Alexandria. E seus habitantes eram copistas de primeira linha. Repetidamente, estavam um passo na frente de César. Como contou depois o general romano, eles “punham em funcionamento tudo o que nos viam fazer com tamanha perícia que parecia que eram nossas tropas que haviam imitado o trabalho deles”.<sup>35</sup> O orgulho nacional estava em jogo de ambos os lados. Quando César levou a melhor sobre os navegantes alexandrinos numa batalha naval, eles ficaram abalados. Subsequentemente, eles se lançaram à tarefa de construir uma frota. No estaleiro real secreto havia diversos navios velhos, não mais navegáveis. Vieram abaixo colunatas e tetos do estádio, as vigas magicamente transformadas em remos. Em questão de dias, 22 quadrirremes e cinco quinquerremes se materializaram, ao lado de uma porção de navios menores, tripulados e prontos para o combate. Quase do dia para a noite, os egípcios juntaram uma marinha duas vezes maior que a de César.<sup>e</sup>

Insistentemente os romanos chiaram contra a dupla capacidade alexandrina de engano e traição, que em meio a um conflito armado sem dúvida é altamente elogiável. Como para provar isso, Ganimedes, ex-tutor de Arsínoe e novo comandante real, pôs seus homens para trabalhar, cavando poços profundos. Esgotaram o encanamento subterrâneo da cidade, para os quais bombearam água do mar. Rapidamente a água do palácio mostrou-se turva e imprópria para consumo. (Ganimedes podia ou não saber que esse era um velho truque de César, que havia incomodado Pompeu da mesma forma.) Os romanos entraram em pânico. Não faria mais sentido se retirar imediatamente? César acalmou seus homens: a água potável não devia estar longe, uma vez que os veios dela ocorrem com frequência junto ao mar. Um deles ficava logo abaixo da muralha do palácio. Quanto à retirada, não era uma opção. Os legionários não conseguiriam chegar a seus navios antes que os alexandrinos os assassinassem. César ordenou escavações noite e dia, e acabou acertando; seus homens logo localizaram água

potável. Mas continuava sendo verdade que, a seu favor, os alexandrinos tinham grande habilidade e muitos recursos, assim como a mais potente das motivações: sua autonomia estava em jogo. Tinham lembranças nitidamente desfavoráveis de Gabíneo, o general que devolvera Auletes ao trono. Não conseguir expulsar César agora era se tornar uma província de Roma. César só podia lembrar a seus homens que tinham de lutar com igual convicção.

Ele se viu inteiramente na defensiva, talvez outra razão para o relato da Guerra Alexandrina que leva seu nome ter sido escrito por um oficial sênior, baseado em conversas pós-guerra. César de fato controlava o palácio e o farol a leste, mas Aquilas, comandante de Ptolomeu, dominava o resto da cidade e com isso quase todas as posições vantajosas. Seus homens emboscavam persistentemente os suprimentos romanos. Felizmente para César, se havia uma coisa com que podia contar tanto quanto a engenhosidade alexandrina era com a luta interna alexandrina. O tutor de Arsínoe discutiu com Aquilas, a quem acusou de traição. Seguiu-se uma série de conspirações, para grande prazer do exército, que recebia subornos cada vez mais generosos de ambos os lados. Por fim, Arsínoe convenceu seu tutor a assassinar o temível Aquilas. Cleópatra sabia bem o que sua irmã Berenice havia conseguido na ausência do pai; ela havia errado feio ao não conseguir impedir a fuga de Arsínoe.

No fim, Arsínoe e Ganimedes não eram nada favoritos do povo. Isso os alexandrinos deixaram claro quando os reforços estavam chegando e César começou a sentir que a guerra virava a seu favor — apesar de ter sido forçado a atravessar o porto a nado e de uma devastadora perda de homens. Em meados de janeiro, uma delegação veio ao palácio, logo depois do aniversário de 22 anos de Cleópatra. Eles batalharam pela libertação do jovem Ptolomeu. O povo já havia tentado, sem sucesso, libertar seu rei. Agora diziam que estava tudo acabado com sua irmã. Ansiavam pela paz. Precisavam de Ptolomeu “a fim de, como diziam, poderem discutir com ele os termos para se poder chegar a uma trégua”.<sup>36</sup> Claro que ele havia se comportado bem sob guarda. Geralmente, ele não deixava uma impressão de fortaleza ou liderança, embora a petulância lhe viesse naturalmente. César via algumas vantagens em

sua libertação. Se os alexandrinos viessem a se render, ele ia ter de se livrar de alguma forma desse rei incômodo; era claro que Ptolomeu nunca mais poderia governar com a irmã. Em sua ausência, César teria melhor razão para entregar os alexandrinos a Cleópatra. E se Ptolomeu continuasse a lutar — não fica claro se o raciocínio aqui era de César ou atribuído a ele posteriormente —, os romanos estariam fazendo uma guerra que era ainda mais honrosa por ser lutada “contra um rei mais do que contra um bando de refugiados e escravos fugidos”.<sup>37</sup>

César convocou prontamente o irmão de treze anos de Cleópatra para uma conversa. Insistiu com ele para que “pensasse em seu reino ancestral, tivesse piedade de seu glorioso país, que tinha sido desfigurado pela desgraça do fogo e da ruína; que começasse a trazer seu povo de volta à normalidade, e depois o salvasse; e confiasse no povo de Roma e nele próprio, César, que tinha nele tanta fé a ponto de mandá-lo juntar-se a inimigos que estavam em armas”. César então dispensou o rapaz. Ptolomeu não fez nenhum movimento para ir embora; em vez disso, mais uma vez se desmanchou em lágrimas. Implorou a César que não o mandasse embora. A amizade deles significava para ele ainda mais que seu trono. Sua devoção comoveu César que, de olhos também marejados, garantiu a ele que logo se reuniriam. Diante disso, o jovem Ptolomeu partiu para a guerra com uma nova intensidade, o que confirmava que as “lágrimas que derramara ao conversar com César tinham sido obviamente lágrimas de alegria”.<sup>38</sup> Só os homens de César pareciam gratificados com essa virada que esperavam fosse curar seu comandante daquela absurda mania de perdoar. A comédia não teria surpreendido Cleópatra, bem-versada nas artes dramáticas e possivelmente até o cérebro por trás dessa cena. É de se pensar que César tenha libertado Ptolomeu para semear mais discórdia nas fileiras rebeldes. Se o fez (essa interpretação é generosa), Cleópatra provavelmente colaborou na encenação.

Felizmente para César e Cleópatra, um grande exército de reforços se dirigia às pressas para Alexandria. A melhor ajuda vinha de um oficial de alta patente judeu, que chegou com um contingente de 3 mil judeus bem-armados. Ptolomeu partiu para esmagar essa força

quase no mesmo momento em que César partiu para se juntar a ela; fazia algum tempo que ele estava frustrado com a cavalaria egípcia. Todos convergiram para uma batalha feroz a oeste do Nilo, numa localização a meio caminho entre Alexandria e a Cairo dos dias de hoje. As perdas foram grandes de ambos os lados, mas, ao atacar o ponto alto de um acampamento egípcio numa manobra surpresa ao amanhecer, César conseguiu uma rápida vitória. Aterrorizados, os egípcios saltaram em grande número das muralhas de seu forte para as valas circundantes. Alguns sobreviveram. Parece que Ptolomeu não; ele provavelmente foi pouco pranteado, inclusive por seus conselheiros. Como seu corpo nunca apareceu, César empenhou-se especialmente em exibir sua armadura de ouro, que foi encontrada. Os poderes mágicos, rejuvenescedores do Nilo, eram bem conhecidos; o rio já havia transportado rainhas em sacos e bebês em cestos. César não queria uma ressurreição em suas mãos, embora nem mesmo seus esforços meticulosos pudessem impedir o surgimento de um pretense Ptolomeu mais tarde.

Com sua cavalaria, César foi correndo para Alexandria, para receber o tipo de boas-vindas que sem dúvida esperara meses antes: "Toda a população da cidade baixou as armas, deixou suas defesas, assumiu a pose garbosa com que os suplicantes normalmente pedem o perdão de seus senhores e depois de exibir todos os objetos sagrados com cujo respeito religioso costumavam apelar a seus monarcas insatisfeitos ou zangados, foram encontrar César em sua chegada e a ele se renderam."<sup>39</sup> Ele aceitou a rendição elegantemente e consolou o povo. Cleópatra deve ter ficado extasiada; a derrota de César teria sido a dela também. É de se supor que ela tenha recebido a notícia previamente, mas de qualquer modo deve ter ouvido os gritos de saudação quando César se aproximou a cavalo. Suas legiões o receberam no palácio com um ruidoso aplauso. Era 27 de março; o alívio deve ter sido extremo. Os homens de César haviam lhe dado mais de dez anos de serviço e ao chegarem a Alexandria acreditavam que a guerra civil terminara. Não contavam absolutamente com essa última façanha, pouco entendida. E não estavam sozinhos em sua consternação. Roma não recebia notícias de César desde dezembro. O que o mantinha no

Egito, quando tudo estava fora dos eixos em casa? Fosse qual fosse a razão para a demora, o silêncio era inquietante. Devia começar a parecer que o Egito havia reivindicado César como reivindicara Pompeu e, diriam alguns, como de fato acabaria ocorrendo, de um modo inteiramente diferente.

Por que ele ficou? Não existe explicação política convincente para o interlúdio, uma aventura ilógica na vida de um homem lógico acima de tudo. Continua intrigante que o maior soldado desde Alexandre, “um prodígio de atividade e visão”<sup>40</sup> em todas as outras ocasiões, tenha ficado imprevidente e preguiçoso na África. O melhor que se pode dizer da Guerra Alexandrina é que César se saiu de forma brilhante de uma situação em que se colocou de forma idiota.<sup>41</sup> Como explicação, ele citava os ventos do norte, “que sopram absolutamente diretos sobre qualquer pessoa navegando de Alexandria”.<sup>42</sup> Sopravam mesmo, embora uma frase antes César reconheça ter pedido reforços à Ásia, reforços que acabariam salvando a situação. Essa missão teria exigido uma viagem para fora. E semanas depois os ventos estavam fortemente a seu favor. César não recuava: mesmo com um exército esgotado, desmoralizado, ele não era de recuar diante do perigo. Não faz qualquer referência à grande dívida de Auletes, um dos motivos para ter ido até lá, senão para ficar. Como acontece tantas vezes, a questão se resume a amor ou a dinheiro. Não é fácil argumentar contra o primeiro.

Em primeiro lugar, temos o eloquente silêncio de César. Deixamos todo tipo de coisas fora de nossas memórias e César (e seu *ghost-writer*) omitem muitíssimas, sobretudo sua personalidade. César escreveu sobre si mesmo com um severo e clínico distanciamento e na terceira pessoa; seu estilo é tão límpido e desapaixonado a ponto de parecer incontestavelmente verdadeiro. Que pode mesmo ter sido, embora em suas palavras ele nem atravessasse o Rubicão, nem ponha fogo à biblioteca de Alexandria. É inteiramente possível que a última acusação seja exagerada. Os armazéns portuários podem ter sido as únicas coisas incendiadas, o que teria destruído apenas suprimentos de cereais e um número modesto de textos.<sup>f</sup> Da mesma forma, um dos poucos lugares em que Cleópatra deixa de fazer uma

entrada dramática é na *Guerra civil* de César, onde seus encantos são suplantados pelos ventos sazonais. Para um homem casado que uma vez antes já havia sido exposto ao ridículo por sua estada numa corte oriental, para um gênio militar que cometeu um erro grosseiro ao lado de uma rainha, se não em favor dela, não era uma questão que precisasse ser elaborada. Na continuação da narrativa de César, Cleópatra aparece exatamente uma vez. No final da guerra, ele atribui o reino do Egito a ela, porque ela “permanecera fiel a ele e não saíra da linha”.<sup>43</sup> Cleópatra entra na história de César por uma única razão: ela era boa e obediente.

Sem dúvida fica no ar a suspeita de que se trata de algo mais que ventos desfavoráveis e mulheres obedientes. Em Roma, Cícero não perdeu tempo para lançar calúnias vergonhosas. Logo depois da morte de César, Marco Antônio, um curioso mensageiro para essa mensagem em particular, protestaria que César não havia permanecido em Alexandria “por voluptuosidade”.<sup>45</sup> Um século depois, Plutarco quis discordar: “Quanto à guerra no Egito, alguns dizem que era ao mesmo tempo perigosa e desonrosa, e de maneira alguma necessária, mas provocada apenas por sua paixão por Cleópatra.”<sup>45</sup> (O inconveniente oráculo da época de Auletes, proibindo a restauração de um monarca egípcio por um exército romano, parece ter sido esquecido depressa.) Pode-se afirmar que César não tinha afeto algum particular por Cleópatra, que os dois só se viram por acaso no mesmo lado de uma guerra desconcertante, mas seria mais fácil afirmar que ela não tinha afeto algum por ele. Ela não contribuiu em nada para a campanha. César teria se dado muito melhor se a derrubasse, mesmo que apenas para obter uma trégua temporária. Ao fim da guerra, ele estaria em seu direito se anexasse o Egito; Cleópatra deve ter sido muito, muito persuasiva. Potino tinha impedido o pagamento da dívida egípcia. Cleópatra, evidentemente, não. É difícil escapar da conclusão de que César entregou o Egito a Cleópatra, “por causa de quem havia promovido o conflito”. Ele reconhece um certo embaraço. No fim da guerra, César pôs Cleópatra no trono, junto com o irmão que lhe restava, para abrandar a raiva romana por ele próprio estar indo para a cama com ela. Para Dio, isso era uma “mera desculpa que ela aceitou,

enquanto a verdade é que ela reinava sozinha e passava seu tempo em companhia de César”.<sup>46</sup> Os dois eram inseparáveis. Plutarco sentia a mesma coisa, mas se expressou com mais sutileza. Lendo nas entrelinhas, ele acredita piamente que César tanto se preocupava com questões militares como com a cama de Cleópatra todas as noites.<sup>47</sup> Havia também a questão menor da data da partida. A Guerra Alexandrina terminou em 27 de março. César ficou com Cleópatra até meados de junho.



Havia razão para comemorar, sobretudo depois de ter passado a maior parte de seis meses por trás de uma selva de barricadas. E como notavam todos os que visitavam o Egito helenístico, de olhos abertos, barriga estourando, malas de viagem gemendo, os Ptolomeus sabiam receber.<sup>48</sup> Sabemos efetivamente como era um festim ptolomaico. Autocontrole não era uma especialidade alexandrina, e, na primavera de 47, Cleópatra não tinha motivos para adotar isso. Ela obtivera o maior de todos os prêmios, pois “em vista do favor de César não havia nada que ela não pudesse fazer”.<sup>49</sup> Ele foi mais longe que qualquer outro romano por um soberano egípcio. Ptolomeu XIII, Potino e Aquilas estavam mortos. Teódoto estava exilado. Arsínoe sob custódia de Roma. César havia efetivamente eliminado todos os rivais ao trono de Cleópatra. Ela reinava suprema, mais segura do que quatro anos antes, mais segura do que qualquer Ptolomeu em várias gerações. Ela se orgulhava de sua hospitalidade e sabia que o hóspede também; César havia colocado seu padeiro na prisão por ter servido pão abaixo do padrão. Ele próprio era responsável por uma boa dose de inflação no entretenimento. A rainha do Egito tinha todas as razões políticas para impressioná-lo e agradá-lo; à parte o relacionamento pessoal, devia haver uma embriagadora mistura de orgulho, alívio e gratidão. E ela possuía recursos para impressionar. A Guerra Alexandrina deu a Cleópatra tudo o que ela queria. E custou pouco para ela.

Mesmo em seu exílio, um enxame de criados girava em torno de Cleópatra, cuidando de seu conforto. Na primavera de 47, esse enxame inchou até virar uma horda, com a volta ou a nomeação de provadores, escribas, acendedores de lampiões, harpistas reais, joalheiros de pérolas. Ao lado dela, também um novo consorte. Para satisfazer a preferência do povo por um casal governante, possivelmente também para acobertar César, Ptolomeu XIV, aos doze anos, subiu ao trono. O casamento aconteceu logo depois da rendição de Alexandria. Não sabemos como foi celebrado. Da perspectiva de Cleópatra, um insignificante substituíu outro. Ptolomeu XIV assumiu o mesmo título que tinha sido usado por seu irmão morto; ele nunca apareceu junto com sua irmã nas moedas dela. Se tinha ambições ou opiniões próprias, ele sabia que era melhor não expressá-las agora. Com toda certeza, não tinha voz ativa na administração que sua irmã-esposa se pôs a reconstituir. Quer César tivesse ou não pensado em anexar o Egito, era claro que descobrira que Cleópatra era, sob muitos aspectos, semelhante a seu país: uma pena perder, um risco conquistar, uma dor de cabeça para governar. Alguns cortesãos tinham permanecido fiéis; no séquito de Cleópatra figuravam vários dos conselheiros de seu pai. Os que não contavam entre eles, fizeram o possível para reavaliar suas condutas. Tal como deve ter feito a aristocracia grega, que havia apresentado a oposição mais forte a Cleópatra.

Na corte, ela enfrentava uma limitação séria, uma limitação que César deveria observar. Como disse um líder romano posterior: "Porque o governante opera sob essa especial desvantagem no que diz respeito a seus amigos, pois embora possa se proteger de seus inimigos cercandose de amigos contra eles, não existe aliado correspondente com que possa contar para protegê-lo desses amigos."<sup>50</sup> Em geral, Cleópatra sabia quem eram os inimigos. As coisas eram mais turvas no que dizia respeito aos cortesãos. Ela havia, afinal de contas, ficado encerrada durante meses com um romano, lutando com um povo que não queria romanos na casa e que havia deposto seu pai por ter se aliado a eles. As regras tinham mudado. Havia sempre certa dose de podridão na corte; a guerra seria uma desculpa para limpar tudo. Os que haviam se oposto a

Cleópatra pagaram um alto preço. Os suspeitos de oposição pagaram igualmente. Ela recolocou altos funcionários e eliminou outros, confiscando fortunas nesse processo. Houve envenenamentos e esfaqueamentos, não diferentes daqueles a que Auletes havia recorrido no momento de sua restauração. Só o exército já atraía uma sangrenta rodada de proscricções. Não foi de forma alguma uma transição tranquila.

Em torno do palácio e do porto havia trabalho mais prosaico a ser feito: valas a preencher, paliçadas a desmontar, detritos a remover, danos estruturais a reparar. O que veio à luz foi e continuou sendo “a primeira cidade do mundo civilizado, com certeza à frente de todas as outras em elegância, em extensão, em riqueza e em luxo”,<sup>51</sup> como disse um viajante contemporâneo. Os visitantes também tinham dificuldade de decidir se o mais imponente era o tamanho ou a beleza de Alexandria. Isso antes de travar contato com sua população hiperativa. “Olhando a cidade, eu tive dúvidas se alguma raça de homens poderia jamais preenchê-la; olhando seus habitantes tive dúvidas se alguma cidade poderia ser suficientemente grande para contê-los todos. O equilíbrio parecia exato”,<sup>52</sup> exclamou um filho nativo. Alexandria era cravejada com uma assombrosa estatuaria, muitas esculpidas em granito rosa ou vermelho e porfírio roxo, todas pulsando em cores robustas. Para alguém que conhecesse Atenas, a cidade egípcia parecia familiar, cheia como era de belas cópias ptolomaicas de esculturas gregas. Não era o primeiro nem o último lugar do mundo onde um declínio de poder se traduzia numa enormidade de símbolos; à medida que diminuía a influência ptolomaica, a estatuaria inchava a dimensões hiperbólicas. Esculturas de doze metros de altura de Cleópatra II e Cleópatra III, em granito rosado, saudavam as chegadas ao porto alexandrino. Pelo menos uma esfinge colossal com cabeça de falcão erguia-se sobre a muralha do palácio. Brilhantes esfinges de nove metros de comprimentos guardavam os templos da cidade.

As avenidas de Alexandria, com seus trinta metros de largura, deixavam os visitantes sem fala, sua escala não tinha paralelo no mundo antigo. Podia-se passar um dia inteiro a explorá-las de ponta a ponta. Ladeadas por colunas delicadamente esculpidas, toldos de

seda e fachadas ricamente pintadas, a via Canópica comportava oito carruagens rodando lado a lado. As ruas laterais mais importantes da cidade tinham quase seis metros de largura, pavimentadas com pedras, habilmente drenadas e parcialmente iluminadas à noite. No cruzamento central, a dez minutos a pé do palácio, uma floresta de colunas de calcário se estendia até onde o olho podia alcançar. No lado oeste da cidade, vivia a maior parte da população egípcia, em sua maioria tecelã de linho, reunida em torno dos cem degraus que levavam ao Serápio, o templo do século III que dominava a cidade e abrigava a biblioteca secundária. Esse templo retangular — grande parte dele decorada com folhas de ouro, prata e bronze — ficava num promontório rochoso artificial, cercado por parques e pórticos. É um dos únicos monumentos da época de Cleópatra que podemos localizar com exatidão hoje em dia. O bairro judeu da cidade ficava a nordeste, perto do palácio. Os gregos ocupavam as belas casas de três andares do centro da cidade. A indústria também dividia os arredores: um quarteirão era dedicado à manufatura de perfumes e ao fabrico de potes de alabastro, outro aos vidreiros.

De leste a oeste, a cidade media quase sete quilômetros, um deslumbramento de banhos, teatros, estádios, pátios, templos, altares e sinagogas. Uma muralha de calcário cercava seu perímetro, pontilhada de torres, patrulhada por prostitutas em ambos os extremos da via Canópica. Durante o dia, Alexandria ressoava com o ruído das patas de cavalos, os gritos dos vendedores de aveia ou grão-de-bico, artistas de rua, adivinhos, agiotas. As barracas de especiarias emanavam aromas exóticos, transportados pelas ruas por uma densa brisa marinha. As íbis brancas e pretas, com suas pernas longas, juntavam-se a cada cruzamento, em busca de migalhas. Mesmo noite adentro, quando o sol vermelho mergulhava atrás do porto, Alexandria continuava um turbilhão de tons vermelhos e amarelos, um inchado caleidoscópio de música, caos e cor. No conjunto, era uma cidade emocionante, de extrema sensualidade e alto intelectualismo, a Paris do mundo antigo: superior em seus modos, esplêndida em seus luxos, lugar para se gastar uma fortuna, para escrever poesia, encontrar (ou esquecer) um romance, restaurar a saúde, se reinventar ou se reagrupar

depois de ter conquistado vastas áreas da Itália, da Espanha e da Grécia ao longo de uma década hercúlea.

Diante dos transportes de beleza e do arrebatamento das atrações, Alexandria não era uma cidade em que se pudesse afundar passivamente. Como notou um visitante: “Não é fácil para um estrangeiro suportar o clamor de uma multidão tão grande ou o rosto de dezenas de milhares, a menos que ele venha armado com um alaúde e uma canção.”<sup>53</sup> Os alexandrinos assumiam sua reputação para a frivolidade. E pelo maciço portal do palácio hordas de simpatizantes e associados romanos passaram ao término da guerra, reunindo-se na entrada forrada de marfim do salão. Com seu conjunto de salas de banquete, o complexo conseguia acomodar uma vasta multidão; o salão maior era mobiliado com uma deslumbrante coleção de divãs esculpidos em bronze, marchetados de marfim e vidro, obras de arte em si. O Egito importava sua prata, mas há muito controlava as maiores reservas de ouro do mundo antigo; até as vigas do salão deviam cobertas de ouro. É fácil inflar a população da cidade, difícil exagerar sua magnificência. Ela desafiava o vocabulário mesmo dos antigos. Muitas casas ricas de Alexandria exibiam móveis de cedro do Líbano enfeitados com marfim e madrepérola, sofisticadas pinturas *trompe l’oeil* e complexos mosaicos realistas. Placas de alabastro cor de caramelo revestiam os exteriores. As paredes internas cintilavam com esmaltes e esmeraldas. A decoração tendia para os murais, e predominavam as cenas mitológicas. A qualidade do trabalho era assombrosa.

Os pisos de mosaicos eram particularmente trabalhados com grande precisão, muito geométricos, muitas vezes com uma sensação de tridimensionalidade, implausivelmente realistas em sua reprodução do mundo natural. Em banquetes essas complexidades desapareciam debaixo de luxuosos tapetes de lírios e rosas, que brotavam com fartura no Egito. “A regra geral”, arrebatou-se um cronista, “é que nenhuma flor, inclusive rosas, campainhas-brancas ou qualquer outra, jamais pare completamente de florir.”<sup>54</sup> Espalhadas aos montes pelo chão, elas davam a impressão de um campo florido, mesmo que ao final da refeição se enchessem de

conchas de ostras, patas de lagostas e caroços de pêssegos. Não era nada raro um pedido de trezentas coroas de rosas para um banquete, ou outras tantas guirlandas trançadas. (As rosas eram cruciais, pois se acreditava que sua fragrância impedia a embriaguez.) Perfumes e unguentos eram especialidades de Alexandria; criados aspergiam perfumes de canela, cardamomo e bálsamo nas coroas dos convivas enquanto músicos tocavam ou contadores de histórias se apresentavam. As fragrâncias emanavam não apenas da mesa, mas das joias, das lâmpadas perfumadas, das solas dos sapatos; os cheiros fortes dos óleos inevitavelmente aromatizavam o jantar. Os produtos de outros artesãos importantes da cidade também eram exibidos: mesas cintilavam com bacias, jarras e centenas de candelabros de prata. O vidro soprado era uma invenção helenística à qual Alexandria havia acrescentado a sua mágica usual, num excesso de ornamentação; os sopradores de vidro da cidade entremeavam ouro a seu trabalho. Na mesa, vasos policromados juntavam-se a pratos de prata, cestos de pão de marfim entalhado, cálices incrustados de pedras preciosas. A própria refeição era apresentada em pratos de ouro; dizem que num banquete ptolomaico só o serviço de jantar pesava trezentas toneladas.<sup>55</sup> Esse arranjo de mesa exibia não apenas a adaptabilidade de Cleópatra como seu instinto competitivo. Quando o luxo alexandrino começou a se fazer sentir no mundo romano, Cleópatra rebatizou seus ostensivos serviços de mesa. Os elaborados conjuntos de ouro e prata passaram a ser a "louça do dia a dia".<sup>56</sup>

Para um convidado, um jantar no palácio parecia em si uma fortuna, mais que uma refeição. Ele ficou de queixo caído diante de "uma travessa de prata com pesadas folhas de ouro, grande o bastante para conter um enorme leitão deitado de costas, exibindo a barriga, cheia de muitas coisas deliciosas; pois dentro dele havia tordos, patos e uma imensa quantidade de outros pássaros assados, além de gemas de ovo, ostras e escalopes".<sup>57</sup> Gansos eram um item-padrão nos menus pródigos, ao lado de pavões, ostras, ouriços-do-mar, esturjões e tainhas, as especialidades do mundo mediterrâneo. (As colheres eram raras, os garfos desconhecidos. Comia-se com os dedos.) Vinhos doces — os melhores vinham da Síria e da Jônia —

eram temperados com mel ou romãs. Não se tem registro da roupa com que Cleópatra comparecia a essas festividades, embora se saiba que usava muitas pérolas, os diamantes da época. Ela enrolava longos colares de pérolas no pescoço e trançava mais algumas no cabelo. Usava outras bordadas no tecido de suas túnicas. Estas iam até o tornozelo, eram ricamente coloridas, de fina seda chinesa ou gaze de linho, tradicionalmente cinturadas, fechadas com um broche ou com uma fita. Por cima da túnica, geralmente se usava um manto transparente, através do qual se via claramente as camadas de tecido de baixo. Nos pés, Cleópatra usava sandálias com joias e solas desenhadas.<sup>58</sup> Considerados entre os maiores anfitriões da história, os Ptolomeus mandavam seus convidados para casa cambaleando sob o peso de presentes. Não era raro saírem com um conjunto de mesa de prata maciça, um escravo, uma gazela, um divã de ouro, um cavalo com armadura de prata. O excesso os pusera no mapa, onde Cleópatra pretendia manter a dinastia. Assim eram as “festas que se prolongavam até a aurora” sobre as quais Suetônio escreveu depois.<sup>59</sup>

As festividades pós-guerra certamente compreenderam um cortejo da vitória, provavelmente pela via Canópica. Cleópatra precisava unir o povo, para garantir sua supremacia política e cimentar sua posição sobre os detratores. Alexandria era, havia muito, uma cidade de paradas e desfiles, exposições em que a riqueza dos Ptolomeus sobrepujava até o fervor recreativo de seus súditos. Séculos antes, uma procissão dionisíaca havia introduzido carros alegóricos dourados de seis metros nas ruas da cidade, cada um puxado por 180 homens. Sátiros pintados de púrpura e ninfas com guirlandas de ouro vinham atrás, junto com representações alegóricas de reis, deuses, cidades, estações.<sup>60</sup> Um centro de maravilhas mecânicas, Alexandria contava com portas automáticas e elevadores hidráulicos, esteiras rolantes escondidas e máquinas operadas por moedas. Com fios, sifões, polias e ímãs, os ptolomaicos produziam milagres. Fogos irrompiam e se extinguíam; luzes tremulavam nos olhos das estátuas; trombetas tocavam espontaneamente. Para o primeiro desfile, os engenhosos metalúrgicos da cidade se superaram: uma estátua de 4,5 metros de altura com uma túnica amarela estrelada

flutuou pelas ruas. Ela se pôs de pé, despejou oferendas de leite, depois magicamente sentou-se de novo, deslumbrando a multidão. Em torno dela, o ar estava cheio do rumor da expectativa, dos murmúrios de admiração, da música das flautas. Nuvens de incenso, em essência ar endinheirado, baixavam sobre os espectadores, para os quais as brilhantes atrações continuavam: dourados portadores de tochas, arcas de incenso e mirra, palmeiras, vinhas, peitorais, escudos, estátuas, bacias, tudo dourado, bois ornados de ouro. Em cima de um carro, sessenta sátiros pisavam uvas, enquanto cantavam, acompanhados por flautistas. Grandes odres de couro despejavam vinho aromatizado pelas ruas; o ar, adoçado primeiro pelo incenso e depois por aqueles jatos fragrantes, tinha uma combinação embriagadora. Criados soltavam pombos ao longo da procissão, cada um com fitas penduradas nos pés. Era obrigatória uma exposição de animais para os súditos que tinham viajado até Alexandria e armado suas tendas ao longo de quilômetros ao redor. O cortejo do século III contara com tropas de macacos enfeitados; elefantes calçados com chinelas bordadas a ouro; bandos de órix, leopardos, pavões, leões enormes, um rinoceronte etíope, avestruzes, um urso albino, 2.400 cachorros. Camelos levavam cargas de açafrão e canela. Atrás deles, seguiam duzentos touros com chifres dourados. Tocadores de lira em seguida, ao lado de 57 mil soldados de infantaria e 23 mil da cavalaria com armaduras completas. Cleópatra não devia ter esses batalhões, mas mesmo assim conseguiu uma demonstração extravagante. O objetivo era se anunciar, entre monarcas, como "a mais sábia acumuladora de riquezas, a mais esplêndida perdulária, e a mais magnífica em todas as obras".<sup>61</sup> Riqueza, poder e legitimidade estavam inextricavelmente ligados. Principalmente depois das convulsões das décadas anteriores, era essencial que ela confirmasse sua autoridade.

É muito possível que a demora de César tivesse essa finalidade. Um Egito estável era vital para seus planos, tanto quanto para os de Cleópatra. Quase sozinho no Mediterrâneo, o Egito produzia mais cereal do que consumia. Sozinha, Cleópatra podia alimentar Roma. O contrário também era verdadeiro: ela podia matar de fome aquela cidade se desejasse. Por essa razão, César tendia a não instalar um

conterrâneo em Alexandria. Um não romano confiável era a melhor solução. É claro que César confiava em Cleópatra de um modo que não poderia confiar em Potino, e igualmente claro que ele tinha confiança em sua capacidade de governo. Estritamente falando, o Egito passou a ser, a partir de 47, um protetorado com um toque íntimo. Esse arranjo não era de forma alguma não ortodoxo num século em que a política era marcadamente pessoal. As alianças helenísticas eram regularmente retificadas com votos matrimoniais. Em Roma, os casamentos mercenários estavam na ordem do dia, para desespero dos puristas, que protestavam contra esse tipo de diplomacia barata, oportunista. Quanto mais ambicioso o político, mais variados os casamentos. Pompeu havia se casado cinco vezes, sempre por razões políticas. A tumultuosa carreira de César estava intimamente ligada a cada uma de suas quatro esposas. Apesar da diferença de idade comparável à que havia entre César e Cleópatra, Pompeu havia casado com a filha de César, mandada a ele como uma espécie de nota de agradecimento.<sup>9</sup> As relações entre os dois homens só se abalaram quando a mulher que os unia morreu, uma história que logo iria se repetir, com repercussões muito maiores.

O relacionamento de César e Cleópatra era incomum não só pelas diferenças nacionais, mas porque Cleópatra o estabeleceu por vontade própria. Nenhum parente homem a forçou a isso. Para um romano, isso era profundamente perturbador. Se o pai dela, quando vivo, a tivesse casado com César (uma impossibilidade sob todos os aspectos), ela seria vista de maneira absolutamente diferente.<sup>62</sup> O que incomodava os que escreveram a história dela era a sua independência mental, seu espírito empreendedor. O poeta Lucano é claro sobre esse ponto. "Cleópatra conseguiu capturar o velho com mágica", ele faz Potino exclamar, numa vasta redefinição de livre-arbítrio. Já de posse do Egito, ela, posteriormente, no entender dele, "se prostitui para ganhar Roma".<sup>63</sup> Aqui também havia paralelos instrutivos. Mais tarde seria contada a história de uma antiga monarca indiana, a rainha Cleófis. Ela "rendeu-se a Alexandre, mas depois reconquistou seu trono, que resgatou indo para a cama com ele, obtendo por favores sexuais o que não podia conseguir pela força das armas".<sup>64</sup> De acordo com um historiador romano, ao

menos, por seu comportamento degradante, Cleófis mereceu o epíteto de “rainha rameira”. A história pode ser apócrifa, mais uma fantasia romana lasciva sobre o Oriente sedutor. Pode até ter sido influenciada por Cleópatra. Mas nos revela algo de Cleópatra. Ela era tão suspeita quanto a rainha Cleófis, embora o que mais afetasse os romanos, o que inspirou tributos insinceros, tenha sido seu misterioso e oculto poder.

Não é de surpreender que uma relação fácil, senão uma grande paixão tenha se desenvolvido entre Cleópatra e César. O *aplomb* dela e a temeridade dele combinaram, mas suas personalidades se encaixavam quase tanto quanto seus projetos políticos. Os dois eram personalidades afins, carismáticos, articulados, embora apenas um deles fosse ficar na história como sedutor a ponto de ser um perigo. Cleópatra sabia especialmente como agradar. Onde se pensava haver quatro tipos de lisonja, Plutarco reclama, sempre em guarda contra essa mistura nociva, “Cleópatra tinha mil”.<sup>65</sup> Temos mais tributos à carícia de sua inteligência do que à de César; a dele deve ser lida menos em sua linguagem do que em seus inúmeros casos amorosos. Ele era um mestre sedutor, especializado em esposas aristocratas. Tanto Cleópatra como César manifestavam a curiosidade intelectual que era marca registrada de sua época, uma leveza e um humor que os apartava de seus pares, na medida em que ambos tinham pares. O poder é uma coisa tão antissocial e solitária, observa Plutarco;<sup>66</sup> geralmente podia-se contar que aqueles em torno de César e Cleópatra lisonjeavam e conspiravam. Ambos sabiam, como diz César, que o sucesso tinha um preço, que “tudo que eleva as pessoas acima dos outros desperta imitação e inveja”.<sup>67</sup> O isolamento social deles era de um tipo bem exclusivo.

Em sua busca de poder, ambos haviam avançado limites com ousadia; ambos tinham jogado os dados. Ambos tinham a mesma grande capacidade tanto para o trabalho como para o jogo e raramente faziam distinções entre um e outro. César respondia cartas e petições enquanto assistia jogos. Cleópatra se envolvia em jogos por razões de Estado. Nenhum dos dois recuava diante de uma situação dramática. Ambos eram atores naturais, tão seguros de sua habilidade quanto da convicção de sua superioridade. Muito

se esperava de Cleópatra, que gostava de surpreender, que acreditava no *grand geste* e não se vendia por pouco. César prezava o estilo e admirava o talento em todas as suas formas; em Alexandria, ele estava na companhia constante de uma hábil interlocutora, linguista e negociadora, que tinha, como ele, o raro dote de tratar relacionamentos novos como se fossem íntimos de longa data. Havia amplas razões de sua parte para prestar muita atenção. Cleópatra dava uma lição de comportamento oportuna. Tendo sido declarado ditador no ano precedente, César estava gozando o primeiro gosto do poder absoluto. Cleópatra, além disso, lidava com questões que nenhuma mulher de seu conhecimento jamais tocara. Seria muito difícil encontrar em toda Roma uma mulher que tivesse reunido um exército, emprestado uma frota, controlado uma moeda. Tão incandescente era sua personalidade, que Cleópatra, sob todos os aspectos, igualava-se a César no pragmatismo de cabeça fria e olhar claro, embora o que nele fosse considerado estratégia, nela seria lembrado como manipulação. Ambos estavam saindo de guerras que nada tinham a ver com questões políticas e tinham tudo a ver com personalidades. Os dois haviam enfrentado dificuldades semelhantes, com clientelas semelhantes. César não era favorito da aristocracia romana. Cleópatra não era amada pelos gregos alexandrinos. O poder deles provinha da gente comum. Os ambiciosos brilham, sobretudo, na companhia de ambiciosos; César e Cleópatra encontraram-se, como poderiam ter se encontrado dois herdeiros lendários, maiores que a vida e muito conscientes de seus dotes, acostumados a pensar em si mesmos no plural ou a se referir a si mesmos na terceira pessoa.



Durante um dos banquetes de Cleópatra, Lucano imagina César interrogando um dos altos sacerdotes egípcios. César é estudioso de muitos grandes assuntos, um homem de curiosidade sem limites. Seu amor pela pesquisa era tão pronunciado quanto sua ambição. Ele era fascinado pela cultura e pelas lendas egípcias; em Alexandria, conferenciou com cientistas e filósofos. Ele tem apenas

um pedido. “Não há nada que eu mais queira saber”, solicita, “do que as origens do rio escondidas há tantas eras e sua fonte desconhecida.”<sup>68</sup> Se o sacerdote revelasse a fonte do Nilo, César abandonaria a guerra. O fervor era compreensível. Poucos mistérios do mundo antigo eram mais intrigantes; a fonte do Nilo era a vida em Marte do seu tempo. Lucano é o primeiro a mencionar o cruzeiro de César e Cleópatra pelo rio, 110 anos depois do fato. Ele não admirava nenhuma das partes e escrevia em versos; já foi chamado de “pai da imprensa marrom”,<sup>69</sup> por boas razões. De qualquer forma, trabalhava a partir de fontes históricas perdidas para nós hoje em dia. É pouco provável que tenha inventado a viagem. Nem há razão para acreditar que o cruzeiro pós-guerra tenha sido menos luxuoso ou frenético de entretenimentos do que aquele que Shakespeare acabaria imortalizando, ainda quinhentos anos no futuro. Há melhores razões para presumir que os historiadores romanos preferiam lembrar aquela viagem e esquecer desta. Também não fazem menção a César ter permanecido mais tempo no Egito depois da conclusão da guerra.<sup>h</sup> Se eles não tivessem cerrado fileiras como o fizeram, Shakespeare teria escrito uma peça diferente sobre Cleópatra.

Havia numerosos precedentes para uma viagem no Nilo. Era tradicional receber um dignitário estrangeiro com um cruzeiro, apresentar a ele a maravilha que era o Egito. Duas gerações antes, um alto funcionário fizera todo o possível para que um senador romano viajando pelo Egito fosse “recebido com a mais absoluta magnificência”,<sup>70</sup> coberto de presentes, entregue a guias experientes, alimentado com as massas e carnes grelhadas com que se alimentavam os crocodilos sagrados. Os quilômetros e quilômetros de campos de trigo inevitavelmente impressionavam, mesmo fazendo revirar os dedos romanos. E deixando de lado a curiosidade ardente, havia muitas razões de Estado legítimas para a excursão. Era tradicional que um novo governante inaugurasse seu reino com uma jornada cerimonial ao sul. Para Cleópatra isso constituía uma excursão de proprietária a suas terras pessoais. Todo mundo no Egito trabalhava para ela; quase todos os recursos do país — campos, caça, árvores, o Nilo, os próprios crocodilos — eram

dela. De seu ponto de vista, o cruzeiro não era tanto uma viagem de prazer ou uma expedição científica, mas uma obrigação de Estado. Com o cruzeiro, ela forneceu a seu povo uma crítica demonstração do poderio militar romano e, a Roma, uma demonstração da opulência egípcia.<sup>71</sup> O povo do Egito a havia apoiado contra o irmão quando ela estava vulnerável. Com César a seu lado, ela voltou a eles patentemente invencível.

A viagem de Alexandria para o sul significava deixar o mundo falante do grego pelo mundo falante do egípcio, era viajar da terra do vinho para a terra da cerveja. Lá estava a cultura à qual os alexandrinos se sentiam superiores, onde faraós eram reverenciados e sacerdotes predominavam. Ali, a divindade de Cleópatra era inquestionável. Mesmo sem o exibicionismo alexandrino, a ágata e o granito vermelho, o passado monumental exposto de forma monumental, a paisagem era um deslumbramento. Como diria um viajante posterior do mesmo trecho: "Eu engolia cor, como um burro engole aveia."<sup>72</sup> Cleópatra apresentou a César o oásis mais antigo e mais espetacular do mundo, o verde aveludado das margens do rio, o solo duro e negro do canal, a terra de alvoradas vermelho-púrpura e crepúsculos ametista. Os dois não podem ter negligenciado as paradas obrigatórias: as pirâmides e templos de Mênfis, onde o alto sacerdote egípcio estaria à mão para recebê-los; as 3 mil câmaras do labirinto de granito e calcário, acima e abaixo do solo; o altar à beira do lago dos deuses-crocodilo, onde as feras haviam sido treinadas para abrir a boca sob comando, e onde César pode ter ficado igualmente fascinado pelo sistema de comportas e diques que resgatara terras aráveis; os colossos de Memnon, miraculosamente brancos contra a clara areia cor de pêssego, com vinte metros de altura e visíveis a quilômetros de distância. Encosta acima, atrás deles, profundas na rocha, as tumbas do Vale dos Reis. Mais ao sul, o belo Templo de Ísis decorado e parcialmente construído pelo pai de Cleópatra, situado numa ilha entre as agitadas corredeiras de Philae.<sup>i</sup>

Mais miraculosas ainda eram as acomodações, às quais se estendia também o gosto pelo colossal. A ideia era impressionar tanto quanto entreter. Cleópatra e César teriam partido do lago

Mareótis, ao sul da cidade, onde ancorava sua frota do prazer. Esse porto podia receber barcas reais de noventa metros. As proas eram de marfim; complexas colunatas acompanhavam o convés, os capitéis das colunas minuciosamente esculpidos como ciprestes. Estátuas douradas de cinco metros decoravam proa e popa. O equipamento do navio era de bronze polido, o madeiramento marchetado de marfim e ouro. Tudo era pintado de cores vivas, inclusive a estatuaria real de bordo, que decorava os dois andares dos aposentos de moradia e entretenimento. O teto abobadado cobria um salão de banquete. Colunas de estilo egípcio decoravam outro, esculpidas com a forma de folhas de acanto e pétalas de lótus num padrão alternado de preto e branco. Sobre um terceiro, estendia-se um toldo púrpura, mantido erguido por hastes curvas. Não era raro um barco real possuir uma sala de ginástica, uma biblioteca, altares para Dionísio e Afrodite, um jardim, uma gruta, salões de leitura, uma escada em espiral, uma banheira de cobre, estábulos, um aquário.<sup>73</sup>

A procissão deles não era modesta. Um burocrata de nível médio viajava com um séquito de dez pessoas, pois estaria perdido sem seus secretários e contadores, padeiro, atendentes de banho, médico, mordomo, mestre de armas. Cleópatra e César navegaram para o sul em meio a um enxame de soldados romanos e cortesões egípcios. A hospitalidade durante a estada deles era obrigatória para o povo e um encargo assustador, principalmente se, como afirma Apiano, uma frota de quatrocentos navios seguisse atrás. Certamente uma multidão de barcos menores acompanhava sua rainha, ao longo de um rio cheio de carregadores de pedra e de vinho, galeras mercantes, esquifes policiais. Era responsabilidade do povo alimentar e agradar sua monarca, cobri-la de presentes, entreter seu séquito, arranjar transporte. Isso levantava toda sorte de preocupações com acomodações, segurança e provisões; os funcionários não estavam livres de aconselhar seus subordinados a esconder suprimentos para evitar requisições reais.<sup>74</sup> Isso era perfeitamente razoável dada a demanda; um funcionário insignificante requisitou 372 leitões e duzentos carneiros. Os camponeses trabalhavam noite e dia para produzir os estoques

necessários, para fermentar a cerveja, empilhar o feno, mobiliar casas de hóspedes, juntar burros. E essa viagem foi feita no auge do período de colheita. Com maiores recursos e em circunstâncias menos complexas, Cícero se deu por feliz de dizer adeus a César quando recebeu o general e seu séquito dois anos depois, em sua propriedade no campo. Ele ficou aliviado de não ter de convidar César para aparecer de novo quando estivesse passando por ali. “Uma vez basta”, Cícero suspirou, sentindo-se menos anfitrião do que intendente.<sup>75</sup>

Nilo acima, Cleópatra e César navegavam em seu “palácio flutuante”,<sup>76</sup> o vento às suas costas. Nas margens, as tamareiras estavam pesadas de frutos, as frondes das palmeiras ligeiramente descoloridas. Além do rio, estendia-se um mar de trigo dourado; nas bananeiras, os cachos brilhavam amarelos. Damascos, uvas, figos e amoras estavam quase maduros. Era época de pêssegos; acima de suas cabeças, os pombos visivelmente emparelhados. Tudo na paisagem diante de César e Cleópatra reforçava os mitos da abundância do Egito e das faculdades mágicas do rio. Renomado por todo o mundo antigo, dizia-se que o Nilo fluía com ouro; eram-lhe atribuídos poderes extraordinários. Acreditava-se que sua água fervia a metade da temperatura de outras águas. As criaturas ribeirinhas atingiam proporções assombrosas. Quando a filha de Ptolomeu II se casou na família real síria, ele lhe mandou caixas de água do Nilo para garantir sua fertilidade. (Ela já contava trinta anos. Funcionou.) As mulheres egípcias eram conhecidas por ficarem grávidas com mais eficiência; elas levavam menos tempo para ter um bebê. Dizia-se também que havia entre elas uma taxa elevada de nascimentos de gêmeos, muitas vezes de quadrigêmeos. Dizia-se que as cabras — que davam dois cabritos em outras terras — produziam cinco no Egito, pombos chocavam doze ovos em vez de dez. Considerava-se que o crânio masculino era mais duro no Egito, onde a calvície (e penteados para disfarçá-la, como o de César) era coisa rara. Acreditava-se que o Nilo gerava vida espontaneamente; o que Cleópatra e César não viram foram as criaturas lendárias do rio, meio ratos, meio terra. É de se presumir que não tenham visto também serpentes com grama a nascer nas costas ou pessoas que

viviam debaixo de cascos de tartaruga do tamanho de barcos.<sup>77</sup> Na verdade, o que eles divisaram entre os tufos de papiros e plantas de lótus foram garças e cegonhas, hipopótamos e crocodilos de cinco metros de comprimento, uma inesgotável fonte de peixes, raridade em Roma. Os antigos historiadores estavam enganados sobre os detalhes primordiais, inteiramente certos na questão da fertilidade do Egito. O país de Cleópatra era a terra agricolamente mais produtiva do Mediterrâneo, em que as plantações pareciam semear e regar a si próprias.

Isso era verdade desde tempos imemoriais, uma expressão que no Egito realmente significava alguma coisa. Já na época de Cleópatra havia algo chamado de história antiga; de alguma forma, o mundo era mais antigo então, denso de lendas, envolto em superstição. Ao lado dela, César deve ter se maravilhado com 28 séculos de arquitetura. Visitantes já haviam roubado e pichado as tumbas do Vale dos Reis.<sup>j</sup> Já na primavera de 47, uma das sete maravilhas do mundo estava em ruínas. O país de Cleópatra já estava no negócio da hospitalidade muito antes de o resto do mundo sequer suspeitar que existia uma vida de luxo. Ao mesmo tempo, os séculos pareciam mais próximos do que nos parecem hoje. Alexandre, o Grande, estava mais distante de Cleópatra do que 1776 do nosso século, ainda assim Alexandre permanecia sempre vivo, com uma presença urgente. Embora 1.120 anos separassem Cleópatra da maior história de seu tempo, a queda de Troia continuava sendo um firme ponto de referência. O passado estava ao alcance da mão o tempo todo, um assombro quase religioso apontava em sua direção. Isso era especialmente verdadeiro no Egito, que tinha paixão por história e que havia, por 2 mil anos já, mantido um registro histórico. Durante a maior parte desses anos, o país insular, inacessível, havia mudado pouco, e sua arte praticamente nada. Havia boa razão para os súditos de Cleópatra verem o tempo como uma espiral de infinitas repetições. Acontecimentos recentes só faziam reforçar essa noção. Os conselheiros ptolomaicos haviam persuadido antigos reis meninos a matar sua família imediata. Rainhas anteriores haviam fugido do Egito para juntar exércitos. Muito do que se dizia dos romanos conquistadores em 47 podia se dizer dos ancestrais macedônios de

Cleópatra três séculos antes, um paralelo que de maneira nenhuma escapava a ela.<sup>78</sup>

De linho branco e diadema, ao longo de toda a viagem Cleópatra participou de rituais religiosos que datavam de milhares de anos. Ela se moldava milimetricamente como a divindade viva; não sabemos como seu povo manifestava a obediência, mas muito provavelmente se curvavam em sua presença ou erguiam a mão em alguma forma de saudação. Para aqueles que se aglomeravam nas margens e pontes para ver a passagem de César e Cleópatra, eles representavam não um romance, mas uma espécie de aparição mágica de outro mundo, a visita terrena de dois deuses vivos. Eles constituíam uma visão e tanto: o romano de cabelos claros e ombros largos, um verdadeiro estudo de sombras e nervos, com seu longo manto púrpura, e a rainha do Egito, morena e de ossos miúdos a seu lado. Juntos, eles visitaram locais sagrados, os monumentos dos reis antigos, os palácios secundários ao longo do rio. Juntos, eles foram saudados por sacerdotes de mantos brancos e multidões festivas. Juntos, eles navegaram entre as fazendas, através de uma paisagem pontilhada de torres de tijolos de barro e telhados vermelhos em terraço, diante de pomares luxuriantes, vinhedos e campos dourados, esfinges semienterradas na areia, rochedos com tumbas entalhadas. Juntos eles lutaram contra os mosquitos, um presente sazonal do baixo rio. De longe eles se anunciavam pelo bater de remos e dedilhar de liras. Em sua trilha, o aroma do incenso pairava no ar abafado.

Sem dúvida, era uma viagem de férias, comparada com as semanas que a haviam precedido. Que tenha sido um cruzeiro de deboche, uma pândega, uma lua de mel, é ideia gerada provavelmente pelas acomodações luxuosas. Um romano não precisa ir muito longe para procurar depravação; por definição, a língua latina encontrou algo apodrecido quando forjou a palavra "luxo", que deriva do verbo "deslocar" e que passou milhares de anos associada a "luxúria". Segundo Ápia, César subiu o Nilo com Cleópatra "e se divertiu com ela de outras formas também".<sup>79</sup> Daí não foi um grande salto para a acusação de que Cleópatra havia arrastado o general romano a essa loucura, criada por ela, no

coração exótico de um país exótico, do qual ele precisava ser arrancado. Cleópatra — ou o Egito — tendia a ter esse efeito sobre pobres e vulneráveis romanos. O próprio país dela era uma provocação, uma tentação. O itinerário foi provavelmente planejado com antecedência e mantido, mas não seria lembrado dessa forma. Segundo relatos posteriores, César relutou em ir embora, Cleópatra relutou em deixar que fosse. “Ela o deteria no Egito ainda mais tempo ou teria partido com ele imediatamente para Roma”, é o palpite de Dio.<sup>80</sup> Só contra a sua vontade os homens de César conseguiram levá-lo de volta. Na versão de Suetônio, César tinha perdido a cabeça pela rainha egípcia a tal ponto que a teria seguido até a fronteira do deserto etíope se seus homens não tivessem ameaçado se amotinar. Eles finalmente conseguiram o que queriam entre os escarpados rochedos ao sul da atual Assuã, onde o cortejo fez uma canhestra reviravolta.

Dio põe César chegando lentamente à percepção de que uma demora no Egito “não era nem favorável, nem vantajosa a ele”,<sup>81</sup> mas omite qualquer menção ao embalo do rio. César na época não tinha filhos vivos. Nem no curso de três casamentos gerara um filho homem. Nesse setor, o Egito ficou à altura de sua lendária reputação. Em túrgido tributo à fecundidade de sua terra, na qual as flores desabrochavam perpetuamente e o trigo colhia a si mesmo, Cleópatra estava em seus últimos meses de gravidez nessa primavera. Ela confirmava rotundamente o mito dos poderes propagadores de seu magnífico país. Os dois passaram algo entre três e nove semanas no rio e voltaram na primeira catarata do Nilo. A corrente os levou de volta suavemente para o palácio. De Alexandria, César partiu para a Armênia, então em estado de revolta. No fim de junho, Cleópatra deu à luz um filho mestiço de romano, divino dos dois lados, dos Ptolomeus e de César. Ali, afinal, havia algo de novo sob o sol.

## Notas

- a Nenhum dos dois relatos foi escrito a partir de memória viva. Em apenas uma versão, um grosseiro relato do século VI d.C. (Chronicle of John Malalas, VIII-XVIII, Chicago, University of Chicago Press, 1940, p.25), alguém se aventura a fazer a afirmação chocante de que César pode ter seduzido Cleópatra.
- b Nada sabemos dos motivos que moveram Arsínoe, o que não desencorajou de especular nem o mais moderno intérprete da Guerra Alexandrina: se ela não sentisse inveja da habilidade de sua irmã em seduzir César, afirma um historiador “ela não seria mulher”. (Graindor, 1931, p.79. “Elle n’eut pas été femme — et une femme de la race des Lâgides — si elle n’avait été à la fois jalouse et humiliée de la séduction qu’exerçait Cléopâtre sur César.” [Ela não seria mulher — e uma mulher da raça dos Lágidas — se não ficasse ao mesmo tempo enciumada e humilhada com a sedução que Cleópatra exercia sobre César.])
- c A Pártia é o nordeste do Irã atual. O reino pântico estendia-se da margem sul do mar Negro até a moderna Turquia.
- d Para os romanos, a adoração de animais no Egito era indizivelmente primitiva e perversa. Um cristão do século II tinha outro ponto de vista. Comparando com os deuses gregos, as divindades egípcias se saíam melhor. “Podem ser animais irracionais”, admitia Clemente de Alexandria, “mas não são adúlteros, não são lascivos, e nenhum deles procura prazeres contrários à sua própria natureza.” (Clemente de Alexandria, “The Exhortation to the Greeks”, II.33p. O incidente do gato: Diodoro I.83. Evidentemente, os gatos eram uma raridade no lado norte do Mediterrâneo nessa época. O culto ao animal atraía o ridículo de todos os lados. Veja, entre outros, Juvenal, Satire 15.1; Filo, “On the Decalogue”, XVI.78-80, e “On the Contemplative Life”, 8; Josefo, Against Apion, II.81.)
- e O ardor deles se perdeu diante de romanos posteriores. Como escreveu Dio, séculos depois, os alexandrinos estavam “sempre prontos a assumir uma postura ousada por toda parte e a falar tudo o que lhes ocorria, mas para a guerra e seus terrores eram absolutamente inúteis”. (Dio, Roman History, XXXIX.lviii.1-2.)
- f Ao mesmo tempo, é interessante que o general que dá continuidade à narrativa de César tenha tanto cuidado em enfatizar, na primeira página e curiosamente fora de contexto, que a cidade era à prova de fogo. Essa afirmação contradiz fontes anteriores, que dizem que o fogo se espalhou dos navios ancorados para a grande biblioteca. Deixa também de mencionar as vigas e os telhados habilmente manipulados e as barricadas de madeira do texto de César. Resta-nos uma apologia gratuita e ausência de crime. (A proposição é de El-Abbadi [1990, p.151]; ele acredita piamente que o incêndio da biblioteca foi um acidente de guerra.)

- g O presente foi bem-recebido, mas o momento era estranho. Júlia devia se casar com Quinto Servílio Cépio em questão de dias. Ele ficou muito insatisfeito. Em lugar dela, Pompeu ofereceu a Cépio sua própria filha, embora ela, por sua vez, estivesse prometida a outro. Em sua maioria, as mulheres romanas eram comercializadas como cavalos, uma ideia que, apesar de todas as suas criativas maquinações familiares, raramente ocorreu aos Ptolomeus.
- h Um historiador moderno chega a sugerir que eles expressamente acobertaram o fato. (Heinen, 2009, p.127. "Parece que o autor [das Guerras Alexandrinas] procurou voluntariamente enganar seus leitores, e tentou não apenas esconder a viagem pelo Nilo, como representar a sequência cronológica de eventos de tal forma que esse episódio pudesse nunca ter ocorrido.")
- i A esfinge quase com certeza não era invisível para César e Cleópatra, ainda enterrada na areia, como estava havia quase mil anos.
- j A pichação mais comum: "Eu vi e me maravilhei." (Casson. *Everyday Life in Ancient Egypt*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 2001, p.142.)

— IV —

## A IDADE DE OURO NUNCA FOI A IDADE PRESENTE<sup>1</sup>



*Criada: "Que desculpa devo dar se eu ficar  
fora de casa durante um longo tempo?"  
Andrômaco: "Não lhe faltarão pretextos.  
Afinal, você é uma mulher."*

EURÍPIDES<sup>2</sup>

César partiu do Egito em 10 de junho, muito mais tarde do que deveria. Roma não tinha notícia dele desde dezembro e estava em torvelinho, como ele certamente sabia.<sup>3</sup> Os correios funcionavam perfeitamente bem. Como um favor tanto pessoal como político, levou com ele a irmã de Cleópatra — ainda uma “deusa-irmã amorosa” em nome, se não na conduta — como prisioneira de guerra. Para proteger Cleópatra, 12 mil legionários que tinham ido com César permaneceram no Egito, uma vez mais como um gesto tanto pessoal como político. A inquietação civil não era do interesse de ninguém. César parece ter efetivamente resistido em deixar Cleópatra, embora seja implausível que ela tenha se proposto a acompanhá-lo a Roma nesse verão, como afirma Dio. Certamente falaram de um reencontro, antes da partida que César parece ter retardado e retardado até não poder mais.

Duas semanas depois, Cleópatra entrou em trabalho de parto. Pouco sabemos do nascimento em si, como sabemos pouco da intimidade que o precedeu.<sup>a</sup> Com ou sem uma banquetta de parto, uma equipe de parteiras devia estar a postos. Uma recebeu a criança nas dobras de um pano, enfaixando-a com firmeza. Uma

segunda cortou o cordão umbilical com uma lâmina de obsidiana.<sup>4</sup> O recém-nascido devia ser fartamente amamentado, para cujo fim empregou-se uma ama de leite. As exigências para o trabalho não eram diferentes das exigências de hoje: a ama devia ser adequada e limpa. Não devia “ser dada a raiva, nem falante, nem indiferente à alimentação, mas organizada e sensata”.<sup>5</sup> Idealmente, devia também ser grega, o que queria dizer educada. Era comum que fosse a felizarda esposa de um funcionário da corte; o posto era bem-remunerado, prestigiado e durava vários anos. Ela devia levar ao trabalho o conhecimento de gerações. Problemas com os dentes? O tratamento-padrão era dar à criança um camundongo frito. Choro excessivo? Uma pasta de cocô de mosca e papoula era garantia de silenciar até o mais desesperado dos bebês.

Se quisesse, Cleópatra podia ter recorrido a volumes de conselhos sobre contracepção e aborto, alguns de surpreendente eficácia.<sup>6</sup> Nada revelava melhor as marés conflitantes de ciência e mito, esclarecimento e ignorância, em meio às quais ela vivia do que a literatura sobre o controle de natalidade. Para cada ideia válida da época de Cleópatra, havia uma crença igualmente bizarra. Desde trezentos anos antes, a receita de Hipócrates para induzir o aborto — saltar sete vezes para cima e para baixo, tocando com firmeza os calcanhares nas nádegas — faz algumas das medidas do século I parecerem perfeitamente razoáveis. Um ovo de aranha, preso ao corpo com pele de veado antes do nascer do sol, podia impedir a concepção durante doze meses. Isso não era mais estranho, nem mais eficiente, do que amarrar um fígado de gato no pé esquerdo, mas garantia-se também que um espirro durante o sexo funcionava à maravilha. Na época de Cleópatra, o estrume de crocodilo era famoso por seu poder contraceptivo, assim como um preparado de rim de mula com urina de eunuco. Em termos gerais, a literatura sobre abortivos era mais extensa do que sobre contraceptivos; os ingredientes de uma pílula do dia seguinte confiável eram sal, excremento de rato, mel e resina. Muito depois de Cleópatra, afirmava-se que aspirar o cheiro de um lampião recém-apagado induzia o aborto. Ao mesmo tempo, alguns dos remédios de ervas populares na época de Cleópatra mostram-se eficazes. Choupo-

branco, frutos de zimbro e funcho gigante possuem capacidade contraceptiva comprovada. Outros, como vinagre, sulfato de alumínio e azeite de oliva, permaneceram em uso até recentemente. Todos ofereciam melhores resultados do que o método do ciclo, de eficácia duvidosa para um povo que acreditava que a mulher estava mais fértil em torno do momento da menstruação.

No caso, nada podia ser mais conveniente ao projeto político de Cleópatra, aos 22 anos, do que a maternidade. E nenhuma outra atitude poderia fornecer melhor garantia a seu futuro do que gerar o filho de Júlio César. Havia algumas coisas estranhas, a começar pelo fato de que os dois pais em questão estavam casados com outras pessoas. (Tecnicamente, Cleópatra ficou viúva e recasou durante a gravidez.) Do ponto de vista egípcio, César era um pai imperfeito sob dois aspectos: não era um Ptolomeu, nem era da realeza. E do ponto de vista romano, não havia vantagem alguma em difundir sua paternidade, que era, na melhor das hipóteses um constrangimento. Da perspectiva de Cleópatra, nenhuma medida diplomática poderia ter sido mais eficaz do que aquela inteiramente privada. Ela estava preocupada demais com sua própria sobrevivência para perder tempo pensando em sucessão, mas agora podia ter esperança de escapar da sorte de Alexandre, o Grande, que morrera sem herdeiro. A esplêndida dinastia ptolomaica sobreviveria a ela. Além disso, o filho era homem. Os egípcios estavam dispostos a se submeter a um faraó mulher, mas, como deixava bem clara a história matrimonial de Berenice IV, uma mulher precisava de um consorte homem, mesmo que apenas como uma bailarina de um *pas de deux* de Balanchine, como enfeite mais que como suporte. Com Cesário — ou Pequeno César, como os alexandrinos apelidaram Ptolomeu XV César — no colo, Cleópatra não tinha qualquer dificuldade para reinar como rainha. Mesmo antes de começar a balbuciar, Cesário realizou um feito notável. Ele tornou seu tio impotente inteiramente irrelevante. Ptolomeu XIV pode ter se dado conta disso ou não, mas sua irmã mais velha obteve o controle tanto da imagem como do governo.

Melhor ainda, o *timing* de Cleópatra foi impecável, ela de fato parece ter tido ajuda — ou muita sorte — para produzir filhos exatamente quando era mais vantajoso fazê-lo. O nascimento de

Cesário coincidia quase exatamente com a enchente do Nilo de começo do verão, que psicológica, iconográfica e financeiramente impulsionava a estação de plenitude.<sup>7</sup> A expectativa diária dava lugar à celebração à medida que o Nilo ficava mais turvo, verde-musgo, depois enchia constantemente, do sul para o norte. Cestos e cestos se carregavam de uvas, figos e melões. O mel corria abundante. Cleópatra celebrava o festival anual de Ísis nesse momento, uma importante data carregada de rituais no calendário egípcio. Acreditava-se que as lágrimas dessa deusa todo-poderosa é que provocavam a enchente do rio. Os súditos de Cleópatra ofereciam a ela (compulsoriamente) presentes pela data, uma prática que despertava uma frenética concorrência entre os membros de sua corte.<sup>8</sup> Chegavam ao palácio barcos de todos os cantos do Egito carregados de frutas e flores. O nascimento de Cesário levou a uma associação de Cleópatra com Ísis,<sup>9</sup> mas nesse aspecto Cleópatra seguia o trajeto de suas mais ilustres ancestrais, que, durante 250 anos, identificaram-se com a deusa antiga. Num momento de devoção generalizada, ela era tida como a maior divindade. Gozava de poderes quase ilimitados: Ísis tinha inventado o alfabeto (tanto egípcio como grego), separado o céu da Terra, posto o Sol e a Lua em movimento. Ferozmente, mas com compaixão, ela colhia ordem no caos. Era terna e confortadora, mas também senhora da guerra, do raio, do mar. Ela curava os doentes e ressuscitava os mortos. Presidia as questões amorosas, inventou o casamento, regulava a gravidez, inspirava o amor que liga os filhos aos pais, sorria para a vida doméstica. Ela distribuía misericórdia, salvação, redenção. Era a consumada mãe-terra, além de, como a maioria das mães, ter algo da mágica engenhosa e onicompetente por trás da cena.

Ísis era atraente para ambas as clientela de Cleópatra, oferecendo uma fusão versátil de duas culturas. Num momento em que muitos atendiam por nomes diferentes em grego e egípcio, a deusa servia como construtora da nação e ícone religioso. Deméter, Atena, Hera e Afrodite combinavam-se em sua pessoa. Seus templos pontilhavam Alexandria; sua estatueta de cerâmica adornava a maioria das casas. Mulher dominante, com uma aura nitidamente sensual, ela era presença menos confortável no exterior. Essa

sedutora poderosa já havia exacerbado o mundo romano, mais marcial, para onde os comerciantes alexandrinos haviam exportado seu culto. O próprio César impediu sacerdotes de Ísis de entrarem em Roma. Já em 80 a.C., um templo de Ísis se ergueu naquela cidade, no monte Capitolino. Foi destruído e reconstruído, uma história que se repetiu em intervalos regulares no transcorrer da vida de Cleópatra. Era tal a popularidade de Ísis que, quando foi emitida uma ordem para pôr abaixo os seus templos em 50, nenhum trabalhador pegou a picareta para fazê-lo. Um cônsul foi obrigado a despir a toga e dar o primeiro golpe ele próprio.<sup>10</sup>

É difícil determinar o que veio primeiro, se Ísis era responsável pela supremacia das mulheres no Egito, ou se as rainhas ptolomaicas reforçaram essa eminência.<sup>b</sup> Ela decerto introduziu uma igualdade entre os sexos. Em alguns relatos, Ísis outorga às mulheres a mesma força dos homens. Ela era, de qualquer modo, uma perfeita bênção a Cleópatra. Para comemorar o nascimento de Cesário, a nova mãe emitiu novas moedas em que ele é mostrado como Hórus, o bebê de Ísis. (A imagética era convenientemente bilíngue. Podia ser lida também como Afrodite com Eros.) Acontecimentos futuros viriam apenas reforçar a identificação de Cleópatra com Ísis, em cujo papel ela entraria mais plenamente e mais literalmente do que qualquer outra rainha ptolomaica. Em ocasiões cerimoniais, ela assumia a forma de Ísis, aparecendo num rico manto de linho pregueado com listas iridescentes, com franja na barra, estendido com firmeza do quadril direito ao ombro esquerdo e amarrado entre os seios. Debaixo disso, usava uma confortável túnica grega. Cachos em serpentina desciam pelo ombro. Na cabeça, usava um diadema ou, em ocasiões religiosas, a coroa faraônica de penas convencional, o disco solar e chifres de vaca.<sup>11</sup> Quarenta e sete anos depois, a Ísis multiforme cederia seu lugar a uma mãe solteira muito diferente, que se apropriaria inteiramente de sua imagem.

A maternidade não só enfatizou a autoridade de Cleópatra — em sua época, a rainha egípcia era mais deusa-mãe que mulher fatal —, mas também solidificou os laços com os sacerdotes nativos, aos quais concedeu privilégios significativos. Nisso deu continuidade à

obra de seu pai. Mesmo quando no exterior, ele se distinguiu como um prolífico construtor de templos e cultivou suas relações com o clero egípcio.<sup>12</sup> Eles eram capitais para a ordem entre o populacho nativo, além de intimamente vinculados às questões de Estado. Como os templos estavam no centro tanto da vida religiosa como comercial, havia uma interpenetração da burocracia grega com a hierarquia egípcia. O ministro das finanças podia igualmente supervisionar a alimentação dos animais sagrados. O sacerdote encarregado das receitas do culto para ocasiões especiais podia se desdobrar em comerciante de junco. Aqueles que detinham altos títulos no templo de Mênfis tinham igualmente altos títulos no mundo do comércio e ocupavam posições privilegiadas na corte de Cleópatra. A relação era simbiótica: deus na terra, o faraó era tão necessário teologicamente aos sacerdotes como os sacerdotes para Cleópatra econômica e politicamente. Sacerdotes tinham o papel de advogados e notários, e os templos funcionavam como centros manufatureiros, instituições culturais, eixos econômicos. Podia-se visitar um templo para elaborar um contrato, consultar um médico, emprestar um saco de trigo. Um templo podia oferecer refúgio dentro de seus muros, um direito que, em 46, Cleópatra estendeu a um altar de Ísis e, mais para o final de seu reino, a uma sinagoga no delta sul.<sup>13</sup> (Isso pode ter representado a sua parte de uma troca. Os judeus da região eram bons soldados; Cleópatra precisava de um exército na época.) Em princípio, ninguém a quem fosse concedido asilo podia ser expulso ou removido. Era para onde se corria quando se cometia a temeridade de organizar uma greve. Ocasionalmente, os templos até emprestaram dinheiro aos Ptolomeus.

Era também responsabilidade dos sacerdotes monitorar todos os humores do Nilo, com o qual as fortunas literalmente cresciam ou diminuía. O rio podia trazer fartas riquezas ou consideráveis desgraças. Uma enchente de sete metros levava ao delírio. Uma de seis era saudada com vivas. Cinco metros — estação em que a lama cinza azulada grudava nas margens e teimosamente se recusava a estender-se sobre a terra — assinalava uma estação de problemas. Tal havia sido o caso do ano anterior, quando o Nilo pareceu estar tão fora dos eixos quanto o momento histórico. Como Cleópatra

observou em sua viagem clandestina a Alexandria, a enchente de 48 foi desastrosa. No final chegara apenas a 2,5 metros, o menor nível já registrado. (Com a seca, a economia do Egito chegara a parar, outra razão por que o recrutamento antirromano tinha sido fácil naquele outono.) O rio ditava intimamente as relações familiares tanto quanto a política nacional. Um filho assinou um acordo com sua mãe: ele devia fornecer a ela quantidades específicas de trigo, óleo e sal, a menos que o rio ficasse abaixo de determinado nível, momento em que ela devia cuidar da casa dele. Muitos templos tinham colunas de medida nilótica, monitoradas secreta e obsessivamente pelos sacerdotes. Diariamente, eles comparavam esses números com os do ano anterior. Através deles, os funcionários de Cleópatra podiam avaliar as colheitas e calcular os impostos. Dada a mania por medições e comparação de dados, fazia sentido que a geometria amadurecesse no Egito.<sup>14</sup>

A fixação nas performances anteriores também levou à adoção da história, embora essa disciplina fosse menos exata. Alimentar o povo era indispensável, função de que Cleópatra se orgulhava. Ela se apresentava como a Senhora da Abundância por boas razões; colocava-se entre seus súditos e a fome. Dados os rigores do sistema, eles não conseguiam manter reservas. Numa crise, Cleópatra não tinha escolha senão autorizar a distribuição dos armazéns da coroa. “Não houve fome durante meu reinado”<sup>15</sup> era uma frase popular e gratificante para um monarca entalhar em seu templo. A propaganda antiga, porém, servia aos mesmos fins de sua contrapartida moderna. Parece ter havido pouca correlação entre a realidade alimentar e essa luminosa afirmação, muitas vezes patentemente falsa.



Em meados de 47, Cleópatra estava livre de conspiradores na corte e livre de todos os membros antagônicos da família. A perturbação social estava reduzida ao mínimo. Mas mesmo assim ela estava com as mãos ocupadas. “Qualquer pessoa que saiba o trabalho cansativo que é exigido de reis, com todas aquelas cartas que têm de ler e

escrever, não se daria o trabalho de pegar do chão uma coroa”,<sup>16</sup> reclamara um monarca helenístico anterior. E ele não tivera nenhuma experiência da luxuriante burocracia ptolomaica, fruto natural de uma cultura que tinha orgulho administrativo e uma riqueza de papiros, com uma economia planejada e centralizada e uma inexplicável paixão por registros e censos. O historiador grego Diodoro esboçou o horário de um outro soberano do século I, que deveria ser semelhante ao de Cleópatra. Depois de acordada, ela mergulhava em pilhas de despachos de todos os quadrantes. Seus conselheiros a informavam sobre os negócios de Estado. Ela se correspondia com altos sacerdotes e com outros soberanos. Se eles estavam bem, se seus negócios públicos e privados corriam de forma satisfatória, então, rezava a fórmula de saudação,<sup>17</sup> ela também estava bem. Ela tomava decisões. Ditava memorandos a vários escribas e assinava outros, às vezes com uma única palavra poderosa que queria dizer “cumpra-se”. Só mais tarde ela tomava banho e se vestia, perfumava-se e maquiava-se, e oferecia sacrifícios enfumaçados aos deuses. Em algum momento determinado da tarde, ela recebia visitas sobre assuntos de Estados, de templo ou judiciais. Essas audiências podiam ser muito tediosas; elas levaram um Ptolomeu anterior a dormir.<sup>18</sup> As responsabilidades de Cleópatra chegavam muito perto de rivalizar com as de Ísis: ela não só ministrava a justiça, comandava o exército e a marinha, regulava a economia, negociava com poderes estrangeiros e presidia os templos, como determinava os preços de matérias brutas e supervisionava os planos de semeadura, a distribuição de sementes, as condições dos canais egípcios, as reservas de alimentos. Ela era magistrado, alto sacerdote, rainha e deusa. Era também, no dia a dia e com muito maior frequência, chefe executiva. Conduzia tanto as burocracias seculares como religiosas. Era o mercador-chefe do Egito. A pressão dos negócios de Estado consumia a maior parte de seu dia.<sup>19</sup> E como aquele cansado monarca helenístico anterior havia admitido, o poder absoluto consome de forma absoluta.

Uma vasta e enraizada burocracia respondia a Cleópatra. Em nível local, contadores e subcontadores regionais, chefes de aldeias, escribas, coletores de impostos e policiais cumpriam suas ordens.

Em nível nacional, um ministro-chefe das finanças e do interior, seu *dioiketes*, supervisionava o funcionamento do Estado, com uma horda de subordinados. Bem à mão, Cleópatra empregava secretários pessoais, redatores de memorandos, um círculo mais íntimo de conselheiros, ministros do exterior, filósofos. Tanto gregos como egípcios falantes do grego ocupavam essas posições privilegiadas, que possuíam títulos pomposos que soam familiares: se o sujeito era particularmente poderoso, figurava na Ordem dos Primeiros Amigos ou na Ordem dos Sucessores. Cleópatra conhecia alguns desses conselheiros desde a infância e confiava neles; ela os mantinha desde o regime de seu pai. Com vários — o *dioiketes*, por exemplo —, ela estava em contato constante. Ela conferia a agenda de seu secretário diariamente.

A administração constituía uma maquinaria complicada de muitos níveis. Tinha como fundamento duas premissas. Era função de Cleópatra taxar o povo, o papel do povo era encher seus cofres. Para tal fim, seus ancestrais haviam inserido controles em todos os níveis de todas as indústrias; em nenhum outro lugar havia maior rede de burocracia governamental. (César só pode ter ficado assombrado. Roma na época não tinha burocracia.) As colheitas de Cleópatra eram as maiores de todo o mundo mediterrâneo. Com elas, a rainha alimentava seu povo, e dele recebia seu poder. Seus funcionários, conseqüentemente, monitoravam todos os seus aspectos. Eles distribuía as sementes. Quantidade equivalente devia ser devolvida na época da colheita. O fazendeiro fazia um juramento real de fazer o que dissera que ia fazer com sua plantação. Só enchiam seus navios depois de jurar que iam entregar os bens “íntegros e sem demora”.<sup>20</sup> Sob o poder de Cleópatra e como consequência de décadas de incerteza, transportadores viajavam com amostras seladas, na companhia de guardas armados. Um barco ptolomaico de bom tamanho era capaz de carregar três toneladas de trigo rio abaixo. Pelo menos dois desses navios faziam a viagem diariamente — com trigo, cevada, lentilhas —, para alimentar apenas Alexandria.

A mesma minuciosa supervisão estendia-se a todos os recantos da economia. O sistema ptolomaico já foi comparado ao da Rússia soviética; ficava entre as economias mais estritamente controladas

da história. Independente de quem a cultivasse — camponês egípcio, fazendeiro grego, sacerdote do templo —, a maior parte da terra era terra real. Portanto, os funcionários de Cleópatra determinavam e monitoravam seu uso. Só com permissão do governo podia-se derrubar uma árvore, criar porcos, transformar seu campo de cevada num pomar de oliveiras. Tudo era escrupulosamente planejado em função do burocrata que mantinha os registros e avaliava os lucros, mais do que pela conveniência do cultivador ou benefício da colheita. O sujeito estava sujeito a processo (como aconteceu com uma mulher empreendedora demais) se plantava palmeiras sem permissão. O criador de abelhas não podia deslocar suas colmeias de um distrito administrativo para outro, uma vez que ao fazê-lo confundia as autoridades. Ninguém deixava sua aldeia durante a estação agrícola. Nem os animais da fazenda. Toda terra era supervisionada, todo gado inventariado, este, no pico da estação da enchente, quando não podia ser escondido. Teares eram inspecionados para ter certeza de que nenhum estava ocioso e a conta dos fios, correta. Era ilegal um indivíduo possuir uma prensa de óleo ou qualquer coisa que se parecesse com uma. Funcionários passavam muito tempo fechando operações clandestinas. (Só os templos ficavam isentos dessa regra dois meses por ano, ao final dos quais eles também eram fechados.) O cervejeiro só trabalhava sob licença e recebia do Estado a cevada, com a qual jurava fabricar cerveja. Quando vendia seu produto, submetia seus lucros à coroa, que deduzia o custo das matérias brutas e dos aluguéis. Cleópatra garantia assim tanto um mercado para sua cevada como lucros com as vendas do cervejeiro. Seus funcionários inspecionavam todas as receitas cuidadosamente, para verificar se as amoreiras, os salgueiros e as acácias eram plantados em seu devido tempo, para conferir a manutenção de cada canal. Nesse processo, eram especial e frequentemente exortados a disseminar por todo o Egito a mensagem tranquilizadora de que “ninguém tem permissão para fazer o que quiser, mas tudo é planejado para o melhor”.<sup>21</sup>

Sem paralelo em sua sofisticação, o sistema era imensamente eficiente e, para Cleópatra, imensamente lucrativo. As maiores

indústrias do Egito — trigo, vidro, papiro, linho, óleos e unguentos — constituíam, essencialmente, monopólios reais. Com elas Cleópatra lucrava duplamente. A venda de óleo para a coroa era taxada em cerca de 50%. Cleópatra então revendia o óleo com um lucro que, em alguns casos, chegava a 300%. Os súditos de Cleópatra pagavam imposto sobre o sal, imposto sobre os canais, imposto sobre pastos; em geral, se um produto tinha nome, era taxado. Proprietários de banhos, que eram empresas privadas, deviam ao Estado um terço de suas receitas. Pescadores profissionais entregavam 25% de cada quantidade produzida; vinícolas, 16% de sua tonelagem. Cleópatra operava várias fábricas de lãs e tecidos, com uma equipe de escravas. Ela devia parecer divina em sua onisciência. Um Ptolomeu “sabia todos os dias o que cada um de seus súditos valia e o que a maior parte deles estava fazendo”.<sup>22</sup>

Era um sistema que convidava à corrupção, e o convite era atendido. A política fiscal ptolomaica ocupava uma vasta hierarquia de pessoas, desde o *dioiketes* até gerentes, subgerentes, tesoureiros, secretários e contadores. Cada um pronto a arbitrar conflitos e a enriquecer. As oportunidades de desvios de conduta eram ilimitadas. Seus traços sobrevivem às glórias da própria Alexandria, glórias que a máquina ptolomaica tornou possíveis. Em última análise, os funcionários de Cleópatra produziam tanto ressentimento quanto corrupção. Como eles próprios eram muitas vezes fazendeiros ou industriais, com grande facilidade os negócios públicos e privados sangravam de um para outro. Os interesses dos gerentes gerais e da coroa jamais coincidiam. Os do governo e seus agentes alfandegários — sempre prontos a passar por baixo do pano uma almofada, um pote de mel, um traje de banho de pele de cabra — nunca eram os mesmos. Funcionários de diferentes níveis discordavam. E no grosso da burocracia ociosa e sobrecarregada, as oportunidades pessoais raramente eram perdidas. Como apontou a estudiosa dos Ptolomeus Dorothy Thompson, a família de Cleópatra dedicava muito tempo em definir o bom funcionário. Ele devia ser vigilante, direito, um farol de boa vontade. Devia manter distância de companhias duvidosas. Tinha de investigar todas as reclamações, proteger contra a extorsão e, em suas viagens de inspeção, “animar

a todos e deixá-los na melhor disposição”.<sup>23</sup> Ele era também em grande parte uma ficção. “Podemos concluir que para o bom funcionário era quase impossível não ser mau”,<sup>24</sup> conclui Thompson depois de um exame das provas. A tentação era grande demais, o pagamento baixo ou inexistente, o sistema mesquinho demais.<sup>c</sup>

A lista de abusos era impressionante. Funcionários reais se apropriavam de terras, requisitavam casas, embolsavam dinheiro, confiscavam barcos, faziam prisões arbitrárias, coletavam impostos ilícitos. Inventavam sofisticados sistemas de extorsão. Atingiam igualmente gregos e egípcios, funcionários de templo e camponeses.<sup>25</sup> Cleópatra intervinha regularmente entre seu povo e os funcionários superzelosos; mesmo os que ocupavam posições mais altas recebiam reprimendas reais. Em um exemplo, um chefe embalsamador de touros reclamou de abuso. Uma delegação de fazendeiros compareceu perante Cleópatra na primavera de 41 para protestar contra uma dupla taxação da qual ela os isentou no futuro. Em meio ao maciço fluxo de papiros — relatórios, petições, instruções, ordens — figuravam frequentes protestos e reprimendas. Principalmente durante os primeiros anos do reino de Cleópatra, houve um grande volume de reclamações. Insubordinação, incompetência e desonestidade podem tê-la infernizado em casa também, entre os porteiros, os caçadores, os cavaliços, os servidores de vinho, as costureiras e os criados de quarto.

Mesmo as reclamações que não chegavam até Cleópatra pessoalmente, apelavam a suas boas intenções, sabedoria, compromisso com a justiça. Como Ísis, ela era vista como bondosa guardiã de seus súditos, tanto em seu papel terreno como divino. Os egípcios invocavam seu nome em voz alta quando sofriam indignidades ou quando procuravam reparação. E embora ela tivesse muitos representantes — um funcionário organizava as petições —, nada impedia que um súdito prejudicado se dirigisse pessoalmente a Cleópatra. Eles o faziam em multidões. A sábia rainha outorgava anistia geral antes de ir para o campo para audiências ou festivais religiosos; se não o fizesse, seria recebida por milhares de reclamantes. A filosofia operativa parecia ser: quando em dúvida, escreva (ou peça para o escriba da aldeia escrever) uma petição.

Todo tipo de contravenção e melodrama chegava até Cleópatra. Cozinheiros fugiam. Trabalhadores organizavam greves, escapavam da alfândega, entregavam produtos adulterados. Guardas ficavam sem pagamento. Prostitutas cuspiam em seus possíveis clientes. Mulheres atacavam esposas grávidas de seus ex-maridos. Funcionários do governo roubavam porcos e tomavam pombais. Gangues assaltavam coletores de impostos. Empréstimos davam errado. Havia ladrões de túmulos, problemas de irrigação, pastores descuidados, contas adulteradas e prisões injustas. Atendentes dos banhos rotineiramente insultavam clientes e sumiam com suas roupas. O pai enfermo reclamava da negligência da filha.<sup>26</sup> O vendedor de lentilha licenciado, um contribuinte honesto, choramingava que os vendedores de abóbora assada interferiam com seu comércio: “Eles chegam cedo, sentam perto de mim e de minhas lentilhas, e vendem abóbora sem me dar a menor chance de vender lentilha.”<sup>27</sup> Sem dúvida ele conseguiria das autoridades um prazo extra para pagar seu aluguel? Tão predominantes eram as disputas de impostos que, séculos antes, Ptolomeu II tinha proibido advogados de representar clientes nesses casos.<sup>28</sup> Dispensados como eram do trabalho manual, os zeladores do templo dos gatos sagrados tinham mesmo de ajudar na colheita? Eles faziam petições.<sup>29</sup>

Cleópatra se deparava regularmente com outra coisa irritante. Quando uma mulher acidentalmente esvaziava seu vaso noturno em cima de um transeunte e na discussão resultante rasgava o manto dele e cuspiam em seu rosto, era justo presumir que havia diferenças étnicas em jogo. O mesmo é verdade quando um atendente de banho esvaziava uma jarra de água quente em cima de um cliente e, protestava o cliente, “queimou minha barriga e minha coxa esquerda até o joelho, colocando minha vida em perigo”.<sup>30</sup> Num país administrado sobretudo por gregos e mantido primordialmente pelo trabalho dos egípcios, o ressentimento inevitavelmente corria subjacente. (Os cuspidores e atendentes de banhos eram egípcios, suas vítimas, gregas. Provavelmente, havia menos de 500 mil gregos no país, a maior parte deles em Alexandria.) Apesar de todo o frenético sincretismo, e todo o cosmopolitismo de Alexandria —

dirigir-se a um alexandrino era dirigir-se a um etíope, a um cítico, a um líbio ou a um ciliciano —, duas culturas paralelas estavam instaladas. Em nada isso era mais pronunciado do que no sistema legal. Um contrato em grego estava sujeito à lei grega, um contrato em egípcio à lei egípcia. Da mesma forma, uma mulher egípcia gozava de direitos não disponíveis a sua contrapartida grega, sempre dependente de seu guardião. Os regulamentos eram aplicados de formas diferentes. Um egípcio que tentasse ir embora de Alexandria sem um passe, sacrificava um terço de sua propriedade. Um grego que o fizesse pagava uma multa. Sob certos aspectos as duas culturas permaneciam separadas, assim como certos hábitos resistiam a ser transplantados, como Cleópatra e César logo descobririam. Um repolho grego perdia todo o aroma ao ser plantado em solo egípcio.

Além de tudo isso, a economia que Auletes deixou para sua filha estava em frangalhos. “Quando herdamos a República de nossos ancestrais, era como uma bela pintura cujas cores estivessem se apagando com a idade”,<sup>31</sup> Cícero reclamara alguns anos antes. O mesmo era ainda mais verdadeiro para o Egito de Cleópatra, seus dias gloriosos duramente ultrapassados. Auletes devia sua impopularidade em grande parte às taxas onerosas que baixara para pagar a conta com Roma. Cleópatra acertou essas contas, mas ficou com um tesouro depauperado. (Quando a notícia da morte de seu pai chegou a Roma, as primeiras perguntas foram: quem governa o Egito agora e como vou conseguir meu dinheiro de volta?) Segundo um relato, Auletes havia também dissipado a fortuna acumulada da família.<sup>32</sup> O que Cleópatra ia fazer? Em questões econômicas, ela manifestou mão firme, desvalorizando imediatamente a moeda em um terço de seu valor. Não emitiu novas moedas de ouro e desvalorizou as de prata, assim como seu pai fizera pouco antes de sua morte. Em grande parte, a sua época foi uma idade do bronze. Ela instituiu a produção em larga escala desse metal, que tinha sido suspensa por algum tempo. E introduziu uma grande inovação: moedas de diferentes valores no Egito. Pela primeira vez, os sinais determinavam o valor de uma moeda. Independentemente de seu

peso, a moeda devia ser aceita pelo valor impresso, com grande proveito para ela.<sup>33</sup>

Por causa disso, os juízos quanto à saúde financeira de Cleópatra se dividem. Mais tarde, quando solicitada a oferecer assistência a Roma, ela não foi até o fundo de seus cofres, o que prova, para alguns, que estava financeiramente limitada. No entanto, Cleópatra tinha uma razão válida para se mostrar menos que disposta. Ela não pretendia se comportar como um títere de Roma. Afirma-se que Auletes não tinha dinheiro para reunir um exército mercenário em 58, quando o Chipre lhe custou o trono. De alguma forma, Cleópatra tinha os fundos para isso dez anos depois, quando estava no poder fazia apenas dois anos e seu irmão dera o golpe. Ela estabilizou a economia e pôs o país num rumo constante. Como sugerem os números de seus seguidores políticos posteriores, ela ainda tinha um significativo tesouro privado. As aldeias do Alto Egito prosperavam. As artes também floresciam. Sob Cleópatra, os alexandrinos, com seu apetite recém-estimulado, produziram obras-primas de qualidade e em quantidade não vistas em um século. Os esplêndidos entalhes em alabastro e vidro adornado com ouro que sobrevivem a ela não sugerem de forma alguma um regime decadente.

Qual era o tamanho da riqueza dela? Aproximadamente metade do que o Egito produzia ia para seus cofres. Seus rendimentos anuais em dinheiro ficavam, provavelmente, entre 12 e 15 mil talentos de prata. Era uma soma astronômica para qualquer soberano, nas palavras de um historiador moderno, “o equivalente a todos os fundos de cobertura daquela época reunidos numa coisa só”.<sup>34</sup> (A inflação foi um problema durante todo o século, mas afetava a prata de Cleópatra menos do que sua moeda de bronze.) O mais luxuoso dos enterros luxuosos custava um talento, prêmio que o rei dava num concurso de bebida no palácio.<sup>35</sup> Meio talento era uma multa esmagadora para um aldeão egípcio. Um sacerdote da época de Cleópatra, posto dos mais cobiçados, ganhava quinze talentos anuais. Era uma quantia principesca; foi a fiança que Ptolomeu III pagou ao “pegar emprestado” as versões oficiais de Ésquilo, Sófocles e Eurípides de Atenas — e que ele sacrificou quando optou por não devolver esses textos inestimáveis. Piratas

estabeleceram o inacreditável resgate de vinte talentos pela cabeça do jovem Júlio César que, sendo César, protestou que valia pelo menos cinquenta. Diante da escolha entre uma multa de cinquenta talentos e a prisão, qualquer um optaria pela prisão. Por duzentos talentos podia-se construir dois monumentos impressionantes para uma amante muito amada. Os custos de Cleópatra eram altos, seus primeiros anos muito difíceis, porque o Nilo não cooperou. Pelas mais estritas definições — as dos cidadãos mais ricos de Roma — ela era fabulosamente rica. Crasso dizia que ninguém era realmente rico se não pudesse manter um exército.<sup>d</sup>

Em certo nível de assuntos internos, Cleópatra se dava excepcionalmente bem. É evidente que ela manejava a enchentes de petições com eficiência. Contava com o apoio do povo. Seu reino é notável pela ausência de revoltas no Alto Egito, repentinamente tranquilo como não ficava havia um século e meio. No verão de 46, Cleópatra tinha razões para acreditar que seu reino estava equilibrado, sua produtividade garantida. O Nilo enchia regularmente. Ela começou a emitir instruções a camaristas de confiança, oficiais da marinha, às aias de seu filho. Reuniram uma coleção de toalhas, utensílios de mesa, utensílios de cozinha, lampiões, lençóis, tapetes e almofadas. Cesário tinha um ano de idade. Com ele e uma grande comitiva, Cleópatra se preparou para ir a Roma.<sup>36</sup> Levava com ela secretários, copistas, mensageiros, guarda-costas e seu irmão-marido também; um Ptolomeu hábil não deixava para trás um parente de sangue. Não é claro se viajou por razões de Estado ou por questões amorosas — ou para apresentar a César o filho que ele ainda não conhecia. Ela podia estar esperando uma palavra de César, que esteve fora de Roma durante quase três anos. Seu retorno do norte da África, onde derrotara brilhantemente os últimos partidários de Pompeu, coincide muito convenientemente com a chegada de Cleópatra. Duas coisas ficam absolutamente claras. Ela não poderia sair do Egito se não tivesse um controle firme do país. E não ousaria pisar em Roma se Júlio César não a quisesse lá.



Cleópatra não teria empreendido sua primeira travessia do Mediterrâneo por um motivo fútil. A viagem era arriscada a todos os momentos; em travessia semelhante, Herodes havia naufragado.<sup>37</sup> Josefo, historiador judaico-romano que escreveu tão venenosamente sobre Cleópatra, alguns anos depois passou uma noite nadando no Mediterrâneo. Temos indícios de que Cleópatra era uma marinheira nervosa. Ela viajava também como instituição e como indivíduo, com médicos e filósofos, eunucos, conselheiros, costureiras, cozinheiros e uma equipe completa para César. Com ela, iam suntuosos presentes: jarros de água do Nilo, tecidos brilhantes, canela, tapeçarias, potes de alabastro com perfume, canecas de ouro, mosaicos, leopardos. Tinha uma imagem a preservar e toda razão para divulgar a riqueza do Egito. Nesse outono, uma girafa apareceu em Roma pela primeira vez, com um efeito eletrizante. Pode muito bem ter viajado para o norte com Cleópatra.<sup>38</sup> (A criatura indescritível era “como um camelo sob todos os aspectos”,<sup>39</sup> exceto pelas manchas, enorme altura, pernas e pescoço.) Presume-se que Cleópatra tenha feito a travessia numa galera, muito provavelmente um esguio trirreme de velas quadradas, de 120 pés, dos quais havia muitos em sua frota. A galera era um navio rápido, com tripulação de cerca de 170 remadores e espaço para um pequeno grupo de passageiros na popa. O séquito e os presentes seguiam atrás.

Independentemente de como tivesse qualificado sua viagem no Egito, não era de forma alguma uma viagem de prazer. Um monarca helenístico só se aventurava ao estrangeiro com um propósito maior do que por um mero capricho.<sup>e</sup> Cleópatra também não saiu da cidade secretamente, como seu pai fizera. A frota reunida era uma visão extraordinária, que não se via em Alexandria havia pelo menos uma geração. Não havia nada remotamente discreto ou econômico nela. Multidões se reuniram na costa para admirar o espetáculo e ver a partida de sua rainha, com música e vivas, em meio a nuvens perfumadas de incenso. A bordo do navio, ela terá ouvido a comoção até desaparecerem de vista aqueles rostos, as palmeiras ondulantes, o litoral rochoso, os colossos, o telhado dourado do Serápio e, por fim, o farol. É pouco provável que Cleópatra já tivesse visto aquela torre de calcário com seus espelhos refletivos a partir

do mar. Só depois de umas boas quatro horas mar adentro a maciça estátua de Poseidon em seu topo se dissolvia completamente na névoa prateada.

Cleópatra tinha pela frente um trajeto de 3.200 quilômetros. Na melhor das hipóteses, podia contar que ficaria a bordo um bom mês. Na pior, a viagem podia chegar mais perto de dez semanas. Roma ficava diretamente a noroeste de Alexandria, o que convidava a uma luta contínua contra o vento predominante. Em vez de se aventurar pelo Mediterrâneo, uma galera naval viajava para o leste e para o norte antes de seguir para oeste. Aportava todas as noites. O espaço para provisões era limitado e a tripulação não podia nem dormir nem comer a bordo. As aldeias eram avisadas antecipadamente da chegada da frota; os habitantes se aglomeravam em multidões no porto, com água e alimentos. Dessa forma árdua, Cleópatra viajou pela costa leste do Mediterrâneo, ao longo da costa sul da Ásia Menor, ao norte de Rodes e de Creta, e atravessou o mar Jônio. Além da Sicília, o horizonte se expandia e se transformava na península italiana. Ela provavelmente acompanhou a costa ocidental, subiu o suave mar Tirreno, deslizando ao longo de um recortado litoral pontilhado com opulentas e recentes mansões de pedra. Ao longo da década seguinte, essas propriedades em terraços se multiplicariam com tal velocidade que se diria que até os peixes ficavam apertados. Além de Pompeia, ela deve ter apreciado a vista do movimentado porto e belo ancoradouro de Puteoli (a moderna Pozzuoli), onde os imensos navios de trigo egípcios atracavam. No porto, ela fez oferendas aos deuses, em gratidão pela chegada em segurança; se Ísis não estava esculpida na proa do navio de Cleópatra, a deusa da navegação estava em algum ponto do convés. Uma prancha por fim conduziu Cleópatra à Europa. De Puteoli, ela fez, por terra, a viagem de três dias até Roma, em liteira ou carruagem acolchoada, por estradas de areia e de cascalho, um trajeto áspero, empoeirado, sob intenso calor. No caso de Cleópatra também havia algo conspícuo. Um funcionário romano em viagem de inspeção à Ásia Menor viajava com "dois coches, uma carruagem, uma liteira, cavalos, numerosos escravos e, além disso, um macaco num pequeno carro e uma porção de asnos selvagens".<sup>40</sup> E ele era

desconhecido. No Oriente, comboios de bagagem de duzentos carros e vários milhares de cortesãos não eram desconhecidos.

Nos arredores de Roma, pairava no ar uma perfumada poeira de groselha, mirra e canela. Tumbas modestas e mausoléus colossais ladeavam ambos os lados da estrada, assim como altares a Mercúrio, o santo patrono dos viajantes. Os representantes de César já estavam com Cleópatra, ou foram então ao encontro dela fora das muralhas da cidade e a conduziram, através de uma ponte de madeira, para sua grande propriedade de campo, na margem oeste do Tibre. Com essa ajuda, Cleópatra instalou-se na parte sudeste do monte Janículo, um belo endereço mesmo que não tão prestigioso como os do outro lado da cidade, na colina oposta. Na mansão de César, ela se viu cercada por uma vasta coleção de pinturas e esculturas, um pátio circundado por colunas e um jardim de um quilômetro e meio, um luxo para padrões romanos que, para uma rainha egípcia, era bastante insignificante. Por outro lado, ela gozava de uma bela vista da cidade lá embaixo. Por entre pinheiros e ciprestes, Cleópatra avistava o Tibre amarelado até as colunas e os telhados vermelhos de Roma, uma metrópole constituída em sua maior parte de uma mistura de alamedas entrelaçadas e prédios densamente povoados. Roma havia recentemente sobrepujado a população de Alexandria; em 46, abrigava quase 1 milhão de pessoas. Sob todos os outros aspectos, não passava de um fim de mundo provinciano e atrasado. Ainda era um lugar onde um cachorro de rua podia depositar uma mão humana debaixo da mesa do café da manhã, ou onde um boi podia irromper pela sala de jantar. Em termos de deslocamentos, este era comparável a viajar da corte de Versalhes para a Filadélfia do século XVIII. Em Alexandria, o passado glorioso estava muito mais em evidência. O glorioso futuro de Roma não era nada visível dos aposentos de Cleópatra. Ainda era possível confundir o que era o Velho Mundo e o que era o Novo.<sup>41</sup>

Existem todos os indícios de que Cleópatra foi muito discreta, ou tão discreta quanto possível em circunstâncias tão fora do comum: "Pois ela viera à cidade com seu marido e se instalara na casa do próprio César, de forma que ele também adquiriu uma má reputação

devido aos dois”, censura Dio. Como todo mundo sabia, César vivia no centro da cidade, perto do Fórum, com sua esposa, Calpúrnia. A influência de Cleópatra e a de seu país eram, porém, intensamente sentidas, de forma direta e indireta. Depois de sua volta, César dera início a uma série de reformas inspiradas por sua temporada egípcia, durante a qual ele havia evidentemente estudado as inovações com a mesma atenção que a tradição. A mais óbvia foi a atualização do calendário romano, que, em 46, havia avançado três meses adiante da estação. Por algum tempo, um ano romano consistia de 355 dias, aos quais as autoridades acrescentavam um mês extra sem qualquer regularidade, quando isso convinha a seus propósitos. Como diz Plutarco: “Só os sacerdotes eram capazes de marcar o tempo, e eles, a seu bel-prazer, sem qualquer aviso, introduziam um mês intercalado.”<sup>42</sup> O resultado era uma bagunça completa; em certa altura, Cícero não sabia em que ano estava vivendo. César adotou o calendário egípcio de doze meses de trinta dias, com um período extra de cinco dias ao final do ano, posteriormente qualificado de “o único calendário inteligente que jamais existiu na história humana”.<sup>43</sup> Ele adotou também a divisão de doze horas entre dia e noite que conhecera em Alexandria. Em termos gerais, o tempo era uma noção mais vaga e elástica em Roma, sujeita a debate perpétuo.<sup>f</sup> Os astrônomos e matemáticos de Cleópatra colaboraram com o planejamento de César. Em 46, “último ano dos cálculos confusos”, o resultado foi uma ousada correção para 445 dias, com semanas extras inseridas entre novembro e dezembro.

O episódio egípcio exerceu profunda influência sobre César; a única questão nos dezoito meses seguintes seria até que ponto isso ocorreria. Sua admiração pelo reino de Cleópatra pode ser lida com clareza em suas reformas. Ele lançou as bases para uma biblioteca pública, para tornar obras da literatura grega e latina amplamente disponíveis. Contratou um eminente acadêmico — que estava entre aqueles que César poupou em batalha não uma, mas duas vezes — para reunir essa coleção. A obsessão alexandrina com a contagem mostrou-se contagiosa: César determinou um censo oficial. (Que revelaria o quanto sua rivalidade com Pompeu assolara a cidade. A guerra civil reduzira substancialmente a população de Roma.) As

sofisticadas eclusas e diques do Egito deixaram uma impressão; César propôs drenar os pântanos do centro da Itália e assim recuperar terras férteis para agricultura. Por que não construir um canal do Adriático até o Tibre, para facilitar o comércio? César planejou reformar o porto de Óstia, ainda um porto menor, obstruído por pedras e bancos de areia. Um corredor ao estilo alexandrino abriria a cidade para grandes frotas. Ele estendeu a cidadania a qualquer pessoa que ensinasse as artes liberais ou praticasse a medicina em Roma, “para estimular a vontade de morarem na cidade e induzir outros a esse recurso”.<sup>44</sup> Ele sugeriu despir a cidade de algumas de suas esculturas menores, que depois de Alexandria pareciam decididamente pobres; era difícil alguém entrar em contato com o Egito ptolomaico e não contrair uma mania de grandeza. Como a própria Cleópatra, nem todas as inovações de César foram bem-vindas ou inteiramente lógicas. Logo depois de sua chegada, ele reconheceu o culto a Dionísio, um grego de origem e hábitos questionáveis, ainda mais duvidosos que uma rainha egípcia excepcionalmente rica. Em quase todas as frentes, César demonstrou prodigiosa atividade, a obsessiva capacidade de trabalho que durante muitos anos iria distingui-lo de seus rivais.

Em nenhum outro ponto a influência oriental foi sentida com tamanha profundidade como nos cortejos de triunfo que César celebrou em final de setembro.<sup>45</sup> Um general romano não conhecia glória maior do que esses divertimentos elaborados e autoenaltecedores. E César tinha razões particulares para levar isso a novos picos. Roma estava agitada e insegura havia muito por causa de uma guerra demorada e de sua ausência prolongada. Qual o melhor jeito de dominar senão com onze dias de festividades públicas, um evento sem precedentes? Nessas ocasiões, um general se transformava em empresário; ao celebrar suas conquistas na Gália, em Alexandria, no Ponto, na África e na Espanha, César se superou, competindo conscientemente ou não com o tipo de encenação que tinha visto em Alexandria. Depois de intensos preparativos e vários atrasos decepcionantes, as comemorações começaram em 21 de setembro de 46. Estenderam-se aos primeiros dias de outubro. Roma se encheu de ruidosos espectadores, só uma

parcela dos quais podia ser acomodada. Muitos armaram tendas nas ruas da cidade e ao longo das estradas. Juntavam-se em bandos para os festivais, paradas e espetáculos; alguns morreram pisoteados no pandemônio. Templos e ruas foram decorados, estádios provisórios construídos, pistas de corrida ampliadas. Há muito tempo a glória era um valor em Roma, mas a cidade nunca antes tinha visto quarenta elefantes portando tochas acesas nas trombas escoltarem um general para casa ao final das festividades do dia, com uma procissão de festejadores e músicos atrás. Igualmente, nunca antes Roma tinha visto banquetes de iguarias para 66 mil pessoas.

Cleópatra podia já estar instalada na mansão de César no fim do verão, quando ele celebrou seu cortejo de triunfo egípcio. As trombetas anunciavam sua chegada cada manhã; com seu manto púrpura, a coroa de louros na cabeça calva, ele atravessava os portões da cidade numa carruagem puxada por quatro cavalos brancos. A multidão o saudava com pétalas de rosa e aplausos. Seus homens exultantes marchavam a seu lado com armaduras de metal, entoando tanto odes de vitória como obscenidades sobre as conquistas românticas no exterior. Em suas brincadeiras, o nome de Cleópatra aparecia como efeito final, acusações que César de modo algum negava. Por tradição, a procissão compreendia os despojos da campanha e as representações dos vencidos; do Campo de Marte ao norte até a via Sacra, através do Circo Máximo, subindo a colina Capitolina, iam efígies montadas de Aquilas e Potino, ao lado de imensas pinturas do Nilo e de uma maquete do farol de Alexandria. As multidões rugiam aprovando. A frota egípcia era revestida com cascos de tartaruga, um material novo para Roma e que sustentava o orgulho de César pelas riquezas que havia adquirido no estrangeiro. Cada cortejo de triunfo incluía banquetes e apresentações públicas; concursos de atletismo, peças de teatro, corridas de cavalos, competições musicais, apresentação de animais selvagens, espetáculos circenses e lutas de gladiadores ocorriam por toda a cidade. Durante três semanas, Roma foi o paraíso dos ladrões, quando as casas ficavam desertas para o espetáculo. Depois do triunfo egípcio, veio a representação de uma batalha naval, para

a qual foi criado um lago artificial. Esse combate contava com quatrocentos remadores e alguns navios egípcios derrotados, que Suetônio acreditava que César havia rebocado através do Mediterrâneo para a ocasião.

Cleópatra decerto não precisava estar presente quando César exibia ao povo as riquezas que Roma trazia, explicação tão boa quanto qualquer outra para seu interlúdio egípcio. O povo exultava com a generosidade de César, que provavelmente era a dela. Os soldados e os oficiais de César ganhavam muito bem. César distribuiu também quatrocentos sestércios para cada cidadão — o equivalente ao salário de mais de três meses —, além de presentes de trigo e azeite de oliva. É ainda menos provável que Cleópatra quisesse participar do triunfo egípcio, lembrete de que ela não era a única mulher ptolomaica em Roma. Cada parada terminava com uma multidão de prisioneiros humanos. (Isso era tão crucial que num cortejo de triunfo anterior, Pompeu havia se apropriado de prisioneiros que não lhe pertenciam. Seu número quantificava o sucesso do general.) Quanto mais exóticos os prisioneiros, melhor; o cortejo africano de César, última apresentação do ano 46, incluía o príncipe africano de cinco anos que, numa estranha reviravolta, viria a se casar com a filha de Cleópatra.<sup>9</sup> Em seu cortejo egípcio, César apresentou outra novidade, embora não tenha interessado aos romanos tanto quanto o príncipe miniatura ou o exótico “cameleopardo”. Envolta em correntes de ouro, a irmã adolescente de Cleópatra, Arsínoe, desfilou a cavalo pelas ruas. Atrás dela, seguiam os despojos e os prisioneiros da campanha egípcia. Destinada a impressionar, essa estranha peça de butim perturbou a multidão. Arsínoe acabou sendo demais para a plateia, desacostumada, como nos conta Dio, à visão de “uma mulher, um dia considerada rainha, acorrentada, espetáculo nunca visto, pelo menos em Roma”.<sup>46</sup> O deslumbramento se transformou em compaixão. Lágrimas vinham aos olhos. Arsínoe fazia pensar no custo humano da guerra, que havia afetado praticamente todas as famílias. Mesmo que Cleópatra se mantivesse impiedosa quanto ao destino de sua irmã, mesmo que ela preferisse ler a vitória de César como obtida sobre uma administração anterior, ela pouco tinha a

ganhar com esse brutal lembrete da submissão do Egito. Ela própria escapara por pouco da mesma desgraça.

Na verdade, hóspedes glamourosas eram tão problemáticas como prisioneiros glamourosos. É difícil dizer qual das duas Ptolomeus acabou causando maior desconforto aos romanos: a prisioneira real que César humilhou nas ruas ou a rainha estrangeira com quem consorciava em sua mansão. Arsínoe logo seria banida, despachada através do mar Egeu para o templo de Ártemis em Éfeso, uma brilhante maravilha do mundo antigo toda de mármore branco. Sua irmã mais velha passou o inverno no lado menos elegante do Tibre. Ela não tinha notícias de Alexandria, uma vez que a temporada de navegação havia se encerrado, para ser retomada apenas em março. Ela ficaria algum tempo sem César também, que saiu de Roma abruptamente, no começo de novembro. Ele partiu para a Espanha, para uma última campanha contra os partidários de Pompeu. Cleópatra conhecera locais difíceis antes — o deserto ocidental do Sinai vem logo à mente —, mas, apesar de toda a beleza da mansão em Janículo com sua vista panorâmica, aquele lugar era menos que confortável. Ela não havia sido recebida com cordialidade universal. Roma era fria e úmida. O latim não era uma língua fácil para uma falante do grego; Cleópatra estava em desvantagem linguística. E, numa cidade em que as mulheres gozavam dos mesmos direitos legais que as crianças e as galinhas,<sup>47</sup> sua posição exigia toda uma nova gama de habilidades. Por boa razão, 46 pode ter parecido a Cleópatra o ano mais longo da história, coisa que, devido à adaptação do calendário, efetivamente foi.



Cleópatra tinha em Roma o problema de qualquer celebridade no exterior: conhecia poucas pessoas, mas todo mundo a conhecia. Sua presença era forte, só em parte devido a Calpúrnia, para quem essas afrontas não eram novidade. César havia se casado com sua terceira esposa em 59 e passara os anos seguintes somando infidelidades, tanto na cidade como no estrangeiro. Ele não estava acima de suspeita. Tinha ido para a cama com a maioria das esposas de seus

colegas, em um caso específico com a bela mãe e a jovem filha, que ele tivera o bom gosto de seduzir uma depois da outra. Entre a partida de Alexandria e o retorno a Roma, havia encontrado tempo para um namoro com a esposa do rei da Mauritânia, caso ao qual, num arroubo de lógica romântica, alguns atribuem a razão da visita de Cleópatra. Competir com uma esposa era uma coisa. Competir com outra rainha oriental, mesmo de menor importância, era coisa bem diferente. (Isso coloca na questão um peso emocional que nem a época nem as provas permitem.) Mais problemática era a intensa afeição de César por uma mulher que era tão alheia, e sob muitos aspectos, oposta aos costumes de Roma.

Embora pouca coisa sobre Cleópatra despertasse afeição no exterior, tudo despertava curiosidade. Isso devia impor certas restrições a seus movimentos. É difícil acreditar que ela aparecesse em público muitas vezes na descortês Roma. O mais provável é que César a visitasse em sua mansão, coisa que ele não poderia fazer discretamente. Outros Ptolomeus já haviam sido hóspedes de Roma antes (Auletes ficara em casa de Pompeu), mas as relações eram diferentes. Era praticamente impossível para César e Cleópatra fazerem qualquer coisa em segredo; uma liteira cortinada conduzida pelas ruas por um grupo de sírios musculosos tendia a atrair atenção. (Auletes viajara nos ombros de oito homens e com uma escolta de cem espadachins.<sup>48</sup> Não há razões para se pensar que sua filha tivesse outra interpretação para a pompa. Com certeza, ela só se deslocava em Roma acompanhada por guarda-costas, conselheiros e criados.) Um grande homem não viajava sem seu manto escarlate e seu séquito; em fins de 45, César dera de se exibir em botas altas de couro vermelho. E segundo todos os relatos, Roma era uma cidade em que as próprias pedras pareciam falar. Como lembra Juvenal, um romano rico se iludia se acreditava em segredos. “Mesmo que seus escravos mantenham silêncio, seus cavalos falarão, assim como seus cachorros, seus portais e os pisos de mármore.” Todas as precauções possíveis podiam ser tomadas: “Mesmo assim, quando o galo cantar pela segunda vez o que o senhor faz será do conhecimento do primeiro comerciante antes do amanhecer, ao lado de todas as invenções do pasteleiro, dos *chefs* e

dos cortadores.”<sup>49</sup> Felizmente, Cleópatra tinha poucas razões para esconder suas pegadas. Escapadas noturnas em sacos de lona já não faziam parte de seus projetos.

César fez ao menos uma tentativa pública para integrar a rainha do Egito à vida romana. Em setembro, ele dedicou um templo ornamentado no Fórum a Vênus Genetrix, a deusa de quem ele dizia descender e a quem atribuía suas vitórias, e que era também a mãe divina do povo romano. Dizia-se que César era “absolutamente devotado” a Vênus, sempre disposto a persuadir seus colegas de “que havia recebido dela uma espécie de dom da juventude”,<sup>50</sup> sem dúvida ainda mais à medida que seu rosto murchava, sua pele empapuçava debaixo dos olhos e os cabelos desapareciam inteiramente. Em seu templo favorito, naquele que era essencialmente seu endereço profissional, ele instalou uma estátua de ouro em tamanho natural de Cleópatra ao lado de Vênus. Era uma honra significativa, ainda mais porque César ainda não havia erigido uma estátua dele mesmo. O tributo fazia algum sentido; para a mentalidade romana, Ísis e Vênus eram, em seus papéis maternos, intimamente associadas. Em termos de homenagem, era também excessivo e constrangedor, um passo sem precedentes, além do que se esperava de César se Cleópatra tivesse vindo, como Dio sustenta, em busca de reconhecimento oficial “entre amigos e aliados do povo romano”.<sup>51</sup> Essa fórmula diplomática importava (tinha valido o peso de Auletes em ouro), mas nunca antes envolvera estátuas custosas de monarcas estrangeiros em locais sagrados no coração de Roma. Tocava uma nota estranha numa cidade em que humanos não se misturavam tradicionalmente com imagens de culto.

Cleópatra pode ou não ter entendido inteiramente o quanto o tributo de César era irregular; estátuas de ouro não eram novidade para ela. Na mansão dele, ela deve ter sentido agudamente as estranhezas da situação. O próprio colorido de Roma era diferente. Ela estava acostumada a vistas do mar, a brisas marítimas revigorantes, a paredes brancas brilhantes e ao céu sem nuvens de Alexandria. Não havia um Mediterrâneo turquesa cintilante à sua janela, nenhuma luz purpúrea ao fim do dia. Não havia arquitetura

arrebatadora. Perto das cores a que Cleópatra estava acostumada, Roma era monocromática. Era toda de madeira e reboco. A música permeava todos os aspectos da vida alexandrina, onde as flautas e as liras, os chocalhos e os tambores estavam por toda parte. Só com relutância os romanos admitiam tais frivolidades em sua cultura. A tendência era se desculpar pela habilidade de dançar ou de tocar bem a flauta. “Ninguém dança quando está sóbrio”, proferiu Cícero, o maior dos desmancha-prazeres romanos, “a menos que se trate de um lunático.”<sup>52</sup> h

Se em algum momento foi ao centro da cidade, Cleópatra se viu em meio a uma sombria confusão de ruas tortuosas e congestionadas, sem avenida principal nem plano central, entre porcos enlameados e vendedores de sopa, lojas de artesãos que despencavam pela calçada. Sob todos os aspectos uma cidade menos salubre que Alexandria, Roma era esquelética e sem forma, um emaranhado de ruas estreitas, malventiladas e a perturbação incessante de janelas rangendo, perpetuamente à sombra, sufocante no verão. Isolada em sua floresta na colina, havia também vantagens no endereço de César. Cleópatra ficava apartada dos incessantes gritos e pregões, do bater de ferreiros e de cortadores de pedra, do barulho de correntes e guas. Roma era uma cidade de construção incessante, uma vez que as casas caíam ou eram postas abaixo regularmente. Para diminuir o ruído, César reduzira o tráfego diurno nas ruas, com resultados previsíveis: “É preciso ser muito rico para conseguir dormir em Roma”<sup>53</sup>, afirmava Juvenal, que amaldiçoava o estampido noturno e sentia que arriscava a vida cada vez que punha o pé na rua. Ser atropelado por liteiras ou salpicado de lama constituíam riscos periféricos. Os pedestres caíam rotineiramente em buracos escondidos. Cada janela representava um potencial ataque. Dada a frequência com que vasos despencavam de parapeitos, o homem esperto, alertava Juvenal, só ia jantar depois de fazer seu testamento. Cleópatra tinha uma porção de razões para sentir saudade daquilo que mais tarde um poeta latino chamaria de “país superficialmente civilizado”.<sup>54</sup>

Na época de sua visita, Roma tinha acabado de descobrir o planejamento urbano, outra importação oriental. Inútil procurar os

famosos marcos locais; o Coliseu, “a última palavra em anfiteatros”,<sup>55</sup> ainda não tinha sido construído. Como também o Panteão ou as Termas de Caracala. O teatro de Pompeu era a única construção de importância em Roma; servira de inspiração para o Fórum de César, que agora o eclipsava. Roma permanecera provinciana, mas crescentemente consciente de que o era. A Grécia continuava a ser sinônimo de cultura, elegância e arte. Se alguém queria um secretário, um médico, um treinador de animais, um artesão, queria um grego. E se alguém queria uma livraria, sonhava encontrar-se em Alexandria. Era difícil obter um exemplar decente de qualquer coisa em Roma, que nutria um saudável complexo de inferioridade por isso e que se manifestava de uma forma consagrada pelo tempo: o romano se considerava superior. Sua civilização dificilmente terá sido a primeira a desprezar alegremente a civilização que gostaria de ser. Portanto as pirâmides — maravilhas da engenharia e da exatidão antigas, construídas com ferramentas primitivas e aritmética igualmente primitiva — podiam ser reduzidas a “inútil e tola ostentação de riqueza real”.<sup>56</sup> Engolindo a inveja com um esgar de desprezo, um romano no Egito se via menos deslumbrado que ofendido. Ele desprezava a extravagância como coisa nociva para o corpo e a alma, soando muito parecido com Mark Twain a resistir ao canto de sereia da Europa. Olhando cara a cara uma civilização avançada, o romano a reduzia ou a barbarismo ou a decadência. Ele se refugiava nas arestas e nos ângulos retos de sua própria língua, mesmo quando — chorando e escarnecendo — ele admitia que era inferior à sinuosa, flexível e abrangente língua grega. O latim mantinha quem o falava num rumo direto e estreito.<sup>57</sup> Lamentavelmente, não havia palavra nessa língua para “desprovido”.<sup>58</sup> Mas tampouco havia, abençoadamente, um termo latino para “utensílios marchetados de ouro” ou “vidros gravados do cálido Nilo”.<sup>59</sup>

Com as campanhas além-mar de César, com o poderio e a riqueza de Roma crescendo, os esplendores do mundo grego começaram a penetrar na península italiana. Seria difícil exagerar as ramificações dessas importações para Cleópatra. Pompeu tinha acabado de introduzir o ébano em Roma. A mirra e a canela, o gengibre e a

pimenta eram recém-chegados. Pela primeira vez, colunas decorativas enfeitavam as entradas de residências particulares. Apenas uma casa em Roma exibia paredes revestidas de mármore, embora poucos anos depois essa casa rivalizasse com centenas de outras. As artes culinárias floresciam, linguados, cegonhas e pavões encontravam seu lugar nas mesas. Durante a estada de Cleópatra, as virtudes relativas do lagostim *versus* o caracol africano eram debatidas vigorosamente. A Roma que ela viu foi uma Roma em transição;<sup>60</sup> havia divertimentos luxuosos e também aqueles em que os guardanapos finos de linho eram roubados.<sup>61</sup> A literatura latina estava em sua infância e a literatura grega logo seria desdenhada, descartada — numa metáfora adequada —, como um vaso belo, mas cheios de cobras venenosas.<sup>62</sup> A beleza de uma toga — aquela roupa de lã despojada, natural, tão incômoda como pouco prática — estava, assim como a própria língua latina, em suas limitações. Em seus espetáculos, César mandou colocar toldos de seda para proteger os espectadores ao longo da via Sacra e subindo a colina Capitolina. Como importações alexandrinas, esses toldos foram automaticamente qualificados de “luxo bárbaro”.

Com a adoção *nouveau riche* do Oriente apareceram aqueles que analisavam cada importação e liam nela o fim da civilização, o caminho para a degeneração. A esse respeito, César voltou a promulgar as leis suntuárias da cidade, há muito negligenciadas, com a finalidade de conter despesas privadas. Ele foi tão estrito nesse aspecto quanto só um amante da magnificência pode ser — foi o primeiro anfitrião da história a oferecer a seus convidados uma seleção de quatro vinhos finos. Despachou agentes para confiscar iguarias do mercado, confiscar louças e talheres ornamentados, no meio da refeição, em casas particulares. Com poucas exceções, ele proibiu liteiras, roupas escarlates, pérolas. Para alguém acostumado com Alexandria, a capital da moda no mundo, a ideia de que a Roma de César precisava de leis suntuárias era risível. No entanto, uma mulher que sabia quando era hora de simplificar seus utensílios de jantar com toda certeza sabia se vestir adequadamente. Cleópatra deve ter moderado o guarda-roupa. Uma matrona romana usava branco, enquanto a mulher alexandrina adorava cor. E uma mulher

capaz de calibrar seu humor a diferentes plateias saberia não desprezar um jantar que de forma alguma rivalizaria com os seus em casa. Como já se observou ao longo dos milênios, é mais fácil denunciar o luxo que negá-lo; o edito de César foi mais popular com uns do que com outros. Ganhou poucos pontos de Cícero, que nesse inverno teve dificuldade para se privar de pavões, ostras gigantes e enguias do mar. (A carne de pavão era notoriamente dura, mas isso não importava.) Ostras e enguias, Cícero gemeu, nunca haviam ofendido seu sistema digestivo como os nabos.

Não sabemos o que Cleópatra achava dos puritanos — dos verdadeiros e dos fingidos — entre os quais se encontrava. Sabemos muito bem o que eles achavam dela. O casamento e as mulheres eram vistos de forma diferente em Roma, onde a autoridade feminina era um conceito sem sentido. (Por isso mesmo, um homem ser chamado de efeminado era o pior insulto.) A definição romana de boa mulher era a mulher inconspícua, algo que ia contra a formação de Cleópatra. Em Alexandria ela precisava ser um espetáculo. Em Roma, era obrigatório que fosse o contrário. A mulher romana não só era desprovida de direitos políticos ou legais como não possuía nome pessoal; levava apenas o nome derivado de seu pai. César tinha duas irmãs, ambas chamadas Júlia. As mulheres romanas baixavam os olhos em público, onde ficavam silenciosas e reservadas. Não faziam convites para jantar. Eram invisíveis na vida intelectual, menos representadas na arte do que no Egito, onde mulheres trabalhadoras e mulheres faraó apareciam em pinturas e esculturas, em cenas de tumbas e em paredes de capelas, caçando pássaros, vendendo produtos ou fazendo oferendas aos deuses.

As regras — como as regras suntuárias, por exemplo — não se aplicavam inteiramente a uma soberana estrangeira, mas Cleópatra não podia se sentir à vontade.<sup>63</sup> Como sempre o que mantinha as mulheres puras era a vida de trabalho.<sup>64</sup> (Juvenal fornece a fórmula tradicional: “Trabalho duro, pouco sono, mãos calejadas” de trabalho doméstico.<sup>64</sup>) Como perturbadora de casamentos que havia de alguma forma passado a participar da exaltada companhia de Vênus, Cleópatra incomodava Roma sob todos os aspectos: era mulher e estrangeira, uma monarca oriental naquela que ainda se acreditava

uma república esmagadora de reis, uma substituta de Ísis, cujo culto era suspeito e subversivo e cujos templos eram notoriamente locais de encontros amorosos. Cleópatra misturava as categorias e zombava das convenções. Segundo padrões modernos, ela criava um problema de protocolo. Se era amante de um ditador romano, era amante do mundo romano também? Qualquer que fosse seu comportamento — ela parecia ser em todos os momentos tão hábil com sua imagem como com sua pessoa —, ela quebrava todas as regras em vigor. Uma rainha em casa era uma cortesã fora de seu país. E era algo ainda mais perigoso: uma cortesã com recursos próprios. Cleópatra não era apenas economicamente independente, porém mais rica que qualquer homem em Roma.

Sua própria riqueza, a mesma riqueza que alimentava Roma durante os cortejos de triunfo, impugnava sua moral. Falar com eloquência da prata lavrada de alguém, de seus tapetes suntuosos, de sua estatuária de mármore era acusá-lo. As implicações disso eram ainda maiores para o sexo fraco. “Não há nada que uma mulher não se permita, nada que considere repulsivo, no momento em que pôs uma gargantilha de esmeraldas no pescoço e pendurou pérolas gigantes nas orelhas alongadas”,<sup>65</sup> rezava a lógica. A esse respeito, o comprimento das orelhas faria mais para selar o destino de Cleópatra do que o comprimento de seu nariz.<sup>j</sup> Mesmo supondo que ela tivesse deixado suas melhores joias em Alexandria, em Roma ela era sinônimo da “temerária extravagância” daquele mundo, à qual ela tinha direito por nascimento. (Uma mulher romana decente considerava os filhos suas joias.) Pelo padrão romano, até os eunucos de Cleópatra eram ricos.<sup>66</sup> Isso queria dizer que todos os males imperdoáveis da família da devassidão eram ligados a ela. Bem antes de ela se transformar na feiticeira da lenda, uma indiferente e descuidada destruidora de homens, ela era suspeita por ser uma oriental extravagante, indiferente e descuidada destruidora de riquezas. Se a torpeza moral começava com crustáceos e se espalhava como metástase em roupas púrpura e escarlate, encontrava seu apogeu ostentatório em pérolas, que eram o cúmulo na balança das extravagâncias em Roma. Suetônio invocava as pérolas para comprovar a fraqueza de César pelo luxo. A

história do libertino que sacrificou uma pérola para provar o que dizia era sempre contada em livros, bem antes de 46 e destinada a lá ficar para acusar outros muito depois. Parece, porém, feita sob encomenda para uma audaciosa rainha egípcia. (Há sinais de fabulação, de invenção, neste aspecto. Poucos anos depois, dizia-se que Cleópatra havia usado “as duas maiores pérolas de toda a história”. Plínio atribuía a cada uma o valor de 420 talentos, o que queria dizer que em cada orelha de Cleópatra balançava o equivalente a uma mansão no Mediterrâneo. A soma é a mesma que ela doou para o enterro do touro de Mênfis.<sup>67</sup>) Quem mais poderia ser tão frívola, tão devassa, tão pronta a encantar um homem arrancando uma pérola da orelha, dissolvendo-a em vinagre e engolindo-a para seduzi-lo com magia e excesso?<sup>1</sup> Essa era a história que iria circular mais tarde a respeito de Cleópatra.

Nem a magia, nem o excesso pareciam estar muito em evidência no inverno de 46. Cleópatra evidentemente frequentou alguns endereços elegantes, embora seja difícil de acreditar que não ficasse sempre em casa na mansão de César, cercada apenas por seus conselheiros e fornecedores. Alguns desses cortesãos conheciam a cidade de Roma, tendo participado das pressões pela notória restauração de seu pai. Ela viveu esses meses em latim; qualquer que fosse seu domínio da língua, descobriu que certos conceitos eram impossíveis de traduzir. Até o senso de humor era diferente, direto e picante em Roma, quando em Alexandria era irônico e alusivo. Literais, os romanos se levavam a sério. A irreverência e a exuberância alexandrinas eram coisa rara.

Quando a primavera chegou e o mar reabriu, Cleópatra pode ter ido para casa, e voltado a Roma no final do ano. Duas visitas consecutivas parecem mais prováveis que apenas uma prolongada, porque dificilmente ela teria como justificar uma ausência de dezoito meses, por mais confiante que se sentisse de sua autoridade no Egito. Isso exigiria uma torturante quantidade de viagens, embora a viagem para o sul fosse menos penosa. Supondo que ela tenha voltado para Alexandria em 45, ela teria partido no final de março ou no começo de abril, época em que os ventos nordeste, além dos raios e dos trovões do litoral do Egito, teriam diminuído. Não se

enfrentavam os ventos durante o inverno; apenas durante a trepidação da primavera, assim que “as folhas do alto da figueira estão do tamanho da pegada de um corvo quando vai embora”.<sup>68</sup> Se Cleópatra efetivamente foi para casa no começo de 45, ela teria voltado a Roma novamente no outono. Só uma volta temporária a Alexandria faz sentido pelas contas de Suetônio, segundo as quais César se despediu de Cleópatra em Roma. Ele não teria uma segunda oportunidade para isso.

Para Suetônio, que trabalhou a partir de ampla coleção de fontes, mesmo que um século e meio mais tarde, a despedida foi tão relutante quanto a reviravolta no Nilo. O comandante romano “não deixou que ela partisse até cobri-la de altas honras e ricos presentes”. Ele reconheceu o filho Cesário como seu e “permitiu que ela desse seu nome à criança”.<sup>69</sup> Não havia razão para ele hesitar em fazê-lo. Pelo menos em 45, os planos de César só podiam progredir com um herdeiro oriental e uma ligação viva com Alexandre, o Grande. Ele também estava admitindo o óbvio. Se, aos dois anos, Cesário ainda não começara a apresentar a aparência e as maneiras do pai, isso não demoraria a acontecer. O reconhecimento pode ter sido o ponto de união; o reconhecimento de Cesário valia facilmente qualquer número de travessias do Mediterrâneo. Como diz um historiador, e muitos outros disseram em circunstâncias similares antes e depois, o filho de ambos “era sua melhor cartada se ela pretendia fazer César cumprir um acordo ou uma promessa prévia”.<sup>70</sup> A natureza dessa promessa nos escapa, a não ser pelo reconhecimento formal como amigo de Roma, que custara ao pai de Cleópatra a astronômica soma de 6 mil talentos.

De que outra forma entender a prolongada estada, ou estadas, em Roma? Havia muita coisa em jogo para admitir o domínio do sentimento sobre a política. César havia chamado Cleópatra uma vez antes; seus motivos para esses dezoito meses estão entre os mais cogitados e menos entendidos da história. É plausível que os dois estivessem planejando algum tipo de futuro juntos, como muita gente concluiu, para descrédito de César. No final da vida, Cleópatra tinha em mãos uma pilha de cartas apaixonadas de César, cheias de admiração, algumas das quais, ao menos, devem ter sido escritas

para ela entre 48 e 46. Ali estava a versão histórica daquele belo vaso de cobras venenosas.<sup>71</sup> É possível que sentisse que tinha de defender seu caso pessoalmente com os colegas de César para confirmar isso.<sup>72</sup> O Egito permaneceria amigo e aliado de Roma durante seu reino. O Senado era um corpo menos que coeso, investia em questões privadas e não era de maneira alguma unânime em seu apoio a César. Ela conhecia intimamente esses desentendimentos; ampliar sua base de apoio no exterior era garantir o trono em casa. (A visão de Cícero da Roma oficial era menos elogiosa: “Nunca se viu bando mais desordeiro nem mesmo na plateia de um teatro de variedades de baixa categoria”,<sup>73</sup> ele bufou sobre um júri de seus pares.) A segunda visita de Cleópatra teria coincido com a volta de César da Espanha em 45, momento em que ele esperava encarar a reorganização do Oriente.<sup>74</sup> Ela não podia se permitir ficar de fora dessa conversação, mesmo que apenas por causa do Chipre, que formalmente pertencia a seu irmão, e que tinha uma tendência a resistir a sua autoridade. Se Cleópatra tinha planos ainda maiores, eles não chegaram até nós. Certamente é fácil atribuir a ela planos espetaculares; Roma estava acostumada com os Ptolomeus conspiradores. O que sobrevive em vez disso é o custo da reunião de Cleópatra com César. Foi devastador. Mesmo que passasse seus dias tão sossegada como a Penélope de Homero, ela acabou mais parecida com a causadora de calamidades Helena de Troia. Essa seria sua aventura ilógica.

## Notas

- a Como tantas outras coisas em sua vida — o cruzeiro pelo Nilo, a estada em Roma, sua boa-fé em Ácio —, a paternidade dessa criança e o momento de seu nascimento foram contestados. Sua aparição parecia boa demais e oportuna demais para ser verdade. O argumento dos céticos repousa na suposta infertilidade de César. Apesar de uma vigorosa vida sexual, ele não teve filhos durante 36 anos. Já desde Suetônio, a questão da paternidade foi levantada; há um curioso silêncio nos registros, onde se podia esperar indignação e, também, uma ausência de provas materiais. Esse silêncio pode ser lido igualmente como afirmação: o nascimento foi tão malvisto e as provas de que Cleópatra havia logrado César tão grandes, que era mais sábio calar

sobre o assunto. César sem dúvida achava que o filho era dele, como achavam também tanto Antônio como Augusto.

- b Fazendo soar notas conhecidas e inexatas, um historiador da época de Cleópatra creditava a Ísis a hierarquia invertida do Egito. Em deferência a sua grande sabedoria, dizia Diodoro, os egípcios haviam determinado que "a rainha devia ter mais poder e honra do que o rei, e que entre pessoas comuns a esposa tivesse autoridade sobre o marido, tendo os maridos de concordar no contrato matrimonial que seriam obedientes em tudo a suas esposas". (Diodoro, Library of History, I.27. Sobre Ísis e mulheres: Préaux, 1959, p.127-75. Muitos já falaram do envolvimento de Ísis com a Virgem Maria; Foertmeyer [1989, p.279] observa que, já no século XVI, um cardeal francês espatifou uma estátua ao descobrir que era uma representação de Ísis e não da Virgem.)
- c Comprovou-se que a única exceção era a polícia. Embora os gregos ocupassem o nível mais alto e os egípcios o mais baixo, a polícia formava uma força igualitária, excepcionalmente eficiente e ativa, reprimindo eventualmente até funcionários. Levavam a lei a sério. Seu trabalho era também mais ou menos autônomo, aliviando consideravelmente os Ptolomeus de problemas como "roubos de burros e assaltos a vovozinhas". (Bauschatz, John. Policing the Chora: Law Enforcement in Ptolemaic Egypt. Tese de doutorado, Duke University, 2005, p.68.)
- d Em uma lista contemporânea ([http://en.wikipedia.org/wiki/Richest\\_man\\_in\\_history](http://en.wikipedia.org/wiki/Richest_man_in_history)), Cleópatra aparece como a 22a pessoa mais rica da história, bem atrás de John D. Rockefeller e do czar Nicolau II, mas à frente de Napoleão e de J.P. Morgan. A ela se atribui um valor líquido de 95 bilhões e 800 mil dólares, ou mais de três vezes a fortuna da rainha Elizabeth II. Claro que é impossível fazer a conversão exata das moedas ao longo das eras.
- e Era aconselhável que o bom rei ficasse em casa. O pobre se ressentia de sua ausência, enquanto que, obrigado a acompanhá-lo, o rico sentia-se forçado ao exílio. (Carta de Aristéas, 249 apud Sinclair, T.A. A History of Greek Political Thought. Londres, Routledge, 1959, p.292.)
- f Como observou Sêneca (Apocolocyntosis, 2.2): "Mais fácil dois filósofos concordarem do que dois relógios."
- g Plutarco qualificou o futuro rei Juba como "o mais afortunado cativo jamais feito", uma vez que o destino o transportou de sua terra "bárbara" para Roma, onde foi educado. (Plutarco, Lives, "Caesar", LV.2.) Ele se transformou num importante historiador e escreveu sobre diversos assuntos, da Antiguidade romana à mitologia e ao comportamento dos elefantes.
- h Alguns levaram o mau humor de Cícero ainda mais longe. Se um homem era um excelente flautista, concluía-se que não tinha valor. "Senão não seria tão bom flautista", observa Plutarco, citando e concordando. (Plutarco citando

Antístenes, "Pericles", I.5.) O axioma não era nada vantajoso para o pai de Cleópatra. Apesar de amplas provas em contrário, ele seria descartado como "não um homem de verdade, mas um flautista e um charlatão". (Ateneu, *The Learned Banqueters* V.206d.)

- i O éthos dominante está preservado na literatura. Na *Iliáda*, as mulheres são as coisas mais perfeitas da criação. Elas são também, como já se observou, em termos gerais "provocantes, zangadas, mandonas, contraditórias e enganadoras". (Butler, Samuel. *The Humour of Homer, and Other Essays*. Londres, A.C. Fifi ed., 1913, p.60.) Nas peças gregas, as mulheres desempenham papéis-chave. Existem umas poucas grandes heroínas na literatura romana, na qual as mulheres são sempre de dois tipos: a rica tirânica e a pobre esbanjadora. A literatura romana é notavelmente pobre também em maridos enganados, um recurso cômico que vai de Aristófanes a Molière. (Edith Hamilton observa a ausência de maridos enganados in *The Roman Way*. Nova York, Norton, 1993, p.35.)
- j Como disse Blaise Pascal no século XVII: "Se o nariz de Cleópatra fosse menor, toda a face do mundo teria mudado."
- l Muitos se maravilharam com a história, mas apenas um homem sacrificou pérolas da Tiffany em uma investigação de laboratório. Uma pérola realmente se dissolve em vinagre? Sim, muito devagar, relata B.L. Ullman, que no final recorreu ao calor para acelerar seu experimento de 1956: "Quando fervei uma pérola durante 33 minutos, o vinagre evaporou todo enquanto eu lia uma história de detetive. Ainda sinto o cheiro daquele vinagre. A pérola parecia não ter sido afetada, embora eu achasse que havia diminuído um pouquinho." (Ullman, B.L. "Cleopatra's Pearls", *Classical Journal* 52, n.5, 1957, p.196. Veja também Jones, Prudence J. "The Cleopatra Cocktail", 1999, [www.apaclassics.org/AnnualMeeting/99mtg/abstracts/jonesp.html](http://www.apaclassics.org/AnnualMeeting/99mtg/abstracts/jonesp.html). Ela acha que as pérolas dissolvem de fato. Keats inclui pérolas derretidas em "Modern Love".) Ele conseguiu resultados melhores usando vinagre mais forte; o melhor de todos se deu com pérola pulverizada, que se dissolveu em três horas e vinte minutos de fervura monitorada de perto. Cleópatra tem levado acadêmicos a esse tipo de coisa. Quanto à questão de por que Cleópatra (ou qualquer pessoa) tentaria tal exibicionismo — sem dúvida fazia mais sentido dramático engolir a pérola inteira —, Ullman nos lembra que pérolas são formadas primordialmente de carbonato de cálcio, o bicarbonato de sódio do mundo antigo. Produzem um eficiente, embora caro, antiácido.

## O HOMEM É POR NATUREZA UMA CRIATURA POLÍTICA<sup>1</sup>



*"Ah, que não se encontrasse em parte alguma  
o sexo feminino... só no meu colo!"*

EURÍPIDES<sup>2</sup>

"Não sei como um homem com algum senso *consegue* ser feliz nos tempos atuais",<sup>3</sup> reclamou Cícero logo depois que Cleópatra pisou em Roma. Depois de uma horrenda década de guerra, o estado de espírito de Roma estava ácido, o de Cícero, seu mais notável cidadão e mais articulado descontente, mais ainda. Durante alguns meses, a cidade estivera num estado de "perturbação geral e caos",<sup>4</sup> como Cleópatra percebeu com clareza. Seu serviço de inteligência devia estar muito bem-informado. Ela e seus cortesãos tinham contatos nos altos níveis da sociedade. Ela não podia se permitir negligenciar nenhum aspecto do panorama político. Por toda a Roma, a ansiedade pelo futuro era geral, as reformas civis de César eram promissoras, mas como e quando ele consolidaria a República outra vez? Ao longo dos anos de guerra, a República tinha sido virada de cabeça para baixo, a constituição fora pisoteada, os compromissos assumidos caprichosamente e contra a lei. César deu poucos passos na direção de restaurar os direitos e regulamentos tradicionais. Enquanto isso, seus poderes se expandiam. Ele se encarregava da maioria das eleições e decidia a maior parte dos casos judiciais. Passava muito tempo acertando contas,

recompensando apoiadores, leiloando as propriedades de oponentes. O Senado parecia cada vez mais irrelevante. Alguns se queixavam de que viviam numa monarquia mascarada de república. Havia três possibilidades para o futuro, previstas por um exasperado Cícero, “conflito armado sem fim, renascimento depois da paz e completa aniquilação”.<sup>5</sup>

Quando César voltou da Espanha naquele outono, ele tinha aniquilado os partidários de Pompeu que ainda sobreviviam. A guerra civil, César anunciou, finalmente estava encerrada. Ele se instalou em Roma para aquela que seria sua mais longa estada ininterrupta em catorze anos. Com circunspeção ou não, ele e Cleópatra deram continuidade a seu caso. Para muitos, as razões de ela estar em Roma podem ser tão pouco claras como o são para nós. Ela tinha experiência com a impopularidade; o que seria oportuno agora. Morava num endereço menos que desejável, num nível escorregadio entre superioridade e menosprezo. Ao mesmo tempo, é impossível acreditar que ela não despertasse muita curiosidade, ou pelo menos uma admiração de fazer brilharem os olhos. Ela provavelmente continuou com a generosa tradição de seu pai de distribuir presentes; ele havia pagado propinas valiosas e incorrido em grandes dívidas, boas razões para os romanos também perseguirem sua filha. Ela era intelectualmente ágil, o que sempre os deixava impressionados.

A moda parou para constatar sua presença; Cleópatra estabeleceu uma breve voga de penteados elaborados, com fileiras de tranças formando uma coroa e presas num coque atrás da cabeça.<sup>6</sup> Roma era, além disso, uma sociedade estratificada, obcecada pelo status. Classe era importante; conhecimento era importante; dinheiro era importante. Cleópatra era membro da elite, familiarizada com a moral social. No que dizia respeito a conversação, um jantar romano sofisticado era pouco diferente de um jantar alexandrino sofisticado. Hóspede sutil e esperta, Cleópatra teria se atualizado quanto aos rumores políticos locais e ao tipo de discurso culto e divertido valorizado em Roma, o tipo de conversa que se dizia melhorar o vinho. Na definição de um contemporâneo erudito, o companheiro de jantar ideal não era “nem tagarela, nem mudo”.<sup>7</sup> No decorrer de

várias horas do final da tarde, ele discursava fluentemente sobre uma variedade de assuntos políticos, científicos e artísticos, visando às questões eternas: o que veio primeiro, o ovo ou a galinha?<sup>8</sup> Por que a visão de longe melhora com a idade? Por que os judeus não comem porco? Cleópatra contava com o favor de César, não podia ser de poucos amigos. (De sua parte, César não dava importância ao que diziam sobre a presença dela. “Ele não se preocupava em nada com isso”,<sup>9</sup> garante Dio.) Na mansão de César, ela estava cercada de intelectuais notáveis e diplomatas experimentados. Era refinada, generosa, carismática. Algumas impressões podem ter sido favoráveis. Resta-nos, porém, o relato de uma única testemunha, que vinha a ser, ao mesmo tempo, a língua mais brilhante e mais ácida dos romanos e que, como já se disse, era responsável por “uma boa dose de latidos”.<sup>10</sup> “Eu detesto a rainha”, vociferou Cícero. A história pertence aos eloquentes.

O grande orador era, na época da visita de Cleópatra, um monumento de homem: sessenta anos, grisalho e ranzinza, ainda bonito, os traços regulares se fundindo em papadas. No auge de um furioso ataque de escrita, Cícero se dedicava à composição de uma vasta coleção de obras filosóficas de âmbito variado. No ano anterior, havia se divorciado da esposa depois de trinta anos, para casar com sua rica protegida adolescente, oferecendo pela troca razões semelhantes às que haviam trazido Cleópatra a Roma: “Eu não conhecia segurança, não tinha refúgio da intriga, por causa da vilania daqueles a quem meu bem-estar e minhas propriedades deviam ser mais preciosos.” No seu entender, a solução era óbvia: “Portanto achei aconselhável me fortalecer com a lealdade de novas ligações contra a traição das antigas.”<sup>11</sup> Em outras palavras, Cícero, um *self-made man* de família provinciana, que se tornara notável devido a seus brilhantes dotes intelectuais e se mantivera no posto através de incessante politicagem, casou-se de novo por dinheiro.

Não é nada surpreendente que Cícero tenha procurado Cleópatra primeiro e depois passado a atacá-la com uma língua rápida e brutal, pelos anos futuros. No geral, o grande Cícero tinha dois modos de funcionamento: bajulação e crítica. Era capaz de aplicar ambos igualmente bem ao mesmo indivíduo; podia perfeitamente

maldizer um homem num dia e jurar eterna devoção a ele no dia seguinte. Era um grande escritor, o que quer dizer absorto em si mesmo, com um ego gigantesco e uma fanática sensibilidade para ofensas reais e imaginárias. O John Adams romano passou a vida sempre com um olho na posteridade. Ele tinha plena certeza de que ainda o leríamos dois mil anos depois. Bisbilhoteiro tão dotado quanto mestre da eloquência, Cícero tomou como sua missão saber precisamente quais terras cada cidadão eminente de Roma possuía, como vivia e que companhia frequentava. Tendo ocupado o centro da arena da política romana por três décadas, ele se recusava a ser posto de lado. Tinha uma atração irresistível pelo poder e pela fama. Nenhuma celebridade iria escapar de suas garras cáusticas, principalmente uma com pendor intelectual, uma reputação glamorosa internacional, recursos suficientes para levantar um exército e o costume de entreter convidados num estilo que desafiava o vocabulário romano. Os nabos faziam mal a Cícero em vários níveis. Ele era um amante confirmado do luxo.

No desentendimento que pareceu selar seu destino romano, Cleópatra prometeu a Cícero um livro ou manuscrito, provavelmente de sua biblioteca em Alexandria. Acontece que ela deixou de cumprir a promessa. Estava claro que não tinha nenhuma consideração pelos sentimentos dele. Estes ficaram ainda mais abalados quanto o emissário dela apareceu na casa de Cícero. O funcionário de Cleópatra queria falar não com Cícero, mas com o melhor amigo dele, extremamente culto. Existe algo turvo aqui — e dois mil anos depois continuamos analisando os silêncios do orador —, mas das elipses profundas e sombrias insinuações de Cícero emerge um homem menos ofendido do que envergonhado. De repente, ele se sentiu na defensiva, arrependido de ter pedido um serviço a Cleópatra ou de ter simplesmente estabelecido relações sociais com ela. Ele soa como se tivesse ficado um pouco fascinado demais. Àquele amigo, ele se empenhou em deixar claro que seu relacionamento com a rainha era “de tipo literário, não inadequado à minha posição: não me importaria narrá-lo numa ocasião pública”.<sup>12</sup> Nada indevido transpirou; o representante de Cleópatra poderia confirmar o lado dele nessa questão. A dignidade de Cícero, porém,

estava comprometida. O resultado foi um rancor corrosivo. Ele não queria ter mais nada a ver com a egípcia. O que ela e seus representantes estavam pensando? Poucos pagaram um preço tão duradouro por um livro esquecido; por sua displicência, Cleópatra conquistou a eterna inimizade de Cícero, muito embora se deva notar que ele só ferveu de indignação depois que ela foi embora de Roma, à qual era pouco provável que voltasse. E apesar do desafeto, ele havia frequentado abertamente a rainha egípcia — na sociedade, senão na mansão de César —, o que era em si uma tomada de posição.

Descaso bibliográfico à parte, havia muitas razões para Cícero não adotar Cleópatra. Pompeano irrecuperável, ele não tinha afeto por César, que era condescendente com Cícero, mas não apreciava seus conhecimentos suficientemente. Cícero havia trocado palavras ásperas com o pai de Cleópatra. Ele conhecera Auletes e considerava-o pobre demais para ser rei; descartava “sua majestade alexandrina” como “nem de sangue, nem de espírito real”.<sup>13</sup> Republicano ao extremo, Cícero já havia dedicado mais tempo do que gostaria a assuntos egípcios. Estes traziam em si sempre um sopro de desonra.<sup>14</sup> Na juventude de Cleópatra, ele tivera esperanças de ser nomeado representante à corte de seu pai, mas se preocupara com a forma como a história e a Roma respeitável poderiam ver essa posição. Cícero tinha também uma relação complicada com mulheres. Havia muito ele reclamava que sua primeira mulher demonstrava muito gosto por assuntos públicos e pouco para assuntos domésticos. Tendo se livrado de uma mulher forte e determinada, ele não tinha interesse algum em outra. Ao contrário, era profunda e apaixonadamente dedicado à filha, à qual proporcionara uma educação de primeira classe. Ela morreu de repente, de parto, em fevereiro de 45. Não tinha ainda trinta anos. Cícero passou os meses seguintes imobilizado de tristeza. A dor era quase física. Ele tendia a ter ataques de choro, que os amigos delicadamente insistiam que controlasse.<sup>a</sup> A perda nada fez para torná-lo atraente a outra jovem culta e serena da geração de sua filha e com o futuro pela frente. Quando a nova esposa,

adolescente, se mostrou insuficientemente comovida por sua perda, Cícero se livrou dela também, meses depois do casamento.

“A arrogância da própria rainha quando estava morando na propriedade do outro lado do Tibre, faz meu sangue ferver só de lembrar”,<sup>15</sup> Cícero fumegou em meados de 44. Sob esse aspecto, havia encontrado alguém à sua altura. Ele admitiu “uma certa vaidade tola à que eu tendo às vezes”.<sup>16</sup> Escrevendo mais tarde, Plutarco foi mais explícito na questão.<sup>17</sup> Brilhante como era, citável como era, Cícero gostava tanto de se autoelogiar que ficava enjoativo. Ele carregava suas obras com autopromoções desavergonhadas. Dio também não escolhe palavras para falar de Cícero: “Ele era o maior vaidoso vivo.”<sup>18</sup> A vaidade estendia-se a sua biblioteca, talvez o verdadeiro amor da vida de Cícero. Difícil citar alguma coisa que lhe desse mais prazer, exceto, talvez, escapar das leis suntuárias. Cícero gostava de se acreditar rico. Tinha orgulho de seus livros. Não precisava de mais razões para desgostar de Cleópatra: mulheres inteligentes que tinham bibliotecas melhores que a dele o ofendiam triplamente.

Ele denunciou Cleópatra por sua insolência, embora se deva dizer que “insolente” era, provavelmente, a palavra preferida dele. César era insolente. Pompeu tinha sido insolente. O confiável associado de César, Marco Antônio, para o qual Cícero reservava expressões bem menos gentis, era insolente. Os alexandrinos eram insolentes. A vitória numa guerra civil era insolente. Cícero estava acostumado a ser a pessoa mais articulada da sala. Era um incômodo que Cleópatra compartilhasse seu humor sardônico. E era mesmo necessário que ela agisse com tamanha realeza? Ele sentia que ela se comportava como uma rainha, uma ofensa à sua sensibilidade republicana, sem dúvida ainda mais por seu nascimento sem distinção. Nisso, ele acertava. Não foi o único a observar a altivez de Cleópatra. Para ela, a estratégia vinha com mais naturalidade do que a diplomacia. A rainha podia não ter tato; a megalomania era de família. Ela não tinha problema em lembrar a todos à sua volta, como afirmaria depois, que durante muitos anos governara um vasto reino sozinha.<sup>19</sup> Desdém é uma condição natural para a mente em exílio; Cleópatra tinha todas as razões para acreditar que vinha de

um mundo superior. Ninguém em Roma tinha uma linhagem que rivalizasse com a dela. Cícero ficava incomodado com o fato de ela saber disso.<sup>20</sup>

Nesse meio-tempo, em torno da rainha orgulhosa e do filósofo desconsolado, a situação política escurecia. César estava preocupado com questões militares, focalizando pouco questões prolongadamente negligenciadas sobre as quais outros insistiam com ele. A lista de coisas a fazer dava voltas. Ele precisava reformar as cortes, reduzir gastos, restaurar o crédito, ressuscitar a ética do trabalho, acolher novos cidadãos, melhorar a moralidade pública, pôr a liberdade antes da glória, em resumo, "resgatar a mais famosa e poderosa das cidades da beira da ruína".<sup>21</sup> Ao lado de todo mundo, Cícero se viu analisando os motivos de César, tarefa tão ingrata em 45 como se mostrou desde então. No fim do ano, uma pilha de honrarias se acumulara sobre César, deificando-o essencialmente ao estilo de um monarca helenístico. Ao longo dos meses seguintes, sua estátua foi erguida em templos. Uma cópia em marfim de sua imagem enfeitava os cortejos, como se fosse um deus. Seu poder inchou a dimensões estranhas. (Cícero iria sentir grande prazer em catalogar seus crimes mais tarde. Mas por enquanto se envaidecia de suas visitas ao grande general.) Reclamava-se muito sobre costumes. Durante a estada de Cleópatra, César se comportou como o homem que tinha vencido 302 batalhas, que combatera os gauleses não menos que trinta vezes, que "era impossível de aterrorizar e vitorioso ao fim de cada campanha".<sup>22</sup> Por outro lado, ele não tinha inclinação alguma para concessões. Ignorava a tradição. Comportava-se demais como um comandante militar, e pouco como um político. As chamas do descontentamento irrompiam regularmente, abanadas com habilidade por Cícero e qualquer ex-partidário de Pompeu.

Em fevereiro de 44, César foi nomeado ditador vitalício. Maiores privilégios lhe seriam brindados. Ele usaria um traje triunfal e ocuparia uma cadeira elevada de marfim e ouro, perigosamente parecida com um trono. Sua imagem apareceria em moedas romanas, a primeira de um romano vivo. Na mesma medida, acumulava-se o ressentimento, embora o próprio Senado "o

encorajasse e o inchasse, para logo em seguida considerar essas mesmas coisas defeitos dele e espalhar relatos difamatórios do quanto ele gostara de aceitá-las e de como passara a se comportar mal por causa delas”.<sup>23</sup> César talvez tenha errado em aceitar os tributos, mas estava de certa forma sem saída: rejeitá-los seria correr o risco de ofender. É difícil dizer o que foi ao encontro do que, o ego sobre-humano ou as honras sobre-humanas, sob o peso das quais César finalmente seria enterrado. Para complicar mais as coisas, César ocupou-se nesse inverno com uma nova campanha, extremamente ambiciosa, que deixaria Roma abandonada mais uma vez. Ele pôs seus olhos na conquista de Pártia, uma nação que ficava na fronteira oriental de Roma e que há muito resistia a sua hegemonia. O projeto com toda a certeza faria Cleópatra gemer depois, se já não a fazia. Embora com a saúde comprometida e um estado de espírito fatalista, César planejava abrir o caminho de Roma para a Índia. Tinha 55 anos, e estava dedicado a uma missão que consumiria pelo menos três. Missão que Alexandre, o Grande, havia quase conseguido cumprir. Cícero duvidava que César fosse voltar, se de fato partisse.

Na primavera de 44, ele mandou dezesseis legiões e uma cavalaria considerável para Pártia, anunciando sua data de partida para 18 de março. Fez os preparativos para sua ausência — Cleópatra provavelmente também o fez, e começou a fazer as malas —, mas medos e dúvidas ricochetearam pela cidade. Quando as questões domésticas seriam resolvidas? Como Roma ia sobreviver sem César? Essa preocupação era legítima, dado o desempenho irregular de Marco Antônio durante o período de César no Egito. Nomeado seu representante, Antônio havia sido pouco confiável e ineficaz. Ganhara fama de devasso. Para aqueles que se perguntavam primordialmente quando César ia restaurar a República, um oráculo do inverno foi particularmente malvisto: uma profecia que se concretizou ou pensou-se ter se concretizado, afirmando que a Pártia só seria conquistada por um rei. O que se dizia era que o título seria em breve concedido a César. Isso pode ter sido pouco mais que um rumor, oráculos não servem para nada se não forem convenientes, mas indicava a questão espinhosa de por que

Cleópatra estava morando na mansão de César. Ele podia ter ambições monárquicas. Ou não. Com certeza, estava descuidadamente sem contato com Roma, menos focado nas questões domésticas do que seria sábio, autocrático quando deveria ter sido solícito. Se o sujeito prefere não ser percebido como rei, para começar não é de bom alvitre ficar muito tempo associado a uma rainha.



Até 44 a.C., os Idos de Março eram mais conhecidos como um carnaval de primavera, uma ocasião para beber a valer, como tantas outras no calendário romano. Uma celebração à antiga deusa dos fins e começos, o Idos parecia uma espécie de ano-novo ruidoso e bêbado. Bandos saíam a fazer piqueniques noturnos nas margens do Tibre, onde acampavam em cabanas improvisadas debaixo da lua cheia. Era uma festa sempre indelevelmente lembrada nove meses depois. Em 44, o dia amanheceu encoberto; no fim de uma manhã nublada, César partiu de liteira para o Senado, para finalizar os preparativos para sua ausência. O jovem Públio Cornélio Dolabela esperava ser nomeado cônsul em seu lugar, assim como Marco Antônio, rival de Dolabela no afeto de César. O Senado reuniu-se esse dia em uma das grandes salas vizinhas ao teatro de Pompeu. Todos se levantaram quando César entrou, a coroa de louros na cabeça; por volta das onze horas, ele se sentou em sua nova cadeira de ouro. Foi logo cercado por colegas, muitos deles seus amigos devotados. Um deles estendeu uma petição, o que provocou um rebuliço de importunações e beija-mãos. César se mexeu para afastar o pedido, diante do que o solicitante, interrompendo-o no meio de uma frase, estendeu a mão para arrancar a toga de César brutalmente de seu ombro. Era um sinal predeterminado. Com isso o grupo se fechou, tirando as adagas. César desviou da primeira lâmina que só pegou de raspão, mas se viu impotente diante da chuva de golpes que se seguiu. Todos os conspiradores concordaram em participar do ataque e o fizeram apunhalando César selvagememente no rosto, nas coxas, no peito e, acidentalmente, uns

aos outros. César tentou se debater, virando o pescoço nervoso “de um para outro, com gritos furiosos como uma fera selvagem”.<sup>24</sup> Conseguiu finalmente emitir um único gemido e cobriu o rosto com o pano da toga, exatamente como Pompeu havia feito na praia do Egito, e caiu no chão.

Quando seus atacantes correram para as portas da sala, César estava caído no chão num ensanguentado monte púrpura, perfurado 23 vezes, a roupa “manchada de sangue e cortada em tiras”.<sup>25</sup> Com as togas e os sapatos senatoriais respingados de sangue, os assassinos fugiram em diferentes direções, gritando que tinham assassinado um rei e um tirano. Terror e confusão vieram em seguida. No tumulto, alguns supõem que todo o Senado estava envolvido. Uma multidão que tinha assistido fascinada a um concurso de gladiadores do feriado espalhou-se na rua; correu a notícia de que gladiadores estavam matando senadores. Outros acreditaram que havia um exército próximo, preparado para saquear a cidade. “Corram! Tranquem as portas!”<sup>26</sup>, eram os gritos, enquanto janelas se fechavam e Roma se retirava para trás de portas e chaves, em casas e oficinas. O pandemônio chegou abruptamente a uma paralisia: num minuto “o local todo estava cheio de gente correndo e gritando”, no minuto seguinte “a cidade parecia ter sido ocupada por um inimigo”.<sup>27</sup> No salão de reuniões o corpo de César ficou caído sozinho e sem atendimento durante várias horas, banhado em sangue. Ninguém ousava tocá-lo. Só no fim da tarde, três rapazes escravos o carregaram embora, em meio a choro e lamentação histéricos, vindos de portas e tetos.

Com a possível exceção de Calpúrnia, a quem o corpo mutilado foi entregue, é improvável que a notícia tenha afetado alguém tão profundamente quanto afetou Cleópatra. Qualquer que fosse sua reação em nível pessoal, a morte de César representava um golpe político catastrófico. Ela havia perdido seu campeão. Sua situação agora era, na melhor das hipóteses, insegura. A ansiedade era grande. Os amigos e parentes dele também haviam sido assassinados? Certamente Marco Antônio, o segundo em comando, acreditou que sim. Disfarçado como criado, ele se escondeu. Quando reapareceu, foi com a armadura debaixo da túnica. Todos os

envolvidos no ataque trocaram de roupa e desapareceram, assim como seus defensores. (Cícero aprovou o assassinato, mas não participou dele. Ele também fugiu.) Com a partida antecipada de César, Cleópatra devia estar também para deixar Roma em meados de março. No entanto, ela não podia de forma alguma ter previsto esse final. Durante anos correram boatos de conspirações contra César, conversas que datavam de bem antes da sua estada. Quanto ao catálogo de presságios, eles são impecáveis somente em retrospecto. Naquele momento, eles se resumiam a uma variedade de futuros possíveis; a história antiga é estranhamente desprovida de presságios incorretos. Só depois os sinais inconfundíveis encaixaram-se à ocasião, compilados por homens que achavam que o assassinato de César era tão justificado como predeterminado.

Da mesma forma, as explicações se acumularam depois, uma vez que a história é uma espécie de empreendimento de presságios de trás para frente. Dessa forma, Cleópatra começou a adquirir um papel no assassinato. Sua presença em Roma exigia uma explicação, e recebeu uma. Ela solucionava certos mistérios, atava motivos soltos e detalhes esparsos da história de César. Para começar, havia o insistente problema da estada em Alexandria. Fosse um tributo à influência de Cleópatra ou a suas ambições, tinha de haver algum sentido. E qual o significado da imagem dourada dela no Fórum, ao lado de Vênus? Não faltaram línguas maldosas e penas venenosas depois de 15 de março, quando havia muita coisa a explicar, quando ficava mais e mais claro que os assassinos de César não tinham nenhum plano para o futuro e que Roma sofrera uma perda terrível. Significativamente, a pessoa mais provável de incriminar Cleópatra não o fez: ela não aparece em nenhum lugar na longa lista que Cícero fez dos erros e das ofensas de César. Ao se dirigir a uma Roma enlutada, Cícero invocou a destruição provocada por Helena de Troia,<sup>28</sup> mas estava falando mais de Antônio que de Cleópatra.

Nos meses anteriores, César havia revelado um gosto imoderado pelas extravagâncias, pelas honras sem precedentes. Encenaram muitas provocações com coroas, um acessório do qual qualquer bom romano fugia. Se isso foi planejado por César ou imposto a ele é algo que não fica claro. Parece que os primeiros a oferecer essas

honras foram também os primeiros a condená-las, e que com cada tributo os colegas de César preparavam para ele uma espécie de emboscada, “porque queriam torná-lo invejado e odiado o mais depressa possível, para que pudesse perecer mais cedo”. César continuou supremo; ao menos em retrospecto, parece lógico que ele queria ser um deus em seu país, como Cleópatra era no dela. Logo se estava falando que havia uma lei em elaboração “permitindo que ele tivesse relações com tantas mulheres quantas desejasse”<sup>29</sup> (Suetônio esclareceu isso, observando que César teria permissão de casar com muitas esposas “com o propósito de gerar filhos”.<sup>30</sup>) Ele teria permissão não só de desposar várias mulheres, mas de casar com sua amante estrangeira, coisa até então impossível diante da lei, que reconhecia apenas os casamentos entre romanos. Dizia-se também que César tencionava mudar a capital do império para Alexandria. Ele planejava “levar com ele os recursos do Estado, esgotando a Itália com impostos e deixando o cuidado da cidade a seus amigos”<sup>31</sup>. Isso faz sentido não só no tocante a Cleópatra, mas no insulto implícito que se pode ler nas ambições arquitetônicas de seu amante, em sua maníaca reforma de Roma. Os dois Césares — o de antes do Egito e o de depois da Espanha — eram incompatíveis de uma forma incompreensível; Cleópatra fornecia uma nítida linha divisória. Podia-se dizer que ela explicava a obsessão dele pelo poder e pelos títulos nos últimos cinco meses de vida, as armadilhas reais e os anseios divinos, as coroas indevidas e a conduta estranhamente autocrática. Para o nosso século, ela teria vindo a conspirar nas charadas de distribuição de coroas. Ela plantou o ideal absolutista na mente de César e ela se propôs como imperadora de Roma. Ela exerceu uma influência decisiva, corruptora, sobre o líder romano, a ponto de ter nascido um novo César no Egito. E até a ponto de Cleópatra efetivamente qualificar-se como fundadora do Império Romano.<sup>32</sup>

Cleópatra sem dúvida contribuiu para a queda de César, embora não haja provas de ambição imperial da parte dela ou dele, nem traição, ou, realmente, qualquer paixão fatal, cega. O papel desempenhado por ela é discutível. Apesar de todos os seus talentos de persuasão, é improvável que ela estivesse envolvida em questões

políticas de qualquer maneira significativa. Ela e César estariam pensando em uma monarquia conjunta? É possível, mas não restou prova alguma disso. Às vezes, uma viagem de negócios é apenas uma viagem de negócios. Suetônio reconheceu o destino do relato histórico sem ornamentos, determinado a ser melhorado por “gente tola, que vai tentar usar o ferro de cachear em sua narrativa”.<sup>33</sup> O erudito de Damasco, que fora tutor dos filhos de Cleópatra, foi o primeiro a envolvê-la. Um século depois, Lucano seguiu alegremente a sugestão, juntando direitinho suas duas ofensas contra César em uma única frase: “Ela excitou a ambição dele.” Essas declarações tornavam a narrativa mais interessante do que o simples fato de César possuir muitos inimigos por muitas razões, poucos dos quais tinham qualquer coisa a ver seja com rainhas egípcias, seja com a constituição romana. Até mesmo a reelaboração do calendário lhe rendera inimizades, uma vez que inadvertidamente restringia as atividades dos homens no poder. Os que tinham razões para ser gratos a César se ressentiam de suas dívidas. Outros reclamavam dos custos de guerra. Alguns esperavam apenas desestabilizar o sistema. “E assim”, admitiu um contemporâneo, “todos os tipos de homem se juntaram contra ele: grandes e pequenos, amigos e inimigos, militares e políticos, todos apresentavam seus pretextos particulares para o assunto em questão, e como resultado de suas próprias queixas cada um dava ouvidos às acusações dos outros.”<sup>34</sup>

Em 17 de março, o testamento de César foi aberto e lido em voz alta na casa de Marco Antônio, a grande mansão que havia sido de Pompeu e à qual Antônio havia voltado. Embora Cleópatra estivesse em Roma em meados de setembro, quando César elaborou esse documento, ela não figurava em nenhum ponto dele. Se ficou decepcionada, não estava sozinha: o documento não alimentava nenhuma das nefastas intenções atribuídas a César. Ao contrário, constituía-se de uma longa censura a seus assassinos. Ele deixou a mansão e os jardins em que Cleópatra havia se hospedado para o povo de Roma. Atribuía 75 dracmas a cada homem romano adulto na cidade. Legalmente, ele não podia deixar dinheiro a um estrangeiro e não deixou; não era tão pouco perceptivo como fizera parecer nos últimos meses. Não deixou nada, nem reconheceu

Cesário. Num gesto que surpreendeu a todos, não deixou nada para Marco Antônio, que evidentemente esperava algo diferente. Em vez dele, César nomeou como herdeiro seu sobrinho neto, Caio Otaviano, de dezoito anos. Adotando formalmente o rapaz, ele garantira a ele três quartos de sua fortuna e, o mais valioso, seu nome. Antônio foi nomeado guardião de Otaviano, ao lado de vários colaboradores próximos de César, que foram também seus assassinos.

Alguns acharam que os negócios em Roma continuariam simplesmente como sempre, depois dos Idos. Não contavam com os dotes de Antônio para o espetáculo. Três dias depois, a cidade irrompeu em tumultos quando o funeral de César se transformou em uma selvagem caçada por seus assassinos. Diante do corpo, exposto com as feridas abertas num divã de marfim, Antônio proferiu um discurso inquietante. Estava com a barba por fazer, um sinal de luto. Na plataforma dos oradores no Senado, ele arregaçou os mantos para liberar ambas as mãos. Com uma "expressão orgulhosa e atormentada" fixa no rosto, Antônio entoou loas a César e catalogou suas vitórias. Foi nesse momento que ele defendeu César das acusações de ter se demorado no Egito por voluptuosidade. Alternando com eficácia o tom de "claro e límpido para funéreo",<sup>35</sup> Antônio proferiu um potente coquetel de pena e indignação. Nunca homem de resistir a um floreio, ele expôs a cabeça grisalha ensanguentada de César. Então, sem qualquer ajuda, despiu do corpo as roupas endurecidas de sangue e as fez tremular numa lança. A multidão enlouqueceu, entregando-se a uma impulsiva cremação, destruindo o salão em que César havia sido morto. Seguiu-se um frenesi de homicídios e incêndios, durante o qual, como disse Cícero, "quase toda a cidade queimou e mais uma vez um grande número de pessoas foi assassinado".<sup>36</sup> Roma ficou insegura demais para Cleópatra ou, na realidade, para qualquer pessoa. Todas as qualidades que os romanos atribuíam aos alexandrinos, aqueles bárbaros fanáticos, descontrolados, sanguinários, afloraram com intensidade. No mercado, um homem tomado erroneamente por um assassino, foi esquartejado membro a membro.<sup>37</sup>

Cleópatra teve sorte sob um aspecto. Os atacantes de César haviam recuado repetidas vezes, “porque o temiam, embora o odiassem, e protelaram a ação”.<sup>38</sup> Se tivessem agido no momento em que planejaram originalmente, ela poderia ter sido forçada a permanecer na agitada Roma. Cleópatra estava na cidade durante a furiosa tempestade que se seguiu ao funeral, e viu o cometa que riscou o céu todas as noites daquela semana. De sua mansão, ela enxergava uma cidade que geralmente era escura como breu à noite, mas que agora estava pontilhada de fogueiras, agitada até a madrugada, em nome da ordem pública. E então foi embora, a bagagem carregada em carroças e levada pela estrada serpenteante da colina Janícula, numa série de zigue-zagues, até o rio e na direção do litoral. A temporada de navegação estava aberta outra vez; provavelmente com a ajuda dos partidários de César, ela foi embora às pressas. Um mês depois dos Idos, havia partido, seu trajeto cuidadosamente acompanhado por Cícero, seu destino muito discutido em Roma. A conversa só diminuiu em meados de maio. Cícero esperou mais algumas semanas — até o momento em que era certo ela estar de volta a Alexandria e o terreno absolutamente livre — para expor o seu desdém. “Detesto a rainha”, só então ele explodiu, o sangue tornando a ferver, sem se dignar a referir-se a ela pelo nome, uma distinção reservada a inimigos e a ex-mulheres. Ainda machucava o fato de ter pedido um favor a Cleópatra, ou de ele ter feito a concessão de pedir um favor, ou de ter se exposto ao ridículo. Diante do rumo dos acontecimentos, difamá-la convinha aos propósitos dele como nunca antes. Até mesmo os representantes de Cleópatra sentiram a ira dele, acusados de “patifaria generalizada” e impertinência. Como ele pudera se expor a um tratamento tão áspero daquela gente? “Eles devem pensar que eu não tenho espírito, ou melhor, que não sou capaz de ter raiva”,<sup>39</sup> vociferou.

Para Cleópatra a partida deve ter sido especialmente complicada. Ela havia levado a sério sua identificação com Vênus e Ísis; em março, estava grávida de novo, e é provável que a gravidez estivesse visível, uma vez que o segredo era conhecido. Cícero tinha sérias razões para acompanhá-la de perto. Uma Cleópatra grávida era a esposa troféu que poderia, num momento precário, complicar

o futuro de Roma. Ao contrário de César, esse segundo filho havia sido concebido em solo romano. Toda Roma sabia que era de César. E se Cleópatra tivesse um menino e resolvesse pressionar por seus direitos? Cícero deve ter se preocupado de que ela pudesse desencaminhar a sucessão. Ela estava em posição perfeita para tal. De qualquer forma, foi um momento decepcionante para Cleópatra porque ela sofreu um aborto ou perdeu o bebê logo depois do parto. Em Roma, Cícero respirou aliviado.

Em um outro nível, Cleópatra foi ricamente recompensada. Todas as facções concordaram que nenhum dos "regulamentos, favores e presentes"<sup>40</sup> de César deveriam ser revogados. O Chipre estava seguro. Cleópatra continuaria sendo amiga e aliada de Roma. De sua parte, a cidade estava preparada para uma "orgia de saques, incêndios e massacres",<sup>41</sup> assim como para uma retomada da guerra civil. Depois dos Idos, abriu-se um vivo mercado para a difamação e a autojustificativa. Houve uma onda de autocongratulações. Derrubar reis também era uma tradição romana que os conspiradores acreditavam ter valentemente preservado naquela manhã cinzenta de primavera. Até grupos neutros contribuíram alegremente para as hostilidades. Como observa Dio: "Há um elemento muito grande que está ansioso para ver todos os que têm poder em desacordo uns com os outros, elemento que conseqüentemente delicia-se com sua inimizade e se junta às tramas contra eles."<sup>42</sup>

Inculcada desde os seus primeiros dias com o temor de que Roma pudesse dismantelar seu país, Cleópatra assistia enquanto Roma passava, em vez disso, a demolir a si mesma. Isso durou um tedioso, úmido e escuro ano, um ano em que o sol se recusou a nascer, "nunca mostrando seu brilho normal ao surgir e dando apenas um fraco e tênue calor".<sup>43</sup> (A razão era provavelmente a erupção do monte Etna, na Sicília, porém — com os ferros de cachear da época em ação —, Roma preferia a explicação política mais próxima.) Cleópatra só pode ter ficado satisfeita de colocar um mar entre ela e o torvelinho. Ela provavelmente navegou de Puteoli, ao longo da costa italiana, atravessou o agitado e inóspito estreito de Messina, para se ver lançada a mar aberto no Mediterrâneo em

abril. O vento estava às suas costas. A travessia para o sul era fácil; um capitão rigoroso seria capaz de fazer a viagem em menos de duas semanas. Em questão de dias, Cleópatra trocou o ar insistentemente melancólico e frio da Europa pelo calor opulento do Egito. Na ensolarada Alexandria, ela voltou à rotina de negócios públicos e audiências privadas, à ronda de rituais e cerimônias. Ela nunca mais pisaria em Roma. Nem perderia mais de vista aquela cidade. Tinha jogado o jogo com sagacidade e correção, mais eficazmente que qualquer Ptolomeu antes dela, mas se via de volta à casa um do tabuleiro, atacada à traição pelos acontecimentos, sabotada por uma revisão indiscriminada das regras. Como se deslumbrou um contemporâneo próximo: “Quem pode expressar devidamente sua perplexidade diante das mudanças da fortuna e das misteriosas vicissitudes dos negócios humanos?”<sup>44</sup> Cleópatra tinha 26 anos.



Numa vida de cenas resgatadas com dificuldade, superintensa emocionalmente, a volta a Alexandria em 44 foi a que sobreviveu, e é também a mais pronta para uma ópera. Nenhum libretista chegou a usá-la, possivelmente porque não há texto. Para uma mulher que viria a ser celebrada por sua magistral manipulação de Roma, a história de Cleópatra seria confiada primordialmente aos historiadores dessa cidade; ela efetivamente deixa de existir sem um romano na sala. E não havia nenhum à disposição naquela primavera, enquanto ela viajava para os telhados vermelhos de Alexandria, em torno do farol luminoso e das estátuas colossais de Cleópatras anteriores, atravessando o quebra-mar de pedra e entrando no calmo porto de esplêndida engenharia. Quando um soberano estrangeiro vinha visitar, a frota egípcia partia ao encontro para saudá-lo;<sup>45</sup> com certeza foi isso que aconteceu com plena força agora. Independente de como sua tarefa fora de casa tenha sido anunciada em Alexandria, independente de seu programa efetivo no exterior, dificilmente Cleópatra poderia ter previsto essa conclusão desanimadora. Ela dispunha de poucas semanas para se adaptar aos

acontecimentos e olhar o futuro; pessoalmente triste ou não, tinha razões para apreensão. Não só não havia ninguém para agir em seu favor em Roma, como ela agora passava a fazer parte, perigosamente, do esporte sangrento que era a política daquela cidade. Como único filho homem de César, Cesário era seu trunfo. Era também uma possível desvantagem. Ela estava, de certa forma, em maior perigo do que em 48, quando se viu pela primeira vez presa entre dois estrangeiros ambiciosos lutando até a morte.

Se Cleópatra conheceu o incômodo perturbador de duvidar de si mesma, todas as evidências disso se perderam para a história. Por outro lado, o que Plutarco descreve como sua suprema segurança é algo que sobrevive a ela, ao lado de seu superlativo poder de persuasão. Em uma ocasião posterior, ela recusaria uma missão inteiramente comprometida como alguém altamente experiente; é difícil acreditar que, depois de fazer suas oferendas perfumadas no convés, ela tenha descido pela prancha em Alexandria, novamente soberana, voltando a salvo para a admiração de seus súditos, de uma forma menos que triunfante.<sup>b</sup> Ela estava livre da rústica Roma, devolvida pelo impulso das ondas e da turbulência no exterior a uma terra que a reconhecia como deusa, em tudo igual a Vênus, de volta a uma cidade em que a monarquia recebia o que lhe era devido, onde uma rainha podia ficar de cabeça erguida sem ser acusada de arrogância, onde ninguém protestava por causa de cadeiras douradas, nem estremejava diante de uma coroa. Estava, em resumo, de volta à civilização. Isso era especialmente evidente num verão egípcio, estação de comemorações. Em termos de festivais também o reino de Cleópatra invertia a ordem romana. Com os campos debaixo da água, o Egito inteiro se dedicava à música, à dança, à festa. “O lar é o melhor”, dizia o adágio grego, e Cleópatra deve ter sentido isso, voltando de uma terra que definia o mundo de maneira diferente. “Alexandria”, Cícero vociferara anos antes, “é a morada de todo engano e falsidade.”<sup>46</sup>

Não se sabe com clareza quem controlou os negócios egípcios enquanto Cleópatra esteve no exterior — normalmente ela teria confiado tudo a seu ministro das finanças —, mas, quem quer que tenha sido, o fez com habilidade. Ela voltou a um reino próspero e

em paz, o que não era pouco, dada sua ausência ou ausências. Não há registro de protestos referentes a coleta de impostos, nenhuma prova de revolta como as que saudaram a volta de seu pai. Os templos continuavam florescentes. Cleópatra deslizou suavemente de volta a seu papel. As notícias perturbadoras vinham do estrangeiro. Em seu exílio, Arsínoe, a irmã mais nova de Cleópatra, insistia em sua ambição ao trono. Retomando seu golpe de quatro anos antes, Arsínoe obteve apoio suficiente em Éfeso para ser proclamada rainha do Egito. Seu feito atesta tanto sua tenacidade como a fragilidade da posição de Cleópatra fora de seu país. O templo de Ártemis estava cheio de tesouros sem preço: Arsínoe parece ter tido apoiadores romanos tanto quanto a cumplicidade da família, ou de uma falsa família. E nessa época, materializou-se um pretendente ao trono, alegando ser Ptolomeu XIII, miraculosamente ressuscitado depois do afogamento no Nilo três anos antes. Com certeza as duas irmãs se desprezavam. Arsínoe pode ter chegado ao ponto de subornar o comandante de Cleópatra no Chipre, cuja lealdade não era firme. A viagem do Chipre a Éfeso era fácil; o comandante do Chipre era, tradicionalmente, um oficial de alta patente. Para complicar as coisas, Cleópatra tinha outro irmão a seu lado, o descartável e possivelmente desleal Ptolomeu XIV. “Um provérbio popular censura as pessoas que tropeçam duas vezes na mesma pedra”,<sup>47</sup> Cícero observou, e Cleópatra, mais uma vez vulnerável em duas frentes, não era dada a inabilidades. Em algum momento durante o verão, ela cuidou que Ptolomeu XIV fosse assassinado, provavelmente com veneno.<sup>c</sup>

Quer o rapaz de quinze anos estivesse ligado a sua irmã exilada ou não, ele era claramente desnecessário, um insulto à autonomia de Cleópatra. O assassinato dele permitia que ela proclamasse Cesário seu corregente, coisa que ela fez nesse verão. Em algum momento depois de julho — um novo mês epônimo que ocorreu em 44 pela primeira vez, para muito ranger de dentes de Cícero —, Cesário foi nomeado faraó. Com a ascensão dele, começava a terceira corregência de Cleópatra. Sua solução era original, também ideal. Cesário se tornou “rei Ptolomeu, que é também César, deus que ama seu pai, que ama sua mãe”. Cleópatra tinha seu consorte

masculino obrigatório. Um romano, e duplamente divino, ocupava o trono egípcio. E era pouco provável que um menino de três anos de idade fosse interferir de alguma forma com os projetos de sua mãe.

Seu cálculo estratégico não só era brilhante — Cleópatra simbolicamente envolvia o Egito no manto de César, pelo qual ela via uma violenta disputa se preparando —, como também resolvia com habilidade uma questão iconográfica. Se César tinha voltado a Alexandria mais real do que antes, Cleópatra voltou de Roma mais divina. Ela abraçou vigorosamente seu papel de Ísis, com plena ênfase em seu comando maternal, uma nova maneira de obter prestígio por meio da geração de filhos. Em festivais ela aparecia com sua notável roupa de Ísis.<sup>48</sup> Acontecimentos recentes mostraram-se uma poderosa ajuda: o assassinato de César pode ter destruído anos de meticuloso planejamento de Cleópatra, mas representou um bônus para sua imagem. Na lenda, os inimigos de Osíris, parceiro terreno de Ísis e divindade masculina suprema, o desmembraram com selvageria. Osíris deixa um herdeiro homem e uma consorte devotada e articulada. Em seu luto, Ísis recolhe os pedaços cortados de Osíris, para permitir sua ressurreição. Os Idos de Março forneceram providencial suporte à lenda; Cleópatra emergiu mais forte de sua perda, a grande esposa de uma divindade martirizada. Não foi nada mal que em Roma, no primeiro dia de 42, César fosse declarado deus em uma solene cerimônia religiosa.

Publicamente, Cleópatra representava o papel de Ísis provedora de sabedoria e de sustento material e espiritual, anunciando a presença de Cesário, a trindade familiar, e o renascimento espiritual.<sup>d</sup> Ela mergulhou num ambicioso programa de reconstruções, em grande parte do qual explorou o mito. Cesário sobrevive em relevo nas paredes do templo de Dendera, um vasto projeto que o pai de Cleópatra herdara.<sup>49</sup> Possivelmente para celebrar a ascensão de seu filho, Cleópatra mandou que fosse esculpido, com as coroas do Alto e do Baixo Egito, parado diante dela, oferecendo incenso a Ísis, Hórus e Osíris. Era uma combinação eficiente de temas; numa representação, ela segue atrás dele como faraó e como mãe, brandindo o chocalho de Ísis e usando a tradicional coroa dupla da deusa. O nome de Cleópatra vem em

primeiro lugar na legenda abaixo; é provável que ela tenha inaugurado os entalhes. Ela completou a obra que seu pai iniciara em Edfu, no Alto Egito, para onde provavelmente transferiu as equipes de trabalhadores de Dendera. Estabeleceu um altar flutuante a Koptos, mais ao norte; e construiu um pequeno santuário celebrando o nascimento de filhos divinos atrás do templo principal de Hermonthis, perto de Luxor. Ali, Cesário está intimamente associado a Hórus, que, talvez não incidentalmente, viria a vingar a morte do pai. Cleópatra pode já então ter começado a maciça construção dedicada a César e mais tarde conhecida como Cesareum, acima do porto de Alexandria.<sup>50</sup> Esta viria a constituir depois um bairro em si, com pórticos, bibliotecas, câmaras, túmulos, portais, passeios e pátios adornados com arte muito sofisticada. Seu maior projeto foi um templo de Ísis em Alexandria, hoje inteiramente perdido.

Também em outras frentes ela estava no negócio da ressurreição. Sob Cleópatra, Alexandria gozou de um robusto renascimento intelectual.<sup>51</sup> Reunindo em torno de si um grupo de pensadores, Cleópatra reconstituiu a *intelligentsia* grega na cidade, para a qual não teve dificuldades em atrair acadêmicos. Entre seus íntimos ela contava com Filostrato, um orador celebrado por suas performances hipnóticas, improvisadas. Ele pode também ter sido seu tutor pessoal. A única escola de filosofia nativa surgiu com Cleópatra; um cético, Enesidemo de Cnossos, lutou com a relatividade das percepções humanas e a impossibilidade do conhecimento. O trabalho acadêmico com a gramática e a história conheceram um renascimento, embora gerasse poucos dos saltos teóricos embriagadoramente originais dos séculos anteriores. A medicina e a farmacologia representaram as únicas exceções. Médicos participavam havia muito da corte ptolomaica, onde eram influentes, dotados de espírito público e onde, no reino de Cleópatra, os homens mais iminentes em seus campos escreveram prolificamente, sobre medicina e doenças, sobre afecções do olho e dos pulmões, tanto os teóricos como os praticantes. Na cirurgia, especialmente, esses pensadores deram passos ousados, produzindo um corpo novo de habilidades especializadas. Em outras áreas o trabalho era pouco

original tendendo para a esterilidade, mais dado à classificação do que à criatividade. Nesse ambiente surgiu o primeiro acadêmico nativo de Alexandria. Quatro anos mais novo que Cleópatra, filho de um vendedor de peixe salgado local, Dídimos distinguiu-se na corte por sua inteligência brilhante e prodigiosa produção. Ele discursava com conhecimento sobre o léxico, sobre Homero, sobre Demóstenes, sobre história, teatro e poesia. Em diversos volumes, ele atirou alguns lances satíricos até mesmo em Cícero. É inacreditável que tivesse tempo para sua soberana; maniacamente produtivo, Dídimos produziu mais de 3.500 tratados e comentários, coisa que pode explicar por que ele não se lembrava do que havia escrito e era regularmente acusado de se contradizer.<sup>52</sup> Eram esses os homens com quem Cleópatra jantava, com quem vivia em contato íntimo e discutia assuntos de Estado. O pensador da casa servia como “estímulo intelectual ou como confessor e consciência”.<sup>53</sup> Ele era ao mesmo tempo mentor e servidor.

Em termos gerais, os primeiros anos da década de 40 provam que Cleópatra foi bem mais do que a soma de suas supostas seduções. Ela deu os primeiros passos para restaurar a glória ptolomaica, mais uma vez seguindo o rumo de seu pai, embora com resultados mais fecundos. Ela apoiou e se envolveu em projetos intelectuais, como convinha a sua origem. Os soberanos helenísticos eram, por definição, patronos culturais e estudiosos; entre os antepassados de Cleópatra havia muitos assassinos, mas também um historiador, um zoólogo, um dramaturgo. Ptolomeu I escreveu um admirável relato sobre Alexandre, o Grande. Analisando de trás para frente, nos resta avaliar a reputação de Cleópatra pelo que foi falsamente atribuído a ela. Ela recebeu créditos extracurriculares por diversos corpos de literatura, o que revela algo de seu perfil. Considerada decadente no exterior, ela era muito capacitada intelectualmente em casa. Foi citada muitas vezes como autoridade em magia e medicina, ainda inseparáveis por algum tempo; em penteados; em cosméticos; em pesos e medidas. São campos que Cleópatra pode, sim, ter explorado, pelo menos à mesa do jantar. Quanto à medicina, ela foi uma grande protetora do templo de Hator, dedicado à saúde feminina. É também ligeiramente mais provável que ela tenha

escrito sobre banhos com leite de jumenta do que inventado a aspirina.

Uma curiosa cura para calvície seria atribuída a Cleópatra; dizia-se que ela aconselhava o uso de partes iguais de camundongo queimado, trapo queimado, dentes de cavalo queimados, banha de urso, tutano de veado e casca de junco. Misturada com mel, a pasta devia ser aplicada ao couro cabeludo, "massageado até brotar".<sup>54</sup> Plutarco sustenta que ela cozinhava "toda sorte de venenos mortais", que experimentava em prisioneiros. "Quando viu que os venenos rápidos reforçavam a dureza da morte pela dor que causavam", ela mudou para o estudo de animais venenosos. Estes ela estudou sistemática e diariamente, "observando com os próprios olhos como eram constituídos, um após outro".<sup>55</sup> O Talmude a saúda por sua "grande curiosidade científica" e como "muito interessada nos experimentos de médicos e cirurgiões". Dada a preponderância de médicos profissionais na corte, o progresso no campo e o vivo interesse demonstrado pelas ciências naturais por outros reis orientais, muitos dos quais realizavam experimentos e escreviam sobre biologia e botânica, é muito provável que seja tudo verdade. O restante da passagem talmúdica pode ser menos verdadeiro. Atribui a Cleópatra uma série de experimentos com mulheres prisioneiras "a fim de determinar quando o feto se tornava um embrião de fato".<sup>56</sup> Da mesma forma, a *Gynaecia Cleopatrae* medieval é sem dúvida apócrifa. Nela se encontram instruções para um supositório vaginal "que eu sempre usei e que minha irmã Arsínoe experimentou".<sup>57</sup> Fora o fato de colocar Cleópatra e sua usurpadora irmã mais nova trocando dicas contraceptivas ao longo dos anos, quando era muito mais provável que estivessem conspirando o assassinato uma da outra, o texto é problemático por ter sido escrito em latim. Há rumores de que Cleópatra era especialmente dotada nas ciências ocultas, mas a única alquimia que ela praticava era transformar os campos do Egito em ouro.

Grande parte do suposto conhecimento de Cleópatra provém do mundo árabe, onde a propaganda romana não penetrava. Lá ela se estabeleceu como filósofa, médica, cientista e pesquisadora. Seu nome ressoava, poderoso, sobretudo pela associação com a

milagrosa Ísis com sua tendência farmacológica. Por mais críveis que sejam essas atribuições, é difícil determinar quantas dessas realizações eram genuínas; quantas apenas fagulhas lisonjeiras do relato de Plutarco sobre uma mulher com tendências intelectuais, à vontade na companhia de filósofos e médicos, vivendo uma época iluminada; e o quanto constituem o costumeiro ataque à mulher complexa e capaz, suspeita de ser boa demais em seu trabalho, cujos talentos só podem ser atribuídos a "artes mágicas e encantamentos".<sup>58</sup> Dissecados ou não, os corpos precisam ser enterrados em algum lugar, os caldeirões e os livros de bruxarias junto. As habilidades de Cleópatra eram grandes, mas a fértil fantasia masculina era incontestavelmente maior.

A competência de Cleópatra seria posta à prova nos anos que se seguiram à sua volta, quando desgraças e mais desgraças se sucederam. O Nilo não se mexeu durante a primavera de 43 e, no verão, não encheu nada. Mostrou-se igualmente pouco cooperativo no ano seguinte. As colheitas fracassaram a tal ponto que desafiavam a história. Por todo o Egito a miséria era aguda. Cleópatra conduziu seu reino com serenidade durante a crise prolongada, cuidando, sem dúvida, de não tropeçar nas pedras conhecidas; a fome anterior tinha sido um fiasco para ela. Ela pode ter declarado de novo estado de emergência. Seu povo estava morrendo de fome. Não tinha escolha senão abrir os silos reais e distribuir trigo grátis.<sup>e</sup> A inflação assolava o país; Cleópatra desvalorizou ainda mais a moeda. Moradores de dois bairros compareceram perante ela pedindo proteção contra coletores de impostos venais. Dado o "mal-estar generalizado" e "inspirada por seu ódio ao mal",<sup>59</sup> ela concedeu a isenção. E divulgou amplamente a anistia. Em meio à crise agrícola chegavam notícias de estranhos inchaços glandulares e feias pústulas negras; uma epidemia assolou ou o Egito ou suas regiões fronteiriças. O prolífico Dioscórides, perito em plantas medicinais, tinha amplo material em que basear um pioneiro tratado sobre a peste bubônica.

O momento era particularmente pouco auspicioso, uma vez que a guerra civil romana voltava violentamente às costas do Egito em 43. A península italiana não conseguia conter aquele conflito, uma

demonstração brutal e espasmódica de que, nas palavras de Plutarco, “nenhum animal selvagem é mais feroz que o homem quando sua paixão é suplementada pelo poder”<sup>60</sup>. Para Cleópatra, a luta interna assumiu a forma de um perverso conto de fadas: ela sabia que todas as partes envolvidas viriam até ela. (O número de apelos confirma a sua sólida riqueza.) Ela sabia também que apoiar a parte errada seria atrair a desgraça. Embora continuasse dedicada a Roma, era difícil sê-lo, porque ela não sabia quem exatamente era Roma. E independente de quem ela apoiasse, o custo provavelmente seria exorbitante. Cleópatra já estava bem familiarizada com a sabedoria de seu pai, duramente aprendida em suas negociações quanto “às humilhações e aos problemas que enfrentaria; às propinas a que teria de recorrer; e à ambição que teria de satisfazer quando se tratava dos líderes romanos, aos quais nem todo o Egito transformado em prata poderia contentar”.<sup>61</sup>

A melhor opção de Cleópatra seria não fazer nada, uma opção que depressa se exauriu. Ela por fim seguiu suas simpatias naturais, disposta a pagar o preço. Dolabela era altamente prezado por César, seu precoce comandante de frota, sua primeira escolha para cônsul, em 44. Ele era dissoluto, esquentado, também robusto, articulado e um favorito popular. Ainda na casa dos vinte anos, deve ter parecido a Cleópatra o herdeiro natural de César. Quando Dolabela pediu ajuda, Cleópatra mandou para ele as quatro legiões que César havia lhe deixado, junto com uma frota. Em troca, ela garantiu a promessa de que César seria reconhecido como rei do Egito, uma confirmação crucial para ela. Infelizmente, a frota foi interceptada em alto-mar. Sem luta entregou-se a Cássio, o rival de Dolabela e um dos líderes dos assassinos. Em seguida, Cássio exigiu a assistência de Cleópatra. Ela enviou suas desculpas. A fome e a peste haviam devastado seu país. Estava absolutamente sem reservas. Ao mesmo tempo, preparou uma segunda expedição para Dolabela. Maus ventos retiveram essa frota no porto. E ela topou com subordinados rebeldes. Seu comandante militar no Chipre contrariou suas ordens, fornecendo a Cássio navios egípcios. Cleópatra depois seria cobrada a responder por esse desaforo.

Ela estava fazendo um jogo perigoso e que só piorava. Em julho de 43, o exército de Cássio cercou e esmagou Dolabela, que cometeu suicídio. Em seguida, Cleópatra foi procurada por Otaviano e Antônio, inimigos de Cássio. Os dois formaram uma liga no final de 43, com a intenção de se vingar dos assassinos, liderados primordialmente por Bruto e Cássio. Para Otaviano, filho adotivo de César e seu antigo conselheiro, Cleópatra organizou uma poderosa frota, carregada de equipamentos. Ela planejava entregá-la pessoalmente na Grécia. Enquanto isso, o assassino Cássio ameaçou-a. Ela se recusou a morder a isca. Ele ameaçou de novo. Ele havia pedido apenas sua cooperação; em vez disso Cleópatra havia ajudado seu inimigo. Ela não estava de jeito algum se mostrando a mulher obediente que César havia anunciado. Enraivecido, Cássio preparou uma invasão total do Egito. O momento era bom; o Egito estava enfraquecido pela fome, Cleópatra vulnerável na ausência de suas legiões romanas. Ela depois insistiu que "não sentira medo de Cássio"<sup>62</sup>, mas seria tola se não sentisse. Ele era um personagem nocivo, composto de partes iguais de crueldade e ambição. Conhecido como "o mais agressivo dos homens"<sup>63</sup>, estava entre os primeiros assassinos. Possuía doze legiões de primeira classe sob seu comando, assim como uma força experiente de arqueiros montados. Havia sido impiedoso com as cidades sobre as quais já marchara. Hábil general e antigo almirante de Pompeu, havia lutado no Oriente antes. E estava bem perto, do outro lado da fronteira egípcia, onde assumira o controle da Síria.

Mais uma vez, na última hora Cleópatra foi poupada por interesses romanos concorrentes. Quando começou sua marcha para o Egito, Cássio foi desviado por um chamado urgente. Antônio e Otaviano haviam atravessado o Adriático. Viajavam para o leste para desafiá-lo. Cássio hesitou. O Egito era um rico prêmio, bem ao alcance da mão. Severamente, Bruto lembrou que ele não estava ali para conquistar poder para si, mas sim a liberdade para seu país<sup>64</sup>. O decepcionado Cássio mudou de rumo para se juntar a Bruto na Grécia. Para Cleópatra, a moratória coincidia com acontecimentos infelizes. Ela havia partido com sua frota para juntar-se a Antônio e Otaviano. Ela própria comandava a nau capitânia. Mais uma vez, o

mau tempo interveio. Diante dele, um navio de guerra alto, de velas quadradas, foi inútil, depressa adernou, depressa afundou. Ela voltou a Alexandria com o restante de uma marinha abatida. Conforme explicou depois, a tempestade “não só arruinou tudo, como fez também com que caísse doente, razão pela qual ela nunca mais partiu para o mar”.<sup>65</sup> Alguns questionaram sua sinceridade, dando à história de Cleópatra um tom de “não queria molhar os pés”. (É notável que, quando ela não é condenada por ser ousada e masculina demais, é censurada por ser indevidamente frágil e feminina.) No entanto, ela parece ter sido fiel à sua palavra. Sabia que não podia negar ajuda àqueles que estavam ativamente vingando a morte de seu amante. E um aliado de Cássio que estava esperando de tocaia a frota de Cleópatra — com uma frota de sessenta navios, uma legião de homens de Cássio e um estoque de flechas chamejantes — ouvira falar do desastre e topara com restos do naufrágio egípcio flutuando diante da costa sul da Grécia. Cleópatra voltou penosamente para casa com a saúde comprometida. Por seu cuidado e custoso esforço, ela não recebeu a lealdade de ninguém.

Não tendo oferecido aos vencedores nenhuma assistência efetiva, Cleópatra sabia que logo seria cobrada. Um emissário chegou a Alexandria mais ou menos no momento esperado, provavelmente no começo de 41. Era um negociador de fala mansa e língua mordaz e também um homem de lealdades acrobáticas. Quinto Délio já havia mudado de lado três vezes durante a guerra civil, tendo saltado do campo de Dolabela para o de Cássio, para pousar, temporariamente, no de Marco Antônio. Viera a Alexandria para arrancar algumas respostas da estranhamente não cooperativa rainha do Egito. Por que ela havia colaborado com Cássio? Como explicar seu morno apoio aos cesarianos? Onde precisamente estava sua lealdade? É de se presumir que Délio estava informado sobre as maravilhas de Alexandria, sobre o palácio incrustado de joias. O que quer que tenha ouvido, não o preparou suficientemente para Cleópatra. “Assim que olhou para ela, e notou sua habilidade e sua sutileza de discurso”, ele se deu conta de que teria de repensar a abordagem. Todas as fontes concordam unanimemente, até ativamente, sobre o

efeito irresistível de Cleópatra. Plutarco cai vítima de seu encantamento póstumo a tal ponto que, a partir do momento da chegada de Délio, ele basicamente deixa que ela roube o foco de Marco Antônio.<sup>66</sup>

Délio logo percebeu que ele não entregaria à acusação uma rainha tristonha e submissa. A mulher na frente dele não era do tipo de quem se exige explicação. Oportunista como era, ele deve ter percebido que podia tirar alguma outra coisa da situação. Ele próprio era altamente suscetível à beleza. De suas lúbricas escapadas juntos, ele conhecia bem os gostos de seu comandante. Délio se desmanchou nas mãos de Cleópatra ou entendeu que Antônio se desmancharia, ou ambas as coisas. Felizmente, o outro lado de sua inconstância era uma agilidade muito flexível; ele executou uma reviravolta sem esforço. Elogiou, lisonjeou a tal ponto que não fica claro quais interesses ele defendeu. Seu conselho era — mesmo depois de tanto tempo é preciso dar a Délio seus merecidos pontos como diretor de cena — que ela representasse um pouquinho. Cleópatra devia vestir sua melhor roupa. Sua situação era análoga à de Hera na *Ilíada*,<sup>67</sup> que massageia a pele até reluzir um pouco, unta-se com óleos provocantes, trança os cabelos brilhantes, envolve-se em mantos ambrosianos, aperta a cintura com fitas e, com broche de ouro no peito e joias penduradas nas orelhas, marcha ao encontro de Zeus. Cleópatra devia ir para o exterior com ele imediatamente. Não tinha, Délio lhe garantiu, nada a temer. Marco Antônio era “o melhor e mais gentil dos soldados”.<sup>68</sup>



Três anos antes, enquanto Cleópatra partia às pressas de Roma sob um céu nublado de abril, ela cruzou com outro viajante cansado. Embora ele viajasse como cidadão comum, Otaviano seguiu para Roma “acompanhado por uma notável multidão que aumentava todos os dias como uma torrente”<sup>69</sup> e levado por uma corrente de boa vontade. Naquele momento, ou na narrativa posterior, ele foi recebido com o equivalente antigo de efeitos especiais. Ao se aproximar da via Ápia, a neblina subiu e “um grande halo com as

cores do arco-íris circundou o sol”,<sup>70</sup> que não era visto havia semanas. O herdeiro de César era tão desconhecido para seus seguidores quanto eles o eram para ele; juntaram-se a seu lado, tão entusiasticamente como os veteranos das campanhas de César, na expectativa de que o rapaz de dezoito anos vingasse “a chacina do Senado”. Ele não se comprometeu nesse aspecto, procedendo, a conselho da mãe, “com habilidade e paciência”,<sup>71</sup> pelo menos até pisar na propriedade de Antônio. O pálido adolescente provinciano, de cabelo loiro encaracolado e sobrancelhas que se juntavam acima do nariz, não se sobressaía em quase nada. Passara pouco tempo em Roma. Não tinha experiência militar nem autoridade política. Sua constituição física era frágil, sua aparência insignificante. Ele tinha vindo para cobrar a herança mais cobiçada da era, o nome de seu tio-avô.

Logo cedo na manhã seguinte, Otaviano apresentou-se ao Fórum para aceitar a adoção de César. Antes procurou Marco Antônio, nos jardins de sua bela propriedade, à qual Otaviano só foi admitido depois de uma longa e humilhante demora. De qualquer modo que se anunciasse — seus seguidores já o chamavam de César —, a visita iria machucar. Se para Cleópatra a aparição de Otaviano em Roma era incômoda, para Marco Antônio era um insulto. Seguiu-se uma conversa tensa entre os dois homens — ou, na opinião de Antônio, aos quarenta anos, entre um homem e um menino — que sentiam ter iguais direitos ao legado de César. Otaviano era preciso e deliberativo, mais tarde se tornou um tanto controlador; ele sem dúvida havia ensaiado seu discurso de antemão. (Mesmo quando falava com a esposa ele preferia escrever seus pensamentos e lê-los em voz alta.) Com certeza, Otaviano proferiu esses pensamentos em 44 com fria segurança e candura. Por que Antônio não havia processado os assassinos? (Em prol da ordem, todo mundo havia proposto uma anistia. Porém, Antônio presidira o Senado quando ela foi outorgada.) Os primeiros a agir estavam não só vivos, como haviam sido recompensados com governos provinciais e comandos militares. Otaviano solicitou ao homem mais velho que “ficasse ao meu lado e me ajudasse a me vingar dos assassinos”. Se não pudesse, faria o favor de respeitosa e se pôr de lado? Afinal,

Antônio poderia muito bem ter sido o herdeiro político de César se tivesse se comportado mais prudentemente. Quanto à herança, Antônio podia, por favor, entregar o ouro que César havia deixado, para a prometida distribuição? Otaviano acrescentou que Antônio podia conservar “os objetos de valor e outros ornatos”,<sup>72</sup> uma acusação mais do que um convite.

Marco Antônio tinha mais que o dobro da idade de Otaviano. Contava com “todo o prestígio de seu longo serviço a César”.<sup>73</sup> Durante os últimos dois anos, exercera uma grande autoridade, mesmo que nem sempre decorosa. Tinha, além disso, já liquidado a herança de Otaviano, assim como havia anteriormente arrasado a casa que fora de Pompeu, distribuindo generosamente os magníficos tapetes e móveis a amigos. Não precisava que lembrassem a ele que havia perdido por pouco a adoção pelo homem que ele também admirava acima de todos os outros. Nem precisava ouvir um sermão de um diminuto e virtuoso novo rico. Ele ficou muito chocado. Com voz rouca, grave, lembrou ao rapaz à sua frente que a liderança política de Roma não era hereditária. Por agir como se o fosse, César havia sido assassinado. Antônio tinha se exposto a muitos riscos para garantir que César fosse enterrado com honras, e a muitos outros para preservar sua memória. Era inteiramente graças a ele, informou exasperadamente a Otaviano, “que você possui de fato todas essas distinções de César: família, nome, título e riqueza”. Antônio não devia explicações. Ele merecia gratidão, não culpa. Incapaz de resistir, como quase sempre, Antônio acrescentou um pequeno dardo venenoso à mensagem, repreendendo o rapazinho por seu desrespeito: “Você, um jovem, e eu, mais velho que você.” Otaviano estava ainda mais equivocado se acreditava que Antônio cobiçava poder político ou invejava a posição do recém-chegado. “Descender de Hércules já está muito bom para mim”,<sup>74</sup> bufou Antônio, que, com ombros largos, pescoço taurino, incrivelmente bonito, com uma cabeça de fartos cabelos cacheados e traços aquilinos, tinha toda a aparência do seu papel. Quanto a dinheiro, não havia nenhum em suas mãos. O brilhante pai de Otaviano deixara o tesouro bem vazio.

Por explosiva que fosse, essa entrevista veio como um alívio para o Senado, para o qual só havia um perigo maior do que uma disputa pública entre os dois cesarianos. Antônio manobrava poder político. Otaviano era respeitado e surpreendentemente popular. Manifestações entusiasmadas o saudaram em todas as suas viagens. Bem melhor que os dois rivais obstruírem um ao outro era a ideia de que juntassem forças. Antônio percebeu isso em seu jardim naquela manhã de primavera. Otaviano tinha terminado seus estudos havia pouco. Certamente, no curso deles, aprendera que o povo se considerava obrigado a prolongar a discórdia, a construir demagogos pelo prazer de derrubá-los, a encorajá-los a destruir um ao outro.<sup>75</sup> Claro que tinha razão. E ninguém melhor para fomentar a discórdia do que Cícero, com quem sempre se podia contar, como diz um contemporâneo, para difamar os proeminentes, chantagear os poderosos, caluniar os importantes.<sup>76</sup> Agora, ele entrava bravamente em ação.

Para Cícero era uma disputa perniciosa entre a fraqueza e a vilania. Na verdade, havia um número enlouquecedor de opções. Entre os assassinos de César, Bruto e Cássio continuavam em destaque. Jovem audacioso, com um dote especial para reunir exércitos, o filho de Pompeu estava na Espanha com a maior parte da marinha romana. Sexto Pompeu tinha a seu favor a fama ainda brilhante do próprio pai; ele também estava disposto a vingar um pai e recuperar uma herança. (Em princípio, tinha um maior direito à vingança. Quando adolescente, havia testemunhado a decapitação do pai na praia no Egito.) O cônsul Marco Emílio Lépidio, que sucedera Antônio como o segundo em comando para César, havia jantado com César na véspera do assassinato e também sonhava suceder César. Ele controlava uma facção do exército de César. Outras legiões respondiam a outros cônsules. Bruto havia inexplicavelmente reunido um exército em tempo recorde.<sup>f</sup> Parece que só Otaviano não tinha um comando.

Como o homem mais influente de Roma depois dos Idos, Cícero se viu na mesma enrascada de Cleópatra. De que lado ficar? Ele percebia que, nessa ocasião, a quinta guerra civil de sua vida, a neutralidade era impossível. Ao mesmo tempo, conhecia todas as

partes envolvidas e não se encantava por nenhuma. Em 44, Otaviano lhe pareceu um mero escolar, um incômodo mais que uma possibilidade. “Não confio na idade dele e não sei o que ele pretende”,<sup>77</sup> Cícero pregou. Era difícil imaginar Otaviano, um adolescente pálido, como comandante em chefe numa cidade que preferia as compleições coradas. Ele nomeou-se líder, e, no entanto, era tão ingênuo a ponto de acreditar que Roma conseguia manter um segredo! (É interessante notar que poucos concederam em levar Otaviano a sério aos dezoito anos, quando Cleópatra já governava o Egito com essa idade.)

Em maio de 44, quando Cícero sentiu que Roma não era mais segura para ele, optou por Dolabela, embora com reservas. Esse ousado comandante havia sido seu genro durante quatro anos. Dolabela e a filha de Cícero tinham se divorciado durante a gravidez dela; Dolabela demorara para devolver o dote, como era obrigado a fazer. Antes ardente cesariano, depois dos Idos, Dolabela virou contra seu antigo benfeitor. Chegou a fingir fazer parte da conspiração, que aprovou publicamente. Cícero aplaudiu ruidosamente das coxias. A partir de 1º de maio, seu antigo genro era “meu maravilhoso Dolabela”<sup>78</sup>. Atarracado, de cabelos compridos, Dolabela teve uma performance de astro em um discurso. Cícero babou de admiração. Dolabela defendera os assassinos com tamanha eloquência que Bruto podia praticamente usar uma coroa! Cícero se perguntava se Dolabela já sabia de sua profunda consideração. (Mais provável era que Dolabela soubesse justamente do contrário.) Dolabela destruiu uma coluna improvisada, erguida em memória de César. Suprimiu manifestações pró-César. A estima de Cícero só aumentava. “Nenhum afeto foi mais ardente”,<sup>79</sup> derramou-se. A República repousava nos ombros de Dolabela.

Uma semana depois, rompia com o ex-genro. “Esse azedume de homem!”, vociferou, declarando-se seu amargo inimigo.<sup>80</sup> O que havia acontecido no intervalo? Apesar da metralha de cumprimentos, Dolabela não pagara sua dívida. Houve um momento de moratória; Cícero não podia senão congratular repetidamente Dolabela por uma brilhante tirada contra Antônio, caminho direto para o coração de Cícero. Nesse âmbito também, as animosidades pessoais

atropelavam as questões políticas. Sócios confiantes de César, ambos, Dolabela e Marco Antônio há vários anos estavam em desacordo depois de uma certa indiscrição da parte da então esposa de Antônio. (Pela mesma razão, ela abruptamente se tornou sua ex-esposa.) Às vezes, parecia mesmo que só havia dez mulheres em Roma. E, na visão de Cícero, Antônio tinha ido para a cama com todas.

A política há muito foi definida como “a organização sistemática de ódios”<sup>81</sup>. Com toda a certeza, nada descreve melhor a Roma dos anos que se seguiram aos Idos, quando a inimizade mais que os problemas políticos separava os assassinos de César, os herdeiros de César e os últimos pompeanos, cada um dos quais parecia ter um exército, um projeto e ambições próprias. Em meio à grande safra de vinganças pessoais, nenhuma foi mais selvagem que a de Cícero contra Marco Antônio. A antipatia entre eles vinha de décadas. O pai de Antônio morrera quando ele tinha dez anos, deixando tantas dívidas que Antônio desistiu de sua herança. O padrasto, um famoso orador, fora condenado à morte por ordem de Cícero. De seu pai, Marco Antônio herdou um temperamento alegre, caprichoso. Era dado a mau humor e a farras.<sup>82</sup> Sua mãe — segundo todas as fontes, uma força da natureza — parece ter cultivado em seu filho inquieto um gosto por mulheres competentes, de personalidade forte. Sem elas é de se supor que Antônio tivesse se autodestruído bem antes de março de 44. Já sua vida pessoal era algo catastrófica. Ele concretizou a fama familiar de devedores ainda adolescente. Sua límpida reputação militar só era eclipsada pela fama de farrista; ele deixou tutores semimortos em sua trilha de bebedeiras. Era dado à boa vida, a grandes festas, a mulheres ruins. Era generoso até o exagero, e sempre mais quando a casa que estava distribuindo grosseiramente não era a dele. O que se dizia de um tribuno anterior era mais verdadeiro de Antônio: “Ele era um perdulário de dinheiro e castidade — dele e dos outros.”<sup>83</sup> O brilhante oficial da cavalaria tinha todo o charme de César e nada de seu autocontrole. Em 44 os conspiradores o consideravam inconsistente demais para ser perigoso.

Depois dos Idos de março, Marco Antônio chegou à glória, o homem do momento, pelo menos até a chegada de Otaviano. Cleópatra ainda não estava reinstalada em Alexandria quando se sentiram as primeiras tensões. Eram totalmente públicas: “Por toda a cidade”, conta Apiano, “Otaviano subia em qualquer ponto elevado e acusava Antônio a plenos pulmões.” Antônio podia tratá-lo com toda a indignidade que quisesse, podia condená-lo a uma vida de pobreza, trovejava Otaviano, mas podia, por favor, “parar de saquear sua propriedade até os cidadãos receberem seu legado”?<sup>84</sup> Ele podia depois ficar com todo o resto. Antônio, esquentado, berrava de volta. Insultava e obstruía sempre que possível. O Senado nada fez para desencorajar nenhum dos dois, preferindo, em vez disso, como afirma Dio e como Antônio havia previsto, “pôr um contra o outro”.<sup>85</sup> Os homens de Antônio insistiam numa reconciliação, cada vez mais crucial uma vez que os assassinos haviam consolidado suas forças. Antônio se desculpou. Prometeu controlar seu temperamento, contanto que Otaviano fizesse a mesma coisa.<sup>86</sup> Uma trégua incerta seguia-se a outra. Antônio quebrou a segunda com uma acusação sensacional: em outubro, acusou Otaviano de subornar os guarda-costas de Antônio para assassiná-lo. (Na verdade, Otaviano havia apenas tentado suborná-los a abandonar o posto, uma prática que ele transformaria em hábito regular. Quanto à segurança de Marco Antônio, Otaviano se ofereceu para ficar pessoalmente de guarda ao lado de sua cama.) A maioria achou a acusação ridícula. Alguns não, o que deixou Otaviano furioso. Em uma ocasião, ele se viu reduzido a esmurrar a porta trancada da casa de Marco Antônio numa tentativa de limpar seu nome, xingando os criados e a porta de madeira loucamente.<sup>87</sup>

Cortejado assiduamente por Otaviano, que lhe escrevia todos os dias, Cícero deixou o tempo correr. Era uma questão delicada. Se Otaviano assumisse o poder, os assassinos estariam perdidos. Além disso, Otaviano era ao mesmo tempo alarmantemente impressionável e curiosamente resistente aos conselhos dos mais velhos. Cícero tinha dificuldades particulares com os floridos elogios do jovem a César. “Por outro lado”, pensava Cícero, “se ele for vencido, vê-se que Antônio ficará intolerável, então não é possível

saber qual preferir.”<sup>88</sup> Antônio era dado ao saque, Otaviano cego por vingança. Cícero pigarreava, enrolava, fixando-se finalmente em uma certeza, que repetia como um mantra: “O homem que esmagar Marco Antônio terá encerrado esta guerra horrenda e perigosa.”<sup>89</sup> No outono de 44, defender a comunidade, ou o que restava dela, tornou-se para Cícero sinônimo de acabar com Antônio, que ele fulminou durante os seis meses seguintes. Foi no curso dessas semanas tormentosas que Cleópatra se viu envolvida com os reais inimigos de Antônio e Otaviano, colaborando como colaborou, primeiro por ingenuidade, depois sem ingenuidade, com Dolabela e Cássio.

Nos furiosos ataques que conhecemos como *Filípicas*, Cícero partiu para destruir o antigo tenente de César. Antônio era, na melhor das hipóteses, “um patife audacioso”, na pior um louco confuso, bêbado, imundo, sem-vergonha, depravado, licencioso, saqueador. “Na verdade”, afirma Cícero, “não se deve pensar nele como um ser humano, mas como a fera mais ultrajante.”<sup>90</sup> Sem dúvida, Antônio deu muito material para Cícero. Ele havia administrado mal os fundos. Permitira-se romances escandalosos. Apoderara-se de propriedades. Exibira-se em espetáculo uma vez, ao que se diz atrelando leões a uma carruagem para um passeio por Roma. Excessos e festas eram seus sobrenomes. Suas proezas eram em grande parte responsáveis por sua popularidade; ele era irresistível a seus homens. A farra era mesmo grande, ainda que “as fumaças do deboche”<sup>91</sup> não se ligassem a Antônio com a tenacidade com que Cícero insistia. Mesmo assim, ele gostava bastante de narrar e ampliar as histórias das indignidades de Antônio. A manhã em que ele abriu a boca para falar no Senado e em vez de falar vomitou os restos apodrecidos de um banquete de casamento em seu colo não era coisa de que Cícero fosse esquecer. Antônio passou a ser então “o bruto que arrota e vomita”, que “expele em vez de falar”. Ele não tinha outra ambição além de prover Roma de atores, jogadores, cáftens. A esse respeito, Cícero era incansável. Como admitira muito tempo antes: “É fácil atacar a devassidão; que se apague a luz do dia sobre mim se eu me puser a expor tudo o que se pode dizer sobre esse assunto: sedução, adultério, libertinagem,

extravagância, a lista é ilimitada.<sup>92</sup><sup>g</sup> Como ilimitado era ele quando o assunto era Marco Antônio.

Com a continuação das ofensas, dois novos temas surgiram. Otaviano inevitavelmente passou de “o menino” a “meu jovem amigo” e “esse jovem extraordinário” ou “esse jovem enviado pelo céu” no qual repousavam as esperanças de Roma. Enquanto Cícero vociferava, Antônio ganhou um parceiro no crime. Juntando todas as migalhas de provas, boatos e insinuações, Cícero passou a incluir em suas furiosas denúncias Fúlvia, esposa de Antônio há três anos. Fúlvia havia participado igualmente da distribuição de favores, leiloando províncias, apropriando-se de fundos estatais, afirmava Cícero. Ele a acusava por ganância, ambição, crueldade, engodos. Acusava Antônio do pior crime que podia ser imputado ao antigo lugar-tenente de César: Marco Antônio, berrava ele, “preferiria responder à mais audaciosa das mulheres do que ao Senado e ao povo romanos”<sup>93</sup>. Com sua ofensiva de falta de decência, Cícero atribuiu uma inestimável herança a Otaviano, que se valia de cada linha, sem uma única vez dar crédito ao melhor *ghost-writer* da história.



Em novembro de 43, Otaviano e Antônio não tinham chances senão juntar forças. Foi nesse inverno que Bruto e Cássio se uniram no Egeu oriental, depois que Cássio desistiu de sua expedição contra Cleópatra. Os assassinos estavam bem-armados e bem-financiados; curvando-se à necessidade, Antônio e Otaviano engoliram o desprezo mútuo e se submeteram a uma aliança formal. Nela incluíram Lépido, que comandava um exército particularmente vigoroso. No final do mês, os três se encontraram numa pequena ilha no centro do que hoje é Bolonha, “para trocar a inimizade pela amizade”<sup>94</sup>. Apalparam um ao outro em busca de punhais ocultos e sentaram-se para conversar, a plena vista de seus exércitos. Lá ficaram dois dias em discussões do amanhecer à noite, o que não era de surpreender, dados os projetos conflitantes. Como disse o historiador romano Floro, muito tempo depois: “Lépido era motivado

por um desejo de riqueza que podia esperar obter por confusão do Estado; Antônio desejava vingança daqueles que o tinham declarado inimigo; César [Otaviano] era impulsionado pela ideia de que a morte de seu pai ainda não havia sido punida e que a sobrevivência de Cássio e Bruto era um insulto ao seu espírito.”<sup>95</sup> Ao fim de dois dias, os três de alguma forma chegaram a um acordo, nomeando a si mesmos ditadores por cinco anos e dividindo o império entre eles. Cada um jurou fidelidade aos termos do acordo e deram-se as mãos. Em terra firme, seus exércitos exultantes se saudaram. O acordo, que seria conhecido mais tarde como o Segundo Triunvirato, entraria em efeito a partir de janeiro de 42. Cleópatra só pode ter se sentido aliviada. Juntos, Otaviano e Antônio tinham uma chance. Ela não estava em posição de deter as forças conjuntas de Bruto e Cássio, que não demonstrariam nenhuma misericórdia por uma aliada de César, muito menos uma aliada que governava com o filho dele.

Os novos triúnviros atacaram também a urgente questão das finanças. O dinheiro estava todo na Ásia, onde corria livremente para os cofres dos assassinos. Em Roma, o tesouro continuava vazio. Esse estado de coisas levou inevitavelmente à espinhosa questão de inimizades pessoais. Os três homens se retiraram para elaborar uma lista em particular. Ocorreu uma barganha de alto nível em que eles ofereceram “seus mais leais amigos em troca de seus mais amargos inimigos”.<sup>96</sup> Dessa forma, Antônio sacrificou um tio muito amado por Cícero. Lépidio entregou um irmão. As chances de sobrevivência eram especialmente reduzidas se a pessoa tinha fundos à disposição. “Mais nomes eram constantemente acrescentados à lista, alguns por inimizade, outros apenas porque tinham sido incômodos, ou eram amigos de inimigos, ou inimigos de amigos, ou excepcionalmente ricos”,<sup>97</sup> nos conta Apiano. Separados, os triúnviros apressaram-se com seus homens para Roma, onde presidiram uma sessão de derramamento de sangue. “A cidade inteira”, observa Dio, “encheu-se de corpos”,<sup>98</sup> muitas vezes deixados na rua para serem devorados por cães e pássaros, ou jogados no rio. Alguns dos proscritos, em busca de segurança, desceram para o fundo de poços ou de esgotos imundos. Outros se refugiaram em chaminés.<sup>h</sup>

Depois de abandonar vários planos de fuga, Cícero estava em sua mansão de campo, ao sul de Roma, em 7 de dezembro de 43. Tinha se deitado para descansar, quando um corvo entrou pela janela e começou a bicar as cobertas. Seus criados leram nisso um indício de perigo iminente; imploraram a Cícero que permitisse que o levassem até o mar. Ele estaria bem-escondido na densa floresta ao longo do trajeto. Relutante, ele subiu à liteira, um exemplar de Eurípides na mão. Minutos depois um centurião arrombou a porta de sua mansão. Obtendo a informação que desejava, correu à frente para interceptar a liteira no caminho. Cícero ordenou aos criados apavorados que o deixassem em meio às árvores; queria olhar o assassino nos olhos. O grande homem estava despenteado e cansado, “o rosto devastado de ansiedade”.<sup>99</sup> Abriu completamente a cortina, esticou o pescoço para fora para que pudesse ser devidamente cortado. Desconfiou que estava nas mãos de um amador, como de fato estava. Serrada sem habilidade, a cabeça de Cícero foi separada do corpo. Por ordem prévia de Antônio, as mãos que tinham escrito as *Filípicas* também foram arrancadas, para ser enviadas do litoral para exposição no Senado. Conta-se que Fúlvia, inimiga de Cícero de longa data por razões pessoais, primeiro cuspiu na cabeça, depois abriu a boca à força e perfurou sua língua com um grampo de cabelo. No final, dois mil romanos importantes estavam mortos, inclusive um terço do Senado. Os triúmviros se viram sem oposição em Roma, no comando de 43 legiões e sem dinheiro, uma vez que as proscricções acabaram sendo menos proveitosas do que esperavam.

Dez meses depois, os exércitos de Cássio e Bruto encontraram os de Antônio e Otaviano perto de Filipos, numa ampla planície no leste da Macedônia. Seguiram-se duas batalhas, de escala sem precedentes e consequências horrendas. Um lado oferecia levar Roma em direção à autocracia. O outro lutava ainda por uma república. Tudo se complicava pelo fato de que as forças eram bem experimentadas e com treinamento similar; era difícil para qualquer dos lados obter supremacia sobre um inimigo que falava a mesma língua, possuía as mesmas táticas e se submetera a treinamento idêntico. Os dois exércitos de mais de 100 mil homens enfrentaram-

se em feroz combate cara a cara, em meio a sufocantes nuvens de poeira, com espadas desembainhadas e mãos nuas, por cima do choque de escudos, dos gritos de exaustão e de gemidos terríveis e acabou numa horrenda matança de ambos os lados. Só depois de um segundo enfrentamento foi que Otaviano e Antônio, com seus homens à beira da inanição, conseguiram vencer os republicanos. Cássio cometeu suicídio, acabando com a vida com a mesma adaga que havia cravado em César. Bruto atirou-se sobre a própria espada. Os vitoriosos abordaram os corpos de modos diferentes. Antônio retirou o caro manto púrpura e estendeu cuidadosamente sobre o corpo, para que fosse enterrado junto com seu brilhante colega de outros tempos. Logo depois, Otaviano chegou à cena. Mandou que a cabeça de Bruto fosse separada do corpo e exposta em Roma.<sup>100 i</sup>

Filipos ainda era uma batalha de ideias; podia-se dizer que a liberdade e a democracia haviam tombado em seu rastro, que a morte de César fora vingada. Antônio raspou a barba que havia deixado em sinal de luto. Nenhuma questão separava Marco Antônio e Otaviano, que teriam de inventar uma; eram dois homens em busca de um conflito. Do outro lado do Mediterrâneo, Cleópatra, administrando sua própria crise doméstica, teria todo o direito de se perguntar por que os romanos não adotavam o modelo monárquico mais organizado, dado o derramamento de sangue que suas ambições individuais lhes havia custado em anos anteriores. Como observou Dio mais tarde, a democracia soava muito bem, “mas seus resultados não concordavam absolutamente com seu nome. A monarquia, ao contrário, tem um som desagradável, mas é a forma de governo mais prática para se viver. Porque é mais fácil encontrar um único homem excelente do que muitos.”<sup>101</sup>

Mais uma vez, em 42, Antônio e Otaviano dividiram o mundo mediterrâneo entre eles, dessa vez deixando Lépido de lado. Tendo em mãos acordos assinados, eles tomaram rumos diversos. Antônio emergiu para sua glória, sem dúvida o membro principal da parceria. A vitória militar tinha sido dele; levou de Filipos a fama de invencibilidade,<sup>102</sup> que inspiraria terror durante muitos anos. Seguiu para o leste, para restaurar a ordem e obter fundos. Otaviano passou a maior parte do mês doente, conduzido pelo cenário da

batalha em uma liteira. Ele seguiu para oeste, para recuperar sua fortuna. Ia desmobilizar o exército e distribuir terras aos veteranos, pagos apenas no final da campanha. O mundo agora estava nas mãos de dois homens que se relacionavam como homens que tinham interesses diametralmente opostos e disposições radicalmente diferentes, um deles impiedoso, calculista, paciente, o outro sentimental, simples, impulsivo, o que quer dizer que a guerra civil iria arder por todo o restante da vida de Cleópatra. Se assim não fosse, provavelmente nunca teríamos ouvido falar da última rainha do Egito, que assumiu um papel, em parte graças a Cícero, que parecia ter sido escrito especialmente para ela.

## Notas

- a Cícero não se desculpava, ainda mais que em meio à dor estava ardentemente produtivo. Ele desafiava aquelas “almas alegres” que censuravam seu lamento a ler pelo menos metade das páginas que ele, em sua desgraça, havia escrito.
- b São muitos os precedentes para esse tipo de inexatidão (por exemplo, Arriano, 6.28.3). Alexandre, o Grande, realizou um festival para celebrar sua conquista da Índia que sem dúvida surpreendeu seus homens imundos, meio mortos de fome, que tinham mal sobrevivido à missão, sem terem conseguido vitória alguma.
- c Isso acontecia por necessidade nas melhores famílias, Plutarco nos garante, sendo a monarquia “uma coisa tão absolutamente antissocial”. (Plutarco, “Demetrius”, III.3.) As regras para se livrar de parceiros reais eram, dizia ele, tão inflexíveis quanto as da geometria.
- d Florence Nightingale foi uma das pessoas que se deslumbraram com os paralelos entre as histórias de Osíris e de Cristo. No Alto Egito, ela passou toda uma manhã de domingo fascinada num templo de Ísis, ricamente decorado pelo pai de Cleópatra. Poucos lugares lhe pareceram tão sagrados: “Não posso descrever a sensação em Philae”, ela escreveu à família, em 1850. “Os mitos de Osíris são tão típicos do nosso Salvador que me pareceu que eu estava presente num lugar onde Ele vivera — como ir a Jerusalém; e quando vi uma sombra ao luar no salão do templo, pensei, ‘talvez eu o veja: agora que ele está aqui!’” (Calabria, Michael D. [ed.]. Florence Nightingale in Egypt and Greece. Albânia, Suny Press, 1997, p.31.)
- e Ela seria acusada de negar distribuição aos judeus da cidade, o que é improvável. Costumeiramente os judeus eram leais partidários das mulheres

ptolomaicas. Eram guardas do rio, policiais, comandantes do exército e funcionários de alto nível. Tinham lutado por Auletes; contavam entre os apoiadores de Cleópatra no deserto em 48. E haviam lutado por ela na Guerra Alexandrina, ao final da qual César lhes outorgara cidadania.

- f Para complicar mais as coisas, havia tanto assassinos como pretensos assassinos que, como partidários do equivalente na época à Resistência Francesa, se alistaram depois do fato acontecido. Também para complicar, Lépido e Cássio eram cunhados. Além disso, ambos eram parentes de Bruto por matrimônio.
- g Um homem verdadeiramente eloquente é aquele capaz de discutir ambos os lados de uma questão com igual finura. “E assim, se por acaso encontra-se alguém que despreza a visão de coisas belas”, Cícero observou no mesmo discurso, “a quem nem perfume, nem toque, nem sabor seduzem, cujos ouvidos são surdos a todos os sons doces — tal homem, eu, talvez, e uns poucos tomaremos por favorito dos céus, mas a maioria por objeto de sua ira.” (Cícero, “Pro Caelio”, xvii.42.) Na realidade, Cícero vivia em uma das mansões mais grandiosas do bairro mais luxuoso de Roma, pela qual havia pagado uma soma astronômica. E, embora ficasse contente de uma de suas mansões ter “um ar de elevado pensamento que censura a extravagância de outras casas de campo” (Cícero a Quinto, 21.5 [III.1], setembro de 54 a.C.), era forçado a admitir que ampliá-la seria muitíssimo agradável.
- h Uma esposa encontrou uma solução particularmente engenhosa: mandou seu marido para o litoral num saco de estopa ou de couro, do tipo que Cleópatra havia usado para se esconder.
- i A cabeça foi perdida no caminho.

## É PRECISO TROCAR SEMPRE AS VELAS QUANDO SE QUER CHEGAR AO PORTO<sup>1</sup>



*"No entanto, que diferença faz se as mulheres governam ou se os governantes são governados por mulheres? O resultado é o mesmo."*

ARISTÓTELES<sup>2</sup>

Mesmo depois da visita de Délio, mesmo depois das instruções específicas, Cleópatra esquivou-se. Tinha muitas razões para isso. A situação era inflamável, os riscos imensos. Tendo conseguido trafegar habilmente durante anos de lutas internas e punhaladas pelas costas dos perigosos romanos, ela não tinha a menor intenção de dar um passo em falso. Délio não pressionara por nenhuma explicação, mas ela devia explicações mesmo assim. Mantivera-se acima das refregas quando os cesarianos precisaram dela. Não havia dado nenhuma declaração de neutralidade. Intencionalmente ou não, apoiara o assassino de seu amante. Não tinha escolha senão fornecer uma explicação. Como rainha patrocinada, como amiga e aliada de Roma, também não tinha escolha senão cultivar e amolecer Marco Antônio. Mesmo que preferisse manter distância dele — uma vez que fazia uma ideia bem clara do que ele queria —, Antônio controlava o Oriente. O Egito estava em sua jurisdição. Era, além disso, o muito louvado herói de Filipos, onde parecia inexplicavelmente ter estado em toda parte e conseguido tudo ao mesmo tempo.<sup>2</sup> Quando ele e suas legiões atravessaram a Ásia,

Antônio foi saudado por multidões de adoradores em Atenas, como um deus em Éfeso. Aos 42 anos, cabelo encaracolado e queixo quadrado, ele ainda era o protótipo da saúde rústica com os ombros largos e os traços cinzelados. Instalou-se em Tarso, a florescente capital administrativa de Cilícia, perto da costa sudeste da moderna Turquia. Foi a essa planície luxuriante, cercada pelas altas montanhas do sul da Ásia, que ele convocou Cleópatra. Os convites chegaram um depois do outro. Ela deixou que se acumulassem.

Ela protelou pelo efeito que conseguiria ou estava ocupada com elaborados preparativos? Não podia ser acusada de hesitar, embora em diversos momentos tivesse esperado propositadamente que o ar clareasse. É de se presumir que esse fosse um momento assim. Plutarco garante que ela não tinha medo, embora o medo nesse momento fosse justificado; outros haviam sido punidos por não cooperar. Ele atribui a demora dela a estratégia. Cleópatra acreditava nos relatos tranquilizadores de Délio, mas acreditava mais em seus próprios poderes. Eles agora haviam desabrochado. César “a conheceu quando ainda era uma menina e inexperiente em casos amorosos”, assevera Plutarco, “mas ia visitar Antônio no momento em que as mulheres possuem a beleza mais brilhante e estão no pico do poder intelectual”.<sup>4</sup> (Como observou um astuto comentarista, isso “coloca o pico da beleza animadoramente tarde e o pico da força intelectual deprimentemente cedo”.<sup>5</sup> Cleópatra ainda não tinha trinta anos.) Com “grande confiança em si mesma, e nos encantos e feitiço de sua própria pessoa”, ela partiu, não porque já estivesse atrasada, ou não pudesse mais hesitar, mas impulsionada essencialmente pelo desdém. Recebera muitas cartas de Antônio e de seus associados, mas “não deu atenção a essas ordens”. Acabou partindo de navio, conclui Plutarco, “como se para caçar”<sup>6</sup> do romano. Era o fim do verão.

Por mais segura que estivesse, por mais desdenhosa que pudesse parecer, Cleópatra não deixou nada ao acaso em seus preparativos. Era como se soubesse que ela agora estava jogando não apenas para Marco Antônio, mas muito além dele também. Com certeza, tinha ouvido falar das cenas elaboradas com que haviam saudado Antônio em outras partes. Incenso e divertimentos o acompanhavam

pelo continente. Em Éfeso, as mulheres da cidade foram ao encontro dele vestidas de bacantes, os homens de faunos e sátiros. Cantando loas dionisíacas, conduziram-no à cidade, cheia de guirlandas de folhas de parreira, ressoando com as flautas, gaitas, harpas e gritos de aclamação. Os convites choviam; toda a Ásia prestava tributo e disputava seus favores. Através de Délio e outros, Cleópatra devia saber que estava entrando em uma espécie de corrida pela atenção de Antônio. Ela parecia decidida a produzir um efeito tão assombroso que empurrou Plutarco a altitudes shakespearianas, assim como arrancaria de Shakespeare sua poesia mais rica. E ela conseguiu. Nos anais das entradas inesquecíveis — o cavalo de madeira em Troia; Cristo em Jerusalém; Benjamin Franklin na Filadélfia; Henrique IV, Charles Lindbergh, Charles de Gaulle, em Paris; Howard Carter no túmulo do rei Tut; os Beatles no palco de Ed Sullivan —, só a de Cleópatra faz subir da página um colorido iridescente, entre nuvens inesgotáveis e dispendiosas de incenso, um ataque sensacional e simultâneo a todos os sentidos. Ela deve ter feito a viagem de mais de mil quilômetros pelo Mediterrâneo em uma galera, parando para dormir ao longo da costa do Levante, como fizera antes.<sup>7</sup> Na foz do rio Cidno, havia uma lagoa, na qual Cleópatra provavelmente transferiu sua *entourage* para uma barcaça local, reconfigurada e lindamente decorada para a viagem rio acima, de provavelmente pouco mais de quinze quilômetros na época. Uma galera inteiramente equipada viajaria com 170 remadores; para seus propósitos, ela pode ter eliminado até um terço deles. Uma escolta de navios de suprimentos seguia atrás. Ela viajava com um cenário complicado. Muitas vezes, com Cleópatra, existe uma ligeira convergência entre a vida e a lenda. Tarso é um dos raros pontos em que as duas coincidem inteiramente.

A presença da rainha do Egito era sempre um acontecimento; Cleópatra cuidou para que essa vez fosse especial. Num mundo semiletrado, a imagética era importante. Ela deslizou rio acima na água brilhante e cristalina, cruzando a planície, numa explosão ofuscante de cores, sons e aromas. Não precisava de artes mágicas nem de feitiçaria com sua barcaça de popa dourada e velas púrpuras enfunadas; não era desse jeito que os romanos viajavam. Ao entrar

e sair da água, os remos de prata brilhavam ao sol. Sua batida líquida marcava o ritmo para a orquestra de flautas, gaitas e liras reunida no convés. Se Cleópatra ainda não havia consolidado seu gênio para a direção de cena, ela o fez nesse momento: “Ela própria reclinada debaixo de um pálio pintalgado de ouro, vestida como a Vênus de uma pintura, enquanto lindos meninos, como Cupidos pintados, a rodeavam e abanavam. Suas criadas mais lindas estavam igualmente vestidas como ninfas e graças, algumas ao leme, outras trabalhando nas cordas. Aromas deslumbrantes emanavam de incensórios incontáveis e espalhavam-se pelas margens do rio.” Ela superou até mesmo a inspiração homérica.

A notícia correu depressa, mais depressa do que a fragrante e luxuosa visão, e a ideia era exatamente essa. Desde o começo da viagem, uma multidão formara-se ao longo das margens do rio turquesa para acompanhar o trajeto de Cleópatra. Quando ela deslizou em Tarso propriamente dita, a população da cidade saiu para esperar a visão notável. No fim, Tarso ficou inteiramente vazia, de forma que Antônio, que estava fazendo negócios no calor sufocante do mercado, se viu sentado absolutamente sozinho em sua tribuna. A ele, Cleópatra mandou dizer, num lance tão maravilhoso de habilidade diplomática como de encenação cósmica, que Vênus tinha chegado “para celebrar com Baco pelo bem da Ásia”.<sup>8</sup>

Era uma abordagem bem diferente daquela da moça no saco de estopa, embora tenha obtido resultados comparáveis. Não há melhor prova de que Cleópatra possuía o dom das línguas e deslizava com facilidade por elas. Como observa Plutarco, ela era especialmente fluente em lisonja. Manipulava seus dialetos com perícia: “Demonstrando ter as mesmas buscas, os mesmos gostos, os mesmos interesses e maneiras de viver, o lisonjeador aproxima-se gradualmente de sua vítima, e toca nele de forma a assumir seu colorido, até ele lhe dar alguma base e se tornar dócil e acostumado ao seu toque.”<sup>9</sup> Cleópatra não poderia ter calibrado melhor sua abordagem mesmo se conhecesse intimamente sua plateia. É possível que ela e Antônio tivessem se encontrado anos antes, quando ele fora a Alexandria na missão que devolveu o poder ao pai

dela. (Ela teria treze anos na época.) Durante a estada de César no Egito, Marco Antônio tinha mandado um agente a Alexandria, para tratar de negócios pessoais. Ele estava comprando uma fazenda de César, transação que podia ser também do conhecimento de Cleópatra. Muito provavelmente ela e Antônio se cruzaram em Roma, onde tinham muitos interesses em comum. A reputação dele, de qualquer forma, era conhecida por ela. Ela sabia de sua juventude desregrada e sua vida adulta periodicamente confusa. Sabia que ele era chegado ao teatro, senão ao melodrama. Sabia que era politicamente astuto só um dia sim, um dia não, em iguais medidas engenhoso e tolo, audacioso e indiferente. Com certeza o espetáculo de sua chegada confirma que ela conhecia os gostos dele. Ela estava entre as poucas no mundo que podia se permitir tal coisa. Apesar de todos os acontecimentos dos anos anteriores, ela continuava sendo a pessoa mais rica do Mediterrâneo.

Antônio respondeu à saudação de Cleópatra com um convite para jantar. O que aconteceu em seguida é revelador de ambos e do tipo de comportamento que Cícero deplorava nos dois. Antônio foi um pouco afável demais, Cleópatra decididamente arrogante. Era sinal de status dar o primeiro jantar; ela insistiu que ele viesse a ela, com os amigos que quisesse. Era a prerrogativa de seu posto. Desde o começo, ela parece ter estado decidida a deixar sua posição clara. Ela não respondia a convites: os enviava. "Imediatamente, então, querendo demonstrar sua complacência e sentimentos amigáveis, Antônio obedeceu e foi",<sup>10</sup> Plutarco consegue nos dizer, antes de se ver ele próprio tão deslumbrado com a cena diante de si a ponto de ficar, mesmo em grego, sem palavras. Os preparativos de Cleópatra ficam além de qualquer descrição. Antônio ficou especialmente animado com as complexas constelações de luzes que ela mandou pendurar nos galhos das árvores. Elas emitiam uma rede cintilante de retângulos e círculos na abafada noite de verão, criando "um espetáculo raramente igualado em sua beleza".<sup>11</sup> Era um cenário tão assombroso que Shakespeare se submete a Plutarco que havia já escolhido todos os adjetivos para ele. Sem dúvida há algo curioso no ar quando o maior poeta elisabetano copia um biógrafo empertigado.

Nessa noite ou numa noite subsequente, Cleópatra preparou doze salas de banquete. Estendeu 36 divãs com ricas coberturas. Atrás deles pendiam tapeçarias de púrpura, bordadas com fios brilhantes. Ela cuidou para que a mesa fosse servida com recipientes de ouro, ricamente ornados com pedras preciosas. Dadas as circunstâncias, parece provável que ela também honrasse a ocasião envolvendo-se em joias. Tirando as pérolas, o gosto egípcio tendia para pedras semipreciosas — ágata, lápis-lazúli, ametista, cornalina, granada, malaquita, topázio — incrustadas em pingentes de ouro, braceletes sinuosos de desenhos complexos, brincos compridos.<sup>12</sup> Ao chegar, Antônio ficou deslumbrado com tamanha exibição. Cleópatra sorriu modestamente. Tinha organizado tudo com pressa. Da próxima vez seria melhor. Ela então admitiu “que todos aqueles objetos eram um presente para ele e convidou-o para vir jantar com ela de novo no dia seguinte, com todos os seus amigos e comandantes”.<sup>13</sup> Ao fim da refeição, ela se despediu dos convidados com tudo o que haviam admirado: os tecidos, os objetos de mesa cravejados de joias e até os divãs.

Com muita calma, foi aumentando os recursos, a ponto de fazer o primeiro banquete parecer espartano. Antônio voltou pela quarta noite pisando um tapete de rosas que alcançava os joelhos. Só a conta do florista foi um talento, ou o equivalente ao que seis médicos ganhavam num ano. No sufocante calor da Cilícia, o perfume devia ser embriagador. Ao fim da noite, só restaram as rosas pisadas. Uma vez mais Cleópatra dividiu tudo com seus convidados; ao final da semana, os homens de Antônio levavam para casa divãs, bufês e tapeçarias, além de um presente especialmente valorizado na noite marcante de verão: “liteiras e carregadores para os homens de alta patente e cavalos com arreios de prata para a maioria deles”.<sup>14</sup> Para facilitar a volta, Cleópatra despedia cada homem com um portador de tocha etíope. Assim como o esplendor de seu acampamento “desafiava qualquer descrição”,<sup>15</sup> os antigos não economizavam elogios em seus relatos, poucos dos quais devem ter feito realmente justiça às maravilhas que lá havia. Nisso Cleópatra não estava absolutamente sozinha. “Reis iam muitas vezes às portas [de Antônio], e esposas de reis,

competindo umas com as outras nos presentes e na beleza, entregavam a honra ao prazer dele.”<sup>16</sup> Cleópatra só o fez com mais luxo e criatividade. Para essa viagem, Cesário, aos seis anos de idade, ficou em casa.

Plutarco prestou tributo ao “encanto irresistível” e à “persuasão de seu discurso”,<sup>17</sup> mas só Apiano tentou recriar a conversa das primeiras reuniões em Tarso. Como Cleópatra justificou seu comportamento? Ela nada fez para vingar a morte de César. Tinha ajudado Dolabela, um assassino presumível e por causa de quem Antônio se divorciara de uma esposa. Sua ausência de cooperação havia sido surpreendente. Ela não emitiu nenhuma nota de humildade e nem apresentou desculpas, oferecendo apenas uma audaciosa narrativa do fato. Orgulhosa, enumerou tudo o que tinha feito por Antônio e Otaviano.<sup>18</sup> De fato, ajudara Dolabela. E o teria feito com mais generosidade se o tempo tivesse permitido; tentara entregar pessoalmente uma frota e suprimentos. Apesar das insistentes ameaças, ela resistira às exigências de Cássio. Não tremera diante da emboscada que sabia estar à sua espera, mas enfrentara a tempestade que desbaratara sua frota. Só a má saúde a impedira de partir de novo. Quando se recuperou, Marco Antônio era o herói de Filipos. Ela era imperturbável, brilhante e — como Antônio devia ter concluído a respeito da mascarada como Vênus —, inteiramente inocente.

Em algum momento, os dois tocaram na questão do dinheiro, o que, em grande parte, explicava o exibicionismo suntuoso de Cleópatra. Era uma maneira de provar sua utilidade a um homem em busca de fundos. Os cofres romanos continuavam vazios. Os triúnviros tinham prometido quinhentas dracmas a cada soldado, ou um doze avos de talento; tinham bem mais de trinta legiões a seu serviço. Era mais ou menos obrigatório ao sucessor de César, senão ao vencedor de Filipos, planejar uma campanha em Pártia e Antônio o fez também. Os partos haviam tomado o partido dos assassinos. Estavam sedentos de terras e inquietos. Antônio tinha de vingar a humilhante derrota romana de 53; o último general romano que se aventurara além do rio Tigre, não voltara. Sua cabeça cortada aparecera como objeto de cena em uma produção parta de

Eurípides; suas onze legiões haviam sido massacradas. Uma brilhante vitória militar garantiria definitivamente a Antônio a supremacia em casa. E sempre que um romano sonhava com o império parta, seus pensamentos voltavam-se, inevitável e necessariamente, para Cleópatra, a única monarca que poderia custear uma operação tão maciça.

Marco Antônio acabou retribuindo e convidou Cleópatra para uma festa dele. Não é de surpreender que ele “ambicionava suplantá-la em esplendor e elegância”. Também não surpreende que tenha sido derrotado em ambos os quesitos. Mais tarde se diria que Cleópatra turvou o raciocínio de Antônio e em um primeiro aspecto isso pode ter sido verdade; a maioria dos romanos saberia que não adiantava tentar bater um Ptolomeu no jogo do luxo. Uma vez mais, Cleópatra mostrou-se maravilhosamente flexível, mais disposta que Antônio a jogar pelas regras de outrem. Quando Antônio caçoou de si mesmo por seu resultado inferior, ao depreciar a “pobreza e rusticidade”<sup>19</sup> de sua festa, Cleópatra juntou-se a ele. Foi inteiramente irreverente na opinião dele, uma companheira sob medida para um homem que fazia de tudo por uma boa piada e que ria de si mesmo com o mesmo prazer com que ria dos outros. Cleópatra acompanhou o humor de Antônio com vigor rasteiro: “Percebendo que o humor dele era franco e grosseiro, com mais sabor de soldado que de cortesão, ela adotou a mesma linha e se adaptou imediatamente, sem nenhum tipo de relutância ou reserva.”<sup>20</sup> Depois de marcar sua posição de soberana, depois de ostentar sua riqueza, ela assumiu o papel de companheira de farra. É pouco provável que qualquer pessoa de sua *entourage* tivesse visto aquela Cleópatra antes.



A capacidade de se adaptar, instantaneamente e de acordo com a situação, de deslizar sem esforço de uma língua para outra, seu charme irresistível já eram bem conhecidos. Cleópatra teve sorte também nas circunstâncias. Tivessem ou não mais que um conhecimento passageiro, Cleópatra e Marco Antônio possuíam uma porção de coisas em comum. Ninguém tinha mais razão que eles

para estarem insatisfeitos com o testamento de César ou para se ressentirem do surgimento de seu herdeiro adotado. Ambos se agarravam com força a um farrapo do manto cesariano. Antônio havia jurado pela divindade de César no Senado e começara a cobiçar esse título ele mesmo. Cleópatra não era a única a se envolver num espetáculo de fantasia cósmica. Ao contrário da maioria dos romanos, Antônio tinha experiência de vida inteira com mulheres capazes e articuladas. Sua própria mãe o desafiara a matá-la quando os dois se viram em lados opostos numa questão política. Antônio não tinha qualquer problema para se relacionar com uma mulher numa conferência de cúpula política ou financeira, como era evidentemente o encontro em Tarso, apesar dos esforços de Cleópatra para transformar a reunião num espetáculo *cult*. Fúlvia era rica e bem-relacionada, tão astuta e corajosa como bonita. Por ela Antônio dispensara sua amante de longa data, a atriz mais famosa de Roma. Fúlvia também não era de ficar em casa, fiando lã. Ao contrário, “ela queria governar um governante e comandar um comandante”.<sup>21</sup> Durante o inverno, ela não só defendeu os interesses de Antônio em Roma, como se envolveu ferozmente nos negócios públicos “de tal forma que nem o Senado, nem o povo realizavam qualquer transação que não fosse do gosto dela”.<sup>22</sup> Ela fora de casa de senador em casa de senador, batendo nas portas por seu marido. Tinha quitado suas dívidas. Viria a levantar oito legiões para ele. Na ausência dele, no ano anterior, ela assumira seu lugar política e militarmente, em uma ocasião envergando evidentemente uma armadura.

As pretensões divinas de Cleópatra também não faziam Antônio bater os dentes. A caminho de Tarso, ele havia sido saudado — como Cleópatra bem sabia — como o novo Dionísio. Esse deus também tinha feito uma viagem triunfal pela Ásia. Nesse ponto, Antônio não só atendia à deixa de Cleópatra, mas recapitulava um papel ptolomaico: a família dela alegava descender do deus do vinho que induzia ao êxtase. Eram devotos de seu culto místico. O pai de Cleópatra acrescentou “Novo Dionísio” a seu título. O irmão dela o fizera por um breve momento também. O teatro de Dionísio era vizinho ao palácio em Alexandria; César instalara nele o seu posto de

comando em 48. Marco Antônio pode, mesmo assim, ter pensado muito nessa identificação. Embora seu culto fosse muito popular, embora ele fosse o deus grego mais notável da época, Dionísio era um recém-chegado ao panteão olímpico, onde permanecera isolado. Ele era simpático, travesso, dinâmico, mas — com o luxuriante cabelo encaracolado e perfumado — trazia languidamente uma reputação de efeminado. Era nitidamente estrangeiro. E o mais doce dos deuses. Um dos ancestrais de Cleópatra invocara sua linhagem dionisíaca para se ausentar de uma batalha. O pior de tudo é que Dionísio roubava a clareza dos homens e dava poder às mulheres. Se depois de Filipos o Oriente tivesse seguido Otaviano e não Antônio, Cleópatra sem dúvida teria se adaptado, mas estaria em grave desvantagem. Ela falava muitas línguas, algumas melhor que outras.

Cleópatra não podia desejar melhor cenário. Tarso era cercada de todos os lados por montanhas íngremes, cobertas de florestas e de flores silvestres luxuriantes. Centro administrativo, além de local de estudo, era, como diria Paulo de Tarso, o apóstolo, uma geração mais tarde, “cidade não pouco importante”.<sup>23</sup> Tarso era famosa por suas escolas de filosofia e oratória. Contava com belas fontes e banhos, com uma esplêndida biblioteca. Atravessando a cidade corria um rio frio e rápido, azul esverdeado, cristalino, enquanto o Nilo era turvo. Ao chegar a Tarso, três séculos antes, Alexandre, o Grande, jogara ao chão as armas e se atirara, coberto de poeira e suor, em sua água gelada. (Foi levado, semiconsciente, de volta para sua tenda. A recuperação levou três dias.) Cercada por ricas terras aráveis, famosa por seus vinhedos, Tarso adorava os deuses da fertilidade. Era o tipo de lugar onde duas divindades, uma estabelecida, outra aspirante, se sentiriam à vontade para dar início a algo vantajoso. Tarso tinha uma inclinação para o espetáculo e conseguia facilitar sua produção; era uma cidade capaz de atender prontamente um pedido de flores no valor de um talento, o que quer dizer que seus habitantes eram romanos recentes, mas que sua cultura continuava abertamente grega. Diante do mesmo enigma que Cleópatra enfrentara, os tarsos haviam celebrado Cássio e Dolabela quando chegaram, mas em troca foram apenas

brutalmente maltratados por um e por outro. Cássio devastara a cidade, exigindo vastas somas, forçando os tarsos a derreter tesouros do templo e a vender mulheres, crianças e até velhos como escravos. Deixando de lado os espetáculos cósmicos e os orçamentos de flores, seu povo acolheu com entusiasmo os inimigos de Cássio. Antônio libertou a cidade de sua desgraça.<sup>24</sup>

Cleópatra passou em Tarso apenas algumas semanas, mas não precisava ficar mais do que isso. Seu efeito sobre Antônio foi imediato e eletrizante.<sup>a</sup> Primeiro a chegar à cena, Plutarco comenta o sucesso de Cleópatra em Cilícia e concede-lhe uma promoção. Em 48, diante de César, ela era apenas uma “coquete ousada”,<sup>25</sup> mas em 41 ela faz parte da escola de sedução estilo “não faço prisioneiros”. Sua conversa é fascinante; a presença, cintilante; a voz, deliciosa. Ela trabalha depressa com Antônio. Apiano, de sangue mais frio, admite também uma rendição instantânea. “No momento em que a viu, Antônio perdeu a cabeça como um rapazinho, embora já tivesse quarenta (sic) anos”,<sup>26</sup> deslumbra-se ele. É compreensível que o drama passe à frente da história; é difícil pisar com sobriedade naquele farfalhante mar de rosas, separar a verdade — principalmente a verdade política — da luxuriante sobrecarga de adjetivos. Sabemos mais sobre a conquista de Antônio do que sobre a conquista de César, pela simples razão de que os comentaristas estavam mais dispostos a falar sobre uma e relutavam em discursar sobre a outra. Como Antônio deve parecer um homem menor, Cleópatra se torna uma mulher mais poderosa. Em 41, ela se apresentou não só para um público diferente, mas para um coro diferente.

A confluência de interesses conduziu ao romance? Sem dúvida conduziu a uma relação fácil. Como observou Plutarco sobre outra ligação que fez história, era sem dúvida um caso amoroso, “e no entanto harmonizava muito bem com o que estava em questão”.<sup>27</sup> De todos os romanos de todas as cidades em todo o império, Cleópatra tinha razões particulares para cultivar aquele. Antônio tinha iguais razões para fazer o mesmo. Se era conveniente para Cleópatra se apaixonar, ou se alinhar, com o homem ao qual em princípio devia prestar contas, para Antônio também era interessante

ceder à mulher que poderia com um único gesto anular suas ambições militares. A obsessão dele com os partos era um imenso golpe de sorte para ela.

Sabemos que, meses depois, Antônio ansiava por Cleópatra, embora ela fique com todo o crédito pelo romance. Como afirmou um de seus inimigos mais ferozes, ela não se apaixonou por Antônio, mas “fez com que ele se apaixonasse por ela”.<sup>28</sup> No mundo antigo também as mulheres conspiravam enquanto os homens montavam estratégias; havia um grande abismo, elementar e eterno, entre o aventureiro e a aventureira. Havia um abismo também entre virilidade e promiscuidade: César deixou Cleópatra em Alexandria para ir para a cama com a mulher do rei da Mauritânia. Antônio chegou a Tarso logo depois de um caso com a rainha da Capadócia. Consorte de dois homens de voraz apetite sexual e inúmeras conquistas sexuais, Cleópatra ficará na história como a ardilosa, a enganosa, a sedutora. Mencionar suas habilidades sexuais era, evidentemente, menos embaraçoso do que admitir seus dotes intelectuais. Da mesma forma, é mais fácil atribuir a ela poderes para a magia do que para o amor. Não temos provas de nenhum dos dois, mas o primeiro pode ao menos ser explicado; com a magia se penhora mais do que se perde o jogo. Cleópatra mantém Antônio na palma da mão, disposto a obedecer a todos os seus desejos, “não só pela intimidade com ela”, como diz Josefo, “mas também por estar sob o efeito de drogas”.<sup>29</sup> Afirmar uma coisa dessas é admitir o poder dela, mas também insultar sua inteligência.

Se alguém perdeu ou não a cabeça pelo outro, é difícil de acreditar que o sexo não tenha entrado em cena logo no começo. Antônio e Cleópatra estavam no auge das forças, festejando em meio a perfumes embriagadores e a doce música, sob caleidoscópios de luz, em noites vaporosas de verão, diante de mesas carregadas com a melhor comida e o melhor vinho da Ásia. E embora seja improvável que ele tenha se tornado um escravo de seu amor por Cleópatra, como afirmam vários cronistas,<sup>30</sup> a verdade é que onde quer que Marco Antônio fosse, o encanto sexual inevitavelmente o acompanhava. Com a túnica bem levantada acima do quadril ondulante, ele já havia rolado pelas camas da Ásia pelo menos uma

vez antes; vinha de uma ligação recente com outra rainha associada. Plutarco atribui a ele “uma má fama pela intimidade com as esposas dos outros”.<sup>31</sup> Ele próprio depois datou o relacionamento com Cleópatra ao tórrido verão em Tarso.

Os efeitos imediatos do encontro foram práticos: Cleópatra ficou poucas semanas e conseguiu muita coisa. Quando pegou o navio de volta para casa, Antônio tinha nas mãos sua lista de exigências. Dado o que ele deve ter conseguido em troca, não eram nada excessivas. Elas revelam que Cleópatra não se sentia tão segura quanto fazia crer. Tinha plena consciência de que uma outra rainha do Egito esperava para entrar em cena. Antônio não perdeu tempo em simplificar sua vida. Mandou que Arsínoe fosse removida do templo de Ártemis à força.<sup>32</sup> A irmã de Cleópatra encontrou seu fim naqueles degraus de mármore, diante das portas de marfim entalhado que o pai delas havia doado à fachada, anos antes. Era a última de quatro irmãos; não haveria mais intrigas por esse lado. “Cleópatra havia então assassinado toda a sua família”, vocifera um cronista romano, “até não restar vivo nenhum consanguíneo.”<sup>33</sup> Era verdade, embora fosse verdade também que Arsínoe não lhe deixara muita escolha. César a poupou depois da humilhação pública em Roma. Arsínoe conspirava contra Cleópatra desde então.<sup>34</sup> (Ísis também é misericordiosa, mas justa, e entrega os maus às pessoas contra quem conspiravam.) E Cleópatra era capaz de clemência. Antônio mandara prender o alto sacerdote do templo que havia proclamado Arsínoe rainha. Os efesianos ficaram possessos e foram procurar Cleópatra para pedir o perdão do sacerdote. Ela passou por cima de Antônio e o libertou. O sacerdote não viria a reconhecer mais nenhum Ptolomeu exilado. Ele não representava mais perigo. Antônio não foi tão generoso com o fingidor que vinha viajando pela Ásia fazendo-se passar por Ptolomeu XIII, como alguns sugeriram que ele poderia ter sido. (Não restara ninguém ao fim da Guerra Alexandrina, afinal.) Ele foi executado. O pérfido comandante naval do Chipre que apoiara Cássio contra as ordens de Cleópatra — e que podia ter uma aliança com Arsínoe — fugira para a Síria, onde buscou refúgio num templo. Foi arrastado para fora e morto.

Era o tipo de comportamento que podia sugerir que um homem estava fascinado. “Então, imediatamente”, conclui Apiano, “a atenção que Antônio até então dedicara a todos os assuntos ficou completamente enevoada, e tudo o que Cleópatra ordenava era feito, sem consideração com o que era certo aos olhos dos homens ou dos deuses.”<sup>35</sup> Era também o tipo de comportamento que sugere que Cleópatra havia feito algum tipo de promessa material entre festins. Antônio tampouco se afastava inteiramente dos costumes. Ao deixar Cleópatra em 47, César também havia se dedicado a tratar de questões provincianas, “distribuindo recompensas tanto individuais como comunais àqueles que as mereciam, ouvindo e resolvendo velhas disputas”.<sup>36</sup> Antônio tomou sob sua proteção os reis que dele se aproximaram, fazendo deles amigos fiéis. Estabeleceu correntes de comando e elevou os impostos. A diferença está no que veio a seguir. No fim do outono, Antônio enviou seu exército a vários quadrantes para o inverno. E embora os negócios provinciais estivessem em confusão, embora os partos pairassem sobre o Eufrates, visando agressivamente à Síria, Antônio foi para o sul, para se juntar a Cleópatra no Egito.<sup>37</sup>



A mulher de 28 anos que o saudou em Alexandria podia ou não estar no auge da beleza — momento que toda mulher sabe sempre ter ficado muitos anos para trás —, mas era uma Cleópatra claramente mais segura que aquela que saudara Júlio César sete anos antes. Ela havia viajado ao exterior e tido um filho. Governava incontestável, e incontestavelmente sobrevivera a severas tempestades políticas e econômicas. Era uma deusa viva com um consorte impecável, consorte que a livrara da obrigação de se casar de novo. Tinha o apoio de seu povo e, presume-se, sua entusiástica admiração também; envolvera-se mais intimamente com a vida religiosa egípcia do que qualquer predecessor ptolomaico. Não é por acaso que ouvimos sua voz pela primeira vez agora, em Alexandria, recepcionando seu protetor e parceiro. Ela é segura, autoritária, atrevida.

À luz do que veio depois, a visita egípcia de Marco Antônio deve ter sido ideia de Cleópatra e obra de Cleópatra. Engenhosa, sedutora ou magicamente, ela o fez partir. “Ele teve de suportar que ela o fizesse ir depressa para Alexandria”,<sup>38</sup> como diz Plutarco. Claro que é igualmente possível que Antônio tenha se convidado. Ele estava, afinal, fazendo o que tinha de fazer: remodelando o Oriente e levantando dinheiro. Não podia avançar em seu plano quanto aos partos sem as verbas egípcias. E deve ter sentido que era a sua melhor chance de garantir os dinheiros que uma rainha esperta prometera, mas ainda não entregara. A Ásia mostrara-se mais pobre do que todos imaginavam. O Egito era rico. Havia razão legítima para inspecionar um reino associado, principalmente aquele que se mostraria a base ideal para uma campanha oriental; Antônio precisaria de uma frota poderosa, algo que Cleópatra podia fornecer. A alternativa seria ficar para sempre desemaranhando questões provincianas, coisa que não era atraente nem para a força, nem para os interesses de Antônio. Os detalhes administrativos haviam entediado até Cícero. As delegações chegavam umas depois das outras; nessas circunstâncias, Antônio só podia estar ansioso para viajar a um dos poucos países mediterrâneos “não governados por ele”. Marco Antônio havia sido um estudante dotado. Era ainda, sob muitos aspectos, um estudante. Era também um estrategista dotado, articulado. Se Cleópatra não fosse atrás dele, ele teria todas as razões para ir atrás dela, ou, pelo menos, para proceder de forma agradável e diplomática, permitindo que ela sentisse que tinha a palavra final, como ele havia feito elegantemente em Tarso. Antônio já estivera em Alexandria, cidade que o visitante não esquecia com facilidade, cidade que parecia ter engolido toda a cultura grega num só bocado. Ninguém em seu juízo perfeito escolheria passar o inverno em outro lugar senão à sua luz acetinada, apesar dos dilúvios de janeiro, principalmente no século I a.C., ainda mais como hóspede de uma Ptolomeu.

Fosse por deferência a Cleópatra, fosse para evitar o erro de César, Marco Antônio foi para o Egito sem uma escolta militar, sem insígnia de posto, “adotando a roupa e o modo de vida de uma pessoa comum”.<sup>39</sup> Vivia muito pouco como uma pessoa comum.

Cleópatra empenhou-se em preparar uma recepção magnífica. Cuidou que ele praticasse “os esportes e as diversões do lazer de um jovem”<sup>40</sup> e que a vida alexandrina ficasse à altura de sua reputação. Há cidades nas quais se gasta uma fortuna e cidades em que se ganha uma; só numa rara grande cidade pode-se obter ambas as coisas. A Alexandria de Cleópatra era assim, um paraíso para os estudiosos, com um ritmo acelerado para os negócios e uma cultura langorosa, onde o pendor grego para o comércio encontrava a mania egípcia da hospitalidade, uma cidade de amanheceres frescos cor de framboesa e fins de tarde perolados, com o farfalhar da heterodoxia e o aroma das oportunidades intensos no ar. Até olhar as pessoas era melhor ali.

Para Antônio e Cleópatra, divertimentos eufóricos sucediam banquetes pródigos, observando uma espécie de pacto que os dois fizeram, e que batizaram de Inimitáveis Viventes. “Os membros”, explica Plutarco, “se alternavam em festas diárias, com uma extravagância de gastos além das medidas ou do que se possa acreditar.”<sup>41</sup> De uma amizade estranha, de debaixo da escada, vem uma visão íntima da cozinha de Cleópatra nesse inverno. O cozinheiro real promete introduzir em segredo seu amigo Filotas no palácio para assistir aos preparativos de um dos jantares dela; ele ficará perplexo com os acontecimentos. A cozinha está, como era de se esperar, eletrificada com os gritos e xingamentos de cozinheiros, garçons, *sommeliers* agitados, em meio aos quais há montanhas de provisões. Oito javalis silvestres giram nos espetos. Um pequeno exército de criados se movimenta sem parar.<sup>42</sup> Filotas, um jovem estudante de medicina, se deslumbra com o tamanho da multidão esperada para jantar. Seu amigo só ri de sua ingenuidade. É o contrário, explica. A operação é ao mesmo tempo precisa e inteiramente imprecisa: “Os convidados não são tantos, apenas uns doze; mas tudo que é servido deve ser perfeito e se alguma coisa for negligenciada por um minuto, se estraga. E, dizia ele, talvez Antônio jante agora, talvez não nessa hora, talvez ele peça vinho, ou comece a conversar e desmarque tudo. De forma que não é um”, prosseguia ele, “mas muitos jantares que precisam estar prontos, uma vez que é impossível adivinhar o horário dele.”<sup>43</sup> Superada a

surpresa e completada sua formação, o Filotas de olhos arregalados veio a ser um médico importante, que contou essa história fabulosa a um amigo, que a legou a seu neto, que veio a ser Plutarco.

Sob todos os aspectos, Marco Antônio era um hóspede exaustivo e caro. Quando jovem, havia partido em campanhas militares com um séquito de músicos, concubinas e atores. Tinha, ao menos segundo Cícero, transformado a antiga casa de Pompeu em um palácio do prazer, cheio de acrobatas, dançarinos, bufões e bêbados. Seu gosto continuava coerente. Cleópatra estava com as mãos ocupadas. “Não é fácil criar harmonia onde existe uma oposição de interesse material e quase de natureza”,<sup>44</sup> Cícero observara anos antes, e as diferenças entre Cleópatra e Antônio eram marcantes. Ela trabalhava horas extras para atendê-lo, embora devesse haver uma multidão de solicitações ao seu tempo; ela já possuía um trabalho de tempo integral. Antônio visitou os templos dourados de Alexandria, frequentou estádios, assistiu a discussões acadêmicas, mas demonstrou pouco interesse pela natureza egípcia, pelos fundamentos arquitetônicos, culturais e científicos de uma civilização superior. Não tinha como evitar uma visita ao túmulo de Alexandre, que era uma mania romana. Fez uma viagem ao deserto, para caçar. Cleópatra pode ter ido com ele; é provável que soubesse cavalgar e que possuísse ou patrocinasse cavalos de corrida.<sup>45</sup> Não existem outras indicações de que Antônio tenha deixado o Baixo Egito ou viajado aos monumentos. Ele não era como Júlio César. Ao contrário, em meio às colunatas ressonantes e um conjunto de esfinges brilhantes, ao longo de ruas que tinham os nomes dos ilustres ancestrais de sua amante, entre as casas geminadas de calcário, ele fazia brincadeiras juvenis quanto à grande arte. Cleópatra estava sempre disponível e acessível, contribuindo “com alguma nova delícia ou encantamento às horas sérias ou alegres” de Antônio. Seus dias podiam ser cheios, mas as noites eram mais ocupadas, embora seu hóspede não precisasse de muitas instruções. Era bem experiente em perambulações noturnas, piqueniques pródigos, reuniões dissimuladas. Já sabia bem como desmanchar um casamento. Em nenhum momento, Cleópatra o deixava longe de seus olhos. Isso também era uma espécie de política; seu reino bem

valia uma brincadeira. “Ela jogava dados com ele, bebia com ele, caçava com ele e assistia enquanto ele se exercitava nas armas”, Plutarco nos conta. “E quando à noite ele se punha às portas ou janelas da gente comum e zombava dos que estavam lá dentro, ela o acompanhava em sua ronda de loucuras, usando uma roupa de criada.”<sup>46</sup> Antônio se disfarçava de criado para essas excursões, geralmente incorrendo em uma ronda de ofensas — com frequência em brigas —, antes de voltar ao palácio, muito satisfeito consigo mesmo.

Suas travessuras caíam bem em Alexandria, uma cidade que combinava em tudo com os pendores de Antônio e que diante dele baixava suas defesas. Era leve e adorava o luxo; Antônio era todo músculos e alegria. A coisa de que mais gostava era fazer uma mulher rir. Desde a juventude, quando havia estudado exercícios militares e oratória no exterior, era um admirador de tudo que era grego. Falava no estilo asiático, floreado, menos bombástico do que poético. Um romano posterior censurou os alexandrinos por suas palhaçadas. Um dedilhar de harpa e eles se punham em movimento: “Sempre frívolos e displicentes, nunca indispostos a brincadeiras, divertimento e risadas.”<sup>47</sup> Isso não era problema para Antônio, à vontade tanto em divertimentos baratos com músicos errantes, como nas ruas ou nas pistas de corridas.

Ele tinha também um passado admirável a seu favor. Ainda um jovem oficial, pedira clemência na fronteira egípcia, quando o pai de Cleópatra, ao voltar, condenara suas tropas desleais à morte. Antônio interviu, para garantir o perdão. Ele providenciara um enterro nobre para o marido de Berenice, também contra a vontade de Auletes. A boa vontade não foi esquecida. Os alexandrinos receberam Antônio alegremente e brincavam com seus disfarces que dificilmente os enganava. Assim como a rainha, eles se juntavam ao seu “humor rústico” e iam ao encontro de seus termos alegres. Eles se diziam muito agradecidos por ele usar “a máscara da tragédia com os romanos e a máscara da comédia com eles”.<sup>48</sup> Antônio efetivamente domou um povo que apenas sete anos antes havia recebido César com dardos e atiradeiras, tanto em tributo à firmeza do poder de Cleópatra como ao charme de Antônio. Com certeza,

era mais fácil gostar de um romano que, ao contrário dos ocidentais antes e depois, não posava de superior. Antônio quase sempre aparecia com uma roupa de corte quadrado, grega em vez da toga romana. Calçava os chinelos de couro branco que podiam ser vistos nos pés de todos os sacerdotes egípcios. Deixava uma impressão muito diferente de seu oficial comandante de manto vermelho, cuja influência ainda pairava pesada no ar. Isso enfatizava o fascínio de Cleópatra. Se César sentia que ao lado de Cleópatra estava na intimidade de Alexandre, o Grande — e nenhum romano jamais marchava para o Oriente sem a imagem de Alexandre diante de si —, Antônio sentia que estava em comunhão com César também.

Apiano põe Antônio exclusivamente na companhia de Cleópatra, “a quem sua estada em Alexandria foi inteiramente dedicada”.<sup>49</sup> Ele vê nela uma má influência. Antônio “era sempre amansado por Cleópatra, submisso a seus encantos e convencido a deixar saírem de suas mãos grandes realizações e as necessárias campanhas, para ficar perambulando e brincando com ela nas praias”.<sup>50</sup> É mais provável que o contrário fosse verdade. E Cleópatra focalizava exclusiva e intensamente seu hóspede, sem sacrificar seu espírito competitivo, seu senso de humor ou seus projetos. Eis os dois numa tarde alexandrina, relaxando num barco de pesca no rio ou no lago Mareótis, cercados por criados. Marco Antônio está frustrado. Ele comanda exércitos inteiros, mas nessa ocasião não consegue pegar um único peixe nas águas egípcias famosas por sua fertilidade e fartura. Fica ainda mais mortificado com Cleópatra parada a seu lado. Com romance ou sem romance, mostrar-se tão incompetente na presença dela é uma tortura. Antônio faz o que qualquer pescador de respeito faria: ordena secretamente a seus criados que mergulhem na água e prendam uma série de peixes já pescados ao seu anzol. Um após outro ele puxa esses peixes, um pouco triunfante demais, um pouco regularmente demais; é um homem impulsivo querendo provar alguma coisa, nunca particularmente bom com limites. Cleópatra sempre percebe um truque e não perde esse. Ela finge admiração. Seu amante é o homem mais hábil de todos! Mais tarde, ela elogia as virtudes dele aos amigos e os convida a assistirem suas proezas pessoalmente.

Um grande grupo ocorre no dia seguinte. Já de início, Cleópatra dá algumas ordens furtivas. Antônio lança a linha, com resultado imediato. Ele sente um grande peso e puxa a presa, diante de uma onda de risadas: do Nilo retira um arenque salgado, importado do mar Negro. Cleópatra aproveita a artimanha para mostrar a superioridade de sua inteligência — Antônio não era o único a se sentir obrigado a impressionar —, mas também para lembrar seu amante, com habilidade, firmeza e doçura, de suas responsabilidades maiores. Ela não censura, em vez disso domina a fórmula que todo pai, treinador ou executivo procura: ela tem ambição e nenhum problema em estimular isso nos outros. “Deixe a vara de pescar para nós, general”, Cleópatra adverte, diante do grupo reunido. “Sua presa são cidades, reinos, continentes.”<sup>51</sup> Um coquetel lisonjeiro habilmente preparado, que corresponde perfeitamente à definição de Plutarco: “Pois uma censura assim é como a mordida de uma mulher voluptuosa; estimula, provoca e dá prazer, mesmo quando machuca.”<sup>52</sup>

Se Cleópatra tratava Antônio como um aluno em férias, foi exatamente assim que pareceu em Roma, à qual ele havia virado as costas durante esses meses festivos. Ele comemorou seu aniversário de 43 anos em Alexandria e, no entanto, se fazia notar sobretudo por suas travessuras e caprichos, o que é irônico, uma vez que sua acusação original contra Otaviano era que não passava de um menino. (Poucas acusações feriam mais fundo um romano. Isso irritou Otaviano a tal ponto que ele baixou uma lei proibindo que qualquer pessoa se referisse a ele com o termo.) Cleópatra pode ter fracassado em empurrar Antônio para suas responsabilidades públicas, mas os terríveis despachos que chegaram no fim do inverno conseguiram. Do Oriente, veio a notícia de que os partos estavam provocando uma comoção. Tinham invadido a Síria, onde assassinaram o governador de Antônio, recém-instalado. Do Ocidente, vinham notícias igualmente perturbadoras. Fúlvia criara um desvio perigoso. Ao lado do irmão de Antônio, ela incitara uma guerra contra Otaviano, em parte para afastar seu marido de Cleópatra. Tendo sido derrotada, fugira para a Grécia.

Em abril, ou pouco antes, Antônio se pôs em movimento, marchando por terra ao encontro dos partos. Não tinha chegado ainda ao norte da Síria quando recebeu uma carta terrível de Fúlvia, que lhe deixava pouca escolha além de renunciar à ofensiva e, com uma frota de duzentos navios recém-construídos, mudar o curso para a Grécia. Antônio estava ciente das atividades de sua esposa, sobre as quais ambos os lados haviam lhe escrito repetidamente. Uma delegação de inverno havia expandido ainda mais os detalhes. Ele não demonstrara muito interesse; estava tão pouco inclinado a censurar sua esposa como a romper com Otaviano. A perturbação de Fúlvia pode ter mantido seu marido em Alexandria tanto quanto os divertimentos de Cleópatra. Sem dúvida Antônio demorou para se mexer, e seria cobrado por isso mais tarde. Como Apiano observa causticamente sobre os comunicados insistentes e cada vez mais urgentes: “Embora eu tenha investigado, não consegui descobrir com nenhuma certeza quais eram as respostas de Antônio.”<sup>53</sup> Fúlvia sentia-se em perigo. Temia até por seus filhos, não sem razão. Um século depois, ela estava praticamente esquecida. Era mais fácil acusar o Antônio alexandrino de estar “de tal maneira dominado por sua paixão e embriaguez a ponto de não pensar nem em seus aliados, nem em seus inimigos”.<sup>54</sup>



O encontro na Grécia foi tempestuoso. Antônio foi severo com a mulher. Ela ultrapassara os limites e exagerara nas atitudes. Plutarco achava que Cleópatra devia muito a Fúlvia, “por ter ensinado Antônio a suportar o domínio de uma mulher, uma vez que ela o recebeu já bem-domado e escolado em obedecer às mulheres”.<sup>55</sup> Fúlvia pode muito bem ter ensinado seu marido a obedecer a uma mulher, mas não conseguiu convencê-lo nem a desafiar Otaviano, nem a aspirar mais que meio império. Insistentemente, ela o exortou a se aliar a Sexto, o filho de Pompeu. Juntos, eles facilmente eliminariam Otaviano. Antônio não queria nem ouvir falar disso. Tinha assinado um acordo. Ele não violava seus acordos. (Semanas depois, em alto-mar, Antônio enfrentou um dos assassinos de César.

Ele havia sido proscrito, tinha lutado contra Antônio em Filipos, e agora se aproximava depressa com uma frota completa. Um ajudante de ordens aterrorizado sugeriu que Antônio mudasse de rota. Ele não admitia nem pensar nisso, jurando que “preferia morrer como resultado de uma quebra de tratado do que ser reconhecido como covarde e viver”.<sup>56</sup> Seguiu em frente.) Para compensar o dano a Otaviano, Antônio partiu sem se despedir. Fúlvia ficou doente quando ele se foi. Muitas das acusações contra ela podem ter sido inventadas; contestar mulheres independentes era uma subespecialidade do historiador romano. E Fúlvia tinha muitos cúmplices. O procurador de Antônio a estimulou, tendo repetida e maliciosamente observado que “se a Itália permanecesse em paz, Antônio ficaria com Cleópatra, mas se houvesse guerra, ele voltaria sem demora”.<sup>57</sup>

Com sua nova frota, Antônio dirigiu-se ao Adriático. Em sua ausência, Fúlvia ficou seriamente deprimida e morreu. A causa não é clara. Apiano supõe que ela possa ter tirado a própria vida por rancor, “porque estava zangada com Antônio por tê-la deixado quando estava doente”.<sup>58</sup> Ela pode simplesmente ter ficado exausta com as incessantes interferências. Não deve ter sido muito lamentada em Alexandria. Antônio, por outro lado, ficou profundamente afetado por sua morte, pela qual se culpava. Não tinha voltado para ver a mulher doente. Outros também o responsabilizam, atribuindo a negligência, como protesta Dio, “a sua paixão por Cleópatra e à devassidão dela”.<sup>59</sup> Fúlvia tinha sido bonita, séria e dedicada. Levava para o casamento dinheiro, amigos influentes e um astuto instinto político. Dera dois filhos a Antônio. Se era, na verdade, uma virago, era, como já se observou, “ao menos uma virago infinitamente leal”.<sup>60</sup> Antônio havia florescido a seu lado.

A morte de Fúlvia foi talvez seu ato mais pacífico. Abriu caminho para uma reconciliação entre Otaviano e Antônio, “agora livres da interferência de uma mulher cujo ciúme de Cleópatra levava a atizar as chamas de uma guerra tão séria”.<sup>61</sup> Assim como era fácil atribuir uma guerra absurda e custosa às maquinações de uma mulher, era fácil descartar uma trama para sua morte, ainda mais que ninguém estava mesmo disposto a lutar. Sexto Pompeu continuou ativo no

mar. Ele havia interceptado vigorosamente as rotas de cereais para Roma. A guerra incessante destruíra a agricultura italiana. Roma era uma cidade esfaimada, desordenada, no limite da resistência. O campo estava em revolta. Soldados pressionavam pelos fundos que Antônio deveria ter obtido no exterior e ainda não distribuía. Amigos se punham como intermediários, reconciliando outra vez os dois homens, que mais uma vez dividiram o mundo entre eles, com Otaviano se dando melhor do que se dera dois anos antes.

Era o Tratado de Brundísio, do começo de outubro de 40. Seus termos estabeleciam que Antônio devia lutar com os partos, enquanto Otaviano devia afastar ou chegar a um acordo com Sexto Pompeu. Cerca de oito meses depois, os três homens assinariam um novo acordo em Miseno, do outro lado da baía de Nápoles, com o cume de Pompeia ao fundo. No momento em que esses pactos foram traçados, no momento em que os homens se abraçaram, “um grande e poderoso grito se ergueu em terra e nos navios ao mesmo tempo”. Até mesmo as montanhas ressoaram com alegria. Na confusão que tomou conta do porto em seguida, muitos foram pisoteados, sufocados e afogados, “ao se abraçarem enquanto nadavam e passavam os braços em torno do pescoço dos outros ao afundar”.<sup>62</sup> O conflito armado havia sido evitado mais uma vez, embora a noite inteira de comemoração brundisiana fale tão alto quanto qualquer acordo. Em tendas ao longo da costa, ambos os acampamentos festejaram juntos durante um dia e uma noite. (Otaviano à maneira romana, Antônio ao estilo asiático e egípcio, que dispensava comentários.) Mesmo assim, quando o fizeram em Miseno “os navios estavam ancorados perto, guardas posicionados à volta, e os que compareceram de fato ao jantar levavam adagas escondidas debaixo da roupa”.<sup>63</sup> Conspirações se formaram e tramas se desmancharam ao longo de todo o cordial banquete.

Para estabelecer uma relação pessoal entre os dois homens depois de Brundísio, Otaviano ofereceu sua adorada meia-irmã a Antônio. Eis um campo em que uma mulher romana valia um prêmio: ela era uma inestimável garantia pessoal, principalmente quando se tratava de fechar um acordo político. Circumspecta e sóbria, Otávia, aos 29 anos, tinha todas as qualidades da sofredora esposa política. Era

inteligente, mas não independente, mediadora mais que manipuladora. Embora tivesse estudado filosofia, não alimentava ambições políticas. “Uma maravilha de mulher”, era reconhecida como uma beldade, graciosa, de traços finos, com uma cabeleira brilhante, magnífica. Convenientemente, ficara viúva meses antes. Ela era precisamente o que a situação exigia, eminentemente qualificada para contrapesar com Cleópatra, de quem deveria afastar Antônio. Ele próprio admite que continuava sob aquele encanto distante. “Sua razão ainda estava em luta com seu amor”, como diz Plutarco, e como sabiam os homens de Antônio. Caçoavam dele impiedosamente por causa do romance. Por lei, uma viúva tinha de esperar dez meses antes de casar de novo, para permitir o nascimento de qualquer descendente. Todas as partes interessadas contavam tão fervorosamente com Otávia para “restaurar a harmonia e ser a sua completa salvação”<sup>64</sup> que o Senado depressa aprovou uma isenção. Em fins de dezembro de 40, as festividades de Brundísio continuaram em Roma, onde Antônio e Otávia celebraram seu casamento.

Roma não estava com uma atmosfera lá muito festiva — faminta, saqueada, exausta —, mas a notícia deve ter sido explosiva, principalmente em Alexandria. Os pactos de 40 e 39 podem não ter surpreendido, mas podem ter alarmado Cleópatra. O casamento de Antônio era uma coisa, seu compromisso com o cunhado outra. Não era do interesse de Cleópatra que Antônio e Otaviano juntassem forças. Otaviano era inimigo mortal de Cleópatra, um insulto vivo e conspirador ao filho dela. Por outro lado, ela conhecia seu homem. Antônio voltaria. Ela não precisava tomar iniciativa, como se podia esperar dos partos. Ela pode até ter ficado perversamente grata aos partos, que desviaram os romanos do Egito. Eles acentuaram a importância dela; Antônio dificilmente poderia cumprir sua parte na negociação de Brundísio sem ela. Cleópatra tinha boas razões para acreditar que aquela reconciliação era frágil, senão vazia. Antônio e Otaviano podiam se reconciliar quantas vezes quisessem. A inimizade, como Fúlvia insistira muitos meses antes, não desapareceria. Cleópatra podia ter adivinhado que haveria adagas e nem precisava. Tinha informantes no acampamento de Antônio, que

levavam a Alexandria notícias detalhadas de tramas e contratramas, de escaramuças e banquetes.

Ao menos indiretamente, estava em contato com Marco Antônio, a quem mandou um emissário naquele inverno. Os partos assolaram a Fenícia, a Palestina e a Síria, para saquear Jerusalém no final do ano. Herodes, o judeu, de 32 anos, que era o tetrarca, ou príncipe — Roma só iria coroá-lo rei no ano seguinte —, conseguira escapar por pouco. Depois de instalar a família na fortaleza de Masada, ele procurou asilo. Que não veio imediatamente; seus vizinhos não estavam dispostos a desagradar os invasores. Herodes acabou indo para Alexandria, onde Cleópatra o recebeu com todo estilo. Ela o conhecia primordialmente como um nervoso amigo de Antônio e, como ela, associado de Roma, mas tinha uma razão a mais para ser favorável a ele: o pai de Herodes havia auxiliado em restaurações ptolomaicas duas vezes, na dela e na de seu pai. Além disso, ele havia pessoalmente encetado um assalto vigoroso e hábil na fronteira oriental e juntara os judeus do Egito à causa de César. Assim como seus pais, Cleópatra e Herodes tinham sido aliados de Pompeu, convertidos para César. Tinham nos partos um inimigo comum.

Além disso, Herodes era companhia divertida, falante e perspicaz, fanático em suas lealdades, perito em demonstrações de deferência. Evidentemente, Cleópatra tentou comprometer o ousado príncipe numa expedição, ou com ela própria, à Etiópia, ou com Antônio, a Pártia. Não era de surpreender que ela oferecesse a ele um comando. Oficiais judeus há muito serviam nas forças ptolomaicas e Herodes era particularmente notável. Hábil cavaleiro, era capaz de arremessar um dardo com absoluta precisão. Ele declinou a oferta. Cleópatra acabou lhe fornecendo uma galera — ela parecia estar sempre dando navios de presente — para fazer a arriscada travessia a Roma, um tipo estranho de hospitalidade, que acabaria envolvendo Herodes num naufrágio na costa do Chipre. (Ele foi dar em Roma apenas semanas mais tarde, sendo recebido calorosamente por Otaviano e Antônio.) Na pior das hipóteses, a tática de Cleópatra era diversiva. Por mais grata que fosse à família

de Herodes, ela não tinha nenhum grande interesse em encorajar a amizade de seu vizinho com Antônio.

Não fazemos ideia de como ou se Cleópatra mandou um outro tipo de notícia, que provavelmente atravessou o Mediterrâneo antes de Herodes. No fim do ano, ela deu à luz gêmeos. O pai deles estava ausente — mais ou menos nessa época, estava se casando com Otávia, ou a ponto de fazê-lo —, mas não faltavam antecedentes ilustres às crianças. Ao escolher os nomes de seus filhos, Cleópatra não fez nenhuma concessão a herança paterna. Ela foi um passo adiante de Roma: chamou os filhos de Antônio de Alexandre Hélio e Cleópatra Selene, invocando a um só tempo o Sol, a Lua, sua tia-avó, a notável rainha ptolomaica do século II a.C.; e o grande comandante da era, aquele que domara até os partos e com quem apenas ela, entre todos os soberanos reinantes, tinha uma ligação. Diante da maneira como armazenava sucessores, Cleópatra estava, sem dúvida, fazendo mais para unir Oriente e Ocidente do que qualquer outro desde Alexandre, o Grande. O Sol e a Lua figuravam nos títulos do rei parto; Cleópatra podia estar mandando um recado a ele. Sem dúvida, não havia melhor maneira de inaugurar uma idade dourada do que com um deus Sol. Nada sabemos da reação de Antônio à notícia, mas a de Otaviano deve ter sido ainda mais interessante. Por uma via indireta, Cleópatra dera um jeito de fazer com que os dois homens, através de seus filhos, mais uma vez se relacionassem.

Ela não precisou anunciar ao mundo o sensacional nascimento. A notícia de que a empreendedora rainha do Egito tivera um filho chamado Alexandre, cujo pai era Marco Antônio e cujo meio-irmão era filho de César, constituía uma manchete de primeira página em 39 a.C. Era o que bastava para fazer de Cleópatra, usando uma frase muito posterior, alvo de fofocas para todo o mundo.<sup>65</sup>



De 40 a 37, Cleópatra viveu como num drama grego; toda a violência ocorria fora de cena. Traziam-lhe relatos de longe. Ela os analisava cuidadosamente. Com o Tratado de Brundísio, o mundo

mediterrâneo deu um suspiro de alívio, mesmo que o Egito tenha sentido um frio na nuca. O casamento de Antônio foi uma solução emocionante para um povo romano esgotado e empobrecido. Por toda a Itália, Antônio e Otaviano eram "imediatamente louvados aos céus por trazerem a paz: os homens se viam livres da guerra em seu próprio país e da convocação de seus filhos, livres da violência dos postos avançados militares e da deserção de seus escravos, livres do saque às fazendas e da interrupção da agricultura e livres, acima de tudo, da fome, que os levara aos limites da resistência". No campo, as pessoas faziam sacrifícios, "como para agradar aos deuses",<sup>66</sup> um papel que tanto Antônio como Otaviano adotaram. Levantavam estátuas à paz e cunhavam moedas. Com as comemorações vieram os sonhos de olhos enevoados e as profecias coloridas. De repente, uma idade rosada de fraternidade e prosperidade se anunciava. Nessa época, Virgílio escreveu sua muito manipulada Quarta Écloga, possivelmente para comemorar o casamento de Antônio e Otávia, com certeza para invocar uma idade de ouro. O poeta atribuía esperanças messiânicas a um filho ainda por nascer, o salvador que invocaria uma nova alvorada e reinaria sobre um mundo de piedade, paz e plenitude.

Para que essas ofegantes profecias se realizassem, o mundo teria de esperar um pouco mais. Na primavera de 38, Otávia produziu devidamente um bebê. Era uma menina, porém, em vez do muito anunciado filho. E os partos continuavam seu avanço para o Ocidente, deliciados com a possibilidade de explorar os desvios internos de Roma. Cleópatra também mantinha um olho cauteloso sobre os invasores, à medida que se aproximavam de sua fronteira. Eles estavam empenhados em se expandir; o império de seus predecessores persas havia incluído o Egito. Antônio mandou um general de confiança para se ocupar dos partos. Para grande incômodo de Antônio, ele o fez com maestria, absorvendo a glória de que seu comandante tinha tanta sede. E a esfaimada Roma explodiu de novo em tumultos. A inquietação anterior havia sido tamanha que Otaviano se vira cercado no Fórum por uma multidão enfurecida, que o acusava de ter esgotado os fundos públicos. Suas tentativas de se explicar foram recebidas com pedras do calçamento.

O bombardeio continuou mesmo quando o sangue começou a correr. Antônio surgiu para efetuar um resgate espetacular, arrebatando Otaviano, com alguma dificuldade, em meio a gritos e urros dos atacantes. Ele levou o companheiro triúnviro para sua casa, para algo muito diferente do que havia sido sua primeira entrevista ali.<sup>67</sup>

O cunhado de Antônio, porém, não estava se mostrando um sócio muito participativo, como Fúlvia o havia alertado antes e, a muitos quilômetros de distância, Cleópatra conseguia continuar alertando. Entre os dois homens predominava um espírito amigável, em termos simpáticos e de bom comportamento. Mesmo assim, Marco Antônio — o herói de guerra, o estadista mais velho, o favorito do povo — parecia ser continuamente superado por seu teimoso e doentio cunhado. Com certeza ele tinha razão para se surpreender com a simples capacidade de Otaviano continuar em cena. Otaviano já se vira às portas da morte diversas vezes. Tossindo e espirrando continuamente, suscetível a insolação, guerreiro relutante, ele dificilmente pareceria um páreo à altura do peito sólido e das coxas poderosas de Marco Antônio. Otaviano era moroso, paranoico, minucioso. Usava enchimentos nos sapatos para ficar mais alto. E, no entanto, sob todos os aspectos continuava a surpreender Antônio. Vítima de sua própria autoconfiança despreocupada, agindo a partir do que percebia como sua posição de superioridade, Antônio se via regularmente manipulado. Ele se envolvera numa rivalidade que nem considerava existir, com um “menino imprudente”<sup>68</sup> que viera do nada. Antônio não tinha malícia, coisa que muitas vezes não registrava. Otaviano não tinha charme, que igualmente lhe escapava. Era o tipo de homem que depois se gabaria do número de triunfos que lhe havia sido oferecido, mas que ele não comemorara, o que significava gabar-se da própria humildade. Antônio nem por um minuto recusaria tais honras e alegremente admitia isso.

De alguma forma, Otaviano conseguia superar o homem mais velho, mesmo em jogos casuais de habilidade e de azar. Quer apostassem em galos de briga ou jogassem cartas, quer tirassem a sorte para decidir questões políticas, ou jogassem bola, era inevitável que Marco Antônio, improvavelmente, acabasse diminuído. (É fácil ver por quê: Otaviano usava qualquer resultado a seu favor.

Se perdia dinheiro demais numa mesa de apostas, era, explicava ele, apenas porque “se comportava com esportividade demais”.<sup>69</sup>) Ao lado de Antônio, Cleópatra havia instalado um adivinho; muitos em Roma acreditavam que um astrólogo conseguia prever uma carreira humana com a mesma exatidão que previa um eclipse solar. Antônio falava de sua frustração ao vidente, que fazia seu horóscopo. Falando a verdade ou tentando agradar seu empregador, ele oferecia uma análise franca. O futuro de Antônio era esplêndido, mas fadado a ser eclipsado pelo de Otaviano. O problema, explicava o vidente, era que o “gênio guardião” de Antônio vivia com medo do de seu colega, “e embora ele tenha um conduta viva e altiva quando está sozinho, quando o dele chega perto, o seu se intimida e se humilha”. Ele devia manter distância do colega. A explicação fazia sentido para Antônio, que tinha o astrólogo em alta estima e se aproximava do cunhado com uma nova cautela. No que parecia talvez um convite velado para ir a Alexandria, o vidente “aconselhava Antônio a colocar a maior distância possível entre aquele jovem e ele”.<sup>70</sup>

Ele só chegou até Atenas, onde se instalou para o inverno e que transformou em seu quartel-general pelos dois anos seguintes. Antônio passou o inverno de 39 de modo bem semelhante ao anterior, numa cidade confortável, cultivada, de arquitetura soberba e fina estatuaria. Deixou lugares-tenentes no campo, mas não fazia mais do que dar uma olhada em seus relatórios. Dispensou seu séquito. Frequentava as palestras e festivais com uns poucos amigos e criados, ou com Otávia, com quem parecia estar profundamente feliz. Mais uma vez trocou o manto púrpura de comandante por roupas orientais. Mais uma vez se fez passar exultantemente por Dionísio, seu personagem preferido. Permitiu que Otávia, que logo lhe deu uma segunda filha, fosse saudada como Atena. Sabemos como esses tributos eram registrados em Alexandria, à medida que Cleópatra colecionava cada detalhe deles. Eram particularmente irritantes, uma vez que beiravam o sagrado e o imperial. Que diferença um endereço — ou uma troca de consorte — fazia: não haveria mãos romanas se esfregando em 39 a respeito do inverno de dissipação de Antônio. Em Atenas, ele se vestia como um grego e festejava como um grego, mas o fazia sob o olhar atento da virtuosa

Otávia. Além disso, era difícil atacar suas pretensões divinas quando Otaviano pretendia a mesma coisa. Ele deu uma festa à fantasia, na qual se vestiu de Apolo. Só que Antônio, porém, conspicuamente construiu uma cabana de ramos, decorou-a com tambores, tamborins, folhagens, peles de animais e outros adereços dionisíacos e "lá dentro ficou com seus amigos, desde o amanhecer e embebedou-se". Convocou músicos da Itália para entreter seu covil na montanha. Às vezes, deslocava a instalação para a Acrópole, "e toda a cidade de Atenas se iluminava com os lampiões que pendiam dos tetos".<sup>71</sup>

Ele continuava perplexo com a habilidade de seu cunhado de controlar a conversa. Embora dono de uma reputação de sólida probidade, em 38, Otaviano conseguiu escapar de seu casamento no dia em que a esposa deu à luz, e casou-se com Lúvia, grávida de seis meses do marido anterior. Era um casamento que elevava Otaviano aos níveis superiores da sociedade romana, tornando-o um igual de Antônio. (Apesar de ligação com César, a linhagem de Otaviano não era nobre.) Repetidamente ele conseguia imobilizar e confundir seu cunhado: se prometia uma coisa, entregava outra. Se Antônio ia para o Oriente, Otaviano o chamava para o Ocidente. E não comparecia. Ele permitiu que Antônio recrutasse soldados em solo italiano, coisa quase impossível, uma vez que Otaviano governava aquele território. Isso constituía uma tênue atitude de equilíbrio, mas atitude que Antônio estava decidido a manter. Ele engoliu o orgulho, mascarou a irritação, até sua paciência se esgotar.

As coisas finalmente chegaram a um ápice no final da primavera de 37, quando os dois se encontraram às margens de um rio, no sul da península italiana, para aliviar várias temporadas de queixas. Otávia ajudou a intermediar a paz, fazendo um discurso apaixonado ao estilo de Helena de Troia. Ela não queria de jeito nenhum ver seu marido e seu irmão se destruírem. O resultado foi o pacto de Tarento, uma renovação do triunvirato que expirara. Antônio seria reconhecido como ditador do Oriente até dezembro de 33. Ele saiu satisfeito: "quase tudo", observa Dio, "estava indo como ele queria". Antônio finalmente preparou sua campanha e seguiu para o Oriente, para a Síria. Otávia e suas duas filhas o acompanharam até a Grécia

ocidental, onde ele as mandou de volta. Otávia estava grávida outra vez. Antônio protestou que viajar mais seria nocivo para sua saúde. Ela já tinha seis filhos — incluindo os de casamentos anteriores — aos seus cuidados. Ele não queria, conforme disse, que “ela participasse dos perigos enquanto ele guerreava contra os partos”<sup>72</sup>. Era absolutamente verdadeiro.

Se Otaviano era um duro mestre de indiretas, capaz de parecer cooperar quando não o fazia, Antônio era um artista da troca rápida, dado a dramáticas reviravoltas. Em Atenas, um dia ele era o preguiçoso que languidamente participava de festivais em companhia de Otávia, negligenciando os negócios públicos, no dia seguinte, depois de repensar o guarda-roupa e se pôr em posição de atenção, era o militar de cabeça precisa, um tufão de atividade, todo diplomacia, no centro magnético de sua *entourage*. Alguma coisa cedeu nos últimos meses de 37. Provavelmente a longa lista de insultos, desilusões e trapaças de repente se somou. Provavelmente explodiu nele a frustração acumulada. Ele era um soldado, cuja campanha gloriosa vinha sendo retardada. Seu lugar-tenente colheva uma série de vitórias no Oriente, vitórias que deveriam ser dele por direito. Talvez Antônio tenha se dado conta de que a esposa e o cunhado estavam mancomunados em mantê-lo sob controle, que ele estava sendo feito de tolo, que a colaboração parecia cada vez menos possível. Certamente o jeito mais óbvio de garantir o domínio em casa seria com uma brilhante vitória militar no exterior. Esmagar os partos era eliminar Otaviano, uma estranha assimetria, não inteiramente diferente do projeto romano de Auletes duas décadas antes.

Plutarco dá uma explicação diferente para a mudança de 37. Ele admite a fixação parta, mas cita também “um terrível mal que vinha rondado havia muito tempo”. Os amigos de Antônio achavam que ao longo de três anos e meio aquele desejo tinha perdido a força, dissipado por Otávia, ou pelo menos “adormecido por melhores considerações”.<sup>73</sup> No relato de Plutarco, o desejo de repente despertou, tornando-se mais e mais combustível à medida que Antônio viajava para o Oriente, onde acabou se reacendendo e explodiu em chamas. Plutarco queria contar sua história direito, mas

não se deve esquecer que ele fazia da vida de Antônio uma lenda edificante. O Antônio de Plutarco é um homem talentoso, arruinado pela própria paixão; a moral da história podia ser mais importante do que os detalhes. Quaisquer que fossem as circunstâncias, chegando à Síria em segurança, Antônio desafiou tanto seus instintos como a razão fria. Mandou um mensageiro a Alexandria. Cleópatra devia ir encontrar com ele em Antióquia, a terceira maior cidade do mundo mediterrâneo. Dessa vez, ela partiu imediatamente. Não muito tempo depois da chegada do casal à capital Síria, circularam moedas com os retratos conjuntos de Antônio e Cleópatra. Não é claro quem estava na frente, quem no verso, o que viria a ser, em resumo, o enigma intermitente dos sete tumultuosos anos seguintes.<sup>74</sup> Antônio nunca mais viu Otávia.

## Notas

- a É preciso um coração duro para dizer que Antônio resistiu à irresistível rainha egípcia, mas isso já foi dito. O grande Ronald Syme faz de Cleópatra apenas mais uma na sua lista de conquistas, atribuindo-a a uma relação de rainhas associadas mais ou menos intercambiáveis. Na opinião dele, não houve paixão; Antônio “sucumbiu de boa vontade, mas não se rendeu”. E na visão de Syme, depois do inverno alexandrino de 41, Antônio não sentiu por ela mais que indiferença. (Syme, 2002, p.214. Para as dúvidas de Syme, p.274-5. Isso também é conjectura, embora as asserções opostas tenham sido feitas com igual certeza, relativas tanto a A como a CR. Veja a Cleópatra de Anatole France em *On Life and Letters* [Londres, Bodley Head, 1924, p.114]: “É certo que César amava Cleópatra”, e Froude [1879, p.456]: “Não é provável tampouco que, numa situação de tanto perigo e dificuldade como aquela em que [CR] se encontrava, ele fosse acrescentar o embaraço de se permitir algum tipo de intriga.” Froude duvida também da visita de Cleópatra a Júlio César em Roma. Gruen despe a visita de qualquer romance.)

## UM ALVO DE FOFOCAS PARA TODO O MUNDO



*"A maior conquista de uma mulher é que falem dela o mais raramente possível."*

TUCÍDIDES<sup>1</sup>

Ela não precisava recorrer a um teatro de fantasias dessa vez. Antes de viajar nesse outono, Cleópatra já sabia que Marco Antônio estava indo ao Oriente, para finalmente acertar as contas com a Pártia, campanha que ele vinha retardando já por quatro anos. Ela sabia das preocupações dele por causa do tumultuado inverno que passaram juntos. De César, ela teria ouvido detalhes do plano original da expedição. À medida que rumava para Antióquia, Antônio reorganizou a Ásia Menor, criando reinos para aqueles em quem confiava e aqueles que o apoiavam. Fixou uma fronteira estável; era essencial que ele fortalecesse a retaguarda antes de prosseguir para o Oriente. Com essa mesma finalidade, Antônio e Otaviano tinham, juntos, arrumado um título de rei para Herodes, quando ele finalmente apareceu em Roma naquele inverno. De ascendência idumeia e árabe, Herodes não era de forma alguma o candidato óbvio para o trono judeu. Sua tenacidade, mais que sua origem, garantiu-lhe a coroa. Nenhuma dinastia explicava mais eloquentemente sua equivocada lealdade a Cássio; seria justo dizer de Herodes que ele havia "se esgueirado"<sup>2</sup> para o poder. Antônio conhecera seu pai, também amigo de Roma. E tinha encontrado Herodes quando adolescente. A relação pessoal contava bastante.

Oportunista afiado, Herodes era enternecedoramente desajeitado, um mestre na escapada miraculosa. As provas sugerem um fascínio por ele em Roma, tanto da parte de Otaviano quanto da de Antônio. Não é coincidência que Herodes fosse exímio tanto quando se tratava de levantar fundos quanto de atirar um dardo; ele tinha um talento assombroso para arrancar dinheiro do ar. (Seus súditos tinham certo conhecimento de seus métodos.) O Senado confirmou por unanimidade o título de rei depois que Otaviano e Antônio escoltaram Herodes entre os dois até o Capitólio, uma demonstração de honra. Cônsules e magistrados iam à frente. Antônio argumentou que a ocasião seria vantajosa para a campanha oriental; depois, ele deu um banquete em honra do novo rei. Segundo alguns relatos, Herodes também devia seu trono a Cleópatra. O Senado era motivado tanto por medo dela como pela admiração por ele. Os senadores instintivamente preferiam dois monarcas na região, em vez de um. Havia uma vasta razão para temer uma rainha associada à frente de um reino rico, que tinha nas mãos o fornecimento de cereal para Roma.<sup>3</sup>

Essa lógica funcionou também a favor de Cleópatra. Antônio não podia correr o risco de nenhum levante no Egito. Só ela era capaz de governar aquele reino com autoridade. Estava claro que poucos conseguiam conduzir melhor o país. Como sempre, ela partiu de Alexandria com a segurança de que sem o seu apoio financeiro nenhum romano teria sucesso contra a Pártia, um império rico, imenso e bem-defendido. Em outras palavras, enquanto seguia para o norte naquele outono, acompanhando a rochosa costa leste do Mediterrâneo, ela sabia que o equilíbrio do poder havia mudado sutilmente. Apesar de toda a bravata de Antônio, apesar de seu exército soberbo, ela é que possuía o controle. Tendo a vaidade mudado pouco em dois milênios, parece justo supor que ela e suas atendentes tomaram cuidados rigorosos com sua aparência. Ela não via Marco Antônio havia três anos e meio, período que qualquer mulher desejaria tornar invisível. Ela sabia o que se falava de Otávia, a beldade de rosto redondo e cabelos brilhosos. Dessa vez, porém, não havia necessidade de mantos ambrosianos, de presentes de

festa incrustados de joias, de rosas de parede a parede. Cleópatra tinha algo melhor. Nessa viagem, ela levou os filhos.

Em Antióquia, uma versão em miniatura e menos libertina de Alexandria, Alexandre Hélio e Cleópatra Selene conheceram seu pai. Ele reconheceu os gêmeos como seus filhos. Pode ter sido um encontro alegre. Antônio tinha pretensões helenísticas. Ele havia se insinuado na dinastia ptolomaica; seus filhos estavam agora na linha sucessória do trono egípcio. Além disso, tinha um novo filho homem, coisa que Otávia, um modelo de perfeição em todos os outros aspectos, não havia produzido. (Antônio tinha dois filhos mais velhos, de Fúlvia.) Alguns chegam mesmo a sugerir que foi precisamente o fracasso de Otávia em fornecer um herdeiro homem — um que cumprisse a profecia de Virgílio e produzisse a muito esperada idade de ouro — que empurrou Antônio para os braços de Cleópatra. Em geral, Antônio gostava de crianças e nunca achava que eram demais. Gostava de dizer que “famílias nobres se prolongaram pela geração sucessiva de muitos reis”.<sup>4</sup> Ele dificilmente seria um homem capaz de resistir a uma divindade menor falante do grego, de três anos de idade, vestido de rei, que se dirigia a Antônio como “pai” e que, se for possível confiar nas esculturas, com o rosto gordinho e os cachos ondulantes, também parecia com ele. Estabelecer-se como rei era uma das prioridades dos projetos de Antônio fazia muitos anos. Ele perseguia esse caminho desde Filipos, seguindo o exemplo de seu ilustre mentor. Com seus filhos ilegítimos, Antônio calçava com legitimidade, como diz um moderno historiador, “os chinelos de seu predecessor”.<sup>5</sup> Era especialmente apropriado que ele o fizesse em Antióquia, uma cidade ribeirinha pitoresca e bem-provida, no sopé de uma montanha majestosa, com uma trama de colunatas no centro e uma ampla variedade de estádios e jardins, fontes monumentais e fontes naturais. Banhada por brisas do Ocidente de maio a outubro, Antióquia era ensolarada e sem vento no inverno, com banhos deliciosos e um mercado movimentado. Com boa disposição por César, que encomendou uma estátua dele ali depois de deixar Cleópatra em 47, a capital Síria recebeu calorosamente seu celebrado protegido.

Cleópatra tinha todas as razões pessoais para se deliciar com a muito protelada reunião familiar, mas as satisfações políticas eram ainda maiores. Antônio tinha seguido seu conselho sobre pesca. Estava fazendo o que ela achava — ou o que, por suas razões pessoais, o levou a acreditar que achava — que ele fazia melhor. Dedicando-se a um esporte digno, ele estava pescando “cidades, províncias e reinos”. Não é inexato dizer que “reinos e ilhas eram como moedas que caíam de seu bolso”<sup>6</sup>, como seria sugerido depois; em grande parte havia uma lógica irresistível nas disposições de Antônio. Ele se empenhou em uma muito necessária, muitas vezes tentada, organização do inquieto Oriente. Numa região multiétnica, multicultural, de alianças cambiantes, que resistira a trinta anos de esforços romanos de reorganização, ele reconhecia o talento, recompensava a competência e a lealdade. Como Antônio gostava de dizer: “A grandeza do Império Romano tornou-se manifesta não pelo que os romanos receberam, mas pelo que eles atribuíram.”<sup>7</sup> Consolidando reinos, ele habilmente fundiu territórios e distribuiu terras. Ele redesenhou a geografia.

Marco Antônio estava à vontade e manifestamente invencível. Ninguém duvidava de seu iminente triunfo sobre os temidos partos. Raramente alguém havia reunido “um exército mais conspícuo em poderio, resistência e vigor juvenil”<sup>8</sup>. O de Antônio fez “toda a Ásia estremecer”<sup>9</sup>. Era a maior força que ele viria a comandar, os homens devotados unicamente ao seu generoso e independente general. Cada um deles preferia a boa opinião dele a sua própria vida, uma devoção nascida, desmancha-se Plutarco, da “nobreza de sua família, de sua eloquência, das maneiras francas e abertas, dos hábitos liberais e magnânimos, da familiaridade em falar com todo mundo”<sup>10</sup>. O humor de Antônio era contagiante; havia disposição por toda parte. Distribuir presentes é sempre animador e a prodigalidade era algo que ele exercia especialmente bem. Era um corolário à sua defesa de famílias numerosas. Na ensolarada Antióquia — é provável que os dois tenham ficado no palácio da ilha, aninhada numa curva do rio plácido —, Cleópatra tinha razão para se congratular e para acreditar que, emergindo de cinco anos de caos e confusão, havia apostado no cavalo certo.

Quando ela chegou em setembro, Antônio lhe deu, além do mais, um presente extraordinário. Ele não só reconheceu os gêmeos de três anos, como despejou uma vasta coleção de territórios sobre a mãe deles. Ela confirmou sua autoridade sobre a ilha de Chipre, que nem mesmo César havia lhe entregado oficialmente. A lembrança e os efeitos da monumental perda do Chipre só podiam ser incendiários. Às terras de Cleópatra, ele acrescentou a florestada Coele-Síria (parte da qual é o Líbano de hoje); a luxuriante e distante Cirene (na Líbia moderna); uma fatia generosa da Cilícia coberta de cedros (costa oriental da Turquia); porções de Creta; e todas as cidades do rico litoral fenício, menos duas. Em diversos casos, Antônio eliminou soberanos — se não se encontrava uma ofensa, sempre se podia fabricar uma — de forma que Cleópatra pudesse assumir seus territórios. A partir do ano 37 a.C., Cleópatra governava praticamente todo o litoral oriental do Mediterrâneo, desde o que é hoje a Líbia oriental, na África, até o norte, através de Israel, do Líbano, da Síria e do sul da Turquia, com exceção de fatias da Judeia.

As necessidades militares de Antônio e o acerto de contas romano determinaram em grande parte o tamanho e a forma das concessões. Assim como sua opinião a respeito de Cleópatra; ela era hábil, confiável, capacitada. Era isso que Roma queria de seus governantes associados, que tinham diversas vantagens sobre os romanos nomeados para esses cargos, uma delas que não precisavam ser pagos. Mais importante, Antônio precisava de uma marinha. Na época do tratado de Tarento, ele tinha enviado a Otaviano cem galeras de bico de bronze e dez trirremes. Cleópatra sabia construir navios. Antônio tinha boas razões para atribuir províncias ricas em madeira a uma rainha que tinha os profissionais e os recursos para transformar essa madeira em uma boa frota; quanto a isso, ninguém no mundo mediterrâneo era tão valioso a Antônio como Cleópatra<sup>11</sup>. Como Plutarco admite, os presentes dados a ela foram só alguns entre os muitos distribuídos a governantes orientais.<sup>12</sup> Ao mesmo tempo, ela era uma das raras soberanas que continuavam no posto; Antônio regularmente apaziguava dinastias estabelecidas fazendo nomeações. E Cleópatra

recebeu um presente muito mais generoso do que qualquer outro governante. Em setembro de 37, ela havia quase restituído a glória do Império Ptolomaico do século III.

Com boas razões, Cleópatra declarou uma nova era para o Egito. O décimo sexto ano de reinado dela passaria a partir de então a ser conhecido como ano 1, uma datação dupla a que ela deu continuidade durante todo o seu reinado.<sup>13</sup> E aos 32 anos, ela se redefiniu, assumindo um título original. Entre os muitos privilégios não convencionais de que Cleópatra gozava, intitular a si mesma sem dúvida figurava entre os mais significativos, ao lado de outros como escolher seu consorte e administrar as próprias rendas. Desse ponto em diante, ela era "Rainha Cleópatra, a Deusa, a Mais Nova, que Ama Seu Pai e Sua Pátria". Manipulava a nomenclatura com tanta astúcia quanto muitas outras coisas, e muito se podia ler nesse título. Com ele, Cleópatra anunciava não apenas uma nova era, mas uma reorientação política radical. Ela pode ter adotado o último título para encerrar os rumores de que estava se vendendo aos romanos; com ele, Cleópatra indicava aos súditos que ela era, em primeiro lugar e acima de tudo, sua faraó.<sup>a</sup> Certamente a imagética de suas moedas é tranquilizadamente coerente com a dos Ptolomeus anteriores. Sob qualquer nome ela era figura das mais poderosas que existiam no palco não romano. Quando Antônio vencesse os partos, ela seria imperatriz do Oriente. Várias cidades costeiras admitiram isso, emitindo moedas em honra de Antônio e Cleópatra. A rainha egípcia tinha todas as razões para estar exultante. Não havia a menor mancha no horizonte.

Cleópatra só podia desejar comemorar o novo alvorecer em Alexandria. Tendo sacrificado tudo depois dos Idos de Março, ela ganhara não só um apoio, mas se saíra melhor dessa vez. Sem contar o orgulho pelo império que acabara de se instalar, como seus súditos reagiam à sua colaboração com um segundo romano? Não existe qualquer traço de escândalo. Seu povo continuava focado nas consequências práticas da diplomacia de Cleópatra. "Parece-me", sugeriu um eminente acadêmico, "que eles viam os amores e os filhos de uma faraó como assuntos divinos e que só questionavam sua rainha quando seus cobradores de impostos apertavam

demais.”<sup>14</sup> Ela havia resolvido com inteligência um quebra-cabeças político. A ausência de resistência em casa pode indicar também que ela não era indevidamente generosa com Marco Antônio. Ela pode ter concordado em pagar as legiões dele, mas Cleópatra podia se permitir isso sem impostos opressivos a seu povo. Também não havia razão para acreditar que as disposições territoriais de Antônio gerassem alarme em Roma. Elas faziam parte de uma política externa consistente. Enriqueciam os cofres e garantiam as fronteiras. No Egito, a popularidade de Cleópatra só podia estar no auge.

Diante do presente dado, muitos concluíram que Marco Antônio e Cleópatra se casaram em Antióquia nesse outono, uma proposição estranha, uma vez que Antônio já possuía uma esposa. E dada a prodigalidade dele, muitos concluíram que Cleópatra especificou o que gostaria para a ocasião, pedido ao qual Antônio aceitou. Não há prova de nenhuma das duas coisas em Plutarco, única fonte para essa reunião, e ele era um cronista que não tendia a omitir transações desse porte. Ele admite apenas que Antônio reconheceu os filhos de ambos, o que não é de forma alguma a mesma coisa que casamento. Com toda certeza, Antônio tinha tanto ou mais a ganhar do que Cleópatra: até mesmo Plutarco não podia qualificar como erro o triúviro romano se aliar à mulher mais rica do mundo.<sup>15</sup> As necessidades práticas imediatas dele se encaixavam perfeitamente com as ambições imperiais que ela alimentava de longa data. Existem menos evidências de um casamento do que da sede de territórios de Cleópatra, que se manifestava então pela primeira vez. Diz-se que em 37, ou no ano seguinte, ela infernizou Antônio pela quase totalidade da Judeia. Ele parece ter recusado. (A tenacidade dele nesse campo é tomada como prova de que ele não era uma massa informe nas mãos fortes dela. Ele recusou a concessão, portanto não estava louco de paixão. É muito possível também que Cleópatra soubesse os seus limites e nunca tivesse pedido a Judeia, o que deixa aberta a questão do estado emocional de Antônio.) É improvável que ela tenha tido de barganhar por territórios, embora estivesse em boa posição para isso. Antônio precisava financiar uma campanha, pagar um exército,

complementar uma marinha. Cleópatra não precisava de nada. A posição de negociação dela era a melhor.

O que quer que tenha acontecido entre os dois, a percepção dos outros reis associados na região era que Antônio estava profunda e resolutamente ligado a Cleópatra.<sup>16</sup> É mais difícil ler o que havia no coração dela, pelo menos em 37. Mas temos algumas pistas. Antes ou depois de o Egito se expandir às proporções do século III a.C., antes ou depois de ela mudar o calendário, Antônio e Cleópatra retomaram seu relacionamento sexual, recomeçando de onde tinham interrompido em Tarso. E, evidentemente, a presença de Antônio significava tanto para Cleópatra quanto o seu patronato. Em março ou abril de 36, ela o acompanhou pela larga estrada plana que ia de Antióquia até o limiar do Império Romano, uma viagem por terra que a desviou centenas de quilômetros de seu caminho. Era desnecessária para ela e menos confortável do que poderia ter sido, uma vez que ela estava grávida outra vez. Antônio e Cleópatra se despediram às margens do Eufrates, onde o rio se estreitava num canal profundo, no que é hoje a Turquia oriental. Ele atravessou a ponte de madeira para o território parto, para marchar em direção ao norte com seu exército resplandecente, através da rota cheia de obstáculos pelas estepes e íngremes montanhas que se estendem além do Eufrates. Cleópatra seguiu para o sul.



Ela tomou o caminho mais longo para casa, fazendo uma espécie de excursão triunfal por terra através de suas novas possessões. Muitos gostaram de recebê-la; alguns dos déspotas que Antônio havia eliminado em favor dela foram abomináveis. Em torno de Damasco, por exemplo, Cleópatra agora governava um território anteriormente controlado por uma tribo de bandidos predatórios, arqueiros obcecados. Ela acompanhou com seu séquito os caminhos serpenteantes pelas montanhas e escarpados rochedos do que são hoje a Síria e o Líbano, atravessando passagens tortuosas e profundas ravinas, subiu à crista de uma cadeia de montanhas, entre duas altas colinas, para chegar a Jerusalém. Cercada por

muralhas com ameias e uma série de torres quadradas de nove metros de altura, Jerusalém era um importante centro comercial, rico em artes. Cleópatra tinha negócios a tratar com Herodes que, embora um negociador incansável, não estava com nenhuma pressa para discuti-los.

Na última vez que haviam se encontrado, Herodes era um fugitivo e suplicante. Nesse momento, ele ocupava com inquietação o trono judeu, rei de um povo que tivera de conquistar para poder governar.<sup>b</sup> É de se presumir que Cleópatra e seu séquito ficaram com o soberano recém-instituído, um colecionador de moradas e homem com um gosto ptolomaico pelo luxo, embora o lendário palácio de luxo ao sul da cidade ainda estivesse por construir. Provavelmente, Cleópatra foi hóspede de Herodes em sua casa na Cidade Alta de Jerusalém, na definição dela mais uma fortaleza do que um palácio. No decorrer da visita, ela conheceu os belicosos e numerosos familiares de Herodes, com os quais acabaria por estabelecer uma correspondência subversiva. Herodes teve a infelicidade de morar na mesma casa com vários inimigos implacáveis, a primeira entre eles sua desdenhosa e aristocrata sogra, Alexandra. Ela representava apenas um incômodo na família predominantemente feminina de Herodes. Ele morava também com sua insinuante mãe; uma irmã queixosa e superleal; e Mariamne, a esposa fria e excepcionalmente bela que se casara ainda adolescente e que, para frustração dele, não conseguia superar o fato de Herodes ter assassinado metade de sua família. Embora Cleópatra tivesse ajudado Herodes três anos antes, embora eles tivessem um patrono comum e juntos navegassem nas mesmas agitadas águas romanas — ambos faziam o possível para manter um país exasperado e peculiar à sombra de uma superpotência em ascensão —, ele não precisava de mais uma mulher dominadora. Ao contrário das outras, esta tinha, além do mais, interesse em seu tesouro.

Temos apenas uma fonte para a visita de Cleópatra, hostil a seu Oriente nativo, muito chegada a Roma, trabalhando pelo menos em parte a favor de Herodes. O historiador judeu Josefo disfarça, mas não consegue camuflar inteiramente o que veio à tona: Herodes e Cleópatra passaram alguns momentos intensos na companhia um do

outro, parte desse tempo elaborando os detalhes das obrigações dele. Antônio outorgara a Cleópatra direitos exclusivos sobre o betume do mar Morto, ou asfalto, que aflorava em grumos à superfície do lago. Betume era essencial como argamassa, incenso e inseticida, para embalsamar e calafetar. Um cesto de vime, besuntado com asfalto, podia transportar água. Pintado com ele, um barco ficava à prova de água. A concessão era lucrativa. Também de Cleópatra eram os rendimentos de Jericó, uma estação de inverno popular, com luxuriantes pomares de tamareiras e jardins de bálsamo. É muito provável que ela tenha atravessado a cavalo um deserto escaldante para inspecionar esses duzentos acres no vale do rio Jordão, onde Herodes possuía um palácio secundário. Todos os outros aromas empalideciam em comparação ao doce bálsamo, que crescia exclusivamente na Judeia. O óleo, a semente e a casca do arbusto fragrante eram todos preciosos. Constituíam a exportação mais valiosa da região. Quanto às tâmaras de Jericó, eram as melhores do mundo antigo, fonte de seu mais potente vinho. Em termos modernos, era como se Cleópatra não tivesse recebido parte alguma do Kuwait, apenas os lucros de seus campos de petróleo.<sup>17</sup>

Herodes achou a transação particularmente dolorosa uma vez que a Judeia era um país pobre, ressecado e pedregoso, com poucas áreas férteis, nenhum porto e uma população em rápida expansão. Os rendimentos dele eram uma fração risível dos rendimentos de Cleópatra. Ao mesmo tempo, as ambições dele extrapolavam seu território; ele não tinha qualquer vontade de ser "rei de um deserto"<sup>18</sup>. Parece que houve alguma disputa sobre os termos, numa negociação que mostrou Cleópatra focalizada mais intensamente nas entregas de betume do que em sedução. Implacável e dura; o resultado foi altamente favorável a ela. Herodes concordou em arrendar as terras de Jericó por duzentos talentos anuais. Ele consentiu também em garantir e coletar o aluguel pelo monopólio de betume de seu vizinho, o rei nabateu. Ao concordar com isso, Herodes livrou-se da companhia de quaisquer agentes ou soldados de Cleópatra. No mais, os arranjos foram inteiramente favoráveis a ela, sobretudo porque deixou ambos os homens arrasados. Herodes teria de arrancar fundos de um soberano que havia lhe negado

refúgio durante a invasão parta e só fazia seus pagamentos sob pressão. Voluntária e eficientemente, Cleópatra pôs dois homens que não gostavam dela, um judeu e um árabe, um contra o outro. (Malco, o soberano nabateu, iria vingar-se mais tarde.) Herodes, porém, manteve seu lado do acordo com Cleópatra. Ele sentiu que “não seria seguro dar a ela qualquer razão para odiá-lo”.<sup>19</sup>

Sob todos os outros aspectos, a visita foi malsucedida. Os dois inveterados sedutores fracassaram inteiramente em se interessar um pelo outro. Cleópatra pode ter sido condescendente com seu colega. Como a sogra real não parava de lembrar a ele, Herodes era plebeu. E não exatamente judeu, devido à religião de sua mãe; aos olhos dos judeus, Herodes era um gentio, enquanto aos olhos dos outros era judeu. Conseqüentemente, estava sempre inseguro de seu trono, uma situação não desconhecida de Cleópatra, que pode tê-la exacerbado. Ela devia falar aramaico melhor do que ele falava grego; muitos anos mais velho que ela, Herodes era pouco educado, tristemente deficiente em história e cultura, e ressentido por essas duas coisas. (É bastante revelador que quando ele decidiu remediar essa situação, anos depois, contratou o melhor tutor no ramo, que, além de suas próprias realizações literárias e musicais, possuía as melhores credenciais que se podia esperar: tinha sido tutor dos filhos de Cleópatra.) Era inevitável que Herodes parecesse deselegante na presença sofisticada de Cleópatra.

Quando há paixões em jogo, o oposto do grande axioma da política externa pode se mostrar verdadeiro: o amigo do amigo é nosso inimigo. Talvez Herodes sentisse por Cleópatra o que é inevitável que se sinta quando o palácio do outro envergonha o nosso. Ela podia estar muito animada com seu sucesso em Antióquia para ser conciliadora; é muito possível que tenha insinuado que cobiçava a terra de Herodes. Dívidas são difíceis de admitir e os dois deviam um ao outro. Cleópatra havia apoiado a fuga de Herodes para Roma. O pai dele tinha corrido em apoio a César em Alexandria. De qualquer modo, o famoso anfitrião Herodes teve uma reação violenta com sua visitante. Sem dúvida, ele preparou uma série de banquetes reais para Cleópatra. E, argumentando que estava prestando um serviço à comunidade, recomendou a seu

conselho de Estado que arranjasse também o assassinato dela. Poderia ser feito com facilidade, enquanto ela estava em Jerusalém e à mercê dele. Ele eliminaria uma vizinha ambiciosa e perigosa, mas todo mundo sairia ganhando, Sobretudo Antônio. Herodes explicou-se acaloradamente: “Desse jeito”, disse ele, “livraria de muitos males todos aqueles que ela já prejudicara e que poderia prejudicar no futuro. Ao mesmo tempo, argumentou, isso seria um prêmio para Antônio, pois nem mesmo a ele ela demonstraria lealdade se alguma ocasião ou necessidade o levasse a pedir por isso.”<sup>20</sup>

Herodes usou o argumento de costume; como sempre, a mulher diabólica era a mulher sexual. Além de todo o resto, explicou a seus conselheiros, a assanhada egípcia “armara uma cilada traiçoeira para ele”<sup>21</sup>! Declarando-se tomada de amor, tentara se entregar a ele, “porque estava, por natureza, acostumada a gozar esse tipo de prazer sem disfarces”. Herodes tinha toda razão em observar que Cleópatra era uma negociadora dura. E se uma mulher está levando vantagem sobre você, é conveniente transformar essa mulher num predador sexual, capaz de indizível depravação, “uma escrava de sua luxúria”.<sup>22</sup> (Não era um salto assim tão grande. “Cupidez” e “concupiscência” têm a mesma raiz latina.) Tendo conseguido escapar das propostas desavergonhadas dela, Herodes levou a sensibilidade ofendida a seu conselho. A lascívia daquela mulher era um ultraje.

Os conselheiros de Herodes imploraram para ele reconsiderar. Estava sendo impulsivo. Os riscos eram muito grandes, como sem dúvida a própria Cleópatra sabia, protegida de perto por guardas, sempre cercada e, sem dúvida, mais astuta sobre as ramificações políticas. O conselho brindou Herodes com uma pequena lição na perversa dinâmica do afeto, lição essa que deve ter sido útil depois. Em primeiro lugar, Antônio não iria apreciar o assassinato de Cleópatra, mesmo que as vantagens fossem para ele. Em segundo lugar, “o amor dele se inflamaria ainda mais se ele achasse que ela havia sido tirada dele por meio de violência e traição”.<sup>23</sup> Ele se tornaria um homem obcecado. Herodes seria terminantemente condenado. Os conselheiros enfatizaram que Herodes estava fora de

seu território com essa mulher, a mais influente do seu tempo. Será que não conseguia passar por cima dessa questão?

Cleópatra, evidentemente, era esperta demais para seduzir, ou tentar seduzir, um soberano menor. Não tinha nada a ganhar encurralando Herodes dessa forma. Era pouco provável que ela fosse seduzir um subordinado de seu patrono, ainda mais improvável que fosse se atirar nos braços de Herodes num momento em que estava, agora, quase no verão, já visivelmente grávida do filho de Antônio. Uma legião romana estava estacionada em Jerusalém para garantir o trono de Herodes. Era pouco provável que esses homens fossem ficar quietos. Por mais astuto que fosse, Herodes possuía, como acontecimentos posteriores viriam a demonstrar, um entendimento limitado do coração humano. Com dificuldade, o conselho o dissuadiu da tentativa de assassinato. Ele não teria defesa, sendo a trama “contra uma mulher que era da mais alta dignidade de seu sexo no mundo naquele momento”.<sup>24</sup> Herodes não podia se permitir nem ofender Cleópatra, nem permitir que ela tivesse qualquer razão para odiá-lo. Sem dúvida ele conseguiria passar por cima da desonra dos atrevidos avanços dela?<sup>c</sup>

Supondo que essas deliberações tenham chegado aos ouvidos de Cleópatra, é difícil não imaginá-la rindo com prazer. Ela contava e sabia que contava com a lealdade de Antônio. Tinha melhores razões para pensar em dispor de Herodes, que era a única barreira entre ela e a plena posse da linha costeira oriental. Como ela bem sabia, a terra dele em várias conjunturas havia pertencido aos Ptolomeus. No fim, o conselho de Herodes conseguiu acalmá-lo. Respeitosa e polidamente, ele acompanhou sua visitante através do calor abrasador do Sinai até a fronteira com o Egito. Se Cleópatra sabia dessas discussões — e é difícil pensar que não soubesse —, a viagem deles deve ter sido pesada e tediosa na areia escaldante. Sem dúvida o foi para o ressentido rei dos judeus. Em Pelúcio, ele se despediu de Cleópatra, em

gravidez avançada e carregada de presentes, uma volta ao lar muito diferente do retorno furtivo desse mesmo posto avançado em 48.

No começo do outono, que foi abençoado por uma enchente copiosa, ela deu à luz seu quarto filho. No mundo antigo, talvez mais que em qualquer outra época, um nome era muito importante; ela chamou seu novo filho Ptolomeu Filadelfo, evocando abertamente os dias e glória do século III, última vez que sua família reinara sobre um império tão vasto quanto, em 36, o de Cleópatra, a Deusa, a Mais Nova, que Ama Seu Pai e Sua Pátria.



Para infelicidade de Herodes, ele não se livrou assim tão fácil dessa ávida mulher de negócios. Durante a estada na corte judaica, Cleópatra fizera alguns amigos, aos quais viria a se mostrar diabolicamente útil. Logo depois da volta ao Egito, ela recebeu notícias de Alexandra, sogra de Herodes. A princesa hasmoneana encontrara na rainha egípcia um espírito afim, razão suficiente para Herodes se ressentir de sua visitante real. Ele condenaria Cleópatra por ter eliminado friamente a maior parte de sua família — acusação complicada vindo de alguém que havia chegado ao trono através do assassinato e que continuaria sanguinário durante décadas —, mas tinha igual razão de invejá-la por isso. Em grande parte, as diferenças de classe e religião eram responsáveis pela mútua antipatia de Herodes e Alexandra. Não só Herodes era judeu do lado errado, como os idumeus haviam se convertido havia pouco tempo ao judaísmo. Os judeus não tinham muito uso para eles. A esposa de Herodes e sua família, ao contrário, eram descendentes nobres de gerações de altos sacerdotes judeus, um posto que se diz ter sua origem no irmão de Moisés. Em 37, Herodes se aventurou a apontar um novo alto sacerdote fora dessa família. Ele o fez embora houvesse um candidato evidente e imensamente bem-visto à disposição: o irmão de Mariamne, de dezesseis anos, o alto e irresistivelmente bonito Aristóbulo. Herodes preferiu um oficial nada notável no posto lucrativo e importante; bastava sua pompa para conferir uma espécie de poder suprarreal. Usando um diadema bordado a ouro, o alto sacerdote celebrava a seu povo numa roupa franjada azul que ia até o chão, cravejada de pedras preciosas e

dotada de sininhos de ouro. Dois broches fixavam aos ombros um manto púrpura, escarlata e azul também cravejado de joias. Mesmo num indivíduo menor, esses acessórios bastavam “para fazer a pessoa sentir que estava na presença de um homem que pertencia a outro mundo”.<sup>25</sup>

Ao ignorar seu jovem cunhado, Herodes provocou um furacão familiar. Para Alexandra, filha de um sacerdote e viúva de um príncipe, a indicação era um “insulto insuportável”. Com a ajuda de um músico viajante, ela informou essa indignidade a Cleópatra, com cuja solidariedade feminina sentiu que podia contar, sobretudo uma solidariedade feminina real. Ela sabia que Cleópatra não tinha paciência com Herodes e que tinha acesso a Antônio. Será que poderia interceder junto a ele, implorou Alexandra, para obter o alto sacerdócio para seu filho? Se Cleópatra o fez, Antônio devia estar com assuntos mais importantes na cabeça do que a vida familiar de Herodes. Ele não fez esforço para intervir, embora mais tarde, em 36, o flexível Délio tenha aparecido em Jerusalém para tratar de outros assuntos. Délio é quem havia atraído Cleópatra para Tarso; o conjunto de sogra conspiradora e conselheiro contorcionista era quase perfeito demais. Os filhos de Alexandra eram excepcionalmente bonitos, aos olhos de Délio mais parecendo “filhos de algum deus do que de seres humanos”. Como sempre, a beleza fez rodar sua cabeça agitada. Ele convenceu Alexandra a mandar pintar os retratos de Mariamne e de Aristóbulo e mostrá-los imediatamente a Antônio. Se o triúviro romano pusesse os olhos neles, prometeu Délio, “nada do que ela pedisse lhe seria negado”.<sup>26</sup>

Alexandra fez o que Délio pediu, o que sugere ingenuidade de sua parte ou algo mais tóxico. Sem dúvida alguma, ela era capaz de perceber uma trama a mais de cem passos ou armar uma, se não houvesse alguma em preparação. Se a palavra de Josefo pode ser levada a sério, Délio pretendia recrutar parceiros sexuais de ambos os sexos para Antônio. Ao receber os retratos, Antônio hesitou, pelo menos no que dizia respeito a Mariamne. Ele sabia que Cleópatra ficaria furiosa. Josefo não deixa claro se Cleópatra protestaria em termos morais ou por ciúmes. De qualquer forma, ela demoraria a perdoar. Evidentemente, Antônio não hesitou em mandar chamar o

irmão de Mariamne. Nesse ponto, Herodes mudou de ideia. Achou que não seria aconselhável mandar ao romano mais poderoso de seu tempo um belo rapaz de dezesseis anos “para ser usado com propósitos eróticos”.<sup>27</sup> Em vez disso, Herodes reuniu seu conselho e sua família, para reclamar dos incessantes complôs de Alexandra. Ela conspirara com Cleópatra para usurpar seu trono. Ela planejava substituí-lo por seu filho. Ele faria o que era certo e nomearia o filho dela para o sacerdócio. A proposta de Délio pode ter provocado a concessão indiretamente; a nomeação de Aristóbulo o manteria na Judeia, longe das garras de Antônio e longe das tramas de Cleópatra. Alexandra reagiu com um dilúvio de lágrimas. Implorou perdão a seu genro. Lamentava sua “habitual franqueza”, sua mão pesada, sem dúvida uma consequência infeliz de seu título. Ela inundou-se de gratidão. De agora em diante, seria obediente em tudo.

Aristóbulo mal havia vestido os trajes brilhantes de sacerdote quando Alexandra se viu em prisão doméstica, com vigilância 24 horas. Herodes continuava a desconfiar de que a sogra o trairia. Alexandra explodiu de raiva. Não tinha intenção alguma de passar a vida “em escravidão e medo” e voltou-se para o lado óbvio. Mandou para Cleópatra “um longo e sofrido lamento sobre o estado em que se encontrava, pedindo que lhe desse toda a ajuda possível”.<sup>28</sup> Citando Eurípides mais uma vez — “é certo as mulheres apoiarem a causa de uma mulher”<sup>29</sup> —, Cleópatra inventou uma escapada engenhosa. Mandou um navio para conduzir Alexandra e Aristóbulo a um lugar seguro. Ela daria asilo a ambos. Foi então que Alexandra, fosse a conselho de Cleópatra, ou por iniciativa própria, mandou fazer dois caixões. Com a ajuda de sua criada, ela e Aristóbulo entraram nos caixões, para serem levados de Jerusalém ao litoral, onde o navio de Cleópatra estava esperando. Infelizmente, um dos criados traiu Alexandra; quando os fugitivos estavam sendo levados do palácio, Herodes saltou do escuro e os surpreendeu. Embora quisesse, ele não ousou castigar Alexandra, por medo de provocar Cleópatra. Em vez disso, armou uma grande demonstração de perdão, enquanto, por trás, jurava vingança.

Em outubro de 35, Herodes estava enlouquecendo com sua esposa e a família dela. A sogra estava associada a sua maior rival. Com direito muito mais legítimo ao trono, seu cunhado gozava de um grau perigoso de devoção popular. Para Herodes era insuportável ver o rapaz, com seu porte nobre e impecável aparência, com suas roupas majestosas e o diadema dourado, celebrando no altar as festividades do Sukkot. No afeto de seus súditos pelo alto sacerdote, ele via uma censura a seu reinado. Enquanto isso, Herodes era desrespeitado em casa pela esposa, cujo "ódio por ele era tão grande quanto o amor dele por ela".<sup>30</sup> Ela manifestava muito pouco da lascívia que Herodes condenava em Cleópatra e passara a gemer em voz alta quando ele a abraçava. Ele não podia retaliar, nem mesmo indiretamente, contra sua sogra, muito intimamente ligada a Cleópatra. Mas podia neutralizar seu cunhado excessivamente promissor. No decorrer de um outono inesperadamente quente, Herodes convidou Aristóbulo para nadar com ele na piscina do palácio em Jericó, aninhada entre jardins formais. Ao lado de amigos e criados, os dois brincaram na água fresca ao entardecer. Ao cair da noite, Aristóbulo, em meio às brincadeiras, foi mantido embaixo da água um pouco demais. O alto sacerdote de dezessete anos estava morto.<sup>31</sup>

Seguiram-se grandes demonstrações de falsa emoção de ambos os lados. Herodes encomendou um funeral caro, cheio de incenso, derramou lágrimas abundantes e lamentou ruidosamente. Alexandra suportou tudo bravamente, em silêncio, melhor seria vingar seu filho mais tarde. (Só Mariamne foi franca. Ela denunciou tanto o marido como a mãe e a irmã violentas.) Nada convencida da versão de Herodes para o acidente, Alexandra escreveu de novo a Cleópatra, que se comiserou com ela. A perda era trágica e desnecessária. Alexandra podia entregar aquele assunto inadequado a ela; ela comunicaria o fato a Antônio. Quando ele voltou de Pártia, Cleópatra insistiu com ele para castigar o assassino de Aristóbulo. Sem dúvida não estava certo, ela afirmou, acalorada, "que Herodes, nomeado por ele rei de um país que não tinha o direito de governar, demonstrasse tamanho desrespeito à lei com aqueles que eram a realeza de fato".<sup>32</sup> A petição dela era a favor da convenção correta,

de conhecer o próprio lugar, pelos direitos dos soberanos. Antônio concordou que Cleópatra tinha razão.

O medo que Herodes sentia da influência de Cleópatra tinha fundamento. No momento devido, chegou uma intimação do litoral da Síria; ele tinha de se explicar a Antônio. Tendo recorrido até então a propinas e bravatas, Herodes não se intimidava facilmente com autoridade. Ele tendia mais para alegres demonstrações de soberba. E embora se dissesse que havia saído timidamente, ele se mostrou tão pronto a desarmar essa situação quanto Cleópatra, seis anos antes, em Tarso, o que é outro jeito de dizer que Marco Antônio não tinha grandes dotes para cobrar reis associados ou que ficava impotente na presença de um mestre bajulador. A visita revela efetivamente que Antônio não era de forma alguma maleável nas mãos de Cleópatra. Herodes chegou com presentes luxuriantes e explicações igualmente luxuriantes. Ele neutralizou prontamente os argumentos de Cleópatra. Sem dúvida, Antônio garantiu a ele, “era impróprio solicitar uma prestação de contas do reino a um rei, uma vez que nesse caso ele não seria rei absolutamente, e aqueles que haviam dado a um homem esse cargo e conferido autoridade a ele deviam permitir que ele a exercesse”. Ele disse a mesma coisa a Cleópatra, que deveria se preocupar menos com os negócios de Herodes — ou foi o que Herodes alegou ao se gabar das muitas honras que Antônio lhe havia demonstrado. Os dois jantavam juntos diariamente. Antônio convidou Herodes a acompanhá-lo enquanto tratava de negócios. E tudo isso “apesar das duras acusações de Cleópatra”.<sup>33</sup> Não havia senão boa vontade entre os dois homens, o rei judeu afirmou que estava livre daquela “mulher perversa”<sup>34</sup> e de sua insaciável ambição.

Nesse aspecto, ele estava ligeiramente enganado, embora Herodes conseguisse mais ou menos livrar-se das maquinações femininas em sua terra. Meses depois de seu retorno, sua irmã maniacamente vingativa o convenceu de que seu marido e Mariamne tinham tido um romance em sua ausência. Era um jeito garantido de se livrar ao mesmo tempo de uma cunhada maligna e de um marido indesejado. A alegação era perfeitamente calibrada para incendiar um homem mal-amado, enfeitado; atingiu o efeito

desejado. (Como observou Eurípides em uma de suas peças preferidas pelos helenistas: “as mulheres parecem ter prazer em falar mal umas das outras”.<sup>35</sup>) Sem julgamento, Herodes mandou executar seu cunhado. E para garantir, atirou Alexandra na prisão, com base em que ela devia ser ao menos em parte responsável por seus problemas. Herodes era do tipo capaz de vender suas lealdades e achava que os outros eram iguais. Ele estava sempre revisando seu testamento.

Mesmo sem a ajuda de Alexandra, Cleópatra continuaria — ou pelo menos tentaria continuar — dando dores de cabeça a Herodes por mais alguns anos. Diz-se que ele mandou fortificar Masada por medo dela, estocando grãos, óleo, tâmaras e vinho na fortaleza.<sup>36</sup> Ele não conseguia sossegar com a rainha egípcia por perto.<sup>d</sup> E as parentes femininas de Herodes continuavam a ferver de raiva pela esposa dele. Com facilidade o convenceram de que Mariamne havia enviado secretamente seu retrato a Antônio. Herodes tinha “o ouvido sempre pronto para a maledicência”<sup>37</sup> e tendia para aqueles que nela embarcavam; ele gostava de ver suas grandes ilusões confirmadas. A acusação “atingiu-o como um raio” e fez com que de novo ficasse obcecado com os esquemas mortais de Cleópatra.<sup>e</sup> Sem dúvida aquilo era obra dela: “Ele estava ameaçado, calculou, com a perda não só da consorte, mas da vida.”<sup>38</sup> Condenou sua esposa à morte. Quando estava sendo levada para a execução, Alexandra correu para cima dela, gritando e puxando os cabelos. Repreendeu a filha dizendo que era uma mulher má e insolente, mal-agraçada a Herodes e merecedora de seu destino. Mariamne passou serenamente, sem olhar para a mãe. Tinha 28 anos. Em mais uma virada protoshakespeariana, Herodes ficou arrasado com a morte dela. Seu desejo por Mariamne só crescia; convenceu-se de que ela ainda estava viva; ficou fisicamente incapacitado. Sofreu exatamente o que seus conselheiros haviam previsto que Antônio sofreria se fosse privado de Cleópatra. Herodes acabou deixando Jerusalém em uma longa viagem de caça e recuperação. Alexandra tramou algumas novas conspirações em sua ausência. Ao voltar, Herodes ordenou a execução dela.



Ao longo de todo o ano de 36, Marco Antônio relatou a Roma seu brilhante sucesso em Pártia. Roma realizou festivais e fez sacrifícios em sua honra. A inteligência de Cleópatra pode ter sido melhor. Ela estava a bem mais de 1.600 quilômetros do nevado palco da ação, mas bem mais próxima da península italiana. Absolutamente comprometida com a vitória de Antônio, tinha recursos para providenciar emissários regulares. Mesmo assim, pode ter se surpreendido com o mensageiro que chegou a Alexandria no fim do ano. Ele trazia uma convocação urgente, diferente de todas as que ela havia recebido antes. Levava provavelmente um mês para chegar, e punha fim a uma temporada de alegrias.<sup>39</sup> Antônio e seu exército tinham voltado da aventura parta. Isso os levou até perto do mar Cáspio, no que é hoje o norte do Irã. A viagem deles era uma mera excursão comparada à de Alexandre, o Grande, mas mesmo assim tinham marchado quase três mil quilômetros. Estavam acampados numa pequena cidade ao sul da Beirute contemporânea, com um porto excelente, no qual Cleópatra poderia atracar sem dificuldade. Antônio implorou a ela que fosse encontrá-lo imediatamente, e que levasse uma quantidade substancial de ouro, provisões e roupas para seus homens. De forma alguma ela esperava vê-lo tão cedo. Dificilmente, Pártia poderia ter sido conquistada em questão de meses. César previra uma campanha de pelo menos três anos.

Plutarco conta que Cleópatra demorou a chegar, mas não fica claro se ela realmente atrasou ou se assim pareceu a Marco Antônio que mal podia esperar sua chegada. Era inverno; chuvas pesadas e ventos fortes assolavam o Mediterrâneo. Ela precisava juntar suprimentos e preparar uma frota. Tinha de coletar ou cunhar denários de prata.<sup>40</sup> Dera à luz meses antes. Sabia que estava indo na direção de notícias perturbadoras. De sua parte, Antônio estava inquieto e agitado, embora Plutarco possa ter errado ao juntar causa e efeito, alegando que Antônio estava zangado pela demora de Cleópatra. A pretensa demora tinha pouco a ver com o problema real. Antônio tentava se distrair bebendo muito — já se reconhecia então que “não existe outro remédio para o sofrimento”<sup>41</sup> —, mas

não tinha paciência para sentar até o fim de uma refeição. Ele as interrompia para correr à praia, onde espreitava insistentemente o horizonte em busca das velas egípcias, comportamento irregular em um acampamento minucioso e precisamente disciplinado, onde todos comiam juntos. Plutarco acusa Cleópatra de ter demorado de propósito, mas a verdade é que ela foi, numa estação de dias curtos e noites longas, com os itens requisitados, chegando, provavelmente, logo depois do aniversário de quarenta anos de Antônio. Ela entregou "uma abundância de roupas e dinheiro"<sup>42</sup>. Tanto Plutarco como Dio narram um rumor incômodo: dizem alguns que ela levou roupas e suprimentos, mas que Antônio distribuiu o seu próprio ouro aos homens, dizendo ser um presente de Cleópatra, que não tinha paciência com sua obsessão por Pártia. Seja como for, Antônio estava comprando boa vontade com o Egito, claramente uma prioridade para ele, e num momento em que mal podia se permitir tal coisa.

À parte a lentidão da rainha egípcia, Antônio tinha todas as razões para se desesperar. Não houvera nenhum brilhante sucesso em Pártia, apenas uma campanha desmoralizadora, seguida de uma retirada desastrosa. Desde o começo, ele cometera erros estratégicos. Dado o tamanho do exército e a dimensão do trajeto de marcha, ele deixara os equipamentos de cerco na retaguarda. Nem sempre conseguia encontrar os partos, mas eles sempre o encontravam: enxames de talentosos arqueiros e lanceiros emboscavam repetidamente as fileiras romanas regulares. Antônio havia confiado na ajuda militar dos armênios, vizinhos ocidentais da Pártia. Eles não se mostraram os aliados fiéis que Antônio esperava. Não era a primeira vez que atraíam os romanos a "um deserto devassado e desolado"<sup>43</sup> onde os abandonavam. Nenhuma batalha fora tão custosa quanto a retirada. Depois de marchar quase cinquenta quilômetros no escuro, os homens exaustos de Antônio pularam na água salobra. Mortos de fome, empanturraram-se de plantas venenosas que os deixaram cambaleantes, vomitando. Em seguida, convulsões, disenteria e alucinações. O que a água estagnada e as plantas venenosas não mataram, o calor da Armênia

e as neves sem-fim da Capadócia terminaram por destruir. O gelo se formava nas barbas. Os dedos dos pés e das mãos congelavam.

Quando chegaram à costa da Síria, quando ele começou a examinar obsessivamente o horizonte à espera de Cleópatra, Antônio havia perdido quase um terço de seu esplêndido exército e metade da cavalaria. Em dezoito batalhas modestas, havia obtido poucas vitórias consistentes; em sua retirada catastrófica, perdeu cerca de 24 mil homens. Em algo parecido com uma bofetada, Cleópatra seria responsabilizada pelos erros de Antônio na Pártia. "Tão ansioso estava ele para passar o inverno com ela, que começou a guerra antes do tempo propício e orientou tudo confusamente. Não estava senhor das próprias faculdades, sempre procurando por ela e pensando mais em seu rápido retorno do que em conquistar o inimigo"<sup>44</sup>, explica Plutarco. Uma vez mais, dizia-se que Cleópatra atrapalhara o ritmo de Antônio. Ou, mais uma vez, foi Antônio quem se atrapalhou e Cleópatra acabou levando a culpa.

A campanha mostrou-se tão reveladora quanto desastrosa. Antônio se viu repetidamente superado por um inimigo astuto, enganado por amigos. Os meses em Pártia foram menos de amor pela mulher errada do que de confiança nos homens errados. Antônio era um general compassivo, que "se preocupava com as dificuldades e os sofrimentos dos desafortunados e atendia tudo o que pediam"<sup>45</sup> além de despertar mais lealdade dos feridos que dos sãos. Ele parecia seriamente deficiente no departamento vingança. O rei armênio, Artavasdes, levara Antônio a invadir a vizinha Média (o moderno Azerbaijão, terra de tribos ferozes e altas cadeias montanhosas) e depois o traiu. Seus homens insistiram com Antônio para cobrar Artavasdes, mas Antônio se recusou. Ele "nem censurou a sua traição, nem diminuiu a amizade e o respeito que normalmente demonstrava por ele"<sup>46</sup>. Antônio sabia como tocar os corações; quando teve de conclamar seus homens para funções difíceis, ele "recorreu a um manto escuro, que o tornava mais abatido aos olhos deles"<sup>47</sup>. (Amigos o dissuadiram. Antônio fez o apelo a suas tropas com o manto púrpura de general romano.) A maior perda da expedição foi sem dúvida a paz de espírito dele. Ao menos uma vez, esteve à beira do suicídio. Ficou profundamente

abalado, como só poderia ficar um comandante que no passado se mostrara capaz, valoroso, onipresente. Pior ainda, depois da malfadada expedição — tendo perdido dezenas de milhares de homens, ele distribuiu o que restava de seu tesouro e implorou ser executado —, na Síria, ele se convenceu, “por uma extraordinária perversão mental”<sup>48</sup>, de que, ao escapar como escapara, tinha na realidade vencido.

Foi esse homem exausto e perturbado que Cleópatra encontrou na costa da Síria. Apesar das acusações de que ela o prejudicara, sua chegada levou alívio às tropas famintas, desmoralizadas e esfarrapadas. Ela fez exatamente o papel da generosa e beneficente Ísis. Não temos indícios de como ela manejou o alucinado Antônio. Cleópatra deve ter ficado chocada com o que nove meses tinham feito àquele exército bem-treinado e soberbamente equipado. Desde o começo houvera irritação e tensas diferenças de postura no acampamento sírio. Foi nesse momento que Cleópatra insistiu com Antônio para castigar Herodes pela maneira como destragara Alexandra e que Antônio alertou Cleópatra a não se meter, mensagem que ela não estava acostumada a ouvir. Naquelas circunstâncias, isso deve ter lhe parecido especialmente injusto. Ela ficou com Antônio durante várias semanas, no centro das barracas armadas a espaços regulares, uma cidade romana improvisada, enquanto ele ponderava quais seriam seus próximos passos. Chegou a notícia de que os reis medo e parto haviam brigado na esteira de sua retirada e que o rei medo, cujas terras eram contíguas à Pártia, agora propunha juntar forças com Antônio. Animado com a notícia, ele começou a preparar uma nova campanha.

Cleópatra não foi a única mulher a ir em socorro de Antônio. Ele possuía também uma esposa muito leal. Ela pediu permissão para ir voando em auxílio do marido, permissão que o irmão deu alegremente. Otaviano podia muito bem mandar suprimentos. Suas próprias campanhas tinham dado bom resultado. E a viagem de Otávia era, essencialmente, uma emboscada. Em 37, Otaviano prometera a Antônio 20 mil homens para ir a Pártia, que ele não tinha enviado. Com sua irmã, ele enviava agora uma tropa de elite de 2 mil lanceiros, guarda-costas de armaduras suntuosas. Aceitá-los

significava para Antônio desistir dos outros 18 mil homens de que precisava desesperadamente para completar suas fileiras. Recusá-los seria um insulto à irmã de seu rival. Para Otaviano, ansioso por uma desculpa plausível para um rompimento, seria uma oportunidade irresistível; Antônio não tinha como acertar. Otávia foi depressa a Atenas, avisando o marido antecipadamente. Dio coloca Antônio em Alexandria nesse momento, enquanto Plutarco insinua que ele e Cleópatra permaneceram na costa síria. Duas coisas são certas: Antônio e Cleópatra estavam muito juntos nesse momento. E Antônio manteve Otávia à distância. Ela não devia se aproximar mais. Ele estava a ponto de ir de novo a Pártia. Otávia não se deixou enganar por essa mensagem e mandou um amigo pessoal de Antônio investigar o assunto e lembrar a Antônio as muitas virtudes de sua esposa. O enviado, leal tanto ao marido quanto à mulher, queria saber o que Otávia devia fazer com os muitos bens que levava com ela? Nesse ponto, ela chegou perto de embaraçar Cleópatra, o que podia ser mesmo sua intenção. Otávia tinha nas mãos não só os guardas pretorianos ricamente equipados, como uma vasta quantidade de roupas, cavalos e animais de carga, dinheiro dela própria e presentes para Antônio e seus oficiais. Para onde devia mandá-los?

Ela estava desafiando, ao que Cleópatra respondeu, mas não na mesma moeda. Em Otávia ela reconhecia uma rival séria, alarmantemente próxima. O leal representante dela estava em território de Cleópatra. Cleópatra tinha ouvido falar da beleza de Otávia. Homens romanos também podiam ser venenosos; os que a tinham visto iriam depois expressar surpresa por Antônio preferir a rainha egípcia. “Nem em juventude nem em beleza”, concluíam eles, “ela era superior a Otávia.”<sup>49</sup> (Na verdade, as duas mulheres tinham a mesma idade.) Cleópatra temia que a autoridade de Otávia, a influência do irmão, “sua companhia agradável e assíduas atenções a Antônio” pudessem tornar Otávia irresistível. A soberana que havia procedido com manobras ousadas e cálculos frios tentou então — ou diz-se que tentou — um caminho diferente, recorrendo a alto e soluçante pranto, a primeira ou a última arma do arsenal de uma mulher, dependendo da ocasião. Plutarco suspeita que Cleópatra

tenha fingido estar desesperadamente apaixonada por Antônio; num relato romano, ela não recebe nem mesmo o crédito de uma ligação emocional autêntica. Se o relato for verdadeiro — parece um pouco com uma tirinha de história em quadrinhos encaixada numa narrativa cheia de nuances —, ela era tão eficiente como mulher quanto como soberana. Ela podia dar uma lição muito valiosa a Fúlvia. Cleópatra nem implorou, nem negociou. Não levantou a voz. Em vez disso, parou de comer. Parecia lânguida de amor, desfeita em paixão por Antônio. (A greve de fome era um truque já bem antigo. A Medeia de Eurípides já fizera uma para conquistar um marido indócil.) Cleópatra fingia “um ar de arrebatamento quando Antônio estava perto dela e de abatimento e melancolia quando ele se afastava”. Ela se arrastava, dissolvendo-se em lágrimas, que enxugava com grandes gestos quando Antônio aparecia outra vez. Queria poupá-lo de qualquer preocupação, claro.

Cleópatra raramente fazia alguma coisa sozinha, e para o seu drama de choramingar recrutou um elenco de apoio. Seus cortesãos faziam horas extras por ela. Sua função principal era censurar Antônio. Como ele podia ser tão desalmado a ponto de destruir “uma senhora tão devotada a ele e apenas a ele”? Será que não percebia a diferença entre duas mulheres? “Pois Otávia, diziam, havia se casado com ele por uma questão de política pública e em favor de seu irmão, e gozava do título de esposa legítima.” Ela não podia ser comparada a Cleópatra que, embora uma soberana, rainha de milhões de súditos, “era chamada de amante de Antônio e não recusava esse título, nem o desdenhava, contanto que pudesse vê-lo e viver com ele”<sup>50</sup>. O sacrifício dela era o mais nobre. Ela estava negligenciando um grande reino e suas muitas responsabilidades, “esgotando a própria vida, quando o acompanha em suas marchas, no papel de concubina”<sup>51</sup>. Como ele podia continuar indiferente? Não havia comparação entre as duas mulheres. Cleópatra abandonava tudo “contanto que pudesse vê-lo e viver com ele; mas se fosse afastada dele, não sobreviveria”<sup>52</sup>, conclusão essa que ela apoiava de fato com seu pranto e sua inanição. Até os amigos mais próximos de Marco Antônio entraram na história, cativados por Cleópatra e, sem dúvida, bem conscientes dos pendores de Antônio.

Em termos de campanhas, essa compreendia escaramuças, senão francas batalhas; a atmosfera em torno de Antônio e Cleópatra era muito carregada. A tática mostrou-se altamente eficiente. O teatro de Cleópatra derreteu Antônio. As repreensões de seus amigos o lisonjearam. Homem de paixões desordenadas, Antônio parecia contar com as admoestações, às quais respondia prontamente. Era um alegre subordinado,<sup>53</sup> aparentemente à vontade nesse papel. Plutarco o descreve mais satisfeito com as repreensões do que com qualquer outra posição. Censurado pela dureza de seu coração, ele “não percebia que através dessa aparente repreensão estava sendo perversamente atraído para ela”.<sup>54</sup> Ele se convenceu de que ela se suicidaria se a deixasse. Era-lhe particularmente difícil zangar-se nessa situação; já trazia na consciência a morte de uma mulher leal e inteligente. Podia-se dizer muita coisa de Antônio, menos que não fosse compassivo, como qualquer de seus homens confirmaria. Ele repeliu Otávia. Ela voltou a Roma, uma mulher desprezada aos olhos de todos, menos aos dela mesma. Ela se recusou a aceitar o insulto; quando o irmão ordenou que deixasse o lar do casal, ela se recusou. Uma vez mais, renunciava ao papel de Helena de Troia, afirmando que “era uma infâmia dizer sequer que os dois maiores comandantes do mundo arrastaram os romanos à guerra civil, um pela paixão, outro por mágoa de uma mulher”.<sup>55</sup>

Cleópatra não demonstrava esse desprendimento. Junto com Antônio iria embora o trono do Egito. Perdê-lo para Otávia era perder tudo. A performance dela era de virtuose e tinha gerado resultados duradouros. Desse ponto em diante, os dois se tornaram inseparáveis, o que Dio credits “à paixão e ao feitiço de Cleópatra” e Plutarco a “certas drogas e rituais mágicos”<sup>56</sup>. Ao contrário, os homens de Antônio (e de Otávia) demonstravam afeição muito real. A geografia sugere também que Antônio passou o inverno com Cleópatra em Alexandria. Ele tinha uma pequena razão prática para isso, uma vez que pretendia marchar para Oriente outra vez na primavera. Quanto ao inverno de 35, é impossível negar um romance pleno, se por romance queremos dizer um passado íntimo e afável, uma família comum, uma cama comum e uma visão comum do futuro.



A perfeita encarnação da mulher apaixonada de Cleópatra fez Antônio deixar de lado uma segunda ofensiva parta, que ele postergou para ficar ao lado dela. Ela estava magra e pálida. Seu estado de espírito o preocupava. Em 35, ela atrapalhou, muito intencionalmente, o ritmo dele. Um triunfo no Oriente continuava sendo tão crítico para Antônio como antes, se não mais; enquanto ele voltou lambendo suas feridas partas, Otaviano vinha acumulando sucessos. Tinha esmagado Sexto Pompeu e neutralizado Lépido. (Recorrendo a propinas, Otaviano havia também convencido as dezoito legiões de Lépido a abandoná-lo.) Só restavam Antônio e Otaviano. E só uma vitória no Leste poderia garantir de uma vez por todas o manto glorioso de César. Antônio também tinha negócios pendentes com o rei armênio, que ele tardiamente resolvera responsabilizar por uma expedição catastrófica. Considera-se que Cleópatra não via com bons olhos as ambições militares de Antônio e teria preferido que ele dirigisse suas atenções para outro lado. Sem dúvida, a Pártia era menos preocupante para ela do que a política romana; o Egito estava, em sua maior parte, protegido contra uma invasão do Oriente. Ao mesmo tempo, o reino era inteiramente vulnerável a Roma. A glória militar não era de forma alguma a moeda corrente do reino dela; uma expedição parta devia lhe parecer fútil sob muitos aspectos. É fácil ouvir como seria o argumento, importante pensar nele como assunto de especulação. O que faria absoluto sentido para Antônio era voltar a Roma, de onde estava ausente havia cinco anos. A essa saída Cleópatra devia resistir com todas as fibras de seu ser teatral. Uma expedição oriental era cara, mas nos cálculos dela, uma viagem a Roma (uma volta a Otávia e a Otaviano) seria infinitamente mais custosa.

Antônio continuava precisando amargamente de uma vitória. Ele estava também ansioso por acertar as contas. "Em seu empenho de se vingar do rei armênio com um mínimo de trabalho"<sup>57</sup>, ele mandou o sempre inventivo Délio para o leste, até a Armênia. Como sempre, Délio tinha uma proposta. Dessa vez, tratava-se do tradicional curativo diplomático. Será que Artavasdes, o monarca armênio, não

gostaria de prometer sua filha a Alexandre Hélio, o filho de Cleópatra e Antônio, de seis anos? É de se presumir que Cleópatra tenha concordado com essa proposta, que estabeleceria um Ptolomeu no trono armênio. Isso também garantiria uma aliança pacífica com o reino montanhês, crucial para uma invasão parta e dividido em suas lealdades. Várias vezes aliada de Roma, a Armênia era parta tanto em suas simpatias como em sua civilização. A oferta, evidentemente, fez menos sentido para Artavasdes, um estadista hábil e inflexível. Ele resistiu às lisonjas e às propinas de Délio. Antônio reagiu na primavera, invadindo a Armênia. Em pouco tempo, dominou o país, declarando-o província de Roma. Era a sua vingança, mais que uma vitória; a Armênia era um Estado-tampão de localização estratégica, mas de forma alguma uma grande potência. E Antônio sabia que a conquista satisfizesse seus homens, que havia meses uivavam que Artavasdes havia lhes custado a Pártia. Antecipando uma campanha maior, Antônio deixou o grosso de seus exércitos no Oriente para o inverno. Voltou a Alexandria em triunfo, levando com ele não apenas o tesouro confiscado da Armênia, mas seu rei, sua esposa, seus filhos e os governadores provinciais. Por deferência ao posto, prendeu a família real com correntes de ouro.<sup>58</sup>

Dessa vez, Cleópatra recebeu uma mensagem jubilosa de seu amante. Ordenou que se realizasse uma cerimônia extravagante para o retorno dele. É provável que tenha recebido orientações de Antônio: sua família imediata não era de conquistadores. Mas os cortejos eram, sim, uma especialidade ptolomaica. A avenida ladeada de esfinges de Alexandria havia sido projetada para eles, e o cortejo de triunfo romano se originara nelas. O cortejo do outono de 34 foi sensacional. Antônio mandou seus prisioneiros à frente na cidade, na qual ele entrou com o manto púrpura, a bordo de um carro. É provável que tenham passado pelas colunatas de mármore e pelos toldos das lojas fechadas, ao longo da via Canópica, tomada por bandeiras ondulantes e espectadores saudando-os. Era o tipo de espetáculo em que os Ptolomeus se destacavam. A esse, Antônio e Cleópatra acrescentaram uma novidade. Ao conduzir o butim e os prisioneiros até o coração da cidade, Antônio os deu de presente à rainha do Egito que estava em trajes cerimoniais num alto trono de

ouro, sobre uma plataforma folheada a prata, entre os súditos respeitosos.

Antônio sempre fora bom em homenagear suas amantes; Cleópatra recebeu não apenas os despojos da campanha, o tesouro real e seus oficiais, mas o orgulhoso rei armênio e sua família, com seus grilhões dourados. Uma nota discordante soou quando o ousado Artavasdes chegou diante dela. O rei armênio não era nem tolo, nem hipócrita; ele escrevia história e discursos complexos. Durante anos, havia jogado astutamente Pártia e Roma uma contra a outra. Fiel às formalidades, ele se aproximou, mas nem se pôs de joelhos diante dela, nem reconheceu seu posto. Ao contrário, dirigiu-se a ela pelo nome. O uso da força seria inútil; mesmo tratado com violência, nenhum membro da família real armênia se prostraria diante da rainha do Egito. (É notável que, apesar do mau comportamento, Artavasdes tenha sobrevivido à manifestação. Em Roma, um rei preso jamais teria essa sorte, por melhor que se comportasse.) Era a primeira vez que Cleópatra experimentava uma humilhação real e a resistência de um monarca orgulhoso. Era perfeitamente compreensível que ficasse impressionada. Seguiu-se um faustoso banquete para o povo de Alexandria, com comemorações no palácio e diversões públicas. Ela distribuiu moedas e comida gratuitamente.

As paradas de tema militar eram uma coisa estranha para os alexandrinos, embora tivesse ao menos raízes ptolomaicas. Não havia precedentes para a esplêndida cerimônia que se seguiu. Dias depois, uma multidão lotou as colunatas do estádio de Alexandria a oeste do principal cruzamento da cidade, a minutos de distância do palácio. Com 180 metros de comprimento, maior prédio da cidade, o estádio ficava no centro de Alexandria, assim como no centro da vida intelectual e recreativa. Era o salão de ópera de seu tempo; a existência de um estádio é o que transformava uma aldeia em cidade. No espaço aberto do complexo, naquele dia de outono, os alexandrinos encontraram uma outra plataforma prateada e nela havia dois tronos de ouro maciço. Marco Antônio ocupava um deles. Dirigindo-se a ela como a "nova Ísis", convidou Cleópatra a ocupar o outro. Ela apareceu com o traje completo da deusa, túnica

pregueada, de listas brilhantes, a barra franjada chegando aos tornozelos. Na cabeça, devia usar a tradicional coroa tripartite, ou a coroa com cobras e capuz de abutre. Segundo um relato,<sup>59</sup> Antônio estava vestido de Dionísio, com uma túnica bordada a ouro e botas gregas, altas. Na mão, segurava uma haste de funcho. Uma coroa de hera em torno da cabeça.<sup>60</sup> Parecia o segundo ato da exultante peça iniciada em Tarso, quando Cleópatra subiu o rio e foi precedida pelo anúncio de que Vênus chegava para celebrar com Dionísio a felicidade da Ásia.

Os filhos de Cleópatra ocupavam quatro tronos menores aos pés do casal. Com sua voz rouca, Antônio se dirigiu à multidão. Por ordem dele, Cleópatra seria conhecida doravante como “Rainha de Reis”. (Nas moedas, ela era “Rainha de Reis, cujos filhos são Reis”). Os títulos mudariam com o território, de forma que uma estela de quatro anos depois, no Alto Egito, diz que ela é “Mãe de Reis, Rainha de Reis, a Deusa Mais Jovem”). Quanto ao herdeiro, Cesário, de treze anos, Antônio o promoveu a Rei dos Reis, uma reciclagem proposital de um título armênio e parto. Antônio conferiu essas honrarias em nome de Júlio César, um caso inusitado de exibição da história sexual de um amante. Também em nome de César, Antônio passou a nomear seus filhos com Cleópatra de Reis de Reis. Apresentando os meninos um a um, ele atribuiu vastos territórios a cada um; os nomes de modulação oriental eram convenientes agora. A um sinal seu, o pequeno Alexandre Hélio avançou, com as perneiras soltas e a túnica com manto de um monarca persa. Na cabeça, usava um turbante alto, pontudo, encimado por uma pena de pavão. Seus territórios estendiam-se até a Índia; ele governaria a Armênia, a Média e, assim que seu pai a conquistasse, Pártia. (Ele foi de novo prometido em casamento, dessa vez à filha do rei medo, tradicional inimigo de Artavasdes.) Ptolomeu Filadelfo, aos dois anos, fruto da reunião de Antônio e Cleópatra em Antióquia, era uma miniatura de Alexandre, o Grande. Calçava as botas altas, o manto púrpura curto e o chapéu de lã com abas — nesse caso envolto por um diadema — de um macedônio. A ele foram atribuídas a Fenícia, a Síria e a Cilícia, as terras a oeste do Eufrates. Cleópatra Selene reinaria sobre Cirene, o assentamento grego no que é hoje o leste

da Líbia, a centenas de quilômetros através do deserto. Feita a distribuição, cada um dos dois meninos menores se levantou para beijar os pais. Foram então cercados por uma colorida falange de guarda-costas, armênios no caso de Alexandre, macedônios no caso de Ptolomeu.

Assim Antônio repartiu o Oriente, inclusive terras que ainda não estavam em sua posse. Para a jovem mulher que catorze anos antes havia entrado clandestinamente em Alexandria para implorar por seu reino rebaixado, era uma sensacional inversão. Cleópatra era divina e invencível, menos rainha que imperatriz, com o supremo comandante romano a seu lado. Seu poder estendia-se sobre uma vasta parcela da Ásia, as fronteiras estavam estabelecidas e agora em paz. Ela era protegida por legiões romanas; com seus filhos, reinava agora, ao menos nominalmente, sobre mais terra do que qualquer Ptolomeu em séculos. Nas moedas cunhadas para a ocasião, que fizeram dela a primeira estrangeira a aparecer numa moeda romana, ela aparece majestosa, imponente. E envelhecida também. A boca é mais cheia e ela está nitidamente mais gorda, sobretudo no pescoço.<sup>61</sup>

É impossível dizer de quem era a ambição que deu origem à cintilante cerimônia, posteriormente conhecida como as Dotações de Alexandria. É especialmente difícil localizar as marcas de Cleópatra; a verdade é sempre manipulada por romanos. Ao menos em parte a mensagem desse dia era clara. Em seus tronos dourados, sentavam-se o que mesmo um historiador moderno de cabeça fria chamou muito razoavelmente de "as duas pessoas mais magníficas do mundo".<sup>62</sup> Juntos, eles pareciam ressuscitar, senão expandir o sonho de Alexandre, o Grande, de promover um império universal, que transcendesse as fronteiras nacionais e abraçasse uma cultura comum, que reconciliasse a Europa e a Ásia. Eles anunciavam uma nova ordem. Cleópatra presidiu a cerimônia e o banquete que se seguiu pela cidade inteira, não apenas como soberana, mas como divindade afinal, com o filho do divino César a seu lado, Dionísio Antônio do outro. Velhas profecias evidentemente vieram à tona então. Os judeus ligaram o poder de Cleópatra a uma idade dourada e à vinda do Messias.<sup>63</sup> A rainha do Egito atendeu o chamado por

um salvador oriental. Ela ascenderia sobre Roma por um mundo melhor. Ao juntar a política e a religião, a imagética estava toda do lado de Cleópatra.

Marco Antônio tinha o costume de saltar a conclusões e sob muitos aspectos as Dotações eram um exercício de sonhar acordado. Com toda a certeza, elas não fizeram qualquer diferença na administração das terras em questão, muitas delas governadas por procônsules romanos. O rei armênio ainda estava bem vivo. Pártia não era de Antônio para que ele a doasse. Uma criança de dois anos não estava em posição de governar. Por mais que a cerimônia fosse um impressionante ato de assimilação e apropriação, inteiramente ptolomaico em seu gigantismo, provavelmente não era dirigido apenas aos alexandrinos. As festividades eram sempre úteis para eles, mas em 34 os súditos de Cleópatra não precisavam de confirmação de seu governo firme, de sua divindade, de sua supremacia, nem mesmo do papel de Antônio na corte. Eles o conheciam já mais como Dionísio do que como um magistrado romano. Os dois podem ter tencionado formalizar arranjos para um Oriente subjugado, mas ainda confuso; Antônio pode ter pretendido apenas censurar os monarcas que o haviam desafiado em Pártia. Ou Antônio e Cleópatra podiam estar emitindo uma poderosa e nada sutil mensagem a Otaviano. Seu poder vinha exclusivamente de Júlio César. Ele podia ser, sim, o filho adotivo de César, mas o filho natural de César estava, enfatizavam Antônio e Cleópatra, bem vivo, quase adulto e subitamente soberano sobre uma vasta extensão de territórios. Essa mensagem era particularmente crucial num momento em que se dizia que Otaviano estava ocupado por trás do pano, minando os esforços de Antônio na Armênia, onde tentou subornar o rei Artavasdes.<sup>64</sup>

Mesmo que Antônio e Cleópatra não estivessem transmitindo para Roma, é de Roma que nos vêm nossos relatos. É impossível decifrar o que os dois podiam estar pretendendo dizer, o que Roma efetivamente escutou e o que os propagandistas repetiram, ampliado e distorcido. A linguagem do espetáculo era oriental. Sobretudo em 34, era maltraduzida. Antônio devia ter pensado melhor antes de enfatizar a paternidade de Cesário. (Ele pode, sim,

ter pensado melhor. Plutarco não menciona as observações incendiárias.) Otaviano tinha razão ao exagerar o insulto, como fez com magnificência nada romana. Era forçoso que neutralizasse o potente simbolismo, que transformasse um triunfo militar e uma parada real numa farra de bêbados e numa ilusória e tola festa à fantasia. Não se prestava tributo a Júlio César em Alexandria, afinal. Nem se celebrava um triunfo fora de Roma, longe dos deuses romanos. E por que essa ruidosa celebração de uma vitória armênia quando Pártia ainda precisava ser punida?

Fosse qual fosse sua mensagem, Antônio pretendia que as Dotações fossem um ato oficial. Mandou a Roma relatos de seu triunfo e da cerimônia, para ratificação pelo Senado. Amigos devotados intervieram, cientes de que seus despachos seriam lidos a uma luz pouco lisonjeira. Antônio parecia “teatral e arrogante”,<sup>65</sup> exatamente os crimes que haviam custado a vida de César. Se ele planejava assombrar seus compatriotas com uma demonstração maravilhosa, as leis da ótica funcionavam de um jeito diferente do que ele lembrava. Roma tinha de proteger os olhos do brilho dos tronos de ouro. Definições eram menos fluidas naquela cidade, onde o duplo papel de Antônio como comandante no Ocidente e monarca no Oriente perturbava a ordeira mente romana. Ele misturou perigosamente suas metáforas. Se Cleópatra fosse rainha daqueles territórios, que papel o comandante romano desempenharia? Antônio não havia, no fim das contas, reclamado nenhum território para si próprio. O título de Cleópatra era absurda e repreensivelmente longo, um insulto não só a Roma, mas a seus colegas soberanos. Há muito ela ocupava uma posição excepcional na constelação de reis associados a Roma. Agora ultrapassava todos eles tanto em riqueza como em influência. E a relação de Antônio e Cleópatra era problemática. O que fazia uma mulher estrangeira numa moeda romana? Em nada colaborava o fato de Antônio repartir o denário com uma mulher que não era sua esposa. Ele parecia estar distribuindo terras romanas a um estrangeiro.

Só um homem queria que os despachos de Antônio fossem publicados. Otaviano não conseguiu, embora tenha alcançado sucesso em suprimir os relatos da vitória armênia. Ele não tinha

intenção de permitir um desfile triunfal de Antônio em Roma, o que teria grande significado. As Dotações podem ter sido, na época, pouco mais que um exercício de grandiloquência alexandrina, de ostentação ptolomaica, uma demonstração provocante de símbolos, a versão de Antônio para a estátua dourada de Cleópatra no Fórum. Na melhor das hipóteses, as comemorações eram simplesmente desafinadas. Na pior, eram um insulto a Otaviano, uma descarada demonstração de poder. O que importava não era a intenção, mas que o exercício fosse visto em Roma como Otaviano queria: como um gesto vazio, como uma farsa exagerada de dois dissolutos ligeiramente dementes, bêbados de poder, “uma farra dionisíaca proporcionada por uma meretriz oriental”.<sup>66</sup> Com as Dotações, um generoso Antônio distribuiu uma fartura de presentes, nenhum mais generoso do que o que destinou a Otaviano.

## Notas

- a Por outro lado, alguns leram nessa grandiloquência uma retomada da herança grega. Genuíno ou não, um renascimento era infalivelmente bem-vindo num mundo que tinha como medida o passado. O gesto dela pode ter sido abrangente, incorporador; a Macedônia produziu não apenas os Ptolomeus, mas também a dinastia selêucida, sua rival. E os antes poderosos selêucidas haviam controlado grande parte do território agora nas mãos de Cleópatra.
- b Herodes também é um soberano sem rosto. Provavelmente por causa dos mandamentos bíblicos contra imagens gravadas, não temos retratos dele.
- c A acusação era conhecida. Ao incitar um golpe de Estado, o filho de Herodes mais tarde condenou uma tia por ter, “uma noite, entrado à força em seu quarto e, contra a sua vontade, mantido relações imorais com ele”. (Josefo, *The Jewish War*, I.498. Ao acusar Nicolau de Damasco de ter remodelado a história, Josefo cita suas “falsas acusações de licenciosidade” contra Mariamne, inventadas para justificar seu injustificável assassinato [*Jewish Antiquities*, XVI.185].)
- d Outra intriga veio em seguida, envolvendo Costobar, o governador de uma região vizinha, ao sul da Judeia. Ele devia sua posição a Herodes, a quem desprezava. Costobar também não tinha afeição pelos judeus; ele preferia restaurar o politeísmo de seu povo. E sabia precisamente a quem poderia dirigir o apelo por alívio: escreveu a Cleópatra, uma avalista em questões antoninas. A terra dele havia muito pertencera aos ancestrais dela. Por que ela

não a pedia a Antônio? Ele próprio, jurava, estava pronto a transferir a ela sua lealdade. Costobar fez isso não por afeição a Cleópatra, mas por desafeto a Herodes. Ele não chegou a nada, porque Antônio recusou o pedido de Cleópatra. Herodes hesitou em se vingar de Costobar, mais uma vez por medo de Cleópatra. Para prevenir qualquer futura trama, Herodes resolveu fazer arranjos para Costobar se casar com sua irmã, viúva recente, uma espécie de sentença de morte. Ela acabaria traindo o segundo marido como traíra o primeiro.

- e A irmã dele não ficaria contente enquanto não se vingasse de Herodes e dos filhos de Mariamne, que Herodes depois assassinou. Eles foram enterrados ao lado de Aristóbulo.

## RELAÇÕES ILÍCITAS E FILHOS BASTARDOS<sup>1</sup>



*"Porque falar é mau. É bem fácil levantar questões, mas difícil suportá-las e difícil pô-las abaixo. Nada que foi dito desaparece inteiramente, quando muita gente fala: isso também é um deus."*

HESÍODO<sup>2</sup>

Cleópatra completou 35 anos sem qualquer mudança em sua considerável e crescente fortuna; o ano à frente prometia ser dos mais alegres e auspiciosos de seu reinado. Com sua família híbrida, ela resolvera engenhosamente o problema romano, o problema do consorte, o problema do encolhimento do império. Ela não precisava mais do apoio de tropas estrangeiras. Nem poderia qualquer crítico alexandrino objetar a sua amizade com um romano. Ela havia domesticado esse poder e aumentado o Egito através de sua liberalidade. Com as Dotações ela experimentou um aumento de popularidade; seus estaleiros estavam ocupados, uma vez que ela ia dobrar o tamanho da marinha de Antônio. Os lucros entravam em torrentes. De Damasco e Beirute, no Oriente, até Trípoli, no Ocidente, as cidades cunhavam moedas em sua honra. Ela havia cumprido a promessa de um poeta do século III, segundo a qual um Ptolomeu, salvaguardando e ao mesmo tempo suplementando sua herança, supera todos os outros monarcas em riqueza, dada "a abundância que flui a toda hora para seu suntuoso palácio vinda de todos os quadrantes"<sup>3</sup>.

Antônio a atendeu em seu maior desejo: depois das comemorações, ele não voltou a Roma, onde poderia engordar seu exército com novos recrutas e neutralizar a influência otaviana. Nem se deteve em Antióquia, uma base lógica para uma operação oriental. Em vez disso, preferiu um terceiro inverno festivo em Alexandria, uma cidade imperial que cada vez mais dava a sensação de sede de um novo império. Numa ilustração viva de sua intenção, Cleópatra deu os toques finais ou começou a utilizar o recém-construído Cesareum, o vasto complexo junto ao porto, em que ela pode ter seguido o modelo do Fórum de Roma. Fundindo o estilo egípcio e o grego, a versão alexandrina exagerava no ouro e na prata, repleta de pinturas e estátuas, embelezada com "galerias, bibliotecas, varandas, salões, corredores, passagens e bosques consagrados, tão gloriosos e custosos quanto a arte era capaz de fazê-los"<sup>4</sup>. Cleópatra estava no leme de um vigoroso poderio que um romano nervoso previra um século antes que o Egito poderia vir a ser um dia, "se aquele reino encontrar líderes capazes".<sup>5</sup>

Em torno dela, reuniam-se conselheiros leais, de longa data, romanos dedicados e uma família ampliada, que no fim do ano absorvera o adolescente Marco Antônio Antilo, o mais velho dos dois filhos de Antônio com Fúlvia. Cleópatra levava a sério o ensino dos filhos. Na esteira das Dotações, ela confiou a educação deles em parte a Nicolau de Damasco, um desengonçado filho de diplomata, vários anos mais novo que ela, com o rosto vermelho, temperamento afável e gosto por Aristóteles. Sempre com uma anedota pronta, Nicolau era um lógico dotado, o tipo de homem em que se podia confiar para terminar um discurso, persuasivo e eloquente, se o orador por acaso se desmanchava em lágrimas antes de chegar ao fim.<sup>6</sup> Ele se mudou para o palácio. Sob sua orientação, os filhos de Cleópatra estudavam filosofia e retórica, mas principalmente história, que seu novo tutor considerava "o estudo adequado aos reis". Por mais genial que Nicolau fosse, ele tinha a língua afiada quando necessário e era um mestre implacável. Sua ideia de lazer era acrescentar 25 volumes à sua abrangente história do mundo antigo, que já contava 140 volumes, um projeto que seu autor comparava aos trabalhos de Hércules. As frivolidades e

festividades em torno das crianças continuavam. Muitos se lançavam à vida da corte com entusiasmo. Lúcio Munácio Planco, um dos conselheiros mais próximos de Antônio e antigo governador provincial, apareceu para jantar nu e pintado de azul. Ele divertiu os convidados de Cleópatra com sua melhor imitação de ninfa do mar,<sup>7</sup> contorcendo-se no chão de joelhos, vestindo apenas um rabo de peixe e uma coroa de junco.

O gosto pelo excesso era contagioso, talvez herdado. Ao jantar, uma noite, um médico do séquito do jovem Antilo, começou a pontificar, rudemente e sem parar. Quando um segundo médico da corte o deteve em seu devaneio — era o ex-estudante de medicina que explorara a cozinha de Cleópatra —, Antilo gritou de prazer. Com um gesto de braço, apontou o aparador. “Tudo isso eu dou de presente a você, Filotas”,<sup>8</sup> exclamou ele, entregando uma coleção de copos de ouro a seu conviva mais inteligente. Filotas mal podia levar a sério o adolescente, mas mesmo assim se viu presenteado com um volumoso saco de copos antigos de rica confecção. (Ele preferiu ir embora com o equivalente em dinheiro.) Por toda a cidade, continuavam a música, as mímicas, as produções teatrais. Como um pedreiro esperto percebeu, o alegre pacto que unia Antônio e Cleópatra merecia uma interpretação alternativa. Desde 28 de dezembro de 34, sobrevive uma inscrição em basalto, provavelmente de uma estátua de Antônio.<sup>9</sup> Fosse qual fosse a reação de Cleópatra ao ardente amor dele, os alexandrinos retribuía plenamente. O esportivo Antônio é saudado na pedra não como um “Inimitável Vivente”, mas — e o trocadilho exige mais em grego do que em qualquer outra língua — o “Inimitável Amante”.

Os negócios oficiais não eram absolutamente esquecidos entre as festividades. Cleópatra continuava a receber petições e enviados, a participar de ritos religiosos, a aplicar justiça. Ela supervisionava discussões econômicas, reunia-se com conselheiros e presidia os inúmeros festivais alexandrinos. Cada vez mais os negócios de Estados incluíam negócios egípcio-romanos. Durante metade da vida, Cleópatra tivera legionários postados no Egito; em um relato, os guarda-costas dela escreviam Cleópatra em seus escudos.<sup>10</sup> Num arranjo mutuamente benéfico, o futuro de certos romanos era

decidido em Alexandria e não o contrário. Em 33, Cleópatra ditou um decreto a um escriba, pelo qual concedia uma substancial isenção de impostos a um dos generais mais importantes de Antônio. Públio Canídeo havia servido em Pártia e destacara-se na Armênia. Por seus serviços, Cleópatra outorgou-lhe uma isenção de direitos de exportação para 10 mil sacos de trigo e de impostos de importação sobre 5 mil ânforas de vinho. Ele foi isentado perpetuamente de impostos sobre terras, privilégio que Cleópatra estendeu igualmente a seus trabalhadores. Até mesmo os animais da fazenda de Canídeo estavam acima de taxas, requisições e confisco.<sup>11</sup> a Era um jeito ágil de manter os homens de Antônio ao mesmo tempo leais e locais, no caso pouco provável de os encantos de Alexandria não se mostrarem suficientes. Era também um jeito mais eficiente de cortejar um romano ambicioso do que pagar propinas, o que, como já se observou “só fazia com que voltassem para pedir mais”.<sup>12</sup> O triúnviro romano e a rainha egípcia faziam juntos grande parte dos negócios. Cleópatra frequentava o mercado com Antônio, “juntava-se a ele na administração de festivais e na audiência de casos judiciais”<sup>13</sup>. Por insistência dela, Antônio assumiu o estádio da cidade, como já havia feito em Atenas. Como líder de fato da comunidade grega, ele dirigia suas finanças, professores, palestras, disputas atléticas. Assim como Cleópatra, ele posava para pintores e escultores; era Osíris ou Dionísio para a Ísis ou Afrodite dela. Em meados de 33, Antônio marchou de novo para a Armênia, onde negociou uma paz com o rei meda. Eles passariam a servir reciprocamente como aliados contra os partos e, se necessário fosse, contra Otaviano. A Ásia agora estava quieta. Antônio voltou a Alexandria com a princesa meda Iotape, prometida a Alexandre Hélio.



Com as Dotações, Antônio e Cleópatra tinham enviado a Otaviano uma mensagem inequívoca. Fosse o que fosse que pretendiam para o Oriente, seus planos não o incluíam. Os dois homens ainda estavam em contato, próximo e mais ou menos cordial. Enviados e

informantes viajavam com frequência de um para o outro. Continuavam a se corresponder com amigos comuns. Permaneceram juntos no triunvirato até o final de 33. (Estavam livres, então, tanto de Lépido como do intratável Sexto Pompeu, que tinham sido eliminados. Derrotado por Otaviano, Sexto foi executado, mais provavelmente por ordem de Antônio.) Antônio tinha razão para se sentir invulnerável e mandou outra mensagem a Otaviano por volta dessa época. Ele renunciaria a seus poderes e restauraria uma república em Roma se Otaviano concordasse em fazer o mesmo. Antônio podia estar blefando. Podia estar gastando capital político barato; títulos romanos e a composição do governo romano preocupavam-no pouco no Oriente, onde ele parecia inclinado a permanecer. Recebeu uma mensagem direta, que pode até ter sido a que esperava. Havia já algum tempo que estava bem claro em que a longa permanência em Alexandria, o repúdio de Otávia, o reconhecimento de Cesário estavam resultando; sem dúvida, amigos mantinham Antônio e Cleópatra informados do clima em Roma. No começo do ano, Otaviano levantou-se no Senado para lançar um virulento ataque direto a seu colega. A partir desse ponto, é impossível dizer o que era maior: se as extravagâncias reais em Alexandria ou a versão romana delas; a ambição de Cleópatra ou a versão romana dela; o afeto de Antônio por Cleópatra ou a versão romana desse afeto. O palácio de Cleópatra sem dúvida era o edifício mais luxuoso do mundo mediterrâneo em 33, mas nunca foi tão magnífico como pareceu a partir de Roma nesse inverno.

Antônio e Otaviano tinham anos de inimizade acumulados. Quando as comportas finalmente se abriram, liberaram uma torrente. Um acusava o outro de se apropriar de terras indevidamente. Otaviano exigia sua parte dos despojos armênios. Antônio vociferou que seus homens não tinham recebido nenhuma parte das distribuições de Otaviano na Itália. (Otaviano respondeu que se Antônio queria terras estava livre para conquistar Pártia, acusação que deve ter machucado.) Otaviano condenou Antônio pelo assassinato de Sexto Pompeu, um assassinato que o próprio Otaviano havia comemorado em Roma e que se seguira à derrota de Sexto nas mãos de Otaviano.<sup>b</sup> Antônio denunciou Otaviano por ter

forçado o afastamento de Lépido ilegalmente. E o que aconteceu com seu direito de convocar tropas na Itália? Otaviano havia muito obstruíra esses esforços, com os quais havia concordado por tratado. Ele deixou Antônio reunir um exército de gregos e asiáticos. A propósito, onde estava o restante da frota que Antônio havia emprestado a Otaviano quatro anos antes? E os 18 mil homens que Otaviano prometera em troca? Antônio tinha sido escrupulosamente fiel em seus acordos. Otaviano não, insistentemente convocando Antônio para reuniões às quais deixava de comparecer. Como sempre, nada funcionava tão bem como a invectiva pessoal, quanto mais vil, melhor. Antônio infernizou Otaviano por causa de sua origem humilde. Ele descendia por parte de pai de fabricantes de cordas e agiotas, do lado da mãe de padeiros e donos de lojas de perfume. Para completar, Antônio mencionava um avô africano. Pior, Otaviano, o novo rico, alimentava pretensões divinas. Quando a carência de cereais infernizou Roma, ele e sua mulher, Lúvia, haviam dado um pródigo banquete. Os convidados chegaram fantasiados de deuses e deusas. Comeram obscenamente bem, com Otaviano presidindo a mesa vestido de Apolo. Otaviano, além disso, era um covarde. Havia desaparecido por dias e dias em Filipos. Seu dotado lugar-tenente, Marco Agripa, lutara nas batalhas no lugar dele. Possivelmente para desviar a atenção de Cleópatra e certamente passando por cima de seus arranjos com os medos, Antônio ridicularizava Otaviano por tentar casar a filha com um bárbaro, em função de uma aliança política. Nem todas as acusações eram falsas, nem mesmo vagamente novas. Algumas eram belas reedições de 44, quando os relatos de Cícero dos deslizes de Antônio eram tão extensos que, todos concordavam, nenhum homem conseguiria sofrer os castigos devidos a tudo aquilo.<sup>14</sup>

Antônio alegava que Otaviano era aleijado pelo medo e Otaviano afirmava que Antônio se acabava na bebida. Nesse fronte, Otaviano tinha diversas vantagens: bebia com moderação, ou ao menos assim anunciava. Alexandria dava festas melhores do que Roma. E Otaviano tinha a história do seu lado. Era bem fácil dizer que Antônio havia desaparecido numa bacanal, uma vez que Otaviano estava em Roma e Antônio, não. Para se defender, Antônio

respondeu com um panfleto, "Sobre a bebedeira dele". Em termos gerais, 33 foi o auge para poetas, panfletistas, apologistas, pichadores, assim como todos os amantes da conversa fiada e das ficções do outro mundo. A intriga era mais natural para Otaviano que para Antônio, mas ambos demonstravam um impiedoso talento para a difamação. Otaviano recorria ao verso indecente. Antônio distribuía folhetos difamatórios. Os dois contratavam propagandistas. Muitas práticas um dia aceitáveis, eram, de repente, questionáveis. Antônio tomou conta de um estádio em Alexandria, o que era impensável, enquanto o fato de ele ter feito a mesma coisa cinco anos antes, com Otávia em Atenas, não provocava nenhum comentário. Da mesma forma, o caso de Antônio com Cleópatra um dia fora fonte de infindáveis piadas obscenas à mesa de jantar. Tal foi o caso no verão de 39, na comemoração perto de Nápoles; quando a animação da noite chegou ao auge, a conversa acabou em Cleópatra, num momento em que as lascivas "boas relações estavam em alta"<sup>15</sup>. Ela não era mais alvo de risadas.

Os socos continuaram, tanto acima como abaixo da cintura. Antônio e Otaviano percorreram a litania costumeira entre colegiais: efeminação, sodomia, covardia, falta de refinamento (ou excesso de refinamento), práticas de higiene pessoal. Otaviano era "um verdadeiro fraco"<sup>16</sup>. Antônio tinha perdido o vigor. Não podia mais ganhar nenhuma competição a não ser de dança exótica ou de artes eróticas. Antônio caçoava de Otaviano por ter ido para a cama com seu ilustre tio-avô. De que outra forma explicar sua inesperada adoção? Otaviano reagia com algo ainda mais duro e mais pertinente, embora igualmente falso: Cleópatra *não* tinha ido para a cama com seu tio-avô. Cesário dificilmente seria filho do divino César, notícia que Otaviano arrolou num panfleto que distribuiu. Antônio condenou o casamento apressado de Otaviano com Lívia, imensamente grávida do filho de outro homem no dia do casamento. Ele revelou o costume de Otaviano desaparecer com as esposas de seus convidados de banquete e devolvê-las desarrumadas à mesa. Ele desvendou o bem conhecido costume (muito provavelmente inventado) de Otaviano procurar e deflorar virgens. (Segundo Suetônio, Otaviano seduzia cientificamente. Ele visava às esposas de

seus inimigos para descobrir o que os maridos estavam dizendo e fazendo.) No departamento de depravação, Otaviano não precisava recorrer a ficções.<sup>17</sup> Tinha suas armas bem à mão. Desafiando o costume romano e sua impecável esposa romana, o triúnviro colega de Otaviano se divertia numa capital estrangeira com uma rainha de rapina, por quem havia perdido a cabeça, esquecido seu ilustre país e abandonado tudo o que restava de suas virtudes *viris romanas*. Qual romano de respeito iria tolamente preferir, como dizia Cícero, “a riqueza invejosa, a luxúria do despotismo” à “glória estável e sólida”<sup>18</sup>? Sob muitos aspectos, o confronto resumiu-se a uma disputa entre pompa e machismo.

Em algum momento do ano, Antônio respondeu a Otaviano privadamente, com uma carta da qual sobreviveu um pedaço. Ele não soa como um homem procurando briga. Nem como alguém fora de si de amor, nos espasmos de uma paixão perturbadora. As sete linhas que sobrevivem, dedicadas a Cleópatra, foram traduzidas de incontáveis maneiras, de indecorosa a picante ou debochada. A última é a mais precisa. O tom de Antônio não é surpreendente para Roma, onde considerações políticas e financeiras determinavam os casamentos da classe alta. Sexo podia-se encontrar por toda parte. O que, perguntava Antônio em 33, tinha dado em Otaviano? Por que exatamente toda a confusão? Será que importava mesmo tanto que ele estivesse “comendo a rainha”? O próprio Otaviano não era nenhum marido modelo, como bem sabiam ambos.<sup>c</sup> Nem ele era inocente. Tinha aproveitado amplamente o que Antônio chamou de suas “aventuras amorosas e farras juvenis”<sup>19</sup>. Tratava-se apenas de sexo, afinal, e não tinha nada de novidade; como Otaviano bem sabia, a relação de Antônio com Cleópatra já durava nove anos. (Ele datava o início em Tarso.) Não fica totalmente claro se ele tinha a intenção de legitimizar o caso ou diminuí-lo. A linha que vem em seguida a “comendo a rainha” pode ser traduzida como “ela é minha esposa” ou “será que ela é minha esposa?”. Dado o ritmo de fogo rápido de suas perguntas, Antônio parece estar querendo desvalorizar o relacionamento. Ele estava, afinal, escrevendo a seu cunhado. O que insinua parece ser: “Ela não é minha esposa, é?” A resposta, de qualquer modo, era irrelevante. “Será que realmente

importa”, Antônio conclui, “onde ou com quem se cruza?”<sup>20</sup> Qualquer que seja a tradução da última frase, o verbo pertence ao reino animal. Não fica bem claro até que ponto essas sete linhas vulgares têm a ver com a realidade; o que chegou até nós pode muito bem ser uma paráfrase, mais indecente que o original. Deixando de lado Otávia, Antônio e Cleópatra não eram casados pelos padrões romanos, como Cleópatra sabia muito bem. De qualquer forma, ali ela entrou — ou foi encaixada — em seu maior papel. Otaviano não precisava de mais nada para atacar seu rival. A julgar pelos fragmentos que restam, foi Otaviano quem transformou o idílio alexandrino num tórrido caso de amor.

Enquanto o relógio corria para o fim do triunvirato, pouco provável de ser renovado, Antônio e Cleópatra escaparam para Éfeso. Éfeso tinha sido a primeira cidade a reconhecer Antônio como Dionísio encarnado e a lhe dar as boas-vindas nos portões da cidade com altos vivas e música. Depois de Filipos, ele havia oferecido esplêndidos sacrifícios e generosos perdões no local, para um povo brutalizado pelos assassinos de César. A cidade de 250 mil habitantes continuava demonstrando simpatia por ele. Antônio então fez arranjos para que Éfeso saudasse Cleópatra como sua amante real. Um rico centro bancário de ruas estreitas e sombreadas, com colunatas de mármore, Éfeso gozava de magnífica localização. Construída na encosta íngreme de um vale, dava para montanhas escarpadas de um lado, para o mar de outro. Éfeso exibia vários templos notáveis, dos quais o mais famoso era o de Ártemis, onde tanto o pai como a irmã de Cleópatra tinham procurado asilo, e diante de cujos capitéis jônicos sua irmã encontrara a morte.<sup>21</sup>

Localizada estrategicamente em frente a Atenas, do outro lado do Egeu, à beira de um bom porto, Éfeso era também o endereço ideal onde estabelecer uma base militar. A partir da costa da Ásia Menor, Antônio começou a juntar uma marinha, mandando mensagens a todos os reis associados da região. Eles responderam com frotas e juraram lealdade. Cleópatra era a maior fornecedora individual de equipamentos, armando duzentos dos quinhentos navios de guerra de Antônio, inteiramente equipados, além de 20 mil talentos e de todos os suprimentos necessários para sustentar um vasto exército

— nesse caso, 75 mil legionários, 25 mil soldados de infantaria, 12 mil da cavalaria — durante toda uma guerra. É pouco provável que ela tenha hesitado em fazê-lo. Improvavelmente, a estrela de Otaviano brilhava em Roma. Ele havia acumulado vitórias enquanto Antônio ficara atolado no Oriente. Era difícil para os dois triúnviros coexistirem pacificamente. Para um implacável e ambicioso Otaviano coexistir com Cesário era impossível. Ao contrário da campanha parta, essa era tão vital para Cleópatra como para Antônio. Ela estava cheia de razão em empenhar nela a si mesma, e ao Egito. No último dia de 33, o triunvirato expirou oficialmente.



No começo de janeiro de 32, um novo cônsul falou enfaticamente no Senado romano, elogiando Antônio. E prosseguiu, atacando Otaviano. Ao saber da denúncia, Otaviano fez uma visita ao Senado, com soldados e partidários como guarda-costas. Eles não fizeram qualquer esforço para disfarçar as adagas debaixo das togas. Em 44, Cícero se perguntara se o filho adotivo de César pretendia dar um golpe; ele o deu nesse momento. Despejando sua própria torrente incendiária de acusações, Otaviano aterrorizou a oposição, que silenciou. “Por meio de certos documentos”,<sup>22</sup> ele prometia demonstrar que Antônio constituía uma ameaça a Roma. Fixou a data em que apresentaria suas provas. Os cônsules da oposição tinham visto as adagas; sabiam que era melhor esperar essa sessão e fugir da cidade em segredo. Quase quatrocentos senadores os seguiram, indo para Éfeso, onde relataram qual era o clima político de Roma. Sem dúvida, Antônio subestimava a força e a posição de Otaviano. E havia se aliado a Cleópatra com grande risco. Ela comprometia seriamente a causa.

Muitos colegas de Antônio — ao menos um terço do Senado estava do seu lado — defendiam a remoção dela. Mais uma vez Antônio curvou-se à razão e concordou em dispensar Cleópatra. Ele ordenou que ela “partisse para o Egito e lá esperasse o resultado da guerra”.<sup>23</sup> Ela recusou, possivelmente, como afirma Plutarco, porque temia que Otávia pudesse intervir outra vez, para impedir uma

guerra que Cleópatra sabia que era essencial para seu próprio bem; possivelmente porque não tinha confiança no julgamento de Antônio; possivelmente porque teria sido irresponsável agir de outro modo. Ela não era nenhuma rainha guerreira; os Ptolomeus recentes não haviam demonstrado gosto pela guerra. Eles não morriam em campos de batalha, como os monarcas orientais. Eles apoiavam a convicção de que um império podia ser conquistado com dinheiro, mais do que conquistar dinheiro com um império.<sup>24</sup> Ela era, porém, comandante em chefe de seus homens, responsável por sua preparação e suas operações. Era também a pagadora de Antônio. Um sóbrio conflito de vontades seguiu-se então. Dessa vez, Cleópatra não se entregou a uma greve de fome debilitante. Tomou a posição oposta, ajudada por Canídeo, o talentoso general de Antônio, que se diz ter sido subornado por ela para defender sua posição. Ele poderia também ter ficado impressionado com ela. Sem dúvida, Canídeo protestou, não era justo banir um aliado tão útil para a campanha deles. Ela alimentava as tropas. Ela provia a frota. Ela era tão capaz quanto qualquer homem. Antônio não entendia que as tripulações egípcias ficariam desmoralizadas com a partida dela? Aqueles homens constituíam a espinha dorsal da marinha dele. Eles lutariam por sua rainha, não necessariamente por um general romano. Se Antônio refutasse suas afeições egípcias, ofenderia também seus aliados orientais. Cleópatra desafiou Antônio a explicar como ela “era inferior em inteligência a qualquer dos príncipes que participavam da expedição, ela, que por longo tempo governara um reino tão grande sozinha e” — ela fazia um elogio —, “em sua longa associação com Antônio, aprendera a administrar grandes negócios”<sup>25</sup>. Seus argumentos ou o seu baú de guerra fizeram sentido. Cleópatra conseguiu que fosse do seu jeito.

Em abril de 32, Antônio e Cleópatra partiram com o pessoal de Antônio para a ilha de Samos, no litoral do que é hoje a Turquia. Samos era um trampolim para a Grécia, onde muito provavelmente a luta pelo controle do mundo romano teria lugar. Enquanto o casal se instalava na ilha montanhosa, suas tropas eram transportadas de barco para o oeste, atravessando o Egeu, numa operação que teria exigido bem um mês. Os veteranos de Antônio tinham voltado da

Armênia; ao lado dos recrutas orientais, ele havia juntado cerca de dezenove legiões. Não temos como saber quais eram as preocupações militares ou políticas do verão, obliteradas pelas descrições que Plutarco faz dos divertimentos em Samos. A luxuriante ilha de veraneio era o lugar ideal para fazer uma festa, e Antônio estava em boa posição para isso. Tinha tempo disponível. Otaviano enfatizou a extravagância da festa, que ficou registrada como mais uma farrá dionisíaca. Assim como todo rei e príncipe a leste de Atenas contribuiu com forças, também todos os artistas dramáticos compareceram a Samos. Chegavam em bandos. Durante dias sem fim tocadores de alaúde e flautistas, atores e dançarinos, acrobatas e mímicos, harpistas e transformistas — “uma turba de artistas asiáticos”<sup>26</sup> — realizaram um resplandecente festival multilíngue de música e teatro. “E enquanto quase todo o mundo em torno estava cheio de gemidos e lamentações”, Plutarco relata com os lábios contraídos, “uma única ilha ressoou durante muitos dias com flautas e instrumentos de corda; os teatros se enchiam e os corais competiam entre si.” Todas as cidades enviaram também animais para sacrifício; os reis associados “disputavam uns com os outros nos mútuos divertimentos e presentes”<sup>27</sup>. A pergunta em todas as mentes era o que Antônio e Cleópatra apresentariam em seu desfile triunfal que pudesse superar as pródigas festividades pré-guerra.

Em maio, Antônio e Cleópatra fizeram uma viagem breve ao Ocidente, às colinas de Atenas. As festas continuaram nos teatros e no vasto estádio de assentos de mármore da cidade, que, havia nove anos, tinha dado as boas-vindas a Antônio como Dionísio e onde ele agora podia assumir o papel mais de perto.<sup>28</sup> Parecia que ninguém que tivesse os meios para tanto havia passado por Atenas sem contribuir com uma escultura, um teatro, um estádio de mármore liso; quando não o faziam, os atenienses erigiam uma estátua para eles. (Os ancestrais de Cleópatra tinham contribuído com um estádio, a leste do mercado.) Enquanto Antônio se distraía com esportes e teatro, duas questões se esclareceram, em rápida sucessão. Cleópatra passou o verão na célebre cidade onde Antônio havia vivido a maior parte de seus anos com Otávia. A esposa de

Antônio comparecera a palestras em sua companhia. Eles tinham concebido ali seu segundo filho. Ela permanecia uma presença viva; estátuas dela adornavam a cidade venerável, assim como inscrições em sua honra.<sup>29</sup> Os atenienses a aceitaram como uma deusa. O festival religioso anual prestava-lhe tributo. Isso era inaceitável para Cleópatra, para quem muita coisa havia mudado nos catorze anos que haviam se passado desde que vivera quietinha do outro lado da cidade da esposa de César. Ela não queria mais ouvir falar do que Lucano chamaria de “relações ilícitas e filhos bastardos”. Além disso, Cleópatra era a primeira rainha ptolomaica a pisar em Atenas, uma cidade que tinha toda razão para recebê-la bem: em diversas ocasiões a cidade havia contado com sua família — para cereais, para assistência militar, para refúgio político — desde o começo do século III. Atenas erigira estátuas a Ptolomeus anteriores, inclusive à tia-avó de Cleópatra.<sup>30</sup> Cleópatra tinha em vista, porém, uma outra mulher; ela registrara cuidadosamente os tributos prestados a Otávia. Ficou com ciúmes. Partiu para a ofensiva, tentando “por meio de muitos esplêndidos presentes, conquistar o favor do povo”<sup>31</sup>, em outras palavras, apagar os passos de sua predecessora. Realistas e razoáveis, os atenienses acederam, para delícia de Antônio. Prestaram múltiplas honras a sua amante. Instalaram estátuas de Cleópatra e Antônio na Acrópole, no centro da cidade. Em uma ocasião, Antônio apareceu em meio a uma delegação que prestava tributo a Cleópatra e fez um discurso em favor da cidade.

Do verão de 32, data também um presente notável: Antônio deu a Cleópatra a biblioteca de Pérgamo, única coleção que rivalizava com a de Alexandria. As quatro salas dessa biblioteca, no pitoresco alto de uma montanha, abrigavam cerca de 200 mil rolos; durante séculos, bustos de Homero e Heródoto lhes faziam companhia.<sup>32</sup> A história fez disso um presente de casamento de Antônio, ou recompensa pelos volumes que César havia inadvertidamente destruído na Guerra Alexandrina. No contexto, o grande gesto não exigia explicação. Pérgamo não ficava longe de Éfeso. É provável que Antônio e Cleópatra tenham feito uma visita à cidade, a poucos dias de viagem. Durante anos também o jeito de juntar uma coleção

tinha sido saquear de outrem. Já havia alguma tradição disso em Roma, onde bibliotecas ainda estavam na infância.

A maior parte dos relatos sobre a paixão desorientada e degradante de Antônio por Cleópatra data do verão ateniense. Se em Alexandria ele a havia distraído dos negócios de Estado, as coisas agora se invertiam. Ele atendia a ela principalmente. “Muitas vezes, enquanto ele estava sentado no tribunal aplicando a justiça a tetrarcas e reis, recebia bilhetes amorosos dela em tabletes de ônix ou de cristal e os lia”,<sup>33</sup> nos conta Plutarco. (Antônio não foi o primeiro a receber cartas de amor em ocasiões de Estado. César também tinha recebido “libertinagens escritas”<sup>34</sup> durante sessões do Senado. Aquela amante, porém, não escrevia em tabletes de ônix.) Em uma ocasião, Cleópatra passou abertamente pelo tribunal nos ombros de seus criados, enquanto Antônio presidia uma sessão de justiça. Um distinto orador romano estava falando na banca, pelo menos até Antônio enxergar Cleópatra. Ele então “saltou de seu tribunal, abandonou o julgamento e pendurado na liteira de Cleópatra acompanhou-a”.<sup>35</sup> Era um comportamento ignóbil; um romano jamais podia se permitir uma vida sexual tão diversificada e lasciva como quisesse, tinha de ser discreto e não sentimental em suas afeições. Pompeu havia se tornado motivo de riso pelo hábito indecente de se apaixonar pela própria esposa. No século II, um senador foi expulso daquela assembleia por beijar sua esposa em público, na frente da própria filha.<sup>36</sup> Antônio havia sido repreendido anos antes, por fazer abertamente um carinho em sua esposa. Dizia-se que, nessa época, ele se levantava durante banquetes, diante dos convidados reunidos, para massagear os pés de Cleópatra, “cumprindo algum acordo ou combinação que tinham feito”.<sup>37</sup> (O relacionamento se dava por meio de pactos, apostas e competições, algo que Cleópatra evidentemente punha na mesa. Antônio era pouco inclinado a formalidades.) O gesto era em si ofensivo; havia criados para essas coisas. E acumulavam-se as histórias do que uma outra época poderia considerar galanteria ou devoção, do que o Oriente qualificava de homenagem adequada, do que em Roma era indecente e indigno. Antônio paparicava Cleópatra, que era o que eunucos faziam.<sup>38</sup> Ele acompanhava sua liteira pelas ruas, entre os

criados. E isso, bufavam os romanos, atirando à rainha egípcia o insulto que costumavam usar com as amantes, quando ela não era nem bonita!

Do ponto de vista de Otaviano, os relatos de Atenas eram bons demais para ser verdade, como podiam bem ser. Apesar de todos os preparativos marciais, de todas as irregularidades governamentais em Roma, apesar do crescente senso de inevitabilidade, não havia uma causa real para ruptura: Antônio e Otaviano continuavam dois homens em busca de um conflito. E encontraram um em 32. Antônio evidentemente sentia algum nível de ligação com Cleópatra ou com ela se sentia invencível: em maio, divorciou-se de Otávia. De Atenas, ele a instruiu a deixar a confortável casa deles. Não temos como saber até que ponto o gesto era dirigido a Otávia, ou ao irmão dela. Vindo como veio depois de anos de reconciliações insinceras e acordos inconsistentes, depois de uma temporada de calúnias, podia ser apenas uma desculpa vinda da direção oposta. Otávia pode ter escolhido encerrar o casamento ela mesma. O divórcio em si era simples, um procedimento informal para o qual não havia papelada. Suas ramificações eram mais complexas.<sup>39</sup> Como observa Plutarco sobre a morte da esposa de Pompeu, filha de César, a aliança familiar “que tinha até então velado mais que restringido a ambição dos dois homens, chegava então ao fim”.<sup>40</sup> Cleópatra só pode ter ficado em êxtase; ela já havia convocado um amigo de Antônio para distraí-lo de todas as lembranças de sua esposa. Otaviano ficou mais que contente. Otávia desolada. Chorosa, fez as malas. Levou consigo os filhos de Antônio, assim como o segundo filho dele com Fúlvia. Não houve recriminações. Otávia só se preocupava que pudessem dizer que ela precipitara uma guerra.

Na medida em que se pode estabelecer uma cronologia livre de propaganda, as relações no acampamento de Antônio estavam abaladas bem antes do divórcio. Apesar de todas as posteriores afirmações de que romanos de alta classe ficavam impotentes e encantados aos pés dela, em 32 não se ouvia nenhum louvor, nenhuma carícia sobre a voz de prata de Cleópatra. As opiniões sobre o iminente conflito eram tantas quantos os conselheiros de Antônio. Por uma variedade de razões, muitas delas legítimas,

alguns continuavam a ver Cleópatra como uma desvantagem. Um acampamento militar não era lugar para uma mulher. Cleópatra distraía Antônio. Ela não devia participar de um conselho de guerra; não era general. Antônio não podia entrar na Itália na presença de uma estrangeira e não era aconselhável demorar a fazer isso. Ele estava desperdiçando suas vantagens por causa da rainha egípcia. A crítica não despertava o que havia de melhor nela. A certo ponto, os partidários de Antônio em Roma mandaram seu amigo Gemíneo a Atenas, para argumentar com ele. Antônio tinha de se defender em casa, onde era severamente atacado por Otaviano. Por que ser retratado como inimigo público, escravizado por uma estrangeira? Gemíneo era uma voz inspirada para a delicada missão, tendo vivido ele próprio algumas experiências de se apaixonar além dos limites da razão e da inteligência. Cleópatra achou que havia sido Otávia quem enviara Gemíneo e tratou-o de acordo. Mantinha o emissário o mais afastado possível de Antônio. No jantar, ela o punha sentado ao lado dos convidados menos importantes. Bombardeava-o com sarcasmo. Gemíneo suportava os insultos em silêncio, esperando pacientemente uma audiência com Marco Antônio. Antes que isso acontecesse, Cleópatra desafiou-o, em meio a um ruidoso jantar, a explicar sua missão. Ele respondeu que os detalhes “exigiam uma cabeça sóbria, mas de uma coisa ele sabia, bêbado ou sóbrio: que tudo ficaria bem se Cleópatra fosse mandada para o Egito”. Antônio irrompeu em fúria. Cleópatra foi mais brutal. Ela elogiou Gemíneo por sua honestidade, que a poupava de ter de torturá-lo. Dias depois, ele fugiu para Roma, para juntar-se a Otaviano.

Os cortesãos de Cleópatra também não eram bem-vistos pelos romanos, decepcionados com os “truques bêbados e as grosserias”<sup>41</sup> dos egípcios. Por razões que não são claras, Planco, o peixe dançarino da farrá alexandrina, desertou também, e voltou a Roma. Estava desgostoso. A deserção pode não ter tido nada a ver com Cleópatra nem com seus conselheiros. Cortesão nato, Planco tendia para o caminho da menor resistência. Ele traía tão bem como se curvava e cobrava. “A traição”, seria dito, “era uma doença para ele.”<sup>42</sup> Tratava-se, porém, de um homem de instinto político impecável. Com certeza, alguma coisa transpirara para fazê-lo

duvidar de que Antônio, apesar de seu poder e prestígio gigantescos, de seus anos de experiência, pudesse vencer Otaviano. Planco estava entre os conselheiros mais próximos de Antônio. Durante algum tempo, fora encarregado da correspondência de Antônio. Conhecia seus segredos. Fugiu para Otaviano com relatórios completos sobre massagens nos pés, banquetes pródigos e rainhas altivas, assim como informações concernentes ao testamento de Antônio, para o qual Planco havia sido testemunha.<sup>43</sup> Otaviano requisitou imediatamente esse documento das virgens vestais, com quem deveria estar em segurança. Nele descobriu, ou disse descobrir, uma quantidade de passagens escandalosas. Essas ele anotou cuidadosamente, para poder lê-las em voz alta no Senado. A maioria dos membros dessa instituição não desejava participar dessa transgressão. O testamento de um homem só podia ser aberto depois de sua morte, o que fazia com que fosse ilegal quebrar o selo de tal documento antes do evento. Esses escrúpulos desapareceram quando Otaviano chegou ao fim de sua apresentação, revelando uma abominável provisão. Mesmo que ele morresse em Roma, Antônio determinava que seu corpo “fosse transportado pelo Fórum e enviado para Cleópatra no Egito”<sup>44</sup>.<sup>d</sup>

Genuína ou não, a cláusula acendeu uma grande fogueira, para a qual Otaviano havia impiedosamente acrescentado combustível. Em seu golpe de janeiro, ele prometeu ao Senado provas documentais contra Antônio. Ele agora as exibia fartamente. De repente, relatos dos excessos atenienses, da subserviência de Antônio a Cleópatra, os detalhes sensacionalistas, lascivos, que no geral haviam se acreditado falsos, pareceram críveis. Em um mundo deslumbrado pela retórica, viciado em “favos de frases, cada palavra e ato salpicado de sementes de papoula e gergelim”<sup>45</sup>, o plausível podia superar o real. Otaviano tinha a seu dispor muitos veios generosos para minerar. Só as depredações do Oriente — aquele reino embriagador, destemperado, irracional — já forneciam um rico filão de material. Como sua rainha, o Egito era sedutor e voluptuoso; a moderna associação entre o Oriente e sexo já era velha no século I.<sup>46</sup> A África era o endereço da decadência moral. Daí não era preciso um grande salto para transformar o Antônio das Dotações em um

déspota oriental louco pelo poder e dissoluto: “Em sua mão havia um cetro de ouro, na cintura uma cimitarra; ele usava um manto púrpura cravejado de grandes pedras preciosas; só faltava mesmo uma coroa para fazer dele um rei farreando com uma rainha.”<sup>47</sup> Mais uma vez era a história do diadema e das estátuas de ouro; os acessórios da realeza enervavam os romanos mais do que a própria autocracia, que eles tinham tolerado numa versão mais sutil durante pelo menos uma década. No entender de Otaviano, Antônio estava irremediavelmente contaminado pelo langor oriental e pelos luxos não romanos do Oriente, da mesma forma que César e Alexandre, o Grande, tinha estado antes dele. Por sua vez, Otaviano logo iria descobrir que o Egito conferia a seu conquistador uma dúbia bênção, uma literal suspensão de riquezas. Como um prodigioso fundo fiduciário, convencia os homens de que eram deuses.

Otaviano tirou o maior proveito do caso de Antônio com Cleópatra. Ela permitiu que ele reciclasse o mais antigo dos argumentos: a alergia a uma mulher poderosa era ainda mais forte do que a alergia à monarquia ou ao Oriente depravado. Cleópatra podia controlar ou não Antônio, mas ela permitiu inequivocamente que Otaviano controlasse a narrativa. Ele tinha a sua disposição todo o repertório de tiradas de Cícero contra Fúlvia, aquela virago avara e licenciosa. Diligente como sempre, Otaviano melhorou essas tiradas. Em suas mãos peritas, o caso egípcio desabrochou numa história de paixão cega e irresponsável. Antônio estava sob a influência de algum poderoso narcótico, “enfeitiçado por essa mulher amaldiçoada”.<sup>48</sup> Escrevendo com maior fidelidade aos acontecimentos, Veleio Patérculo forneceu a versão oficial, destilada a puros causa e efeito: “Então, como seu amor por Cleópatra ficou mais ardente”, explica Veleio, admitindo que Antônio abraçou os vícios orientais, “ele resolveu guerrear contra seu país.”<sup>49</sup> Cleópatra não chega a corromper Antônio, ela o “derrete e emascula”.<sup>50</sup> Na versão de Otaviano, ela é dominante, e Antônio, servil; um relato do relacionamento radicalmente diferente daquele que o esportivo Marco Antônio fornecera meses antes. Mesmo admitindo que as acusações eram questionáveis, todos os cronistas aceitam a tese. Antônio se tornou “um escravo de seu amor por Cleópatra”, “ele nem

pensava na honra, apenas se tornou o escravo da mulher egípcia”, entregou sua autoridade à mulher a tal ponto que “não era senhor nem de si mesmo”.<sup>51</sup> A estrutura era velha a ponto de ter um equivalente mítico, ao qual Otaviano prontamente apelou. Antônio dizia descender de Hércules. Otaviano não deixou ninguém esquecer que Hércules passou três anos, desarmado e humilhado, como escravo da rica rainha asiática Ônfale. Ela tira de seu corpo a pele de leão e a clava e, vestindo ela própria a pele, se põe acima de Hércules enquanto ele fia.

Otaviano deu uma virada imaginativa nas acusações. Ele precisava, afinal, reunir um país exausto, faminto, depauperado depois de quase vinte anos de guerra civil. Aos banhos quentes e mosquiteiros, aos acessórios de ouro e cimitarras preciosas, à relação ilícita e aos filhos bastardos, ele acrescentou uma provocação gigantesca. “A mulher egípcia exigiu do general bêbado o Império Romano como preço por seus favores; e Antônio o prometeu a ela, como se os romanos fossem mais fáceis de conquistar do que os partos”,<sup>52</sup> relatou Floro. Dio chegou à mesma conclusão, por meio de uma lógica mais tênue: “Por ter encantado e envolvido de tal modo não apenas a ele, mas a todos os outros que tinham qualquer influência sobre ele, ela concebeu a esperança de governar até mesmo os romanos.”<sup>53</sup> Cleópatra já tinha a biblioteca de Pérgamo. Tinha os jardins de bálsamo de Herodes. Circulavam notícias de que Antônio havia saqueado o melhor da arte dos templos da Ásia, inclusive os famosos colossos de Hércules, Atena e Zeus que há séculos existiam em Samos, para presentear a rainha egípcia.<sup>54</sup> Se Antônio queria mandar seu corpo para ela, o que poderia negar-lhe? E o que ela hesitaria em pedir?

Parece ter sido Otaviano quem resolveu que Cleópatra conspirava para fazer de Roma uma província do Egito, ideia muito improvável de ter passado pela cabeça ágil dela. Ele tinha a seu favor a conhecida imagem da esposa gastadeira e conspiradora, para quem nenhum diamante era grande o bastante, nenhuma casa suficientemente espaçosa. Como disse Eutrópio, séculos depois, Antônio começou uma guerra por insistência da rainha do Egito, que “tinha o desejo feminino de também reinar na cidade”.<sup>55</sup> e Já então

se admitia “que as maiores guerras tinham ocorrido por causa de mulheres”.<sup>56</sup> Famílias inteiras haviam sido arruinadas por causa delas. E as mulheres egípcias — como sempre, culpa do ardente, sinuoso e abertamente subversivo Oriente — já haviam causado a sua cota de problemas. Elas eram dotadas de um ardor insaciável e de uma fenomenal energia sexual. Um marido não bastava a elas. Elas atraíam e arruinavam os homens. Otaviano só reunira as provas disso.

Ele havia encontrado um astuto disfarce para uma guerra civil, que quatro anos antes declarara oficialmente encerrada e à qual havia prometido nunca mais conduzir seus homens. Era muito mais palatável, muito mais crível, que Antônio fosse destruído por um amor ilícito do que por seus conterrâneos! Não era nada difícil reunir legiões — ou cobrar mais impostos, lançar pais contra filhos — com o argumento de que Cleópatra estava decidida a conquistá-los como havia conquistado Antônio. Como o grito de batalha que Lucano formulou um século depois: “Uma mulher, nem mesmo romana, governando o mundo?”<sup>57</sup> A lógica era simples. A rainha egípcia havia dominado Antônio. Roma, alertou Otaviano, seria a próxima. No final de outubro, ele declarou guerra — a Cleópatra.



A declaração não devia ser inesperada. Pode até ter chegado como um alívio. Cleópatra, mesmo assim, deve ter ficado surpresa com seus termos. Ela não havia se envolvido em nenhuma hostilidade contra Roma. Havia se comportado como o vassalo ideal, embora um vassalo com privilégios. Mantivera a ordem em seu reino, supria Roma quando solicitada a isso; aparecera quando convocada, não agredira nenhum vizinho. Tinha feito tudo o que estava em seu poder para apoiar e nada para diminuir a insuperável grandeza de Roma. Tradicionalmente, um processo em três etapas precedia uma declaração de guerra romana: o Senado apresentava um pedido de restituição, seguido, depois de um mês, de um solene lembrete de que a satisfação ainda não fora dada. Três dias depois, um mensageiro viajava ao território inimigo, para abrir formalmente as

hostilidades. Otaviano não convocou Cleópatra nem para uma prestação de contas, nem para uma comunicação de acusações. Não fez nenhuma aproximação pelos canais diplomáticos. Em vez disso, hábil como sempre com a encenação, dispensou a parte cerimonial do processo. Com manto militar, ele atirou pessoalmente uma lança banhada em sangue de porco na direção do leste, seguindo um trecho de um ritual de "solo hostil" em Roma. (Especula-se que ele possa ter inventado esse rito antigo para a ocasião, que Otaviano ia inventando a história à medida que avançava. Ele era muito bom em restaurar tradições, inclusive aquelas que nunca existiram.)<sup>58</sup> Não havia acusação oficial, pela simples razão de que nenhuma podia ser formulada. Na medida em que Cleópatra era acusada de alguma intenção hostil, ela era condenada "por seus atos", convenientemente não especificados. Otaviano apostava que Antônio permaneceria fiel a Cleópatra, uma lealdade que, nessas circunstâncias, permitia que Otaviano acusasse seu compatriota de "ter voluntariamente, ao lado da mulher egípcia, promovido a guerra contra seu país natal".<sup>59</sup> No final de 32, o Senado caçou o consulado de Antônio e confiscou-lhe toda autoridade.<sup>f</sup>

Antônio e Cleópatra fizeram o possível para interpretar a provocação subjacente. Agora, eram obrigatoriamente aliados. Nessas circunstâncias, bradavam, como alguém podia confiar em um vilão como Otaviano? "O que ele pretende, então, nos ameaçando a todos igualmente com as armas, mas declarando num decreto que está em guerra com alguns e não com outros?"<sup>60</sup> Antônio implorou a seus homens. Seu traíçoeiro colega planejava apenas semear a discórdia, para melhor reinar como rei sobre todos eles. (Nisso, ele sem dúvida estava certo. Otaviano teria encontrado um jeito de começar uma guerra com Antônio, mesmo que Antônio deixasse Cleópatra.) Por que alguém iria se associar a um homem que sem nenhuma cerimônia desqualificava um colega, que ilegalmente se apoderava do testamento de um amigo, companheiro, parente? Otaviano não tinha coragem de se declarar abertamente, Antônio trovejou, embora "esteja em guerra comigo e já agindo como alguém que não só me venceu como também me assassinou".<sup>61</sup> A experiência, a popularidade, os números, estavam todos a favor de

Antônio; ele era o hábil comandante que tinha por trás os mais poderosos soberanos da Ásia. Quinhentos navios de guerra, um exército em terra com dezenove legiões, mais de 10 mil cavalarianos, respondiam a suas ordens. Não fazia diferença se ele não tinha autoridade em Roma. Um terço do Senado estava do seu lado.

Durante doze anos, Antônio afirmara que Otaviano conspirava para destruí-lo. Realística e oportunistamente, Cleópatra só podia concordar. O casal estava certo afinal. Antônio estava correto também ao achar que em termos de falsidade ele não era rival para seu antigo cunhado. (Cleópatra rivalizaria com ele, mas era obrigada a deixar Antônio conduzir as coisas.) Era uma infelicidade que Antônio tivesse se tornado um traidor de Roma, cacarejava Otaviano. Ele estava muito infeliz com aquele estado de coisas. Sentia por ele tamanho afeto que havia lhe confiado uma parte do comando e uma irmã muito adorada. Otaviano não havia declarado guerra nem quando Antônio humilhara sua irmã, negligenciara seus filhos e atribuíra aos filhos de outra mulher as posses do povo romano. Sem dúvida Antônio iria ver a luz. (Otaviano não tinha esperanças quanto a Cleópatra. “Porque julgo que ela seja”, caçoou ele, “senão por sua origem estrangeira, uma inimiga em função de sua conduta.”) Ele insistiu que Antônio iria “se não voluntariamente, ao menos relutantemente, mudar de atitude como resultado dos decretos emitidos contra ela”.<sup>62</sup> Otaviano sabia perfeitamente que Antônio não faria tal coisa. Ele e Cleópatra estavam além desse ponto. À parte as questões amorosas, ele era o mais fiel dos homens. A situação com Otaviano era, além disso, insustentável. Seria difícil dizer a quem Cleópatra era mais vital em 32: se ao homem de quem era parceira, ou ao homem para quem era um pretexto. Antônio não podia vencer uma guerra sem ela. Otaviano não podia começar uma.

Filipos tinha rendido a Antônio uma década de boa vontade; agora ela chegava abruptamente ao fim. No outono, ele e Cleópatra mudaram-se para o oeste de Patras, uma cidade nada notável na entrada do golfo de Corinto. A partir desse ponto, estabeleceram uma linha defensiva ao longo da costa ocidental da Grécia,

distribuindo homens de Ácio, ao norte, até Metoni, ao sul. A intenção parece ter sido proteger as linhas de suprimento para Alexandria, ao lado do próprio Egito, ao qual Otaviano havia, afinal, declarado guerra. Cleópatra aproveitou a pausa para emitir moedas, nas quais aparece como Ísis. Antônio mandou quantidades consideráveis de ouro a Roma, distribuiu propinas a torto e a direito. Ele tinha a força maior, mas mesmo assim trabalhou para minar a lealdade dos homens de Otaviano. O grosso desses fundos era provavelmente de Cleópatra. Enquanto isso, as arrecadações de guerra de Otaviano provocavam tumultos em Roma. Ademais, durante o inverno, houve um vaivém de espiões e senadores de lealdade frágil e volúvel. Muitos tinham enfrentado esse dilema ao menos uma vez antes: de quem se afastar, quem seguir? Era um teste de personalidade mais que de princípios. Em outras partes, parecia que um ímã havia passado pelo mundo mediterrâneo, atraindo os lados escorregadios para um firme alinhamento que “como um todo suplantava muito em tamanho qualquer coisa jamais vista”.<sup>63</sup> Os soberanos que Antônio havia instalado em 36 compareceram com toda força. Entre outros, os reis líbio, trácio, ponto e capadócio juntaram-se a ele com suas frotas.

O inverno passou em um pico febril de inércia. Pela segunda vez, o geralmente impulsivo Antônio parecia demorar para dar início a uma campanha, pela qual Cleópatra só podia estar impaciente. A cada mês ela cobria despesas consideráveis. (O costume era quarenta a cinquenta talentos anuais por legião, o que coloca a despesa de verão de Cleópatra em torno de 210 talentos apenas com a infantaria.) Era difícil evitar a impressão de que Antônio, o mais famoso soldado vivo, não estava com vontade de travar uma batalha épica. Em ocasião anterior, havia se dito de César que “ele queria mais uma reputação do que uma província”<sup>64</sup>, afirmação que podia ser mais verdadeira sobre seu protegido. Otaviano convidou Antônio para um absurdo encontro encenado. Antônio desafiou Otaviano a um duelo. Nenhuma das duas coisas se concretizou. No geral, os dois lados se limitaram a insultos e a ameaças vazias, a “espionar e incomodar um ao outro”.<sup>65</sup> O ar vibrava de rumores, em grande parte gerados por Otaviano. Em 33, ele expulsou de Roma

uma multidão de astrólogos e adivinhos, ostensivamente para expurgar a influência oriental, na verdade para melhor controlar o rumo da história. Na ausência deles, era fácil perceber quais as previsões que Otaviano preferia; ele desejava ser o único no ramo das profecias. E então correu a notícia de que as estátuas de Antônio e Cleópatra na Acrópole tinham sido atingidas por raios e estavam destruídas.<sup>66</sup> Apareceram serpentes de 25 metros de comprimento. Uma estátua de mármore de Antônio vertia sangue. Quando as crianças de Roma se dividiram em antonianos e otavianos para uma feroz batalha de rua que durou dois dias, os pequenos otavianos venceram. A verdade estava mais próxima daquela sugerida por dois corvos falantes. O treinador justo havia ensinado o primeiro a crocitar "Ave César, nosso vitorioso comandante".<sup>67</sup> E o outro aprendeu: "Ave Antônio, nosso vitorioso comandante." Um romano esperto teria toda razão para limitar suas apostas e para acreditar que com suas esquentadas retóricas e projetos pessoais, Antônio e Otaviano eram perfeitamente intercambiáveis. Mesmo os que tinham contato íntimo com os dois concordavam que cada um "desejava ser o governante, não apenas da cidade de Roma, mas do mundo inteiro".<sup>68</sup>

Os fundos e a experiência podiam estar em grande parte do lado de Antônio e Cleópatra, mas havia também ambiguidades, a começar pela questão do casamento deles, não necessariamente mais transparente em 32 do que hoje. Como estrangeira, segundo a lei romana, Cleópatra não podia ser esposa de Antônio, mesmo depois do divórcio dele. Só pela lógica mais branda e adaptável do Oriente grego é que se podia dizer que os dois estavam casados. Do ponto de vista egípcio, a questão era irrelevante. Cleópatra não precisava casar com Antônio, que não tinha nenhum status oficial no Egito, que ela governava junto com Cesário. Lá Antônio era um consorte e patrono da rainha, não um rei. Isso não era problema no Egito. Era perturbador para Roma.<sup>69</sup> Cleópatra deveria desempenhar um papel no Ocidente? Mais uma vez, não havia uma categoria para ela, ou melhor, havia: se ela não era esposa, por definição era uma concubina. E nesse caso, por que Antônio gravara a imagem dela em moedas romanas? As intenções conjuntas de Antônio e Cleópatra

também eram obscuras. Será que pretendiam realizar o sonho de Alexandre, o Grande, e unir os seres humanos através das fronteiras nacionais e sob uma única lei divina, como rezava a profecia? Ou Antônio pretendia instalar-se como um monarca oriental, com Cleópatra como imperatriz? (Isso facilitava para Otaviano: um romano renunciava a sua cidadania caso se ligasse formalmente a outro Estado.) O projeto dos dois podia ser mais bem-definido — provavelmente pretendiam estabelecer duas capitais —, mas no geral eles incomodavam o pensamento romano, que adorava categorias. E viraram de cabeça para baixo o arranjo dos reis associados. Um estrangeiro tinha de ser subserviente, não igual, a um romano. Nesse caso, era fácil para Otaviano argumentar contra a mulher transgressora, insaciável, voltada para a conquista. Ele o fez convincente e insistentemente. Um dos grandes classicistas do século XX vê Cleópatra agindo sobre Antônio como um parasita, para realizar ambições que ela não deve nem ter considerado.<sup>70</sup> As intenções militares também não era claras. Por que exatamente Antônio estava lutando? Ele podia, sim, pretender restaurar a República, como dizia, mas então o que fazer com a mãe de seus três filhos meio-romanos?

Para Otaviano, ao contrário, tudo era cristalino e categórico, ou pelo menos passou a ser quando ele transformou uma vingança pessoal em uma guerra internacional. O argumento dele tinha linhas mais claras e melhor visual. Ele fazia um esplêndido e espetacular apelo à xenofobia. Sem dúvida seus homens — “nós que somos romanos e senhores da maior e melhor parte do mundo”<sup>71</sup> — não iam se deixar abalar por aqueles primitivos? Não seria a última vez que o mundo se dividiria entre o Ocidente, masculino, racional, e o Oriente, feminino e indefinido, ao qual Otaviano declarou uma espécie de cruzada. Ele lutava contra alguma coisa, mas a favor de alguma coisa também: pela probidade, piedade e autocontrole romanos, exatamente as qualidades que seu ex-cunhado havia deixado para trás ao abraçar Cleópatra. Antônio não era mais um romano, mas um egípcio, um mero tocador de címbalo, efeminado, inconsequente e impotente, “pois é impossível para alguém que leva uma vida de luxo real, que mima a si mesmo como uma mulher, ter

um pensamento masculino ou praticar um ato masculino”.<sup>72</sup> <sup>9</sup> Otaviano atacou até o estilo literário de Antônio. E, a propósito, alguém havia notado que Antônio bebia? Otaviano enfatizava com pouca frequência seu papel de herdeiro de César. Em vez disso, apelava a histórias de sua própria divindade, que divulgava amplamente. Poucos em Roma ainda não tinham ouvido falar que ele era descendente de Apolo, a quem estava dedicando um lindo templo novo.

Ao reduzir Antônio a um tocador de címbalo, Otaviano conseguia um feito especialmente difícil. Ele admitia publicamente o que, desde então, já muitos homens observaram ao enfrentar uma mulher do outro lado de uma rede de tênis: numa disputa dessas, há mais orgulho a perder do que glória a conquistar.<sup>73</sup> Pela definição romana, uma mulher dificilmente podia ser considerada um oponente digno. Transformando uma acusação miúda em uma série de acordes ressonantes, depois arranjados para orquestra completa, Otaviano compôs uma rapsódia sobre Cleópatra. Ele a dotou de todos os tipos de poder, para criar um grotesco duradouro. Essa brutal, sanguinária rainha egípcia não tinha nada a ver com a Fúlvia dos últimos dias. Era uma inimiga perniciosa, ambicionando todas as possessões romanas. Sem dúvida o grande e glorioso povo que havia subjugado os germanos, pisado os gauleses e invadido os bretões, que tinha vencido Aníbal e queimado Cartago, não ia tremer diante “dessa peste de mulher”<sup>74</sup>? O que diriam seus gloriosos antepassados se soubessem que um povo de singulares vitórias e conquistas, ao qual todas as regiões do mundo estavam agora submetidas, havia sido pisado por uma rameira egípcia, seus eunucos, seus cabeleireiros? De fato, tinham pela frente um assombroso conjunto de forças, Otaviano garantiu a seus homens, mas para ganhar grandes prêmios, enfrentavam-se grandes desafios. Nesse caso, estava em jogo a honra de Roma. Era obrigação daqueles destinados “a conquistar e a governar toda a humanidade” permanecer à altura dessa ilustre história, vingar todos os que os insultavam e “não permitir que nenhuma mulher se fizesse igual a um homem”.<sup>75</sup> <sup>h</sup>



No começo de 31, o soberbo Agripa, almirante de Otaviano, fez uma rápida travessia de surpresa à Grécia. Amigo e mentor de Otaviano, ele provia a perspicácia militar que faltava a seu comandante. Agripa rompeu as linhas de suprimento de Antônio e capturou sua base sul. Na esteira dele, Otaviano transferiu 80 mil homens da costa do Adriático, através do mar Jônio. Isso forçou Antônio a ir para o norte. Sua infantaria ainda não estava posicionada; ele foi pego totalmente de surpresa. Cleópatra tentou acalmá-lo minimizando a súbita presença do inimigo em um bom porto natural (era provavelmente a moderna Parga) num promontório em forma de colher. “O que há de horrível em César estar numa concha?”<sup>76</sup>, ela caçoou. Imediatamente, Otaviano entrou em combate, que Antônio ainda não podia enfrentar. Suas equipes estavam incompletas. Por meio de um estratagema no começo da manhã, ele forçou Otaviano a se retirar. Seguiram-se semanas de provocações e escaramuças, enquanto Otaviano vagava livremente entre os portos da Grécia ocidental, e Antônio instalava suas legiões numa península arenosa na entrada sul do golfo Ambraciano. Ácio tinha um porto excelente, mesmo que numa área úmida e desolada; Antônio e Cleópatra não devem ter demorado a perceber que a terra baixa e pantanosa, coberta de samambaias e capim alto, era infinitamente mais adequada como local de combate do que um campo.<sup>77</sup> As semanas passaram em tentativas de batalha e decisões atenuadas. Otaviano não conseguia atrair Antônio para o mar. Antônio não conseguia enganar Otaviano em terra. Ele estava mais empenhado em cortar as linhas de suprimento, coisa em que se mostrou altamente eficiente durante a primavera e o começo do verão. Cleópatra pode ter pretendido mostrar completa indiferença a esse desembarque, mas a verdade é que na esteira de uma série de inexplicáveis decisões em câmera lenta — elas podiam não fazer sentido mesmo antes de os apologistas de Otaviano terem se apossado delas —, Antônio e Cleópatra começaram a perder vantagem. Enquanto isso, a questão da estratégia pairava sobre a cabeça de Antônio: enfrentar Otaviano em terra ou no mar? A maior parte do tempo os dois exércitos se olhavam com raiva através do estreito, de um promontório para outro.

À distância, o acampamento de Antônio devia ser esplêndido de se ver, com seus vastos e diversos exércitos, o brilho de mantos vermelho púrpura adornados com ouro. Altos trácios em túnicas negras e armaduras brilhantes misturavam-se a macedônios com mantos escarlates, medos com vestes de rico colorido. O manto militar ptolomaico, tecido com ouro, podia figurar num retrato da realeza ou numa cena mitológica. A ressecada planície grega se inflamava com equipamentos custosos, capacetes brilhantes e armaduras douradas, rédeas com pedras preciosas, plumas tingidas, lanças decoradas.<sup>78</sup> i A maior parte dos soldados era oriental, assim como um número cada vez maior de remadores, muitos dos quais recrutados ainda crus. Com eles reunia-se uma coleção ecumênica de armas: escudos de vime e aljavas trácios ao lado de dardos romanos e arcos cretenses, de longas lanças macedônias.

Cleópatra pagava grande parte da conta, mas contribuía com uma outra coisa também; ao contrário de Antônio, ela podia se comunicar com a reunião dos dignitários orientais. Falava a língua da cavalaria armênia, da infantaria etíope, dos destacamentos medos, assim como da realeza. Havia um código de comportamento entre os soberanos helênicos. A maioria havia conhecido rainhas poderosas. E Canídeo não errara. Com sua presença, Cleópatra lembrava as dinastias parceiras de que estavam lutando por algo diferente de uma república romana, na qual não tinham qualquer interesse. Tinham pouca simpatia tanto por Antônio como por Otaviano, contra os quais podiam facilmente se alinhar, como se haviam alinhado contra Roma em 89, com Mitrídates. Se não tivesse se atirado diretamente no coração dos negócios romanos com sua visita a César em 48, Cleópatra estaria exatamente na posição deles. Ela e Antônio só recusaram um soberano, naturalmente o mais entusiasmado do grupo. Herodes chegou com dinheiro, um exército bem-treinado, equipamento e um carregamento de cereais. Ele mandou também um conselho bem conhecido.<sup>79</sup> Se Antônio assassinasse Cleópatra e anexasse o Egito poria fim a seus problemas. O exército e as provisões de Herodes ficaram, mas a permanência dele no acampamento foi breve. Devido a seu inestimável conselho foi mandado a combater Malco, o rei nabateu,

que parecia não estar em dia com seus pagamentos do betume. Ao mesmo tempo, Cleópatra ordenou a seu general daquela região rochosa que frustrasse os esforços de ambos os monarcas. Ela preferia que um destruísse o outro.

Mais perto, as coisas não estavam muito mais róseas. A espera num vasto acampamento militar multiétnico, sob condições menos que salubres, cobrava seu preço. À medida que subia a temperatura, as condições deterioravam. A presença de Cleópatra não colaborava para o moral. Muito acuradamente, Herodes atribuía sua dispensa a ela. É bem claro que ela ocupava uma posição vital no acampamento e nada fazia para se desculpar por isso; como comandante em chefe do Egito, ela acreditava que as preparações e operações de guerra eram seu dever. Dava a impressão de considerar que Antônio era o único amigo de que precisava. Ela não admitia ser silenciada, o que é irônico dado o pouco que sobreviveu de sua voz; não haveria nada como a deferência da rainha Isabel da Espanha: “Sua Alteza me perdoe por falar de coisas de que não entendo.”<sup>80</sup> É impossível dizer o que veio primeiro, se a humilhação romana diante da presença de Cleópatra ou a arrogância de Cleópatra com os romanos. Afirma-se que os oficiais romanos tinham vergonha dela e de seu status de igual. Os companheiros mais próximos de Antônio objetavam à autoridade dela.<sup>81</sup> Ela havia se encurralado num canto: relaxar a guarda significava ser mandada para casa. Manter a guarda seria ofensivo. Ela devia estar abalada também. Houve muitas cenas tempestuosas com Antônio.

Cleópatra não conseguiu, particularmente, cair nas graças de Gneu Domício Enobarbo, o mais notável partidário de Antônio. Republicano orgulhoso, na primavera anterior, Enobarbo havia conduzido os cônsules que fugiram até Éfeso. Era um homem resoluto e incorruptível. Desde o começo teve problemas com Cleópatra. Recusava-se a dirigir-se a ela por seu título; para ele, ela continuava sendo apenas “Cleópatra”. Ela tentou comprá-lo, mas acabou descobrindo que ele era tão firme quanto Planco era pastoso. Fiel a sua reputação, Enobarbo falava. Não fazia segredo de sua opinião de que ela constituía uma dificuldade. E ele acreditava que a guerra devia ser evitada. Implicado no assassinato de César e

condenado, depois proscrito, Enobarbo havia lutado contra Antônio em Filipos. Os dois se reconciliaram depois, e desde então Enobarbo ocupara todos os altos postos e estava entre os partidários mais devotados a Antônio. Tinha sido inestimável na oposição a Otaviano. Lutara para eliminar as notícias danosas das Dotações. O filho de Enobarbo já estava prometido a uma das filhas de Antônio. Juntos, os dois homens haviam sobrevivido a todos os tipos de adversidade: tinham estado juntos em Pártia, onde Enobarbo mostrou-se um líder valente. Quando Antônio mostrara-se desanimado demais para se dirigir às tropas, Enobarbo o fez no lugar de seu comandante. Enquanto o moral deteriorava em Ácio, o estadista maduro dessa vez tomou um caminho diferente. Num barco pequeno, passou para o lado de Otaviano. Antônio ficou arrasado. Fiel ao formalismo, mandou a bagagem, os amigos e criados do ex-companheiro ao encontro dele.<sup>82</sup> Cleópatra não aprovou essa magnanimidade.

Era impossível que ela ignorasse o desconforto que sua presença causava no calor opressivo do acampamento infestado de mosquitos, onde seu séquito e suas tendas constituíam uma visão discordante, e onde sua imensa nau capitânia, *Antonia*, com suas dez fileiras de remos e proa entalhada e decorada, provavelmente evocavam pouco orgulho. As rações foram reduzidas. Os homens estavam com fome, o clima estava pesado. Cleópatra estava instalada em cima de um tesouro muito bem-guardado. Um soldado romano gostava de ver seu general comendo pão amanhecido e dormindo num catre simples.<sup>83</sup> Cleópatra perturbava essa equação. De todos os lados, em sua tenda posicionada bem no centro do vasto acampamento, Antônio ouvia dizer que Cleópatra devia ser mandada embora, mas ele se mantinha surdo a esses pedidos. Até mesmo o fiel Canídeo, que antes havia falado em favor dela, queria que ela se fosse. Ela sabia o ridículo que Fúlvia havia inspirado. Mesmo no Egito, mulheres comandantes não eram bem-vistas, como Cleópatra concluía da breve carreira de sua irmã durante a Guerra Alexandrina. Ela não tinha experiência alguma em conflitos armados dessa magnitude. A teoria de Herodes era que Antônio não a mandava embora porque “os ouvidos dele pareciam estar tapados

por sua paixão”. Por que então ela não se afastava, como tinha feito com César?<sup>84</sup>

Otaviano havia declarado guerra apenas a ela. Cleópatra tinha todas as razões para exigir vingança. Antes, ela já havia sido posta de lado por conselheiros militares, aparecendo no deserto do Sinai sem teto e privada de seus direitos. Tinha sido malservida por intermediários; ela podia não estar disposta a confiar a sorte do Egito apenas a Antônio. Estava tudo em jogo: o futuro da dinastia ptolomaica estava na balança. Se Otaviano e Antônio se entendessem agora, o preço do acordo seria ela. O grande mistério de 31 é menos o porquê de Cleópatra ter permanecido e mais o porquê — depois de ter neutralizado habilmente os choques culturais no Egito, depois de artisticamente ter pacificado os egos romanos — de ela ter negligenciado o exercício de seu charme sobre os oficiais de Antônio. Cleópatra parece ter sido uma presença irritante e cansativa no acampamento. Muitos foram expostos ao desdém que ela brindara ao franco Gemíneo. Amigos de Antônio e cônsules romanos sofriam igualmente em suas mãos, revelando abertamente que tinham sido “desrespeitados por Cleópatra”.<sup>85</sup> Ela era vingativa, peremptória, ríspida. A experiência não a tornara nada mais tratável do que havia sido na adolescência com os conselheiros de seu irmão. Afinal de contas, estava acostumada a exercer autoridade suprema, não sabia aceitar ordens. Enquanto isso, o moral despencava, o bloqueio de Otaviano se fechava em torno do golfo, enxames de mosquitos baixavam sobre o acampamento, propagava-se uma epidemia, provavelmente de malária. As condições eram deploráveis. O alívio só vinha por volta do meio-dia, quando, farfalhando, o vento subia do oeste. Durante algumas horas, vinha uma brisa fresca e estimulante, ganhando força ao soprar de oeste para norte, e desaparecendo com o pôr do sol.

Passaram-se meses de prontidão e inatividade, e com eles uma gradual reorganização. A ideia devia ser encurralar Otaviano no golfo Ambraciano, mas Antônio e Cleópatra se viram espremidos na linda baía azul, uma mudança de condições à qual tardaram a se adaptar. Plutarco observa: “A tarefa principal de um bom general é forçar seus inimigos a batalhar quando é superior a eles, mas não ser

forçado a isso quando suas forças são inferiores.”<sup>86</sup> Antônio capitulara havia muito dessa vantagem. Em agosto, ele não teve escolha senão convocar cidades inteiras a levar suprimentos por terra até o acampamento. O bisavô de Plutarco estava entre aqueles que foram desgraçadamente forçados a servir, a subir as trilhas da montanha até o golfo, com sacos de cereal nos ombros e chicotes estalando nas costas.

O que o bloqueio, a doença, a inatividade debilitadora, o calor não afetaram, as deserções o fizeram. Escravos e reis associados abandonaram igualmente a causa. Antônio resolveu usar como exemplo dois quase desertores, um senador e um rei sírio, torturados e executados para desestimular outras deserções. O próprio Antônio estava abalado, a ponto de tentar um passeio solitário pelas fortificações, até o mar, durante o qual os homens de Otaviano quase conseguiram raptá-lo. A deserção de Enobarbo o afetara profundamente; depois disso ele ficara ferozmente paranoico. Segundo um relato, desconfiava até de Cleópatra, que suspeitava estivesse tentando envenená-lo. Para provar sua inocência, conta-se que ela preparou uma bebida mortal, só para interceptar o cálice quando Antônio o levava à boca. Se tivesse a intenção de matá-lo não faria isso, faria? Ela então mandou chamar um prisioneiro, a quem entregou a poção. Que teve o efeito anunciado. (A história é suspeita, uma vez que Cleópatra dificilmente poderia agir sem Antônio. É improvável que ele tenha esquecido disso, mesmo num estado perturbado.)<sup>87</sup> Cleópatra brigou também com Délio, que passara o verão recrutando mercenários. Os dois se atacaram no jantar uma noite, quando Délio reclamou do vinho. Estava ácido, desdenhou ele, enquanto em Roma o pessoal de Otaviano tomava as melhores safras. Délio saiu da briga convencido de que Cleópatra queria assassiná-lo. Um de seus médicos, dizia ele, confirmou isso. Ele passou para o lado de Otaviano, privando Antônio daquilo que César chamara de a mais poderosa das armas: a surpresa. Com Délio foram-se os planos de batalha de Antônio.<sup>88</sup>

No final de agosto, Antônio convocou um conselho de guerra. Dezesesseis semanas de bloqueio haviam cobrado seu preço. A situação era desesperadora. Os suprimentos estavam no fim; o ar da

noite era frio. O inverno logo estaria sobre eles. Antônio precisava finalmente resolver a questão que o infernizara durante todo o tórrido verão. Ele tinha mais facilidade com a tática do que com a estratégia; podia ser indeciso. Cleópatra, então, se desentendeu até com Canídeo, se é que já não o havia feito antes. Ele preferia marchar para o norte e decidir a disputa em terra. Eram romanos afinal; guerrear em cima das ondas em movimento, em sua opinião, era loucura. Antônio nunca havia comandado uma frota. Não seria vergonha alguma deixar o mar para Otaviano. Além disso, podiam obter recrutas na Macedônia e na Trácia. Claro que Canídeo sabia bem que lutar em terra significava sacrificar a frota de Cleópatra e com os navios a utilidade de Cleópatra. Ela sabia que sacrificar a frota seria colocar o Egito em perigo. Suas arcas de denários de prata não podiam ser transportadas montanhas acima. Ela defendeu vigorosamente um combate naval. Suas razões eram perfeitamente sólidas: Antônio estava seriamente inferiorizado em número em terra. Ele não podia acabar atravessando para a Itália sem uma frota. Também não era fácil conduzir um exército montanha acima; cinco anos não haviam apagado a lembrança da Pártia. Havia também outra consideração, uma analogia que ninguém envolvido nas deliberações de Ácio podia ter ignorado. Para a batalha final contra César, Pompeu também reunira na Grécia uma força maciça, ruidosa, poliglota, de reis e príncipes asiáticos. Cleópatra havia contribuído com sessenta navios para essa frota. Enobarbo estava presente, assim com o pai dele, que morrera na batalha. Antônio comandara com distinção pelo lado oposto. Em agosto de 48, Pompeu havia escolhido ignorar sua marinha, muito superior à de César. Antes de terminar o dia, ele havia se dado conta de que cometera um grave erro ao escolher o combate em terra.<sup>89</sup> O resultado foi uma verdadeira carnificina, um comandante sem fala, sem sentidos, privado de seu exército, de sua inteligência, de seu orgulho e, dias depois, decapitado numa praia do Egito.



Antônio optou por uma campanha naval. Plutarco o mostra oscilando emocionalmente. O mais provável é que o general mais experiente de sua época não pretendesse nem agradar a Cleópatra nem exibir a marinha dela, mas enfim curvara-se à necessidade. Otaviano tinha não só uma narrativa mais coerente, como uma força mais coesa, um exército de romanos bem-treinados, falantes do latim. A vantagem da terra era dele. No mar, os dois lados estava mais equilibrados. Antônio explicou isso a seus homens inquietos, poucos dos quais sabiam nadar. Ele não se importava de iniciar a campanha com uma derrota. “Escolhi começar com os navios, onde nós somos mais fortes e temos vasta superioridade sobre nossos antagonistas, a fim de que depois de uma vitória sobre eles, possamos humilhar também sua infantaria.”<sup>90</sup> (Abordando o mesmo tema, Otaviano mostrou-se psicologicamente mais astuto: “Porque é característica natural da índole humana em toda parte que, sempre que um homem falha em sua primeira tentativa, ele se desanime diante do que está por vir.”)<sup>91</sup> Apesar das explicações, um veterano curtido na batalha atirou-se sobre Antônio com um apelo emocional. Ele exibia uma inacreditável coleção de cicatrizes. Como podia Antônio insultar aquelas cicatrizes, para empenhar suas esperanças “em míseros troncos de madeira”? O soldado pediu a seu comandante: “Que os egípcios e fenícios travem sua luta no mar, mas nos dê terra, na qual estamos acostumados a pisar e ou vencemos nosso inimigo ou morremos.”<sup>92</sup> Antônio, “mais dotado por natureza do que qualquer homem do seu tempo a liderar um exército pela força da eloquência”,<sup>93</sup> olhou para ele com bondade, mas não conseguiu formular uma resposta.

Nos últimos dias de agosto, um cheiro familiar chegou até Cleópatra. A brisa da tarde soprou por todo o campo um cheiro acre de cedro e resina queimando. Era um cheiro que ela conhecia do porto alexandrino dezessete anos antes; naquilo que parecia uma tradição romana, Antônio puxou para a praia cerca de oitenta navios dela e ateou fogo. Ele não tinha mais tripulação para equipar a frota e não podia correr o risco de que caíssem nas mãos de Otaviano. Isso não era segredo; o incêndio era brilhante e pungente. Uma tempestade logo extinguiu as fumaças que restavam; durante quatro

dias, ventanias e temporais assolaram a costa. Quando o tempo abriu, restavam apenas adornos lascados e esporões queimados. Protegidos pela escuridão, na noite de 1º de setembro, os funcionários de Cleópatra carregaram secretamente suas arcas do tesouro no maciço *Antonia*. Vários navios de transporte levavam os outros tesouros, assim como uma infinidade de serviços de mesa reais. Mastros e grandes velas embarcados tanto no navio de Cleópatra como de Antônio. Ao nascer do sol, Antônio havia embarcado 20 mil soldados e com eles milhares de arqueiros e arremessadores, acomodando um número colossal de homens em espaço muito exíguo. O céu estava cristalino e o mar era um espelho quando seguiram, com o bater dos remos, até a boca do golfo. Ali três esquadrões de Antônio posicionaram-se em cerrada formação de crescente. Cleópatra e seus sessenta navios restantes vinham atrás, tanto para impedir deserções como por proteção. Ela não devia participar da luta.

Fora do estreito, os homens de Antônio encontraram a frota de Otaviano reunida em formação semelhante, a cerca de um quilômetro e meio. O golfo ressoou com o toque agudo de trombetas; pregoeiros e oficiais animavam seus homens. E os 240 navios de Antônio, remos erguidos, proas pontudas, diante dos quatrocentos de Otaviano, ficaram parados a manhã toda, preparados para lutar, os cascos colados, rangendo e imóveis, enquanto os exércitos de terra olhavam da praia. Finalmente, ao meio-dia, Otaviano ordenou que seu esquadrão mais ao norte remasse para trás, numa tentativa de atrair Antônio. Seus navios avançaram para mar aberto. Instantaneamente o ar encheu-se de gritos, na costa e na água. Das altas torres da frota de Antônio voou uma densa saraivada de pedras, flechas e lascas de metal. Do lado de Otaviano, remos bateram e lemes estalaram. Apesar do mar agitado abaixo dela, do ponto de vista de Cleópatra, era uma estranha batalha de solo, flutuante, com os homens de Otaviano fazendo o papel da cavalaria e os homens de Antônio repelindo o assalto em suas fortalezas flutuantes, as maiores das quais pairavam três metros acima do mar. O feroz abalroamento e o corpo a corpo continuaram, inconclusivos, até o meio da tarde. Por volta das três

horas, a ala esquerda de Otaviano mudou para flanquear Antônio; Antônio por sua vez virou para o norte. O centro da linha se dissolveu. De repente, o esquadrão de Cleópatra levantou as velas e, aproveitando habilmente o vento, cortou tranquilamente pelo meio da batalha, passando pelos mísseis e atiradeiras, além das lanças e machados da linha inimiga, semeando confusão por todos os lados. Os homens de Otaviano olhavam assombrados enquanto Cleópatra seguia depressa para o sul em sua majestosa nau capitânia, as velas cor de púrpura enfunadas. Em sua maior parte, o inimigo não tinha potência para alcançá-la. O choque só aumentou quando, momentos depois, Antônio se transferiu de sua nau capitânia para uma galera veloz e seguiu atrás, com quarenta navios de sua esquadra pessoal.

Os homens de Otaviano ficaram menos pasmos, como diz Plutarco, do que impressionados. Antônio e Cleópatra tinham escapado com o terço restante da frota e todo o tesouro dela. Evidentemente a fuga havia sido arranjada previamente; não haveria nem valores, nem velas armazenados nos navios de Cleópatra se assim não fosse. Ela escolheu o momento perfeito para aproveitar o súbito vento favorável. E através de Délio, Otaviano sabia do plano de romper o bloqueio. Antônio e Cleópatra não tinham intenção de prolongar a batalha. Uma vez antes, no mesmo mês, já haviam tentado forçar a passagem pelo bloqueio. Se conseguissem empurrar Otaviano para o mar, poderiam escapar para o Egito; tinham feito aquela investida apenas com essa finalidade. No discurso anterior à batalha que Dio fornece a Otaviano, ele alerta seus homens exatamente sobre essa sequência de acontecimentos: "Como, portanto, eles admitem que são mais fracos do que nós, e como levam os prêmios da vitória em seus navios, não vamos permitir que naveguem para nenhum outro lugar, mas vamos vencê-los aqui mesmo e tomar deles todos esses tesouros."<sup>94</sup> Em 2 de setembro, uns poucos navios rápidos de Otaviano, galeras leves, altamente manobráveis, com proas aerodinâmicas, efetivamente partiram em perseguição.

Em alto-mar, Cleópatra sinalizou para Antônio. Junto com dois companheiros, ele passou por cima das ondas para bordo do *Antonia*. A reunião não foi feliz; Antônio não viu nem falou com

Cleópatra, por algo que parece mais vergonha do que raiva. Alguma coisa estava muito errada. Provavelmente, não era para os homens de Antônio ficarem para trás. Antes, Cleópatra havia proposto que o grosso do exército voltasse com ela para o Egito. A frota ou não conseguiu escapar ou escolheu não ir. Podem ter preferido lutar por Roma do que seguir uma estrangeira; certamente havia rumores de motim no acampamento. Antônio e Cleópatra podem ter planejado a manobra apenas em caso de necessidade e, sozinhos ou juntos, agido precipitadamente. Ou Cleópatra pode ter partido prematuramente. Ela devia estar querendo voltar para Alexandria, uma cidade que jamais veria de novo, se fosse vencida na costa da Grécia. Dio sugere que Antônio fugiu porque ele (erroneamente) lera uma concessão à derrota na partida de Cleópatra.<sup>95</sup> Ou então foi tudo exatamente de acordo com o plano e suas repercussões só vieram à tona depois do fato; resta-nos assentar decisões ininteligíveis com relatos obscuros. De qualquer modo, Antônio não podia baixar a cabeça em derrota, uma vez que o encontro, menos uma escaramuça do que um corpo a corpo, continuou inconclusivo durante algum tempo. No fim do dia, nem Otaviano sabia quem havia vencido. Se o plano havia sido malconcebido ou se tinha dado errado, o tom de “eu-não-falei?” era palpável na brisa salgada. Se Plutarco merece crédito, Antônio sufocou-se em seu desamparo. Ignorando Cleópatra, “ele foi até a proa e sentou sozinho em silêncio, apoiando a cabeça em ambas as mãos”. Só se mexeu ao entardecer, quando duas galeras de Otaviano se materializaram à distância. Antônio ordenou que a nau capitânia fosse virada para que ele pudesse ficar cara a cara com o inimigo. Seguiu-se uma escaramuça, da qual o *Antonía* escapou, mas à qual Cleópatra sacrificou um navio de comando e um segundo barco, lotado com ricos objetos de metal e mobília.

Tendo resistido ao assalto, Antônio voltou à proa. De cabeça baixa, olhava o mar, inquieto, o herói de Filipos, o novo Dionísio, reduzido a um grande vulto melancólico, os braços e ombros fortes incrivelmente imóveis. A travessia para o sul foi dura, infestada de mútuas ansiedades e perdas particulares. Foi também calada. Antônio passou três dias sozinho, “ou por raiva de Cleópatra ou para

não censurá-la". Mesmo que tivesse sido forjado pelo desespero, o plano em algum momento havia parecido sensato. Naquele momento, Antônio não conseguia escapar da impressão de que desertara seus homens. Eles tinham ficado firmes enquanto reis, senadores e oficiais o abandonavam. Ele os deixara para trás, para se ver numa situação insustentável com Cleópatra. O resultado da batalha de Ácio não era claro, como continuaria pouco claro durante muitos dias, mas ele entendia as consequências do que tinha feito e a impressão que produzia. Um comandante romano tinha de encarar a derrota, persistir apesar de todos os imprevistos debilitantes. E a história era inteiramente palpável para Marco Antônio; em Roma ele vivia luxuosamente numa casa decorada com noventa aríetes de bronze capturados no mar. (Eram de Pompeu.) Ele entendia a glória que tinha acabado de escapar, para sempre, por entre seus dedos.

Depois de três dias, Cleópatra parou para recarregar água e suprimentos em Tenarum, o ponto mais ao sul da península do Peloponeso. (Adequadamente, era o cabo onde se acreditava que Hércules havia procurado a entrada para o submundo.) Ali, duas criadas dela, Iras, a cabeleireira, e Charmion, a dama de companhia, insistiram numa reconciliação. Com alguma insistência, as duas mulheres convenceram Antônio e Cleópatra a se falar e acabarem mesmo por "comer e dormir juntos".<sup>96</sup> Vários navios de transporte juntaram-se a eles, com notícias do que se havia comentado depois da partida de Ácio. A batalha se intensificara e prosseguira por horas. A frota de Antônio resistira, mas acabara destruída. Durante algum tempo — se é possível dar crédito a um relato especialmente colorido —, as ondas atiravam na praia corpos e pedaços de madeira, pintados com a púrpura e as lantejoulas douradas do Oriente.<sup>97</sup> As forças de terra de Antônio resistiam, firmes. Ao fim da reunião, Antônio tentou distribuir presentes a seus homens. De um dos navios de transporte, entregou tesouros de ouro e prata do palácio de Cleópatra. Em lágrimas, os homens recusaram os prêmios. Em vez disso, seu comandante cobriu-os de afeto. Prometeu que arranjaria para que fossem escondidos em segurança até que pudesse acertar os termos com Otaviano. Ao lado de Cleópatra, ele prosseguiu a travessia do Mediterrâneo, até a costa

plana do Egito. Aportaram num posto desolado no canto noroeste do país, numa extensão de praia de areia, e se separaram.

Antônio foi para a Líbia, onde tinha postado quatro legiões. Ele planejava reagrupar. Cleópatra — sua frota perdida, o tesouro parcialmente disperso, seus aliados arruinados — correu para Alexandria. Tinha deixado Ácio antes de todos e num navio poderoso, bem-equipado. Se seguisse depressa, poderia chegar antes das notícias do fiasco. Ela sabia o que era voltar ao Egito em condições catastróficas e tomou precauções: encomendou alguns rápidos arranjos florais.<sup>98</sup> Quando deslizou diante do farol de Alexandria no dia seguinte, ela o fez serenamente, os navios com guirlandas de flores. Acompanhado por flautistas, um coro entoava cantos de vitória no convés. Aos que remavam a seu encontro, Cleópatra comunicava a notícia de seu triunfo extraordinário, provavelmente sem nem um traço de secura na garganta. Quase simultaneamente, as dezenove legiões e os 12 mil cavalarianos de Antônio, depois de perder a esperança de que seu comandante fosse voltar e depois de uma semana de teimosas negociações, renderam-se a Otaviano que estava apenas começando a se dar conta da dimensão de sua vitória.<sup>99</sup>

## Notas

- a Havia alguma ironia na boa sorte de Canídeo. Quando jovem, ele fora encarregado de transportar para Roma o tesouro do tio de Cleópatra, o rei deposto do Chipre. Tinha havido alguma preocupação quanto à honestidade de Canídeo ao realizar essa lucrativa tarefa. (Plutarco, "Brutus", III.)
- b Sexto Pompeu complicou o quadro sob vários aspectos. Ele gozava de boas relações com diversos monarcas que eram considerados inimigos mortais de Roma e Cleópatra o via com bons olhos, por causa da relação dos pais de ambos. (Ele, de fato, tentou uma aproximação com Cleópatra, que Antônio desencorajou. Era esperto o suficiente para ver que não devia se ligar ao mesmo tempo a uma rainha estrangeira e a um compatriota vaidoso que, apesar do apoio popular em casa, se comportava como um pirata. O instinto de Antônio estava correto; sempre aventureiro, Sexto oferecera simultaneamente seus serviços aos partos, por trás das costas de Antônio.) Segundo Apiano, Antônio se recusou a assinar a ordem de execução de Sexto.

Teve vergonha de fazê-lo pessoalmente, porque sabia que a morte iria desagradar Cleópatra e não queria que ela o responsabilizasse. Apiano sugere também que a sentença era desejável: melhor eliminar Sexto, para evitar que o talentoso comandante naval e Cleópatra se juntassem para “perturbar o respeito auspicioso que Antônio e Otaviano tinham um pelo outro”. (Apiano, *The Civil Wars* V.144. Para Sexto Pompeu em geral: Apiano, V.133-45.)

- c Antônio cita nomes, cinco no total. Em outros documentos, ele observa que Otaviano se divorciou da primeira mulher por “perversidade moral”; ela reagira mal à amante dele.
- d Ninguém mais viu o testamento além de Otaviano, que pode ter fabricado o documento ele próprio. Planco também pode tê-lo forjado; em casos urgentes, ele tinha autoridade para assinar o nome de Antônio e aplicar o seu selo. O documento evidentemente continha a confirmação das Dotações que Antônio fizera aos filhos de Cleópatra, assim como a paternidade de Cesário. Pelo que sabemos, Antônio nunca refutou esses termos. Nem, por sinal, refutou a pretensão de Cesário, que nesse ponto ele teve a sabedoria de ignorar. Mesmo assim, é difícil imaginar qualquer circunstância em que Antônio pudesse efetivamente ter registrado no papel as providências que Otaviano leu.
- e Era uma fraqueza conhecida. Como havia rosnado Plauto, o mais popular dramaturgo romano: “Não gosto muito dessas mulheres com contatos em altos postos, sua pose, seus dotes imensos, suas ruidosas exigências, sua arrogância, suas carruagens de marfim, seus vestidos, sua púrpura, que reduzem os maridos à escravidão com suas despesas.” (Plauto, “*The Pot of Gold*”, 167-9. Skinner [tr.], 2005, p.201.)
- f Privado de seus poderes, Antônio se via formalmente sem o direito de buscar ajuda dos Estados associados ou de distribuir territórios romanos. Por meio de uma lógica tortuosa podia-se afirmar, portanto, que Cleópatra favorecia um cidadão individual hostil a Roma e que detinha a posse de terras que não podiam lhe pertencer. Fazer isso, porém, significava incluir Antônio na acusação, na qual ele não aparecia.
- g Nicolau de Damasco foi rápido em afirmar que mesmo quando adolescente, mesmo na idade em que o jovem é “mais libertino”, Otaviano havia se absterido de gratificação sexual durante um ano inteiro (*Life of Augustus*, Fr. 129). E diante de todas as provas em contrário, não era inevitável afirmar que ele vivia com simplicidade e austeridade. Na realidade, Otaviano gostava tanto de móveis caros e bronzes de Corinto quanto qualquer outro, e mais ainda da mesa de jogo (Suetônio, *The Deified Augustus [Lives of the Caesars]*, LXX).
- h Como perguntou mais tarde o poeta Propércio: que sentido tem a nossa história se ela leva à dominação de uma mulher? (Propércio, *Elegies*, 3.11.47-68. Sobre Cleópatra como triunfo insignificante, *Elegies* 4.6.64-6.) Nourse (2002, p.128) observa que os gregos percebiam “as mulheres que têm acesso

ao poder como perigosas emocionalmente e destrutivamente mesquinhas". O magistrado que enfrenta Lisístrata em Aristófanes tem outra postura. "Mas os homens não devem nunca, jamais, ser superados por mulheres!", ele grita, passando o bastão diretamente para Lucano e Propércio.

- i Só nesse âmbito a ostentação recebia aprovação romana. Como explica Plutarco: "Porque a extravagância em outros objetos de exibição induz ao luxo e planta a efeminação naqueles que os usam, uma vez que algo que provoca e estimula os sentidos rompe a seriedade dos propósitos; mas quando vista nos aviamentos de guerra fortalece e exalta o espírito." (Plutarco, "Philopoemen", IX.3.7.)

## A MULHER MAIS PERVERSA DA HISTÓRIA<sup>1</sup>



*"Eu era igual aos deuses, exceto pela parte mortal."*

EURÍPIDES<sup>2</sup>

O infortúnio, diz o ditado, tem poucos amigos<sup>3</sup>; Cleópatra não teve de esperar para confirmar o adágio. Se o seu ardil ainda não havia sido descoberto, ele agora depressa se confirmara, com sangue. A elite alexandrina já a reprovava antes. Ela temia a reação dos aristocratas ao saberem da derrota em Ácio; com toda justiça, podiam agora acusá-la de ter entregado o Egito a Roma. Ela não ousava observá-los enquanto exultavam com sua derrota.<sup>4</sup> Nem se importava de ser substituída no trono. Assim que voltou, lançou-se a uma desenfreada onda de assassinatos, ordenando que seus detratores mais notáveis fossem presos e assassinados. De suas propriedades, ela confiscou grandes somas. Apropriou-se de outros valores sempre que conseguia encontrá-los, tomando tesouros de templos. Qualquer que fosse o futuro, seria preciso uma fortuna. Seria caro comprar o inevitável; de um jeito ou de outro, Otaviano acabaria vindo. Ela equipou novas forças e procurou aliados, que cortejou insistentemente. Artavasdes, o desafiante rei armênio, tinha ficado preso em Alexandria, onde seus três anos de cativo agora chegavam ao fim. Cleópatra mandou a cabeça cortada dele a 2 mil quilômetros para o Oriente, até o rival dele, o rei medo. Ela calculou

que não seria preciso nenhum outro estímulo para que ele viesse em seu socorro. Ele resistiu.

Assim como no passado, ela recorreu ao Oriente, onde tinha feito contatos e partidários de longa data, onde Otaviano não tinha trânsito e onde a realeza era realeza. Quando Antônio voltou a Alexandria, encontrou-a consumida por “um mui ousado e maravilhoso empenho”. Um istmo separava o Mediterrâneo do golfo de Suez, na fronteira oriental do Egito. Com um grande número de trabalhadores, Cleópatra tentou erguer seus navios do Mediterrâneo e carregá-los por terra ao longo de sessenta quilômetros até o golfo do mar Vermelho. Com seus homens e seu dinheiro ela propunha fazer um novo lar para ela, bem além das fronteiras do Egito, talvez mesmo na Índia, “longe da guerra e da escravidão”.<sup>5</sup> Num beco sem saída, a natureza de Cleópatra parecia divisar amplos horizontes ilimitados; a grandiosidade e a bravata eram surpreendentes, praticamente suficientes para sugerir que ela realmente chegara a pensar num ataque ao mundo romano.

A aventura de Cleópatra no mar Vermelho não era impossível num país que durante séculos arrastara imensos blocos de pedra através de vastas distâncias. Uma monstruosidade de barco ptolomaico de duas proas — conta-se que tinha quase 120 metros de comprimento e dezoito metros de altura — havia sido transportado séculos antes sobre rolos de madeira colocados a intervalos regulares numa vala ao longo do porto.<sup>6</sup> Couros lubrificados eram às vezes usados para o mesmo propósito. Os navios também podiam ser cortados em partes. A empresa era menos realizável para uma soberana que havia se antagonizado com a tribo no lado extremo do istmo. Que eram os nabateus, os comerciantes astutos e bem-organizados que passaram um ano combatendo Herodes, graças, em parte, à sabotagem de Cleópatra. Eles não precisavam de Herodes, que acabara por vencê-los, para lembrar que Cleópatra era sua inimiga comum. Os nabateus tocaram fogo a cada navio egípcio que era puxado à terra.<sup>7</sup> Para Cleópatra o fracasso foi particularmente amargo. Aquele era o canto do mundo de onde ela havia partido para o sucesso em 48.

Herodes era o aliado óbvio; no deserto, Otaviano não seria páreo para suas forças combinadas. No entanto, a ninguém o infortúnio de Cleópatra podia ser tão profundamente satisfatório. Cleópatra dera a Herodes um passe livre da cadeia ao dispensá-lo em Ácio; ele não perdeu tempo em fazer as pazes com Otaviano. Provavelmente em Rodes, naquele outono, o rei judeu fez uma grande demonstração de contrição. Vestido como plebeu, ele removeu o diadema ao pisar em terra. Diante do novo senhor do mundo romano, foi franco e direto. De fato, havia sido leal a Antônio. Essa era, ai dele, a sua natureza. A integridade era o seu capital de giro. Por suas normas, explicou Herodes, um amigo tinha de arriscar "cada pedacinho de sua alma, corpo e substância".<sup>8</sup> Se não estivesse atacando os nabateus, teria, garantiu a Otaviano, ficado ao lado de Antônio até aquele momento. Ele abandonou seu bom amigo de vinte anos apenas por causa da mulher egípcia, admitiu, passando a financiar então a versão oficial da guerra de Otaviano a Cleópatra. Ele tinha *dito* a Antônio que devia se livrar dela. Não há indicações de como Herodes conseguiu fazer esse discurso com a cara séria. Ao final, Otaviano se declarou grato a Cleópatra. Ela havia, garantiu a seu visitante, legado a ele um bom aliado. (Herodes tinha razões para ser duplamente grato a Cleópatra. Antes de tudo, ele devia sua coroa ao temor que os romanos tinham dela.) Elegantemente, Otaviano recolocou o diadema na cabeça de Herodes. Mandou-o embora com reforços romanos. Enquanto isso, Cleópatra continuava incansavelmente a sua corte às tribos vizinhas e reis associados. Conseguiu mobilizar apenas uma tropa de gladiadores, lutadores altamente capacitados que vinham treinando para o que presumiam seriam as comemorações da vitória de Antônio e Cleópatra. Atendendo ao apelo dela, eles partiram de onde hoje fica a moderna Turquia rumo ao sul. Herodes cuidou para que não seguissem além da Síria.

Fracassado o Oriente, Cleópatra podia olhar na direção oposta. Roma não havia conquistado inteiramente a Espanha, uma região inquieta, muito fértil e rica em minas de prata. Mesmo que o Mediterrâneo se fechasse para ela, mesmo que não conseguisse continuar a guerra contra Otaviano, ela podia velejar para oeste,

pelo Oceano Índico, e circum-navegar a África. Com seus vastos recursos, ela e Antônio podiam levantar as tribos nativas espanholas e encontrar um novo reino. Não era uma ideia tão fora de propósito; Cleópatra tinha diante de si o exemplo de um outro líder carismático e dotado linguisticamente. Em 83, um procônsul desonesto havia assumido o controle da Espanha, para horror de seus conterrâneos. Saudado por seus recrutas nativos como “o novo Aníbal”<sup>9</sup>, Sertório havia incitado uma revolta. Quase conseguira estabelecer um Estado romano independente.<sup>a</sup> Cleópatra considerou seriamente a perspectiva; Otaviano temia que ela pudesse conseguir repetir o golpe de Sertório. Uma operação militar em casa era, afinal de contas, pouco provável; com a deserção de Herodes e das tropas cirenaicas de Antônio, o Egito era a única coisa que restava. E que estava firmemente do lado de Cleópatra — no Alto Egito, seus partidários se ofereceram a se levantar em seu favor, esforço que ela desestimulou —, mas era pouco provável que resistissem muito tempo a Otaviano. Ela possuía pelo menos quatrocentos guardacostas gauleses ferozmente leais, um número modesto de tropas e o que restava de uma frota.

Nada na batalha de Ácio havia sido tão brilhante como o fulgor da invectiva que a precedera; a maior parte do drama e muitas das baixas vieram depois do fato nada espetacular. Era anticlimático ao extremo, o que não se pode dizer dos meses que se seguiram em Alexandria. Porém, mais uma vez os planos de Cleópatra haviam dado errado. Mais uma vez ela se movimentava vigorosamente para garantir que nem tudo se perdesse. Era tudo um torvelinho de febril atividade no palácio; Plutarco a mostra não apenas olhando para a Espanha e para a Índia como experimentando diariamente venenos mortais. Para um ou outro fim, ela fez uma coleção destes, testando-os em prisioneiros e em animais venenosos para determinar qual toxina obtinha os resultados mais rápidos, menos dolorosos. Não estava nem humilhada, nem tomada pelo pânico, mas tão inventiva como tinha sido quando o primeiro revés de sua vida a lançara no deserto. A palavra “formidável”, em seu sentido lato, mais cedo ou mais tarde aparece ligada a Cleópatra, aqui por exemplo: em seu retiro ela era formidável, determinada,

disciplinada, expedita. Não havia nenhum sinal de desespero. Dois mil anos depois do fato, ainda se ouve sua mente fértil pulsante de ideias.

O mesmo não se poderia dizer de Antônio. Ele vagava inquieto pelo norte de África, sobretudo com dois amigos, um retórico e um oficial astuto e fiel. Antônio dispensou o restante de seu séquito. A relativa solidão o reconfortava. Contava encontrar reforços, mas em Cirene descobriu que suas quatro legiões haviam sido derrotadas. Arrasado, tentou o suicídio. Os dois amigos intervieram, levaram-no para Alexandria. Ele chegou ao palácio sem os reforços esperados e, admite Dio, "sem ter conseguido nada".<sup>10</sup> Isso foi provavelmente no fim do outono, por volta do final da estação de plantio. Cleópatra estava no meio de sua malfadada tentativa do mar Vermelho. Ela se consolou em fortificar as entradas ao Egito. Pode ter também contemplado o assassinato de Otaviano.<sup>11</sup> De sua parte, Antônio se retirou da cidade e da sociedade. Mandou construir um longo passadiço no porto alexandrino, no fim do qual ergueu uma cabana modesta, perto do pé do farol.<sup>12</sup> Declarou-se exilado, um tardio Timão de Atenas, "porque ele próprio havia sido injustiçado e tratado com ingratidão por seus amigos, e, portanto, odiava e desconfiava de toda a humanidade".<sup>13</sup> Dio introduz uma nota amarga de comiseração;<sup>14</sup> ele não consegue deixar de se deslumbrar com o grande número de pessoas que, tendo recebido profusas honras e favores de Antônio e Cleópatra, deixavam-nos agora no abandono. Cleópatra parecia não se abalar com a injustiça. Seu entendimento da gratidão pode ter sido mais realista que o de Antônio. Ela aceitou as rudes verdades com mais facilidade do que ele.

Antônio não ficou muito tempo como eremita e logo apareceu no palácio. Cleópatra determinadamente o atraiu para fora, para os luxuriantes pomares e coloridos alojamentos reais aos quais ele havia voltado as costas. Se de fato ela o fez, foi um dos encargos menos difíceis de sua vida. As notícias continuavam desoladoras: Canídeo aparecera em Alexandria para informar que as forças de terra de Antônio tinham acabado por se render a Otaviano. Muitos haviam se juntado ao exército; Otaviano tinha agora mais homens do que podia utilizar. Ele queimara o que restara dos navios

capturados. Em seguida, Antônio e Cleópatra ficaram sabendo da deserção de Herodes, especialmente dolorosa uma vez que tinham mandado seu mais persuasivo mensageiro para insistir pela continuação de sua lealdade. (Era o amigo que Cleópatra havia chamado para remover Otávia da cabeça de Antônio.) Ele não só falhara com Herodes como aproveitara sua viagem para desertar. O governador romano da Síria também passou para Otaviano, assim como Nicolau de Damasco.

As recriminações reduziram-se a um mínimo. Cleópatra parecia olhar mais o futuro que o passado, calculando que Antônio estava bem além das provocações da censura, das mordidas de amor. Ela adotava o conselho de Plutarco sobre a censura: em tempo de calamidade, melhor escolher a compaixão do que a culpa, pois “em tal momento, não há uso para a franqueza de um amigo ou para palavras carregadas com grave e contundente reprovação”<sup>15</sup>. Antônio, porém, era outro homem, a famosa audácia e a “coragem irresistível”<sup>16</sup> arrancadas dele em Ácio. Cleópatra se viu diante de dois projetos: cuidar de seu amante angustiado ou conspirar para a escapada deles. De alguma forma, ela consolou Antônio, ou amorteceu-o, de forma que as más notícias o deixassem menos agitado. Ela cuidou de suas frustrações e acalmou suas suspeitas. Cleópatra pensava por ambos.

Antônio descobriu que se abandonasse a esperança, abandonava também a ansiedade; voltou ao palácio e, sem nunca precisar de um motivo especial, “pôs a cidade inteira em clima de festa, bebidas e presentes”.<sup>17</sup> Juntos, Antônio e Cleópatra celebraram também uma elaborada festa de maioridade para seus filhos de casamentos anteriores, os quinze anos de Antilo e os dezesseis de Cesário. Pelo cálculo grego, Cesário estava agora em idade do serviço militar.<sup>b</sup> De sua parte, Antilo estava pronto a deixar de lado a toga com barra vermelha das crianças romanas. Numa mistura de tradições, Antônio e Cleópatra empurravam seus filhos para a idade adulta. Ambos se alistaram na carreira militar para elevar o moral egípcio. Durante dias, banquetes, festas e feiras distraíram a cidade. Dio afirma que Antônio e Cleópatra realizaram as celebrações para estimular um novo espírito de resistência; aos seus súditos, Cleópatra passava a

mensagem de que iam “continuar a lutar com esses meninos como seus líderes, no caso de acontecer alguma coisa a seus pais”.<sup>18</sup> De qualquer jeito, a dinastia ptolomaica ia sobreviver e, além disso, com um soberano homem. De fato, nesse outono, Cesário foi saudado como faraó em inscrições.<sup>19</sup> Antônio e Cleópatra podiam também estar desesperadamente atirando areia no rosto de Otaviano. Eles tinham filhos, que garantiam o futuro. Ele não tinha nenhum.

Durante o outono, houve uma revoada de enviados para lá e para cá, com propinas e propostas de um lado, ameaças e promessas do outro. Inicialmente, Cleópatra solicitou a única coisa que interessava a ela: podia passar o reino a seus filhos? Perder a vida era uma coisa; sacrificar seus filhos, e com eles o país, era impensável. Eles estavam agora entre as idades de sete e dezessete anos; ela punha sua esperança em Cesário, que já promovera para reinar em sua ausência. Mais tarde, enviou a Otaviano um cetro, coroa e trono de ouro. Ela iria abdicar em troca de clemência, sugere Dio, “porque esperava que mesmo que realmente odiasse Antônio, ele tivesse pena dela ao menos”<sup>20</sup>. Antônio esperava ter permissão para viver como cidadão no Egito ou, se isso fosse pedir demais, em Atenas. Otaviano não tinha tempo para a proposta de Antônio, mas respondeu a de Cleópatra. Publicamente, ele a ameaçava. Privadamente, ele respondia que seria absolutamente razoável com ela sob uma condição: Cleópatra tinha de providenciar a execução de Antônio, ou, no mínimo, seu exílio. (Otaviano conservou os presentes.) Antônio tentou de novo, defendendo sua relação com Cleópatra, lembrando a Otaviano seus laços familiares, suas “aventuras amorosas”, suas brincadeiras comuns. Para provar sua sinceridade, entregou um assassino de César que ainda restava, vivendo com Antônio. Propôs também mais uma coisa. Ele se mataria “se dessa forma Cleópatra fosse salva”.<sup>21</sup> Mais uma vez, recebeu apenas um gelado silêncio. O assassino foi executado.

A triste verdade era que Antônio não tinha nada a oferecer. Cleópatra tinha mão forte, com o maior tesouro ainda fora do controle de Roma. Otaviano não podia obter sucesso sem seus famosos ouros, pérolas e marfins. Isso havia muito motivava seus homens; mais que qualquer outra coisa, eram as reservas de

Cleópatra que mantinham seus soldados sob controle.<sup>22</sup> Antônio e Cleópatra estavam tão sozinhos, as deserções eram tão regulares, que eles não tinham emissários a quem confiar essas mensagens. Restou-lhes pressionar um dos tutores dos filhos a fazer esse serviço. Junto com sua terceira tentativa, Antônio despachou o jovem Antilo, aos quinze anos, com uma vasta quantidade de ouro. Otaviano pegou o ouro e dispensou o rapaz. Não fica claro o quanto as propostas eram sinceras; Dio sugere que Antônio e Cleópatra estavam simplesmente ganhando tempo, enquanto tramavam a vingança. As aproximações, de qualquer forma, não eram menos genuínas que as respostas. Otaviano não podia efetivamente esperar que Cleópatra fosse matar Antônio. O irmão dela não havia ganhado pontos por eliminar o aflito e derrotado Pompeu dezessete anos antes. Ela também não tinha garantias de que Otaviano ia honrar o seu lado da troca. Será que ele perdoaria uma mulher a quem havia tão teatralmente declarado guerra? Cleópatra podia muito bem concordar em se dissociar de Antônio, mas dificilmente teria razão para ir mais longe. Ela era capaz de identificar uma emboscada. Otaviano teria de descobrir sozinho como se livrar de seu antigo cunhado.

Com o último mensageiro de Marco Antônio, Otaviano mandou para Alexandria um emissário próprio especialmente astuto. (É notável, embora geralmente esquecido, que com esse arranjo Otaviano tentava envolver Cleópatra.) Tirso era bonito, persuasivo e mais que qualificado para negociar com “uma mulher que era altiva e assombrosamente orgulhosa em termos de beleza”,<sup>23</sup> como diz Plutarco, ou que “achava seu dever ser amada por toda a humanidade”<sup>24</sup>, como Dio conclui. Dio considera Cleópatra vaidosa a ponto de se iludir, tão convencida estava dos próprios encantos a ponto de permitir que um emissário a convencesse de que Otaviano, um jovem general que nunca a tinha visto pessoalmente, estivesse apaixonado por ela, simplesmente porque ela queria que estivesse, e porque no passado ela tivera esse efeito sobre comandantes romanos. Cleópatra passou muito tempo encerrada com o extremamente inteligente Tirso, sobre o qual despejou honrarias especiais. Tinha todas as razões para conquistar o favor dele; os

dois conferenciaram em privado e demoradamente. Antônio explodiu de ciúme. Mandou prender e açoitar Tirso e o devolveu a Otaviano com uma carta. O emissário de Otaviano o tinha provocado, e num momento em que ele já estava irritado. Bastava o que tinha na cabeça. Se Otaviano objetasse ao que ele havia feito, podia facilmente acertar as contas. O homem de Marco Antônio estava com Otaviano na Ásia. (Ele havia desertado antes.) Otaviano só precisava "pendurá-lo e dar-lhe uma surra", sugeriu Antônio, "e estaremos quites".<sup>25</sup>

Cleópatra também tinha muita coisa na cabeça, mas, acima de tudo, acalmava Antônio. Era difícil dizer que valor ele tinha na equação a essa altura, o que torna a solicitude dela ainda mais notável. Ela o acalmava com todas as atenções imagináveis. No final do ano, comemorou modestamente seu aniversário de 38 anos, num estilo "adequado a sua fortuna arruinada". Não poupou despesas quando chegou o de Antônio, em janeiro. Ela continuava a contar com um futuro no qual ele poderia viver, retirado dos negócios públicos, em Atenas ou Alexandria, perspectivas nada realistas nessas circunstâncias. Marco Antônio providenciou para que ele comemorasse seus 53 anos com o máximo esplendor e todo tipo de magnificência, entre amigos que tinham poucas razões para questionar sua lealdade, uma vez que "muitos dos que foram convidados para o jantar entraram pobres e saíram ricos".<sup>26</sup>

Fora isso, os negócios alexandrinos assumiam um ar melancólico. Otaviano continuava a ameaçar Cleópatra em público enquanto, privadamente, afirmava que, se ela matasse Antônio, ele lhe daria o perdão. À parte os mensageiros de língua afiada, ela não tinha intenção de aceitar a oferta. Continuava os experimentos com venenos, embora provavelmente não com uma cobra, como afirma Plutarco. Ela estava em busca de uma toxina que sutilmente, sem dor, apagasse os sentidos. A vítima se entregaria ao que pareceria um sono profundamente natural. Tudo isso era de conhecimento comum a uma soberana helênica, familiarizada com toxinas e antídotos e bem consciente de que uma picada de cobra não correspondia a essa descrição. O médico pessoal de Cleópatra, Olimpo, ao lado dela todas essas semanas, era também

eminentemente versado nesses assuntos; se alguém queria um veneno excelente, ia procurar no Egito, com um médico alexandrino. Os jantares e bebedeiras continuavam, com a fartura de sempre, mas sob outro nome. Cleópatra e Antônio dissolveram a Sociedade dos Inimitáveis Videntes e fundaram outra, em tudo igual àquela associação no “esplendor, luxo e suntuosidade”.<sup>27</sup> Por humor negro ou desespero sombrio, chamaram a nova sociedade de Companheiros da Morte. Os que se reclinavam nos divãs acolchoados do palácio juravam morrer com seus anfitriões. E Cleópatra supervisionou a apressada construção de um complexo edifício de dois andares, vizinho ao templo de Ísis, com uma bela vista do Mediterrâneo, provavelmente num faixa arenosa do terreno do palácio, seu “muito imponente e belo”<sup>28</sup> mausoléu.



Houve uma espécie de suspensão durante o inverno, quando ficou claro que Otaviano não faria uma expedição enquanto o tempo não esquentasse. Surgiram questões urgentes. De Samos, ele voltou a Roma, onde houve manifestações e tumultos de todo tipo. Desmobilizar um exército era sempre complicado e, sem dinheiro, Otaviano tinha milhares de veteranos amotinados nas mãos. Só no começo da primavera ele fez uma viagem de descanso ao Oriente. A estação de viagem a vela ainda não estava aberta; ele foi tão rápido “que Antônio e Cleópatra ficaram sabendo no mesmo momento de sua ida e de sua volta”.<sup>29</sup> Seu novo amigo cordial o saudou na Síria; assim que Otaviano e seus homens desembarcaram na costa fenícia, Herodes entregou presentes e provisões. Instalou os viajantes cansados em apartamentos magníficos. E cuidou para que nada lhes faltasse na marcha pelo deserto que tinham pela frente, enviando Otaviano precisamente do mesmo jeito que havia enviado Cleópatra seis anos antes, só que dessa vez acrescentando boa vontade e fundos à negociação. Herodes contribuiu para a causa de Otaviano com valores equivalentes a quatro anos das receitas de Cleópatra em Jericó. (A lógica era transparente, Herodes queria deixar absolutamente óbvio aos romanos que seu “reino era reprimido demais em proporção aos serviços que prestava a eles”<sup>30</sup>.) Sem nenhum desvio turístico, Otaviano foi para Pelúcio, onde Herodes o

deixou, no começo do verão. A ideia era atacar o Egito por dois lados simultaneamente, através da Síria e da Líbia, mobilizando as antigas legiões de Antônio no Ocidente.

Em Alexandria, Cleópatra continuava sua “estranha e louca vida”<sup>31</sup> com Antônio, sem a qual ela não teria conseguido reconstituir o Império Ptolomaico, e em razão da qual ela se encontrava agora em extrema dificuldade. Podem ter havido outras negociações encobertas durante o inverno; embora os relatos divirjam imensamente em muitas partes, Plutarco e Dio afirmam que Otaviano atravessou com facilidade para o Egito, sem qualquer resistência na fronteira oriental, porque Cleópatra arranjara secretamente para que ele passasse.<sup>32</sup> Os relatos podem ter origem no mesmo relato inimigo; a traição de Cleópatra é um assunto fértil, sobre o qual um romano poderia, durante anos, discutir incansavelmente. Ela podia, sim, estar fazendo um jogo duplo, curvando-se ao inevitável, negociando indulgência. Já havia sido duramente pragmática antes. Nesse ponto, seus interesses afastavam-se substancialmente dos de Antônio. Ele não podia esperar muito mais que um último grande lance final. Ela lutava para preservar uma dinastia, senão um país. (Segundo um relato, Cleópatra ao mesmo tempo subornou um general em Pelúcio para que se rendesse e permitiu que Antônio assassinasse a família do general por sua covardia. E, naturalmente, a acusação de suas maquinações não impediu Otaviano de afirmar depois que ele tomou Pelúcio num ataque.)<sup>33</sup>

Cleópatra sabia que não conseguia resistir militarmente a Otaviano; certamente houve aquiescência, senão traição. Assim como desencorajara os partidários do Alto Egito de se levantarem em sua defesa (ela disse que não gostaria de vê-los massacrados sem necessidade e podia ainda estar apostando numa negociação), ela desestimulou os alexandrinos em sua resistência. Dio atribui a ela um segundo motivo, infinitamente menos plausível também. Ele afirma que ela acreditou em Tirso quando ele disse que Otaviano estava caído por ela. Por que Otaviano seria diferente de César e de Antônio? Dio é tão obcecado com a vaidade de Cleópatra que esquece que ela era também uma hábil política. Ela cede Pelúcio,

afirma ele, porque “esperava conquistar não apenas o perdão e a soberania sobre o Egito, mas o império sobre os romanos também”<sup>34</sup>. De Cleópatra se poderia esperar, no geral, que fizesse o que era mais inteligente. Dio a põe comprometida com o absurdo. Ela estava lutando por sua vida, seu trono e seus filhos. Havia governado durante vinte anos e não tinha ilusões. Sabia que Otaviano estava profundamente apaixonado não por ela, mas por sua fortuna. No mausoléu, ela empilhou pedras preciosas, joias, obras de arte, cofres de ouro, mantos reais, estoques de canela e incenso vegetal, necessidades para ela, luxos para o resto do mundo. Junto com essas riquezas, ia também uma vasta quantidade de lenha. Se ela desaparecesse, o tesouro do Egito desapareceria com ela. A ideia era uma tortura para Otaviano.

À medida que Otaviano avançava para Alexandria, Antônio experimentou uma súbita onda de energia. Reunindo uma força modesta, saiu a cavalo ao encontro da guarda avançada do inimigo nos arredores da cidade, vários quilômetros a leste da porta Canópica. O exército de Otaviano estava esgotado pela marcha; a cavalaria de Antônio ganhou o dia, provocando a debandada de Otaviano e perseguindo-os de volta até o acampamento. A toda velocidade, Antônio galopou de volta a Alexandria para transmitir a notícia brilhante: “Então, exaltado por sua vitória, ele entrou no palácio, beijou Cleópatra, todo armado como estava, e apresentou a ela um dos soldados que tinham lutado com mais empenho.”<sup>35</sup> Cleópatra recompensou o empoeirado jovem com armadura e capacete dourados. Com respeito e gratidão, ele aceitou ambas as coisas. Nessa noite, passou para o lado de Otaviano. Decidido, Antônio tentou mais uma vez subornar os homens de Otaviano, alguns dos quais tinham, afinal de contas, sido seus. Mandou também um convite a seu ex-cunhado, desafiando-o a um combate individual. Dessa vez, obteve resposta. Otaviano observou, gelado, que havia muitas maneiras para Antônio morrer.

Ele decidiu lançar um último ataque, simultaneamente na terra e no mar. Um jantar mórbido precedeu essa saída, na noite de 31 de julho. Otaviano acampara diante do portão leste de Alexandria, perto do hipódromo da cidade. Sua frota estava ancorada pouco além do

porto. Uma calma assustadora baixou sobre a cidade frenética. Cercado de amigos no palácio, Antônio insistiu com seus criados para beber copiosamente. Não teriam essa oportunidade no dia seguinte, quando podiam talvez estar sob um novo senhor, e ele seria, na melhor das hipóteses, “uma múmia e um nada”.<sup>36</sup> Mais uma vez seus amigos choraram com suas palavras. Antônio os consolou. Não ia envolvê-los em batalhas inúteis. Desejava apenas uma morte honrosa. Ao amanhecer de 1º de agosto, ele atravessou os portões da cidade com o que restava da infantaria, instalando os homens num ponto de onde podiam acompanhar os enfrentamentos no mar. Em torno deles a cidade estava calada. Antônio se pôs, imóvel, no ar prateado da manhã, tenso com a expectativa da vitória. Sua frota remou diretamente para cima de Otaviano e saudou o inimigo com os remos. Os navios de Otaviano retribuíram o gesto. De terra, Antônio viu as frotas voltarem pacificamente para o porto, agora unidas numa só. Assim que as proas se alinharam, sua cavalaria também desertou. A infantaria lançou-se a uma luta confusa. Antônio voltou voando para o palácio, vociferando “que Cleópatra o tinha traído com os inimigos que ele havia feito por causa dela”<sup>37</sup>. A acusação confirma a confusão de seu estado de espírito. Dio a aceita literalmente, culpando Cleópatra mais uma vez. Evidentemente, ela havia traído Antônio e feito os navios desertarem. Estava em acordo com Otaviano. Não é impossível; ela pode muito bem ter preferido seus próprios esforços de última hora aos de Antônio, porque ainda estava em posição de negociar, Antônio não. No que diz respeito ao episódio, os relatos irregulares são menos problemáticos do que as personalidades dos dois cronistas, que ficam muito incomodados com Cleópatra. Dio fica excitado com a traição, Plutarco se perde na emoção. Em pânico, a cidade era de Otaviano.<sup>38</sup>

Tivesse ou não traído Antônio, Cleópatra não esperou a volta dele. Já tinha ouvido suas acusações antes. Não sentia nenhuma vontade de ouvi-las de novo. Ela sabia agora que seu amante estava final, irrecuperável e inconsolavelmente arruinado. Fugindo de Antônio, ela correu para o mausoléu com suas criadas e seus funcionários. Ao entrar, baixaram as portas maciças, evidentemente uma espécie de porta levadiça gradeada. Uma vez fechados, os painéis não se

deslocariam mais. Cleópatra ainda protegeu a entrada com trancas e ferrolhos. Para Dio, a fuga para o mausoléu foi uma encenação; Otaviano havia mantido seu fluxo regular de mensagens confortadoras. É claro que Cleópatra havia cedido ao seu pedido de sacrificar o amante em troca do Egito. Ela fez o gesto dramático para provocar o suicídio de Antônio. Antônio desconfiou de um ardil, “mas em sua paixão não conseguiu acreditar nisso, na realidade, pode-se dizer que teve ainda mais pena dela que de si próprio”<sup>39</sup>. Razões para pena é que não faltavam. Dio admite que Cleópatra tinha ao menos consideração pelo afeto de Antônio — ela podia ser falsa, mas não era fria —, embora mais uma vez ele distorça os motivos dela. Se Antônio acreditasse que ela estava morta, certamente não quererá continuar vivendo. Tendo se barricado no mausoléu, Cleópatra mandou a Antônio um mensageiro com a notícia de sua morte.

Será que ela o enganou deliberadamente? Cleópatra é acusada de tantas traições que é difícil saber como entender esta, talvez a mais humana e menos surpreendente. Os dois eram, afinal, parceiros na morte; Antônio havia oficialmente oferecido matar-se para salvá-la. Otaviano não tinha mais uso para Antônio, que, nessa altura, constituía um impedimento para Cleópatra também. Alguém tinha de acabar com a desgraça dela, tarefa de que generais romanos derrotados geralmente se encarregavam sozinhos. A mensagem pode ter se distorcido na transmissão, muito antes de ser distorcida por historiadores. De qualquer forma, Antônio não perdeu tempo; sem Cleópatra, ele não tinha mais razão para viver. Também não estava nada disposto a ser superado por uma mulher. Ele recebeu a notícia em seus aposentos, entre seus funcionários. Plutarco o faz desprender imediatamente a armadura, gritando: “Ah, Cleópatra, não sofro por ter perdido você, porque vou imediatamente a seu encontro; mas sinto que um comandante tão grande como eu venha a ser considerado menos corajoso que uma mulher.”<sup>40</sup> Estava preestabelecido que seu criado Eros o mataria se surgisse a necessidade. Antônio então pediu que ele o fizesse. Eros puxou a espada e, dando as costas a seu senhor, suicidou-se. Caiu aos pés de Antônio. Antônio só podia aplaudir sua coragem e seu exemplo.

Brandindo a própria espada — a lâmina devia ter 75 centímetros de comprimento, com um extensa ponta de aço —, ele a cravou diretamente entre as costelas, errando o coração, perfurando o abdome. Ensanguentado e tonto, caiu no divã. Havia fracassado em sua tarefa, porém, e logo recobrou a consciência. Era, de certa forma, típico de Antônio deixar o trabalho pela metade. Ele implorou aos que estavam à sua volta que dessem o *coup de grâce*, mas por uma última vez se viu abandonado. Sua equipe deixou a sala, até o último homem.

Seguiu-se uma gritaria, o que levou Cleópatra ao andar superior do mausoléu. Ela espiou ou pelas janelas do segundo andar, ou pelo teto inacabado; havia construído depressa, mas não depressa o suficiente. A aparição dela causou uma comoção — então Cleópatra não estava morta, afinal! —, embora, se Dio estiver correto, ninguém possa ter ficado mais surpreso que Antônio. Mais uma vez os relatos de Plutarco e Dio são incompatíveis. Não fica claro se foi Antônio que soube primeiro que Cleópatra ainda estava viva, ou se foi Cleópatra que descobriu que Antônio estava meio morto. Antônio então ordena a seus criados que o levem até ela (Dio), ou Cleópatra manda seus criados até ele (Plutarco). Antônio já havia perdido muito sangue. O secretário de Cleópatra encontrou-o no chão, se contorcendo e gritando.

Os criados de Antônio o carregaram nos braços, sangrando e em agonia, até o mausoléu. Das janelas acima, Cleópatra fez baixar as cordas que haviam sido usadas para erguer os blocos do alto da estrutura. Os criados amarraram o corpo frouxo a elas. Cleópatra puxou seu amante para si, com a ajuda de Iras e Charmion, que conheciam Antônio havia muito. Não dá para melhorar a versão de Plutarco para a tarefa: nem Shakespeare conseguiu isso. “Nunca”, escreve Plutarco, a partir do relato de uma testemunha ocular, “se viu coisa mais triste. Coberto de sangue e lutando contra a morte, ele foi erguido, estendendo os braços para ela pendurado no ar. Porque não era uma tarefa fácil para mulheres, e dificilmente Cleópatra com as mãos trêmulas e o rosto contraído, poderia puxar a corda, enquanto os que estavam embaixo gritavam, encorajando-a e participando de sua agonia.” Assim que ela o subiu e deitou-o num

divã, Cleópatra começou a rasgar e arrancar a própria roupa. Esse é um dos dois únicos momentos registrados em que ela perde seu colossal autocontrole. Ela cede à emoção crua; “ela quase esqueceu seus próprios males pelos dele”. Os dois tinham passado quase uma década juntos; Cleópatra limpou o sangue do corpo dele e passou no próprio rosto. Bateu no próprio peito e arranhou-se. Chamou Antônio de senhor, comandante, marido; ela sempre soube falar com um homem. Ele silenciou os gritos dela e pediu um gole de vinho, “ou porque estava com sede, ou na esperança de apressar o fim”.<sup>41</sup> Servido, ele encorajou Cleópatra a cuidar da própria segurança e a cooperar com Otaviano até onde sua honra permitisse, conselho que sugere alguma dúvida de Antônio quanto às intenções dela. Dentre os homens de Otaviano, ele aconselhou que ela confiasse a própria segurança a Caio Proculio.<sup>42</sup> Ele tinha sido amigo também de Antônio. Ela não devia ter pena de sua sorte, mas alegrar-se pela felicidade e honras que tinham pertencido a ele. Ele fora o mais ilustre e poderoso dos homens e agora morria uma morte nobre, vencido afinal apenas por um concidadão romano. As ondas murmuravam lá fora. Antônio morreu nos braços de Cleópatra.



Enquanto Antônio fazia sua torturante viagem ao mausoléu, um de seus guarda-costas correu para o campo de Otaviano, fora da cidade, levando a espada de Antônio escondida debaixo do manto. Lá, ele exibiu a pesada lâmina, ainda manchada de sangue e fez um primeiro relato do suicídio malsucedido. Otávio retirou-se imediatamente para sua tenda, para chorar as mesmas lágrimas de crocodilo que César havia chorado por Pompeu, “um homem que havia sido seu parente por matrimônio, seu colega por ofício e no comando, e seu parceiro em muitos empreendimentos e lutas”. O alívio deve ter sido grande; livrar-se de Antônio tinha sido um problema. Enquanto Antônio jazia nos braços de Cleópatra, Otaviano se permitiu uma pequena cerimônia de autojustificativa, mostrando cartas que ele e seu antigo cunhado haviam trocado nos anos anteriores. Essas, ele leu em voz alta para seus amigos reunidos. Não era notável “como ele havia escrito razoavelmente e com justiça, e como Antônio sempre fora rude e arrogante nas

respostas"?<sup>43</sup> (Ele tomou o cuidado de queimar a parte de Antônio nessa correspondência.)<sup>44</sup> Depois da leitura dramática, Proculeio partiu. Estava na porta de Cleópatra minutos depois da morte de Antônio.

Até o final, Antônio mostrou ser confiante demais. Proculeio tinha dois encargos. Precisava fazer tudo em seu poder para arrancar Cleópatra do mausoléu. E cuidar que o tesouro de que Otaviano precisava com tamanha urgência para solucionar seus problemas não ardesse em chamas. Herodes tinha lhe dado um gosto do Oriente; Otaviano não podia permitir que o fabuloso tesouro do Egito ardesse numa pira funeral, objeto de sonhos e exageros desde os tempos de Homero. Suas dívidas eram o único obstáculo que ainda restava em Roma. Ele também precisava de uma rainha egípcia, que ele calculava fosse "acrescentar muito à glória de seu cortejo de triunfo".<sup>45</sup> Dio dedica muita atenção às manhas e simulações de Cleópatra ao longo dos dias seguintes, mas ele sabia que estava escrevendo sobre dois personagens escorregadios, ambos profundamente envolvidos nos negócios de traição. Otaviano queria pegar Cleópatra viva, admite Dio, "mas não queria dar a impressão de que a enganara ele próprio".<sup>46</sup> O bem-educado Proculeio deveria alimentar as esperanças dela e afastar suas mãos do fogo.

Apesar das recomendações de Antônio, Cleópatra se recusou a conceder uma entrevista a Proculeio no mausoléu. Se ele queria falar com ela, teria de ser através de uma porta bem-trancada. Otaviano havia feito a ela certas promessas. Ela queria garantias. Ameaçou queimar seus tesouros sem elas. Insistiu muito que seus filhos, três dos quais estavam sob respeitosa guarda, com seus criados, podiam herdar o reino. Proculeio contornou o pedido. Ele garantiu a ela que não devia se preocupar. Que podia confiar inteiramente em Otaviano. Ela não se convenceu e tomou várias precauções. Levou uma pequena adaga escondida no cinto: era a primeira vez que o fazia. E havia muito tempo mandara Cesário Nilo acima. Ela sabia que não podia pedir nenhum favor em nome de seu filho mais velho. Com seu tutor, Ródão, e uma pequena fortuna, ele seguiria por terra até a costa e iria de navio até a Índia, fonte

estabelecida do marfim e das tinturas, das especiarias e cascos de tartaruga. Proculeio avançou pouco, embora tenha tido muitas oportunidades de examinar o mausoléu, ao qual retornou para uma segunda entrevista, acompanhado por Caio Cornélio Galo, que havia entrado no Egito pelo oeste, à frente das legiões de Antônio. Galo era de nível superior a Proculeio. Poeta e intelectual, tinha grande facilidade de expressão. Era um pioneiro da elegia amorosa. (Ironicamente, ele dedicou sua obra à atriz que tinha sido amante de Antônio.) Uma vez mais, via-se diante das mulheres de Antônio. Talvez pudesse negociar uma rendição. Galo encontrou Cleópatra na frente da porta, para uma conversa prolongada, provavelmente pouco diferente da que ela tivera com Proculeio. Ela permaneceu intransigente.

Enquanto isso, Proculeio encostava uma escada na lateral do edifício e subia para a janela do piso superior, através da qual Antônio havia sido erguido. Dois criados escalaram a parede atrás dele. Uma vez do lado de dentro, desceram para o piso térreo, onde atacaram Cleópatra na porta do mausoléu. Charmion e Iras foram as primeiras a notar os intrusos e gritaram: “Infeliz Cleópatra, será presa viva!” Ao ver os romanos, Cleópatra pegou a adaga para se matar, mas Proculeio foi mais rápido. Atirando-se sobre Cleópatra, prendeu-a com ambos os braços. Ele atirou longe a adaga e revistou as dobras da roupa dela em busca de venenos, o tempo todo tranquilizando-a afavelmente, como havia sido orientado a fazer. Ela não devia agir com violência. Prestaria um desserviço a ela mesma e a Otaviano também. Por que privá-lo da oportunidade de comprovar sua bondade e integridade? Ele era afinal o “mais delicado dos comandantes” — coisa que ela já havia ouvido antes, de um mensageiro que desertara, a respeito do homem cujo corpo sem vida jazia no andar de cima numa poça de sangue.

Otaviano instalou um escravo liberto chamado Epafrodito ao lado de Cleópatra. Ele devia manter viva a rainha do Egito “por meio da mais estrita vigilância, mas por outro lado fazer todas as concessões que promovessem seu conforto e prazer”.<sup>47</sup> Todos os instrumentos com os quais ela pudesse de novo tentar se matar foram confiscados. É de se presumir que nessa conjuntura o grande

tesouro tenha sido levado embora também. Cleópatra, porém, era atendida em tudo o que solicitava, incenso, óleo de cedro e canela, com os quais preparava Antônio para o funeral. Ela passou dois dias purificando o corpo, uma cortesia que sem dúvida Otaviano prestou com prazer. Ele podia ganhar pontos ao honrar um código não escrito de guerra, enquanto ao mesmo tempo realizava o enterro escandaloso que dizia que Antônio havia solicitado. Os homens de Otaviano não removeram nenhum criado ou funcionário de Cleópatra, “a fim de que ela pudesse alimentar mais esperanças que nunca de que conseguiria tudo o que desejava e, portanto, não fizesse nenhum mal a si mesma”.<sup>48</sup> Os três filhos foram tratados com consideração e de acordo com seu posto, e por isso ela tinha toda razão de ser grata. Os homens de Otaviano localizaram Antilo, traído por seu tutor, fascinado pela pedra preciosa sem preço que sabia que o jovem de dezesseis anos usava por baixo da toga. O filho de Antônio tinha procurado refúgio num santuário, provavelmente dentro das maciças muralhas do Cesareum.<sup>49</sup> Ele implorou por sua vida. Os homens de Otaviano o arrastaram para fora e o decapitaram. O tutor não perdeu tempo em arrancar a joia do corpo, o que fez com que depois fosse crucificado.

Cleópatra solicitou e obteve permissão para enterrar Antônio pessoalmente. Acompanhada por Iras e Charmion, ela o fez “de maneira suntuosa e real”. As mulheres do século I lamentavam com muitos gritos, autoespancamentos e arranhões com as unhas na pele e Cleópatra não foi exceção: sua demonstração foi tão extrema que seu peito estava inflamado e ulcerado ao fim do funeral, provavelmente no dia 3 de agosto.<sup>50</sup> Instalou-se uma infecção, acompanhada de febre. Ela estava satisfeita: se agora recusasse comida, poderia, pensou, conseguir uma morte tranquila, livre de romanos. Ela confiou isso a Olimpo, que a aconselhou e prometeu ajuda. O método dela, porém, não era nada sutil; Otaviano logo ficou sabendo do comprometimento de seu estado. Ele tinha um trunfo tão grande quanto o tesouro de Cleópatra. Ele “insistiu com ela por meio de ameaças e temores relativos a seus filhos”,<sup>51</sup> o que, admite Plutarco, é um tipo de guerra, e mais eficiente. Cleópatra rendeu-se a comida e a tratamento.

Otaviano havia, nesse momento, manifestado alguma boa vontade, o que pode, em parte, ter tranquilizado Cleópatra. Ele convocou uma assembleia pública e no fim da tarde de 1º de agosto, dia da morte de Antônio, entrou a cavalo na cidade com um rolo preparado. Ele sempre escrevia em latim o que pretendia dizer; esse discurso foi depois traduzido para o grego. No estádio onde Antônio e Cleópatra tinham coroado seus filhos, Otaviano subiu a uma plataforma especialmente construída para esse fim. Os alexandrinos aterrorizados prostraram-se aos pés dele. Otaviano pediu que se levantassem. Não tencionava nenhum mal. Resolvera perdoar a cidade por três razões: em honra de Alexandre, o Grande; pela grande admiração de Otaviano por sua terra, "a mais rica e maior de todas as cidades";<sup>52</sup> e para agradar a Areio, o filósofo grego a seu lado. A verdade, admite Dio, é que Otaviano não ousava "infligir nenhum dano irreparável a um povo tão numeroso, que podia se mostrar útil aos romanos de muitas maneiras".<sup>53</sup>

Cleópatra deve ter notado que os acontecimentos estavam se desenrolando depressa. Ela solicitou uma audiência urgente com Otaviano, concedida em 8 de agosto. Embora nos traços gerais, os relatos de Plutarco e Dio desse encontro sejam semelhantes, a *mise-en-scène* é radicalmente diferente. Plutarco escreve para Puccini, Dio para Wagner. Pode haver mais arte que verdade em ambas as versões; de um jeito ou de outro, foi uma performance e tanto. (Servia também como um contraste revelador da entrevista com Herodes.) Plutarco levanta a cortina com Cleópatra deitada num colchão simples, frágil e desarrumada, vestida apenas com uma túnica, sem nenhum tipo de manto. Otaviano escolheu surpreendê-la. Ao ver seu visitante, ela se levanta e atira-se aos seus pés. A semana terrível cobrou o seu preço: "O cabelo e o rosto estavam em terrível desalinho, a voz tremia, os olhos fundos. Eram visíveis também as marcas dos golpes cruéis no peito; em poucas palavras, seu corpo não parecia melhor que seu espírito."<sup>54</sup> Dio prefere Cleópatra em esplendor real e em seu melhor histrionismo. Ela preparou um luxuoso apartamento e um divã ornado para o visitante. Está perfeitamente penteada, soberba, numa roupa matinal que "combina maravilhosamente com ela".<sup>55</sup> Quando

Otaviano entra, ela se põe de pé, juvenil, para se ver face a face com seu inimigo mortal, certamente pela primeira vez. Otaviano estava em seu auge, ao menos para os seus panegiristas; era muito atraente às mulheres “porque valia bem a pena ser olhado”<sup>56</sup>, como coloca Nicolau de Damasco mais tarde. Cleópatra deve ter sentido um certo alívio. “Viver tanto tempo com medo certamente é pior do que a realidade que tememos”<sup>57</sup>, observou Cícero. Diante de Cleópatra estava, afinal, apenas um homem, de cerca de um metro e setenta, com cabelo loiro despenteado, expressão benigna, mais confortável com o latim que com o grego, seis anos mais novo que ela, pálido, rígido e pouco à vontade.

Alguém enfeitou as fontes e é difícil acreditar que não tenha sido Dio. Seu relato é tão cinematográfico a ponto de ser suspeito, suntuoso demais, mesmo para uma rainha helenística. Por outro lado, se Cleópatra não tivesse certo instinto para o drama, não teria chegado a esse ponto. No divã ao lado dela, colocou bustos e retratos de César. No peito, aperta suas cartas de amor. Ela saúda Otaviano como seu senhor, mas ao mesmo tempo quer que ele entenda sua antiga distinção. Ele tem de saber a estima que o divino César, pai dele, seu amante, tinha por ela. Com esse fim, passa a ler trechos da correspondência, limitando-se às passagens mais ardentes; Otaviano não era o único que sabia como editar um documento. Ela é tímida, doce, sutil. Eles são parentes! Sem dúvida, Otaviano ouviu falar das muitas honras com que ele a brindou? Ela é amiga e aliada de Roma; César a coroou pessoalmente! Durante toda essa performance, “ela lamentava e beijava as cartas, e uma vez mais atirava-se diante das imagens e as reverenciava”. Ao fazê-lo, volta os olhos insistentemente para Otaviano, com olhares ardentes, sutilmente tentando trocar um César por outro. Ela é sedutora, eloquente, audaciosa, embora naturalmente não seja rival para a retidão romana de Otaviano, opinião que pode ser de Dio. Otaviano não trai nem uma faísca de emoção. Ele é imune a olhares ternos. Ele se orgulha da ardente intensidade de seu olhar, mas nessa ocasião se recusa a fazer contato visual, preferindo estudar o chão. Também não assumirá nenhum compromisso. Não falará — ele era lacônico a ponto de ser desajeitado, e aqui provavelmente

não ousou se afastar das frases ensaiadas — de amor, nem do futuro do Egito, nem dos filhos de Cleópatra. Dio focaliza a indiferença de Otaviano, mas uma outra coisa fica notavelmente ausente da entrevista: Cleópatra não pede nenhum reconhecimento por ter cedido Pelúcio, por ter entregue a frota de Antônio, por ter induzido Antônio a se matar, porque provavelmente não merecia reconhecimento. Se ela mencionasse o seu lado de uma negociação anterior, provavelmente solicitaria sua recompensa nesse momento. Por fim, ela cai em prantos e se atira aos pés de Otaviano. Não tinha, soluça, nenhum desejo de viver. Nem podia continuar viva. Será que, em memória de seu pai, Otaviano concederá um único favor? Poderia ela juntar-se a Antônio na morte? “Não me negue ser enterrada com ele”, ela implora, “para que, como é por ele que morro, eu possa estar com ele mesmo no Hades.”<sup>58</sup> Mais uma vez, ela fracassa em despertar seja piedade, seja uma réstia de promessa de Otaviano. Ele só podia exortá-la a não perder o ânimo, resolvendo uma vez mais alimentar as esperanças dela. Ele queria Cleópatra viva. Ela ornamentaria brilhantemente seu cortejo de triunfo.

Cleópatra está fisicamente mais desarrumada, mentalmente mais digna na versão de Plutarco, não necessariamente mais exata por ter sido colhida do médico de Cleópatra; todo mundo era um propagandista naquele momento. Com elegância, Otaviano pede que ela volte a seu divã. Senta-se perto. Cleópatra desenrola uma lista de justificativas, semelhantes àquela que desenrolou em Tarso, atribuindo suas ações “à necessidade e ao medo de Antônio”<sup>59</sup>. Quando Otaviano refuta seu argumento ponto por ponto, ela muda de tática, recorrendo a piedade e orações. Acaba implorando pela própria vida. Está desesperada e magnífica, enquanto em Dio ela está apenas desesperada. Não emite notas sedutoras, o que de fato parece ter sido acrescentado depois, quando todos os tipos de cronistas colocaram Cleópatra atirando-se vigorosamente a todos os tipos de pés.<sup>60</sup> Com certeza, ela se atira na literatura mais do que na vida. Deixando de lado ficções totais e distorções convenientes, Dio e Plutarco concordam em essência. Desarrumada ou não, Cleópatra continua um assombro de se ver: “O encanto pelo qual era famosa e

a ousadia de sua beleza” brilhavam, apesar de seu sofrimento, “e manifestavam-se no jogo das feições”<sup>61</sup>. Ela continua maleável e astuta, modulando os “timbres musicais” e os “tons melífluos”<sup>62</sup> conforme exigia a situação, acompanhando seus argumentos. Meio esfaimada e parcialmente incapacitada, ela é irascível como sempre. Em ambas as narrações, ela deixa Otaviano num lodaçal de embaraço.

Quando suas preces fracassam em comovê-lo, Cleópatra recorre a seu trunfo. Ela fez um inventário de seus tesouros, que entrega a Otaviano, como uma espécie de rendição. Enquanto Otaviano examina a lista, um dos administradores de Cleópatra dá um passo à frente; a situação traz à tona o pior de cada um. Seleuco não pode deixar de observar que Cleópatra omitiu diversos itens excepcionalmente valiosos. Na frente de Otaviano, ele acusa sua rainha de “roubá-los e escondê-los”. Diante disso, Cleópatra voou de seu divã, “agarrou-o pelo cabelo e cobriu seu rosto de golpes”. Sem poder esconder um sorriso, Otaviano levantou-se para detê-la. A hábil resposta é Cleópatra em seu melhor momento, pura sutileza sinuosa: “Mas não é uma coisa monstruosa, César, que, quando você me honra com uma visita em minha aflição, um de meus escravos me denuncie por reservar alguns adornos de mulher, não para mim, infeliz que sou, mas para que possa fazer pequenos presentes a Otávia e à sua Lívia, e pela intercessão delas esperar de você mais misericórdia e bondade?”<sup>63</sup> Dio também faz Cleópatra voltar-se para a esposa e a irmã de Otaviano, mas não por meio da ópera cômica. Invocando solidariedade feminina, Cleópatra promete separar para Lívia algumas joias especialmente notáveis. Deposita nela uma grande esperança. Ambas as entrevistas são compostas de dissimulação e farsa, de alegações fingidas e emoções artificiais. Deixando de lado os detalhes divergentes, ambas são blefe e pantomima, Otaviano faz questão absoluta de que Cleópatra marche pelas ruas de Roma como sua prisioneira, mas finge que não. Cleópatra desconfia disso, mas finge aferrar-se à vida. Ela não tem intenção de voltar acorrentada a uma cidade onde um dia viveu como honrada hóspede de César. Para ela, suportar essa humilhação é “pior do que mil mortes”<sup>64</sup>. Ela sabe bem o que Roma significa

para uma soberana cativa. Se sobreviviam, era num calabouço romano. Soberanos helenísticos haviam se matado — e enlouquecido — lá. Muito satisfeito com a menção a Lúvia, Otaviano deixou Cleópatra tranquilo e foi também tranquilizador, prometendo a ela “tratamento mais esplêndido do que ela podia esperar”. E com isso saiu, bem satisfeito, “achando que a tinha enganado, mas na verdade enganado por ela”.<sup>65</sup>



Cleópatra fez uma última conquista, mas não seria Otaviano. Em sua equipe havia um jovem aristocrata chamado Cornélio Dolabela. Plutarco nos conta que Dolabela alimentava “uma certa ternura” por Cleópatra; a emoção podia estar mais perto da pena. Ela insistiu com ele para que a mantivesse informada de todos os acontecimentos. Dolabela concordara. Em 9 de agosto, ele mandou um recado privado a ela. Otaviano planejava partir dentro de três dias. Cleópatra e seus filhos deveriam ir com ele. Imediatamente, Cleópatra mandou um mensageiro a Otaviano. Teria permissão para fazer sacrifícios a Antônio? O pedido foi atendido. Na manhã seguinte, uma liteira a levou à tumba dele, junto com Iras e Charmion. Ao lado do túmulo, Plutarco nos oferece um discurso que é um soluço dolorido, um exercício retórico mais perto da tragédia grega do que da história helenística; ele já está dez capítulos adiante de Antônio, seu assunto principal, e muito fascinado com seu assunto accidental. Atirando-se ao chão e abraçando a tumba, a Cleópatra de Plutarco explica ao amante morto que é prisioneira. Brotam lágrimas em seus olhos. “Tão cuidadosamente vigiada [sou eu] que não posso nem com golpes nem com lágrimas desfigurar este corpo meu, que é um corpo de escrava, e vigiado de perto para que possa enfeitar o cortejo de triunfo sobre você.” Nada na vida foi capaz de afastá-los, mas a morte está prestes a fazê-lo. Antônio deu seu último suspiro no país dela, e ela, “uma mulher infeliz”, devia encontrar seu fim no país dele. Os deuses do mundo acima os abandonaram. Se os deuses do além têm qualquer poder, ela intima Antônio a apelar a eles. Será que poderiam poupá-la de marchar num cortejo de vitória sobre ele? Ela implorou que eles a escondessem e a enterrassem no Egito junto com ele, “uma vez que

de todas as minhas inúmeras aflições nenhuma foi tão grande nem tão horrível como este breve tempo em que vivi separada de você”<sup>66</sup>. A cena é pobre de vingança e rica de afeição; a Cleópatra de Plutarco morrerá de amor, mais que de inimizade. Enfeitando com guirlandas e beijando seu túmulo, em meio a uma nuvem de mirra, ela informa ternamente a Antônio que essas são as últimas libações que poderá oferecer a ele.

Ao voltar para o mausoléu essa tarde, ela mandou preparar um banho. Depois, reclinou-se à mesa, onde desfrutou uma suntuosa refeição. Por volta do fim do dia, um criado apareceu diante da porta com uma cesta de figos, direto do campo. Os guardas examinaram o conteúdo cuidadosamente. Os figos do Egito eram especialmente doces: os romanos se deslumbravam com o fruto suculento. Com um sorriso, o viajante ofereceu amostras a todos, depois do que acenaram que entrasse no monumento. Algum tempo depois, Cleópatra pôs seu selo numa carta que havia preparado antes. Então chamou Epafrodito. Será que ele podia relaxar sua guarda apenas o tempo de levar um comunicado a Otaviano? Era relativo a um assunto menor; não havia pressa. Epafrodito partiu, atravessando a areia do lado de fora. Cleópatra então dispensou seu séquito, menos Iras e Charmion. As três mulheres fecharam as portas do mausoléu; provavelmente, as barras e trancas haviam sido removidas junto com o tesouro. Se ainda não o haviam feito, as criadas vestiram Cleópatra com suas vestes formais, às quais ela acrescentou os ornatos de seu posto, o cetro e o flagelo faraônicos. Em torno da testa atou o diadema, as fitas descendo pelo pescoço.

Otaviano abriu a carta — ele não podia estar longe, muito provavelmente estava no palácio — e leu o ardente pedido de Cleópatra para ser enterrada ao lado de Antônio. No mesmo instante entendeu o que havia acontecido. Ficou atônito. Partiu imediatamente, mas então mudou de ideia — estava aturdido — e mandou mensageiros investigarem. Eles correram ao mausoléu, onde os guardas de Otaviano estavam de sentinela, imperturbáveis e não suspeitando de nada. Juntos, arrombaram as portas. Era tarde demais. “O malefício”, Plutarco nos conta, “havia sido rápido.”<sup>67</sup> Cleópatra estava deitada num divã dourado, provavelmente uma

cama de estilo egípcio, com pernas de patas de leão e cabeças de leão nos cantos. Majestosa e meticulosamente vestida em “seu traje mais belo”<sup>68</sup>, ela segurava nas mãos o cetro e o flagelo. Estava perfeitamente composta e completamente morta, Iras quase igual a seus pés. Caída, com a cabeça pesada, quase incapaz de ficar em pé, Charmion tentava desajeitadamente arrumar o diadema na testa de Cleópatra. Raivosamente, um dos homens de Otaviano explodiu: “Bela atitude essa, Charmion!” Ela teve energia apenas para um lance de despedida. Com uma mordacidade que teria deixado orgulhosa a sua senhora, conseguiu dizer: “Bela mesmo, e muito adequada à descendente de tantos reis”<sup>69</sup>, antes de cair morta ao lado da rainha.

Ninguém podia discordar do epitáfio de Charmion. (Como também não podia ser melhorado. Shakespeare usou as suas palavras exatas.) “O valor do desafortunado desperta grande reverência mesmo entre os inimigos”<sup>70</sup>, observa Plutarco, e no acampamento de Otaviano houve admiração e pena generalizadas. Cleópatra havia demonstrado tremenda coragem. Como ela conseguiu realizar seu ato final é menos evidente. Otaviano ficou com a impressão, ou tentou dar a impressão, de que ela havia recorrido a uma áspide. Ao chegar à cena, depois de seus mensageiros, ele tentou ressuscitar Cleópatra. Mandou chamar um psilo, porque acreditava-se que essa tribo, na Líbia, tinha uma imunidade mágica ao veneno de serpentes. Dizia-se que eles podiam determinar que tipo de serpente havia picado uma pessoa pelo gosto do veneno; murmurando encantamentos e sugando a ferida, eram capazes de extrair a morte de um corpo frio<sup>71</sup>. O psilo que ajoelhou ao lado de Cleópatra não fez milagres. A rainha egípcia não podia ser ressuscitada. Isso não era surpreendente. Nem Dio nem Plutarco tinham certeza absoluta da áspide, que certamente entrou na história depois e não durante a vida de Cleópatra, dentro de um cesto de figos. Nem mesmo Strabo, que aportou no Egito logo depois da morte dela, acreditou nisso.<sup>72</sup>

Por muitas razões, é improvável que Cleópatra tivesse recorrido a uma áspide, ou a uma naja egípcia para fazer o trabalho. Uma mulher conhecida por suas firmes decisões e planejamentos meticulosos com certeza hesitaria em confiar seu destino a um

animal selvagem. Ela possuía muitas opções mais rápidas e menos dolorosas. Além disso, era também um pouco conveniente demais ser morta pelo emblema real do Egito; a cobra fazia sentido mais simbólico do que prático. Mesmo a mais confiável das cobras não conseguiria matar três mulheres em rápida sucessão, e a áspide é uma serpente famosa pela lentidão. Uma naja egípcia, arisca, silvante e bufante no esplendor de seu metro e oitenta de comprimento, dificilmente poderia ser escondida num cesto de figos, ou permanecer escondida por muito tempo. O trabalho era grande demais e o cesto pequeno demais. Veneno é a alternativa mais provável, como Plutarco parece sugerir com seu levantamento dos experimentos de Cleópatra. É mais provável que ela tenha tomado uma bebida letal — a cicuta e o ópio de Sócrates teriam tido o mesmo efeito —, ou aplicado um unguento tóxico. Aníbal havia recorrido a veneno quando encurralado 150 anos antes. Mitrídates havia tentado a mesma coisa. O tio de Cleópatra, rei do Chipre, sabia exatamente o que ter à mão quando Roma apareceu em 58. Supondo-se que ela morreu da mesma causa que Charmion, supondo que ela morreu no estado em que foi descoberta, Cleópatra sofreu pouco. Não houve paroxismos de convulsões, que o veneno da naja acabaria induzindo. O efeito da toxina que ela tomou havia sido mais narcótico que convulsivo, a morte pacífica, rápida e essencialmente indolor. “A verdade ninguém sabe”<sup>73</sup>, anuncia Plutarco, para séculos de ouvidos que não querem ouvir.

Posta de lado durante quase duzentos anos, a serpente se apega tenazmente à história. A áspide de Cleópatra é a cerejeira da história antiga, uma conveniência, um signo, acima de tudo uma bênção para pintores e escultores ao longo dos séculos. Fazia sentido poético e boa arte. (Assim como o peito nu, que também não fazia parte da história original.) E a serpente multiplicou-se imediatamente: Horácio escreveu sobre “serpentes de dentes afiados”<sup>74</sup> em uma ode. Virgílio, Propércio e Marcial seguirão seus passos. A fera ou feras figuram em todos os primeiros relatos. Otaviano fixaria ainda mais a história exibindo uma figura de Cleópatra com uma áspide em seu cortejo de triunfo. A cobra era não só um símbolo potente do Egito, onde cobras enroladas haviam

adornado as testas faraônicas durante milênios, como também serpentes passeavam por cima das estátuas de Ísis. Elas haviam se insinuado no culto a Dionísio. À parte a iconografia, é fácil ver o que alguém está tentando comunicar quando junta uma dama e uma cobra. A mãe de Alexandre, o Grande, princesa macedônia assassina e das maiores maníacas que existiram, mantinha serpentes como animais de estimação. Ela as usava para assustar os homens. Antes dela, veio Eva, Medusa, Electra e as Eríneas; quando uma mulher se junta a uma cobra, é ameaça de tempestade moral em algum lugar. Otaviano pode ter confundido as coisas para todo sempre ao chamar o psilo. Ele controlou o registro histórico com a mesmíssima firmeza com que se dizia que controlava seus impulsos sexuais na adolescência. Muito provavelmente, ele nos colocou, durante milhares de anos, na direção errada.

Pode ter feito isso intencionalmente. Existe uma versão alternativa da morte; há muito tempo está claro que podemos estar deixando escapar alguma coisa aqui, que a farsa de 10 de agosto podia bem esconder outra, que a maior cena de leito de morte da história talvez não seja o que parece. No relato em prosa mais antigo, "Cleópatra enganou a vigilância de seus guardas"<sup>75</sup> para obter uma áspide e encenar sua morte. Otaviano fica irritado, furioso por ela ter escapado entre suas mãos. Ele tinha, porém, uma equipe imensa, dedicada. Em agosto, poucos em Alexandria teriam hesitado em cooperar com ele, como o administrador de Cleópatra demonstrou. Otaviano era tão descuidado quanto Cleópatra era ingênua; o tipo de homem que registrava tanto a data como a hora em suas cartas não deixava uma prisioneira valiosa escapar entre seus dedos.<sup>76</sup> Quando Otaviano deixou Cleópatra em 8 de agosto, ele pode ter levado Cleópatra a se enganar que o havia enganado, e essencialmente orquestrado a morte dela. Ele não se importaria de ser enganado por uma mulher, a menos, claro, que a alternativa fosse mais prejudicial. E Cleópatra era uma prisioneira tão problemática como a inimiga que havia sido. Otaviano comparecera aos cortejos de triunfo de 46. Havia até desfilado num deles. Ele sabia da comiseração que a irmã de Cleópatra havia despertado na ocasião. Ele havia condenado publicamente Marco Antônio por ter

feito Artavasdes desfilar acorrentado. Otaviano censurava esse tipo de comportamento, porque desonrava Roma. No caso de Cleópatra, havia ainda mais uma agravante: essa prisioneira em particular tinha sido amante do divino César. Era mãe do filho dele. Aos olhos de alguns, ela era uma deusa por seu próprio direito. Podia-se confiar que terminaria seus dias sossegadamente em algum posto avançado asiático, como sua irmã mais nova. Duas vezes, Cleópatra havia tentado se matar. Era claro que, a menos que fosse vigiada cuidadosamente, mais cedo ou mais tarde ela conseguiria.

Otaviano teria ficado com o dever de calcular qual embaraço era maior: ser superado por uma mulher, ou voltar a Roma sem o vilão da peça. Seria difícil avaliar as ocasionais sensibilidades delicadas de seus conterrâneos. Às vezes, eles recebiam os filhos de reis derrotados com zombarias e ridículo. Às vezes, esses inocentes frustravam o exercício, arrancando lágrimas e incômodo. Cleópatra havia sido declarada inimiga pública, mas uma efígie serviria perfeitamente num cortejo de triunfo, como haviam funcionado as efígies de adversários de Roma no passado. A morte dela reduzia um pouco a glória, e também eliminava uma porção de complicações. Otaviano pode ter preferido tirar Cleópatra do palco em Alexandria do que arriscar um passo em falso em Roma. Ele ficou genuinamente apavorado de que ela pudesse destruir seu tesouro, nada apavorado de que pudesse destruir a si mesma, ato para o qual ele pode efetivamente ter colaborado. O jovem Dolabela era, então, apenas um instrumento no jogo de Otaviano. Afinal de contas, era pouco provável que um dos oficiais de sua equipe fosse arriscar uma amizade com Cleópatra. E, na verdade, Otaviano não havia deixado Alexandria em 12 de agosto, como Dolabela alertara calorosamente. Ele pode ter entregue a mensagem, possivelmente até uma mensagem mais agourenta, para apressar o curso de eventos. Tanto Dio como Plutarco apontam as repetidas determinações de Otaviano para que Cleópatra fosse mantida viva, mais do que qualquer cumplicidade dele em sua morte. Isso não quer dizer que não tenha havido nenhuma. Uma quarta morte em 10 de agosto de 30 pode muito bem ter sido verdade.

(Os contra-argumentos são mais ou menos assim: Cleópatra havia tentado tanto matar-se de fome como apunhalar-se. Por que Otaviano frustrou essas tentativas para torturá-la com ameaças a seus filhos? Nove dias se passaram entre a morte de Antônio e a de Cleópatra. Certamente teria sido preferível eliminá-la de imediato? Ela já havia jurado morrer junto com Antônio, afinal. E devia saber da dificuldade de Otaviano; ela se lembrava bem da sensação que sua irmã provocara. Podia estar desconfiada de que Otaviano não arriscaria exhibir a ela e a seus filhos meio-romanos em cortejo. Otaviano parece real e atipicamente enervado pela notícia da morte de Cleópatra. Ele não fez grandes demonstrações da consideração que havia mostrado a ela, como seria de se esperar que fizesse e como normalmente fazia. Em vez disso, gabou-se em suas memórias de que vários reis, e nove filhos de reis, tinham marchado diante de seu carro em três cortejos de triunfo.<sup>77</sup> Nenhum historiador futuro, mesmo os que antipatizam com Otaviano, arriscam falar de cumplicidade, embora se possa argumentar que naquele momento o caso já estava encerrado, a verdade conhecida apenas por uns poucos. Somos deixados, em última análise, a correr atrás do próprio rabo. O melhor que se pode dizer do último ato de Cleópatra foi que ela agiu heroicamente em um grande lance que pode, sob várias aspectos, não ser histórico e, com toda certeza, em alguma medida, foi invenção de seu oponente. A única consolação é perversa: a morte de Alexandre, o Grande é bem-documentada, e ao mesmo tempo uma charada não menos perfeita.)

Plutarco coloca Otaviano dividido entre duas emoções na noite de 10 de agosto. Ele está ao mesmo tempo "irritado com a morte da mulher" e assombrado com "seu espírito altivo"<sup>78</sup>. Também segundo Dio, Otaviano fica admirado e com pena, embora "excessivamente incomodado"<sup>79</sup> em suas próprias palavras. Seu triunfo será menos magnífico. Embora não seja claro quem o fez, alguém criou uma heroína. A morte de Cleópatra foi honrosa, uma morte digna, uma morte exemplar. Ela própria a conduziu, orgulhosa e altiva até o fim. Pela definição romana, ela finalmente fizera alguma coisa direito; enfim, tinha a seu crédito ter desafiado as expectativas de seu sexo. Nas histórias romanas, as mulheres inevitavelmente ganham pontos

ao engolir carvões quentes, se pendurarem pelos cabelos, saltarem do alto do telhado, ou entregar adagas sangrentas aos maridos com três tranquilas palavras de encorajamento: “Não dói nada.” (Muitos cadáveres de mulheres enchem os palcos gregos também, com a diferença de que no teatro grego as mulheres também têm a última palavra.) Os panegíricos foram imediatos. Numa ode escrita pouco depois do suicídio dela, Horácio começa condenando Cleópatra por sua loucura e ambição, mas termina por louvá-la. “Mulher nada covarde, essa”<sup>80</sup>, conclui ele, deslumbrado com sua clareza, sua calma, sua coragem. O ato final de Cleópatra foi sem dúvida o seu melhor. Otaviano ficou perfeitamente feliz de pagar esse preço. A glória dela foi a glória dele. A oponente elogiada era a oponente valorosa.

Otaviano cuidou para que Cleópatra fosse enterrada “com esplendor e magnificência reais”<sup>81</sup>. Agir de outra forma teria sido arriscar o incitamento dos alexandrinos, que sem dúvida lamentaram publicamente sua rainha, apesar da presença romana. Segundo Plutarco, Otaviano respeitou também o pedido dela de ser sepultada ao lado de Antônio. Iras e a eloquente Charmion receberam também funerais dignos, junto com sua rainha. Não fica claro se as três foram mumificadas. O monumento conjunto devia ser luxuosamente decorado com muitas cores, como eram as tumbas reais dos ancestrais de Cleópatra, com toques romanos na iconografia. Segundo um relato, havia estátuas de Iras e Charmion de sentinela na entrada.<sup>82</sup> Plutarco insinua que o túmulo ficava no centro de Alexandria, ao lado dos túmulos dos Ptolomeus anteriores. Otaviano ordenou também que o mausoléu fosse terminado, o trabalho provavelmente concluído numa cidade muda, amortecida pela incerteza; os alexandrinos eram agora súditos romanos. O fato do monumento de Cleópatra ser vizinho a um templo de Ísis indica que podia estar em qualquer lugar. A teoria mais recente é de que a última morada de Antônio e Cleópatra fica trinta quilômetros a oeste de Alexandria, numa encosta ensolarada em Taposiris Magna, com vista para o Mediterrâneo. Não foram encontrados, nem o túmulo, nem o mausoléu (quase com certeza eram construções separadas).

Cleópatra tinha 39 anos e havia reinado durando quase 22, cerca de dez anos mais do que Alexandre, o Grande, de quem herdara o bastão que, inadvertidamente, passou para o Império Romano. Com sua morte, a dinastia ptolomaica chegou ao fim. Otaviano anexou formalmente o Egito em 31 de agosto. Seu primeiro ano foi o último de Cleópatra; ele recomeçara o relógio com 1º de agosto, a data de sua entrada em Alexandria. Já foi dito que Cleópatra baixou a cortina sobre uma era, embora, evidentemente, do ponto de visto egípcio, poder-se-ia dizer que foi Antônio quem o fez. É fácil esquecer que ele foi o fim de Cleópatra tanto quanto ela foi o dele.



Até o final, os tutores ptolomaicos mostraram-se instáveis. Cesário chegou até um porto do mar Vermelho quando Ródão o convenceu a voltar a Alexandria, talvez para negociar com Otaviano em favor de sua mãe. O mundo antigo era, às vezes, um lugar incomodamente pequeno; Otaviano não podia permitir nem que seu primo vivesse, nem exibir um filho do divino César num cortejo de triunfo. O simples nome "Cesário" já constituía um problema. A muito divulgada cerimônia de maioridade não ajudara nada. Os homens de Otaviano trouxeram o rapaz de dezessete anos de volta a Alexandria, onde o mataram, provavelmente depois de torturá-lo. Como não representavam perigo real, Alexandre Hélio, Selene e Ptolomeu Filadelfo voltaram a Roma com Otaviano, para serem criados por sua sempre agradável irmã. Cresceram em sua casa grande e confortável, com os filhos de Antônio e Otávia, e com os filhos sobreviventes do casamento anterior de Antônio. (Jotape, a prometida de Alexandre Hélio, voltou para sua família na Média.) Um ano depois da morte de sua mãe, os filhos sobreviventes de Cleópatra desfilaram no cortejo de triunfo de Otaviano, sem dúvida um acontecimento estranho para três jovens que se diz terem sido criados com tanta atenção, como se fossem filhos dele mesmo. Ele depois casou Cleópatra Selene com Juba II, que aos cinco anos tinha desfilado no cortejo de triunfo africano de César e foi depois educado em Roma, onde desenvolveu uma paixão por história. Marido e mulher tinham tido formação e humilhação semelhantes; a guerra civil romana tornara ambos órfãos. Um homem de cultura,

poeta, um dos favoritos de Otaviano, Juba foi enviado com a noiva para governar a Mauritânia. (Onde hoje é a Argélia.) A filha de Cleópatra tinha provavelmente quinze anos na época, Juba, 22. Como favor aos jovens reais, Otaviano poupou os irmãos de Cleópatra Selene, que podem ter ido para a África ocidental também. Depois do cortejo de triunfo, os dois meninos somem de vista para sempre.

No trono mauritano, Cleópatra Selene deu continuidade ao legado da mãe: suas moedas mostram seu rosto e estão escritas em grego. (As de Juba são em latim.) O casal transformou a capital num centro artístico e cultural completo, com uma esplêndida biblioteca. Muitas esculturas egípcias, inclusive uma peça de 31 de julho de 30, véspera da entrada de Otaviano em Alexandria, apareceram na área, onde Cleópatra Selene evidentemente as reunira numa galeria de bustos ptolomaicos. Ela deu continuidade à associação com Ísis e chamou seu filho de Ptolomeu. Criava crocodilos sagrados.<sup>83</sup> O único neto conhecido de Cleópatra, Ptolomeu da Mauritânia, sucedeu Juba em 23 d.C. Depois de dezessete anos no trono, visitou Roma a convite de Calígula. Ambos descendiam de Marco Antônio; eram meio-primos. O imperador romano saudou o rei africano com honrarias, até Ptolomeu comparecer um dia a um espetáculo de gladiadores com um manto púrpura especialmente esplêndido. Cabeças viraram para olhar, para infelicidade de Calígula. Ele mandou matar Ptolomeu,<sup>84</sup> um fim adequado para uma dinastia desde o início saturada de cores flamejantes.<sup>c</sup>

Otaviano apagou todos os traços de Antônio tanto em Roma como em Alexandria. O dia 14 de janeiro, a data de aniversário dele, foi declarado dia de azar, em que não se realizavam negócios públicos. Por decreto do Senado, os nomes "Marco" e "Antônio" não deveriam nunca mais ser usados juntos. No mais, ele foi descartado como um inconveniente histórico. Otaviano não mencionaria por nome nem Antônio, nem Cleópatra em seu relato de Ácio. Ele condenou à morte vários colaboradores próximos de Antônio, Canídeo e o senador romano que supervisionava as tecelagens de Cleópatra em primeiro lugar. Aqueles que haviam jurado morrer junto com Antônio e Cleópatra provavelmente foram aliviados da necessidade de fazer o

trabalho eles próprios. Outros parceiros desapareceram. O influente alto sacerdote de Mênfis, que nascera no mesmo ano de Cesário e permanecera ligado pessoalmente a Cleópatra, morreu misteriosamente vários dias antes dela.<sup>85</sup> Era imperativo que não sobrevivesse ninguém que pudesse exercer autoridade, reunir o povo, reagrupar o reino de Cleópatra. Os homens de Otaviano recolheram do palácio a totalidade do tesouro ptolomaico e aplicaram multas por toda a cidade, inventando delitos. Quando faltava a imaginação, eles simplesmente confiscavam dois terços da propriedade da vítima. Era um modo polido de saquear; os romanos o fizeram lindamente. Otaviano removeu de Alexandria a bela estatuária e a arte preciosa que Antônio e Cleópatra haviam pilhado por toda a Ásia, devolvendo a maior parte às cidades a que pertenciam. Poucas das peças melhores apareceram em Roma, onde a melhor arte vinha há muito do saque a Corinto no século II. Dezessete anos depois da morte de Cleópatra, Otaviano terminou o Cesareum, aquela maravilha grega e faraônica, em sua própria honra.

Cleópatra tinha muitíssimos partidários, tão fiéis como foram suas damas de companhia, cuja devoção era o assunto do dia em Alexandria.<sup>86</sup> As criadas normalmente não morriam com sua senhora. Aquelas que se ofereceram a ficar à altura de sua rainha permaneceram leais. Cleópatra tinha o país a seu favor; não tinha havido revoltas durante seu reino. Alexandria deve ter se entregado ao luto. Houve procissões, hinos, oferendas, a cidade deve ter ficado cheia de choro e lamentações das mulheres alexandrinas que rasgavam suas roupas e batiam no peito. Em nome dos sacerdotes nativos, um clérigo ofereceu a Otaviano 2 mil talentos para preservar as muitas estátuas de Cleópatra. Ela podia permanecer nobre, mas também estava morta; o oferecimento era atraente demais para recusar. Também poupou a Otaviano a questão espinhosa de mexer com Ísis, que continuou a ser venerada durante algum tempo. Cleópatra muitas vezes era indistinguível da deusa; Otaviano não podia simplesmente circular por uma volátil Alexandria derrubando estátuas religiosas. As estátuas de Cleópatra e seu culto

sobreviveram ativamente por centenas de anos, sem dúvida devido à força de sua resistência final aos romanos.

Otaviano não se demorou no Egito, desde então uma província romana, à qual nenhum romano de importância viajava sem permissão expressa. Um dos poucos imperialistas da história que não se importava de ser Alexandre, o Grande — tudo teria sido muito diferente para Cleópatra se ele se importasse —, ele estava mais interessado no poder cru do que nos acessórios gloriosos. Otaviano demonstrou pouco interesse pela história egípcia, para desânimo dos antigos súditos de Cleópatra, empenhados em expor os restos dos ancestrais dela. Otaviano fez saber que não tinha muita paciência para Ptolomeus mortos. Ele só prestou respeito a Alexandre, o Grande, removido de seu sarcófago por ocasião da visita. Conta a história que Otaviano tocou no corpo acidentalmente, quando talvez estivesse espalhando flores, e com isso arrancou um pedaço do nariz mumificado.<sup>87</sup>

Suscetível como era à insolação, Otaviano — que não ia a lugar nenhum sem seu chapéu de abas largas — não deve ter gostado muito do calor úmido de Alexandria em agosto. No outono, ele se retirou para a Ásia. Ninguém se beneficiou mais com a morte de Cleópatra do que Herodes, que mais uma vez hospedava os romanos em sua viagem para o norte. Otaviano devolveu a ele seus preciosos pomares de palmeiras e bálsamo e as cidades litorâneas de que Antônio havia se apropriado para Cleópatra, complementando-as com mais territórios. O reino de Herodes inchou finalmente a dimensões compatíveis com sua gentileza. Ele era o novo favorito entre os não romanos, e herdou também os quatrocentos gauleses musculosos que haviam servido como guarda-costas de Cleópatra. Nicolau de Damasco entrou em cena como seu tutor e tornou-se seu confidente íntimo. Ele produziu uma história da corte para Herodes, a partir da qual Josefo iria trabalhar, ele próprio a fonte mais importante para a vida de Cleópatra e converso à causa romana no meio da carreira. Otaviano deixou Galo encarregado do Egito, como prefeito. Ele também acabaria descobrindo que a província era difícil de governar — em 29, ele subjogou o povo em torno de Tebas, “o terror comum de todos os reis”<sup>88</sup> — e que suas riquezas subiam à

cabeça. Galo extrapolou os limites de seu comando, mandou fazer estátuas dele mesmo, inscreveu seu nome nas pirâmides e, acusado pelo Senado, acabou se suicidando.

Quase exatamente um ano depois da morte de Cleópatra, ela desfilou em efígie pelas ruas de Roma, no último e mais suntuoso dos três dias de triunfo de Otaviano. Junto com ela, correu pela Via Sacra e pelo Fórum, um verdadeiro rio de ouro, prata e marfim. Dio nos conta que o cortejo egípcio superou todos os outros em "custos e magnificência"<sup>89</sup>. Depois dos cofres de ouro e prata; dos carros de joias, armas e obras de arte; das placas e flâmulas coloridas, dos soldados derrotados, marcharam os prisioneiros preciosos, os gêmeos de dez anos e Ptolomeu Filadelfo, de seis, acorrentados. Cleópatra aparecia em seu leito de morte, em gesso pintado, junto com a áspide que pode ter dado início a tudo. Cercado por seus oficiais de manto púrpura, Otaviano seguia atrás. Cleópatra pode ter errado em uma avaliação: a ausência de Antônio foi conspicuamente notada na ocasião. Ela estava certa em outra coisa: o único soberano que efetivamente marchou nesse cortejo, um aliado de Antônio, foi executado logo depois. A cidade cintilava com os despojos do Egito: toneladas de ouro e prata ptolomaicos, armaduras e jogos de mesa, coroas e escudos, móveis cravejados de pedras preciosas, pinturas e estatuária tinham vindo nos navios de Otaviano, além de diversos crocodilos. Alguns colocam também um lento hipopótamo e um rinoceronte no cortejo de triunfo.<sup>90</sup> Otaviano podia muito bem se permitir ser generoso e houve prêmios substanciais por toda parte. A vitória egípcia foi celebrada com particular animação, não só porque Otaviano podia se permitir a isso. Mas também porque havia uma guerra civil a camuflar.

A estátua de Cleópatra permaneceu no Fórum. Era o mínimo que Otaviano podia fazer pela mulher cujos divãs de ouro e jarras incrustadas de pedras financiavam sua carreira. Cleópatra permitiu que ele cumprisse com todas as suas obrigações. Ela garantiu a prosperidade romana. Tão vastos eram os fundos que Otaviano injetou na economia que os preços dispararam. As taxas de juros triplicaram. Dio resume a transferência de riqueza dizendo que Cleópatra proporcionou que "o Império Romano enriquecesse e seus

templos fossem adornados”<sup>91</sup>. A arte e os obeliscos dela enfeitavam as ruas. Absolutamente derrotada, ela era mesmo assim celebrada, na beleza de uma cidade estrangeira. Com as riquezas, veio uma onda de egiptomania. Esfinges, najas empinadas, discos solares, folhas de acanto, hieróglifos proliferaram por toda Roma. Flores de lótus e grifos decoravam até o estúdio pessoal de Otaviano.<sup>92</sup> Cleópatra recebeu um segundo tributo como consequência: iniciou-se uma idade dourada para as mulheres em Roma. Esposas e irmãs bem-nascidas, de repente, gozavam de um papel na vida pública. Elas intercediam com embaixadores, aconselhavam maridos, viajavam ao exterior, encomendavam templos e esculturas. Tornaram-se mais visíveis na arte e na sociedade. Juntaram-se a Cleópatra no Fórum.<sup>93</sup> Nenhuma mulher romana jamais obteria o status elevado nem gozaria dos privilégios sem precedentes concedidos a Lívia e Otávia, que elas deviam a uma estrangeira, a quem serviam de contrapeso. Lívia juntou uma gorda pasta de propriedades, que incluía terras no Egito e bosques de palmeiras na Judeia. Otávia passaria à história como a não Cleópatra, extremamente modesta, prudente e piedosa.<sup>94</sup>

Cleópatra também foi promovida de pretexto a ponto de referência. Para quem procurasse uma data para o começo do mundo moderno, sua morte seria o melhor ponto de partida. Com ela, Cleópatra levou embora tanto os quatrocentos anos da República Romana como a Era Helenística. Otaviano continuaria até levar a cabo um dos maiores casos de propaganda enganosa da história; ele restaurou a República em toda a sua glória e — como ficaria claro uns dez anos depois — como uma monarquia. Tendo aprendido com o exemplo de César, ele o fez sutilmente. Otaviano nunca foi um “rei”, sempre um *princeps*, ou “primeiro cidadão”. Para um título ao mesmo tempo suficientemente grandioso e livre de toda tonalidade monárquica, ele se voltou para o antigo amigo de Cleópatra, Planco, que se fantasiara de ninfa do mar. Planco cunhou o nome “Augusto” que significava que o homem antes conhecido como Caio Júlio César era mais que humano, que era precioso e reverenciado.

Havia certa ironia no fato de o Ocidente rapidamente começar a parecer o Oriente de Cleópatra, ainda mais quando Otaviano havia declarado Cleópatra uma ameaça à República, algo que ela nunca tencionou ser. Em torno de Otaviano, formou-se uma espécie de corte. Ele rompeu com quase todos os membros de sua família imediata. Os imperadores romanos se tornavam deuses. Tinham seus retratos pintados como Serapis, seguindo a pista dionisíaca de Antônio. E deixando de lado as declarações de austeridade, o manto de magnificência passava adiante com facilidade. Conta-se que Otaviano mandou derreter o fabuloso jogo de mesa de ouro de Cleópatra,<sup>95</sup> mas mesmo assim a grandiosidade helenística prevaleceu. “Pois é adequado que nós que governamos tantos povos”, raciocinou um dos conselheiros de Otaviano, “sobrepujemos todos os homens em todas as coisas, e brilho desse tipo tende também, de certa forma, a inspirar respeito por nós em nossos aliados e terror em nossos inimigos.”<sup>96</sup> Ele aconselhou Otaviano a não poupar despesas. Roma representava o novo mercado do luxo. Os artesãos e as indústrias seguiram atrás. Lívia tinha uma criadagem pessoal de mais de mil pessoas. Tão impressionado ficou Otaviano com o imponente mausoléu de Cleópatra que construiu um semelhante em Roma; Alexandria merece muito crédito pela transformação de Roma do tijolo para o mármore. Otaviano morreu aos 76 anos, em casa, em sua cama, um dos poucos imperadores romanos não assassinado por parentes próximos, outro legado helenístico. Tendo governado por 44 anos, duas vezes mais que Cleópatra, ele teve muito tempo para remodelar os acontecimentos que o haviam levado ao poder.<sup>d</sup> Ele tinha também motivos para observar “que nenhuma posição elevada está jamais livre de inveja e traição, muito menos uma monarquia”<sup>97</sup>. Os inimigos eram ruins, mas os amigos eram piores. O posto, concluía ele, absolutamente horrendo.



A história começou a ser reescrita quase imediatamente. Não só Marco Antônio desapareceu dos registros como Ácio magicamente se

transformou num enfrentamento maior, uma ribombante vitória, uma virada histórica. Foi de um fim para um começo. Augusto havia resgatado o país de um grande perigo. Havia decidido a guerra civil e restaurado a paz ao mundo depois de um século de inquietação. O tempo começava de novo. Na leitura dos historiadores oficiais, é como se a volta dele à península italiana explodisse em Technicolor, depois de um século aleijante e cinza de violência, como se as plantações estivessem de repente empinadas, túrgidas e douradas nos campos. “Restaurou-se a validade das leis, a autoridade das cortes, e a dignidade do Senado”<sup>98</sup>, proclama Veleio, chegando perto de catalogar os deveres com que César deveria ter combatido em 46. O ego de Augusto está engastado no calendário, onde permanece até o dia de hoje, comemorando a queda de Alexandria e a suspensão de Roma a uma ameaça estrangeira.<sup>e</sup> Os calendários da época registram a data como aquela em que ele libertou Roma “de um grande perigo”.<sup>99</sup>

Cleópatra foi especialmente malservida; os vira-casacas é que escreveram a história, Délio, Planco e Nicolau de Damasco os primeiros. Os anos depois de Ácio foram uma época de extravagante louvação e luxuriante criação de mitos. A carreira dela coincidiu também com o nascimento da literatura latina; Cleópatra teve como maldição inspirar grandes poetas, felizes de expô-la em sua vergonha, numa linguagem inóspita a ela e a tudo que ela representava. Horácio escreveu com exuberância sobre Ácio. Primeiro a celebrar a esplêndida vitória de Otaviano, ele o fez enquanto Cleópatra ainda estava freneticamente fortalecendo Alexandria. Ele celebra a derrota dela antes que tenha ocorrido. Virgílio e Propércio estavam a postos no cortejo de triunfo egípcio, momento em que tanto a áspide como a pernicioso influência de Cleópatra já estavam gravadas em pedra. Em todas as versões, Antônio é mostrado fugindo de Ácio por causa de Cleópatra. Ela iluminou prontamente um dos pontos favoritos de Propércio: um homem apaixonado é um homem desamparado, vergonhosamente subserviente a sua amante. É como se Otaviano livrasse Roma desse mal também. Ele restaurou a ordem natural das coisas: homens dominam mulheres, e Roma domina o mundo. Em ambos os

questos, Cleópatra era crucial para a história. Virgílio compôs a *Eneida* na década posterior à morte de Cleópatra; ele põe serpentes em seus passos mesmo em Ácio. Ela não tem nenhuma esperança de se dar bem numa obra lida em voz alta para Augusto e para Otávia, como o foram partes desse poema épico. No mais, sua história seria moldada por um romano que ela encontrou uma única vez, na última semana de sua vida, que a elevou ao posto de perigosa adversária, altitude da qual densas névoas e mitos perturbadores baixaram confortavelmente em torno dela. Ela se insere entre os perdedores de que a história se lembra, mas pelas razões erradas.<sup>f</sup> Os fabricantes de mitos alinham-se todos de um lado. Durante o século seguinte, a influência Oriental e a emancipação das mulheres manterá os satiristas ocupados.

A partir da morte de Cleópatra, a riqueza dela aumentou e diminuiu tão dramaticamente como em vida. Fizeram com que seu poder proviesse de sua sexualidade, por uma razão óbvia; como observara um dos assassinos de César: “Como as pessoas prestam mais atenção a seus medos do que a suas lembranças!”<sup>100</sup> Foi sempre preferível atribuir o sucesso de uma mulher a sua beleza do que a sua inteligência, reduzi-la à soma de sua vida sexual. Contra uma mulher de encantos poderosos não há argumentos. Contra uma mulher que envolve um homem nas volutas de sua inteligência serpentina, em seus fios de pérolas, deveria haver ao menos algum tipo de antídoto. Cleópatra inquieta mais pela sabedoria do que pela sedução; é menos ameaçador acreditar que ela era fatalmente atraente do que fatalmente inteligente. (O adágio de Menandro, do século IV: “Um homem que ensina uma mulher a escrever tem de admitir que está fornecendo veneno a uma áspide”,<sup>101</sup> ainda era copiado por crianças na escola centenas de anos depois da morte dela.) Também rende melhor história. Propércio estabelece o tom. Cleópatra era para ele uma sedutora libertina, “a rainha rameira”, depois “uma mulher de sexualidade e avareza insaciáveis” (Dio), uma pecadora da carne (Dante), “a prostituta dos reis orientais” (Boccaccio), o protótipo do amor ilícito (Dryden).<sup>9</sup> Propércio a mostra fornicando com escravos. Um romano do século I afirma (falsamente) que “autores antigos falam insistentemente da libido

insaciável de Cleópatra”.<sup>102</sup> Em um relato antigo, ela é tão insaciável que “fazia sempre o papel de prostituta”.<sup>103</sup> (Ela é também ao mesmo tempo tão bonita e tóxica que “muitos homens compravam noites com ela ao preço da própria vida”.<sup>104</sup>) Na avaliação de uma mulher do século XIX, ela era “um deslumbrante exemplo de feiticeira”.<sup>105</sup> Florence Nightingale refere-se a ela como “aquela repulsiva Cleópatra”.<sup>106</sup> Quando ofereceu a Claudette Colbert o papel dela, conta-se que Cecil B. DeMille perguntou: “Você gostaria de ser a mulher mais perversa da história?”<sup>107</sup> Cleópatra estrela até mesmo um livro de 1928 chamado *Pecadores ao longo dos séculos*. Na disputa entre a mulher e o mito não há discussão.

O pessoal inevitavelmente atropela o político, e o erótico atropela tudo: lembramos que Cleópatra foi para a cama com Júlio César e Marco Antônio muito antes de lembrarmos do que ela conseguiu com isso, que ela manteve um império vasto, rico, densamente povoado em seu perturbado crepúsculo, em nome de uma dinastia orgulhosa e cultivada. Ela permanece no mapa por ter seduzido dois dos maiores homens de seu tempo, enquanto seu crime foi ter se envolvido no mesmo tipo de associação matrimonial “astuta e suspeita”<sup>108</sup> que todo homem de poder praticava. Ela o fez ao contrário e em seu próprio nome; isso fez dela uma extraviada, socialmente nociva, uma mulher antinatural. A essas ofensas, ela acrescentou mais algumas. Ela fez Roma se sentir rústica, insegura e pobre, razões suficientes para angústia, sem precisar acrescentar a sexualidade à lista. Durante algum tempo, ela assombrou a imaginação antiga, primordialmente como “lição moral”. Sob o poder de Augusto, a instituição do casamento assumiu um novo esplendor, um desenvolvimento que contava negativamente para Cleópatra, a desestabilizadora e dominadora destruidora de lares.

Ela despertava desprezo e inveja em igual medida, ambos igualmente distorcidos; sua história é construída tanto com o medo como com a fantasia masculinos. Vem de Plutarco a maior história de amor de todos os tempos, embora a vida de Cleópatra não fosse nem tão sensacional, nem tão romântica quanto ele a fez. E ela se tornou mulher fatal duas vezes. Para Ácio ser a batalha que acaba com todas as batalhas, ela teria de ser a “rainha bravia” que

conspirava a destruição de Roma. Para Antônio ter sucumbido a outra coisa que não uma concidadã romana, Cleópatra tinha de ser uma sedutora irresistível “que já o havia arruinado e que faria sua ruína ainda mais completa”.<sup>109</sup> Pode ser difícil dizer onde termina a vingança e começa a homenagem. O poder dela era imediatamente enfatizado, para os propósitos históricos da humanidade, porque ela precisava reduzir o outro à escravidão abjeta. É verdade que ela era uma filha respeitadora, amantíssima, uma patriota e protetora, uma precoce nacionalista, um símbolo de coragem, uma governante sábia com nervos de aço, mestra na autopromoção. Não é verdade que ela construiu o farol de Alexandria, que sabia fabricar ouro, que era a mulher ideal (Gautier), uma mártir do amor (Chaucer), “uma mocinha boba” (Shaw), a mãe de Cristo.<sup>110</sup> Um bispo copta do século VII chamou-a de “mais ilustre e sábia das mulheres”,<sup>111</sup> maior que os reis que a precederam. Fala-se que um belo dia Cleópatra morreu por amor, o que também não é exatamente verdade. No fim das contas, todos, de Michelangelo a Gérôme, de Corneille a Brecht, se aproveitaram dela. O Renascimento era obcecado por ela, os românticos ainda mais. Ela levou Shakespeare às alturas, arrancando dele seu maior personagem feminino, sua poesia mais rica, um último ato inteiro sem Antônio e, na estimativa de um crítico, um alegre tributo ao adultério sem culpa da meia-idade<sup>112</sup>. Shakespeare pode ser tão culpado de termos perdido de vista a Cleópatra VII quanto a umidade alexandrina,<sup>113</sup> a propaganda romana e os límpidos olhos lilases de Elizabeth Taylor.

Centro de disputas intelectuais e maratonas filosóficas, Alexandria não entregou sua vitalidade imediatamente. Continuou a ser o cérebro do mundo mediterrâneo por mais um século e tanto. Depois, começou a se desmaterializar. Com isso acabou a autonomia legal das mulheres; acabaram-se os dias em que se processava o sogro pela devolução do dote quando seu marido (falido) fugia e tinha um filho com outra mulher. No terremoto do século V, o palácio de Cleópatra mergulhou no Mediterrâneo. O farol, a biblioteca, o museu, tudo desapareceu. O porto alexandrino hoje não tem nenhuma relação com suas proporções helenísticas. O próprio Nilo mudou de curso. A cidade afundou mais de seis metros. Até mesmo

a costa de Ácio, que Cleópatra devia ter praticamente memorizado, mudou. Sua Alexandria há muito é quase totalmente invisível, seja debaixo da água, seja enterrada debaixo da vibrante cidade que em grande parte esqueceu seu capítulo helenístico. A cultura ptolomaica se evaporou também. Grande parte do que Cleópatra sabia iria ser esquecido por 1.500 anos. Um tipo de mulher muito diferente, a Virgem Maria, absorveria Ísis tão inteiramente como Elizabeth Taylor absorveu Cleópatra.

A consequência foi que nosso fascínio por Cleópatra só aumentou; ela é ainda mais mítica por seu desaparecimento. Os buracos na história nos mantêm sob seu encanto. E ela continua a inquietar. Todos os assuntos que perturbam a mesa de jantar, que nos sobem à cabeça como veneno de cobra, se combinam na pessoa dela. Dois mil anos depois de ela ter provocado Otaviano com uma caríssima fogueira, nada mobiliza mais do que uma sorte excessiva e uma catástrofe devastadora. Ainda lutamos a batalha entre Oriente e Ocidente, ainda ficamos perdidos como Cícero entre a tolerância e a repressão. Sexo e poder continuam a queimar espetacularmente. A ambição, as realizações, a autoridade femininas ainda nos perturbam como perturbavam os romanos, para quem Cleópatra era mais um monstro que uma maravilha, mas inegavelmente um pouco de ambos.

Dois mil anos de mau jornalismo e prosa acalorada, de filmes e ópera, não conseguem esconder o fato de que Cleópatra era uma rainha notavelmente capacitada, sagaz e oportunista ao extremo, uma estrategista de primeira linha. Sua carreira começou com um ato audacioso de desafio e terminou com outro. “Qual mulher, qual sucessão de homens da Antiguidade foi tão grande?”<sup>114</sup>, pergunta um autor anônimo do fragmento de um poema latino que a coloca como a principal jogadora de sua época. Corajosa e corporalmente ela se inseriu na política mundial, com consequências de longo alcance. Ela convenceu seu povo de que um crepúsculo era um alvorecer e, com toda a sua força, lutou para fazer com que fosse verdade. Numa situação desesperada, ela improvisava loucamente, e improvisava de novo, para alguns a definição do gênio. Havia um glamour e uma grandeza em sua história bem antes de Otaviano ou

Shakespeare porem as mãos nela. A presença dela era animadora; antes de fazer Plutarco se desviar várias páginas de seu rumo, ela teve o mesmo efeito sobre seus conterrâneos. Desde nosso primeiro relance dela, até o último, ela assombra por sua habilidade em dominar a cena. Até o fim ela foi senhora de si, astuta, determinada, inacreditavelmente rica, mimada e, no entanto, ambiciosa.

Em sua vida adulta, Cleópatra teria encontrado poucas pessoas que considerava suas iguais. Para os romanos, ela era uma teimosa, suprema exceção a todas as regras. Ela permanece em grande parte incomparável: teve muitas predecessoras, poucas sucessoras. Com ela, a era das imperatrizes chegou essencialmente ao fim. Em dois mil anos, pode-se dizer que apenas uma ou duas outras mulheres exerceram irrestrita autoridade sobre reino tão vasto. Cleópatra permanece quase sozinha na mesa toda masculina, com uma cartada ao mesmo tempo *flush* e falha. Ela acertou muito, e cometeu um erro crucial. É impossível avaliar como teria se sentido no final de 30, quando Otaviano se aproximava, quando ficou mais e mais claro que não haveria mais nenhuma reviravolta da sorte, não mais futuros brilhantemente resgatados, que ela e o Egito estavam completamente perdidos dessa vez. “O que é perder seu país... um grande sofrimento?”, uma rainha pergunta ao filho, em Eurípides. “O maior, ainda pior do que dizem”<sup>115</sup>, ele responde. O medo e a fúria devem ter abalado Cleópatra quando ela se deu conta de que ia se tornar a mulher “que destruiu a monarquia egípcia”<sup>116</sup>, como coloca um cronista do século III d.C. Para a sua perda monumental, não havia consolação, nem mesmo (se ela acreditava assim) uma brilhante outra vida.

## Notas

- a Cleópatra também não era o primeiro oriental astuto a se associar a um general romano. Sertório havia juntado forças com Mitrídates, o rei pontífice que, em 69, alertara tão eloquentemente sobre a ascensão de Roma. Mitrídates havia visualizado precisamente o tipo de império amalgamado que Cleópatra e Antônio representavam. Ele empenhou décadas em sua realização, sendo

vencido por Pompeu. Pompeu acabou derrotando também Sertório, depois de uma pérfida campanha de quatro anos.

- b No curso de eventos normal, ele agora estaria se preparando para depor a mãe.
- c Calígula era descendente tanto de Marco Antônio (seu bisavô paterno) como de Otaviano (seu bisavô materno). Ele posava alternadamente de descendente de ambos, dependendo de seus interesses. Era fácil tropeçar durante seu reino, quando sacrifícios para comemorar a derrubada de Antônio podiam ser censuráveis num dia, a relutância em oferecer sacrifícios à vitória de Augusto condenável no dia seguinte (Dio, LIX.xx.1-2; Suetônio, "Calígula", XXIII. 1.)
- d Como sempre, uma mulher capaz era suspeita. Correria o boato de que Lívia o matara. Curiosamente, dizia-se que ela o fizera com figos envenenados. (Tácito, *Annals*, I.10.)
- e A prática de renomear os meses terminou com Tibério, que, estimulado a se apropriar de novembro, caçoou dizendo que a coisa toda ficaria altamente problemática se acabasse havendo treze césaes. (Dio, LVII.xviii.2.)
- f Ela deve ter conhecido a fábula de Esopo, "Como disse o leão para o homem": "Existem muitas estátuas de homens matando leões, mas se os leões fossem escultores as estátuas seriam bem diferentes."
- g Dante ao menos a coloca sete círculos acima de seu irmão no inferno. O pecado dela (a luxúria) era contra si mesma. O de seu irmão mais novo (a traição), contra o outro.

## *Agradecimentos*

“Empenhei-me assim em resumir as provas do caso o mais justamente que pude, e o resultado parece ser que o mundo deve vibrar em um estado de incerteza quanto ao que era a verdade”, Boswell conclui a respeito de Richard Savage, dando esperança a gerações de biógrafos. Grande número de estudiosos reduziu substancialmente as vibrações helenísticas, colocando questões que vão do elementar ao bizarro, ao irrefutável. Pelo tempo, pela sabedoria e pelo paciente bom humor, sou grata a Roger S. Bagnall, Mary Beard, Larissa Bonfante, ao falecido Lionel Casson, Mostafa El-Abbadi, Bruce W. Frier, Norma Goldman, Mona Haggag, O. E. Kaper, Andrew Meadows, William M. Murray, David O’Connor, Sarah B. Pomeroy, John Swanson, Dorothy J. Thompson e Branko van Oppen. Devo agradecimentos especiais a Roger Bagnall por sua atenta leitura do manuscrito; quaisquer inexatidões são minhas.

Pela ajuda com e em Alexandria, agradeço a: Terry Garcia, Jean-Claude Golvin, Nimet Habachy, Walla Hafez, Mona Haggag, Zahi Hawass, Kate Hughes, Hisham Hussein, La Riche, Mohamed Abdel Maksoud, Magda Saleh e Marion Wood. Jack A. Josephson, Shelby White e Rick Witschonke, da Sociedade Numismática Americana, gentilmente ajudaram a localizar e identificar imagens.

É um prazer finalmente declarar minha admiração pelo incomparável Michael Pietsch, editor extraordinário e por seus colegas na Little, Brown. Em todos os estágios eles foram medalha de ouro. Devo agradecimentos particulares a Mario Pulice, Vanessa Kehren, Liz Garriga, Tracy Williams, Heather Fain, Heather Rizzo e Betsy Uhrig. Jayne Yaffe Kemp leu estas páginas e editou impiedosamente. Foi um privilégio trabalhar com Eric Simonoff, cujo

entusiasmo pelo projeto às vezes era maior que o meu próprio. Na William Morris, sou grata também a Jessica Almon por cuidar do livro e da autora ao mesmo tempo.

Pela pesquisa e pela assistência na tradução, devo agradecimentos a Karina Attar, Matthew J. Boylan, Raffaella Cribiore, Kate Daloz, Sebastian Heath, Inger Kuin, o infatigável Tom Puchniak e Claudia Rader. Na Biblioteca da Sociedade de Nova York, Brandi Tambasco exerceu sua costureira mágica de empréstimos entre bibliotecas. Sou grata também à equipe da Biblioteca Rutherford da Universidade de Alberta e à Biblioteca Pública de Nova York, um monumento à civilização tão grande quanto a antiga biblioteca de Alexandria.

Pelos conselhos sólidos, pelas palavras gentis e pela cafeína que tanto me sustentaram, agradeço a muitos amigos generosos, mais intensamente a Wendy Belzberg, Lis Bensley, Alex Mayes Birnbaum, Judy Casson, Byron Dobell, Anne Eisenberg, Benita e Colin Eisler, Azza Kararah, Ellen Feldman, Patti Foster, Harry Frankfurt, Mitch Katz, Souad Kirska, Carmen Marino, Mameve e Howard Medwed, Helen Rosenthal, Andrea Versenyi, Meg Wolitzer e Strauss Zelnick. Elinor Lipman, sempre a mais lúcida, generosa e articulada das primeiras leitoras. Em todos os níveis ela abrilhantou estas páginas e a vida de sua autora. Eu estaria perdida sem ela.

Por operar milagres, uma categoria que compreende produzir um lápis do nada, por comparar moedas com dois mil anos de diferença entre elas, por mergulhar no porto de Alexandria e ao mesmo tempo repartir um endereço com a autora, tenho uma dívida incalculável com Marc de La Bruyère. Ele torna a última linha a mais fácil, uma vez que nenhuma das precedentes teria sido escrita sem ele.

## Notas

Os becos sem saída e as peças perdidas da história de Cleópatra exerceram um efeito paradoxal; mantiveram-nos inexoravelmente procurando mais. Aos séculos de literatura sobre a rainha do Egito soma-se uma onda recente de ótimos estudos helenísticos; um catálogo de fontes secundárias facilmente daria origem a um grosso volume independente. Optei por não escrevê-lo. Nos pontos em que muito material foi reduzido a pouco, as notas de capítulo indicam os textos mais importantes. Obras que moldaram a narrativa como um todo (aquelas que tirei da estante com maior frequência) aparecem na bibliografia selecionada. Os textos são aqui citados por sobrenome do autor e data de publicação. Fontes primordiais e periódicos aparecem separados abaixo. As notas de pé de página trazem alguns desenvolvimentos sobre um tema.

As traduções do grego e do latim para o inglês são da Loeb Classical Library, a menos que indicado diferente, além de três exceções: para *Civil War* [*A guerra civil*], de Apiano e de César, usei a fluente tradução de John Carter (Penguin, 1996, e Oxford, 1998, respectivamente); para Lucano utilizei a edição de Susan H. Braund (Oxford, 2008). Nos pontos em que as traduções diferem muito dos textos publicados, agradeço a Inger Kuhn, que desemaranhou frases estranhas e corrigiu contradições. Cleópatra VII, Júlio César e Marco Antônio estão abreviados como C, CR e A. Os nomes das fontes principais são apontados da seguinte maneira:

Apiano	Apiano, <i>The Civil Wars</i>
Ateneu	Ateneu, <i>The Learned Banqueters</i>
AA	Augusto, <i>Res Gestae Divi Augustus (The Acts of Augustus)</i>
AW	César, <i>Alexandrian War</i>
CW	César, <i>The Civil War</i>
Cícero	Cartas de Cícero
Dio	Dio Cássio, <i>Roman History</i>
Diodoro	Diodoro da Sicília, <i>Library of History</i>
Floro	Floro, <i>Epitome of Roman History</i>

JA	Josefo, <i>Jewish Antiquities</i>
JW	Josefo, <i>The Jewish War</i>
Lucano	Lucano, <i>Civil War</i>
ND	Nicolau de Damasco, <i>Life of Augustus</i>
Pausânias	Pausânias, <i>Description of Greece</i>
NH	Plínio, <i>Natural History</i>
Flatterer	Plutarco, "How to Tell a Flatterer from a Friend", <i>Moralia</i>
MA	Plutarco, <i>Lives</i> , "Antony"
JC	Plutarco, <i>Lives</i> , "Caesar"
Pompeu	Plutarco, <i>Lives</i> , "Pompey"
Quintiliano	Quintiliano, <i>The Orator's Education</i>
Strabo	Strabo, <i>Geography</i>
DA	Suetônio, <i>The Deified Augustus (Lives of the Caesars)</i>
DJ	Suetônio, <i>The Deified Julius (Lives of the Caesars)</i>
Valério	Valério Máximo, <i>Memorable Doings and Sayings</i>
VP	Veleio Patérculo, <i>Compendium of Roman History</i>

Os números à esquerda indicam as páginas onde se encontram os trechos destacados.

### I. AQUELA MULHER EGÍPCIA (P.11-20)

1 "Aquele mulher egípcia": Floro, II.xxi.2, in Ashton (tr.), 2008, p.2.

2 "O traço mais valioso de um homem": Eurípides, "Helen", in Grene, David e Richmond Lattimore (eds.). *Euripides II: The Cyclops, Heracles, Iphigenia in Tauris, Helen*. Tradução de Richmond Lattimore. Chicago, University of Chicago Press, 1959, p.161.

3 mais prestígio: JA, XV.lol.

4 "destruir tudo": Salústio, "Letter of Mithradates", p.21.

5 Um historiador romano: JA, XIII.408-XIII.430.

6 contrato de casamento: Rowlandson, 1998, p.322.

7 “sendo escrupulosamente casta”: Dio, LVIII.ii.5.

8 “talento natural para a dissimulação”: Cícero a Quinto, 2 (I.2), c. novembro de 59 a.C. Cícero não simpatizava com “toda a tribo” de orientais: “Ao contrário, não aguento mais sua frivolidade e bajulação, sua fixação sempre nas vantagens presentes, nunca no que é correto fazer.”

9 “uma garota muito solta de dezesseis anos”: Froude, James Anthony. *Caesar: A Sketch*. Nova York, Scribner’s, 1879, p.446.

10 “odiosas extravagâncias”: Pompeu, p.24.

11 Métodos históricos: escrevendo uns bons 130 anos depois de C, Josefo atacou a veracidade e os métodos de seus contemporâneos: “Tivemos na verdade pretensas histórias até de nossa guerra recente publicadas por pessoas que nunca visitaram os locais, nem estiveram sequer perto das ações descritas, mas, juntando uns relatos que ouviram, tiveram a grosseira sem-vergonhice de farristas bêbados, chamando erroneamente sua produção pelo nome de história” (*Against Apion*, I.46). Ao mesmo tempo, ele difamou os gregos antigos por oferecerem relatos contraditórios dos mesmos fatos, e, em seguida, ele próprio fez a mesma coisa.

12 Confiavam em grande parte na memória: A proposição está na introdução de K.R. Bradley para *Lives of the Caesars I*, de Suetônio, p.14.

13 não havia história simples, sem ornamentos: Wallace-Hadrill, Andrew. *Suetonius*. Bristol, Bristol Classical Press, 2004, p.19. Veja também: Millar, Fergus. *A Study of Cassius Dio*. Oxford, Oxford University Press, 1999, p.28. Sobre a prática de extrair história brilhante de “quase nada”: Wiseman, T.P. *Clio’s Cosmetics: Three Studies in Greco-Roman Literature*. Bristol, Bristol Phoenix Press, 1979, p.23-53. Veja também: Josefo, *Against Apion*, I.24-5. Todos registram a proposição de Quintiliano do século I d.C.: “A história está muito próxima da poesia e pode ser considerada, em certo sentido, como poesia em prosa.”

14 “o mais infeliz dos pais”: JW, I.556.

15 Definição da era helenística: Ogden, Daniel. *The Hellenistic World: New Perspectives*. Londres, Duckworth, 2002, p.x.

## ❧ II. OS MORTOS NÃO MORDEM (p.21-51)

Sobre a “estranha loucura” (Cícero a Tiro, 146 [XVI.12], 27 de janeiro de 49 a.C.) das guerras civis romanas: Apiano, JC, Dio, Floro e Plutarco. Suetônio fornece o retrato de CR. Para um ponto de vista diferente sobre a remoção de C do poder: Peek, Cecilia M. “The Expulsion of Cleopatra VII”, *Ancient Society* 38, 2008, p.103-35. Peek afirma que C só foi removida na primavera de 48.

Sobre as fontes clássicas a respeito de Alexandria, aprendi sobretudo com Aquiles Tácio, Amiano Marcelino, Arriano, Diodoro, Plínio, Plutarco, Políbio, Strabo,

Teócrito e Filo, sobretudo "On the Contemplative Life", "On Dreams, Book 2", "On the Embassy to Gaius". Josefo fornece descrições do templo e do palácio de Herodes em JW, V.173-225; só os de C poderiam ser mais opulentos. Ateneu, V.195-7, fornece detalhes sobre a decoração. Mantive certa reserva sobre as descrições palacianas de Lucano e Aristeas. Dentre as reconstruções modernas: Nielsen, Inge. *Hellenistic Palaces: Tradition and Renewal*. Aarhus, Aarhus University Press, 1999; Nowicka, Maria. *La maison privée dans l'Egypte ptolémaïque*. Wrocław, Wydawnictwo Polskiej Akademii Nauk, 1969.

Para relatos modernos sobre Alexandria: o excelente Ballet, Pascale. *La vie quotidienne à Alexandrie*. Paris, Hachette, 1999; Delia, Diana. "The Population of Roman Alexandria", *Transactions of the American Philological Association* 118, 1988, p.275-292; Empereur, Jean-Yves. *Alexandria: Jewel of Egypt*, Nova York, Abrams, 2002; Forster, E.M. *Alexandria: A History and a Guide*. Londres, André Deutsch, 2004; Goddio, Franck. *Alexandria: The Submerged Royal Quarters*. Londres, Periplus, 1998; LaRiche, William. *Alexandria: The Sunken City*. Londres, Weidenfeld, 1996; o requintado Marlowe, John. *The Golden Age of Alexandria*. Londres, Gollancz, 1971; *Alexandria and Alexandrianism*. Palestras realizadas na J. Paul Getty, 22-5 de abril de 1993, Symposium, Malibu, The J. Paul Getty Museum, 1996; Pollard, Justin e Howard Reid. *The Rise and Fall of Alexandria: Birthplace of the Modern Mind*. Nova York, Viking, 2006; Pollitt, J. *Art in the Hellenistic Age*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986; Stanwick, Paul Edmund. *Portraits of the Ptolemies: Greek Kings as Egyptian Pharaohs*. Austin, University of Texas Press, 2002; Vrettos, Theodore. *Alexandria: City of the Western Mind*. Nova York, Free Press, 2001. Sobre a planta da cidade em si: Daszweski, W.A. "Notes on Topography of Ptolemaic Alexandria", Rodziewicz, Mieczyslaw. "Ptolemaic Street Directions in Basilea (Alexandria)", e Tomlinson, Richard. "The Town Plan of Hellenistic Alexandria", in *Alessandria e il Mondo Ellenistico-Romano*. Roma, L'Erma di Bretschneider, 1995; e o esclarecedor Tkaczow, Barbara. *The Topography of Ancient Alexandria*, Varsóvia, Travaux du Centre d'Archéologie Méditerranéenne, 1993.

Sobre a educação, para Aristóteles "um ornamento na prosperidade e um refúgio na adversidade": Cícero, em particular *Brutus* e *On the Orator*; Sêneca, *Epistulae Morales, II*; Suetônio, "On Grammarians" e "On Rhetoricians"; Quintiliano, "Exercises"; Luciano, "Salaried Posts in Great Houses". Sobre assuntos de composição: Quintiliano, III.8.48-70; Sêneca, *Epistulae Morales*, LXXXVIII.6-9. Dentre as fontes modernas: Bonner, Stanley F. *Education in Ancient Rome*. Berkeley, University of California Press, 1977; Bowman, Alan K. e Greg Woolf (eds.). *Literacy and Power in the Ancient World*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994; o especialmente bom com questões retóricas Clarke, M.L. *Higher Education in the Ancient World*. Londres, Routledge, 1971; o excelente trabalho de Raffaella Cribiore, em particular *Gymnastics of the Mind* (Princeton, Princeton University Press, 2001); Legras, Bernard. "L'enseignement de l'histoire dans les

écoles grecques d'Égypte", in *Akten des 21. Internationalen Papyrologenkongresses, Berlin 1995*. Stuttgart, Teubner, 1997, p.586-600; o soberbo Marrou, H.I. *A History of Education in Antiquity*. Madison, University of Wisconsin Press, 1956; Morgan, Teresa. *Literate Education in the Hellenistic and Roman Worlds*. Cambridge, Cambridge University Press, 1998; Rawson, 1985.

Sobre casamentos e endogamia ptolomaicos: Bennett, Chris. "Cleopatra V Tryphaena and the Genealogy of the Later Ptolemies", *Ancient Society* 28, 1997, p.39-66; Carney, Elizabeth. "The Reappearance of Royal Sibling Marriage in Ptolemaic Egypt", *La Parola del Passato*, XLII, 1987, p.420-39; o belo trabalho de Hopkins, Keith. "Brother-Sister Marriage in Roman Egypt", *Comparative Studies in Society and History* 22, n.3, 1980, p.303-354; Ogden, Daniel. *Polygamy, Prostitutes and Death: The Hellenistic Dynasties*. Londres, Duckworth, 1999; Shaw, Brent D. "Explaining Incest: Brother-Sister Marriage in Graeco-Roman Egypt", *Man* 27, n.2, 1992, p.267-99.

Sobre mulheres no Egito ptolomaico: Bagnall, Roger S. "Women's Petitions in Late Antique Egypt", in *Hellenistic and Roman Egypt: Sources and Approaches*. Burlington, Ashgate Publishing, 2006; Bagnall e Cribiore, 2006; Balsdon, J.P.V.D. *Roman Women: Their History and Habits*. Londres, Bodley Head, 1962; Burton, Joan B. *Theocritus's Urban Mimes: Mobility, Gender, and Patronage*. Berkeley, University of California Press, 1995, p.147-55. Elaine Fantham et al. *Women in the Classical World*. Nova York, Oxford University Press, 1994; Lefkowitz, Mary R. e Maureen B. Fant. *Women's Life in Greece and Rome*. Londres, Duckworth, 1992; Moffat, Nori-Lyn Estelle. *The Institutionalization of Power for Royal Ptolemaic Women*. Dissertação de mestrado, Clemson University, 2005; Nourse, Kyra L. *Women and the Early Development of Royal Power in the Hellenistic East*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania, 2002; Pomeroy, 1990; Préaux, Claire. "Le statut de la femme à l'époque hellénistique, principalement en Égypte", *Receuil de la Société Jean Bodin III*, 1959, p.127-75; Rowlandson, 1998. Sobre casamento tardio: Herring, Donald. "The Age of Egyptian Women at Marriage in the Ptolemaic Period", *American Philological Association Abstracts*, 1988, p.85.

1 "Os mortos não mordem": Pompeu, LXXVII; Plutarco, "Brutus", XXXIII. Aqui e em outros trechos optei pela tradução de Dryden, revista por Arthur Hugh Clough (Nova York, Modern Library, 1992); daqui em diante "tradução ML".

2 "É uma bênção": Menandro. "The Doorkeeper", *Menander: The Plays and Fragments*. Nova York, Oxford University Press, 2001, p.264.

3 "barquinho traiçoeiro": Apiano, II.84. Sobre o fim de Pompeu: Apiano, II.83-6; Dio, LXII.iii-iv; CW, p.103; Pompeu, LXXVII.

4 Comparação com peste, enchente, incêndio: Floro, II.xiii.5.

5 Chegada de CR ao Egito: Apiano, II.89; Dio, XLII.vi-viii; CW, p.106; AW, p.1; JC, XLVIII; Pompeu, LXXX.5-6.

6 "um fim em seu comportamento": CW, III.10.

7 "Cleópatra estava perdida": JC, XLIX (tradução ML); JC, XLIX. Para a melhor discussão sobre a chegada de C: Whitehorne, John. "Cleopatra's Carpet", *Atti del XXII Congresso Internazionale di Papirologia II*, 1998, p.1287-93. Sobre a geografia das estradas costeiras: Gardiner, Alan H. "The Ancient Military Road between Egypt and Palestine", *Journal of Egyptian Archeology* 6, n.2, abril de 1920, p.99-116. Aquiles Tácio descreve a viagem de Pelúcio a Alexandria via rio Nilo: III.9; veja também: Políbio, V.80.3. Entrevistas com Lionel Casson, 18 de abril de 2009; John Swanson, 10 de setembro de 2008; Dorothy Thompson, 22 de abril de 2008. Roger Bagnall aponta que C pode também ter atravessado o delta abaixo da linha costeira, onde contaria com a vantagem de uma estrada, Bagnall para a autora, 8 de junho de 2010.

8 "malévola astúcia": Diodoro, I.30.7; MA, III.

9 "majestosa": Dio, XLII.xxxiv.6.

10 "conhecimento de como se fazer": Dio, XLII.xxxiv.5.

11 impossível conversar com ela: MA, XXVII; Dio, XLII.xxxiv.5.

12 "rapidez e imprevisibilidade de seus movimentos": Dio, XLII.lvi.1.

13 "homem saciado de amor": Ibid., XLII.xxxiv.5.

14 "o homem de toda mulher": Suetônio, citando Curio, DJ, LII.3.

15 "apenas um menino": Dio, XLII.iii.3.

16 A depravada e rameira C: C está longe de ser a única a desenvolver uma história sexual retroativa. Como observa Margaret Atwood a respeito de Jezebel, "A quantidade de bagagem sexual que se acumulou em torno dessa figura é assombrosa, uma vez que ela não faz nada nem remotamente sexual na história original, a não ser usar maquiagem". "Spotty-Handed Villainesses: Problems of Female Bad Behavior in the Creation of Literature", <http://gos.sbc.edu/a/atwood.html>.

17 "todos os homens trabalham com mais empenho": Dio, XXXVII.lv.2.

18 Como aponta um cronista: "Ao rei eu poderia ter dado o que ele merece, e em troca de tal presente a seu irmão, Cleópatra, podia ter mandado sua cabeça." Lucano, 1069-71, põe palavras na boca de CR.

19 "Nada era mais caro": AW, p.70.

20 Sobre o túmulo de Alexandre, o Grande: para uma reconstrução artística da tumba e de sua localização: Chugg, Andrew. "The Tomb of Alexander the Great in Alexandria", *American Journal of Ancient History*, 1.2, 2002, p.75-108.

21 estátuas domésticas de Alexandre: Hartle, Robert Wyman. "The Search for Alexander's Portrait", in Adams W. Lindsay e Eugene N. Borza (eds.). *Philip II, Alexander the Great and the Macedonian Heritage*. Washington, University Press of America, 1982, p.164.

22 história ptolomaica: Sobre a problemática genealogia ptolomaica: Bennett, 1997. Strabo também é eloquente a respeito. Para uma perturbadora discussão

sobre a possibilidade de C ser filha de uma família sacerdotal egípcia: Huss, Werner. "Die Herkunft der Kleopatra Philopater", *Aegyptus* 70, 1990, p.191-203. E sobre o vacilante domínio do poder dos Ptolomeus: McGing, Brian C. "Revolt Egyptian Style: Internal Opposition to Ptolemaic Rule", *Archiv für Papyrusforschung* 43.2, 1997, p.273-314; Mooren, Leon. "The Ptolemaic Court System", *Chronique d'Égypte* LX, 1985, p.214-22. Anna Swiderek fornece uma visão geral quase engraçada da violência da família em "Le rôle politique d'Alexandrie au temps des Ptolémées", *Prace Historyczne* 63, 1980, p.105-15.

23 "uma orgia de pilhagem e assassinato": Chamoux, François. *Hellenistic Civilization*. Oxford, Blackwell, 2003, p.135.

24 Sobre Auletes, o flautista: o nome pode ter sido atribuído a Ptolomeu XII devido à sua devoção dionisíaca; Bianchi, 1988, p.156.

25 casa de sua escolha: Citado em Hopkins, 1980, p.337.

26 Sobre mulheres e negócios: veja especialmente Pomeroy, 1990, p.125-73. A estimativa de um terço está em Bowman's (1986, p.98) e é, em parte, resultado de herança e dotes.

27 "as mulheres urinam em pé" até "vão além da descrição": Heródoto. *The Histories*. Tradução de George Rawlinson. Nova York, Knopf, 1997, II.xxxv. Sobre o Egito paradoxal: Diodoro, I.27.1-2; Strabo, 1.2.22, 17.2.5; a convicção invertida data de Sófocles. No geral, sobre a visão grega do Egito: Vasunia, Phiroze. *The Gift of the Nile: Hellenizing Egypt from Aeschylus to Alexander*. Berkeley, University of California Press, 2001.

28 "Construída na melhor localização": Filo, "On the Embassy to Gaius", XLIII.338, in *The Works of Philo*. Tradução de C.D. Yonge. Peabody, Hendrickson Publishers, 1993.

29 a realeza contestada: Em algumas interpretações a suplicante, Cleópatra Selene, era de fato a própria mãe de Auletes. De uma forma ou de outra, a mulher ptolomaica não hesitava em tornar conhecida sua opinião e estava disposta a atravessar um oceano para tanto.

30 A mãe de C: Na reconstrução de Chris Bennett, Cleópatra VI Trifena era prima de Auletes, não sua irmã (1997, p.39-66).

31 girafas, rinocerontes, ursos: Ateneu apud Tarn e Griffith, 1959, p.307.

32 dizia-se que a morte: A formulação é de Thompson, 1988, p.78.

33 Ela não precisava ir muito longe: A formulação é de E.M. Forster: Forster, 2004, p.34.

34 "O ouvido do jovem" até "não pode ser educado": Criore, 2001, p.69.

35 "príncipe da literatura": NH, II.iv.13.

36 "amamentadas no aprendizado": Heráclito, *Homeric Problems*, 1.5.

37 "assim como a razão é a glória": Cícero, *Brutus*, XV.59. Como diz Elizabeth Rawson: "A finalidade da retórica tendia a ser a persuasão mais que a verdade, e

os assuntos extravagantes serviam para o orador aprendiz provar sua capacidade na engenhosidade muito estimulada mais do que na reflexão séria sobre problemas importantes” (*Cicero: A Portrait*. Bristol, Bristol Classical Press, 2001, p.9).

38 Sobre o assassinato de Pompeu como exercício: Quintiliano, 7.2.6 e 3.8.55-8.

39 “A arte de falar”: Ibid., 2.13.16. Desvarios de um lunático: Ibid., 2.10.8.

40 “certas mulheres são mais jovens”: Shaw, George Bernard. “Notes to Caesar and Cleopatra”, in *Three Plays for Puritans*. Nova York, Penguin, 2000, p.249.

41 “olhos brilhantes”: Boccaccio, *Famous Women*. Cambridge, Harvard University Press, 2001, p.363. Boccaccio atribui a C o melhor de dois mundos: como ela “era capaz de cativar praticamente todos que quisesse com seus olhos brilhantes e sua habilidade de conversação, C teve poucos problemas em levar para a cama o príncipe lascivo (CR)”.

42 Sobre hieróglifos: Baines, John. “Literacy and Ancient Egyptian Society”, *Man* 18, n.3, 1983, p.572-99.

43 Sobre a população: as estimativas variam de 3 milhões (Thompson, 1988) a 6 milhões (Schiedel, Walter. *Death on the Nile*. Leiden, Brill, 2001) ou 10 milhões (Grant, 2004); os editores Loeb (Diodoro, I) e Fraser (1972, II, 171-2) preferem 7 milhões. No século I d.C., Josefo estimou a população do Egito, *excluindo* Alexandria, em 7,5 milhões. Diodoro estabelece a população de Alexandria em cerca de 500 mil, o que parece plausível; Fraser prefere um milhão. Veja: Bagnall, Roger S. e Bruce W. Frier. *The Demography of Roman Egypt*. Nova York, Cambridge University Press, 1994.

44 sete nacionalidades: El-Abbadi, Mostafa. *The Life and Fate of the Ancient Library of Alexandria*. Paris, Unesco, 1990, p.45.

45 “diferente da língua”: Heródoto, 1997, IV.clxxxii.

46 “Era um prazer”: XXVII (tradução ML).

47 num grego muito similar: Sobre o *koine* de C e CR, entrevista com Dorothy Thompson, 22 de abril de 2008; Horrocks, Geoffrey C. *Greek: A History of the Language and Its Speakers*. Nova York, Longman, 1997, p.33-108.

48 “Quanto mais sabemos”: Cícero, citando seu avô, *On the Orator*, 2:17-18. Tradução de Gruen, 1984, I, p.262.

49 manuais sexuais: Dalby, Andrew. *Empire of Pleasures: Luxury and Indulgence in the Roman World*. Londres, Routledge, 2000, p.123.

50 “com seus próprios dedos”: Juvenal, Satire 6, p.200.

51 “inclusive algumas”: Quintiliano, 1.8.6. Ele se referia em particular a Horácio.

52 “extremamente culta”: Casson, Lionel. *Libraries in the Ancient World*. New Haven, Yale University Press, 2001, p.78.

53 “altamente educada”: Pompeu, LV.1-2 (tradução ML).

54 “ela era uma mulher”: Salústio, *War with Catiline*, XXV. Cícero observa, aprovando uma boa matrona romana: “Não havia nunca nenhum tópico que ela achasse conhecer bem.” Clemente de Alexandria faz um inventário de mulheres intelectuais in *The Stromata*, 4.19, citando especialmente as fabricantes de bolos entre elas.

55 Sobre a biblioteca e o museu: Bagnall, Roger S. “Alexandria: Library of Dreams”, *Proceedings of the American Philosophical Society* 146, n.4, dezembro de 2002, p.348-62; Casson, 2001; El-Abbadi, 1990; Erskine, Andrew. “Culture and Power in Ptolemaic Egypt: The Museum and Library of Alexandria”, *Greece & Rome* 42, n.1, abril de 1995, p.38-48. Fraser I, 1972, p.452; MacLeod, Roy. *The Library of Alexandria*. Londres, Tauris, 2000. Um ótimo guia dos rolos propriamente ditos: Keynon, Frederic C. *Books and Readers in Ancient Greece and Rome*. Oxford, Clarendon Press, 1932. Um volume do *Simpósio* de Platão, observa Kenyon, pode chegar a sete metros de comprimento.

56 “ele morreu ou”: Marrou, 1956, p.145.

57 o gosto de CR por pérolas: DJ, XLVII.

58 “mais valente que todos os homens”: Manetho. *The History of Egypt*. Fr. 21b (versão armênia de Eusébio).

59 apenas um poeta latino: Lucano, X.60-1.

60 “não era em si” até “era irresistível”: MA, XXVII.2-3 (tradução ML).

61 “notável”, fascinante: Dio, XLII.xxxiv.4. O autor bizantino do século VI d.C., João Malalas, também exalta sua beleza.

62 “famosa por nada”: Boccaccio, in Walker e Higgs, 2001, p.147.

### III. CLEÓPATRA CAPTURA O VELHO COM MÁGICA (P.52-94)

Para a Guerra Alexandrina, Apiano, Dio, CR, Lucano e Plutarco, com cautela. A melhor fonte moderna continua sendo Paul Graindor, *La guerre d’Alexandrie* (Cairo, Société Anonyme Egyptienne, 1931). Note-se que CR e seu *ghost-writer* fornecem apenas relatos contemporâneos das guerras.

Sobre Auletes e seus esforços: ninguém é melhor que Mary Siani-Davies, sobretudo seu “Ptolemy XII Auletes and the Romans”, *Historia* 46, 1997, p.306-40; reeditado, com ligeiras alterações, em *Cicero’s Speech: Pro Rabirio Postumo*. Oxford, Clarendon Press, 2001, p.1-38. Veja também: Dio, XXXIX.xiii-xv e liv-lix; Maehler, Herwig. “Egypt under the Last Ptolemies”, *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 30, 1983, p.1-19. Sobre a restauração: Dio, Plutarco e mais agudamente Cícero; o excelente “The Egyptian Question in Roman Politics”, de Israel Shatzman, *Latomus* 30, 1971, p.363-9; Williams, Richard S. “*Rei Publicae Causa*: Gabinius’s Defense of His Restoration of Auletes”, *Classical Journal* 81, n.1, 1985, p.25-38..

Para a estada de CR no Egito e o cruzeiro no Nilo: Apiano, Dio, Diodoro, Plínio, Strabo, Suetônio, Tácito. Constei em grande medida com o excelente *Tourism in Graeco-Roman Egypt*, de Victoria Ann Foertmeyer (tese de doutorado, Princeton University, 1989). Também: Aly, Abdullatif A. "Cleopatra and Caesar at Alexandria and Rome", *Roma e l'Egitto nell'antichità classica*. Atti del I Congresso Internazionale Italo-Egiziano, 1989, p.47-61; Casson, Lionel, 1974, p.256-91; Casson. *Ships and Seamanship in the Ancient World*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1971; Hillard, T.W. "The Nile Cruise of Cleopatra and Caesar", *Classical Quarterly* 52, n.2, 2002, p.549-54; Lord, Louis E. "The Date of Julius Caesar's Departure from Alexandria", *Journal of Roman Studies* 28, 1930, p.19-40; Milne, J. Grafton. "Greek and Roman Tourists in Egypt", *Journal of Egyptian Archeology* 3, n.2-3, 1916, p.76-80; Neal, 1975, p.19-33; Thompson, "Hellenistic Royal Barges", palestra inédita, Atenas, 2009. O objetivo da viagem: Clarysse, Willy. "The Ptolemies Visiting the Egyptian Chora", in Mooren, Leon (ed.). *Politics, Administration and Society in the Hellenistic and Roman World*. Bertinoro Colloquium, Leuven, Peeters, 2000, p.33-40. Para ventos, clima, vida silvestre: o vívido *The Englishwoman in Egypt*, de Sophia Poole (Cairo, The American University in Cairo Press, 2003). Para a visita de Lúcio Mêmio no século II: Milligan, George (ed.). *Selections from the Greek Papyri*. Cambridge, Cambridge University Press, 1910, p.29-31.

- 1 Cleópatra captur a o velho: Uma variação sobre Lucano, p.360.
- 2 "Uma mulher que é generosa": Quintiliano, V.11.27.
- 3 "cativado" até "dominado": Plutarco, XLIX (tradução ML).
- 4 "a tal ponto" até "pensara ser juiz": Dio, XLII.xxxiv.ii-xxv-ii.
- 5 "com a condição de que": JC, XLIX (tradução ML).
- 6 Acreditavam ter assinado: Floro, II.xiii.55-6.
- 7 legiões cansadas: A.B. Bosworth fornece uma ideia da exaustão em "Alexander the Great and the Decline of Macedon", *The Journal of Hellenic Studies* 106, 1986, p.1-12.
- 8 "prometeu fazer": Dio, XLII, xxxv.4.
- 9 "habilidade de inflamar": Cícero, *Brutus*, LXXX.279.
- 10 "particularmente ansioso": CW, III.109.
- 11 "dado o reino": Dio, XLII.xxxvi.3.
- 12 "sujeito ativo, atento" até "uma guerra embaraçosa": JC, XLIX (tradução ML).
- 13 "um homem de notável audácia": CW, III.104.
- 14 "que o nome real": CW, III.109.
- 15 Arsínoe tinha ambição ardente: Segundo um relato (Strabo, 17.1.11), as duas irmãs haviam escapado juntas para a Síria durante um levante anterior.
- 16 "Um amigo leal": "Orestes", in Grene, David e Richmond Lattimore (eds.). *Euripides IV: Rhesus, The Suppliant Women, Orestes, Iphigenia in Aulis*. Tradução

de William Arrowsmith. Chicago, University of Chicago Press, 1958, p.805.

17 Conflito épico: Para o épico conflito de Mitrídates contra Roma: Matyszak, Philip. *Mithridates the Great: Rome's Indomitable Enemy*. Barnsley, Pen & Sword Military, 2008; e Mayor, Adrienne. *The Poison King: The Life and Legend of Mithridates*. Princeton, Princeton University Press, 2010.

18 "nenhuma lei, humana ou divina" até "pagando com dinheiro": Salústio, "Letter of Mithridates", p.12, 17.

19 "cerca de estados associados": Políbio, V.34.

20 "uma perda se destruído": Syme, Ronald. *The Roman Revolution*. New York, Oxford University Press, 2002, p.260.

21 política externa coerente: Sobre Roma e os reis associados, veja o soberbo *Near Eastern Royalty and Rome*, de Richard D. Sullivan (Toronto, University of Toronto Press, 1990). Também: Braund, David. *Rome and the Friendly King*. Nova York, St. Martin's, 1984; Lampela, Anssi. *Rome and the Ptolemies of Egypt: The Development of Their Political Relations, 273-80 BC*. Helsinque, Societas Scientiarum Fennica, 1998; sobre o conflito paralelo de Mitrídates: Mayor, 2010; Peremans, Willy e Edmond Van't Dack. "Sur les rapports de Rome avec les Lagides", *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, 1972, p.660-7; Shatzman, 1971. Projeto habitacional: Holbl, 2001, p.224-25.

22 "apenas uma festa sem fim": Dio Crisóstomo, "The 32nd Discourse", p.69.

23 "esses homens tinham o costume": CW, III.110.

24 "demonizado por certos indivíduos": Cícero a Lentulus, 13 (I.2), 15 de janeiro de 56 a.C.

25 "notoriedade altamente invejável" até "generosidade real": Ibid., p.12 (I.1), 13 de janeiro de 56 a.C.

26 "em sua raiva e rancor": MA, III (tradução ML).

27 Sobre a sucessão: Yardley, J.C. (tr.). *Justin: Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*, Atlanta: Scholars Press, 1994, 16.iiff; Bingen, Jean. "La politique dynastique de Cléopâtre VII", *Comptes Rendus: Académie des Inscriptions et Belles-Lettres 1*, 1999, p.49-66; Criscuolo, Lucia. "La successione a Tolomeo Aulete ed i pretesi matrimoni di Cléopâtre VII con i fratelli", in *Egitto e storia antica dall'ellenismo all'età araba*, 1989, p.325-39. Trabalhando a partir de diversos papiros de datação duplicada, Ricketts propôs a teoria de que C tentou eliminar Ptolomeu XIII instalando o irmão mais novo deles como seu consorte na primavera de 50 a.C. As relações com certeza já estavam comprometidas com o irmão mais velho (Ricketts. "A Chronological Problem in the Reign of Cleopatra VIII", *Bulletin of the American Society of Papyrologists 16:3*, 1979, p.213-7). Veja também: Ricketts. "A Dual Queenship in the Reign of Berenice IV", *Bulletin of the American Society of Papyrologists 27*, 1990, p.49-60; T. C. Skeat, que questiona um governo conjunto Auletes Cleópatra em "Notes on Ptolemaic Chronology", *Journal of Egyptian Archeology 46*, dezembro de 1960, p.91-4; e, para o reino

obsuro de Berenice: Whitehorne, John. "The Supposed Co-Regency of Cleopatra Tryphaeana and Berenice IV", in *Akten des 21. Internationalen Papyrologenkongresses*, II, Stuttgart, B.G. Teubner, 1997, p.1009–13.

28 "acostumados aos modos indisciplinados": CW, III.110.

29 Sobre a ascensão de C: há uma outra explicação possível para Auletes ter escolhido os dois irmãos. Heinen, 2009, pondera que o pai de C pode ter reconhecido precocemente a personalidade forte e as ambições perigosas de sua segunda filha e solicitado apoio romano expressamente para neutralizá-las, p.35-6.

30 Sobre Mênfis: veja especialmente El-Abadi, 1990, p.58; Lewis, 1986, p.69s; Thompson, 1988.

31 "orgulho tornado permanente": John D. Ray, "The Emergence of Writing in Egypt", *World Archaeology* 17, n.3, 1986, p.311.

32 O incêndio da biblioteca de Alexandria: Sêneca é o primeiro a mencionar a queima dos livros, citando o número de 40 mil, número que aumenta em relatos subsequentes até chegar a 700 mil no século IV d.C. Tanto Dio como Plutarco acreditaram que a biblioteca queimou. Séculos de estudos foram dedicados à espinhosa questão; veja: Fraser, I, 1972, p.334-5, 476; Parsons, Edward Alexander. *The Alexandrian Library: Glory of the Hellenic World*. Nova York, Elsevier, 1967. Will (2003, p.533) acredita que a destruição foi menor do que a lenda sugere. Para um apanhado das fontes, <http://www.bede.org.uk/library.htm>. Segundo essa estimativa, 500 mil rolos exigiriam quase quarenta quilômetros de estantes, ou um prédio de dois andares medindo trinta metros por trinta metros.

33 "E não havia uma alma": AW, p.15.

34 Já se sugeriu que ele parou: John Carter, introdução a CW. Nova York, Oxford University Press, 2008, p.xxix. Veja também: Collins, John H. "On the Date and Interpretation of the Bellum Civile", *American Journal of Philology* 80, n.2, 1959, p.113-32.

35 "punham em funcionamento": AW, p.3.

36 "a fim de, como diziam": Dio., XLII.xlii.2.

37 "contra um rei": AW, XXIV. Heinen (2009, p.106-113) interpreta a libertação de Ptolomeu por CR como um ato desesperado. Como não sabia que os reforços estavam a caminho, CR não começara a sentir ainda que a maré estava virando; estava freneticamente tentando ganhar tempo. Sobre a constituição do exército egípcio: Políbio, V.35.13 e V.36.3; Griffith, G.T. *The Mercenaries of the Hellenistic World*. Cambridge, Cambridge University Press, 1935; Launey, Marcel. *Recherches sur les armées hellénistiques*, 2 vols. Paris, Boccard, 1949; Marrinan, Raphael. *The Ptolemaic Army: Its Organisation, Development and Settlement*. Tese de doutorado, University College, Londres, 1998. Marrinan coloca as barracas dos guardas de elite no terreno do palácio, ou muito perto.

38 "pensasse em seu reino ancestral" até "lágrimas de alegria": AW, p.24.

- 39 "Toda a população": AW, p.32.
- 40 "um prodígio de atividade": Gaston Boissier, *Cicero and His Friends*. Nova York, Cooper Square Publishers, 1970, p.185.
- 41 CR acusa a si mesmo: Volkmann, 1958, p.75.
- 42 "que sopram absolutamente": CW, III.107.
- 43 "permanecera fiel": AW, p.33.
- 44 "por voluptuosidade": Dio, XLIV.46.2. Veja também Cícero a Ático, 226 (XI.15), 14 de maio de 47 a.C, e p.230 (XI.18), 19 de junho de 47 a.C. No século IV d.C., Eusébio retomou o tema, acusando CR de ter reconduzido C ao trono "em troca de favores sexuais" (Eusébio, 183.2).
- 45 "Quanto à guerra no Egito": JC, XLVIII (tradução ML).
- 46 "por causa de quem" até "em companhia de César": Dio, XLII.44.
- 47 cama de Cleópatra todas as noites: Pelling, 1999, p.140.
- 48 todos os que visitavam o Egito helenístico: Como observa Braund (1984, p.79): "O rei sábio era um anfitrião generoso quando os romanos vinham visitar."
- 49 "em vista do favor de César": Dio, XLII.xxxiv.3.
- 50 "Porque o governante opera": Ibid., LV.xv.5-6.
- 51 "a primeira cidade do mundo civilizado": Diodoro, XVII.52.4. Até Cícero concordava com isso (*De Lege Agraria*, II, XVI.44).
- 52 "Olhando a cidade": Aquiles Tácio, V.i.6. Ele era um filho nativo.
- 53 "Não é fácil para um estrangeiro": Crisóstomo, Dio. "The 32nd Discourse, To the People of Alexandria, 20", in *Alexandria: The Site and the History*. Apud Steen, Gareth L. (ed.). Nova York, New York University Press, 1993, p.58.
- 54 "A regra geral": Ateneu, V.196d.
- 55 serviço de jantar pesava trezentas toneladas: Ibid., p.453.
- 56 "louça do dia a dia": A proposição é de Thompson. "Athenaeus's Egyptian Background", in Braund, David e John Wilkins (eds.). *Athenaeus and His World*. Chicago, University of Chicago Press, 2000, p.83-4. Veja: Ateneu, VI.229d.
- 57 "uma travessa de prata": Ateneu, IV.129b.
- 58 Sobre o guarda-roupa de C: entrevista com Larissa Bonfante, 2 de fevereiro de 2009; entrevista com Norma Goldman, 19 de outubro de 2009; Casson, 2001, p.24-5; Rowlandson, 1998, p.313-34; Stanwick, 2002, p.36-7, Thompson, Dorothy Burr. *Ptolemaic Oinochoai and Portraits in Faience*. Oxford, Clarendon Press, 1973, p.29-30; Walker, Susan e Morris Bierbrier. *Ancient Faces: Mummy Portraits from Roman Egypt*. Londres, British Museum Press, 1997, p.177-80; Walker e Higgs, 2001, p.65.
- 59 "festas que se prolongavam": DJ, LII (tradução modificada). Também Frontinus, *Stratagems*, I.i.5. Plutarco põe CR bebendo até o amanhecer para se proteger de tentativas de assassinato: JC, XLVIII.

60 procissão dionisíaca: Para a melhor análise de Ateneu, V.197-203, veja Rice, E.E. *The Grand Procession of Ptolemy Philadelphus*. Nova York, Oxford University Press, 1983. Thompson. "Philadelphus's Procession: Dynastic Power in a Mediterranean Context", in Mooren, 2000, p.365-88. Thompson enfatiza que essas procissões tinham a finalidade de unir o povo e promover um senso de identidade cívica. Arriano, XXVIII, fala das raízes dionisíacas do cortejo de triunfo.

61 "a mais sábia acumuladora de riquezas": Apiano, prefácio, 10. A tradução é de Macurdy, 1932, p.108.

62 Se Auletes tivesse casado C com CR: Ptolomeu VIII havia cortejado, sem sucesso, uma (rica) romana, Cornélia, mãe dos Gracos, Plutarco, *Tiberius Gracchus*, I.

63 "Cleópatra conseguiu" até "para ganhar Roma": Lucano, X, p.359-60.

64 "rendeu-se a Alexandre": Yardley, J.C. (tr.). *Justin: Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*.

65 "Cleópatra tinha mil": MA, XXIX (tradução ML).

66 uma coisa tão antissocial: Plutarco, "Demetrius", III. Em sua própria definição, o império zombava das relações familiares, que convidava à "má vontade e desconfiança".

67 "tudo que eleva as pessoas": Dio, XXXVIII.xxxix.2.

68 "Não há nada": Lucano, X.189-90. O Egito exercia fascínio sobre os gregos tanto antes como depois de C; era a suprema terra do mistério. Veja: Smith, E. Marion. "The Egypt of the Greek Romances", *Classical Journal* 23, n.7, abril de 1928, p.531-7.

69 "pai da imprensa marrom": Robert Graves, introdução a Lucano, *Pharsalia: Dramatic Episodes of the Civil Wars*. Nova York, Penguin, 1956, p.13.

70 "recebido com a mais absoluta": Carta de 112 a.C., in Milligan, George (tr.). *Select Papyri*, II, p.416.

71 O cruzeiro pelo Nilo: As datas permanecem indefinidas. Lord (1930) não acredita que o cruzeiro tenha ocorrido.

72 "Eu engolia cor": Gustave Flaubert a sua mãe, 17 de novembro de 1849, in Empereur (tr.), 2002, p.136.

73 A barça: Ateneu, V.204e-206d. Veja também Nowicka, 1969.

74 esconder suprimentos: Foertmeyer, 1989, p.235.

75 "Uma vez basta": Cícero a Ático, 353 (XIII.52), 19 de dezembro de 45 a.C.

76 "palácio flutuante": Nielsen, 1999, p.136.

77 Conceitos equivocados: Heródoto para o crânio; Diodoro para o meio camundongo primordial; Strabo (XV.I.22-3) para os gêmeos, cascos de tartaruga, serpentes de grama e incrível fecundidade. Também NH (VII.iiiiff), no qual há menção a camundongos andando sobre duas patas e gravidez abreviada. Grande parte disso provém de Aristóteles (*History of Animals*, vii.4); Aulo Gélio (*Attic*

*Nights*, X.ii) deu continuidade ao tema. Dio Crisóstomo (*Discourse*, 5.24-7) fala de sereias míticas devoradoras de homens no deserto, meio cobras, meio sereias. Amiano Marcelino (*Roman History*, XXII.15, p.14s) maravilhava-se com criaturas semelhantes a golfinhos no Nilo, hipopótamos que eram “mais sagazes que quaisquer feras irracionais” e a íbis egípcia, um pássaro que botava ovos pelo bico.

78 O paralelo macedônio: Nepos, Eumenes, III.4.

79 “e se divertiu”: Apiano, II.89.

80 “Ela o deteria”: Dio, XLII.45.1.

81 “não era nem favorável”: Dio, XLII.47.2.

#### **IV. A IDADE DE OURO NUNCA FOI A IDADE PRESENTE (P.95-130)**

Cícero, Plínio e Plutarco são guias inestimáveis para Roma e os romanos. Nas viagens que fiz até lá contei inteiramente com o conhecimento de Lionel Casson e, especialmente, com *Travel in the Ancient World*; veja também o ricamente ilustrado *Voyages sur la méditerranée romaine*, de Michel Reddé e Jean-Claude Golvin (Paris, Actes Sud, 2005). Sobre C em Roma, o desmistificador “Cleopatra in Rome: Facts and Fantasies”, de Erich Gruen, in Braund, David e Christopher Gill (eds.). *Myth, History and Culture in Republican Rome*. Exeter, University of Exeter Press, 2003; Dack, Edmond Van’t. “La Date de C. Ord. Ptol. 80-83 = BGU VI 1212 et le séjour de Cléopâtre VII à Rome”, *Ancient Society* 1, 1970, p.53-67. Eusébio (183, p.30) atesta o inevitável séquito, e Horácio (Satires I.ii. p.95-100) também, de outra maneira; ele lamentava a verdadeira armada de criados da mulher rica.

Sobre a administração do Egito e a máquina ptolomaica: Bagnall e Derow, 1981, p.253-255; Bingen, 2007, p.156-255; Bowman, 1986; Hazzard, R.A. *Imagination of a Monarchy: Studies in Ptolemaic Propaganda*. Toronto, University of Toronto Press, 2000; Maehler, 1983; Mooren, Leon. *La hiérarchie de cour ptolémaïque*. Leuven, *Studia Hellenistica* 23, 1977; Mooren, 2000; Dominic Rathbone. “Ptolemaic to Roman Egypt: The Death of the Dirigiste State?”, in *Production and Public Powers in Classical Antiquity*, Cambridge Philological Society, n.26, 2000, p.4-54; Rickman, Geoffrey. *The Corn Supply of Ancient Rome*. Oxford, Clarendon Press, 1980; Rostovtzeff, Michael. *A Large Estate in Egypt in the Third Century BC*. Madison, University of Wisconsin Studies, 1922; *Select Papyri: Public Documents*, II. Cambridge, Harvard University Press, 1995; Taubenschlag, Raphael. *The Law of Graeco-Roman Egypt in the Light of the Papyri*. Varsóvia, Panstwowe Wydawnictwo Naukowe, 1955; Thompson, D.J. “Nile Grain Transport under the Ptolemies”, in Garnsey, Peter et al. (eds.). *Trade in the Ancient Economy*. Londres, Chatto & Windus, 1983, p.64-75.

Para um resumo muito bom e saboroso sobre papiros, óstracos e inscrições do reino de C: Ricketts, 1980, p.114-36.

Sobre Roma e sua moral: Cícero, Horácio, Juvenal, Marcial, Plínio e Strabo. Dentre as fontes modernas: Balsdon. *Life and Leisure in Ancient Rome*. Londres, Bodley Head, 1969; Casson. *Everyday Life in Ancient Rome*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1998; o colorido *Daily Life in Ancient Rome*, de Florence Dupont (Oxford, Blackwell, 1993); Duret, Neraudau, Luc e Jean-Pierre Neraudau. *Urbanisme et metamorphoses de la Rome antique*. Paris, Belles Lettres, 2001; Kiefer, Otto. *Sexual Life in Ancient Rome*. Nova York, Dorset Press, 1993; Wiedemann, Thomas. *Adults and Children in the Roman Empire*. Londres, Routledge, 1989; Wiseman, T.P. *Catullus and His World: A Reappraisal*. Cambridge, Cambridge University Press, 1985.

Para CR: Gelzer, Matthias. *Caesar: Politician and Statesman*. Oxford, Blackwell, 1968; Goldsworthy, Adrian. *Caesar: Life of a Colossus*. New Haven, Yale University Press, 2006; Meier, Christian. *Caesar: A Biography*. Nova York, MJF Books, 1982; Weinstock, Stefan. *Divus Julius*. Londres, Oxford University Press, 1971; Wyke, Maria. *Caesar: A Life in Western Culture*. Chicago, University of Chicago Press, 2008; Yavetz, Zwi. *Julius Caesar and His Public Image*. Ithaca, Cornell University Press, 1983.

1 A idade de ouro: Franklin, Benjamin. *Poor Richard's Almanack*, 1750.

2 "Que desculpa": Eurípides. "Andromache", in *The Trojan Women and Other Plays*. Tradução de James Morwood. Oxford, Oxford University Press, 2001, p.85-7.

3 Silêncio de CR: Dio, XLII.iii.3. Todos em Roma acreditavam que CR ia perecer nas mãos dos egípcios, "como efetivamente ficavam ouvindo ser fato". Cícero particularmente sabia das dificuldades de CR para sair da África.

4 Sobre parto: Soranos apud Rowlandson, 1998, p.286-9; Tyldesley, Joyce. *Daughters of Ísis: Women of Ancient Egypt*. Nova York, Viking, 1994, p.70-5. Para um claro resumo sobre a paternidade de Cesário: Balsdon. "Cleopatra: A Study in Politics and Propaganda by Hans Volkmann", *Classical Review* 10, n.1, março de 1960, p.68-71. A resposta de Heinen (1969) ao repúdio de Cesário em J. Carcopino (1937) pode ser vista em Heinen, 2009, p.154-75. Neste ponto e em outros, as fontes antigas não são úteis: Suetônio duvida da paternidade e observa também que CR permitiu que a criança fosse batizada com seu nome, DJ, LII.

5 "ser dada a raiva": Carta do século III a.C. apud Plant, I.M. (ed.). *Women Writers of Ancient Greece and Rome*. Norman, University of Oklahoma Press, 2004, 79-80. Dada a taxa de mortalidade infantil, era fácil encontrar amas de leite.

6 volumes de conselhos: Veja Hopkins, Keith. "Contraception in the Roman Empire", *Comparative Studies in Society and History* 8, n.1, 1965, p.124-51; Angus McLaren, *A History of Contraception*. Londres, Basil Blackwell, 1990; Pomeroy, Sarah B. *Goddesses, Whores, Wives, and Slaves*. Nova York, Schocken, 1975, p.167-9; Riddle, John M. *Contraception and Abortion from the Ancient World to the Renaissance*. Cambridge, Harvard University Press, 1992. Também Juvenal, Satire 6595-6; NH, VI.42; Sorano, I.60-65.

7 a enchente do Nilo: Diodoro, I.36.7. Para a flora e a fauna, baseei-me em: Poole, 2003. Para as condições do rio: Petrie, W.M. Flinders. *Social Life in Ancient Egypt*. Boston, Houghton Mifflin, 1923, p.129-68; Edwards, Amelia B. *A Thousand Miles up the Nile* Londres, Century, 1982, p.319s.

8 Sobre os presentes de aniversário: Préaux, 1939, p.394. Neal (1975) sugere que o *timing* foi tão perfeito que C pode ter escolhido essa data para anunciar o nascimento. Ela emitiu moedas de ouro esse ano, uma das duas únicas ocasiões em que o fez.

9 uma associação de Cleópatra com Ísis: Pelling, 1999, p.251-2; Ashton, 2008, p.138. Veja Préaux, Claire. *Le monde hellénistique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1978, II, p.650-5; Takacs, Sarolta A. *Isis and Serapis in the Roman World*. Leiden, E.J. Brill, 1995; Witt, R.E. *Isis in the Graeco-Roman World*. Ithaca, Cornell University Press, 1971. Sobre o destino de Ísis no lado norte do Mediterrâneo, veja, especialmente: Heyob, Sharon Kelly. *The Cult of Isis among Women in the Graeco-Roman World*. Leiden, E.J. Brill, 1975.

10 O cônsul e a picareta: Valério, 1.3.41.

11 Vestes cerimoniais: O.E. Kaper para a autora, 16 de março de 2010.

12 Sobre o estado e o clero: Thompson, 1988. Goudchaux, Guy Weill. "Cleopatra's Subtle Religious Strategy", in Walker e Higgs, 2001, p.128-41. Também Reymond, E.A.E. e J.W.B. Barns. "Alexandria and Memphis: Some Historical Observations", *Orientalia* 46, 1977, p.1-33. Sobre a concessão de asilo, veja Rigsby, Kent J. *Asylia: Territorial Inviolability in the Hellenistic World*. Berkeley, University of California Press, 1996. Sobre hierarquia no templo: Gorré, Gilles. "Les relations du clergé égyptien et des Lagides", in Picard, Olivier et al. (eds.). *Royaumes et cités hellénistiques des années 323-55 av. JC*. Paris, SEDES, 2003, p.44-55.

13 Direito estendido à sinagoga: Rigsby, 1996, p.571-2.

14 As medidas das enchentes: Sobre o Nilo: NH, X.li.60; sobre a altura: V.x.58. Sobre o comportamento do Nilo: Lewis, 1983, p.105-15; Tácio, Aquiles. IV. 11-15. Strabo é, no restante, o melhor guia do rio.

15 "Não houve fome": Vandier, Jacques. *La famine dans l'Égypte ancienne*. Nova York, Arno Press, 1979, p.35s; Thompson, Dorothy. "Nile Grain Transport under the Ptolemies", in Garnsey, Peter et al. (eds.). *Trade in the Ancient Economy*. Londres, Chatto & Windus, 1983, p.64-75. Heinen ("Hunger, Misery, Power", reeditado em 2009, p.258-87) observa que a classe dominante também conquistava pontos por sua benevolência e que a crise era muitas vezes exagerada. A ênfase na miséria do povo servia para promover a magnanimidade oficial.

16 "Qualquer pessoa que saiba": Flatterer, 790A. Séculos antes, Antígono Gônatas, um rei macedônio de visão particularmente clara informara seu filho que o negócio da realeza era "um glorioso estado de escravidão". Dio, LII.X.2, faz

colocação semelhante: era destino do soberano "sempre e em toda parte tanto ver como ouvir, fazer e sofrer, apenas aquilo que era desagradável".

17 fórmula de saudação: AJ, XII.148, XII.166, XIV.306.

18 levaram um Ptolomeu anterior a dormir: Flatterer, 71d. O tutor que deu um tapa para acordar Ptolomeu V Epifanes foi recompensado com um copo de veneno.

19 pressão dos negócios de estado: Sobre burocracia: Minnen, Peter van. "Further Thoughts on the Cleopatra Papyrus", *Archiv für Papyrusforschung* 47, 2001, p.74-80; Minnen, Peter van. "An Official Act of Cleopatra", *Ancient Society* 30, 2000, p.29-34.

20 "Íntegros e sem demora": Thompson, 1983, p.71; também Christopher Haas, *Alexandria in Late Antiquity: Topography and Social Conflict*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 2006, p.40-4. Sobre o funcionamento da economia: Rostovtzeff, 1998; Préaux, 1939; Tarn e Griffin, 1959; Thompson, 1988; Dominic Rathbone, "Ptolemaic to Roman Egypt: The Death of the Dirigiste State?", in *Cambridge Philological Society*, n.26, 2000, p.44-54.

21 "ninguém tem permissão": Austin, M.M. *The Hellenistic World from Alexander to the Roman Conquest: A Selection of Source Materials in Translation*. Cambridge, Cambridge University Press, 1981, p.561.

22 "sabia todos os dias": William Tarn, *Hellenistic Civilization*. Londres, Edward Arnold, 1959, p.195.

23 "animar a todos": *Select Papyri*, 1995, II.204.

24 "Podemos concluir": O esclarecedor Crawford, Dorothy. "The Good Official of Ptolemaic Egypt", in *Das Ptolemäische Agypten: Akten des internationalen Symposions*, 1976 (Mainz, Von Zabern, 1978), p.202.

25 Atingiam igualmente: Bingen, "Les tensions structurelles de la société ptolémaïque", *Atti del XVII Congresso Internazionale di Papirologia III*. Nápoles, 1984, p.921-937; Rathbone, 2000.

26 Sobre as reclamações: Bagnall e Derow, 2004; Bevan, 1968; Maehler, 1983; Rostovtzeff, 1998. E sobre a benevolência: Westermann, William Linn. "The Ptolemies and the Welfare of Their Subjects", *American Historical Review* 43, n.2, 1938, p.270-87.

27 O pai enfermo: *Select Papyri*, II, p.233. A moça tinha fugido com um namorado preguiçoso, dizia o pai, e não atendia mais as suas necessidades de vida, apesar de ter assinado um contrato para fazê-lo.

28 "Eles chegam cedo": *Select Papyri*, II.266. Rostovtzeff, M. (tr.). "A Large Estate in Egypt in the Third Century BC: A Study in Economic History", *University of Wisconsin Studies* 6, 1922, p.120.

29 proibido advogados de representar: Rostovtzeff, 1998, II, p.1094.

30 "queimou minha barriga": Bagnall e Derow, 1981, p.195.

31 "Quando herdamos": Cícero, *The Republic*, V.I.2. A tradução é de Everitt, 2003, p.180.

32 Sobre Auletes e a fortuna da família: Broughton, T. Robert S. "Cleopatra and The Treasure of the Ptolemies", *American Journal of Philology* 63, n.3, 1942, p.328-32. Aqui também as opiniões diferem: Maehler, 1983, advoga a "prosperidade intocada". Bowman, Casson, Ricketts e Tarn concordam. Rostovtzeff (1998, III, p.1548) tem certeza do tesouro pessoal de C, mas acredita menos na economia durante seu reinado. Thompson, Broughton e Will (V.206d) veem uma economia em declínio se não em desordem. Ateneu acusa o pai de C de ter dissipado a fortuna do Egito. Em 63 a.C, Cícero (*De Lege Agraria*, II.XVI.44) achava o Egito ainda um reino florescente.

33 Sobre a desvalorização e as moedas de C: Goudchaux, Guy Weill. "Was Cleopatra Beautiful? The Conflicting Answers of Numismatics", in Walker e Higgs, 2001, p.210-14. Chauveau, 2000, p.86; ele chama, sucintamente, a desvalorização de "o equivalente antigo a emitir dinheiro".

34 "o equivalente a todos os fundos de cobertura": Entrevista com Roger Bagnall, 21 de novembro de 2008.

35 concurso de bebida no palácio: Ateneu, X.415. Ateneu (XII.522) menciona também que um filósofo ganhava doze talentos por ano, o que parece alto demais. A reserva é de Casson, 2001, p.35; ele calcula que quinze talentos equivaliam a milhões de dólares modernos. Para os monumentos impressionantes: Green, Peter. *Alexander of Macedon*. Berkeley, University of California Press, 1991, p.414. Marrinan (1998, p.16) afirma que com mil talentos podia-se contratar um exército de 10 mil homens por um ano. Diodoro relata que para um artesão romano não qualificado um talento era o equivalente a dezessete anos de salários, Josefo (JW, I.483) diz que um príncipe com rendimento privado de cem talentos era um homem com quem se podia contar. Durante a lua de mel de parentes egípcio-romanos, um dignitário romano recebeu presentes no valor de oitenta talentos, soma tão exagerada que ele não aceitou (Plutarco, "Lucullus", p.2). Em nível mais prosaico, um talento comprava trigo suficiente para um homem durante 75 anos. Veja também: Tarn e Griffin, 1959, p.112-16.

36 A viagem a Roma: Baseado na suposição mais fundamentada no negócio, a de Casson. Entrevistas, 26 de janeiro de 2009 e 18 de junho de 2009. Veja também: Casson, 1971; Casson. *The Ancient Mariners*. Princeton, Princeton University Press, 1991; Casson, 1994. Ele descreve todo o árduo sistema em "The Feeding of the Trireme Crews and an Entry in IG ii2 1631", *Transactions of the American Philological Association*, n.125, 1995, p.261-9; e "The Isis and Her Voyage", *Transactions of the American Philological Association*, n.81, 1950, p.43-56. Casson para a autora, 9 de dezembro de 2008. Para comparações, veja Filo: "Against Flaccus", V.25ff, "On the Embassy to Gaius", p.250-3; JW, p.1280; Horácio, *Satires*, I.5; as viagens de Germânico em: Tácito, *Annals*, II.50; Casson (1994, p.149-53) sobre Cícero e Plínio. C pode ter atracado em Óstia, o que

Bagnall e Thompson acham mais provável; Casson prefere Pozzuoli, uma vez que, na época, não havia instalações portuárias de nenhuma expressão em Óstia (Casson, 1991, p.199). Não é impossível que C tenha embarcado ou desembarcado em Brundisium assim como Horácio (que ia para oeste) e Cícero, indo para o leste. Dali, ela teria feito a longa viagem por terra em terreno acidentado e ao longo da via Apiano. A viagem podia ser feita em cerca de sete dias (Casson, 1994, p.194-6).

37 Os riscos do mar: Aquiles Tácio traz um bom relato (ficcional) do naufrágio, III.2-6. Ele vai até Pelúcio.

38 Chegada de C a Roma: Eusébio, 183.3.

39 "como um camelo": Dio, XLIII. 23.2-3. Veja também Strabo, 16.4.16.

40 "dois coches": Um horrorizado Cícero a Ático, 115 (V.1), 20 de fevereiro de 50 a.C. Boissier (tr.), 1970, p.120. Também: Foertmeyer, p.224; Plutarco, "Crassus", XXI.6; Préaux, 1939, p.561.

41 Sobre a Roma de ar ruim, higiene deficiente e sobre a idílica Janícula: Homo, Leon. *Rome impériale et l'urbanisme dans l'antiquité*. Paris, Albin Michel, 1951; Dionysius of Halicarnassus, *Roman Antiquities*, III.xlv; Horácio, Odes, II.29, p.9-12; Martial, Epigrams, IV.64. No mais, Cícero continua o melhor guia para Roma. A mão cortada e o boi solto: Suetônio, "Vespasian", 5.4.

42 "Só os sacerdotes": JC, LIX (tradução ML).

43 "o único calendário inteligente": Neugebauer, O. *The Exact Sciences in Antiquity*. Princeton, Princeton University Press, 1952, p.71. Para o calendário egípcio (doze meses de trinta dias, aos quais se acrescentavam cinco dias, e a cada quatro anos seis dias), veja Strabo, 17.1.29.

44 "para estimular a vontade": DJ, XLII.

45 Sobre o cortejo de triunfo romano: Apiano, Dio, Floro, Suetônio e o soberbo *The Roman Triumph*, de Mary Beard (Cambridge, Harvard University Press, 2007).

46 "uma mulher, um dia considerada": Dio, XLIII.xix.3-4.

47 as crianças e as galinhas: Sobre os direitos políticos e legais das mulheres: Beard, Mary e Michael Crawford. *Rome in the Late Republic*. Londres, Duckworth, 2005, p.41.

48 cem espadachins: Cícero a Quintus, 12.2 (II.9), junho de 56 a.C.

49 "Mesmo que seus escravos" até "cortadores": Juvenal, Satire 9, p.100s.

50 "absolutamente devotado" até "dom da juventude": Dio, XLIII.xliii.4.

51 "entre amigos e aliados": Dio, XLIII.xxviii.1. Gruen, 1984, p.259, questiona a data da instalação da estátua. Ele a desloca quinze anos à frente, para torná-la um tributo não a C, mas à sua derrota.

52 "Ninguém dança": Cícero, *Pro Murena*, 13. Kieffer, Otto (tr.). *Sexual Life in Ancient Rome*. Nova York, Dorset Press, 1993, p.166. Conforme contrasta Ateneu,

“nenhum outro povo era considerado mais musical do que os alexandrinos” (IV.176e).

53 “É preciso ser muito rico”: Juvenal, *Satire 3*, p.236. Os vasos voadores também são dele, *Ibid.*, p.270s.

54 “país superficialmente civilizado”: Lucano, tradução de P.F. Widdows. Bloomington, Indiana University Press, 1988, p.544.

55 “a última palavra”: Casson, 1998, p.104.

56 “inútil e tola ostentação”: NH, XXXVI.xvi.75. Na edição da Loeb, “Aparecem como uma supérflua e tola exibição de riqueza.”

57 Grego e latim: Quintiliano admite que o mundo soa mais áspero em latim, desprovido das letras gregas, mais doces, com as quais “a língua parece imediatamente nos alegrar e sorrir” (12.10).

58 palavra para “desprovido”: Sêneca, *Epistle LXXXVII.40*.

59 “utensílios marchetados de ouro”: Dalby, 2000, p.122-3. Dalby observa que um mero sotaque grego trazia consigo um vago aroma de luxúria. Também Dio, LVII.xv.3; Valério, “Of Luxury and Lust”, Book IX, 1. Parecia impossível descrever o excesso sem recorrer ao grego. É Dalby quem observa que “o clássico manual prático do sexo” era em grego.

60 Sobre o aumento da luxúria: Lívio, 39.6; NH, XXXVI; Plutarco, “Caius Marius”, p.34; Ateneu, XII; Horácio, *Odes*, II, xv; Dalby, 2000; Wiseman, 1985, p.102s.

61 Os guardanapos roubados: Catulo, *Poems*, 12 e 25; NH, 19.2.

62 o belo vaso de cobras venenosas: Saint Jerome apud Griffin, Jasper. “Virgil Lives!”, *New York Review of Books*, 26 de junho de 2008, p.24.

63 Mulheres em Roma: Bauman, Richard A. *Women and Politics in Ancient Rome*. Londres, Routledge, 1992; Kleiner, Diana E.E. e Susan B. Matheson (eds.). *I Claudia: Women in Ancient Rome*. New Haven, Yale University Art Gallery, 1996; Lesko, Barbara S. “Women’s Monumental Mark on Ancient Egypt”, *Biblical Archeologist* 54, n.1, 1991, p.4-15; Rawson, 1985; o ótimo *Sexuality in Greek and Roman Culture*, de Marilyn B. Skinner (Malden, Blackwell, 2005); Wyke, *The Roman Mistress*. Oxford, Oxford University Press, 2002. Entrevista com Larissa Bonfante, 2 de fevereiro de 2009.

64 “Trabalho duro”: Juvenal, *Satire 6*, p.289s.

65 “Não há nada que uma mulher”: Juvenal, *Satire 6*, p.460-1.

66 até os eunucos de C eram ricos: Sêneca, *Epistle LXXXVII.16*.

67 As muito discutidas pérolas: Suetônio, “Caligula”, XXXVII; Horácio, *Satire 2.iii.239*; Pausanias, 8.18.6; NH, IX.lviii. As duas pérolas de C, “as maiores de toda a história”, estão em Plínio, IX, p.119-121. Lucano também amarra uma fortuna em pérolas no pescoço e no cabelo de C, X.139-40. Veja também Macróbio, *The Saturnalia*, 3.17.14. Num relato muito posterior C e MA fazem uma aposta sobre a pérola, durante seu extravagante festim. Elas combinam bem: “Foi como escravo

dessa gula que ele [MA] desejou transformar o império de Roma num reino egípcio.” Planco, bem-humorado, arbitra a disputa. Durante séculos o nome de C permaneceu sinônimo de extravagância. No século V d.C., Sidônio (Letter VIII.xii.8) descrevia os banquetes mais suntuosos como semelhantes a “um festim de Cleópatra”.

68 “as folhas do alto”: Hesíodo, *Works and Days*, p.680-1.

69 “não deixou” até “seu nome à criança”: DJ, LII.2.

70 “era sua melhor cartada”: Aly, 1989, p.51.

71 cartas apaixonadas, cheias de admiração: Dio, LI.xii.3.

72 tinha de defender seu caso: Entrevista com Roger Bagnall, 11 de novembro de 2008.

73 “Nunca se viu bando mais desordeiro”: Cícero a Ático, 16 (I.16.), começo de julho 61 a.C. Sobre a ampliação da base de apoio de C, Andrew Meadows para a autora, 5 de março de 2010.

74 Sobre a preocupação de C com a reorganização do oriente: Gruen, 2003, p.271.

## v. O HOMEM É POR NATUREZA UMA CRIATURA POLÍTICA (P.131-170)

Sobre o clima político de Roma: Apiano, Dio, Floro, Nicolau de Damasco, Plutarco, Suetônio, e mais eloquente, como sempre, Cícero. Para retratos modernos de Cícero, Plutarco e Suetônio: Everitt, 2003; Rawson, Elizabeth. *Cicero: A Portrait*. Bristol, Bristol Classical Press, 2001. Sobre a torrente de honrarias: Apiano, Cícero e Dio. Para a geografia da Roma não iluminada, a colina Janícula etc.: Homo, 1951; Aly, 1989. Sobre C e ciência: Green, Monica. *The Transmission of Ancient Theories of Female Physiology and Disease through the Early Middle Ages*. Tese de doutorado, Princeton University, 1985, p.156-61, 185-9; Neuberger, Albert. *The Technical Arts and Sciences of the Ancients*. Londres, Kegan Paul, 2003; Ott, Margaret. *Cleopatra VII: Stateswoman or Strumpet?* Dissertação de mestrado, University of Wisconsin, Eau Claire, 1976; Daly, Okasha El. “The Virtuous Scholar’: Queen Cleopatra in Medieval Muslim Arab Writings”, in Walker e Ashton, 2003, p.51-6.

Para os Idos tradicionais: Ovídio, *Fasti*, iii, p.523; Marcial, *Epigrams*, IV.64. Para os Idos de 44: Apiano, II.111-119; Dio, XLIV; Floro, II.xiii.95; ND, 25.92, Fr. 130.19; JC, LXVI-LXVII; Plutarco, “Brutus”, XIV-XVIII; MA, XIII-XIV; DJ, LXXXII; VP, LVI. Cícero fornece os primeiros detalhes: *De Divinatione*, II.ix.23. Veja também: Balsdon. “The Ides of March”, *Historia* 7, 1958, p.80-94; Horsfall, Nicholas. “The Ides of March: Some New Problems”, *Greece & Rome* 21, n.2, 1974, p.191-99.

1 “O homem é por natureza”: Aristóteles, *Politics*, I.1253a.

2 "Ah, que não se encontrasse": Eurípides, "Cyclops", in Kovacs, David (ed. e tr.). *Euripides: Cyclops, Alcestis, Medea*. Cambridge, Harvard University Press, 1994, p.185.

3 "Não sei como um homem": Cícero a M. Cúrio, 200 (XII.28), c. agosto de 46 a.C.

4 "perturbação geral": Cícero a Rufo, 203 (IV.4), c. outubro de 46 a.C.

5 "conflito armado sem fim": Cícero a A. Torquato, 245 (VI.2), abril de 45 a.C.

6 Moda de C: Sobre os penteados, Peter Higgs, "Searching for Cleopatra's Image: Classical Portraits in Stone", in Walker e Higgs, 2001, p.203. Sobre a egiptomania contemporânea: Alfano, Carla. "Egyptian Influences in Italy", p.276-91. Veja também: Kleiner, 2005, p.277-8.

7 "nem tagarela": Varro apud Gélio, Aulo. *The Attic Nights*, XIII.xi.2-5. Balsdon (tr.), 1969, p.46.

8 o ovo ou a galinha: Para discussões em jantares, Plutarco, *Table Talk (Quaestiones Convivales)*, II.3 (635)-V.9 (684).

9 "Ele não se preocupava em nada com isso": Dio, XLIII.xxviii.1.

10 "uma boa dose de latidos": Ibid., XLVI.xxvi.2.

11 "Eu não conhecia segurança" até "a traição das antigas": Cícero a Cn. Plânco, 240 (IV.14), c. final de 46 a.C.

12 "de tipo literário": Cícero a Ático, 393.2 (XV.15), c. junho de 44 a.C.

13 "nem de sangue, nem de espírito real": Cícero, *De Lege Agraria*, II.42.xvii (tradução alterada).

14 sopro de desonra: Cícero a Ático, 25 (II.5), c. abril de 59 a.C.

15 "A arrogância da própria rainha": Ibid., 393 (XV.15), c. 13 de junho de 44 a.C.

16 "uma certa vaidade tola": Ibid., 38 (II.17), c. junho de 59 a.C.

17 Plutarco foi mais explícito: Plutarco, "Demosthenes and Cicero", II.1.

18 "Ele era o maior vaidoso": Dio, XXXVIII.xii.7.

19 governara um vasto reino: MA, LVI.

20 Cícero ficava incomodado: Como ele coloca em uma carta de 50 a.C. a Ático (117 [VI.3]): "Nunca tolerarei a grosseria dos personagens mais poderosos."

21 "resgatar a mais famosa": Atribuído a Salústio, "Letter to Caesar", XIII.5.

22 "era impossível de aterrorizar": Apiano, II.150.

23 "o encorajasse e inchasse": Dio, XLIV.iii. 1-2.

24 "de um para outro": Apiano, II.117.

25 "manchada de sangue e cortada": Ibid., III.35.

26 "Corram!": Dio, XLIV.xx.3.

27 "a cidade parecia": ND, p.25.

28 Comparação com Helena de Troia: Cícero, "Philippic" 2 .XII.55. C também não aparece na lista de delitos de CR, II.

29 "porque queriam" até "quantas desejasse": Dio, XLIV.vii.3-4.

30 "com o propósito de gerar": Suetônio, citando uma fonte anônima, DJ, LII.

31 "levar com ele os recursos": Ibid., LXXIX.

32 fundadora do império romano: Collins, 1959, p.132.

33 "gente tola": DJ, LVI.

34 "todos os tipos de homem": ND, p.19.

35 "expressão orgulhosa e atormentada" até "funéreo": Apiano, II.144-6.

36 "quase toda a cidade": Dio, XLV.xxiii.4-5.

37 bárbaros fanáticos: Para uma visão romana dos "complacentes e inconstantes alexandrinos" (Dio, LI.xvii.1): Reinhold, 1988, p.227-8. Dio Crisóstomo, "The 32nd Discourse"; Políbio, *The Histories*, XV.33; Filo (ele próprio um alexandrino), "Flaco", V.32-35. Filo achava seus conterrâneos incomparáveis em sua insubordinação, "habitados sempre a provocar grandes agitações com pequenas fagulhas" ("Flaco", IV.16). O imperador Adriano desprezou os alexandrinos como "um povo rebelde, inútil, maldizente", obcecado pelo lucro. Para Florence Nightingale, que desembarcou no Egito em 1849, não no seu momento mais esclarecido, os alexandrinos eram "o povo mais movimentado e barulhento do mundo", 19 de novembro de 1849, apud Vallée, Gerard (ed.). *Florence Nightingale on Mysticism and Eastern Religions*. Waterloo, Wilfrid Laurier University Press, 2003, p.144. Para o encontro Roma/Alexandria, veja também: Charlesworth, M.P. "The Fear of the Orient in the Roman Empire", *Cambridge Historical Journal* 2, n.1, 1926, p.9-16; e Griffin, Jasper. *Latin Poets and Roman Life*. Londres, Duckworth, 1985.

38 "porque o temiam": Dio, XLIV.xv.2.

39 "Detesto a rainha" até "não sou capaz de raiva": Cícero a Ático, 393 (XV.15), c. 13 de junho de 44 a.C (tradução alterada).

40 "regulamentos, favores e presentes": Apiano, II.133.

41 "orgia de saques": Hirtio a Cícero, citado em Cícero a Ático, 386 (XV.6), c. junho de 44.

42 "Há um elemento muito grande": Dio, XLV.viii.4.

43 "nunca mostrando seu brilho normal": JC, LXIX (tradução ML).

44 "Quem pode expressar devidamente": VP, II.lxxv.

45 Quando um soberano estrangeiro vinha visitar: Plutarco, "Lucullus", II.5. Herodes também é escoltado pelas autoridades até Alexandria, JW, I.279.

46 "Alexandria é a morada": Siani-Davies, 2001, p.105 ("Pro Rabirio Postumo", 13.35). A respeito de Alexandria, Cícero continua: "É nos seus habitantes que os autores de farsas se inspiram para suas tramas."

47 "Um provérbio popular": Cícero a Planco, 407 (X.20), 29 de maio de 43 a.C.

48 notável roupa de Isis: Entrevista com Norma Goldman, 19 de outubro de 2009. Sebesta, Judith Lynn e Larissa Bonfante. *The World of Roman Costume*. Madison, University of Wisconsin Press, 2001; Thompson, Dorothy Burr, 1973, p.30; Walters, Elizabeth J. *Attic Grave Reliefs that Represent Women in the Dress of Isis*. Princeton, American School of Classical Studies at Athens, 1988; Apuleio, *Metamorphoses*, XI.iii-iv.

49 templo de Dendera: Goudchaux, "Cleopatra's Subtle Religious Strategy", 2001, p.138-9; Bingen, 2007, p.73; Kleiner, 2005, p.85-8; Jan Quaegebeur, sobretudo "Cléopâtre VII et le temple de Dendara", *Göttinger Miszellen*, n.120, 1991, p.49-73. Cerca de 1.900 anos depois, Florence Nightingale visitou Dendera. No geral, ela não tinha muita paciência para os Ptolomeus; não se impressionou com "os hectares de baixos-relevos" e os quilômetros de esculturas. O conjunto pareceu-lhe vulgar. "O nome mais antigo que se encontra é o da vil C", bufou ela (Vallée, 2003, p.397). Nightingale não podia realmente deixar de notá-la; C aparece nada menos que 73 vezes nas paredes do templo e da capela.

50 Sobre o Caesareum: Filo. "On the Embassy to Gaius", in Yonge, C.D. (tr.). *The Works of Philo*. Peabody, Hendrickson Publishers, 1993, p.150-1. Veja também: Castagnoli, Ferdinando. "Influenze alessandrine nell'urbanistica della Roma augustea", *Rivista di filologia e di istruzione classica*, n.109, 1981, p.414-23; Marcelino, Amiano, XXII.16.12.

51 renascimento intelectual: Veja o excelente Marasco, Gabriele. "Cléopâtre et les sciences de son temps", *Sciences exactes et sciences appliquées à Alexandrie*, in Argoud, Gilbert et al. (eds.), 1998, p.39-53; Fraser, 1972, I, p.87, 311-22, 363, 490.

52 acusado de se contradizer: Sêneca, Epistle LXXXVIII.37. Veja também Ateneu, IV.139. Para o esquecimento de livros: Quintiliano, 1.8.20-1; Marcelino, Amiano, XXII. 16.16; Russell, H.A. "Old Brass-Guts", *Classical Journal* 43:7, 1948, p.431-2.

53 "estímulo intelectual": Rawson, 1985, p.81.

54 "massageado até brotar": Galen apud Ott, 1976, Appendix A, p.33.

55 "toda sorte de venenos mortais" até "um após outro": MA, LXXI.

56 "grande curiosidade científica" até "um embrião de fato": Ott, 1976, Appendix C, p.35. Possivelmente tratava-se de outra rainha C. Para C, a cientista, veja também: Plant, 2004, p.2-5, 135-47.

57 "que eu sempre usei": Green, Monica, 1985, p.186. Para o envolvimento de C com a alquimia, veja: Taylor, F. Sherwood. "A Survey of Greek Alchemy", *Journal of Hellenic Studies* I, 1930, p.109-39. A palavra *alquimia*, de origem árabe, é posterior a C. Não ajuda nada saber que vários alquimistas publicaram sob o pseudônimo de Cleópatra. Veja Plant, 2004, p.145.

58 "artes mágicas e encantamentos": Plutarco, MA, XXV.4 (tradução ML).

59 "mal-estar generalizado" até "inspirada por seu ódio ao mal": 12 de abril de 41, citado em Lenger, Marie-Thérèse. *Corpus des ordonnances des Ptolémées*. Bruxelas, Palais des Académies, 1964, p.210-5.

60 "nenhum animal selvagem": Plutarco, "Cicero", XLVI.

61 "às humilhações": Plutarco, "Cato the Younger", XXXV.4 (tradução ML).

62 "não sentira medo": Apiano, V.8.

63 "o mais agressivo dos homens": Ibid., II.88. Seu temperamento violento era lendário. Apiano acrescenta que os arqueiros montados partos juntaram-se a Cássio por vontade própria, atraídos por sua reputação, IV.59.

64 Severo lembrete de Bruto: Plutarco, "Brutus", XXVIII.

65 "não só arruinou tudo": Apiano, V.8.

66 Sobre Quinto Délio: Sêneca, o Velho, *Suasoriae*, 1.8; JA, 14.394, 15.25; JW, 1.290; Sêneca, o Moço, *De Clementia*, I.x.1.

67 "Assim que olhou para ela" até "mais gentil dos soldados": MA, XXV (tradução ML).

68 Hera na *Ilíada*: Não fica claro se é Plutarco ou Délio quem invoca a comparação homérica, Ibid.

69 "acompanhado por uma notável multidão": Apiano, III.12.

70 "um grande halo": Dio, XLV.iv.4.

71 "a chacina do Senado" até "com habilidade e paciência": Apiano, III.13-4.

72 "ficasse ao meu lado" até "outros ornatos": Ibid., III.15-7.

73 "todo o prestígio": Floro, II.xv.2.

74 "que você possui de fato" até "muito bom para mim": Apiano, III.18-9.

75 As hostilidades a serem encorajadas: Apiano, III.21, 85; Dio, XLV.xi.3-4, XLVI.xl.4, XLVI.xli.1.

76 Difamar, chantagear, caluniar: Quinto Fúfio Caleno apud Dio, XLVI.viii.3-4.

77 "Não confio na idade dele": Cícero a Ático, 419 (XVI.9), 4 de novembro de 44 a.C.

78 "meu maravilhoso Dolabela": Cícero a Ático, 369 (XIV.15), 1 de maio de 44 a.C.

79 "Nenhum afeto": Cícero a Dolabella, 371 A (XIV. 17A), 3 de maio de 44 a.C.

80 "Esse azedume de homem!": Cícero a Ático, 373 (XIV.18), 9 de maio de 44 a.C.

81 "a organização sistemática": Adams, Henry. *The Education of Henry Adams*. Nova York, Library of America, 1990, p.13. Adams falava da política de Massachusetts.

82 Rastro de farras de A: Suetônio, "On Rhetoricians", V (29).

83 "Ele era um perdulário": VP sobre Curio, o Moço, II.xlviii.4. A tradução é de Cícero a Ático, 14 (I.14), 13 de fevereiro de 61 a.C, nota do editor.

- 84 "Por toda a cidade" até "seu legado?": Apiano, III.28.
- 85 "pôr um contra o outro": Dio, XLVI.xli.
- 86 contanto que Otaviano fizesse: Ibid., p.29.
- 87 xingando os criados: Apiano, III.39; Sêneca sobre o temperamento de Otaviano, *De Clementia*, I.xi.1.
- 88 "Por outro lado": Cícero a Ático, 425.1 (XVI.14), c. novembro de 44 a.C.
- 89 "O homem que esmagar": Cícero a Planco, 393 (X.19), c. maio de 43 a.C.
- 90 "Na verdade, não se deve pensar": Cícero, "Philippic", VI.III.7.
- 91 "as fumaças do deboche": Cícero, "Philippic", II.xii.30; "arrota", Cícero a Cornifício, 373 (XII.25), c. 20 de março de 43 a.C.; "vomita" Cícero a Cássio, 344 (XII.2), c. final de setembro de 44 a.C.
- 92 "É fácil atacar a devassidão": Cícero, "Pro Caelio", xii.29.
- 93 "preferiria responder": Cícero, "Philippic", VI.ii.4. Por que A o faria? Porque, respondeu, "ele gosta tanto de devassidão em casa e assassinatos no fórum".
- 94 "para trocar a inimizade": Apiano, IV.2.
- 95 "Lépidio era motivado": Floro, II.xvi.6.
- 96 "seus mais leais amigos": Dio, XLVII.vi. 1.
- 97 "Mais nomes": Apiano, IV.5.
- 98 "A cidade inteira encheu-se de corpos": Dio, XLVII.iii.1. As cabeças eram enviadas para receber as recompensas estipuladas, o resto do corpo deixado na rua para apodrecer. Sabia-se se a pessoa errada havia sido morta quando o corpo conservava a cabeça. Apiano, IV.15. Sobre a esposa engenhosa, Apiano, IV.40.
- 99 "o rosto devastado de ansiedade": Plutarco, "Cicero", XLVII.3.
- 100 Sobre a morte de Cícero: Apiano, IV.19-20; Plutarco, "Cicero", XLVII; Dio, XLVII.viii; Eusébio, *Chronicles*, p.184-3; Lívio, "Fragments", CXX.154. Sobre a morte de Bruto: Floro, II.xvii.14-15; VP, II.lxx; Apiano, IV.135; DA, XIII; Plutarco, "Brutus", LII-LIII.
- 101 "mas seus resultados": Dio, XLIV.ii.1.
- 102 a fama de invencibilidade: Apiano, V.58.

 **VI. É PRECISO TROCAR SEMPRE AS VELAS QUANDO SE QUER CHEGAR AO PORTO**  
(P.171-202)

Sobre A, suas mulheres e seus casamentos: o ótimo "Mark Antony: Marriages vs. Careers", de Eleanor Goltz Huzar (*Classical Journal* 81, n.2, 1985-6, p.97-111); o indispensável Pelling, 1999, assim como Pelling, *Plutarch and History: Eighteen Studies* (Londres, Duckworth, 2002). Para a chegada de C em Tarso: Plutarco, com uma pequena ajuda de Ateneu. Apiano completa o quadro, mas sem detalhes;

Strabo e Xenofonte (*Anabasis*, I.2.23) descrevem a cidade. Françoise Perpillou-Thomas dá uma ideia viva do entretenimento egípcio, "Fêtes d'Egypte ptolémaïque et romaine d'après la documentation papyrologique grecque", *Studia Hellenistica* 31, 1993. Para este e para o capítulo seguinte, o retrato de Herodes foi composto primordialmente de Josefo, JA e JW. Para biografias modernas: Grant, Michael. *Herod the Great*. Londres, Weidenfeld, 1971; o excelente *The Herods of Judaea*, de A.H.M. Jones (Oxford, Clarendon Press, 1967); Sandmel, Samuel. *Herod: Profile of a Tyrant*. Filadélfia, Lippincott, 1967.

1 "É preciso trocar sempre": Cícero a Lântulo Spinter, 20 (I.9), dezembro de 54 a.C. Boissier (tradução livre), 1970, p.223. "Imutável coerência de posição nunca foi considerada uma virtude de grandes estadistas", explicado por Cícero, justificando sua troca de cavalos.

2 "No entanto, que diferença": Aristóteles, *The Politics*, II.vi.4-7.

3 parecia inexplicavelmente: Apiano, IV.129.

4 "a conheceu" até "poder intelectual": MA, XXV.

5 "coloca o pico da beleza": Pelling, 1999, p.186.

6 "grande confiança" até "como se para caçar": MA, XXV.4-XXVI.1. A última da tradução ML, em que a Loeb traz "ela desdenhou e riu do homem tanto para desprezar como para subir o rio". A questão é que C não ficou nem intimidada, nem impressionada por A. Há também uma explicação menos estratégica para o atraso: o alto sacerdote do Egito morreu em 14 de julho. C pode ter sido retida por responsabilidades clericais.

7 A travessia do Mediterrâneo: Novamente, reconstruída com a ajuda de Lionel Casson, entrevista, 26 de janeiro de 2009. Como diz Casson: "A única conclusão possível é que Cleópatra enfeitou um barco fluvial local", carta à autora, 22 de março de 2009.

8 "ela própria reclinada" até "pelo bem da Ásia": MA, XXVI (tradução alterada).

9 "Demonstrando ter as mesmas buscas": Flatterer, 51e (tradução alterada). France Le Corsu questiona, de forma não inteiramente convincente, que C desembarcou em Tarso como Ísis e não como Afrodite, "Cléopâtre-Ísis", in *Bulletin de la Société Française d'Égyptologie*, Paris, 1978, n.82, p.22-33.

10 "Imediatamente, então, querendo": MA, XXVI.4.

11 "um espetáculo raramente igualado": Ibid., XXVI.4 (tradução ML).

12 Sobre joias: Thompson, 1973, 29; O.E. Kaper para a autora, 6 de março de 2010.

13 "que todos aqueles objetos": Ateneu, IV.147f.

14 "liteiras e carregadores": Ateneu, 148b.

15 "desafiava qualquer descrição": MA, XXVI.4.

16 "Reis iam muitas vezes": Ibid., XXIV.

17 "encanto irresistível" até "persuasão de seu discurso": Ibid., XXVII.

18 Orgulhosa, enumerou: "Ela não se desculpou, propriamente, mas sim apresentou uma lista de tudo o que havia feito por ele e por Otaviano", Apiano, V.8.

19 "ambicionava suplantá-la" até "pobreza e rusticidade": MA, XXVII.

20 "Percebendo que o humor": Ibid., XXVII (tradução ML).

21 "ela queria governar": Ibid., X.

22 "de tal forma que nem o Senado": Dio, XLVIII.iv.1.

23 "cidade não pouco importante": Paulo, o apóstolo, em Atos dos apóstolos, 21:39.

24 Sobre a confusão de Tarso: Cássio Parmense a Cícero, 419 (XII.13), 13 de junho de 43 a.C; Apiano, IV.1xiv e V.vii. Dio diz que os tarsanos eram tão devotados a CR que mudaram o nome da cidade para Juliópolis, XLVII.xxvi.2. Veja também Dio Crisóstomo, "The 33rd Discourse".

25 "coquete ousada": JC, XLIX.2.

26 "No momento em que a viu": Apiano, V.8.

27 "e no entanto harmonizava": Plutarco, "Alexander the Great", XLVII. Ele escrevia sobre o casamento útil de Alexandre com uma princesa bactriana.

28 "fez com que ele se apaixonasse": JA, XIV.324. Whiston, William (tr.), Nashville, Thomas Nelson, 1998).

29 "não só pela intimidade": JA, XV.93.

30 um escravo de seu amor: Veja por exemplo Floro, II.XXI. 11.

31 "uma má fama pela intimidade": MA, VI.5 (tradução ML).

32 Sobre o templo de Ártemis: NH, XXXVI.xxi; Lívio, *History of Rome*, I.XLIV. Plínio fornece uma boa descrição da construção do templo. Foi tão difícil instalar no lugar a viga mestra que o arquiteto pensou em suicidar-se.

33 "Cleópatra havia então assassinado": JW, I.360 (tradução de Whiston). Também JA, XV.89. Josefo continua: Tendo assassinado toda a sua família, membro após membro, até não restar parente algum, C "agora tinha sede do sangue de estranhos".

34 Arsínoe conspirava: Veja Bicknell, P.J. "Caesar, Antony, Cleopatra and Cyprus", *Latomus* 36, 1977, p.325-42, para um argumento complexo de que Arsínoe foi reabilitada e instalada como governante ptolomaica secundária, para conspirar contra sua irmã depois do cortejo de triunfo de 46. Green (1990, p.669) também adota essa teoria. Strabo (14.6.6) chega a colocar A dando Chipre às duas irmãs.

35 "Então, imediatamente": Apiano, V.9.

36 "distribuindo recompensas": AW, p.65.

37 A negligencia os negócios: Apiano, V.10.

38 "Ele teve de suportar que ela": MA, XXVIII.

- 39 "não governados por ele" até "uma pessoa comum": Apiano, V.11.
- 40 "os esportes e as diversões": MA, XXVII.1.
- 41 "Os membros": Ibid., XXVIII (tradução ML).
- 42 O caos da cozinha: Ateneu, X.420e.
- 43 "Os convidados não são tantos": Plutarco, MA, XXVIII (tradução ML).
- 44 "Não é fácil criar harmonia": Cícero a Quinto, 1.36 (I.1), c. 60-59 a.C.
- 45 Sobre C como amazona: Pomeroy, 1990, p.20-3; entrevista com Branko van Oppen, 27 de fevereiro de 2010. Arsínoe III ajudou a reunir o exército ptolomaico, provavelmente a cavalo, Políbio, V. 79-80.
- 46 "com alguma nova delícia" até "roupa de criada": MA, XXIX. Há uma explicação alternativa para a mascarada. É sabido que Herodes andava disfarçado no meio do povo para avaliar o clima político. Ele não estava sozinho nessa prática.
- 47 "Sempre frívolos e displicentes": Dio Crisóstomo, "The 32nd Discourse", I.
- 48 "humor rústico" até "máscara da comédia com eles": MA, XXIX.
- 49 "a quem sua estada": Apiano, V.I.11.
- 50 "era sempre amansado por Cleópatra": Plutarco, "Demetrius and Antony", III.3.
- 51 "Deixe a vara de pescar" até "reinos, continentes": MA, XXIX (tradução alterada).
- 52 "Pois uma censura assim": Flatterer, 61b. Shakespeare embalou a mesma fórmula de outro jeito: "Outras mulheres saciam os apetites que alimentam, mas ela dá fome quando mais satisfaz."
- 53 "Embora eu tenha investigado": Apiano, V.21.
- 54 "de tal maneira dominado": Dio, XLVIII.xxvii. 1.
- 55 "por ter ensinado Antônio": MA, X.
- 56 "preferia morrer": Apiano, V.55.
- 57 "se a Itália permanecesse em paz": Ibid., V.19.
- 58 "porque estava zangada com Antônio": Ibid., V.59.
- 59 "a sua paixão por Cleópatra": Dio, XLVIII.xxviii.3.
- 60 "ao menos uma virago": Balsdon, 1962, p.49.
- 61 "agora livres da interferência de uma mulher": Apiano, V.59. Também Dio, XLVIII.xxviii.3-4.
- 62 "um grande e poderoso grito" até "pescoço dos outros ao afundar": Dio, XLVIII.xxxvii.2.
- 63 "os navios estavam ancorados": Apiano, V.73.
- 64 "Uma maravilha de mulher" até "sua completa salvação": MA, XXXI. Tácito (*Annals*, I.X) sugere que o casamento de A com Otávia foi uma armadilha desde o começo.

65 alvo de fofocas: Boccaccio. *Concerning Famous Women*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1963, p.192.

66 "imediatamente louvados aos céus" até "agradar aos deuses": Apiano, V.74.

67 Otaviano resgatado por A: Apiano, V.67-8.

68 "menino imprudente": Ibid., III.43 (tradução Loeb).

69 "se comportava com esportividade demais": DA, LXXI. Tradução de Everitt, 2003, p.265.

70 "gênio guardião" até "aquele jovem e ele": MA, XXXIII. Também Flatterer, "The Fortune of the Romans", 319-320. C está ausente do relato *Moralia*, no qual Plutarco faz o vidente amigo de A, "sempre pronto a falar livremente com ele e adverti-lo". Avaliando que A tinha mais idade, experiência, renome e exército, o astrólogo amador dá a A o mesmo conselho em relação a Otaviano: "Evite-o!" Para Neal (1975, p.102), tratava-se de uma alerta velado contra romper abertamente com Otaviano. C preferia que A conquistasse sua fama no Oriente, o que tornaria evidente a necessidade de um conflito.

71 "lá dentro ficou com seus amigos" até "pendiam dos tetos": Ateneu, IV. 148c.

72 "quase tudo" até "contra os partos": Dio, XLVIII.liv.7.

73 "adormecido por melhores considerações": MA, XXXVI. Escrevendo uma história moralizadora, Plutarco se propusera a demonstrar "que grandes naturezas exibem grandes vícios, assim como grandes virtudes", "Demetrius", I.

74 Sobre as moedas: Walker e Higgs, 2001, p.237; Jonathan Williams, "Imperial Style and the Coins of Cleopatra and Mark Antony", in Walker e Ashton, 2003, p.88; Brett, Agnes Baldwin. "A New Cleopatra Tetradrachm of Ascalon", *American Journal of Archaeology* 41, n.3, 1937, p.461. Como observa Theodore V. Buttrey ("Thea Neotera: On Coins of Antony and Cleopatra", *American Numismatic Society Notes* 6, 1954, p.95-109), os casais ptolomaicos nunca aparecem em lados opostos de uma moeda.

## VII. UM ALVO DE FOFOCAS PARA TODO O MUNDO (P.203-236)

Para o melhor guia sobre a composição barroca do Oriente e sua colorida parada de dinastias: Sullivan, 1990. Sobre a política oriental de A: Zwaenepoel, Albert. "La politique orientale d'Antoine", *Etudes Classiques* 18:1, 1950, p.3-15; Craven, Lucile. *Antony's Oriental Policy Until the Defeat of the Parthian Expedition*. Columbia, University of Missouri, 1920; Neal, 1975; Sherwin-White, A.N. *Roman Foreign Policy in the East* Londres, Duckworth, 1984. Assim como no capítulo anterior, o retrato de Herodes foi traçado a partir do colorido relato de Josefo. Sobre Antióquia: Norman, A.F. (ed.). *Antioch as a Centre of Hellenic Culture as Observed by Libanius*. Liverpool, Liverpool University Press, 2000; Libânio e Cícero. Sobre os títulos e herança de C: "Cléopâtre VII Philopatris", *Chronique d'Egypte*

74, 1999, p.118-23. Para as Dotações: Meiklejohn, K.W. "Alexander Helios and Caesarion", *Journal of Roman Studies* 24, 1934, p.191-5.

Sobre Otaviano: Bowersock, G.W. *Augustus and the Greek World*. Oxford, Clarendon Press, 1965; Everitt, 2006; Raaflaub Kurt A. e Mark Toher (eds.). *Between Republic and Empire*. Berkeley, University of California Press, 1990.

1 "A maior conquista": Tucídides. *History of the Peloponnesian War*, II.xlv. Markson, David (tr.). *The Last Novel*. Berkeley, Shoemaker and Hoard, 2007, p.107. Markson observa que Tucídides faz um grande favor às mulheres ao não mencionar nenhuma.

2 "se esgueirado": Strabo, 16.2.46.

3 O incansável Herodes: JW, I.238-40, 429-30; a escapada miraculosa: JW, I.282-4, 331-4, 340-1, entre outros; incrível talento: JA, XV.5; confirmação do Senado: JW, I.282-85; AJ, XIV.386-7.

4 "famílias nobres": MA, XXXVI.

5 "os chinelos de seu predecessor": Everitt, 2006, p.148.

6 "reinos e ilhas": Shakespeare, *Antony and Cleopatra*, V.2.111-13.

7 "A grandeza do Império Romano": MA, XXXVI.

8 "um exército mais conspícuo": Ibid., XLIII.

9 "toda a Ásia estremecer": Ibid., XXXVII.

10 "nobreza de sua família": Ibid., XLIII (tradução ML).

11 ninguém no mundo mediterrâneo: Entrevista com Casson, 11 de junho de 2009. Strabo reduz o presente a madeira de carvalho, 14.5.3.

12 Censura de Plutarco: MA, XXXVI.

13 décimo sexto ano de reinado: Pelas nossas contas seriam quinze anos; os antigos não tinham zero.

14 "Parece-me": Bingen, 1999, p.120.

15 até mesmo Plutarco não podia qualificar: Plutarco, "Demetrius and Antony", I.2. Ele rechaçou o casamento de A com C, "embora ela fosse uma mulher que superava em poder todas as realezas de seu tempo" exceto apenas, como pensava Plutarco, o rei parto.

16 Ligação de A com mulheres: Apiano, V.76. Dio, XLVIII.xxiv.2-3 põe A com a cabeça virada por C.

17 Sobre Jericó: Strabo, 16.1.15; Justin, 36.iii.1-7; Floro, I.xl.29-30; JW, I.138-9; JW, IV.451-75; HN, XII.111-24; Diodoro, II.xlviii; JW, I.138-9. Sobre incenso, bálsamo, betume e seus usos: Lucas, A. *Ancient Egyptian Materials and Industries*. Londres, Edward Arnold, 1962.

18 "rei de um deserto": JA, XIV.484; também JW, I.355.

19 "não seria seguro": JA, XV. 107. Josefo atribui ainda a C a morte de Malco, assim como um rei sírio, JW, I.440.

- 20 "Desse jeito livraria": Ibid., XV.99-100.
- 21 "armara uma cilada traiçoeira": Ibid., XV.98 (tradução Whiston).
- 22 "porque estava, por natureza" até "escrava de sua luxúria": Ibid., XV.97.
- 23 "o amor dele se inflamaria": Ibid., XV.101.
- 24 "contra uma mulher": Ibid., XV. 101 (tradução Whiston).
- 25 "para fazer a pessoa sentir": Aristeas, *The Letter of Aristeas*, 99. Veja também JW, V.231; Philo, "On the Migration of Abraham", p.102-5 para a veste do alto sacerdote.
- 26 "filhos de algum deus" até "lhe seria negado": JA, XV.26-7.
- 27 "para ser usado com propósitos eróticos": Ibid., XV.29.
- 28 "em escravidão e medo" até "ajuda possível": Ibid., XV.45-6.
- 29 "é certo as mulheres": de "Helen", in Eurípides II, 1969, p.325.
- 30 "ódio por ele": JW, I.437.
- 31 piscina do palácio: Nielsen, 1999, sobre os palácios de Herodes. Também JA, XV.54-5.
- 32 "que Herodes, nomeado": JA, XV.63.
- 33 "era impróprio solicitar" até "duras acusações de Cleópatra": Ibid., XV.76-7.
- 34 "mulher perversa": Ibid., XV.91.
- 35 "as mulheres parecem ter": "The Phoenician Women", in Grene, David e Richmond Lattimore (eds.). Eurípides. V: *Electra, The Phoenician Women, The Bacchae*. Tradução de Elizabeth Wyckoff. Chicago, University of Chicago Press, 1959, p.200.
- 36 Masada fortificada: JW, VII.300-1.
- 37 "o ouvido sempre pronto para a maledicência": Ibid., I.534.
- 38 "atingiu-o como um raio" até "mas da vida": Ibid., I.440.
- 39 A inteligência de C: Segundo Cícero, uma carta levava 47 dias para ir da Capadócia para Roma.
- 40 denários de prata: Andrew Meadows para a autora, 24 de maio de 2010.
- 41 "não existe outro remédio": Em "The Bacchae", in *Euripides V*, 282-3.
- 42 "uma abundância de roupas": MA, LI. O rumor incômodo aparece tanto em Plutarco como em Dio, XLIX.xxxi.1.
- 43 "um deserto devassado e desolado": Plutarco, "Crassus", XXII.4. Sobre o estado lastimável dos homens de A, Floro, II.xx.
- 44 "Tão ansioso estava ele": MA, XXXVII; Lívio, "Summaries", 130.
- 45 "se preocupava com as dificuldades": MA, XLIII.
- 46 "nem censurou a sua traição": Ibid., L.
- 47 "recorreu a um manto escuro": Ibid., XLIV.

48 "por uma extraordinária perversão": Floro, II.xx. Veja também VP, II.lxxxii, e Dio, XLIX.32.

49 "Nem em juventude nem em beleza": MA, LVII.

50 "sua companhia agradável" até "e viver com ele": Ibid., LIII.

51 "esgotando a própria vida": Flatterer, 61b.

52 "contanto que pudesse vê-lo": MA, LIII. Para o efeito de C mesmo sobre os parceiros de A, Dio, L.v.3.

53 um alegre subordinado: Dio, XLVIII.xxvii.2.

54 "não percebia": Flatterer, 61b.

55 "era uma infâmia": MA, LIV.

56 "à paixão e ao feitiço": Dio, XLIX.xxxiv.1. Para "certas drogas": MA, XXVII.

57 "Em seu empenho de se vingar": Dio, XLIX.xxxix.2.

58 Sobre Artavasdes: Dio, XLIX.xxxx.1-3; VP, II. 82.4; MA, L.6; Plutarco, "Crassus", XXXIII; Lívio, "Summaries", 131. Sobre o triunfo que não foi um triunfo, veja Beard, 2007, p.266-9.

59 C em seu traje de Ísis: Ashton, 2008, p.138-9; Walle, Baudoin Van de. "La Cléopâtre de Mariemont", *Chronique d'Egypte*, 24, 1949, p.28-9; entrevista com Branko van Oppen, 28 de fevereiro de 2010.

60 A vestido de Dionísio: VP, II.lxxxii.4.

61 moedas cunhadas para a ocasião: Buttrey, 1954, p.95-109.

62 "as duas pessoas mais magníficas": Macurdy, 1932, p.205. Bevan (1968, p.377) é quem melhor descreve a idade de ouro de C: pela segunda vez numa década, ela "se via a uma distância ponderável de se tornar imperatriz do mundo".

63 Os judeus e o governo de C: Veja Tarn, W.W. "Alexander Helios and the Golden Age", *Journal of Roman Studies* 22, II, 1932, p.142. Sobre os judeus em geral na época de Cleópatra: Tcherikover, Victor. *Hellenistic Civilization and the Jews*. Peabody, Hendrickson, 1999.

64 ocupado por trás do pano: Dio, XLIX.xli.6.

65 "teatral e arrogante": MA, LIV.3.

66 "uma farra dionisíaca": Huzar, 1985-6, p.108.

## ❧ VIII. RELAÇÕES ILÍCITAS E FILHOS ASTARDOS (P.237-276)

Sobre a guerra de propaganda: Dio, Plutarco, Suetônio. Entre outros estudos de provas ainda existentes: Charlesworth, M.P. "Some Fragments of the Propaganda of Mark Antony", *Classical Quarterly* 27, n.3-4, 1933, p.172-7; Geiger, Joseph. "An Overlooked Item of the War of Propaganda between Octavian and Antony", *Historia* 29, 1980, p.112-4; e Scott, Kenneth. "The Political Propaganda of 44-30 BC", *Memoirs of the American Academy in Rome* XI, 1933, p.7-49. Ninguém

entendeu a batalha de Ácio, mas John Carter e William Murray chegaram perto. Veja a minuciosa e engenhosa reconstrução dos fatos feita por Murray em "Octavian's Campsite Memorial for the Actium War" (in Murray, William M. e Photios M. Petsas. *Transactions of the American Philosophical Society* 79, n.4, 1989, p.1-172); e Carter, 1970; também as notas de Carter sobre o conflito in *Cassius Dio: The Roman History* (Nova York, Penguin, 1987, p.266). Sobre a batalha, os ventos, o local: entrevistas com William Murray, 14 de outubro de 2009, e 3 de março de 2010. Veja também: Tarn, W.W. "The Battle of Actium", *Journal of Roman Studies* 21, 1931, p.173-99; Casson, 1991. Sobre ND: Plutarco, *Table Talk*, VIII.iv.723; Bowersock, 1965, p.124-5, 134-8 e 335; Toher, Mark. "The Terminal Date of Nicolaus's Universal History", *Ancient History Bulletin* 1.6, 1987, p.135-8. Angelos Chaniotis é muito bom a respeito de mulheres e guerra, *War in the Hellenistic World* (Oxford, Blackwell, 2005, p.110s).

Para a temporada grega: o trabalho de Christian Habicht, principalmente "Athens and the Ptolemies", *Classical Antiquity* 11, n.1, abril de 1992, p.68-90. Sêneca, *Suasoriae*, 1.7, menciona zombarias contra A em Atenas.

1 "Relações ilícitas": Lucano, X.76. Jones (tr.), 2006, p.66.

2 "Porque falar é mau": Hesíodo, *Works and Days*, 760. Veja também Aquiles Tácio, VI.10; Virgílio, *Aeneid*, IV.240-265: "A calúnia é mais cortante que qualquer espada, mais forte que o fogo, mais persuasiva que uma sereia; rumores são mais escorregadios do que água, mas correm mais depressa que o vento, voam mais depressa que qualquer pássaro alado."

3 "a abundância que flui": Teócrito, *Idyll* 17 (tradução alterada).

4 "galerias, bibliotecas": Filo, "On the Embassy to Gaius", 151. Forster (tr.), 2004, p.133.

5 "se aquele reino encontrar": Diodoro, XXXIII.28b.3.

6 o tipo de homem em que se podia confiar: JA, XVII.99-100. Também em ND, Plutarco, *Table Talk*, VIII.iv.723.

7 imitação de ninfa do mar: VP, II.lxxxiii.

8 "Tudo isso eu dou": MA, XXVIII.

9 A inscrição de basalto: Veja P.M. Fraser, "Mark Antony in Alexandria: A Note", *Journal of Roman Studies* 47:1-2, 1957, p.71-3.

10 Os guarda-costas romanos: Dio, L.v.1.

11 A isenção de impostos: Minnen, Peter van. "An Official Act of Cleopatra", *Ancient Society* 30, 2000, p.29-34; van Minnen. "Further Thoughts on the Cleopatra Papyrus", *Archiv für Papyrusforschung* 47, 2001, p.74-80; van Minnen. "A Royal Ordinance of Cleopatra and Related Documents", Walker e Ashton, 2003, p.35-42.

12 "só fazia com que voltassem": *Ibid.*, p.79.

13 "juntava-se a ele na administração": Dio, L.v.1-2.

- 14 Numerosos deslizes de A: Dio, XLVI.x.3.
- 15 "boas relações": MA, XXXII.
- 16 "um verdadeiro fraco": Dio, L.xviii.3.
- 17 Segundo Suetônio: DA, LXIX. Dizem que Sejano fez a mesma coisa muito mais tarde, "pois ao manter relações ilícitas com as esposas de quase todos os homens distintos, ele descobria o que seus maridos estavam dizendo e fazendo", Dio, LVIII.3.
- 18 "a riqueza invejosa" até "glória estável e sólida": Cícero, "Philippic", V, xviii.50.
- 19 "aventuras amorosas": DA, LXIX. Tomei emprestada a tradução saborosa de Andrew Meadows de Walker e Higgs, 2001, p.29.
- 20 "comendo a rainha" até "com quem se cruza": Dio, LI.viii.2.
- 21 Sobre Éfeso: Hopkins. *A World Full of Gods*. Nova York, Plume, 2001, p.200-5. Strabo, 14.1.24; NH, V.xxxi.15. Craven, 1920, p.22, indica que Éfeso era o posto do procônsul romano na Ásia; os registros públicos e o tesouro estavam lá. Era um destino de negócios lógico para A.
- 22 "Por meio de certos documentos": Dio, L.ii.6.
- 23 "partisse para o Egito": MA, LVI.
- 24 Adquirir um império com dinheiro: Plutarco, "Aemilius Paulus", XII.9.
- 25 "era inferior em inteligência" até "grandes negócios": MA, LVI.
- 26 "uma turba de artistas asiáticos": MA, XXIV.
- 27 "E enquanto quase todo o mundo" até "divertimentos e presentes": Ibid., LVI.
- 28 A como Dionísio: Sobre a força das mitologias, veja H. Jeanmarie, "La politique religieuse d'Antoine et de Cléopâtre", *Revue Archéologique* 19, 1924, p.241-61.
- 29 Instalação de estátuas em Atenas: Nepos, XXV Atticus, 1ii.2.
- 30 A estatuaria ptolomaica: Pausânias, 1.8.9; Habicht, 1992, 85. NH, 34, 37.
- 31 "por meio de muitos esplêndidos presentes": MA, LVII.
- 32 A biblioteca de Pérgamo: Veja Casson, 2001, p.48-50. Casson sugeriu que essa era uma maneira esperta de escapar de um encargo financeiro. Não havia real necessidade da biblioteca de Pérgamo, já em mãos dos romanos havia um século.
- 33 "Muitas vezes, enquanto ele estava sentado": MA, LVIII.
- 34 "libertinagens escritas": Plutarco, "Brutus", V; "Cato the Younger", XXIV.
- 35 "saltou de seu tribunal": MA, LVIII.
- 36 beijar sua esposa em público: Plutarco, "Marcus Cato", XVII.7.
- 37 "cumprindo algum acordo": MA, LVIII.
- 38 o que eunucos faziam: Dio, L.xxv.2; Horácio, Epodes, IX.

- 39 O divórcio: Neal é especialmente lúcido sobre o assunto, 1975, p.110.
- 40 "que tinha até então velado": Pompeu, LIII.
- 41 "exigiam uma cabeça sóbria" até "grosserias": MA, LIX. Para os tormentos de Gemíneo, veja Pompeu, II.
- 42 "A traição," seria dito: VP, II.lxxxiii. Para a deserção veja também Dio, L.iii.2-3; para o coração fraco de Délio, Apiano, V.50, 55, 144.
- 43 O testamento de A: Ou Dio errou na cronologia, ou nós todos erramos: ele parece sugerir (L.xx.7) que Otaviano procurou o testamento ao menos um ano antes das Dotações, o que mudaria inteiramente o aspecto dessa cerimônia.
- 44 "fosse transportado pelo Fórum": MA, LVIII.
- 45 "favos de frases": Petronius, *Satyricon*, I.
- 46 Oriente e sexo: Sobre a "quase uniforme associação entre o Oriente e sexo", suas "promessas (e ameaças) sexuais, incansável sensualidade, ilimitado desejo, profunda energia degenerativa", veja: Said, Edward W. *Orientalism*. Nova York, Vintage, 1994, p.188; e Flatterer, 56e. Para Flaubert em meados do século XIX, o cortesão de antigamente era "a envolvente, estranguladora víbora do Nilo".
- 47 "Em sua mão havia um cetro de ouro": Floro, II.xxi. 11.
- 48 "enfeitado por essa mulher amaldiçoada": Dio, L.xxvi.5.
- 49 "Então, como seu amor por Cleópatra": VP, II.lxxxii.
- 50 "derrete e emascula": MA, LIII (tradução ML).
- 51 "um escravo de seu amor": Floro, II.xxi. 11; "ele nem pensava": Dio, XLVIII.xxiii.2; "não era senhor nem de si mesmo": MA, LX. Plutarco sobre Ônfale, "Demetrius and Antony", III.3.
- 52 "A mulher egípcia exigiu": Floro, II.xxi.11.
- 53 "Por ter encantado": Dio, L.v.4.
- 54 Circulavam notícias: Strabo acusa A de saquear para C a melhor arte que podia encontrar nos templos de Samos e em outras partes, 13.1.30, 14.1.14; também NH, XXXIV 8.19.58.
- 55 "tinha o desejo feminino": Eutropius, VII.7.
- 56 "que as maiores guerras": Ateneu, XIII.560b. Ele acrescenta que as mulheres egípcias eram famosas por serem "muito mais amorosas que outras mulheres".
- 57 "Uma mulher, nem mesmo romana": Lucano, X.67.
- 58 Sobre a declaração de guerra: Lívio, 1.32.5-14. Sobre o procedimento tradicional: Reinhold, Meyer. "The Declaration of War against Cleopatra", *Classical Journal* 77, n.2, 1981-2, p.97-103; Ogilvie, R.M. *A Commentary on Livy, Books 1-5*. Oxford, Clarendon Press, 1978, p.127-8; e Wiedemann, Thomas. "The Fetiales: A Reconsideration", *Classical Quarterly* 36, n.2, 1986, p.478-90. Wiedemann é quem especula se Otaviano inventou o rito.
- 59 "ter voluntariamente": Dio, L.vi. 1.

- 60 "O que ele pretende, então": Ibid., L.xxi.3.  
61 "esteja em guerra comigo": Ibid., L.xxi.1.  
62 "Porque julgo" até "emitidos contra ela": Ibid., L.xxvi.3.  
63 "como um todo suplantava": Ibid., L.vi.2-3.  
64 "ele queria mais uma reputação": Floro, I.xlv.19.  
65 "espionar e incomodar": Dio, L.xi.1.  
66 As estátuas da Acrópole: Ibid., L.viii. 1-5, L.xv.3.  
67 "Ave César": Macróbio, *Saturnalia*, 2.4.29.  
68 "desejava ser o governante": Nepos, "Atticus", XX.4.

69 O status de A no Egito: No geral, as categorias eram mais fluidas no Egito, onde Alexandre, o Grande, poderia ter se tornado faraó, uma mulher podia reinar como rainha e as divindades tendiam a acompanhar tudo. Roma preferia distinções claras. Não é por acaso que o latim é "muito menos hospitaleiro do que o grego para compor palavras e neologismos" (Rawson, 2001, p.232).

70 Um dos grandes classicistas do século XX: Tarn (e Charlesworth), 1965, p.96-7.

71 "nós que somos romanos": Dio, L.xxiv.3.

72 "pois é impossível": Ibid., L.xxvii.4. Ele podia estar citando Cícero, que protestava contra um homem "debochado, insolente, efeminado, nunca sóbrio mesmo quando temeroso", "Philippic", III.v.12.

73 numa disputa dessas: Dio, L.xxviii.6.

74 "dessa peste de mulher": Dio, L.xxiv.5 (tradução Penguin).

75 "a conquistar e governar" até "igual a um homem": Ibid., L.xxviii.3-4.

76 "O que há de horrível em César": MA, LXII.

77 infinitamente mais adequada como local de combate: Dio, L.xii.8.

78 O colorido do acampamento em Ácio: Para a roupa dos medos: Plutarco, "Paulus", XVIII e XXX-XXXII; o manto militar ptolomaico vem de: Ateneu, V.196 f. Segundo Salústio, o exército armênio era famoso por sua fabulosa armadura. As armas decoradas: Mayor, 2010, p.11-12, 206; Walker e Higgs, 2001, p.264. Plutarco dá a mesma descrição de um campo militar em sua biografia de Bruto; Josefo evoca vividamente a sua precisão in JW, III.77-102. Há certa discordância quanto às velas púrpura do *Antonia*, apesar de NH, XIX.V, e da convicção de Casson a respeito, entrevista de 26 de janeiro de 2009. William Murray acredita que elas podem ser um floreio literário; entrevista de 3 de março de 2010. De qualquer forma, o navio teria sido magnificamente construído.

79 conselho bem conhecido: JW, I.389-90.

80 "Sua Alteza me perdoe": Fraser, Antonia. *The Warrior Queens*. Nova York, Knopf, 1989, p.190.

81 Oficiais de A a respeito de C: Suetônio, "Nero", III; Apiano, IV.38.

82 Enobarbo e A em Pártia: MA, XL.

83 comendo pão amanhecido: Plutarco, "Caius Marius", VII. Ele falava também de dormir num simples catre, coisa que A certamente não fazia com C no acampamento.

84 "os ouvidos dele pareciam": JW, I.390.

85 "desrespeitados por Cleópatra": MA, LVIII.

86 "A tarefa principal de um bom general": Plutarco, "Agesilaus and Pompey", IV.

87 Desconfiança de A em relação a C: NH, 21.12.

88 A deserção de Délio: VP, II.lxxxiv; Dio, L.xiii. 8.

89 cometera um grave erro: Pompeu, LXXVI; Apiano, II.71. O resultado foi terrível, JC, XLV.

90 "Escolhi começar": Dio, L.xix.5.

91 "Porque é característica natural": Ibid., L.iii.2-3.

92 "em miseráveis troncos" até "vencemos nosso inimigo ou morreremos": MA, LXIV.

93 "mais dotado": Ibid., XL.

94 "Como, portanto, eles admitem": Dio, L.xxx.3-4.

95 Dio sugere que A fugiu: Ibid., L.xxxiii.3-4.

96 "ele foi até a proa e sentou sozinho" até "comer e dormir juntos": MA, LXVII. É inteiramente possível que Plutarco tenha inventado o mau humor ou o tenha introduzido prematuramente. Pode ser também que tenha sido encaixado posteriormente à história, junto com a traição de C. Veja também VP, II.lxxxv.

97 a púrpura e as lantejoulas: Floro, II.xxi.

98 arranjos florais: Dio, LI.v.4.

99 a dimensão de sua vitória: Murray, 1989, 142, afirma convincentemente que antes e depois de Ácio, Otaviano capturou cerca de 350 navios, inclusive vários tão grandes quanto a nau capitânia.

## IX. A MULHER MAIS PERVERSA DA HISTÓRIA (P.277-320)

Para os últimos dias de C contamos quase exclusivamente com Dio e Plutarco; Eusébio, Eutrópio, Horácio, Suetônio e Veleio dão pequenas contribuições. Sobre a abordagem de Plutarco para a morte de C: Pelling, 2002, p.106s, é especialmente preciso. Veja também: Griffiths, J. Gwyn. "The Death of Cleopatra VII", *Journal of Egyptian Archeology* n.47, dezembro de 1961, p.113-8; Grisé, Yolande. *Le suicide dans la Rome antique*. Montreal, Bellarmin, 1982; Jarcho, Saul. "The Correspondence of Morgagni and Lancisi on the Death of Cleopatra", *Bulletin of the History of Medicine* 43, n.4, 1969, p.299-325; Johnson, W.R. "A Queen, A

Great Queen? Cleopatra and the Politics of Misrepresentation”, *Arion* VI, n.3, 1967, p.387-402; Marasco, Gabriele. “Cleopatra e gli esperimenti su cavie umane”, *Historia* 44, 1995, p.317-25. Sbordone, Francesco. “La morte di Cleopatra nei medici greci”, *Rivista Indo-Greco-Italica* 14, 1930, p.1-20; T.C. Skeat faz uma engenhosa cronologia do fim de C, “The Last Days of Cleopatra”, *Journal of Roman Studies* 13, 1953, p.98-100; Tarn, 1931. Sobre o destino dos filhos de C: Meiklejohn, 1934.

Para um relato matizado do triunfo e das consequências de Ácio: Gurval, Robert Alan. *Actium and Augustus: The Politics and Emotions of Civil War*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1998.

Para a imagem persistente e cambiante de C, ou como ela entrou para a mitologia moderna: Hamer, Mary. *Signs of Cleopatra*. Londres, Routledge, 1993; Hughes-Hallett, Lucy. *Cleopatra: Histories, Dreams and Distortions*. Nova York, Harper & Row, 1990; Woodall, Richardine G. *Not Know Me Yet? The Metamorphosis of Cleopatra*. Tese de doutorado, York University, 2004; Wyke, 2002, p.195-320.

1 “A mulher mais perversa”: DeMille, Cecil B. apud Lovric, Michelle. *Cleopatra’s Face*. Londres, British Museum Press, 2001, p.83.

2 “Eu era igual aos deuses”: Eurípides, “Hekabe”, in *Grief Lessons: Four Plays by Euripides*. Tradução de Anne Carson. Nova York, New York Review of Books, 2006, p.371-2.

3 O infortúnio, diz o ditado: Eurípides, “Heracles”, in *Euripides* II, 560.

4 Ela não ousava observá-los: Dio, LI.v.5.

5 “um mui ousado e maravilhoso empenho” até “guerra e da escravidão”: Plutarco, LXIX (tradução ML). Para uma visão intrigante dos planos de A e C pós-Ácio, veja: Nicolet, Claude. “Où Antoine et Cléopâtre voulaient-ils aller?”, *Semitica* 39, 1990, p.63-6.

6 Uma monstruosidade de barco: Ateneu, V.203e-204d.

7 Os nabateus: Strabo expande seu território do sul do Jordão à cabeça do golfo de Eilat, 16.4.21-6.

8 “cada pedacinho de sua alma”: JA, XV. 190. Também, embora menos dramático, JW, I.388-94. Herodes aconchegando-se a Otaviano parece mais nobre em retrospecto: “E quando os romanos declararam guerra a todos os monarcas do mundo, apenas nossos reis, em razão de sua fidelidade, permaneceram seus aliados e amigos”, explica Josefo, *Against Apion*, II, 134.

9 “o novo Aníbal”: Sobre Sertório, Pompeu, XVII-XIX; Plutarco, “Cato the Younger”, LIX; Dio, LI.viii.6.

10 “sem ter conseguido nada”: Dio, LI.v.6.

11 assassinato de Otaviano: Ibid., LI.vi. 4.

12 Cabana modesta de A: Strabo, 17.1.9.

- 13 "porque ele próprio havia sido injustiçado": MA, LXIX.
- 14 Dio introduz uma nota amarga: Dio, LI.vii.2-3.
- 15 "em tal momento, não há uso": Flatterer, 69a.
- 16 "coragem irresistível": Apiano, IV.112.
- 17 "pôs a cidade inteira": MA, LXXI (tradução ML).
- 18 "continuar a lutar": Dio, LI.vi.1.
- 19 Cesário foi saudado como faraó: Walker e Higgs, 2001, 175.
- 20 "porque esperava que mesmo": Dio, LI.vi.6.
- 21 "aventuras amorosas" até "fosse salva": Ibid., LI.viii.2-3.
- 22 mantinham seus soldados sob controle: Ibid., LI.iii.4.
- 23 "uma mulher que era altiva": MA, LXXIII.
- 24 "achava seu dever": Dio, LI.viii.7. À lista de conquistas romanas de C, Plutarco inesperada e ilogicamente acrescenta Pompeu, MA, XXV.4.
- 25 "pendurá-lo": MA, LXXII.
- 26 "adequado a sua fortuna arruinada" até "e saíram ricos": Ibid., LXXIII (tradução ML).
- 27 "esplendor, luxo e suntuosidade": Ibid., LXXI (tradução ML).
- 28 "muito imponente": Ibid., LXXIV.
- 29 "que Antônio e Cleópatra ficaram sabendo": Dio, LI.v.2.
- 30 "reino era reprimido demais" e as boas-vindas: JW, I.394-6. Veja também JA, XV. 199-202.
- 31 "estranha e louca vida": Macurdy, 1932, 221.
- 32 Relato da propina de C: MA, LXXIV.
- 33 Otaviano toma Pelúcio: Dio, LI.ix.5.
- 34 "esperava conquistar": Ibid., LI.ix.6.
- 35 "Então, exaltado por sua vitória": MA, LXXIV.
- 36 "uma múmia e um nada": Ibid., LXXV.
- 37 "que Cleópatra o tinha traído": Ibid., LXXVI (tradução alterada).
- 38 Em pânico, a cidade: Orosius, Paulus. *The Seven Books of History Against the Pagans*. Washington, Catholic University of America Press, 1964, p.274.
- 39 "mas em sua paixão": Dio, LI.x.5-6; Lívio, 133.30; MA, LXXVI.
- 40 "Ah, Cleópatra": MA, LXXVI (tradução alterada).
- 41 "Nunca" até "apressar o fim": Ibid., LXXVII.
- 42 Sobre Caio Proculeio: Antônio pode não ter se equivocado inteiramente a respeito dele; Proculeio demonstrava uma notável generosidade com seus irmãos (Horácio, Ode 2.2). Tácito (*Annals*, IV.40) também atesta o seu caráter; Juvenal (Satire VII.94) menciona-o como patrono das artes.

43 "um homem que havia sido seu parente" até "arrogante nas respostas": MA, LXXVIII.

44 Cartas de A queimadas: Dio, LII.xlii. 8.

45 "acrescentar muito à glória": MA, LXXVIII.

46 "mas não queria dar": Dio, LI.xi.3.

47 "Infeliz Cleópatra" até "conforto e prazer": MA, LXXIX (tradução retrabalhada).

48 "a fim de que ela pudesse alimentar": Dio, LI.xi.5.

49 maciças muralhas do Cesareum: Goudchaux estima que deviam ter entre 2,5 e 3,5 metros de espessura ("Cleopatra's Subtle Religious Strategy", in Walker e Higgs, 2001, p.136).

50 Mais sobre as lamentações rituais: Ruitter, Branko Fredde van Oppen de. *The Religious Identification of Ptolemaic Queens with Aphrodite, Demeter, Hathor and Ísis*. Tese de doutorado, The City University of New York, 2007, p.274-370.

51 "de maneira suntuosa e real" até "relativos a seus filhos": MA, LXXXII.

52 "a mais rica e maior": Orosius, 1964, p.274.

53 "infligir nenhum dano irreparável": Dio, LI.xvi.3-4.

54 "O cabelo e o rosto": MA, LXXXIII.

55 "combina maravilhosamente com ela": Dio, LI.xii.1.

56 "porque valia bem a pena ser olhado": ND, 5.

57 "Viver tanto tempo com medo": Cícero a Ático, 206 (X.14), 8 de maio de 49 a.C.

58 "ela lamentava e beijava" até "mesmo no Hades": Dio, LI.xii.3-7.

59 "à necessidade e ao medo de Antônio": MA, LXXXIII.

60 atirando-se vigorosamente a todos os tipos de pés: Dio a coloca atirando-se aos joelhos de Otaviano, mas Floro afirma a mesma coisa em 48 a.C., na chegada de CR, II.13.56, e de novo na de Otaviano, II.21.9.

61 "o encanto pelo qual era famosa": MA, LXXXIII.

62 "timbres musicais" e "tons melífluos": Dio, LI.xii.4.

63 "roubar e esconder" até "mais misericórdia e bondade?": MA, LXXXIII (tradução retrabalhada).

64 "pior do que mil mortes": Dio, LI.xiii.2.

65 "tratamento mais esplêndido" até "enganado por ela": MA, LXXXIII.

66 "uma certa ternura" até "separada de você": Ibid., LXXXIV (tradução retrabalhada). Cornélio Dolabela pode ter sido filho de P. Cornélio Dolabela, um quase aliado de C em 44-43 a.C., *Prosopographia Imperii Romani*, 2. ed.

67 "O malefício": MA, LXXXV. Para mais sobre a áspide: Nicander. *Poems and Poetical Fragments*. Cambridge, Cambridge University Press, 1953.

68 "seu traje mais belo": Dio, LI.xiii.5. Descrições do divã e dos emblemas reais, O.E. Kaper para a autora, 18 de março de 2010. O cetro e flagelo, entrevista com Roger Bagnall, 3 de maio de 2010.

69 "Bela atitude" até "tantos reis": MA, LXXXV.

70 "O valor do desafortunado": Plutarco, "Aemilius Paulus", XXVI. 12. Conforme foi dito da mãe de Alexandre, o Grande (outra suicida), a grandeza do filho pode ser lida na morte da mãe.

71 Sobre o psilo: Lucano, IX.920-38; NH, VII.ii. 13-5. Também Plutarco, "Cato the Younger", LVI.3-4; Dio, LI.xiv.4.

72 Nem mesmo Strabo: Strabo, 17.1.10.

73 "A verdade ninguém sabe": MA, LXXXVI.

74 "serpentes de dentes afiados": Horácio, Ode I.37.

75 "Cleópatra enganou a vigilância": VP, II.lxxxvii (tradução retrabalhada).

76 tanto a data como a hora: DA, L.

77 Em vez disso, gabou-se: AA, 4.

78 "irritado com a morte" até "espírito altivo": MA, LXXXVI.

79 "excessivamente incomodado": Dio, LI.xiv. 6.

80 "Mulher nada covarde": Horácio, Ode I.37 (Tradução de Louis E. Lord).

81 "com esplendor e magnificência reais": MA, LXXXVI (tradução da Modern Library).

82 estátuas de Iras e Chamion: Lindsay, 1998, p.337.

83 Os crocodilos de Cleópatra Selene: NH, 5.51.

84 Assassinato de Ptololomeu: Suetônio, "Caligula", XXXV; Dio, LIX.25. Para um relato intrincado e especulativo sobre a morte, Jean-Claude Faur, "Caligula et la Maurétanie: La fin de Ptolémée", *Klio* 55, 1973, p.249-71.

85 A morte dos parceiros de A: Orosio, 1964, p.274.

86 o assunto do dia em Alexandria: Hölbl, 2001, p.249.

87 Otaviano e a múmia de Alexandre: DA, XVIII; Dio, LI.xvi.5.

88 "o terror comum": A dedicação de Galo de 15 de abril de 29 apud Sherk, Robert K. *Rome and the Greek East to the Death of Augustus*. Cambridge, Cambridge University Press, 1993, p.94.

89 "custos e magnificência": Dio, LI.xxi.7-8. Sobre os filhos: Eusébio, 187-94.

90 um lento hipopótamo: Gurval, 1998, p.29.

91 "o império romano enriquecesse": Dio, LI.xvii.8. Para o obelisco: NH, XXXVI. xiv.70-1.

92 Sobre a egiptomania: Alfano, Carla. "Egyptian Influences in Italy", in Walker e Higgs, 2001, p.286-8. Antes, Cícero (*De Legibus*, II.2) havia coberto de desprezo as paisagens falso-egípcias em moda em Roma. Futuros imperadores romanos iriam abraçar a cultura egípcia de uma forma que Otaviano não o fez; veja: Preys,

René. "Les empereurs romains vus de l'Égypte", in *Les Empereurs du Nil*. Leuven, Editions Peeters, 2000, p.30-3.

93 uma idade dourada para as mulheres: Veja Reinhold, 1988, p.72; Kleiner e Matheson, 1996, p.36-9.

94 O status de Lúvia: Dio, LVII.12. Para bons relatos modernos: Barrett, Anthony A. *Livia: First Lady of Imperial Rome*. New Haven, Yale University Press, 2002; Hoffsten, Ruth Bertha. *Roman Women of Rank of the Early Empire in Public Life as Portrayed by Dio, Paternus, Suetonius, and Tacitus*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania, 1939. Sobre a criação de Lúvia: Balsdon, 1962, p.93, 276; Kleiner, 2005, p.251-7, com Lúvia deliberadamente modelando sua ascensão em C.

95 derreter o fabuloso jogo de mesa de ouro: DA, LXXI. E Dio afirma que Otaviano não conservou nada dos pertences de C, a não ser "uma única taça de ágata".

96 "Pois é adequado": Dio, LII.xxx.1-2. C foi superada até como consumidora de pérolas. Dizem que Lúlia Paulina, terceira esposa de Calígula, apareceu num banquete "coberta com esmeraldas e pérolas entrelaçadas e brilhando por toda a cabeça, cabelo, orelhas, pescoço e dedos, a soma total chegando ao valor de 40 milhões de sestércios". Isso é quatro vezes o preço da pérola de C, e Lúlia estava pronta a mostrar os recibos para provar, NH, IX.lviii.

97 "que nenhuma posição": Dio, LV.xv.1-2.

98 "Restaurou-se a validade": VP, II.lxxxix.

99 "de um grande perigo": Williams, J.H.C. "'Spoiling the Egyptians': Octavian and Cleopatra", in Walker e Higgs, 2001, p.197.

100 "Como as pessoas prestam mais atenção": Bruto a Cícero, 25 (I.16).

101 "Um homem que ensina uma mulher": Menandro apud Lefkowitz e Fant, 1992, p.31.

102 "autores antigos falam insistentemente": É incerto o autor da peça pornográfica (Hughes-Hallett, 1991, p.68).

103 "fazia sempre o papel de prostituta": Propertius, *Elegies*, 3.11.30. Skinner (2005, 167) aponta que a famosa prostituta, denunciada por sua ambição e celebrada por seu brilho, já constitui um tropo familiar na história e na biografia.

104 "muitos homens compravam noites": Victor, Aurelius. *De Viris Illustribus*, 86.2. Em "Noites egípcias", Pushkin partiu entusiasticamente daí.

105 "um deslumbrante exemplo de feiticeira": Jameson, Anna. *Memoirs of Celebrated Female Sovereigns*. Nova York, Harper, 1836, p.55.

106 "aquela repulsiva Cleópatra": Carta de Nightingale, janeiro de 1850 apud Vallée, 2003, 244. O crime de C foi ter imortalizado a si mesma e a Cesário com baixos relevos em Hermonthis. Em *The Way We Live Now*, de Trollope, a irrepreensível Matilde Carbury airoosamente resume a carreira de C com "Que

meretriz ela era!" Lady Carbury está energicamente trabalhando em seu novo livro, *Criminal Queens*.

107 "Você gostaria": Cecil B. DeMille, in Lovric, 2001, p.83.

108 "astuta e suspeita": Pompeu, LXX.4 (tradução retrabalhada). Os casamentos são "truques de Estado" na tradução ML, parcerias "suspeitas e enganadoras" na edição Loeb. Conforme o pai de Alexandre, o Grande, descobriu com seus múltiplos casamentos, o casamento era muito mais barato que a guerra.

109 "que já o havia arruinado": MA, LXVI. Os maiores ataques estão em Josefo, que quase perde o fôlego ao enumerar os seus crimes (*Against Apion*, II, 57-9): C "cometeu todo tipo de iniquidade e crime contra seus parentes, seus devotados maridos [sic], os romanos em geral e seus imperadores, benfeitores dela; ela matou sua inocente irmã Arsínoe no templo, traiçoeiramente assassinou seu irmão, saqueou os deuses de seu país e os sepulcros de seus ancestrais; e, mesmo devendo o trono ao primeiro César, ousou se revoltar contra seu filho e sucessor e, corrompendo Antônio com sensual paixão, fez dele inimigo de seu próprio país e infiel a seus amigos, privando alguns de sua realeza, dispensando outros e levando-os ao crime".

110 mãe de Cristo: Lindsay, Jack. *Mark Antony: His World and His Contemporaries*. Londres, Routledge, 1936, p.231.

111 "mais ilustre e sábia": *Chronicle of John, Bishop of Nikiu*, 67.5-10 apud Lindsay, 1998, 333. Ele nomeia C como a maior dos Ptolomeus, embora credite a ela realizações que não são dela.

112 um alegre tributo ao adultério sem culpa da meia-idade: Weis, René. *Decoding a Hidden Life: Shakespeare Unbound*. Nova York, Holt, 2007, p.355-8. Weis observa que Shakespeare tinha 43 anos quando estava escrevendo a peça. Mesma idade de A quando se abre a cortina.

113 Culpa de Shakespeare: *Antônio e Cleópatra* foi descartada como indecente durante boa parte do século XIX. Embora contenha o que muitos consideram o melhor papel feminino da obra de Shakespeare, é notável que tenha tido poucas boas produções e poucos admiradores. Em 1938, Somerset Maugham deu uma explicação para a sua impopularidade: "O público sentia que era desprezível jogar fora um império por uma mulher. De fato, se não fosse baseada numa lenda aceita, todos seriam unânimes em afirmar que tal coisa era inverossímil" (*The Summing Up*. Garden City: Doubleday, 1938, p.138-9). A grandiosa paixão sem esperanças de A e C passa despercebida para os britânicos, que "não eram uma raça amorosa", e no geral, na opinião de Maugham, avessos ao sexo. Eles não se arruinavam por uma mulher. O que pode ou não explicar porque a peça era uma das favoritas de Emily Dickinson; veja: Farr, Judith. "Emily Dickinson's 'Engulfing' Play: *Antony and Cleopatra*", *Tulsa Studies in Women's Literature* 9, n.2, 1990, p.231-50. Samuel Johnson e William Hazlitt também deram notas baixas à peça; Johnson a considerava exagerada e displicente na construção. George Bernard

Shaw ficava com dispepsia. Só Coleridge coloca *Antônio e Cleópatra* entre as maiores peças de Shakespeare.

114 "Qual mulher, qual sucessão": Benario, Hebert W. "The 'Carmen de Bello Actiaco' and Early Imperial Epic", *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* II, 30.3, 1983, p.1661. Para mais sobre esse fragmento, veja: Pestel, Bastien. *Le 'De Bello Actiaco', ou l'épopée de Cléopâtre*. Dissertação de mestrado, Université de Laval, 2005.

115 "O que é perder" até "pior do que dizem": Eurípides, "The Phoenician Women", in *Euripides* V, 388-90.

116 "que destruiu a monarquia egípcia": Ateneu, VI.229c (tradução retrabalhada). Uma geração e meia depois da morte de C, Filo (*On Joseph*, 135-6) refletia sobre a impermanência da riqueza e do poder. Seu próprio país oferecia um exemplo primordial: "O Egito teve um dia a autoridade suprema sobre muitas nações, mas hoje é escravo... Onde está a casa dos Ptolomeus e a glória dos sucessores pessoais de Alexandra que um dia brilharam sobre todas as fronteiras na terra e no mar?" C foi a última dessa linhagem.

## *Bibliografia selecionada*

- Ashton, Sally-Ann. *Cleopatra and Egypt*. Malden, Blackwell, 2008.
- Bagnall, Roger S. e Raffaella Cribiore. *Women's Letters from Ancient Egypt: 300 BC-AD 800*. Ann Arbor, University of Michigan, 2006.
- Bagnall, Roger S. e Peter Derow (eds.). *Greek Historical Documents: The Hellenistic Period*. Chico, Scholars Press, 1981.
- \_\_\_\_\_. *The Hellenistic Period: Historical Sources in Translation*. Malden, Blackwell, 2004.
- Beard, Mary e Michael Crawford. *Rome in the Late Republic*. Londres, Duckworth, 1999.
- Bevan, E.R. *The House of Ptolemy*. Chicago, Argonaut, 1968.
- Bianchi, Robert S. et al. *Cleopatra's Egypt: Age of the Ptolemies*. Nova York, The Brooklyn Museum, 1988.
- Bingen, Jean. *Hellenistic Egypt: Monarchy, Society, Economy, Culture*. Berkeley, University of California Press, 2007.
- Bouché-Leclercq, Auguste. *Histoire des Lagides*. 4 vols. Aalen, Scientia Verlag, 1978.
- Bowman, Alan K. *Egypt After the Pharaohs*. Berkeley, University of California Press, 1986.
- Braund, David. *Rome and the Friendly King*. Londres, Croom Helm, 1984.

- Braund, David e John Wilkins (eds.). *Athenaeus and His World: Reading Greek Culture in the Roman Empire*. Exeter, University of Exeter Press, 2003.
- Burstein, Stanley. *The Reign of Cleopatra*. Norman, University of Oklahoma Press, 2004.
- Carter, John M. *The Battle of Actium*. Nova York, Weybright and Talley, 1970.
- Casson, Lionel. *Ships and Seamanship in the Ancient World*. Princeton, Princeton University Press, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Travel in the Ancient World*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1994.
- Chamoux, François. *Hellenistic Civilization*. Oxford, Blackwell, 2003.
- Chauveau, Michel. *Cleopatra: Beyond the Myth*. Ithaca, Cornell University Press, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Egypt in the Age of Cleopatra*. Ithaca, Cornell University Press, 2000.
- Everitt, Anthony. *Augustus: The Life of Rome's First Emperor*. Nova York, Random House, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Cícero: The Life and Times of Rome's Greatest Politician*. Nova York, Random House, 2003.
- Foertmeyer, Victoria Ann. *Tourism in Graeco-Roman Egypt*. Tese de doutorado, Princeton University, 1989.
- Fraser, P.M. *Ptolemaic Alexandria*. 3 vols. Oxford, Oxford University Press, 1972.
- Grant, Michael. *Cleopatra*. Edison, Castle Books, 2004.
- Green, Peter. *Alexander to Actium: The Historical Evolution of the Hellenistic Age*. Berkeley, University of California Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. *The Hellenistic Age: A Short History*. Nova York, Modern Library, 2007.

- Green, Peter, (ed.). *Hellenistic History and Culture*. Berkeley, University of California Press, 1993.
- Gruen, Erich S. *The Hellenistic World and the Coming of Rome*. 2 vols. Berkeley, University of California Press, 1984.
- Heinen, Heinz. *Kleopatra-Studien: Gesammelte Schriften zur ausgehenden Ptolemäerzeit*. Konstanzer Althistorische Vorträge und Forschungen. Vol.49. Konstanz, UKV, 2009.
- Hölbl, Gunther. *A History of the Ptolemaic Empire*. Nova York, Routledge, 2001.
- Huzar, Eleanor Goltz. *Mark Antony: A Biography*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1978.
- Jones, A.H.M. *The Greek City: From Alexander to Justinian*. Oxford, Clarendon Press, 1984.
- Jones, Prudence J. *Cleopatra: A Sourcebook*. Norman, University of Oklahoma Press, 2006.
- Kleiner, Diana E.E. *Cleopatra and Rome*. Cambridge, Belknap Press, 2005.
- Lewis, Naphtali. *Greeks in Ptolemaic Egypt*. Oxford, Clarendon Press, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Life in Egypt under Roman Rule*. Oxford, Clarendon Press, 1983.
- Lindsay, Jack. *Cleopatra*. Londres, Folio Society, 1998.
- Macurdy, Grace Harriet. *Hellenistic Queens*. Baltimore, The Johns Hopkins Press, 1932.
- Neal, Linda Ricketts. *Cleopatra's Influence on the Eastern Policy of Julius Caesar and Mark Antony*. Dissertação de mestrado, Iowa State University, 1975.
- Pelling, C.B.R., ed. *Plutarch: Life of Antony*. Cambridge, Cambridge University Press, 1999.

- Pomeroy, Sarah B. *Women in Hellenistic Egypt*. Detroit, Wayne State University Press, 1990.
- Préaux, Claire. *L'Économie royale des Lagides*. Bruxelles, Édition de la Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Les grecs en Égypte, d'après les archives de Zénon*. Bruxelles, J. Lebegue & Co., 1947.
- Rawson, Elizabeth. *Intellectual Life in the Late Roman Republic*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1985.
- Reinhold, Meyer. *A Historical Commentary on Cassius Dio's Roman History*. Atlanta, Scholars Press, 1988.
- Ricketts, Linda Maurine. *The Administration of Ptolemaic Egypt Under Cleopatra VII*. Tese de doutorado, University of Minnesota, 1980.
- Rostovtzeff, M. *The Social and Economic History of the Hellenistic World*. 3 vols. Oxford, Clarendon Press, 1998.
- Rowlandson, Jane (ed.). *Women and Society in Greek and Roman Egypt: A Sourcebook*. Cambridge, Cambridge University Press, 1998.
- Sacks, Kenneth S. *Diodorus Siculus and the First Century*. Princeton, Princeton University Press, 1990.
- Shiple, Graham. *The Greek World After Alexander*. Londres, Routledge, 2000.
- Sullivan, Richard D. *Near Eastern Royalty and Rome: 100-30 BC*. Toronto, University of Toronto Press, 1990.
- Syme, Ronald. *The Roman Revolution*. Nova York, Oxford University Press, 2002.
- Tarn, William W. e M.P. Charlesworth. *Octavian, Antony and Cleopatra*. Cambridge, Cambridge University Press, 1965.
- Tarn, William W. e G.T. Griffith. *Hellenistic Civilization*. Londres, Edward Arnold, 1959.

- Thompson, Dorothy. *Memphis under the Ptolemies*. Princeton, Princeton University Press, 1988.
- Tyldesley, Joyce. *Cleopatra: Last Queen of Egypt*. Londres, Profile Books, 2008.
- Van't Dack, E. (ed.). *Egypt and the Hellenistic World: Proceedings of the International Colloquium, Leuven, 24-26 May 1982*. Studia Hellenistica 27. Leuven, Studia Hellenistica, 1983.
- Volkman, Hans. *Cleopatra: A Study in Politics and Propaganda*. Nova York, Sagamore Press, 1958.
- Walbank, F.W. *The Hellenistic World*. Cambridge; Harvard University Press, 1981.
- Walker, Susan e Sally-Ann Ashton. *Cleopatra Reassessed*. Londres, Museu Britânico, 2003.
- Walker, Susan e Peter Higgs (eds.). *Cleopatra of Egypt: From History to Myth*. Princeton, Princeton University Press, 2001.
- Whitehorne, John. *Cleopatra*. Londres, Routledge, 1994.
- Will, Edouard. *Histoire politique du monde hellénistique*. Paris, Seuil, 2003.

## *Índice remissivo*

Ácio, batalha de  
atitudes romanas em relação a Cleópatra, 1-2  
e acampamento de Antônio, 1-2  
como anticlímax,  
e Délio, 1-2, 3  
e deserção de Enobarbo para o lado de Otaviano, 1, 2  
estratégia de Antônio na, 1, 2-3, 4  
estratégias de Otaviano na, 1, 2, 3, 4-5  
e finanças de Cleópatra, 1-2, 3, 4-5, 6-7  
geografia da,  
a história reescrita,  
primeiras escaramuças na, 1-2  
relatos de Otaviano da,  
resultado da, 1-2  
e retorno de Cleópatra para  
Alexandria,  
vitória de Otaviano, 1, 2n

Adriano (imperador romano),  
Agripa, Marco, 1, 2  
Alexandra (sogra de Herodes), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8  
Alexandre Hélio (filho), 1, 2, 3, 4, 5, 6  
Alexandre, o Grande  
e Alexandria,  
e Aristóteles,  
ascendência de,  
associação com luxo do Oriente,  
ausência de herdeiros,  
família de,  
general aos dezesseis anos,  
governo de,  
e Homero,  
e Índia,

e Júlio César, 1, 2, 3, 4, 5, 6  
legado da Macedônia,  
e legitimidade dos Ptolomeu, 1-2, 3  
mãe de, 1, 2, 3n  
morte de, 1-2  
e Otaviano, 1, 2  
presença de,  
Ptolomeu I sobre,  
sonho de união acima de fronteiras nacionais, 1-2  
status no Egito,  
e Tarso,  
tumba de,

#### Alexandria, Egito

e Antônio, 1-2, 3, 4-5, 6-7, 8-9, 10, 11, 12  
arquitetura de, 1-2  
ataque de Otaviano a, 1-2  
banquetes de, 1-2  
biblioteca de, 1, 2-3, 4, 5, 6, 7, 8, 9n  
Cesareum em, 1, 2, 3, 4  
chão de mosaico de,  
Cícero sobre, 1, 2, 3n  
confisco de arte por Otaviano, 1-2, 3  
dias de festivais em, 1, 2-3  
escultura em, 1-2  
farol de, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10  
e Júlio César, 1, 2-3, 4-5, 6n, 7, 8-9  
luto por Cleópatra em,  
maravilhas mecânicas de,  
mulheres instruídas em,  
museu de, 1, 2-3  
e música, 1-2, 3, 4, 5n  
natureza cosmopolita de, 1, 2  
perdão de Otaviano a,  
perfumes de,  
população de, 1, 2, 3-4, 5n, 6-7, 8, 9-10n, 11n  
procissões dionisiacas, 1-2, 3n  
e os Ptolomeus, 1-2, 3, 4, 5, 6-7  
retorno de Cleópatra depois de Ácio a,  
e Roma, 1-2, 3-4, 5, 6  
e suicídio de Cleópatra,  
tradição intelectual de, 1-2, 3, 4-5, 6, 7  
via Canópica, 1, 2, 3

Alexandrina, Guerra, 1, 2n, 3-4, 5, 6n, 7n, 8, 9, 10

alquimia, 1, 2n

Aníbal,

Antilo, Marco Antônio, 1, 2, 3, 4, 5

Antióquia, 1, 2, 3, 4, 5

*Antonia*, 1, 2, 3, 4n

Antônio, Marco

e Alexandria, 1-2, 3, 4-5, 6-7, 8, 9, 10, 11, 12

e assassinato de Júlio César, 1, 2

associação com luxo do oriente, 1-2, 3

e ataque egípcio de Otaviano, 1-2

casamento com Fúlvia, 1, 2, 3, 4-5, 6, 7, 8, 9

casamento com Otávia, 194 1, 2, 3, 4-5, 6-7, 8, 9, 10, 11, 12, 13-14, 15, 16n

e Cássio, 1, 2, 3

Cícero sobre, 1, 2, 3, 4, 5n, 6, 7, 8, 9, 10, 11n

conquistas amorosas de, 1, 2

correspondência de Otaviano com, 1-2, 1-2, 3n, 4

defesa da permanência de César em Alexandria, 1-2

descendentes de, 1, 2n

divórcio de Otávia, 1-2, 3

e Dolabela, 1, 2, 3

efeitos da derrota de Ácio sobre, 1-2

como estrategista,

exílio autoimposto de

fama como farrista, 1-2, 3, 4, 5, 6-7

filhos de Fúlvia, 1, 2-3, 4, 5, 6

filhos de Otávia, 1, 2, 3, 4, 5, 6

e Filpos, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7-8, 9, 10-11, 12, 13, 14

e guerra civil romana,

habilidade oratória de,

e Herodes, 1-2, 3, 4, 5

e humor, 1-2

identificação com Dionísio, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

invocação cerimonial de Júlio César,

em moedas, 1, 2

morte de, 1-2, 3

e oração fúnebre para Júlio César,

Otaviano apagando todos os traços de,

e Pártia, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16-17, 18, 19, 20, 21, 22

e paternidade de Ptolomeu XV, 1-2n, 3-4n

proposta a Otaviano para restaurar a República em Roma, 1-2

e Ptolomeu XIII, 1, 2  
e reescritura da história,  
relacionamento de Otaviano com, 1-2, 3-4, 5, 6-7, 8, 9-10, 11, 12, 13  
e Segundo Triunvirato,  
Senado romano suspende o consulado, 1, 2n  
como substituto de Júlio César,  
tentativa de suicídio de, 1, 2-3, 4  
tentativas de Cleópatra de união com, 1-2  
e testamento de Júlio César, 1-2  
testamento de, 1-2, 3-4n  
trama de Otaviano contra, 1-2  
tributos asiáticos a, 1-2  
troca de denúncias de Otaviano com, 1-2  
Antônio, Marco, relacionamento com Cleópatra  
e Ácio, 1-2, 3, 4-5  
e acordos e disputas de Cleópatra,  
alegação de traição de Cleópatra, 1-2  
aliança de Antônio com Otaviano, 1, 2-3, 4n  
e Armênia, 1-2  
e Atenas, 1-2  
e atitudes romanas com Cleópatra, 1-2,  
1, 2-3  
banquetes de Cleópatra para Antônio, 1-2, 3-4  
banquete de Antônio para Cleópatra, 1-2  
e biblioteca de Pérgamo, 1, 2, 3n  
e campanha de Pártia, 1, 2, 3, 4-5  
e casamento de Antônio com Fúlvia, 1-2  
e casamento de Antônio com Otávia, 1, 2, 3, 4-5, 6, 7, 8-9  
e cerimônia de Dotações de Alexandria, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7n  
cerimônia para Antônio em Alexandria, 1-2  
e classe social de Cleópatra, 1, 2, 3  
e Cleópatra como governante, 1, 2  
Cleópatra prepara corpo de Antônio para funeral,  
Companheiros da Morte, 1-2, 3-4  
e Costobar,  
cuidados de Cleópatra com,  
e declaração de guerra de Otaviano a Cleópatra, 1-2, 3  
e derrota de Ácio, 1-2  
duração do relacionamento,  
e Éfeso,  
e encontro em Antióquia, 1, 2, 3-4,  
1, 2  
e encontro em Tarso, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7n

e estratégias de Cleópatra, 1, 2-3, 4, 5, 6, 7-8, 9n, 10n  
filhos do, 1-2, 3-4, 5, 6, 7  
funeral de Cleópatra para, 1-2  
e Herodes, 1, 2  
e humor, 1-2  
e Inimitáveis Videntes, 1, 2, 3  
morte de Antônio, 1, 2  
Otaviano sobre, 1-2  
e pérolas, 1-2n  
piadas romanas referentes a,  
e plano de Herodes para assassinar Cleópatra, 1-2, 3  
possíveis primeiros encontros,  
e propostas para Otaviano, 1-2  
queixas frequentes contra Júlio César,  
e recompensa de Cleópatra aos homens de Antônio, 1-2  
e relações de Cleópatra com Roma,  
e relações sexuais, 1, 2, 3, 4  
e responsabilidades políticas de  
Antônio, 1-2, 3-4  
a sedução de Antônio por Cleópatra, 1-2, 3, 4, 5n, 6n  
e solicitações de Antônio para Tarso,  
status matrimonial de, 1, 2  
e título de Cleópatra,  
o vidente de Cleópatra para Antônio, 1-2, 3n  
visita de Antônio ao Egito, 1-2  
e visita de Cleópatra ao túmulo, 1-2  
e Tirso,

#### Apiano

sobre Antônio, 1, 2, 3, 4n  
sobre Antônio e Cleópatra, 1, 2, 3n  
sobre Cássio,  
e cruzeiro no Nilo, 1, 2  
e detalhes,  
distância cronológica da vida de  
Cleópatra,  
Lucano comparado a,  
sobre o Segundo Triunvirato,

#### Apolodoro, 1-2, 3

Aquilas, 1, 2-3, 4, 5-6, 7-8, 9, 10

Aquiles,

Areio,

Aristóbulo, 1, 2-3

Aristófanes, 1-2n

Aristóteles, 1, 2, 3  
Armênia, 1, 2, 3-4, 5, 6, 7, 8, 9  
Arsínoe II (rainha),  
Arsínoe III (rainha),  
Arsínoe IV (irmã)  
    ambição de, 1, 2n, 3, 4n  
    assassinato de, 1-2, 3, 4n  
    Bicknell sobre,  
    sob custódia romana,  
    derrota de,  
    e Ganimedes, 1-2  
    Júlio César dá Chipre para,  
    na procissão egípcia de Júlio César, 1, 2  
    reação romana à morte de,  
Artavasdes (rei armênio), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7  
Atenas, Grécia  
    Alexandria comparada a, 1, 2  
    Antônio em, 1, 2-3, 4, 5, 6  
    Cleópatra em, 1-2  
    Otávia em, 1-2, 3, 4, 5, 6-7  
Ateneu, 1-2n, 3n  
Atwood, Margaret,  
Augusto (imperador romano)  
    e calendário romano,  
    esposa de,  
    e história reescrita,  
    e instituição do casamento, 1-2  
    e paternidade de Cesário, 1-2n  
    Planco cunha o nome de,  
    *Ver também* Otaviano

Bagnall, Roger S., 1n, 2n  
Berenice II (rainha),  
Berenice IV (rainha), 1, 2, 3-4, 5, 6, 7  
betume do mar Morto, 1, 2, 3  
Bicknell, P.J.,  
Boccaccio, 1, 2n  
Bretanha, invasão de César da,  
Brundísio, Tratado de, 1, 2, 3  
Bruto, 1, 2, 3-4, 5n, 6-7, 8n

calendário egípcio, 1, 2-3, 4n  
calendário romano, 1, 2, 3, 4

Calígula, 1, 2n, 3n

Calpúrnia (esposa de Júlio César), 1, 2, 3

Capadócia, 1, 2

Cássio

e Antônio, 1, 2, 3

e Bruto, 1, 2, 3n, 167 4

e Chipre, 1-2, 3

e Délio,

e Herodes,

e Otaviano, 1, 2

e Pártia,

suicídio de,

e Tarso,

Casson, Lionel, 1, 2-3n, 4n, 5n

Cépio, Quinto Servílio,

César, Júlio

e Alexandre, o Grande, 1, 2, 3, 4, 5, 6

e Alexandria, 1-2, 3, 4, 5-6, 7n, 8, 9

e anexação do Egito,

assassinato de, 1-2, 3, 4, 5

e assuntos militares, 1, 2-3

e assuntos de província,

e bilhetes amorosos,

casamentos de, 1, 2, 3, 4, 5-6

conquistas amorosas de, 1, 2, 3, 4, 5, 6

declaração de divindade, 1, 2

despesas de, 1-2

e desvantagens na corte, 1-2

como ditador, 1, 2, 3

educação de, 1, 2, 3, 4-5

e escritura de *The Civil War*, 1-2, 3

como estrategista, 1, 2, 3, 4

festividades públicas em Roma, 1-2

funeral de, 1-2

habilidades de oratória de, 1, 2-3

honras e tributos para, 1, 2

e humor,

infância de,

infertilidade de, 1-2n

intuição de,

e leis suntuárias, 1, 2

e luxo, 1, 2

e Pártia, 1, 2

pedido de resgate de piratas por,  
e poder, 1, 2, 3  
e Pompeu, o Grande, 1, 2-3, 4, 5, 6, 7, 8, 9-10, 11  
e Ptolomeu XII, 1, 2  
e Ptolomeu XIII, 1, 2, 3, 4, 5-6, 7n  
formas civis de, 1, 2-3  
formas em Roma, 1-2  
retorno do Egito para Roma,  
suposições de Roma sobre o tratamento  
egípcio, 1-2n  
e tentativas de assassinato,  
testamento de, 1-2, 3  
e tráfego diurno em Roma,  
velocidade de,

César, Júlio, relacionamento com Cleópatra  
aliança de Cleópatra com, 1, 2, 3-4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13n  
e assassinato de César, 1, 2  
César como advogado de Cleópatra, 1, 2, 3, 4, 5  
Cleópatra grávida de César, 1, 2, 3-4n  
Cleópatra como influência corruptora sobre César, 1-2  
e Cleópatra como prisioneira de Otaviano, 1-2  
e confiança, 1-2  
e correspondência, 1, 2  
e cruzeiro no Nilo, 1-2, 3n  
custo para Cleópatra,  
e encontro de Cleópatra com Otaviano,  
escolha de Cleópatra em relacionamentos,  
e estabilidade do Egito,  
e estátua de Cleópatra, 1, 2, 3, 4, 5n  
e funeral de César,  
e igualdade,  
e inexperiência de Cleópatra,  
e ligação de Cleópatra com Alexandre, o Grande,  
e língua grega,  
e pirâmides,  
e poder de Cleópatra,  
e poder de sedução de Cleópatra, 1, 2-3, 4-5, 6n, 7n, 8, 9n  
e primeira aparição de Cleópatra, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9  
proposta de César de reconciliação com Ptolomeu XIII, 1, 2, 3  
e relação sexual, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7n  
e sucessão, 1-2, 3  
e testamento de César, 1-2  
e viagem de Cleópatra para Roma, 1, 2, 3-4, 5, 6, 7-8, 9-10, 11

e vitória de César em Alexandria,  
Cesário. *Ver* Ptolomeu XV César  
Charmion (criada de Cleópatra), 1, 2, 3-4, 5-6, 7  
Chaucer, Geoffrey,  
Chipre  
    Antônio confirma autoridade de Cleópatra sobre,  
    e Arsínoe IV, 1, 2  
    e Cássio, 1-2, 3  
    e Império Ptolomaico, 1-2, 3, 4, 5-6  
    e Ptolomeu XII, 1, 2, 3  
    o tio de Cleópatra como rei de, 1, 2, 3  
Cícero  
    sobre Alexandria, 1, 2, 3n  
    sobre Antônio, 1, 2, 3, 4, 5n, 6, 7, 8, 9, 10, 11n  
    assassinato de, 1-2  
    sobre calendário romano,  
    casamentos de, 1, 2  
    sobre Cleópatra, 1, 2-3, 4, 5, 6-7, 8, 9, 10n  
    sobre coerência,  
    correspondência não publicada de,  
    Dídimo sobre,  
    sobre Dolabela,  
    sobre economia,  
    sobre economia do Egito,  
    sobre educação de mulheres, 1, 2n  
    como escritor, 1-2  
    sobre Fúlvia,  
    sobre habitantes do oriente,  
    sobre Júlio César, 1-2, 3, 4n  
    Júlio César recebido por,  
    lamenta a morte da filha, 1, 2n  
    e leis suntuárias, 1, 2, 3  
    sobre luxo, 1, 2n  
    sobre medo,  
    sobre música, 1, 2n  
    sobre oficiais de Roma,  
    sobre Otaviano, 1-2, 3, 4-5, 6  
    sobre política romana, 1-2, 3, 4-5  
    sobre provérbios,  
    sobre Ptolomeu XII, 1, 2  
    sobre razão,  
    sobre tempo da entrega de cartas,  
Cilícia, 1-2, 3

Cirene, 1, 2, 3, 4, 5  
Clemente de Alexandria, 1n, 2n  
Cleófis (rainha da Índia),  
Cleópatra II (rainha),  
Cleópatra III (rainha), 1, 2  
Cleópatra V Trifena (rainha), 1, 2n  
Cleópatra VII (rainha)  
  aborto de,  
  e administração, 1, 2-3, 4, 5, 6, 7  
  e ameaças públicas de Otaviano, 1, 2  
  antepassados femininos de,  
  ascensão ao trono, 1, 2-3, 4-5, 6n  
  assassina de irmãos,  
  assassinato de detratores,  
  e assuntos militares, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9  
  atitudes romanas em relação a, 1-2, 3-4, 5, 6-7, 8, 9-10, 11-12, 13, 14, 15  
  aventura no mar Vermelho de, 1, 2  
  capturada por Otaviano, 1-2  
  e casamento com irmão, 1, 2, 3, 4n  
  cavalgada de,  
  e cerimônias, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9-10, 11-12, 13-14  
  conselheiros de, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7  
  cortesãos de, 1-2, 3  
  crises domésticas de,  
  declaração de guerra de Otaviano a, 1-2, 3, 4, 5  
  deslealdade de, 1-2, 3, 4-5, 6-7, 8  
  diadema de, 1, 2, 3, 4, 5  
  disfarces de,  
  e distribuição de comida, 1, 2, 3n  
  como divindade viva, 1, 2, 3-4, 5, 6, 7-8, 9, 10, 11-12, 13  
  educação de, 1-2, 3, 4, 5  
  e educação dos filhos,  
  encontro de Otaviano com, 1-2  
  entrada em cena de, 1-2, 3, 4, 5-6, 7n  
  como estrategista, 1, 2, 3, 4, 5-6, 7, 8, 9-10, 11-12, 13, 14-15, 16, 17-18n  
  exílio de, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8n, 9, 10, 11  
  experimentos com veneno de, 1, 2, 3, 4  
  extravagância associada com, 1-2n  
  filhos de, 1-2, 3-4n, 5, 6-7, 8, 9, 10, 11, 12, 13-14n, 15, 16, 17, 18, 19, 20,  
  21, 22, 23, 24, 25n  
  formidável na derrota,  
  como governante, 1, 2, 3, 4, 5-6, 7, 8-9, 10, 11-12, 13, 14-15, 16n, 17, 18-  
  19, 20, 21-22, 23, 24, 25, 26, 27

guarda-roupa de, 1, 2  
habilidades oratórias de, 1, 2-3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12n  
herança macedônia de, 1-2, 3, 4n  
e Herodes, 1, 2, 3-4, 5, 6, 7, 8, 9, 10-11, 12  
e história reescrita, 1-2  
e humor, 1, 2, 3, 4, 5-6, 7, 8, 9-10  
independência de, 1-2  
infância de,  
como intelectual, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7  
e justiça, 1-2  
legitimidade de,  
línguas faladas por, 1, 2-3, 4, 5, 6-7  
mãe de, 1, 2n  
mausoléu de, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11  
mito de,  
nas moedas, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14n  
mundo moderno começa com, 1-2  
nascimento de,  
palácio de, 1, 2-3, 4, 5, 6, 7, 8  
partida de Roma, 1-2, 3  
poder de, 1, 2, 3, 4, 5, 6-7, 8, 9, 10-11, 12-13, 14-15, 16, 17-18, 19n  
e população de Alexandria, 1, 2, 3, 4, 5  
e população do Egito, 1-2, 3-4, 5, 6, 7-8, 9  
popularidade de,  
preparação para o trono, 1-2, 3  
recondução ao trono,  
relacionamento com o pai, 1, 2n  
relacionamento com Ptolomeu XIII, 1-2, 3, 4-5, 6, 7-8, 9, 10, 11, 12, 13,  
14-15n  
relacionamento com Ptolomeu XIV, 1, 2, 3, 4, 5, 6  
relacionamento com Roma, 1, 2, 3, 4-5, 6, 7, 8-9, 10, 11, 12, 13, 14, 15  
relatos históricos sobre, 1-2  
riqueza de, 1, 2, 3-4, 5-6, 7n, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19,  
20, 21, 22, 23, 24, 25n  
e sacerdotes egípcios, 1, 2, 3, 4  
significado do nome, 1, 2n  
e sistema econômico, 1-2, 3, 4, 5n, 6  
suicídio de, 1, 2, 3-4, 5  
e tentativas de assassinato,  
viagem a Roma, 1, 2, 3-4, 5-6, 7, 8-9n  
*Ver também* Antônio, Marco, relacionamento com Cleópatra; César, Júlio,  
relacionamento com Cleópatra  
Cleópatra Selene (filha), 1, 2-3, 4, 5-6, 7

Cleópatra Selene (tia-avó), 1, 2n  
Coele-Síria,  
Colbert, Claudette,  
Coleridge, Samuel Taylor, 1-2n  
contracepção, 1-2  
contratos de casamento,  
Corinto,  
Cornélia (esposa de Pompeu),  
Costobar,  
Crasso, Marco Licínio,  
Crasso, Públio Canídeo, 1-2, 3n, 4, 5, 6, 7, 8, 9  
Creta, 1, 2, 3

Dante, Alighieri, 1n, 2, 3n

Délio, Quinto

    e Ácio, 1-2, 3

    e Alexandra, 1-2

    e Artavasdes,

    a correspondência de Cleópatra com,

    encontro com Cleópatra, 1-2, 3, 4, 5, 6

    e história reescrita,

DeMille, Cecil B.,

Demóstenes,

Dickinson, Emily, 1-2n

Dídimo,

Dio Cássio

    sobre Ácio, 1, 2

    sobre alexandrinos,

    sobre Antônio, 1, 2, 3, 4, 5

    sobre Antônio e Cleópatra, 1, 2, 3, 4

    sobre biblioteca de Alexandria,

    sobre Cícero, 1-2

    cortejo egípcio em Roma,

    sobre democracia,

    sobre demora de Júlio César no Egito, 1-2

    sobre deslealdade de Cleópatra, 1-2, 3, 4

    distância cronológica da vida de Cleópatra,

    sobre encontro de Cleópatra com Otaviano, 1-2, 3n

    sobre Júlio César e Cleópatra, 1-2, 3, 4

    Lucano comparado a,

    sobre orgulho de Cleópatra, 1, 2

    sobre Otaviano, 1-2, 3, 4

    sobre Otaviano e Antônio, 1, 2n

sobre política romana,  
retórica de,  
sobre riqueza de Cleópatra,  
sobre Segundo Triunvirato, 1, 2-3n  
sobre sexualidade de Cleópatra,  
sobre suicídio de Cleópatra, 1, 2  
sobre Tarso, 1n  
sobre viagem de Cleópatra a Roma, 1, 2, 3, 4, 5-6, 7n

Dio Crisóstomo,

Diodoro da Sicília, 1n, 2, 3-4n, 5n, 6n

Dionísio

Antônio identificado com, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13  
Júlio César reconhece o culto a,  
e Ptolomeu XII, 1, 2n  
santuários consagrados a,

Dioscórides,

Dolabela, Cornélio, 1, 2, 3n

Dolabela, Públio Cornélio

e Antônio, 1, 2, 3, 4

Cícero sobre,

e Délio,

e Júlio César, 1, 2

suicídio de,

e Tarso,

Dotações em Alexandria, cerimônia de, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7n

Dryden, John,

Éfeso

e Antônio, 1, 2, 3, 4, 5n

e Arsínoe IV, 1, 2, 3

recusa de Cleópatra em deixar, 1-2

egípcio (língua), 1-2

Egito

adoração de animais,

anexação de Otaviano do,

ataque de Otaviano ao, 1-2

atitudes romanas em relação a,

e casamento entre irmãos, 20cereais do, 1, 2, 3, 4, 5

cobra como símbolo do, 1-2

como província romana, 1, 2

como terra de mistério,

declaração de guerra de Otaviano a Cleópatra, 1-2, 3, 4, 5

diferenças étnicas no,

estabilidade do,  
Estados associados do,  
festivais do,  
flores do,  
legitimidade de Ptolomeu no, 1-2, 3  
mitos de abundância no, 1, 2n  
paixão pela história no,  
papel da mulher no, 1-2, 3, 4  
polícia do,  
pirâmides do, 1, 2, 3  
reserva de ouro do, 80  
riqueza do, 1, 2, 3, 4, 5-6, 7n  
e Roma, 1-2, 3, 4-5, 6, 7, 8  
sacerdotes do, 1-2, 3, 4, 5  
status de Antônio no, 1, 2n  
trocas com a Índia,  
Vale dos Reis, 1, 2

*Ver também* Alexandria, Egito; Rio Nilo

egiptomania, 1, 2n

Enesidemo de Cossos,

Enobarbo, Gneu Domício, 1, 2, 3

Epafrodito, 1, 2

Eros (criado de Marco Antônio),

esfinge, 1, 2n

Esopo, 1, 2, 3n

Espanha, 1-2, 3n

Ésquilo,

Etiópia, 1, 2

Etna, Monte,

Euclides, 1-2, 3

Eurípides, 1, 2, 3, 4

sobre amigos,

e Cícero,

e educação de Cleópatra, 1, 2

sobre mulheres, 1, 2-3, 4, 5

e Pártia,

sobre perda da pátria,

Eusébio,

Eutrópio,

Fenícia, 1, 2

Filipos

e Antônio, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

e Enobarbo,  
e Otaviano,  
Filostrato,  
Filotas, 1-2, 3  
Floro, 1, 2, 3n  
francês (língua),  
Fraser, P.M., 1-2n  
Froude, James Anthony,  
Fúlvia (esposa de Antônio)  
casamento com Antônio, 1, 2, 3-4, 5-6, 7, 8-9, 10, 11  
e Cícero, 1, 2, 3  
Cleópatra comparada a, 1, 2, 3  
doença e morte de, 192  
filhos de, 1, 2, 3, 4, 5

Gabíneo, Aulo, 1, 2  
Galo, Caio Cornélio, 1, 2  
Gandhi, Indira,  
Ganimedes, 1-2  
gatos, 1, 2n, 3  
Gautier, Théophile,  
Gélio, Aulo,  
Gemíneo, 1-2, 3  
Gônatas, Antígono,  
Grécia  
Antônio na,  
atitude em relação às mulheres na, 263-1n, 2  
e batalha de Antônio e Otaviano pelo controle de Roma, 1, 2  
Roma comparada a,  
*Ver também* Atenas, Grécia  
grega, literatura, 1, 2n  
grego (língua), 1, 2, 3, 4, 5n, 6n

Hamilton, Edith,  
Hazlitt, William, 1-2n  
Heinen, Heinz,  
Helena de Troia, 1, 2, 3, 4  
Herodes  
e Alexandria,  
e Antônio, 1-2, 3, 4-5, 6  
ausência de imagens de,  
beleza da esposa de,  
e Cleópatra, 1, 2, 3-4, 5, 6, 7, 8, 9, 10-11, 12

e Costobar,  
disfarces de,  
educação de, 1-2  
família de, 1, 2, 3, 4-5, 6n  
e nabateus, 1, 2  
naufrágio de,  
e Otaviano, 1, 2-3, 4, 5, 6, 7, 8n  
Heródoto, 1, 2, 3, 4, 5, 6n  
Hesíodo, 1, 2  
hieróglifos, 1, 2, 3  
Hipócrates,  
Homero  
e Alexandria,  
busto na biblioteca de Pérgamo,  
Dídimo sobre,  
e educação de Cleópatra,  
*Ilíada*, 1, 2n  
*Odisseia*,  
recitação de,  
e riqueza do Egito,  
Horácio, 1, 2, 3, 4n, 5  
  
Idos de Março,  
Índia, 1, 2, 3, 4n, 5, 6, 7, 8  
Iras (criada de Cleópatra), 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7  
Isabel (rainha de Espanha),  
Ísis  
banquete de,  
e cobras,  
como ícone religioso,  
identificação de Cleópatra com, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8-9, 10, 11-12, 13, 14,  
15, 16, 17, 18n  
e poder da rainha egípcia, 1, 2n  
poderes de,  
templos de, 1, 2, 3, 4, 5  
e Virgem Maria, 1n, 2, 3  
  
Jericó, 1, 2, 3  
Jerusalém, 1n, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10  
Johnson, Samuel, 1-2n  
Jônia,  
Josefo  
sobre acampamento militar,

sobre Antônio e Cleópatra,  
sobre Cleópatra, 1, 2, 3, 4, 5n, 6n, 7n  
e cronologia,  
sobre Herodes, 1, 2n  
sobre história,  
sobre Mariamne,  
sobre população do Egito, 1-2n  
sobre valor do talento,

Jotape (princesa Meda), 1, 2

Juba II (rei africano), 1n, 2-3

Judeia, 1, 2-3

Judeus

como apoiadores de Cleópatra,  
o governo de Cleópatra como era de ouro, 1-2  
e Guerra Alexandrina, 1, 2n  
e Herodes,  
como soldados de Cleópatra, 1, 2

Júlia (filha de Júlio César),

Júlia (irmã de Júlio César),

Juvenal, 1, 2

latim (língua), 1-2, 3, 4, 5-6, 7, 8, 9n, 10n

latina, literatura,

Lépido, Marco Emílio, 1, 2n, 3, 4, 5, 6, 7

Líbia, 1, 2, 3

Lívia (imperatriz romana)

casamento com Otaviano, 1, 2, 3, 4, 5n  
oferta de presentes de Cleópatra para, 1, 2  
privilégios de, 1, 2, 3n

Lívio,

Lolia Paulina,

Lucano, 1, 2, 3, 4-5, 6, 7, 8, 9-10n

Macedônia, 1, 2

Malco (rei nabateu), 1, 2, 3n

Malraux, André,

Marcelino, Amiano,

Marcial,

Mareotis, lago, 1, 2

Mariamne (mulher de Herodes), 1, 2, 3n, 4, 5, 6, 7-8,

Marrinan, Raphael,

Maugham, Somerset,

Mauritânia, 1, 2, 3-4

Média, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7

Menandro, 1, 2, 3, 4-5

Mênfis, Egito, 1, 2, 3, 4, 5

Mitrídates, o Grande (rei ponto), 1-2, 3, 4, 5n, 6

mortalidade infantil,

mulheres

    e amas de leite 1, 2n

    atitudes gregas e relação às, 1-2n, 3

    atitudes romanas em relação às, 1, 2n, 3-4, 5n, 6, 7, 8n, 9, 10, 11, 12, 13n, 14, 15, 16-17n, 18, 19, 315

    educação das, 1-2, 3n

    Eurípides sobre as, 1, 2-3, 4, 5

    gravidez no Egito, 1, 2, 3n

    papéis no Egito, 1-2, 3, 4

    e poder, 1, 2

    dos Ptolomeus, 1, 2

    reputação das mulheres egípcias, 1, 2n

nabateu, reino, 1, 2, 3, 4, 5n, 6n

Neal, Linda Ricketts,

Nefertiti (rainha egípcia), 1, 2

Nicolau de Damasco, 1, 2, 3n, 4, 5, 6, 7

Nightingale, Florence, 1n, 2, 3n, 4n, 5-6n

Olímpia (rainha da Macedônia),

Olimpo, 1, 2

Otávia (irmã de Otaviano)

    casamento com Antônio, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9-10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17-18, 19, 20n

    divórcio de Antônio, 1-2, 3

    filhos de, 1, 2, 3, 4, 5, 6

    oferta de presentes de Cleópatra para,

    privilégios de,

    e reescritura da história,

Otaviano

    ameaças públicas a Cleópatra, 1, 2

    anexação do Egito,

    Antônio troca denúncias com, 1-2

    apaga rastros de Marco Antônio,

    arrecadações de guerra de,

    ataque a Alexandria de, 1-2

    ataque ao Egito por, 1-2

    captura de Cleópatra, 1-2

casamentos de, 1, 2, 3, 4, 5n  
e Cássio, 1, 2  
e cerimônia de Dotações de Antônio e Cleópatra em Alexandria 1-2, 3, 4, 5, 6, 7n  
Cícero sobre, 1-2, 3, 4-5, 6  
correspondência de Antônio com, 1, 2-3, 4n, 5  
corte de,  
declaração de guerra a Cleópatra, 259-1, 2, 3, 4  
declarações de estilo de vida austero,  
sobre deslealdade de Cleópatra, 1-2  
e divórcio de Antônio e Otávia, 1-2  
encontro de Cleópatra com, 1-2, 3n  
como filho adotivo de Júlio César, 1, 2, 3  
e Filipos,  
golpe no Senado romano, 1, 2  
como governante, 1-2  
herança de Júlio César, 1, 2-3  
e Herodes, 1, 2-3, 4, 5, 6, 7, 8n  
como inimigo mortal de Cleópatra, 1, 2  
e mobiliário de Cleópatra, 1, 2n  
e morte de Antônio,  
e oferta de Antônio para restaurar a república em Roma, 1-2  
propostas de Antônio para, 1-2, 3  
propostas de Cleópatra para, 1-2, 3  
preparações de Cleópatra para barganhar com, 1-2  
relações de Antônio com, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7-8, 9, 10, 11  
relatos de Antônio em Atenas,  
e Segundo Triunvirato,  
sobre poder de Cleópatra, 1-2, 3-4  
sucessos de, 1, 2  
e suicídio de Cleópatra, 1, 2, 3, 4-5, 6  
supressão dos relatos da vitória armênia de Antônio,  
tentativas de Cleópatra unir-se a, 1-2  
e testamento de Antônio,  
três dias de triunfo, 1-2  
viagem a Roma, 1-2  
*Ver também* Augusto (imperador romano)

Palestina, 1, 2

Pártia

avanço para o ocidente,

e Antônio, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16-17, 18, 19, 20, 21, 22  
e Cleópatra, 1, 2  
e Cleópatra Selene,  
e Enobarbo,  
e Herodes,  
e Júlio César, 1-2, 3, 4  
e Pompeu, Sexto,

Pascal, Blaise,

pérolas

e Cleópatra, 1, 2, 3, 4n, 5, 6, 7-8n, 9n  
e leis suntuárias de Júlio César,  
e Lolia Paulina,  
e Suetônio, 1-2

peste bubônica,

Píndaro,

Planco, Lúcio Munácio, 1, 2, 3-4n, 5, 6, 7

Plauto,

Plínio, 1, 2-3n, 4n

Plutarco

sobre Ácio, 1, 2, 3, 4, 5n

sobre adulação de Cleópatra,

sobre Antônio, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8n

sobre Antônio e Cleópatra, 1, 2, 3, 4, 5-6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14-15, 16, 17, 18, 19, 20n

sobre Antônio e Otaviano,

sobre Aquilas,

sobre assassinato em famílias reais, 1, 2n

sobre ataque de Otaviano ao Egito, 1-2

sobre atração de Cleópatra, 1, 2

sobre biblioteca alexandrina,

sobre calendário romano,

sobre censura,

sobre Cícero,

ciudades de guerra,

sobre confiança de Cleópatra,

distância cronológica da vida de Cleópatra,

sobre efeito de Cleópatra sobre Délio, 1-2

sobre encontro de Cleópatra e Otaviano, 1-2

sobre estratégia de Cleópatra, 1, 2, 3, 4-5

sobre festas de Júlio César,

sobre festival de Samos, 1-2

sobre funeral e enterro de Cleópatra,

sobre Guerra Alexandrina,  
sobre guerra civil romana,  
sobre habilidade de discurso de Cleópatra, 1, 2  
sobre intelecto de Cleópatra, 1, 2  
sobre Juba,  
Lucano comparado a,  
sobre médico de Cleópatra,  
sobre orgulho de Cleópatra,  
sobre reação de Otaviano ao suicídio de Cleópatra,  
sobre recusa de Cleópatra em deixar o Éfeso,  
sobre retorno de Cleópatra ao palácio,  
sobre sedução de Antônio por Cleópatra,  
sobre sedução de César por Cleópatra, 1, 2, 3, 4  
sobre suicídio de Cleópatra, 1, 2, 3, 4  
sobre venenos de Cleópatra, 1, 2, 3, 4  
sobre visita de Cleópatra à tumba de Antônio,

Pompeu, o Grande

e Alexandre, o Grande,  
Antônio na antiga casa de, 1, 2  
casamentos de, 1, 2  
Cícero sobre,  
e ébano,  
e educação da filha,  
e Júlio César, 1, 2-3, 4, 5, 6, 7, 8, 9-10, 11  
prisioneiros de,  
e Ptolomeu XII, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8  
e Ptolomeu XIII, 1, 2, 3n, 4, 5, 6  
e Sertório,

Pompeu, Sexto, 1-2, 3, 4-5, 6, 7-8, 9n

Ponto, 1n, 260

*Ver também* Mitrídates, o Grande (rei ponto)

Potino, 1, 2-3, 4-5, 6, 7, 8, 9, 10

Proculeio, Caio, 1, 2-3, 4n

Propércio, 1-2n, 3, 4-5, 6

psilo, 1, 2

Ptolomeu de Mauritânia,

Ptolomeu Filadelfo (filho), 1, 2, 3, 4

Ptolomeu I

sobre Alexandre, o Grande,  
e Aristóteles,  
e biblioteca de Alexandria,  
e casamento entre irmãos,  
tamanho do reino,

Ptolomeu II, 1, 2

Ptolomeu III,

Ptolomeu IV,

Ptolomeu V Epifanes,

Ptolomeu VI,

Ptolomeu VIII, 1, 2n, 3n

Ptolomeu X,

Ptolomeu XI,

Ptolomeu XII Auletes (pai)

e Antônio, 1, 2

casamento de,

e Chipre, 1, 2, 3

Cícero sobre, 1, 2

e construção do templo, 1, 2, 3n

e Dionísio, 1, 2n

e economia, 1, 2n

educação de,

e educação de Cleópatra,

legitimidade de, 1, 2

morte de, 1, 2

e Pompeu, o Grande, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8

e população egípcia,

recondução ao trono, 1, 2-3, 4, 5, 6

relacionamento com Cleópatra, 1, 2-3n

e Roma, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7

testamento de,

Ptolomeu XIII (irmão)

ascensão ao trono,

conselheiros de, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

fingidor, 1, 2

e Júlio César, 1, 2, 3, 4, 5-6, 7n

morte de, 1, 2

e Pompeu, o Grande, 1, 2, 3n, 4, 5, 6

e população de Alexandria,

relacionamento com Cleópatra, 1-2, 3, 4-5, 6, 7-8, 9, 10, 11, 12, 13, 14n

Ptolomeu XIV (irmão)

ascensão ao trono, 1, 2

assassinato por Cleópatra,

e Chipre, 1-2

relacionamento com Cleópatra, 1, 2, 3, 4, 5, 6

Ptolomeu XV César

apoio de Antônio a, 1, 2, 3-4, 5, 6-7n

assassinato de,

cerimônia de maioridade, 1-2, 3  
Cleópatra protege de Otaviano,  
como corregente de Cleópatra, 1, 2, 3, 4, 5, 6  
escultura de, 1-2, 3n  
como herdeiro de Cleópatra, 1-2  
moedas em honra de, 1, 2n  
nascimento de, 1-2, 3-4n, 5n  
e negócios de Cleópatra com Roma,  
e Otaviano, 1, 2-3n  
paternidade de, 1-2n, 3, 4, 5-6n, 7n  
reconhecimento de Júlio César a,  
reconhecimento de Roma como rei do Egito,  
e testamento de Júlio César,  
viagem a Roma, 1-2, 3

#### Ptolomeus

e Alexandria, 1, 2, 3, 4, 5-6  
como anfitriões, 1-2  
assassinato entre, 1, 2, 3, 4, 5, 6-7, 8, 9, 10, 11, 12  
atividades intelectuais dos,  
banquetes dos, 1-2  
e casamento entre irmãos, 1-2  
cerimônias de,  
e Chipre, 1-2  
Cleópatra como a maior dos, 1, 2n  
e cortejos, 1-2  
crises de sucessão dos,  
cultura dos,  
falta de interesse de Otaviano pelos,  
como hóspedes romanos,  
império dos, 1-2, 3  
legitimidade dos, 1-2, 3, 4  
mulheres reais dos, 1, 2  
sobre moedas, 1, 2n  
morte de Cleópatra como o fim dos, 1, 2  
oficiais judeus servindo aos,  
palácio dos,  
riqueza dos, 1, 2, 3, 4, 5, 6  
e Roma, 1-2, 3  
sistema econômico dos, 1-2, 3, 4  
sobrevivência dos, 1-2

Quintiliano, 1, 2n, 3n

Rawson, Elizabeth,  
retórica, 1, 2-3, 4n

rio Nilo

cruzeiro de César e Cleópatra pelo, 1-2, 3n

e fracasso nas colheitas, 1, 2, 3, 4

fluxo do, 1-2

mudança de curso do

nascente do,

e nascimento de Ptolomeu XV,

e relações familiares,

e sacerdotes egípcios, 1-2

Ródão, 1, 2

Roma

e Alexandria, 1-2, 3-4, 5, 6

arquitetura de, 1, 2

atitude em relação à cultura grega, 14

atitude em relação aos governos de Antônio e Otaviano, 1-2

atitude em relação às mulheres, 1, 2n, 3, 4n, 5, 6, 7n, 8, 9, 10, 11, 12n,  
13, 14, 15-16n, 17, 18, 19

bibliotecas de, 1, 2

e casamento, 1, 2-3, 4

censo,

e Chipre, 1-2

economia de,

e culto a Dionísio,

efígie de Cleópatra em,

egiptomania em,

e Egito, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7

esfera de influência de, 1-2

festejos públicos de Júlio César em, 1-2

Fórum de, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13n

guerra civil em, 1, 2-3, 4, 5, 6, 7, 8, 9-10, 11, 12, 13, 14, 15, 16-17, 18, 19,  
20

Herodes em, 1, 2-3, 4

e Ísis,

leis suntuárias de, 1, 2

e língua grega, 1-2

e luxo,

melhoramentos de Júlio César a, 1-2

e Mitrídates, o Grande, 1-2, 3

moralidade em, 1-2

Otaviano expulsa adivinhos de,

partida de Cleópatra de, 1-2, 3

população de, 1, 2  
como protetores dos monarcas egípcios, 1, 2  
e Ptolomeu XII, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7  
formas cívicas de,  
restauração da República, 1-2, 3  
sentido do tempo em, 1-2, 3n  
status de Cleópatra em, 1-2  
tumultos em,  
viagem de Cleópatra a, 1, 2, 3-4, 5-6, 7n, 8n  
romana, literatura, 1, 2n

Safo,

Samos, 1-2

Segundo Triunvirato, 1-2, 3, 4, 5, 6-7n

Sejano,

Selêucidas,

Seleuco,

Senado romano

e amizade de Herodes,

apelos ao, 1-2

apoio a Antônio no,

e cerimônia de Dotações de Alexandria, 1, 2, 3

e Cleópatra, 1, 2, 3, 4

cônsul denuncia Otaviano ao,

e declaração de guerra a Cleópatra,

e denúncia de Antônio por Otaviano,

e eliminação de traços de Marco Antônio,

golpe de Otaviano no, 1, 2

e Júlio César, 1, 2, 3-4

licença para o casamento de Antônio com Otávia,

e Otaviano, 1, 2

priva Antônio do consulado, 1, 2n

e Ptolomeu XII,

e Segundo Triunvirato, 1-2

e testamento de Antônio, 1-2

Sêneca, 1n, 2n

Serápio,

Sertório, 1, 2n

Shakespeare, William, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11n, 12-13n

Shaw, George Bernard, 1, 2, 3-4n

Síria

e Antônio, 191 1, 2, 3

e Cássio,

e Cleópatra, 1-2  
e Otaviano,  
e partos, 1, 2, 3  
e Ptolomeus,  
e Ptolomeu Filadelfo,  
vinho da,

Sistema legal

e anistia geral a Cleópatra, 1-2, 3  
e diferenças étnicas, 1-2

Skinner, Marilyn B.,

Sócrates,

Sófocles, 1, 2

Strabo, 1, 2n, 3n, 4n

Suetônio

sobre Cleópatra,

sobre Júlio César, 1, 2, 3-4, 5,  
1, 2

sobre Otaviano,

sobre paternidade de Ptolomeu XV, 1n, 2n

Syme, Ronald,

Tácito, 1n, 2n

Talmude,

Tarento, Pacto de, 1, 2

Tarso, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7n

Taylor, Elizabeth, 1, 2, 3, 4

templo de Ártemis, 1, 2, 3, 4

templo de Dendera, 1-2, 3n

templo de Hator,

templo de Mênfis,

Teódoto, 1, 2, 3, 4, 5, 6n, 7, 8

Thompson, Dorothy, 1, 2n, 3n

Tibério (imperador romano),

Timão de Atenas,

Tirso, 1, 2, 3

touro Buchis,

Trácia,

Troia, queda de,

Tucídides, 1n, 2, 3, 4n

Twain, Mark, 1, 2

Ullman, B.L.,

Veleio Patérculo, 1, 2

Virgem Maria, 1n, 2

[virgens vestais](#),

Virgílio, 1, 2, 3, 4

## *Créditos das ilustrações*

Aquarela da via Canópica: Jean-Claude Golvin

Aquarela de Alexandria: Jean-Claude Golvin

O mundo como Cleópatra o conheceu: Atlas Universal de Cram  
1895

Possível Cleópatra, em mármore de Parian: Sandro Vannini /  
Corbis

Possível Cleópatra, com coque apertado: Bildarchiv Preussischer  
Kulturbesitz / Art Resource, NY

Possível Cleópatra, sem diadema: © The Trustees of the British  
Museum

Possível Cleópatra, com malares pronunciados: © República  
Helênica / Ministério da Cultura / Museu de Delos

Mulheres jogando ossinhos: © The Trustees of the British Museum

Moça (ou menina?) com tablete de escrita: Erich Lessing / Art  
Resource, NY

Ptolomeu Auletes: cortesia do Brooklyn Museum

Peça de jogo em marfim, mostrando Ptolomeu XIV: Bibliothèque  
nationale de France

Provavelmente Cesário, em granito: Araldo de Luca

Cleópatra de granito como Ísis: © Musée Royal de Mariemont

Busto de Ptolomeu Filadelfo: Jack A. Josephson

Estátua de Cleópatra feita de basalto: Imagem cortesia do Museu Rosacruz Egípcio, San Jose, California

Provavelmente Alexandre Hélios: foto © The Walters Art Museum, Baltimore

Estela de Cleópatra: Louvre, Paris, France / Lauros / Giraudon / The Bridgeman Art Library

Busto de César: Scala / Art Resource, NY

Estela do touro Buchis: Cairo, Museu Egípcio

Entalhe de César em calcedônia: Bibliothèque Nationale de France

Busto de Marco Antônio: akg-images

Entalhe de Marco Antônio em jásper vermelho: © The Trustees of the British Museum

Moeda de Cleópatra com Cesário: © The Trustees of the British Museum

Moeda de 80 dracmas: Hunterian Museum, University of Glasgow

Tetradracma de prata de Antióquia: Cortesia da Sociedade Numismática Americana

Tetradracma de prata de Ascalona: cortesia do The Fan Museum, Greenwich, Londres

Anel de ouro com rainha ptolomaica: V&A Images, Victoria and Albert Museum

Entalhe em vidro azul: © The Trustees of the British Museum

Templo de Hator em Dendera: Erich Lessing / Art Resource, NY

Busto de Cícero: Galleria degli Uffizi, Alinari / The Bridgeman Art Library

Estátua de Otaviano: Museu Arqueológico Nacional, Athens

Busto de Otávia: The Granger Collection / GetStock.com

Mosaico helenístico: © Bibliotheca Alexandria Antiquities Museum,  
foto de Mohamed Nafea

Brincos de ouro, pedra e vidro: Art Resource, NY

Denário de crocodilo: TopFoto / GetStock.com

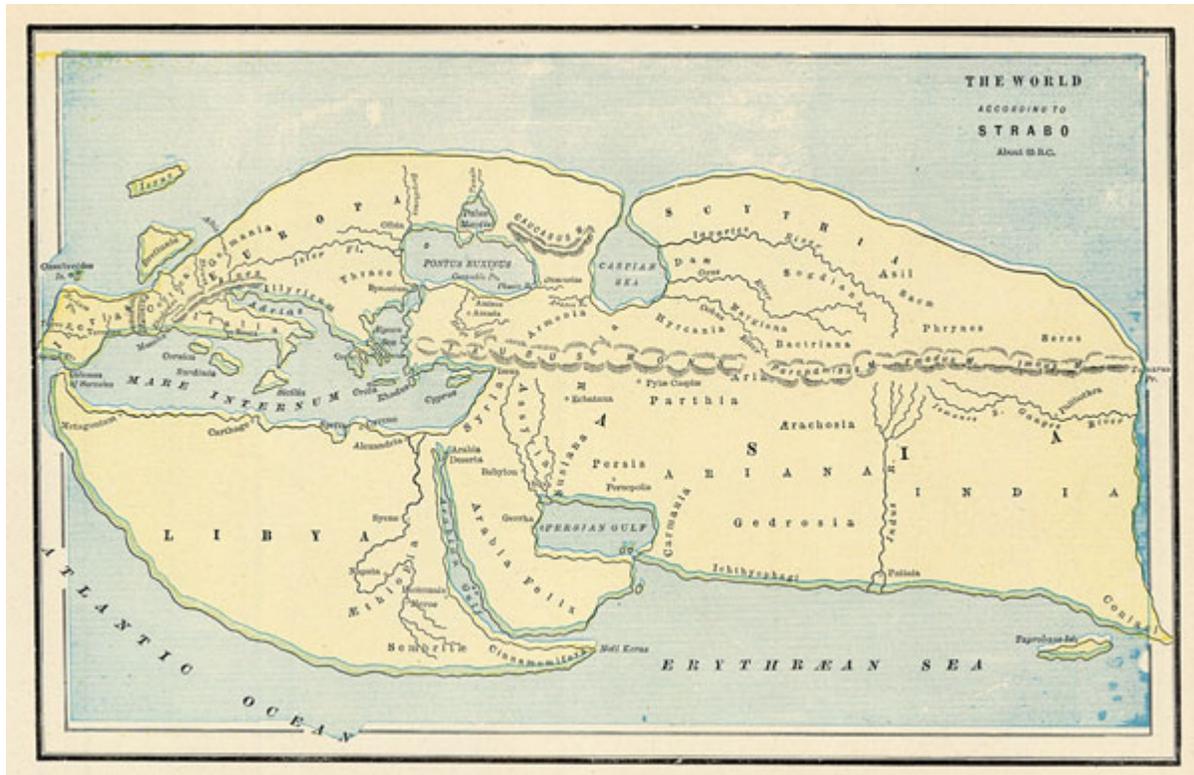


1. Reconstrução de Alexandria, olhando a Via Canópica na direção oeste. A colunata percorria a cidade de lado a lado, oferecendo proteção contra o sol, além de excelente conduto para fofocas. Situada à margem do mar de um azul impossível, a Alexandria de Cleópatra era considerada “a cidade número um do mundo civilizado”, sua capital da moda e da cultura.

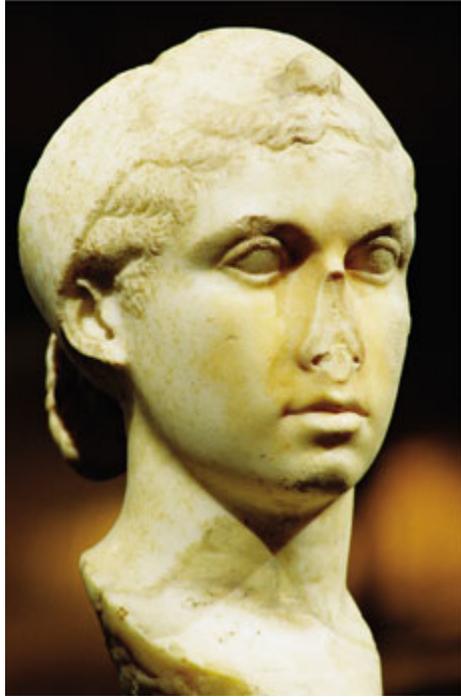


2. Vista aérea de Alexandria, com o porto duplo em primeiro plano e a imensa residência real à esquerda, uma espécie de cidade em si. À distância, o lago Mareótis com seu vasto porto, do qual César e Cleópatra devem ter embarcado para o cruzeiro no Nilo.

Na extremidade da plataforma construída pelo homem fica o famoso farol, “como uma montanha, quase tocando as nuvens”, como descreveu um alexandrino. Assim deve ter parecido a Júlio César, que nunca tinha visto construção tão alta.



3. O mundo habitado conhecido por Cleópatra. Já existiam os conceitos de latitude e longitude, assim como a ideia de que o mundo era redondo. Os suspeitos de sempre: quatro bustos de Cleópatra, ou de uma mulher muito parecida com ela.



4. Este busto, em mármore pariano barato, se parece muito com a Cleópatra das moedas e talvez seja o mais aproximado. Diante da frase de Pascal – “Se o nariz de Cleópatra fosse menor, toda a face do mundo teria sido diferente” – há uma certa ironia na parte quebrada.



5. O mais lisonjeiro dos quatro bustos.

Cleópatra foi a única rainha ptolomaica a ser retratada com o cabelo preso e ondas na testa; o nariz curvo e o queixo proeminente combinam com a imagem das moedas.

Por outro lado, já se disse que esse busto nem é de Cleópatra, nem é antigo.



6. Uma versão menos sensível, e uma Cleópatra sem diadema. O busto pode representar uma mulher da *entourage* de Cleópatra em Roma, ou Cleópatra à moda romana. De qualquer modo, é notável a semelhança com o nariz adunco e o queixo forte, os cachos soltos na nuca e sobre as orelhas.



7. Uma Cleópatra mais dura, com a familiar boca virada para baixo, malares muito marcados e um ar de severidade. Também neste caso, a ausência de diadema sugere que o busto possa ser de uma mulher que imitava o estilo da rainha egípcia.



8. A vida das mulheres comuns era considerada um bom assunto para os artistas helenísticos. Aqui, duas mulheres do século III a.C., uma delas ricamente pintada, jogam ossinhos ou dados.



9. Uma moça segurando no colo um tablete de madeira para escrever. Este é amarrado com cordões, permitindo trabalhar múltiplas placas de cera. Muitas moças alexandrinas eram alfabetizadas, chegavam a comprar casas, emprestar dinheiro e administrar moinhos. Um cronista posterior observou que Cleópatra, ela própria extremamente bem-formada, era “uma mulher que via até o amor pelas letras como um prazer sensual”.



10. Ptolomeu Auletes, pai de Cleópatra, de quem ela era muito próxima. Representado como Dionísio, ele usa uma guirlanda de hera trançada ao diadema. Auletes seria lembrado por seus tumultuosos banquetes, mas em Roma distinguiu-se como um mestre das negociações, panfletando no Senado e distribuindo presentes por toda a cidade, com generosidade e eficiência.



11. Uma peça de jogo em marfim entalhada com o retrato de um dos irmãos-maridos mais novos de Cleópatra, provavelmente Ptolomeu XIV. O perfil é egípcio, a roupa, grega. Cleópatra e seu irmão se casaram em 48 a.C., quando ele tinha cerca de onze anos. Ela mandaria matá-lo quatro anos depois.



12. Um provável Cesário, em granito, encontrado no leste de Alexandria. Tem uma farta cabeleira grega; a peça pode ter feito originalmente par com a Cleópatra abaixo. Cleópatra pretendia deixar o Egito para Cesário e temia particularmente por sua vida; como observou Sêneca, mães nunca temem por si mesmas, só por seus filhos.



13. Cleópatra como a deusa Ísis, de um templo alexandrino. Ela está usando a coroa da cobra e do abutre que provavelmente exibia com a veste completa de Ísis, quando presidia as cerimônias alexandrinas ao lado de Antônio. A peça é imponente, tanto pela dimensão (a orelha sozinha mede trinta centímetros) como pela intensidade da expressão.



14. Ptolomeu Filadelfo, filho mais novo de Cleópatra e Marco Antônio. Ele usa um boné macedônio, ao qual foi afixada uma cobra egípcia. Esculpido provavelmente para comemorar as Dotações de Alexandria, entre 34 e 30 a.C., quando Ptolomeu tinha entre dois e seis anos.



15. Uma Cleópatra de basalto, representada com a peruca convencional e o diadema, com roupa transparente e colante. Ela engordou um pouco e leva uma

barra tradicional na mão. Em representações semelhantes, ela segura uma cornucópia; uma rainha ptolomaica tinha de dar mostras de prodigalidade. Ela levava muito a sério o cuidado com seus súditos.



**16.** Estátua alexandrina de uma criança em pose majestosa, muito provavelmente Alexandre Hélios, filho mais velho de Cleópatra e Marco Antônio.

A roupa é oriental, a tiara armênia, a criança de cinco ou seis anos, tudo possivelmente levando à conclusão de que se trata de Alexandre Hélios na época das Dotações, quando foi nomeado senhor da Armênia, da Média e de Pártia. Cleópatra pode ter encomendado a estátua para comemorar a ocasião. Meio querubim, meio menino, a figura tem os cabelos encaracolados de Antônio.



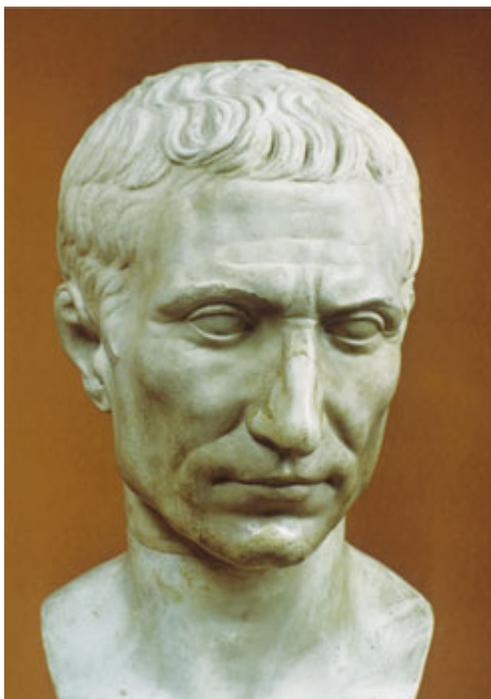
17. Cleópatra vestida de homem, à direita, fazendo oferendas à deusa Ísis, que amamenta um bebê. Lavrada nos primeiros meses de Cleópatra no poder, essa estela é a prova mais antiga de seu reinado. Na época, ela repartia o trono com o irmão, Ptolomeu XIII, cujo nome é notavelmente ausente. O nome de Cleópatra aparece na segunda linha. Muito provavelmente a estela era de seu pai, que Cleópatra mandou esculpir. Dados os tempos turbulentos, retrabalhar era a especialidade dos entalhadores ptolomaicos. Note as duas cobras pendentes do alto.



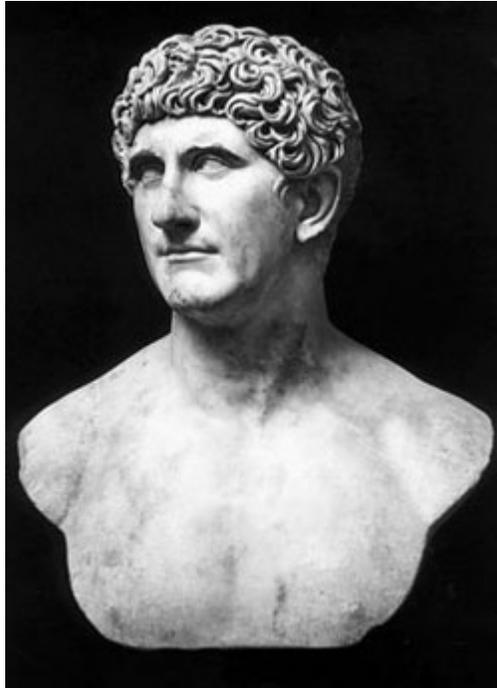
18. Estela comemorando a morte do touro de Buchis – encarnação terrena do deus Sol – em fevereiro de 180 a.C. O bisavô de Cleópatra está em pé diante do touro, na altura de seus olhos, com uma oferenda; a esposa do rei, Cleópatra I, é citada nos hieróglifos, mas não é representada. O touro viveu quase quinze anos, embora o escriba tenha errado na matemática, abreviando inadvertidamente a vida do animal sagrado. A estela devia estar instalada em 51, quando Cleópatra viajou ao sul para sagrar o novo touro de Buchis.



19. César com uma grinalda de flores, uma especialidade de Alexandria, encomendadas às centenas para os banquetes dessa cidade. Ele usa também um traje grego, preso ao ombro, e uma coroa de louros. Tudo neste retrato, inclusive as faces encovadas, sustenta a tese de que data das comemorações posteriores à Guerra Alexandrina e à primavera do cruzeiro no Nilo.



20. Um César excepcionalmente expressivo, esculpido depois de sua morte e devolvendo a ele os cabelos que tinha já perdido quando Cleópatra o conheceu. Rugas sulcam a testa ampla, as faces são encovadas e começam a pender em torno da boca. Suetônio aplaudiu as memórias de César como "nuas em sua simplicidade, diretas, mas cheias de graça". E também perfeitamente voltadas para si próprio. Nelas ele menciona a rainha do Egito, mãe de seu único filho, uma única vez.



21. Marco Antônio, cujos traços viris confirmam sua pretensa descendência de Hércules. Audacioso e temerário, alegre e rústico, ele era um comandante atraente. Seus homens lhe eram dedicados, nos conta Plutarco, devido “à nobreza de sua família, a sua eloquência, a suas maneiras francas e abertas, a seus hábitos liberais e grandiosos, à familiaridade com que conversava com todos”.



22. Um retrato particularmente bom de Antônio, em jásper vermelho, de seus anos com Cleópatra. O pescoço poderoso, a cabeleira e o nariz de boxeador ficam bem evidentes. Existe também um retrato semelhante em ametista. Nossas representações mais apuradas de Cleópatra vêm de moedas. Admiradas por toda parte, muito examinadas, elas serviam como peças de propaganda; aqui está a maneira como ela se apresentava a seu povo.



23. Moeda de bronze de Cleópatra, cunhada no Chipre, em 47 ou começo de 46 a.C., para comemorar o nascimento de Cesário. A imagem funciona igualmente para Cleópatra como Afrodite ou Ísis. Ela usa um diadema largo e carrega Cesário no colo; o cetro se projeta estranhamente de suas costas.



24. Moeda de bronze de oitenta dracmas, cunhada em Alexandria. Cleópatra reintroduziu o metal, há muito fora de produção, e acrescentou às moedas a indicação de valor pela primeira vez. Independentemente de seu peso, a moeda valia o que dizia que valia, um arranjo muito vantajoso para ela.



25. Tetradracma de prata de 36 a.C., cunhado em Antióquia, anunciando a aliança política de Antônio e Cleópatra. Em menção a Ísis, ela é identificada como "Rainha Kleópatra, a Nova Deusa". Usa um magnífico colar de pérolas e, estranhamente nesta representação, pérolas também no cabelo. Além disso, tem uma notável semelhança com Marco Antônio, ou, como já se sugeriu, ele com ela.



26. Moeda de prata de Áscalon, na Judeia, uma cidade nunca submetida a Cleópatra. Cunhado possivelmente para ajudar em sua restauração, este tetradracma data de 50 ou 49 a.C., anos que a adolescente Cleópatra passou no exílio.

Por outro lado, constitui um tributo a seu poder; muitas cidades fora de seu reino emitiam moedas em sua homenagem. Um leve sorriso brinca em seus lábios.



27. Uma rainha ptolomaica com a tradicional coroa de cobras, disco solar e chifres de vaca, usando vários colares e um manto simples. Trata-se muito provavelmente de Cleópatra vestida de Ísis, o que explicaria o seio direito representado frontalmente. Reproduzido em bustos e em joias, os traços de Cleópatra eram bem conhecidos de seu povo.



28. Uma mulher com roupa grega, largo diadema com nós e coroa com a cobra egípcia. Mesmo sem os traços familiares, seria difícil acreditar que se trate de qualquer outra que não Cleópatra. A imagem é entalhada em vidro azul; as cobras sustentam discos solares.



29. Cleópatra e, na frente dela, Cesário, fazendo oferendas aos deuses, na parede sul do templo de Hator, em Dendera. Acredita-se que Cesário teria entre oito e onze anos nesta representação; Cleópatra, habilmente, se põe atrás do filho de César, que coloca antes dela. A dupla faz oferenda a Hator, muito adequadamente, como já se observou: Hator também é casada com um deus não local, cujo reino fica em outra parte. Eficiente peça de propaganda, o grande baixo-relevo ocupa toda a seção inferior da parede do templo real.



30. Cícero, o grande orador, na época em que Cleópatra deve tê-lo conhecido. "Detesto a rainha", ele vociferou – depois que ela saiu da cidade. Ele não aceitava bem uma mulher "capaz de fazer os outros rirem mesmo sem querer", exatamente igual a ele. Ele engasgou principalmente com sua arrogância, mas, por outro lado, Cícero era considerado "o maior ostentador vivo".



31. Estátua de bronze do jovem Otaviano, férreo e obcecado oponente de Cleópatra, seis anos mais novo que ela.

Depois de derrotar Cleópatra, ele cuidaria que as estátuas dela fossem substituídas por estátuas dele em todo o Egito.



32. Otávia, meia-irmã de Otaviano e quarta esposa de Antônio. “Uma maravilha de mulher”, criou os três filhos de Cleópatra depois de seu suicídio.



33. Mosaico do século II ou começo do I, encontrado em escavação num sítio não distante do palácio de Cleópatra. O cachorro familiar (está de coleira) parece estar se desculpando por haver derrubado a jarra de bronze e madeira, de um jeito não diferente hoje de 2 mil anos atrás.



34. Brincos pendentes, do século III ou II a.C., na forma de coroas egípcias, discos solares dos quais brotam penas pretas e brancas. As joias de Cleópatra deviam ser muito ricas, elaboradamente trabalhadas em ouro, com aplicações de coral e cornalina, lápis-lazúli, ametista e pérola. Um Ptolomeu tinha como objetivo superar todos os outros monarcas em riqueza, feito facilmente realizado dada a abundância que “a todas as horas fluía de todos os cantos para seu rico palácio”.



35. Moeda lançada para comemorar a anexação romana do Egito. A cabeça de Otaviano aparece no verso. A inscrição diz: “Egito capturado”.

Título original:  
*Cleopatra (A Life)*

Tradução autorizada da primeira edição americana, publicada em 2010 por Little, Brown and Company, de Nova York, Estados Unidos

Copyright © 2010, Stacy Schiff

Copyright da edição brasileira © 2011:  
Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua Marquês de São Vicente 99 - 1º andar  
22451-041 Rio de Janeiro, RJ  
tel.: (21) 2529-4750 | fax: (21) 2529-4787  
[editora@zahar.com.br](mailto:editora@zahar.com.br) | [www.zahar.com.br](http://www.zahar.com.br)

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Juliana Romeiro | Revisão: Joana Milli, Claudia Ajuz Indexação: Clara Vidal | Capa: Bruna Benvegnù | Foto da capa: José Picayo

Edição digital: abril 2011

ISBN: 9788537806784

---

Arquivo ePub produzido pela **Simplissimo Livros – Simplicissimus Book Farm**

---